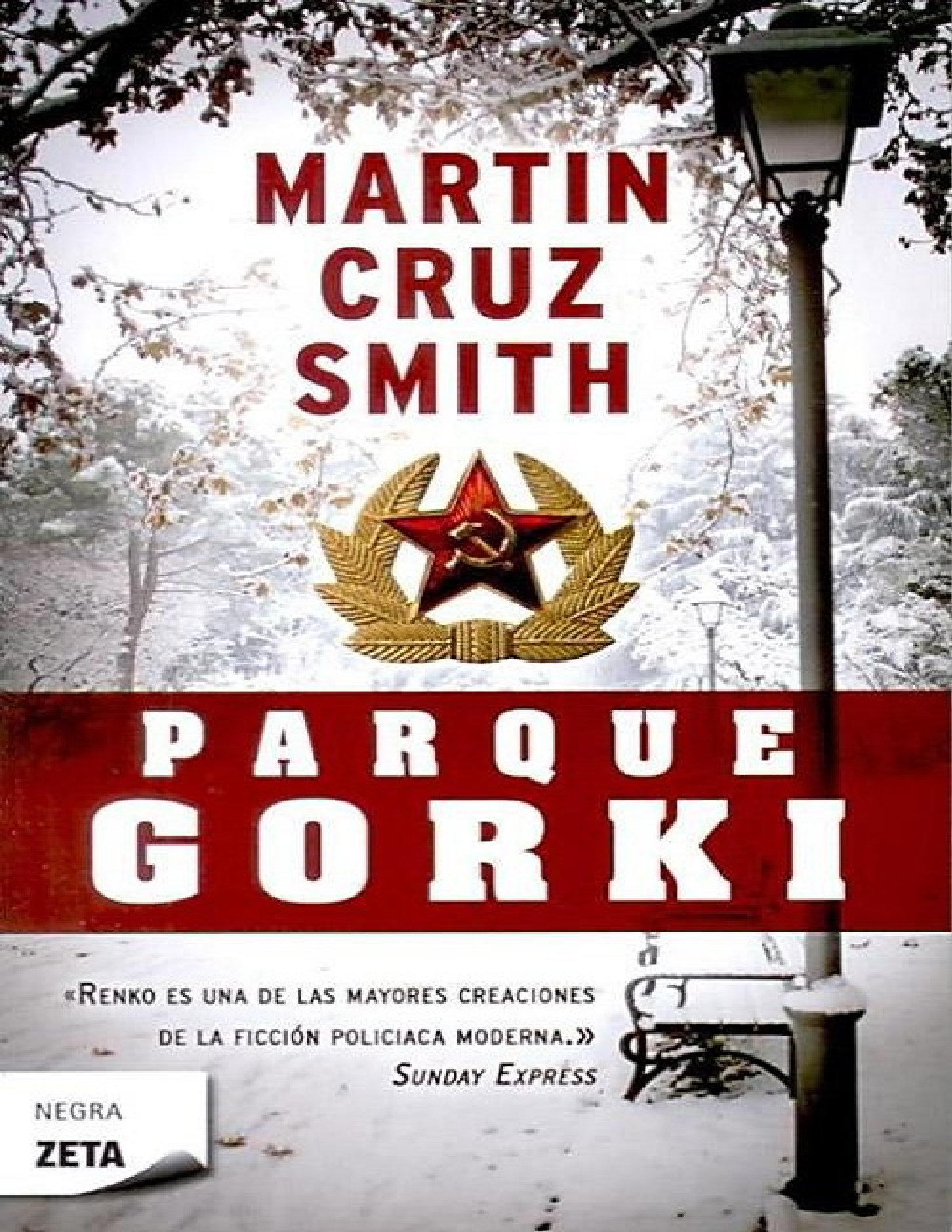
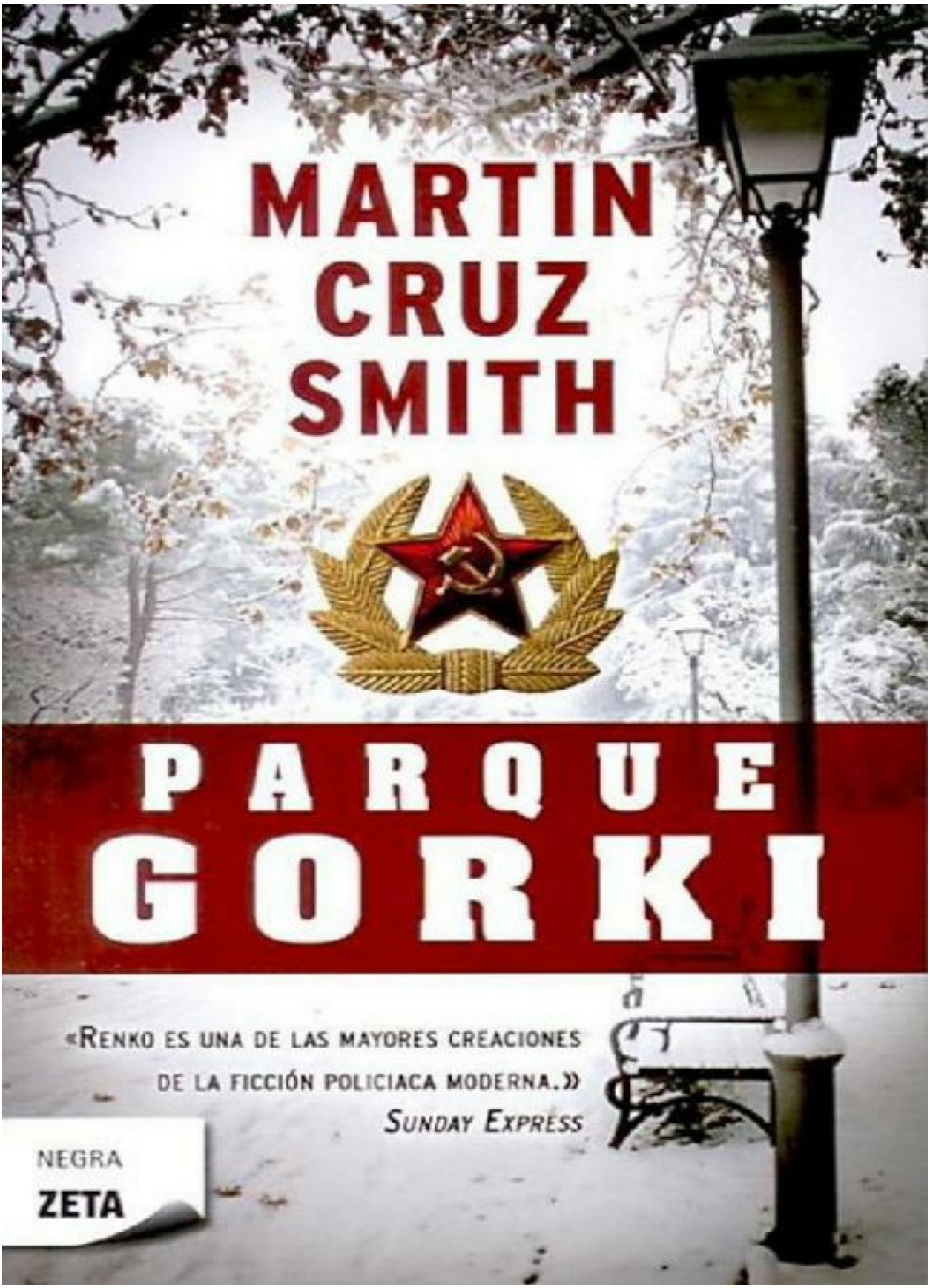

MARTIN
CRUZ
SMITH
PARQUE
GORKI
«RENKO ES UNA DE LAS MAYORES CREACIONES
DE LA FICCIÓN POLICIACA MODERNA.»
SUNDAY EXPRESS
NEGRA
ZETA


MARTIN
CRUZ
SMITH
PARQUE
GORKI
«RENKO ES UNA DE LAS MAYORES CREACIONES
DE LA FICCIÓN POLICIACA MODERNA.»
SUNDAY EXPRESS
NEGRA
ZETA

# TÍTULO

## MARTIN CRUZ SMITH

## PARQUE GORKI

(Gorky Park - 1981)

## Investigador Arkady Renko #01

***O melhor thriller dos anos 80***
***THE TIMES***

***Gold Dagger Award - The British Crime Writers Association***

***Para Em***

* * *

# ÍNDICE


Capa
Título
Índice
O Autor
Série
Resumo
Mapa de Moscou
Parte 1 - Moscou
- ***Um***
- ***Dois***
- ***Três***
- ***Quatro***
- ***Cinco***
- ***Seis***
- ***Sete***
- ***Oito***
- ***Nove***
- ***Dez***
- ***Onze***
- ***Doze***
- ***Treze***
- ***Quatorze***
- ***Quinze***
- ***Dezesseis***
- ***Dezessete***

Parte 2 - Shatura
- ***Dezoito***
- ***Dezenove***
- ***Vinte***

Parte 3 - Nova Iorque
- ***Vinte e Um***

***Vinte e Dois***
***Vinte e Três***
***Vinte e Quatro***
Agradecimentos

* * *

# O AUTOR

NASCIDO Martin William Smith, em Reading, Pennsylvania, em 3 de novembro de 1942, foi educado na Universidade de Pensilvânia, localizada em Filadélfia, Pensilvânia, e recebeu um título de Bacharel em escrita criativa em 1964. Ele tem ascendência Yaqui. De 1965 a 1969 trabalhou como jornalista e começou a escrever ficção no início de 1970. Seu primeiro livro de mistério, **CANTO FOR A GYPSY** (1973),- com Roman Grey, um negociante de arte cigana em Nova York, foi indicado para o prêmio Edgar.

Smith é mais conhecido por seus romances com o investigador russo Arkady Renko, que Smith apresentou neste livro **Gorki PARK** (1981). O romance, que foi considerado "O melhor thriller dos anos 80" pelo **THE TIMES**, se tornou um best-seller e ganhou o prêmio **GOLD DAGGER AWARD** da **THE BRITISH CRIME WRITERS ASSOCIATION**. Renko desde então tem aparecido em sete outras novelas de Smith. Gorki Park estreou no número um no "New York Times" lista dos mais vendidos em 26 de abril de 1981 e ficou com o primeiro lugar por mais uma semana. Ficou na posição de número dois por mais de três meses, batido apenas por Casa Nobre de James Clavell.

Durante a década de 1990, Smith ganhou duas vezes o **DASHIELL HAMMETT AWARD** da **THE NORTH AMERICAN BRANCH OF THE INTERNATIONAL ASSOCIATION OF CRIME WRITERS**. A primeira vez foi com **ROSE** em 1996, a segunda vez foi com **HAVANA BAY** em 1999. E em 5 de setembro de 2010, ele e Arkady Renko voltaram ao topo da lista dos mais vendidos do New York Times, quando **THREE STATIONS** estreou já no número sete na lista de best-sellers de ficção. Na década de 1970, Smith escreveu dois romances para adultos sob o pseudônimo de Jake Logan. Smith também escreveu uma série sobre um personagem chamado "O Inquisidor", um agente do tipo

James Bond empregado pelo Vaticano e dois romances da série Nick Carter.

* * *

# LIVROS DA SÉRIE INVESTIGADOR-CHEFE ARKADY RENKO

1. ***1981; Gorki Park;***
2. *1989; Polar Star;*
3. *1992; Red Square;*
4. *1999; Havana Bay;*
5. *2004; Wolves Eat Dogs;*
6. *2007; Stalin's Ghost;*
7. *2010; Three Stations;*
8. *2013; Tatiana;*

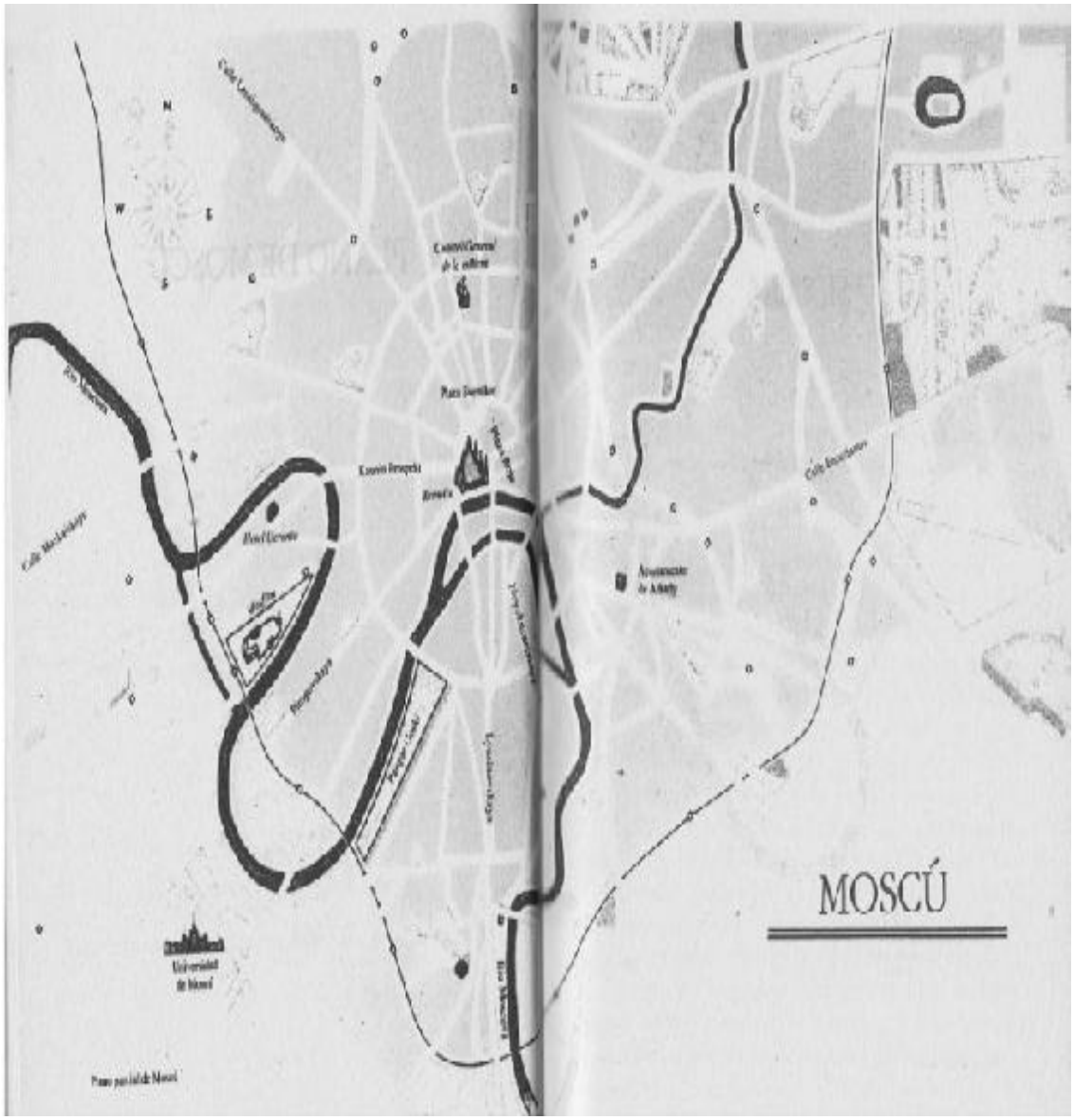
* * *

# RESUMO

UM ASSASSINATO triplo em pleno centro de lazer de Moscou. No Parque Gorki, o pulmão verde de Moscou, quando a primavera chega e toda a neve acumulada no inverno começa a derreter, três corpos congelados há meses são descobertos com os rostos mutilados e os dedos cortados. O chefe da Polícia Criminal de Moscou e filho de um famoso general do Exército Vermelho, Investigador-Chefe Arkady Renko é chamado para o caso. Um desafio e tanto para Renko, pois terá de jogar o jogo mais difícil de sua vida, enredado em uma teia mortal que envolve personagens e lugares inesperados, mostrando o lado escuro de Moscou. Renko está tão desiludido com o regime de Brejnev, que no desenrolar da investigação acaba ficando atraído pelo Ocidente. Verdadeiro herdeiro do cínico e perspicaz Marlowe, Renko vai se aproximando cada vez mais de romper com a União Soviética.

* * *

# MAPA DE MOSCOU




* * *

# Parte 1

***MOSCOU***

* * *

# Um

Todas as noites deveriam ser assim escuras, todos os invernos assim quentes, todos os faróis dianteiros assim deslumbrantes. O carro balançou e parou ante um monte de neve. O grupo de homicídios desceu do veículo: eram milicianos de braços curtos e testas estreitas, envoltos em grossos abrigos forrados de pele de cordeiro. O que não usava uniforme era o Investigador-Chefe, um homem delgado e pálido. Escutou com paciência o oficial que encontrara os cadáveres na neve: ao se afastar um pouco do caminho do parque no meio da noite com objetivo de aliviar o corpo, os viu, e a impressão que experimentou o deixou meio paralisado. O grupo seguiu o facho de luz dos faróis dianteiros do carro.

O investigador pensou que os pobres diabos eram só uns bêbados que morreram congelados enquanto se embriagavam. A vodca equivalia a um imposto líquido cujo preço ia sempre aumentando. De acordo com isso, três era o número apropriado para consumir uma garrafa sem gastar excessivamente. Era um exemplo perfeito de comunismo primitivo. Do outro lado da clareira apareceram umas luzes, fazendo com que as sombras das árvores varressem a neve, enquanto da escuridão surgiam dois Volgas negros. Um esquadrão de agentes do KGB desceu dos veículos, encabeçado por um comandante gordo e forte chamado Pribluda. Milicianos e agentes do KGB golpeavam o chão com os pés para entrar calor, exalando jatos de vapor. Os cristais de gelo que se formavam em seus gorros e pescoços fulguravam.

A milícia, o braço armado da MVD, dirigia o trânsito, perseguia os bêbados e recolhia os cadáveres de cada dia. O Comitê para a Segurança do Estado, a KGB, tinha a seu encargo maiores responsabilidades, mais sutis, como combater os conspiradores estrangeiros, os contrabandistas e os descontentes; ainda que os agentes tivessem uniformes preferiam usar

a anônima roupa de civil. O comandante Pribluda tinha um humor rude; se esforçava para suavizar o antagonismo profissional que azedava as relações cordiais entre a Milícia do Povo e o Comitê para a Segurança do Estado; era todo sorrisos até que reconheceu o investigador.

— Renko!

— A mesma coisa. Arkady Renko se dirigiu de imediato aos cadáveres deixando que Pribluda o seguisse.

Os passos do miliciano sobre a neve que os encontrara, conduziram os reveladores vultos para o centro da clareira. Um Investigador-Chefe deveria fumar um cigarro de boa classe, mas Arkady acendeu um Prima barato e encheu a boca com o seu forte sabor: um hábito que tinha sempre que tratava com a morte. Via três corpos, como dissera o miliciano. Jaziam estáticos, dispostos cuidadosamente sob a capa de gelo que se desfazia, o do centro de costas com os braços dobrados como se fosse a um funeral religioso, os outros dois de bruços, com os braços estendidos sob o gelo. Pareciam figuras em relevo impressas sobre papel de escrever. Os três usavam patins de gelo. Pribluda empurrou Arkady para um lado com o ombro.

— Uma vez que me convença de que não há no meio questões de segurança do Estado, você poderá começar, disse.

— Segurança? São três bêbados em um parque público.

O comandante havia chamado um de seus agentes que trouxe uma câmera. A cada flash a neve ficava azul e os cadáveres pareciam se elevar sobre o chão. Era uma câmera estrangera que revelava as fotos quase no mesmo instante. Com orgulho, o fotógrafo mostrou uma foto a Arkady. A imagem dos corpos ficara perdida com o reflexo do flash sobre a neve.

— O que acha? Arkady devolveu a foto em seguida. A neve ao redor dos cadáveres estava sendo pisoteada. Fumava exasperado, e passava seus longos dedos pelo seu cabelo liso. Notou que nem o major nem o seu fotógrafo pensaram em colocar botas. Talvez ao ficar com os pés molhados fizesse com que a KGB deixasse correr o assunto. E quanto aos cadáveres, esperava encontrar uma ou duas garrafas de vodca

vazias próximas, sob a neve. Por cima de seu ombro, mais além do monastério Donskoy, a noite se desvanecia. Viu Levin, o patologista da milícia, que observava a cena com desprezo desde a orla da clareira.

— Parece que os cadáveres estão aqui há muito tempo, comentou Arkady. — Dentro de meia hora nossos especialistas poderão examiná-los à luz do dia.

— Algum dia ficará assim. Ao dizer isso Pribluda apontou para o cadáver mais próximo.

Arkady não estava certo do porque Pribluda tivesse dito isso. Partículas de gelo flutuavam no ar. Preferiu pensar que não o havia dito. O rosto de Pribluda entrava e saía do facho de luz projetado pelos faróis dianteiros, com seus pequenos olhos negros como pontos. Tinha algo em mente. De repente retirou as luvas.

— Não viemos para que nos ensine a trabalhar. Ao dizer isso Pribluda se colocou montado sobre os corpos e começou a cavar como fazem os cachorros, arrojando neve a um lado e a outro.

Um homem acredita que a morte já não o impressiona; viu cozinhas cobertas de sangue do chão ao teto, é um especialista, sabe que no verão a gente parece mais disposta a cometer assassinatos; inclusive os prefere aos cadáveres do inverno. Então brota de entre a neve uma nova máscara da morte. O Investigador-Chefe nunca antes havia visto uma cabeça parecida com essa; pensou que jamais a esqueceria. Ainda não sabia que se tratava do momento crucial de sua vida.

— Foram assassinados, disse Arkady.

Pribluda permaneceu impávido. Retirava a neve das cabeças dos outros mortos. Estavam como o primeiro. Então montou sobre o cadáver pelo meio e golpeou o seu abrigo congelado até que se rachou e pode abri-lo; em seguida deixou a descoberto o vestido que estava por baixo.

— Se vê que é uma mulher, comentou rindo.

— Atiraram nela, disse Arkady. Entre os seios, que estavam brancos, incluindo os mamilos, havia uma ferida negra. — Está destruindo as evidências. Pribluda abriu, após quebrar o gelo, os abrigos

dos outros dois cadáveres.

— Atiraram em todos! Exclamou entusiasmado como se fosse um ladrão de tumbas.

O fotógrafo de Pribluda iluminava com flashes de sua câmera as mãos do comandante que levantava um tufo de cabelo e extraía a bala de uma boca. Arkady notou que, além da mutilação das cabeças, às três vítimas faltava também a última falange dos dedos, as impressões digitais.

— Também atiraram na cabeça dos homens. Pribluda limpou as mãos na neve. — Três cadáveres, é um número de sorte, investigador. Agora que fiz o trabalho sujo por você, estamos em paz. Chega, ordenou ao fotógrafo, — Vamos embora.

— Você sempre faz o trabalho sujo, comandante, disse Arkady despois que o fotógrafo se afastara.

— O que quer dizer?

— Três personas assassinadas e mutiladas na neve? Esse é trabalho para você, comandante. Não vai querer que eu investigasse. Quem sabe aonde poderia nos levar?

— Aonde?

— As coisas saem de nosso controle. Lembra-se? Por que não se encarregam da investigação você e seus homens? Assim eu e minha gente iremos para casa.

— Não vejo evidências de que se trate de um crime contra o Estado. De modo que você tem um caso um pouco mais complicado do que o costume, e isso é tudo.

— Complicado porque alguém destruiu as provas.

— Enviarei ao seu escritório o meu relatório e as fotografias, disse Pribluda enquanto colocava as luvas, — De modo que se beneficiará do meu trabalho. Elevou a voz para que pudessem ouvi-lo os que se achavam ao redor da clareira. — Agora, se descobrir qualquer coisa relacionada com um possível delito concernente ao Comitê para a Segurança do Estado me informe de imediato. Entendido, investigador Renko? Podem se passar um ou dez anos, se souber algo, me comunique.

— Entendido, respondeu Arkady com igual volume de voz. —

Conte com a nossa absoluta cooperação.

"Hienas, corvos, vermes", pensou o investigador enquanto via se afastarem da clareira os veículos de Pribluda. O amanhecer se aproximava; quase podia sentir a rotação da terra acelerar para o sol nascente. Acendeu outro cigarro para retirar o sabor ruim da boca que Pribluda deixara. Era um hábito sujo, como o de beber, outra indústria do Estado. Tudo era indústria do Estado, incluindo ele. Com o amanhecer até as flores começaram a surgir de entre a neve. Na orla da clareira os milicianos continuavam olhando a cena.

— O caso é nosso, anunciou Arkady a seus homens. — Não acham que devemos fazer algo a respeito?

Fez com que pelo menos isolassem a área e que o sargento pedisse por rádio desde o caminhão, mais homens, pás e detectores de metal. "A simulação de um pouco de organização nunca deixa de reanimar as tropas", pensou.

— De modo que...
— Seguimos adiante, sargento, até novas ordens.
— Linda manhã, falou Levin sarcasticamente.

O patologista era o membro mais velho do grupo, uma caricatura de judeu disfarçado de capitão da milícia. Não gostava de Tanya, a especialista in situ do grupo, que não podia afastar os seus olhos dos rostos sem vida. Arkady o levou aparte para dizer que começasse a traçar um desenho geral da clareira, e que em seguida situasse nele a posição dos corpos.

— Antes ou despois que foram atacados pelo bondoso comandante? Inquiriu Levin.
— Antes, respondeu Arkady. — Fique com a ideia de que ele não esteve aqui.

O biólogo do grupo, um médico, começou a procurar amostras de sangue na neve ao redor dos cadáveres. Arkady pensou que ia ser um bonito dia. Na ribeira, no outro lado do rio Moskva, viu o primeiro raio

de luz ultrapassando os edifícios do Ministério da Defesa, no único momento do dia em que essas intermináveis paredes cinzentas adquiriam um sopro de vida. Em todo o redor da clareira as árvores emergiam no amanhecer como corças assustadas. As flores da neve já começavam a se mostrar vermelhas e azuis, brilhantes como se fossem madeira. Era um dia em que todo o inverno parecia estar pronto para começar a se derreter.

— Maldito seja! Comentou olhando outra vez os cadáveres. O fotógrafo do grupo perguntou se o KGB já não havia tirado fotos.

— Sim, e serão boas para guardar como recordação, eu estou certo disso, disse Arkady, — Mas não para o trabalho policial. Lisonjeado, o fotógrafo riu.

"Bravo", Arkady pensou, "Ria com vontade.". Um detetive em roupas civis de nome Pasha Pavlovich se apresentou no automóvel do investigador, um Moskovich modelo de cinco anos, e não um esbelto Volga, como o de Pribluda. Pasha era meio tártaro, um musculoso romântico que usava um elevado topete escuro.

— São três cadáveres, dois homens e uma mulher. Arkady entrou no carro. — Congelados. Estão nesse estado no mínimo há uma semana, talvez um mês, cinco meses. Não encontramos documentos de identificação nem pertences pessoais, nada. Todos receberam um tiro no coração, e dois foram feridos na cabeça. Dê uma olhada em seus rostos.

Arkady esperou no automóvel. Era difícil acreditar que o inverno tivesse passado em meados de abril; no geral se aferrava penosamente até junho. Podia ter escondido um pouco mais esses horrores. Se não fosse pelo degelo de ontem, a bexiga cheia de um policial e a forma como a lua iluminava a neve, Arkady ainda estaria na cama, dormindo. Pasha regressou furioso.

— Que tipo de maluco pôde fazer isso? Disse. Arkady fez um sinal para que entrasse no carro.

— Pribluda esteve aqui, disse uma vez que Pasha entrou.

Observou a sutil mudança que suas palavras produziram no

semblante do detetive, o pequeno encolhimento, o olhar à clareira e o retorno da vista a Arkady. Os três mortos que estavam ali constituíam um crime terrível ou um problema complicado. Ou ambas as coisas, porque Pasha era um bom elemento que já se via que ficara mais preocupado que os outros.

— Não é o tipo de acontecimento que nos corresponde, adicionou Arkady. — Trabalharemos um pouco e em seguida nos retirarão do caso, não se preocupe.

— Mas aconteceu no parque Gorki! Pasha estava chateado.

— É muito estranho, mas se limite a fazer o que eu disser e não teremos problemas. Vá ao posto de vigilância do parque e consiga alguns mapas das pistas de patinação. Consiga listas de todos os milicianos e vendedores de alimentos que estiveram nesta parte do parque neste inverno, e também de qualquer voluntário da ordem pública que pudesse andar bisbilhotando por aqui. O importante é fazer muito teatro. Arkady desceu do automóvel e colocou a cabeça pela janela para perguntar: — A propósito, me foi atribuído outro detetive?

— O Fet.

— Não o conheço. Pasha cuspiu no chão e disse:

— Me limito a repetir o que eu ouvi.

— Está bem. Era provável que neste tipo de caso houvesse um informante; o investigador não só aceitava o fato, mas também o agradava. — Sairemos deste embrulho rapidamente, com a cooperação de todos.

Despois de que Pasha saiu chegaram dois caminhões com recrutas da milícia e pás. Tanya marcara um quadriculado na clareira de modo que se pudesse retirar a neve metro a metro sem perder de vista o lugar onde se encontravam as provas, ainda que Arkady não esperasse achar mais nenhuma, despois do tempo transcorrido desde o momento em que foram cometidos os homicídios. Sua ideia era guardar as aparências. Se representasse uma farsa suficientemente boa, quem sabe Pribluda telefonasse antes de terminar o dia. De qualquer modo a atividade animava os milicianos. Eram basicamente agentes de passagem e estavam contentes em ser, já que do contrário a sua vida não apresentava demasiados incentivos.

A milícia recrutava jovens camponeses dentre as fileiras do exército, atraindo-os com a incrível promessa de morar em Moscou, lugar de moradia negado ainda aos cientistas nucleares. Era algo maravilhoso! Como resultado desta política, os moscovitas consideravam os milicianos uma espécie de exército de ocupação composto de intimidações e intimidadores. Por seu lado, os milicianos viam os seus concidadãos como gente decadente, depravada e provavelmente judia. Contudo, nenhum retornava ao campo. O sol começava a ficar alto, vivo, não como o disco fantasmal que fora durante todo o inverno. Os recrutas descansavam sob o cálido sopro do vento, afastando a vista do centro da clareira.

Por que escolheram o parque Gorki? A cidade contava com parques maiores onde deixar cadáveres: Izmailovo, Dzerzhinsky, Sokolniki. O parque Gorki só tinha dois quilômetros de largura e menos de um quilômetro de profundidade. Contudo, era o primeiro parque da Revolução, o parque favorito de todos. Do sul seu estreito extremo quase chegava à universidade. Do norte, se podia ter uma vista do Kremlin desde a curva do rio. Era o lugar ao que todos iam: os empregados de escritórios, para comer o almoço; as avós, passear com os bebês; os namorados, para se encontrarem. Havia uma roda da fortuna, fontes, teatros infantis, caminhos e pavilhões no terreno. No inverno havia também quatro pistas de patinação.

O detetive Fet chegou. Era quase tão jovem quanto os recrutas, usava óculos de aros de aço e tinha os olhos azuis.

— Encarregue-se da neve, disse Arkady apontando os montes que se acumulavam. — Derreta-a e veja o que encontra dentro nela.

— Em que laboratório deseja que se leve a cabo este processo? Perguntou Fet.

— Oh, acho que com um pouco de água quente aqui mesmo poderá realizar o trabalho. Como estas palavras poderiam não parecer suficientemente impressionantes, Arkady adicionou: — Não quero que fique sem revisar nem um só floco de neve.

Arkady apanhou o automóvel de Fet, da milícia, de color marrom e

vermelho, e atravessou a ponte Krimsky para ir ao lado norte da cidade. A capa de gelo que cobria o rio estava a ponto de se quebrar. Eram nove da manhã, já fazia duas horas que havia se levantado da cama; não havia tomado o café da manhã, só fumado. Ao sair da ponte mostrou, agitando-a, a sua credencial vermelha aos milicianos que dirigiam o trânsito, e acelerou entre os veículos parados. Um privilégio do seu cargo.

Arkady tinha poucas ilusões sobre o seu trabalho. Era Investigador-Chefe de Homicídios, um especialista em assassinatos em um país em que o crime organizado era baixo e não havia muito talento para sutilezas. A vítima habitual do russo comum era a mulher com quem dormia, e isso quando estava bêbado e a golpeava na cabeça com um machado, provavelmente umas dez vezes antes de acertar. Para dizer sem rodeios, os criminosos que Arkady detia eram em primeiro lugar bêbados e em seguida assassinos. Além disso, eram melhores bêbados do que assassinos. A experiência o ensinara de que não havia nada mais perigoso de que ser amigo de um bêbado ou estar casado com ele, e todos no país ficavam bêbados a metade do tempo.

Na vala se viam pedaços de gelo descongelando. Os transeuntes tratavam de se afastar da passagem do automóvel do investigador. Mas dois dias antes a situação estivera melhor, quando o trânsito e a gente eram sombras que se moviam pesadamente entre uma nuvem de neblina. Rodeou o Kremlin seguindo o Mark Prospekt e deu a volta na Rua Petrovka, a uns cento e vinte e cinco metros do complexo amarelo de seis andares que era o quartel general da milícia de Moscou; ali estacionou o veículo na garagem e em seguida subiu pelo elevador até o terceiro andar do prédio.

A sala de operações da milícia era descrita regularmente pelos jornais como “O centro da inteligência moscovita, pronto para responder em coisa de segundos as comunicações sobre acidentes ou crimes na cidade mais segura do mundo”. Em uma parede havia um enorme mapa de Moscou dividido em trinta e dois distritos e cheio de luzes que representavam cento e trinta e cinco delegacias policiais. Fileiras de interruptores de transmissão por rádio rodeavam uma seção de

comunicações onde uns oficiais faziam contato com veículos de patrulhamento (“Aqui Volga chama o cinquenta e nove”) ou por nome chave das delegacias (“Aqui Volga chama Omsk”). Não havia outra sala em Moscou tão ordenada, tão bem planejada, com tanta eletrônica e com um elaborado processo de seleção. Esperava-se que um miliciano em serviço informasse oficialmente só um determinado número de delitos; do contrário obrigaria a seus colegas a não poder dar parte de nenhum crime. (Todo o mundo aceitava que aconteciam alguns assassinatos.). Assim, as delegacias ajustavam as suas estatísticas para conseguir um número adequado de homicídios, assaltos e violações. Era um sistema efetivo e otimista que proporcionava tranquilidade. No grande mapa unicamente estava acesa a luz de uma delegacia, o que indicava que na cidade, uma capital de sete milhões de habitantes, só havia acontecido um ato de violência significativo em vinte e quatro horas. A luz apontava o parque Gorki. Do centro da sala de operações o comissário da milícia, um homem fornido, de cara chata, com numerosas fitas de serviço em seu uniforme cinza de general com galões dourados olhava a luz. Acompanhava-o um par de coronéis, vice-comissários. Com suas roupas de civil Arkady se sentia mal vestido.

— Camarada general, o Investigador-Chefe Renko informa. Arkady falou de acordo com o ritual. “Deveria ter feito a barba!”, disse a si mesmo. Conseguiu resistir a tentação de passar a mão pelo queixo. O general fez um movimento apenas perceptível com a cabeça. Um coronel interveio:

— O general sabe que você é especialista em homicídios. Ele é partidário da especialização e da modernização.

— O general quer conhecer qual é sua opinião sobre este assunto, disse outro coronel. — Que possibilidades existem de que o caso se resolva rapidamente?

— Contando como contamos com a melhor milícia do mundo e com o apoio do povo, confio que conseguiremos identificar e prender os culpados, respondeu Arkady com veemência.

— Então, porquê, perguntou o primeiro coronel, ainda não se passou uma circular a todas as delegacias solicitando informação acerca das vítimas?

— Os cadáveres não tinham documentos, e como estavam

congelados é difícil determinar quando a morte aconteceu. Além disso, estão mutilados. Não temos uma identificação comum. Após olhar ao general, o outro coronel perguntou:

— Um representante da Segurança do Estado se apresentou no lugar dos fatos?

— Sim. Finalmente, o general falou:

— No parque Gorki? Não entendi.

* * *

No restaurante do prédio, Arkady tomou um café suíço; em seguida depositou dois copeques em um telefone público e ligou:

— A camarada professora Renko está?

— A camarada Renko está ocupada em uma reunião com uma comissão do partido.

— Íamos almoçar juntos. Diga à camarada Renko... Diga que seu esposo a verá à noite.

Durante a hora seguinte revisou os antecedentes do jovem detetive Fet, notando que só trabalhara em casos de interesse especial para o KGB. Arkady se retirou do quartel general atravessando o pátio que dava à Rua Petrovka. Os funcionários do escritório da milícia que regressavam de longas expedições de compras rodeavam as limusines estacionadas ante o edifício. Cumprimentou agitando a mão ao guarda da entrada e se dirigiu aos laboratórios forenses. Do chegar à porta da sala de autópsias Arkady parou para acender um cigarro.

— Vai vomitar? Disse Levin, levantando a vista ao ouvi-lo acender o fósforo.

— Não se isso interferir no seu trabalho. Lembre-se que eu não recebo salário extra como algumas pessoas. Arkady lembrava assim a Levin que os patologistas recebiam 25 por cento de pagamento à mais que os médicos comuns que trabalhavam para os vivos. Era uma “compensação por risco” já que nada podia ter tanta flora tóxica viva como um cadáver.

— Sempre existe um risco de se contrair uma infecção, disse Levin. — Basta bobear com o bisturi.

— Os corpos estão congelados. A única coisa que poderá contrair é um resfriado. Além disso, você nunca bobeia. Para você, a morte é benéfica. Arkady inalou até que o seu nariz e pulmões estiveram cheios de fumo.

Mais disposto, adotou uma postura formal. As três vítimas poderiam ter personalidades muito diferentes. Como cadáveres eram unicamente três objetos iguais. Estavam brancos como se fossem albinos, com um rastro de lividez ao redor das costas e ombros, a pele como de galinha; por cima do coração em cada corpo havia um buraco, os dedos sem ponta e as cabeças sem rosto. Desde a linha do couro cabeludo até o queixo, e de orelha a orelha, toda a carne havia sido arrancada, deixando só máscaras de osso e sangue negro. Também retiraram os olhos. Assim é como os encontrara na neve. O ajudante de Levin, um usbeque desalinhado, aumentava os danos ao cortar a cavidade torácica com uma serra giratória. A miúdo o usbeque deixava a serra a um lado para esquentar as mãos. Um cadáver deste tamanho poderia ficar congelado durante uma semana.

— Como é que consegue resolver assassinatos se não é capaz de suportar ver gente morta? Perguntou Levin a Arkady.

— Prendo gente viva.

— Isso é algo de que se possa se orgulhar? Arkady apanhou das mesas os relatórios preliminares e leu:

***Masculino. Europoide. Cabelo castanho. Cor dos olhos desconhecida. Idade aproximada, 20 a 25 anos. Data da morte, aproximadamente de duas semanas a 6 meses. Congelamento realizado antes que se iniciasse o processo de decomposição. Causa da morte: feridas de bala feitas por arma de fogo. Falta dos tecidos faciais moles e as terceiras falanges de cada mão por mutilação. São duas as possíveis feridas mortais. A ferida "A" causada por contato de arma com a boca, fraturou o maxilar superior, a bala entrando em ângulo de 45 graus através do cérebro e saindo pela parte posterior do crâneo. A ferida "B", causada por um tiro no coração disparado 2 centímetros à esquerda do esterno, destruiu a aorta. A bala, marcada GP1-B foi recobrada na cavidade do peito.***

***Masculino. Europoide. Cabelo castanho. Cor dos olhos desconhecida. Idade aproximada, 20 a 30 anos. Data da morte, aproximadamente de 2 semanas a 6 meses. Faltam os tecidos faciais moles e as terceiras falanges por mutilação. São duas as possíveis feridas mortais. A ferida "A", causada por um tiro disparado na boca, fraturou o maxilar superior e quebrou os incisivos; a bala viajou em ângulo, sendo desviada pelo cérebro e alcançando a parte posterior do crâneo, 5 centímetros por cima do canal meníngeo. A bala marcada GP2-A foi recobrada na cavidade craneana. (A GP2-A fora o projétil que Pribluda retirara.) A segunda ferida fica a 3 centímetros à esquerda e atravessa a região do coração. A bala marcada GP2-B foi recobrada do interior da omoplata esquerda.***

***Feminino. Europoide. Cabelo castanho. Cor dos olhos desconhecida. Idade aproximada, 20 a 23 anos. Data da morte, aproximadamente de 2 semanas a 6 meses. Causa da morte, ferida de bala 3 centímetros à esquerda do esterno que penetrou no coração, rompendo o ventrículo direito e a veia cava superior, e saindo pelas costas entre a terceira e a quarta costelas, 2 centímetros à esquerda da espinha dorsal. A cabeça e as mãos mutiladas como nos varões GP1 e GP2. A bala marcada GP5 foi encontrada entre a roupa à altura do orifício de saída. Não existem indícios de gravidez.***

Arkady se apoiou na parede, fumando até que parasse de ficar mareado, concentrando a sua atenção nos documentos que tinha na mão.

— Como determinou as idades?

— Pela falta de desgaste dos dentes.

— Então, traçou uma carta dental.

— Sim, mas não servirá de muito. O segundo varão tinha uma placa molar de aço, disse Levin encolhendo os ombros.

O usbeque entregou as cartas odontológicas acompanhadas de uma caixa que continha os incisivos quebrados com anotações iguais às postas nas balas.

— Falta um, disse Arkady despois de contar os dentes.

— Foi pulverizado. O que sobrou dele está em outro recipiente. Notou então pela primeira vez a cor cinzenta das paredes, as manchas ao redor dos desagues no chão, as luzes fluorescentes, a carne branca e os pelos púbicos. O importante para um investigador era ver e não ver, mas havia três mortos. “Olhe-me”, diziam as máscaras, “quem nos matou?”.

— Como vê, disse Levin, — O primeiro homem mostra uma pesada estrutura óssea com uma musculatura bem desenvolvida. O segundo tem um físico débil e uma velha fratura múltipla no tornozelo esquerdo. E o mais interessante, Levin o mostrou um tufo de cabelo entre os seus dedos. — O segundo varão pintava o cabelo. Sua cor natural era vermelha. Tudo será incluído no relatório final.

— Assim espero.

Arkady saiu em seguida. Levin o alcançou no elevador e entrou no carro com ele. Fora cirurgião chefe em Moscou até que Stalin se desfez dos doutores judeus. Reservava as suas emoções como se fossem de ouro; nele uma expressão de simpatia estava fora de lugar.

— Outro investigador deveria se encarregar disso, disse a Arkady. — Qualquer outro. Quem cortou esses rostos e mãos sabia o que fazia. Já fez antes. É um caso similar ao do rio Kliazma.

— Se não estiver errado, o comandante se encarregará do caso amanhã. Desta vez não deixará que lhe fuja das mãos, isso é tudo. Por que está tão preocupado?

— Por que você não está? Levin abriu a porta. Antes de fechá-la, repetiu: — Como o caso do rio Kliazma.

A maior parte do departamento de balística era ocupado por um tanque de água de quatro metros de comprimento. Arkady deixou as balas e se dirigiu ao laboratório forense central, um salão com chão de parquet, mesas de mármore, lousas verdes e cinzeiros com pé, decorados com ninfas de chumbo. Havia mesas separadas com a roupa de cada uma das vítimas; diferentes equipes trabalhavam com os despojos molhados. Era encarregado dela um coronel da milícia de cabelo reto e mãos gorduchas, de nome Lyudin.

— Não achamos grande coisa salvo sangue, comentou Lyudin.

Os técnicos olharam o investigador recém-chegado. Um dos homens de Lyudin com um aspirador limpava os bolsos; outro retirava o gelo dos patins escovando. Detrás deles havia uma estante colorida como doces em frascos de vidro: reagentes, cristais de iodo, soluções de nitrato de prata, géis diversos.

— O que me diz da procedência da roupa? Perguntou Arkady. Desejava que fosse mercadoria estrangeira de boa qualidade, indícios de que o trio de mortos eram criminosos envolvidos no tipo de contrabando do mercado negro que o KGB deveria investigar.

— Olhe, Lyudin apontou a Arkady uma etiqueta de um dos casacos. Dizia jeans. Manufatura doméstica. Tudo comum, o que se pode comprar em qualquer loja daqui. Olhe o sutiã, indicou outra mesa. — Não é francês, nem sequer alemão.

Arkady notou que Lyudin usava uma gravata larga pintada a mão dentro de sua bata. Notou isso porque o público em geral não tinha acesso às gravatas largas. O coronel estava satisfeito com a frustração de Arkady no que respeita às roupas das vítimas; a importância dos técnicos forenses aumentava em proporção direta com a frustração do investigador.

— Naturalmente, ainda teremos de utilizar a cromatografia à gás, o espectrômetro, tirar uma amostragem com ativação de nêutrons, mas esse tipo de testes é muito caro para três jogos separados de roupas. Lyudin levantou as mãos desconsolado. — E isso sem mencionar o tempo de funcionamento do computador. “Uma atuação espetacular”, Arkady disse para si.

— Para servir à justiça não temos que nos preocupar com gastos, disse.

— É verdade, mas se tivesse uma autorização assinada para levar a cabo toda uma série de testes, compreende?

Arkady acabou por assinar uma autorização em branco. O coronel Lyudin a encheria com provas desnecessárias que não levaria a cabo e em seguida venderia particularmente as substâncias químicas não utilizadas. Contudo, era um técnico competente. Arkady não tinha direito a se queixar. O encarregado do departamento de balística

colocara as balas no microscópio para comparação.

— Olhe.

Arkady se inclinou sobre o instrumento. Uma bala das encontradas no parque Gorki estava sob o ocular esquerdo, outra, sob o direito; os dois campos de visão se uniam. Um projetil estava muito danificado por ter atravessado o osso, mas ambos tinham o mesmo raiado inverso, e ao fazê-los girar Arkady notou uma dezena de pontos similares em planos e canais.

— Foi utilizada a mesma arma.

— Todas as balas saíram da mesma arma, concordou o técnico. — As cinco. Não estou familiarizado com o calibre 7.65. Arkady só levara as quatro balas que Levin lhe dera. A que estava à direita não tinha nenhuma marca. Olhou de novo os projéteis no microscópio.

— Acabaram de trazer esta bala do parque, disse o técnico. — Encontraram-na com os detectores de metal.

Haviam matado três pessoas em uma área aberta, disparando de frente, a queima-roupa e com uma só pistola. Primero atiraram e despois mutilaram. Pribluda. O rio Kliazma.

* * *

O escritório do Promotor da cidade de Moscou ficava ao sul do rio, na Rua Novokuznetskaia, uma área cheia de lojas do século dezenove. O edifício estava dividido pela metade em um bloco amarelo de dois andares e em um cinza de três andares. Ante a metade amarela havia um triste e pequeno parque onde esperavam angustiados os cidadãos convocados a depor. Tinha um canteiro ajardinado do tamanho de uma sepultura e floreiras vazias. Em frente ao outro bloco do edifício, o maior, ocupado pelo Promotor, havia um campinho de futebol. Arkady entrou na seção dos investigadores e subiu os degraus da escada de dois em dois até o segundo andar. Os Investigadores-Chefes Chuchin (casos especiais) e Belov (indústria) estavam no corredor.

— Iamskoy quer vê-lo, comentou Chuchin.

Arkady o ignorou e continuou caminhando até a sua sala situada na parte de trás. Belov o seguiu. Belov era o investigador mais antigo e sentia o que chamava de “um afeto irrestrito” por Arkady. Sua sala tinha uma área de três por quatro metros, paredes cor de café, móveis de pinho e uma janela de duas folhas, mapas de ruas e rotas de transportes além de uma fotografia inusitada de Lenin sentado em uma cadeira de jardim.

— Você é muito duro com Chunchin, disse Belov.

— É um porco.

— Faz um trabalho necessário, Belov coçou a cabeça, usava o cabelo curto. — Todos nos especializamos.

— Não disse que os porcos não sejam necessários.

— Refiro-me a isso. Trate como lixo social.

Vsevolod Belov participara de inumeráveis ações. Sua mente estava marcada pela Grande Guerra Patriótica como uma parede lascada pelo fogo das metralhadoras; seus dedos manchados pela idade. Era bondoso e reacionário por instinto. Quando Belov murmurava acerca dos “bandidos chineses”, Arkady sabia que havia mobilização na fronteira. Quando Belov mencionava “chutes”, fechavam sinagogas. Quando Arkady tinha dúvidas sobre algum assunto social, podia perguntar em confiança para Belov.

— Quem tinge o cabelo e usa uma jaqueta esportiva com uma falsa etiqueta estrangeira?

— Má sorte, se condoeu Belov. — Isso soa a música ou malandragem. Punk rock. Jazz. Algo pelo estilo. Não conseguirá nenhuma cooperação deles.

— Assombroso. Então acha que são malandros ou músicos.

— Sendo inteligente como é já deveria saber. Isso de tingir o cabelo e usar etiquetas falsas indica malandragem. Ou alguém com marcada tendência musical e a malandragem.

— Três deles mortos com a mesma arma. Cortados com uma faca.. Nenhum documento e Pribluda foi o primeiro a revistar os cadáveres. Isso o lembra de algo? Belov coçou o queixo e seu rosto se enrugou como se sentisse mau cheiro.

— As diferenças pessoais entre os órgãos da justiça não deveriam

interferir no trabalho principal, disse.

— Lembra-se?

— Me parece, Belov arrastrava as palavras, — Que este caso está no meio de uma guerra entre gangues.

— Que guerra de gangues? Aconteceram guerras desse tipo em outras partes de Moscou, na Sibéria ou Armênia, quem sabe, mas no parque Gorki?

— Se, insistiu Belov, — Um investigador evita as especulações e mantêm os olhos nos fatos, nunca se desorienta. Arkady deixou cair suas mãos abertas sobre a mesa e sorriu. Disse:

— Obrigado. Sabe que aprecio a sua opinião.

— Assim é melhor. Reanimado Belov se encaminhou à porta. — Falou com o seu pai ultimamente?

— Não. Arkady colocou os relatórios preliminares da autópsia sobre a sua mesa e aproximou a máquina de escrever.

— Cumprimente-o de minha parte quando o vir. Não esqueça.

— Não esquecerei. Ao ficar sozinho, Arkady escreveu a máquina o seu relatório preliminar da investigação:

***ESCRITÓRIO DO PROMOTOR DA CIDADE DE MOSCOU, MOSCOU, RSFSR.***

***Crime: Homicídio. Vítimas: 2 homens não identificados, 1 mulher não identificada. Local: Parque recreativo e cultural Gorki, região de Octobryskaia. Parte informante: Milícia.***

***As 06:30, um miliciano que fazia a sua ronda pelo extremo sudoeste do parque Gorki encontrou o que pareciam ser três cadáveres em uma clareira de aproximadamente quarenta metros ao norte do caminho paralelo à rua Donskoy e o rio. A as 07:30, oficiais da milícia, oficiais da Segurança do Estado e o investigador abaixo assinado examinaram os três cadáveres congelados. O fato de que estivessem congelados, só permite especificar que as vítimas morreram no curso deste inverno. Os três receberam tiros no coração. Os dois homens receberam também tiros na cabeça. As cinco balas recuperadas procediam da mesma arma de calibre 7.65 mm. Não se recuperaram cartuchos.***

***Todas as vítimas usavam patins de gelo. Em suas roupas não foram encontrados documentos de identificação, ou outros objetos. Impossibilita a identificação, a mutilação que eliminou a carne do rosto e as pontas dos dedos. Serão realizados relatórios; de sorologia, odontologia, balística, cromatografia, autópsia e novos exames in situ; foi iniciada uma busca de pessoas que possam ter conhecido as vítimas ou o lugar dos fatos.***

***Pode-se imaginar que se trata de um crime premeditado. Três pessoas foram assassinadas com rapidez e pela mesma arma, foram recolhidos todos os objetos pessoais no meio do parque mais concorrido da cidade, e foram tomadas medidas extremas para impedir a sua identificação.***

***Nota: Um dos homens mortos tingia o cabelo e outro usava uma jaqueta com uma etiqueta estrangeira falsa, possíveis indicações de atividade antissocial.***

***Renko, AV. Investigador-chefe***

Enquanto Arkady lia este relatório superficial, os detetives Pavlovich e Fet bateram à porta, entraram, com o primeiro carregando uma pasta.

— Retornarei num minuto. Arkady colocou de novo o seu casaco. — Já sabe o que fazer Pasha.

Arkady precisava descer à rua para entrar no edifício ocupado pela Promotoria. Um Promotor era um funcionário dotado de autoridade extraordinária. Supervisionava todas as investigações criminais, representava tanto o Estado quanto o acusado. O Promotor tinha que aprovar as detenções, revisar as sentenças dos tribunais e iniciar as apelações. Aceitava as demandas civis segundo o seu critério, determinava a legalidade das diretrizes do governo local e, ao mesmo tempo, decidia as demandas e contra-demandas de milhões de rublos, quando uma fábrica entregava porcas em vez de parafusos, à outra. Não

importava a magnitude que tivesse o caso, criminosos, juízes, prefeitos e gerentes industriais tinham que comparecer ante ele. Só dependia do procurador geral.

O Promotor Andrei Iamskoy estava sentado ante a sua mesa. Sua cabeça rapada e rosada contrastava de maneira notável com seu uniforme, azul escuro com uma estrela dourada de general, feito sob medida para que coubessem o seu peito e braços excessivamente grandes. Havia se acumulado alguma carnosidade sobre a ponte de seu nariz e os seus pômulos, e os lábios eram bastante grossos.

— Espere. E continuou lendo um papel que estava sobre a mesa.

Arkady permaneceu de pé sobre um tapete verde a três metros da mesa. Nas paredes cobertas de painéis de madeira havia fotografias de Iamskoy encabeçando uma delegação de promotores em uma cerimônia com o secretário geral Brejnev, apertando a mão do secretário geral, falando em uma conferência internacional de promotores em Paris, nadando em Silver Grove, e, coisa extraordinária, a fotografia dele publicada pelo jornal Pravda fazendo uma apelação ante o Tribunal Supremo a favor de um trabalhador condenado erradamente por assassinato. Atrás do Promotor havia uma janela coberta por cortinas de veludo italiano marrom. A luz do sol que se desvanecia após elas fazia brilhar a cabeça rapada de Iamskoy, que tinha grandes sardas de cor café.

— Sim? Iamskoy pousou o papel e levantou a vista. Seus olhos eram pálidos, como diamantes aquosos.

Como sempre, falava com tanta suavidade que todos precisavam se concentrar para ouvir o que ele dizia. Arkady havia decidido, há tempos, que a concentração era importante para tratar com ele. Arkady deu um longo passo adiante para colocar o seu relatório sobre a mesa e se afastou. Era preciso se concentrar: exatamente quem é você e o que tem para dizer. Definir precisamente como você beneficia à sociedade.

— O comandante Pribluda esteve aqui. Não falou no seu nome.
— Fez tudo ali menos urinar sobre os cadáveres, e em seguida se

retirou. Acaso pediu para que me retirem o caso? Iamskoy ficou olhando para Arkady.

— Você é o Investigador-Chefe de homicídios, Arkady Vasilevich. Por que você quer que o retirem do caso?

— Há tempos tive um problema com o comandante.

— Que problema? O KGB determinou a jurisdição, assim o assunto ficou satisfatoriamente resolvido.

— Desculpe-me, mas hoje encontramos três jovens executados em um parque público por um atirador competente que usou uma pistola de 7,65 mm de calibre. As únicas armas que os moscovitas podem conseguir são de calibre de 7,62 mm ou de 9 mm, nada igual à arma usada nos assassinatos. Também as vítimas sofreram mutilações. Até o momento, o meu relatório não tem conclusões.

— Que conclusões? Ao dizer isso Iamskoy levantou as sobrancelhas.

— Qualquer uma, respondeu Arkady ao cabo de um momento.

— Obrigado, disse Iamskoy. Era a sua maneira de despedir à gente. Arkady já estava na porta quando o Promotor disse: — Observe todas as legalidades. Você deve ignorar as exceções, elas só confirmam a regra... Arkady fez uma inclinação com a cabeça e se retirou.

* * *

Fet e Pasha haviam elaborado um mapa do parque Gorki incluindo o desenho feito por Levin do lugar do crime, as fotos dos mortos e os relatórios das autópsias. Arkady se deixou cair em sua cadeira e abriu uma nova carteira de cigarros. Dois fósforos falharam antes de conseguir que o terceiro acendesse. Pôs os fósforos quebrados e o queimado no centro de sua mesa. Depois colocou as fotografias em uma gaveta. Não o agradava ver esses rostos. Em seguida se entreteve brincando com os fósforos.

— Já entrevistaram alguém? Perguntou.

— Dez oficiais da milícia que não sabem de nada, respondeu Pasha abrindo uma caderneta de notas. — De minha parte, provavelmente patinei próximo dessa clareira umas cinquenta vezes neste verão.

— Bem, procurem falar com os vendedores; observam muitas

coisas que os milicianos não notam.

Fet francamente não estava de acordo. Arkady se deu conta disso. Sem o chapéu, as orelhas de Fet sobressaíam no que Arkady considerou o ângulo arquitetônico preciso para sustentar os óculos de armação de aço.

— Estava ali quando a última bala foi encontrada? Perguntou Arkady.

— Sim senhor. Foi recuperada a GP-A bem no lugar onde havia estado o crâneo do primeiro homem, GP.

— Maldito seja! Teremos algo quando conhecermos os nomes dos cadáveres, em vez dos números Um, Dois e Três. Pasha pediu um cigarro a Arkady.

— Tem um fósforo? Perguntou Pasha.

— Parque Gorki Um, parque Gorki Dois, começou a dizer Fet.

— Ah, vamos! Exclamou Pasha movendo a cabeça. — Obrigado, disse a Arkady exalando a fumaça. — Parque Gorki Um? É o mais importante? Chamemos de “músculos”.

— Esse nome não é muito expressivo, disse Arkady. — Besta é melhor, “beleza” para a mulher, “Besta” para o forte e “fraco” para o pequeno.

— Realmente ele tinha o cabelo vermelho, disse Pasha. — Então corresponde o nome de “vermelho”.

— “Beleza”, “besta” e “vermelho”, nossa primeira decisão importante, detetive Fet, disse Arkady. — Souberam se o laboratório forense fez algum progresso com os patins de gelo?

— Os patins poderiam ser um estratagema, sugeriu Fet. — É difícil acreditar que três pessoas pudessem levar tiros no parque Gorki sem que ninguém soubesse. Os jovens poderiam ter sido mortos em outra parte, em seguida colocaram os patins e despois os levaram de noite para o parque.

— Estou de acordo em que é difícil acreditar que se pudessem matar três pessoas no parque Gorki sem que ninguém ouvisse as detonações, disse Arkady. — Mas é impossível colocar patins de gelo nos pés de gente morta. Tente fazer isso alguma vez. Assim mesmo, o único lugar que não conseguiriam levar sub-repticiamente três cadáveres

a qualquer hora do dia é o parque Gorki.

— Só queria conhecer a sua opinião sobre essa possibilidade, disse Fet.

— Excelente trabalho, lhe assegurou Arkady. — Agora, vejamos o que Lyudin conseguiu.

Discou o número de telefone do laboratório da Rua Kiselny. No vigésimo toque responderam e o transferiram para Lyudin.

— Coronel, eu... Isso foi tudo o que pode dizer antes que desconectassem a linha.

Voltou a discar, mas não conseguiu resposta. Olhou o seu relógio. Era quatro e vinte, hora em que as operadoras fechavam o PABX para poder sair do trabalho às cinco da tarde. Daqui a pouco sairiam também os detetives. Pasha, para levantar pesos. E Fet? Para casa, ver a mãe, ou acaso primeiro iria se encontrar com Pribluda?

— Talvez os tenham matado em outra parte e despois levaram para o parque à noite. O investigador colocou os fósforos para um lado.

— Acaba de dizer que não foi assim, disse Fet, — Também lembro de que achamos a última bala no chão, o que demonstra que foram mortos ali.

— O que prova que a vítima, viva ou morta, recebeu o tiro na cabeça. Arkady colocou um fósforo no centro da mesa. — Não encontramos cartuchos. Se tivessem usado uma pistola automática estes cairiam no chão ao ser expulsos da arma.

— O assassino sabe por que os apanhou, notou de imediato Fet.

— Para quê? As balas identificam as armas de fogo tão bem como os cartuchos.

— Pode ter disparado de longe.

— Não o fez, disse Arkady.

— Quem sabe recolheu-os pensando que se alguém os encontrasse procuraria também um cadáver.

— Traz a arma no casaco, não a mostrando, disse Arkady olhando para um lado. — Para começar, a arma e as balas no carregador estão quentes. Os cartuchos expulsos, um pouco mais quentes pelos gases da explosão, afundariam na neve muito antes que os cadáveres ficassem

cobertos por ela. Contudo, estou curioso, olhou então para Fet. — Por que acha que foi um só assassino?

— Foi usada uma pistola.

— O que sabemos é que foi utilizada só uma pistola. Imagine como seria difícil para um só assassino obrigar as três vítimas a se manterem próximas dele enquanto as matava, a menos que houvesse outras pessoas com ele? Por que as vítimas consideraram que sua situação era tão desesperadora que nem sequer tentaram correr para se salvar? Bem, pegaremos esse assassino. Apenas começamos, e ainda temos muitas coisas para investigar. Capturaremos esse gordo filho da mãe. Fet não perguntou por que era gordo. — Seja como for, concluiu Arkady, — Foi um dia longo. Seus turnos terminaram. Fet foi o primeiro a sair.

— Lá vai nosso pequeno pássaro, disse Pasha enquanto o seguia.

Arkady ligou para o quartel general para que enviasse um boletim a toda a república ao oeste dos Urais solicitando relatórios sobre crimes cometidos com armas de fogo, só para agradar ao comissário da milícia. Em seguida, tratou de ligar de novo para a escola. A camarada professora Renko, disseram, presidia uma sessão de críticas de pais de família e não podia atender ao telefone. Os outros investigadores se retiravam também. Em seus rostos se refletia a vontade que tinham de chegar em casa. Colocavam os casacos. Arkady os observava do alto da escada, olhando para as suas roupas de melhor qualidade que as dos trabalhadores soviéticos. Não tinha fome, mas o atraía a ideia de comer. Sentiu vontade de dar uma volta, assim colocou o casaco e saiu à rua. Caminhou até a estação Paveletsky de trem antes que suas pernas o levassem a uma cafeteria onde era servida uma refeição de peixe branco e salada de batatas. Arkady se dirigiu ao bar e pediu uma cerveja. Os outros bancos estavam ocupados por trabalhadores da ferrovia e jovens soldados um tanto bêbados: rostos fechados entre garrafas de vodca. Serviram umas fatias de pão com manteiga e caviar cinza pegajoso para acompanhar a cerveja.

— O que é isso?

— O céu mandou, disse o proprietário da cafeteria.

— O céu não existe.

— Agora estamos nele e ao sorrir mostrou um jogo completo de

dentes de aço. Apressou-se a aproximar com a mão o caviar de Arkady.

— Está bem. Ainda não li o jornal de hoje, aceitou Arkady.

A esposa do proprietário, um gnomo de uniforme branco, saiu da cozinha. Ao ver Arkady sorriu tão exageradamente que o brilho de seus olhos a fez parecer bonita. Seu esposo ficou de pé orgulhoso a seu lado. Eram Viskov, F. N., e Viskova, I. L. Em 1946 foram acusados de criar um "centro de atividade antissoviética" por vender na loja livros raros, obras de Montaigne, Apollinaire e Hemingway. O interrogatório a que foram submetidos deixou Viskov coxo e muda a sua esposa (tentou se suicidar ingerindo água sanitária). Receberam o que de brincadeira se chamava notas de 25 rublos: sentenças de vinte e cinco anos de trabalhos forçados (uma piada do tempo em que a segurança e a milícia eram uma só instituição). Em 1956 os Viskov foram libertados e até ofereceram a oportunidade de ter outra livraria, proposta que recusaram.

— Apuraram que minha esposa e eu trabalhávamos ali contra os regulamentos. Ela vinha me ajudar só em seu tempo livre, Viskov piscou um olho. — Às vezes também vinha o garoto.

— Graças a você, indicou com um sinal a camarada Viskova.

"Meu Deus", Arkady pensou, Um sistema acusa duas pessoas inocentes, prende em campos de concentração, tortura, destrói suas vidas, e em seguida, quando um membro do sistema as trata com decência, se alegram e se sentem agradecidos. Que direito ele tinha a que fossem amáveis com ele? Comeu o caviar, bebeu a cerveja e saiu da cafeteria tão depressa quanto permitia a cortesia.

A gratidão o irritava. Despois de andar um trecho afrouxou o passo porque era uma de suas horas favoritas para caminhar. A noite era de um negrume maternal, as janelas pequenas e brilhantes, os rostos na rua alegres como as janelas. Nessa hora considerava que podia se achar na Moscou de qualquer um dos cinco séculos passados, e não o surpreenderia ouvir o barulho dos cascos dos cavalos no lodo. A vitrine de uma loja exibia umas bonecas desalinhadas, perfeitas pioneiras; um Sputnik impulsionado por baterias girava em redor de uma lâmpada em forma de lua que exortava a "OLHAR PARA O FUTURO".

De regresso ao escritório Arkady se sentou em frente ao seu armário para revisar as pastas. Começou com os crimes cometidos com armas de fogo. Assassinato. Um torneiro ao regressar a sua casa encontrou a esposa com um marinheiro. Na briga o trabalhador usou a pistola do oficial para matá-lo. O tribunal levou em conta que o oficial não devia portar arma, que o acusado, segundo afirmaram os membros do seu sindicato, era um trabalhador diligente, e que se arrependia do seu ato. Sentença: dez anos de privação de liberdade. Assassinato com agravantes. Dois traficantes do mercado negro brigaram ao dividir as mercadorias. Um foi morto com uma velha pistola Nagurin. O lucro foi uma circunstância agravante. Sentença de morte. Assalto à mão armada. Um garoto roubou dois rublos de um bêbado ameaçando-o com uma pistola de madeira. Sentença: cinco anos de prisão.

Arkady continuou revisando os arquivos sobre homicídios em busca de crimes que pudesse ter esquecido, assassinatos que mostraram premeditação ou sangue frio. Contudo, o uso de facas, machados, porretes ou estrangulamento não exigiam demasiada desenvoltura ou astúcia. Nos três anos que foi investigador e nos dois que estava como Investigador-Chefe, havia topado com menos de cinco homicídios que se elevaram por cima da estupidez infantil; geralmente o assassino, ou assassina, se apresentava bêbado na milícia se vangloriando de sua façanha, ou pedindo desculpas. O assassino russo tinha grande fé na inevitabilidade de sua captura, e o que queria era gozar o momento de sua grande atuação. Os russos ganharam guerras porque se agigantavam debaixo dos tanques, e é preciso reconhecer que esta não é a mentalidade própria do criminoso especialista. Arkady abandonou o seu empenho e fechou o arquivo.

— Boychik, chamaram e Nikitin abriu a porta sem bater. Colocou a cabeça, seguida do corpo, e se sentou à mesa de Arkady. O Investigador-Chefe para a ligação governamental tinha rosto redondo e o cabelo ralo. Quando estava bêbado os olhos se fechavam ao sorrir como se fosse um oriental.

— Por que trabalha até tão tarde? Essa expressão significava que Arkady trabalhava duro, muito duro, futilmente. Era esperto ou tonto? Nikitin sugeria todas essas coisas.

— Igual a você, disse Arkady.

— Eu não estou trabalhando; estou supervisando-o. Às vezes penso que nunca aprendeu nada comigo.

Ilya Nikitin era investigador de homicídios-chefe, e superior de Arkady; quando estava sóbrio, era o melhor investigador que havia conhecido. Se não fosse por sua predileção pela vodca, chegaria a procurador. Mas dizer vodca no caso de Nikitin equivalia a dizer "água e comida". Uma vez ao ano, amarelo pela icterícia, ia para um balneário em Sochi.

— Sabe, sempre sei o que pretende Vasilevich. Sempre estou pendente de você e de Zoya.

Um fim de semana em que Arkady esteve ausente, Nikitin havia tentado se deitar com Zoya. No regresso de Arkady, Nikitin fora para Sochi, de onde todo o dia lhe enviava cartas expressando o seu arrependimento.

— Quer um pouco de café, Ilya?

— Alguém tem que protegê-lo de si mesmo. Perdoe-me, Vasilevich (Nikitin insistia em usar o nome de uma maneira condescendente), mas talvez eu seja (sei que não está de acordo) um pouco mais inteligente ou experiente, ou pelo menos estou um pouco mais próximo de algumas fontes elevadas, do que você. Não estou criticando você porque é muito conhecido e dificilmente poderia ser melhorado... A cabeça de Nikitin se inclinou para um lado, sorrindo, enquanto um tufo de cabelo molhado se colava à testa, transpirando com olor animal. — Só que você não vê o panorama geral.

— Boa noite, Ilya, Arkady colocou o casaco.

— Só digo que existem cabeças mais espertas que a sua. Nosso propósito é o de reconciliar. Todos os dias eu reconcilio a política governamental com a legalidade socialista. Se expedirem a ordem de arrasar casas de trabalhadores para construir apartamentos em cooperativa que os trabalhadores não podem pagar, o que constitui aparentemente uma violação dos direitos destas pessoas, Iamskoy me consulta, o partido me consulta, o prefeito Promislov me consulta, porque eu sei como reconciliar esta aparente contradição.

— Não existe contradição? Arkady saiu para o corredor na frente de Nikitin.

— Entre os trabalhadores e o Estado? Este é o Estado dos trabalhadores. O que beneficia ao Estado beneficia a eles. Ao arrasar as suas casas protegemos os seus direitos. Viu? Assunto reconciliado.

— Não vi, insistiu Arkady.

— Do ponto de vista correto não existe contradição, sussurrou Nikitin com voz áspera ao descer as escadas. — Isso é o que nunca compreenderá.

Arkady subiu a um carro do departamento para tomar a estrada do circuito interior e se dirigir ao norte. O Moskvich era um automóvel torpe, sem potência, mas não se importaria se tivesse um. Nessa hora a circulação estava quase que totalmente dominada pelos táxis. Pensava no comandante Pribluda, que ainda não havia interrompido a investigação. O gelo caía nos para-lamas e se chocava contra os faróis.

Os táxis davam a volta na estação ferroviária na Praça Kimsomol. Arkady seguiu em frente até a Rua Kalanchevskaia número 43, onde ficava o tribunal da cidade de Moscou, um velho edifício com muros de tijolo onde se refletia a luz dos faróis, parecendo que estivessem se fundindo. Havia dezessete Tribunais do Povo por toda a cidade, mas os crimes graves se resolviam no tribunal do centro, e que era vigiado pelo Exército Vermelho. Arkady mostrou a sua credencial a dois soldados na escada. Quando entrou no subsolo, o cabo que dormia apoiado sobre a mesa despertou sobressaltado.

— Vou à jaula, disse.

— Agora? O cabo se colocou em pé abotoando capote.

— Quando você quiser. Arkady o entregou o anel com as chaves e a pistola automática que este deixou sobre a mesa.

A jaula era um gradeado metálico que fechava a área do subsolo do tribunal e onde eram guardados os processos. Arkady apanhou duas caixas marcadas dezembro e janeiro, enquanto o cabo o observava em posição de sentido do outro lado da grade; de fato um Investigador-Chefe possuía um grau equivalente ao de um capitão.

— Por que não prepara um chá para nós dois? Sugeriu Arkady.

Procurava algo para incriminar Pribluda. Mas uma coisa era ter três cadáveres e suspeitar do comandante, e outra, encontrar três condenados que tivessem sido transferidos do tribunal da cidade para a custódia do KGB. Examinou uma ficha após outra, descartando as pessoas demasiado jovens ou demasiado velhas, verificando os históricos de trabalho e estado marital. Ninguém tinha procurado as vítimas, nenhum sindicato, fábrica ou familiares, durante meses.

Tendo já ao seu lado uma xícara de chá quente continuou nos registros de fevereiro. Um problema era que os crimes maiores, assassinatos, assaltos e roubos, se resolviam no tribunal da cidade. Mas certos casos onde o KGB tinha muito interesse, os de dissidência política e parasitismo social, eram atendidos às vezes no tribunal do povo, onde o comparecimento do público era controlado mais facilmente. O vapor da água condensada fazia brilhar as paredes do subsolo.

A cidade era cortada por vários rios: Moskva, Setun, Kamenka, Sosenka, Yauza e, bordeando a orla setentrional, já no subúrbio, pelo Kliazma. Seis semanas antes haviam encontrado dois cadáveres em uma margem do Kliazma duzentos quilômetros ao este de Moscou, próxima de Bugolubovo, uma aldeia de plantadores de batatas. O povoado mais próximo era Vladimir, mas nenhum integrante do pessoal do Promotor deste lugar quis se encarregar da investigação; todos ficaram doentes. O procurador geral designou o caso para o Investigador-Chefe de Moscou.

Fazia frio. As vítimas foram dois jovens de tez branca e faces congeladas, com as mãos também congeladas sobre a margem do rio. Tinham a boca estranhamente aberta e seus casacos e peitos estavam esfaqueados, feridas terríveis que pouco sangraram. A autópsia realizada por Levin mostrara que o assassino havia extraído dos corpos as balas que os mataram. Levin encontrou também restos de borracha e pintura vermelha nos dentes dos mortos, e aminato de sódio em seu sangue; ao chegar a este ponto Arkady entendeu a doença que havia afastado todos os investigadores locais. Próxima da aldeia de Bugolubovo, invisível nos mapas ainda que com um índice de população elevado, ficava o presídio

de Vladimir para presos políticos, cujas ideias eram demasiado perigosas para enviá-los aos acampamentos de trabalho. O aminato de sódio era o narcótico usado no presídio para tranquilizar essas almas sofredoras.

Na época Arkady havia chegado à conclusão que as vítimas eram detentos que, despois de ser liberados da penitenciária, foram assassinados. Quando as autoridades da prisão recusaram a aceitar as suas ligações telefônicas, deu o caso por “pendente” sob a jurisdição de Vladimir. O processo não fora afetado, e todos compreenderam que queria voltar para casa. Em vez de disso, colocou o seu uniforme de Investigador-Chefe, se apresentou na prisão, solicitou e leu a lista de liberações e descobriu que nenhum preso havia sido posto em liberdade recentemente. Mas, um dia antes de serem achados os cadáveres dos homens, haviam liberado dois sob a custódia de um tal comandante Pribluda para ser interrogados pelo KGB. Arkady telefonou para Pribluda, que negou enfaticamente ter recebido os prisioneiros.

De novo a investigação poderia ter sido concluída neste ponto, mas Arkady regressou a Moscou, se apresentou no escritório do comandante da filial do KGB, na Rua Petrovka, e encontrou sobre a sua mesa duas bolas de borracha vermelhas com marcas elípticas. Deixou um recibo por elas e as levou ao laboratório forense, onde viu que as marcas encaixavam perfeitamente na dentadura das vítimas.

Pribluda deve ter levado os dois prisioneiros já drogados diretamente para a margem do rio. Colocou em sua boca as bolas de borracha para sufocar qualquer grito, atirou, apanhou os cartuchos usados e, com um faca longa, extraiu as balas dos corpos. Talvez pensasse que pareceria que tinham sido esfaqueados. Mortos, sangrariam pouco. Além disso, os cadáveres esfaqueados congelariam com rapidez.

O Promotor tinha que aprovar as detenções. Arkady se apresentou ante Iamskoy com a acusação de homicídio contra Pribluda e uma solicitação para revistar o escritório e a sua casa, procurando armas de fogo e uma faca. Arkady estava com o Promotor quando uma ligação avisou que, por razões de segurança, o KGB se encarregaria da

investigação relacionada com os cadáveres encontrados junto ao Rio Kliazma. Todos os relatórios e evidências tinham que serem entregues ao comandante Pribluda.

As paredes choravam. Além dos rios da superfície, antigas correntes subterrâneas cruzavam a cidade, correntes invisíveis de rumos perdidos. Às vezes no inverno, a metade dos subsolos de Moscou gemia. Arkady voltou a colocar em seu lugar os arquivos.

— Encontrou o que procurava? Perguntou o cabo.

— Não. Cumprimentou-o com otimismo e adicionou: — As coisas se veem sempre melhor pela manhã, dizem.

Segundo o regulamento, deveria levar o automóvel de volta ao estacionamento do escritório. Mas foi para casa. Passava já da meia-noite quando chegou a Taganskaia. Do segundo andar sobressaíam balcões de madeira. A casa estava às escuras. Arkady se dirigiu à entrada, subiu a escada e abriu a porta o mais silenciosamente que conseguiu. Tirou a roupa no banheiro, escovou os dentes e levou consigo a roupa. O quarto era o maior aposento da casa. Sobre a mesa havia um aparelho estéreo. Levantou o disco que estava encima da mesa e leu a etiqueta à débil luz que entrava pela janela. “Aznavour a l'Olympia.” Junto ao toca-discos havia dois copos e uma garrafa de vinho vazia.

Zoya dormia, seu longo cabelo dourado recolhido em uma só trança caía sobre o seu ombro. O perfume “Noite de Moscou” vinha das cobertas. Ao se deslizar na cama ela abriu os olhos.

— Já é tarde.

— Sinto muito, aconteceu um assassinato. Três assassinatos. Viu como seus olhos revelavam ter captado o significado da sua informação.

— Bandidos, murmurou ela. — Por isso digo para as crianças que não mastiguem chiclete. Primero é o chiclete, em seguida a música de rock, depois a maconha e...

— E? Ele esperava que ela dissesse “sexo”.

— O assassinato. Sua voz se foi desvanecendo, fechou os olhos e o cérebro apenas ficou animado para enunciar o último principio; outra

vez a salvo mergulhando na inconsciência...

Em um minuto a fatiga venceu o investigador, que também adormeceu. Sonhou que nadava em água negra, mergulhando para águas ainda mais negras, com braçadas rítmicas e poderosas. Precisamente quando tentava subir à superfície apareceu uma bonita mulher de longo cabelo negro e tez pálida. Parecia estar voando para baixo com seu vestido branco. Como sempre, ela segurou na sua mão. Sonhava com o enigma.

* * *

# Dois

NUA, ZOYA descascava uma laranja. Tinha o rosto largo, infantil, inocentes olhos azuis, cintura estreita e seios pequenos com mamilos tão diminutos como cicatrizes de vacinas. Os pelos púbicos estavam raspados em uma estreita franja ruiva para dissimulá-lo sob a roupa de ginástica. Suas pernas eram musculosas e a voz aguda e forte.

— Os especialistas dizem que a individualidade e a originalidade serão as características da ciência soviética do futuro. Os pais devem aceitar o novo curriculum e as novas matemáticas, que constituem passos progressistas na construção de uma sociedade melhor. Fez uma pausa para olhar para Arkady, que a olhava bebendo seu café no parapeito da janela. — Ao menos você podia fazer algum exercício.

Ainda que fosse alto e magro, um pouco de gordura aparecia por baixo de sua camiseta quando adotava uma postura descontraída. Seu cabelo sem pentear caía desalinhado. “É descuidado como o seu dono”, pensou ela.

— Conservo-me para formar parte de sociedades ainda melhores, disse ele.

Ela se inclinou sobre a mesa para ler os parágrafos sublinhados na Gazeta dos Professores, acumulando os restos de laranja e as cascas na mão, sem deixar de mover os lábios todo o tempo.

— Mas a individualidade não deve levar ao egoísmo ou a ambição, interrompeu a frase para olhar para Arkady. — Soou bem isso?

— Não a menção a “ambição”. Haverá muitos “ambiciosos” no auditório que terá em Moscou. Ela franziu o cenho e virou o rosto para outro lado, Arkady o passou a mão pela sua espinha dorsal.

— Não faça isso. Tenho que terminar este discurso.

— Quando você terá que discursar?

— Esta noite. A comissão do Partido do Distrito elegerá um de seus membros para que fale na reunião da próxima semana. De qualquer maneira você é o menos indicado para criticar os “ambiciosos”.

— Como Schmidt?

— Sim, ela respondeu ao cabo de um momento de reflexão. — Como Schmidt.

Zoya entrou no banheiro. Através da porta aberta ele a via lavar a boca, dar palmadinhas em seu ventre plano, pintar a boca com batom. Falava ao espelho.

— Pais de família! Suas responsabilidades não terminam ao concluir os seus turnos de trabalho. O egoísmo modifica o caráter do aluno em sua casa? Leu ultimamente as estatísticas sobre egoísmo e o filho único?

Arkady se afastou do parapeito da janela para ver o artigo que ela havia sublinhado. Intitulava-se “É necessário que as famílias sejam mais numerosas”. No banheiro, Zoya fazia girar um disco de pílulas anticoncepcionais. Eram pílulas polonesas. Não queria participar na “tarefa” social.

“Russos, procriem!, dizia o artigo. “Fertilizem os gloriosos óvulos das jovens russas para que as nacionalidades inferiores, os morenos turcos e armênios, os astutos georgianos e judeus, os traidores estonianos e letões, as nutridas hordas de ignorantes cazaques amarelos, tártaros e mongóis, os atrasados e mal-agradecidos uzbeques, não modifiquem com seus órgãos eretos o necessário equilíbrio da população entre os russos educados...” “Está demostrado que as famílias sem filhos ou com um filho, que constituem os trabalhadores nos centros urbanos da Rússia europeia, não favorecem o interesse da sociedade, já que podem ocasionar que no futuro faltem líderes russos.”. “Escassez futura de russos! Incrível”, Arkady pensou enquanto Zoya se estirava em sua barra de fazer exercícios.

— O estudante deve ser adestrado ideologicamente com rigor. Levantou a perna direita ao nível da barra. — Rigorosamente,

vigorosamente.

Imaginou hordas de esquecidos asiáticos correndo pelas ruas até o palácio gritando com os braços estendidos: “Temos fome de russos”. Um homem responderia do palácio vazio: “Sinto muito. Já não temos mais russos”.

— Quatro, Um, dois, três, quatro. A testa de Zoya tocou o seu joelho.

Na parede atrás da cama havia um pôster, muitas vezes reparado, mostrando três crianças, um africano, uma pequena russa e um chinês e trazia o lema “Um pioneiro é amigo das crianças de todas as nações!”. Zoya havia posado para representar a menina russa, e ao pôster ficar famoso outro tanto havia ocorrido com o bonito rosto russo. A primeira vez que alguém chamou a atenção na universidade sobre Zoya o fez lembrando que era a menina do “pôster pioneiro”. Ainda parecia uma menina.

— Do conflito se deriva a síntese. Zoya respirava profundamente. — A originalidade combinada com a ideologia.

— Para quem quer fazer o discurso?

— Um de nós tem que pensar na sua carreira.

— Estamos tão mal assim? Arkady se aproximou.

— Você ganha cento e oitenta rublos por mês e eu cento e vinte. Um capataz de fábrica ganha o dobro. Um técnico recebe três vezes esse valor. Não teremos aparelho de televisão, máquina lavadora, nem sequer eu tenho roupa nova. Poderíamos ter conseguido um dos veículos usados da KGB, isso poderia se ter conseguido.

— Não gostava do modelo.

— Poderia ser investigador do Comitê Central agora mesmo se fosse um membro mais ativo do Partido.

Ao se tocar os quadris a carne se contraiu simulando mármore. Seus peitos eram brancos e duros, seus extremos rosados, tensos. Esta combinação de sexo e Partido era uma ilustração gráfica de seu casamento.

— Para que insiste em tomar essas pílulas? Não fornicamos em meses.

— Se me estuprarem, disse.

Duas crianças, de pé junto à girafa de madeira do pátio, abrigados em suas capas e gorros para a neve olhavam como Arkady e Zoya entravam no carro. O veículo partiu na terceira tentativa e Arkady se dirigiu a Taganskaia.

— Natasha nos convidou a ir ao campo manhã, disse Zoya olhando para o para-brisa. — Disse que iríamos.

— Há uma semana que eu lhe falei desse convite e você não queria ir.

Zoya tapou a boca com o lenço. Fazia mais frio dentro do automóvel que fora, mas não gostava de abrir as janelas. Usava sue casaco grosso, seu gorro de pele de coelho, cachecol, botas, e permanecia em silêncio. No primeiro sinal vermelho limpou a condensação do para-brisa.

— Desculpe o almoço de ontem, disse ele. — Hoje pode? Zoya fitou-o pelo canto dos olhos. Houvera uma altura, recordou ele, em que costumavam passar horas debaixo dos lençóis quentes, em agradável contraste com o gelo acumulado na janela. Não conseguia se lembrar de que falavam. Ele teria mudado? Ou ela? Em quem se podia acreditar?

— Temos uma reunião, disse ela por fim.

— Todos os professores, o dia todo?

— O doutor Schmidt e eu, para combinarmos a parte do clube de ginástica na parada.

— Ah, Schmidt! Bom, eles tinham tanta coisa em comum! Além do mais era secretário do Comitê Distrital do Partido. Membro do conselho do Koinsomol de Zoya. Ginasta. O trabalho em comum tinha de engendrar um afeto recíproco. Arkady lutou contra o impulso de acender um cigarro, pois esse gesto teria tornado demasiadamente nítido o retrato de um marido ciumento.

Os alunos estavam formando quando Arkady chegou à escola 457. Embora os garotos devessem usar uniformes, a maioria ostentava os

lenços vermelhos de pioneiros sobre a sua roupa usada, mas bem cuidada.

— Volto tarde. Zoya saltou rapidamente do carro.

— Está bem. Ela segurou a porta do carro durante uns instantes. — Schmidt disse que eu devia me divorciar de você enquanto pudesse, acrescentou ela, fechando a porta.

A porta da escola os alunos gritaram o nome dela. Zoya se voltou para olhar para o carro e Arkady, que estava acendendo um cigarro. "Nitidamente uma inversão da teoria soviética", pensou ele. Da síntese para o conflito.

O inspetor voltou os seus pensamentos para os três crimes do Parque Gorki. Examinou-os à luz da doutrina penal soviética. A justiça, tal como qualquer escola, era educativa. Vejamos. Geralmente os bêbedos ficavam detidos apenas durante uma noite num posto de desintoxicação e depois eram mandados para casa. Quando o número de bêbedos nas valetas, apesar do custo cada vez mais elevado da vodca, se tomava muito grande, se lançava uma campanha sobre os horrores do álcool.

Os furtos nas fábricas eram constantes e enormes; era a faceta de empresa privada da indústria soviética. De uma maneira geral, um agente de fábrica desastrado ao ponto de se deixar caçar apanhava discretamente cinco anos de prisão, mas durante uma campanha contra os furtos era ruidosamente condenado ao fuzilamento. A KGB procedia da mesma maneira. A Casa de Reclusão de VIadimir desempenhava uma função educativa para os dissidentes endurecidos, "mas só a sepultura corrige a marreca", e, assim, para os piores inimigos do Estado havia uma lição final. Arkady acabara por descobrir que os dois cadáveres encontrados junto do Rio Kliazma eram um par de agitadores reincidentes, fanáticos da espécie mais perigosa: Testemunhas de Jeová.

Havia qualquer coisa acerca da religião que transformava o Estado na boca cheia de espuma de um cão raivoso. "Deus chorava, Deus chorava", dizia Arkady para consigo, embora sem saber onde tinha ido buscar aquela expressão. Todo o ressurgimento religioso, o mercado de

ícones, a restauração de igrejas punha o Governo a girar como um paranoico. Enfiar missionários na prisão redundava simplesmente em arranjar mais convertidos. Era preferível uma lição severa, uma bola de borracha vermelha para abafá-los, um gênero de fim anônimo que melhor provocasse boatos agourentos, e até mesmo o rio gelado podia servir para fins educativos. No entanto, o Parque Gorki não era a margem dum rio distante; era o próprio coração da cidade. Até mesmo Pribluda devia ter visitado o Parque Gorki quando era uma gorda criança, grosseiro participante de piqueniques, arrulhante namorado. Pribluda devia saber que o Parque Gorki era para recreio, não para educação. E os cadáveres tinham também meses e não dias. A lição era fria, excessivamente velha, inútil. Não era a justiça que Arkady se habituara a esperar e a detestar. Lyudin estava à espera junto de uma mesa cheia de slides e fotografias, como um prestidigitador rodeado por arcos e lenços.

— O Departamento de Medicina Legal tem se farto de trabalhar para si, Investigador-Chefe. Os resultados são fascinantes. “Lucrativos também”, pensou Arkady. Lyudin requisitara produtos químicos que davam para abastecer um estabelecimento particular, e provavelmente assim era.

— Estou impaciente.

— Conhece o princípio da cromatografia de gás, o efeito de um gás em movimento sobre um material solúvel estacionário...

— Falo sério , retorquiu Arkady. — Estou impaciente repetiu.

— Bom. O diretor do laboratório suspirou, — Para resumir, o crornatógrafo descobriu nas roupas de todas as vítimas grãos muito finos de gesso e de serragem, e nas calças do PG-2 um minúsculo vestígio de ouro. Aspergimos as roupas com luminol, transportámo-las para uma câmara escura e se observou fluorescência, indicando sangue. A maior parte do sangue provinha, como era de esperar, das vítimas. As manchas pequenas, contudo, não eram de sangue humano, mas sim de frango e peixe. Descobrimos também um pormenor muito curioso nas roupas. Lyudin pegou num desenho dos corpos vestidos nas posições em que tinham sido encontrados. — Havia uma zona de sombra na parte da frente da mulher deitada e ao longo dos braços e pernas dos homens. Na área escura, e só nessa, encontramos vestígios de carbono, gorduras

animais e ácido tânico. Por outras palavras, depois de os corpos se encontrarem parcialmente cobertos pela neve, provavelmente no espaço de quarenta e oito horas, foram também ligeiramente cobertos com cinzas de um fogo próximo.

— O fogo da Fábrica de Curtumes Gorki, disse Arkady.

— É óbvio. Lyudiri não pôde evitar um sorriso. — A três de fevereiro, o fogo da Fábrica de Curtumes Gorki espalhou uma camada de cinzas por uma vasta área do distrito de Octobryskaya. Entre um e dois de fevereiro caíram trinta centímetros de neve. E entre três e cinco de fevereiro caíram vinte centímetros. Se tivéssemos mantido intacta a neve da clareira, talvez tivéssemos mesmo conseguido descobrir uma camada de cinzas. De qualquer modo, essa parece ser a data do crime para si.

— Excelente trabalho, disse Arkady. — Julgo que não precisamos agora analisar a neve.

— Analisamos também as balas. Em todas elas se encontraram várias partículas das roupas e tecidos das vítimas. A bala com a referência PG-B também tinha pedacinhos de couro curtido, não relacionado com o vestuário das vítimas.

— E pólvora?

— Nenhuma nas roupas de PG-1, mas ligeiros vestígios nos casacos de PG-2 e PG-3, indicando que foram mortos a curta distância, acrescentou Lyudin.

— Não indicando que foram assassinados depois de PG— 1, disse Arkady. — Alguma coisa nos patins?

— Nem sangue, nem gesso, nem serragem. Não são patins de primeira qualidade.

— Refiro-me a identificação. As pessoas costumam por os seus nomes nos patins, coronel.

* * *

No seu própria sala na Novokuznetskaya, Arkady disse:

— Esta é a clareira do Parque Gorki. Você, apontou para Pasha, — É a Besta. Detetive Fet, você é o Ruivo. Esta, colocou uma cadeira entre eles dois, — É a Beleza. Eu sou o assassino.

— Você disse que podia haver mais do que um assassino, observou Fet.

— Sim, desta vez vamos fazer isto ao contrário em vez de tentarmos adaptar os fatos à teoria.

— Muito bem. Sou um pouco fraco em teorias, observou Pasha.

— É Inverno. Andamos patinando juntos. Somos amigos, ou, pelo menos, conhecidos. Saímos da pista da patinagem para irmos para a clareira, próxima mas oculta do caminho devido às árvores. Porquê?

— Para conversarmos, sugeriu Fet.

— Para comer! Exclamou Pasga. — É para isso que as pessoas patinam, para poder parar e comer uma empada de carne, queijo, pão e compota, e certamente para uma rodada de vodca ou brandy.

— Fui eu que convidei, continuou Arkady. — Escolhi este lugar. Trouxe a comida. Estamos descansando, beberricando vodca, e nos sentimos bem.

— Nessa altura, você nos mata? Dispara uma arma do bolso do seu casaco? Perguntou Fet.

— Provavelmente dispararia para os seus pés se tentasse isso, respondeu Pasha. — Você está pensando no couro da bala, Arkady. Olhe, você trouxe a comida. Mas não podia trazer tanta comida nos seus bolsos. Admitamos que foi num saco de couro.

— Estou oferecendo a comida do saco.

— E eu não desconfio de nada quando você ergue o saco até à altura do meu peito. Primeiro eu porque sou o maior e mais duro, Pasha fez um aceno com a cabeça, hábito seu quando era forçado a pensar. — Bang!

— Certo. É por isso que há couro na primeira bala, mas nenhuma pólvora no casaco da Besta. A pólvora escapa pelo buraco do saco nos tiros seguintes.

— E o barulho? Objetou Fet, mas os outros ignoraram a observação.

— O Ruivo e a Beleza não veem nenhuma arma. Pasha estava excitado, abanando a cabeça furiosamente. — Eles não sabem o que está acontecendo. Especialmente se supõem que somos amigos. Eu passo o saco ao Ruivo. O dedo de Arkady apontou para Fet: — Bang! Apontou para a cadeira. — Entretanto, a Beleza teve tempo de gritar. Por uma razão qualquer não o faz, eu sei que ela nem sequer tentará fugir.

Lembrou-se do corpo da jovem entre os dois homens. — Mato-a. Depois dou um tiro na cabeça de cada homem.

— Coup de grâce. Com toda a limpeza, aprovou Pasha.

— Mais o barulho! Fet estava todo corado. — Não aceito o que vocês dizem, há muito barulho. De qualquer modo, disparar na boca de uma pessoa não é nenhum coup de grâce.

— Detetive. Arkady encolheu o dedo. — Tem razão. Por isso vou disparar contra si por outro motivo, um bom motivo para me atrever a disparar mais duas vezes.

— Qual é? Perguntou Pasha.

— Quem me dera saber! Agora puxo da minha faca e retalho os seus rostos. Provavelmente me sirvo de um alicate nos seus dedos. Ponho outra vez tudo no saco. Você se serviu de uma automática. Pasha estava inspirado. — Faz menos barulho do que um revólver, e os cartuchos foram ejetados para dentro do saco. Foi por isso que não encontramos nenhum na neve.

— A que hora do dia? Insistiu Arkady.

— Tarde, respondeu Pasha. — Para haver menos possibilidades de outros patinadores pararem na clareira. Talvez estivesse nevando, isso abafaria ainda mais os tiros. Quando não nevou este Inverno? Portanto, é escuro e está nevando quando você sai do parque. E é menos provável que alguém me veja atirar o saco para o rio. Certo! Pasha bateu as palmas. Fet se sentou na cadeira.

— O rio estava congelado, disse ele.

— Merda! As mãos de Pasha caíram.

— Vamos comer, sugeriu Arkady. Pela primeira vez em dois dias estava com apetite.

O café junto da estação do metrô, do outro lado da rua, reservava uma mesa para os inspetores. Arkady comeu peixe, pepino com creme azedo, salada de batata, pão e cerveja. O velho Belov se juntou ao grupo e começou a recordar histórias de guerra acerca do pai de Arkady.

— Isto foi muito no princípio, antes de nos termos reagrupado. Belov piscou um olho. — Eu era o motorista do general num BA-20.

Arkady se lembrava da história. O BA-20 era um velho carro

blindado constituído por uma torre de metralhadora em forma de mesquita assentada num chassis Ford. A unidade que o pai comandava, formada por três BA-20, ficou retida uma centena de quilômetros por detrás das linhas alemãs durante o primeiro mês da guerra, mas ele acabara por escapar com as orelhas e medalhas do comandante de um grupo SS. A história das orelhas virara piada. Os Russos aceitavam a violação e o massacre como aspectos secundários e normais da guerra. Acreditavam candidamente que os Americanos escalpelavam e que os Alemães comiam crianças. O povo que formava uma nação de revolucionários endurecidos se horrorizava com a ideia de um troféu humano tomado por um russo. Era pior do que horrível, para o invencível, embora ligeiramente receoso proletariado; isso representava a pior das manchas: a falta de cultura. O boato acerca das orelhas pairou sempre sobre a carreira do general depois da guerra.

— O boato das orelhas é falso, garantiu Belov à mesa. Arkady, porém, se lembrava das orelhas. Costumavam ficarem penduradas numa parede do escritório do pai, se assemelhando a bolos mirrados.

— Quer mesmo que eu fale com todos estes vendedores? Pasha enrolou um pedaço de carne fria no garfo. — Tudo o que dirão é que querem ver expulsos os ciganos do parque.

— Fale também com os ciganos. Agora já temos uma data, princípios de fevereiro, disse Arkady. — E descubra as músicas para patinar que eles tocam nos alto-falantes.

— Encontra-se muitas vezes com o general seu pai? Perguntou Fet.

— Poucas.

— Estou pensando naqueles pobres diabos do posto da Milícia lá do parque, disse Pasha. — Um simpático posto, numa sólida cabana de madeira, fogão bem quente, tudo. Não admira que ignorem que os bosques estão cheios de cadáveres. No seu próximo posto é que vão se fartar de ver bosques, ursos polares. Esquimós também...

Belov e Fet atraíram a atenção de Arkady, Para sua surpresa, aquelas almas gêmeas estavam atacando energicamente o culto da personalidade.

— Referem-se ao camarada Stálin? Perguntou ele. Fet

empalideceu. — Falávamos da Olga Korbut.

Chuchin chegou. O Investigador-Chefe dos Casos Especiais reunia um conjunto das feições mais vulgares. O projeto de um homem. Informou Arkady que Lyudin tinha telefonado por causa de um nome que encontrara nos patins.

* * *

Acima da monotonia de Moscou, no alto das colinas Lênin, ficavam os estúdios da Mosfilm. Existiam outros estúdios no país: Unfilm, TadjikfIlm, Uzbekfiim, mas nenhum deles era tão grande e prestigioso como a Mosfilm. Um dignitário em visita era transportado numa limusine ao longo do muro alaranjado do complexo, transpunha o portão, passava por um jardim e, voltando à direita, chegava à porta de entrada do pavilhão central, onde administradores, realizadores famosos, sempre com grandes óculos e cigarros, e simpáticas atrizes com flores se alinhavam para cumprimentá-lo. Aí se veria rodeado por muitos e enormes pavilhões, compreendendo estúdios de filmagem, edifícios dos cenaristas, edifícios dos administradores, hangares de cenários, laboratórios de revelação, armazéns e longas extensões de terreno com carros tártaros, tanques Panzer e naves espaciais. Tudo isto constituía uma verdadeira cidade, com a sua população sempre crescente de técnicos, artistas, censores e figurantes, estes em número extraordinário devido a uma propensão para as cenas de multidões, e porque, sem limitações orçamentais, os filmes soviéticos podiam se permitir a utilização de grandes massas e porque, para muita gente nova, obter um cartão de ator na Mosfilm, mesmo como mero figurante, era como que nascer de novo.

Não sendo dignitário nem convidado, Arkady teve de descobrir o seu caminho até ao pavilhão central e aos montículos de neve que se acumulavam diante do edifício da administração. Uma jovem carrancuda segurava uma tabuleta escrita a giz em que se pedia “Silêncio!”. Reparou que tinha chegado a um cenário ao ar livre, um jardim de macieiras em vasos enterrados na relva quente do pôr do sol outonal. Um homem envergando um pretensioso vestuário do século XIX folheava um livro junto a uma mesa de jardim de ferro forjado

branco. Por trás dele havia uma parede falsa com uma janela aberta que deixava ver um candeeiro de petróleo em cima dum piano. Um segundo homem em traje grosseiro e boné avançou na ponta dos pés ao longo da parede, puxou de um revólver de cano comprido e apontou.

— Meu Deus! O homem que lia deu um salto.

Alguma coisa estava errada, alguma coisa parecia estar sempre errada, e eles continuaram a repetir a cena. O realizador e os operadores, de ar maldisposto e elegantes casacos de couro, praguejavam com as assistentes de produção, que eram bonitas jovens vestidas de malha. Todos eles manifestavam um misto de aborrecimento e tensão. A multidão circunstante é que estava interessada. Todos os que se encontravam perto sem mais nada para fazer, eletricistas, motoristas, mongóis de corpos pintados, pequenas bailarinas tímidas, observavam num silêncio extasiado o drama da filmagem, muito mais interessante do que o drama que estava sendo filmado.

— Meu Deus! Você me assustou! O homem que lia tentou de novo.

De pé, e o mais discretamente possível, junto do caminhão gerador que alimentava as luzes, Arkady teve tempo de sobra para descobrir a assistente do guarda-roupa. Era alta, de olhos escuros, pele clara e cabelo castanho apertado atrás. O seu casaco de malha estava mais coçado e era mais curto que os das outras jovens, lhe descobrindo os pulsos. De pé e estática, segurando o roteiro, tinha a imobilidade de uma fotografia. Como se tivesse sentido o olhar de Arkady, olhou para ele, e a este pareceu que os seus olhos se tinham momentaneamente iluminado. A assistente desviou de novo a sua atenção para a cena do jardim, mas não antes do inspetor notar o sinal que existia no lado direito do rosto dela. Na fotografia da Milícia o sinal era acinzentado. Ele via agora que se tratava de uma descoloração azul, pequena, mas que chamava a atenção por a jovem ser muito bonita.

— Meu Deus! Você me assustou! O homem que lia piscou os olhos para o revólver que o ameaçava. — Já ando tão nervoso e você ainda me faz essa estúpida brincadeira!

— Almoço! Exclamou o realizador e se afastou.

Esta cena também já se passara antes, pois os atores e pessoal partiram com a mesma pressa, fazendo dispersar os espectadores. Arkady viu a assistente do guarda-roupa colocar panos sobre a mesa de jardim e as cadeiras, apanhar uma flor murcha e apagar o candeeiro que estava em cima do piano. O casaco dela estava pior do que coçado; os remendos tinham se juntado aos quadrados de que era feito, transformando-o numa estranha colcha de retalhos. Tinha um lenço cor de laranja de má qualidade à volta do pescoço. As botas eram de vinil vermelho. Um conjunto incrível, e no entanto ela ostentava-o com tanta segurança, que outra mulher que a visse poderia pensar: “Claro, é assim que eu me devia vestir, com coisas do caixote do lixo.”. Sem os projetores, o jardim ficou sombrio. Ela esboçou um sorriso.

— Irina Asanova? Perguntou Arkady.

— E você? Ela tinha uma voz grave, com um sotaque siberiano. — Conheço bem todos os meus amigos e tenho a certeza de que não o conheço.

— Parece ter notado que vim falar consigo.

— Não é o primeiro a vir me atrapalhar enquanto trabalho. Tudo isto foi dito mantendo o sorriso, como se não envolvesse ofensa. — Fico sem almoçar, suspirou ela. — Terei de fazer dieta. Tem um cigarro?

Uns caracóis tinham escapado do rolo da trança. Irina Asanova tinha vinte e um anos, se recordou Arkady de ter visto na ficha da Milícia. Quando lhe acendeu o cigarro, ela abrigou a chama com a mão, de dedos compridos e frios. O toque sexual foi uma manobra tão notória que Arkady ficou surpreendido, até lhe ver nos olhos que estava rindo dele. Eram uns olhos tão expressivos que teriam tomado interessante a jovem mais feia.

— Os homens dos Casos Especiais costumam ter melhores cigarros, devo informá-lo, disse ela, enquanto aspirava o fumo com sofreguidão. — Isto faz parte duma campanha para me porem na rua? Se correrem comigo daqui, arranjo outro emprego.

— Não sou dos Casos Especiais nem da KG13. Veja. Arkady lhe mostrou o seu cartão de identidade.

— Isso é diferente, mas não muito diferente. Devolveu-lhe o cartão.

— O que o Investigador-Chefe Renko deseja de mim?

— Encontramos os seus patins de gelo. Ela levou um momento a compreender.

— Os meus patins! Riu. Encontraram-nos mesmo? Perdi-os há já meses.

— Encontrámo-los num cadáver.

— Ótimo. É para aprenderem. No fim de contas sempre há uma justiça. Espero que tenha morrido gelado. Por favor, não fique chocado. Sabe durante quanto tempo precisei economizar para comprar esses patins? Olhe para as minhas botas. Vá, olhe para elas. Ele viu que as botas estavam se rasgando no local dos fechos-éclair. De repente Irina Asanova se apoiou no ombro dele e tirou uma bota. Tinha pernas compridas e graciosas. — Nem sequer uma palmilha. Esfregou o pé nu. — Viu o realizador deste filme? Prometeu-me um par de botas italianas forradas se eu fosse para a cama com ele. Acha que devo ir? Parecia ser uma pergunta objetiva.

— O Inverno está quase no fim, respondeu ele.

— É verdade. Ela voltou a calçar a bota. Aquilo que impressionou Arkady, além das pernas dela, foi a naturalidade com que desempenhara a cena, como se não se preocupasse com o que dizia ou fazia. — Num morto, disse ela. — Já me sinto melhor. Sabe, eu participei o roubo dos patins no rinque e à Milícia.

— A verdade é que você só participou o desaparecimento deles em quatro de fevereiro, embora dissesse que os tinha perdido em vinte e um de Janeiro. Não soube antes que os tinha perdido?

— Geralmente não é quando queremos voltar a usar qualquer coisa que descobrimos que a perdemos? Não acontece isso consigo, inspetor? Levei algum tempo para descobrir onde os tinha deixado, depois corri para o rinque. Tarde demais.

— Talvez que entretanto se tenha lembrado de qualquer coisa ou de alguém que não tenha mencionado à Milícia quando participou o roubo. Tem alguma ideia de quem possa ter roubado os patins?

— Desconfio. Fez uma pausa para produzir um efeito cômico, — De toda a gente.

— Também eu, disse Arkady muito sério.

— Temos então qualquer coisa em comum ela riu, encantada. — Imagine! Mas assim que ele começou a rir ela atalhou-o com

brusquidão. — Um Investigador-Chefe não vem me falar dos meus patins, declarou ela. — Eu contei à Milícia tudo o que sabia. O que você quer?

— A jovem que tinha os seus patins calçados foi assassinada. Foram encontrados outros dois cadáveres junto dela.

— O que tenho eu a ver com isso?

— Pensei que talvez pudesse ajudar.

— Se eles estão mortos, não posso ajudar. E acredite que não posso fazer nada por si. Fui aluna de Direito. Se quer me prender precisa ter consigo um miliciano. Vai me prender?

— Não...

— Então se não quer que eu perca o meu trabalho, vá embora. As pessoas aqui têm medo de si, não querem vê-lo por aqui. Não vai voltar, não é?

Arkady estava espantado consigo mesmo por deixar aquela insignificante jovem conduzir a cena. Por outro lado, sabia o que acontecia com os alunos que eram expulsos da universidade e depois se agarravam a qualquer emprego que aparecesse para não perderem a sua licença de habitar em Moscou e não serem recambiados para a terra. Para a Sibéria, no caso dela.

— Não, concordou ele.

— Obrigada. O olhar solene dela se tornou prático. Antes de ir embora, não podia me dar outro cigarro?

— Fique com o maço. A equipe do filme estava regressando ao local. O ator do revólver estava bêbado e apontou-o a Arkady. Irina Asanova perguntou ao inspetor quando este começou a se afastar:

— A propósito, como achou a cena?

— Parece Tchekhov, respondeu ele por cima do ombro, — Mas ruim.

— É Tchekhov, disse ela, — E é uma droga. Você não perde nada.

* * *

Levin estava estudando um tabuleiro de xadrez quando Arkady entrou na sala.

— Vou lhe fazer um resumo da história da nossa Revolução. Levin não levantou os olhos das peças brancas e pretas. — Quando o homem, com o tempo, se habitua ao assassínio, começa a achar o roubo natural, e do roubo passa à linguagem baixa e ao ateísmo e em seguida a abrir portas sem bater antes. Movem-se as pretas.

— Dê-me licença? Perguntou Arkady.

— À vontade. Arkady fez uma clareira no centro do tabuleiro e colocou lá três peões pretos deitados.

— Beleza, Besta e Ruivo.

— O que está fazendo? Levin contemplava a devastação sofrida pelo seu jogo.

— Parece que lhe escapou qualquer coisa.

— Como sabe?

— Deixe-me fazer uma revisão. Três vítimas, todas mortas com um tiro no peito.

— Duas também com tiros na cabeça, portanto como sabe quais foram os primeiros tiros?

— O assassino planejou tudo cuidadosamente, afirmou Arkady. — Retira os papéis de identificação, limpa os bolsos das vítimas, esfola os rostos e corta as extremidades dos dedos para eliminar os sinais de identificação. No entanto, corre o risco suplementar de disparar mais duas balas no rosto das vítimas do sexo masculino.

— Para se certificar de que as deixou bem mortas.

— Ele sabe que morreram. Mas num dos homens há outro sinal de identificação para apagar. Talvez tenha disparado primeiro para a cabeça e depois para o coração.

— Então lhe pergunto- eu. Levin fez uma pausa. — Porque não fez o mesmo à jovem?

— Não sei.

— E eu lhe digo, como perito que você não é, que uma bala desse calibre não provocaria uma desfiguração tal que os homens não pudessem ser identificados. Além disso, o carniceiro já tinha lhes esfolado os rostos.

— Diga-me então, como perito: para que serviram as balas?

— Se os dois homens já estavam mortos, Levin cruzou os braços, — Apenas para uma destruição local. Por exemplo, dos dentes, ponto que nós já discutimos.

Arkady ficou em silêncio. Levin abriu uma gaveta e tirou de lá duas caixas marcadas PG-1 e PG-2. Da caixa PG-1 despejou na sua mão dois incisivos quase intactos.

— Bons dentes, comentou Levin. — Com estes até quebrava nozes.

Os dentes da caixa PG-2 não se encontravam em tão bom estado. Nela havia um incisivo quebrado e uma porção de fragmentos e pó.

— A maior parte de um dos dentes se perdeu na neve. Contudo, aquilo que analisamos mostra esmalte, dentina, massa, polpa desidratada, manchas de tabaco e vestígios de chumbo.

— Uma obturação? Perguntou Arkady.

— Calibre nove. Levin usou o calão do armamento. Satisfeito?

— Este era o Ruivo, o rapaz que pintava o cabelo, não era?

— PG-2, pelo amor de Deus!

Ruivo se encontrava no andar de baixo num frio carro de metal. Empurraram o cadáver para a sala de autópsia, Arkady chupando um cigarro.

— Dê-me luz. Levin afastou-o com o cotovelo. — Julgo que detesta este trabalho. A parte central do maxilar superior era um buraco rodeado de segundos incisivos castanhos. Com uma inça, Levin retirou fragmentos do maxilar, que colocou numa placa de vidro húmida. Quando os depósitos cobriram a placa, ele se dirigiu ao microscópio. — Você sabe sempre o que procura, ou simplesmente adivinha? Perguntou ele a Arkady.

— Adivinho, mas ninguém rouba um cofre vazio.

— Dê-lhe o sentido que quiser.

O patologista aproximou o olho do microscópio enquanto dava voltas nos ossos quebrados. Começando por dez ampliações, fez rodar as lentes da objetiva. Arkady puxou uma cadeira e se sentou de costas voltadas para o cadáver enquanto Levin retirava da placa de vidro um fragmento de osso de cada vez.

— Mandei para o seu gabinete um relatório que você provavelmente não viu, disse Levin. — As extremidades dos dedos foram cortadas com alicates. As feridas apresentavam sulcos distintos e opostos. O tecido facial não foi removido com um escalpelo, os cortes não são muito superficiais, aliás existem fortes entalhes no osso. Eu diria que fora usada uma grande faca, talvez uma faca de caça extraordinariamente afiada. Na placa ficara uma poeira fina. — Dê uma olhadela nisto. Ampliada duzentas vezes, a poeira parecia cascalho de marfim entremeado de madeira rosada.

— O que é?

— Guta-percha. O dente se quebrou desta maneira porque estava morto e quebradiço. Tinham-lhe feito um tratamento no canal da raiz e a guta-percha fora aí inserida em lugar do nervo.

— Não sabia que se fazia isso aqui.

— Não se faz aqui. Os dentistas europeus não usam guta-percha, só os americanos. Levin troçou do trejeito de Arkady. — A sorte não é nada de que nos possamos orgulhar.

— Não estou orgulhoso.

* * *

De regresso a Novokuznetskaya, ainda de sobretudo, Arkady escreveu à máquina:

**RELATÓRIO SOBRE OS HOMICÍDIOS DO PARQUE GORKI**

**A análise patológica da vítima PG-2 mostra vestígios da presença de guta-percha no canal da raiz do incisivo da metade superior direita. O patologista afirma que esta técnica não é seguida na odontologia soviética ou europeia. É habitual nos EUA. PG-2 é também a vítima que se disfarçava pintando o seu cabelo ruivo de castanho.**

Após a sua assinatura e referiu a hora, tirou o relatório da máquina, preparou a cópia e levou o original até à porta do lado tão enternecidamente como se tratasse da comutação de uma sentença. lamskoy não estava lá. Arkady colocou o relatório no meio da mesa do promotor.

Quando Pasha regressou à tarde, o inspetor estava em mangas de camisa folheando uma revista. O detetive pousou o seu gravador e se

deixou cair numa cadeira.

— O que é isso, reforma prematura?

— Não, Pasha. Um balão, uma bolha que se eleva para o céu, uma águia voando para a liberdade, em resumo, um homem que conseguiu com êxito fugir à responsabilidade.

— Do que você está falando? Acabo de desvendar o caso.

— O caso está encerrado para nós. Arkady referiu o que os dentes do morto tinham revelado.

— Um espião americano?

— Quem se importa com isso, Pasha? Qualquer americano morto serve. Pribluda terá agora de se ocupar do processo.

— E ficar com os louros!

— Tanto melhor para ele. Este caso devia ter sido dele desde o princípio. Uma execução tripla não é o nosso gênero.

— Eu conheço a KGB. São uns canalhas. Depois de nós termos feito todo o trabalho...

— Que trabalho? Não sabemos quem são as vítimas, muito menos quem as assassinou.

— Recebem o dobro dos detetives, têm as suas lojas especiais e sofisticados clubes desportivos. Pasha continuou a desenvolver o seu tema. — Sabe me dizer porque estão em melhor situação do que eu, porque é que nunca fui recrutado? Que culpa tenho eu que, por acaso, o meu avô tivesse sido um príncipe? Não, é preciso se ter pedigree, suor e nome de dez gerações, ou falar dez línguas.

— Pribluda deve batê-lo no suor e no nome. Quanto a línguas, não me parece que fale mais do que uma.

— Eu podia falar francês ou chinês se tivesse oportunidade.

— Fala alemão.

— Toda a gente fala alemão. Não, a história da minha vida é típica. Agora vão eles ficar com os louros depois de nós termos desmascarado aquilo... Ou algum... Algum...

— Dente.

— Vá-se foder... Uma expressão muito nacional de raiva, não um insulto.

Arkady deixou Pasha com os seus queixumes e foi até a sala de

Nikltin. O Investigador-Chefe das Diretivas Governamentais não se encontrava lá. Com uma chave que estava na mesa de Nikitin, Arkady abriu um cofre de madeira que continha uma lista telefônica da cidade e quatro garrafas de vodca.

— Com que então você preferia ser um canalha do que um bom detetive, disse ele a Pasha quando regressou. Inconsolável, o detetive fitava o solo. Arkady encheu dois copos de vodca. — Beba.

— A quê? Murmurou Pasha.

— Ao seu avô, o príncipe! Sugeriu Arkady. Pasha corou, embaraçado. Olhou pela porta aberta para o vestíbulo. — Ao czar! Acrescentou Arkady.

— Por favor! Pasha fechou a porta.

— Então beba apenas.

Depois de alguns copos, Pasha já não estava tão abatido. Brindaram pela descoberta do capitão Levin, pelo triunfo da justiça soviética e pela abertura da rota marítima para VIadivostok.

— Pelo único homem honesto de Moscou, sugeriu Pasha.

— Quem? Perguntou Arkady, à espera de uma piada.

— Você, disse Pasha e bebeu.

— A verdade é que, Arkady olhou para o seu copo, — Aquilo que temos andado fazendo nos últimos dois dias não tem sido muito honesto. Levantando os olhos, notou que a boa disposição do detetive estava desaparecendo de novo. — Seja como for, você disse que tinha “desvendado o caso” hoje. Conte-me como foi.

Pasha encolheu os ombros, mas Arkady insistiu, sabendo que o detetive desejava que ele o fizesse. Um dia passado a falar com as vovós devia ter alguma recompensa.

— Ocorreu-me, Pasha procurava falar com naturalidade, — Que talvez mais alguma coisa além da neve tivesse abafado o ruído dos tiros. Depois de ter gasto a maior parte do dia com os vendedores ambulantes, fui falar com a velhota encarregada de pôr os discos na instalação sonora do parque para a patinação durante o Inverno. Ela tem um quartinho num edifício junto da entrada de Krirasky Val. Perguntei-lhe: “Põe

discos barulhentos?” Ela respondeu: “Só música suave para patinar”. Perguntei-lhe: “Tem algum programa das músicas que costume seguir todos os dias?”. Ela respondeu: “Os programas são para a televisão, eu só toco discos para patinar, discos calmos tocados por um simples operário, os mesmos que tenho desde a guerra, quando estava na artilharia. Ganho o meu trabalho honestamente”, disse ela “atendendo à minha incapacidades”. Disse-lhe: “Não tenho nada com isso, só quero saber a ordem dos discos que toca.”. “A ordem certa?”, disse ela. “Começo pelo topo da pilha e vou continuando, e quando já não há mais discos sei que são horas de ir para casa”. “Mostre-me”, lhe pedi. A velhota me trouxe uma pilha de quinze discos. Estão mesmo numerados de um a quinze. Eu estava pensando que os tiros deveriam ter ocorrido por volta do fim do dia, por isso comecei pelo fim. O número quinze é, claro, o Lago dos Cisnes. O número catorze, quer adivinhar? A Abertura 1812. Canhões, sinos, tudo. Finalmente comecei a entender. Porque que os discos eram numerados? Segurei no disco diante da boca e lhe perguntei: “Põe os discos muito alto?” Ela me olhou simplesmente; não ouviu nada. A velhota é surda, é essa a sua incapacidade, e é ela que põe os discos no Parque Gorki!

* * *

# Três

UM FIM-DE-SEMANA no campo com a última neve do Inverno. Os limpadores de para-brisa varrendo flocos grossos como penas de ganso. Uma garrafa de vodca para compensar a falta de aquecimento do carro. O ranger entusiástico de pneus. Tambores, cornetas, campainhas repicando num trenó. Para frente! Zoya ia sentada no banco de trás com Natasha Mikoyan; Arkady na frente com Mikhail Mikoyan, o seu amigo mais antigo. Os dois homens tinham estado juntos no Komsomol, no Exército, na Universidade de Moscou e na Faculdade de Direito. Tinham lido os mesmos poetas, partilhado as mesmas ambições e farras, e, até, às vezes, as mesmas jovens. Delgado, com cara de bebê e caracóis, Misha seguira diretamente da Faculdade de Direito para a Associação de Advogados da Cidade de Moscou. Oficialmente, os advogados de defesa não recebiam mais do que os juízes, isto é, duzentos rublos por mês. Não oficialmente, os clientes pagavam o dobro ou mais, razão por que Misha podia comprar bons ternos, um anel com um rubi para o dedo mínimo, peles para Natasha, uma casa no campo e um Zhiguli de duas portas para chegar lá.

Natasha, morena e tão miudinha que vestia roupas de criança, contribuía com o seu ordenado de cronista da agência noticiosa Novosti e um aborto por ano; não podia tomar a pílula, embora fornecesse as amigas. Pouca bagagem neste trenó. Para frente. A dacha ficava trinta quilômetros a leste de Moscou. Como sempre, Misha convidara mais ou menos oito amigos para partilharem a casa. Quando o carro dos proprietários chegou e eles entraram sacudindo a neve das botas, os braços carregados de pão, frascos de arenques e garrafas de álcool, foram acolhidos por um casal jovem que encerava os esquis e por um homem gordo, de camisa apertada, que tentava acender a lareira. Foram chegando depois outros convidados: um realizador de filmes educativos e a sua amante; um bailarino arrastado pela mulher. Os esquis caíam,

quase continuamente, no chão. Homens numa sala, mulheres na outra, os recém-chegados trocavam o vestuário por um mais leve. Uma manhã branca, Misha acenava com entusiasmo. Neve mais preciosa do que rublos.

Zoya disse que ficaria acompanhando Natasha; que convalescia ainda do seu último aborto. Lá fora a neve deixara de cair e havia uma espessa camada no chão. Misha se sentia radiante ao abrir o seu próprio caminho através dos bosques. Arkady se contentava em segui-lo e parar de vez em quando para admirar as montanhas baixas; tinha uma passada longa e calma, e ganhar terreno de Misha na sua marcha febril não representava dificuldade. Ao fim de uma hora descansaram para que Misha pudesse limpar o gelo acumulado entre os sapatos e os esquis. Arkady tirou os esquis e se sentou. Bafos brancos, árvores brancas, neve branca, céu branco. “Esguias como mulheres”, eram vulgarmente intituladas as bétulas. E também de “muletas dos poetas”, pensou Arkady. Misha arrancava o gelo da mesma maneira como trabalhava no tribunal: com fúria, dramaticamente. Quando rapazinho tivera uma voz fortíssima, tão contrastante como uma vela enorme numa pequena embarcação. Martelava os esquis.

— Arkady, estou com um problema, e deixou cair os esquis.

— Quem é ela desta vez?

— Uma nova escriturária, provavelmente com menos de dezenove anos. Parece-me que a Natasha desconfia. Pois bem, eu não jogo xadrez nem pratico esportes, o que mais me resta? O mais ridículo é que esta garota deve ser a pessoa mais ignorante que eu já conheci, mas vivo dependente das suas opiniões. O romance não é uma coisa bonita, quando se aprofunda a questão. Bom, abriu o casaco e puxou duma garrafa de vinho, — Um pouco de Sauterne francês subtraído da casa daquele bailarino que viu aos pulos quando chegamos. O melhor vinho do mundo para a sobremesa. Não trago sobremesa, mas quer um pouco? Misha retirou o estanho da parte superior e estendeu a garrafa a Arkady, que bateu no fundo e fez saltar a rolha. Tomou um gole. O vinho era cor de âmbar e açucarado.

— Doce? Misha reparou na careta de Arkady.

— Não tão doce como certos vinhos russos, declarou Arkady com

patriotismo.

Revezaram-se nas goladas. Caía neve dos ramos, às vezes com um baque surdo, outras ligeira e rapidamente como os passos de uma lebre. Arkady gostava de estar com Misha, mas as melhores partes eram quando Misha se calava.

— Zoya ainda fala no Partido? Perguntou Misha.

— Eu sou membro do Partido, tenho um cartão.

— Muito pouco. Porque não é mais ativo? Uma reunião uma vez por mês, onde pode ler o jornal se tiver vontade. Uma vez por ano podia votar, duas vezes por ano fazer circular uma petição contra a China ou o Chile. Nem sequer faz isso! A única razão por que tem um cartão é porque se não tivesse não seria Investigador-Chefe. Toda a gente sabe disso, por isso bem podia tirar alguns benefícios daí, ir de vez em quando até à Comissão Distrital e fazer contatos.

— Tenho sempre fortes motivos para faltar às reuniões.

— Com certeza. Não admira que Zoya esteja furiosa. Devia pensar um pouco mais nela. Com a sua folha de serviços era canja ser inspetor da Comissão Central. Viajava por toda a parte, verificando a maneira como as leis são aplicadas, acompanhando as campanhas, fazendo os generais da Milícia local cagar nas calças.

— Não me parece muito atraente.

— Isso não importa. O principal é que teria acesso às lojas da Comissão Central, ficarias nos primeiros lugares na lista para as visitas ao estrangeiro, e se aproximaria dos homens da Comissão Central que fazem as principais nomeações. Começava a subir a escada. “O céu parecia de porcelana. Rangeria se esfregasse o polegar lá”, pensou Arkady. — Estou gastando o meu latim, disse Misha. — Devia falar com lamskoy, ele gosta de você.

— Gosta?

— O que o tornou tão célebre, Arkady? O recurso Viskov. Perante o Supremo Tribunal, lamskoy denuncia as autoridades que prenderam e condenaram injustamente à quinze anos por assassínio o jovem operário Viskov. O promotor da cidade de Moscou, lamskoy, se arvora assim de repente em defensor dos direitos individuais. Praticamente como Gandhi, segundo o Pravda. E quem é que reabriu a investigação? Você.

Quem forçou lamskoy a agir ameaçando protestar sozinho nas publicações forenses? Você. Por isso, lamskoy, ao ver que não é possível fazê-lo mudar de ideia, toma o rumo completamente oposto e se torna o ousado herói da história. Ele lhe deve muito. Talvez deseje também nunca mais voltar a lhe pôr os olhos em cima.

— Desde quando conversa com lamskoy? Arkady estava interessado.

— Oh, bom, desde há pouco. Houve uma pequena desavença com um cliente que reclamou porque tinha me pago demais. Ele não me pagou de mais, eu safei-o. Seja como for, o promotor se mostrou surpreendentemente compreensivo. O seu nome foi mencionado. Foi um episódio curto, e não vale a pena falarmos mais nisso.

Misha pedira tanto dinheiro que até um homem ilibado se queixara? Arkady nunca associara a palavra “venal” ao carácter do seu amigo. O próprio Misha parecia deprimido com a confissão.

— A verdade é que safei o filho da mãe. Sabe como é raro isso acontecer. Quando contrata um advogado de defesa sabe o que isso significa? Paga a um homem que se dispõe a comparecer no Tribunal mas que se dissocia de você. É assim mesmo! É o que acontece quase sempre. No fim de contas, não estaria sendo julgado se não fosse culpado, e eu não quero ficar associado à culpa, o que preciso é de pensar no meu bom nome. Antes que o promotor tenha a oportunidade de me pôr um dedo em cima, eu lamento publicamente os atos do criminoso. Não só me sinto chocado, como também enojado. Se o meu cliente estiver com sorte eu talvez mencione que ele nunca deu um peido no Dia do Exército Vermelho.

— Isso não é verdade.

— É um pouco verdade. Exceto dessa vez em que, não sei porquê, fiz tudo. O meu cliente não roubava, era pai de crianças de tenra idade, filho e amparo de uma mulher inválida que soluçava na primeira fila; um modesto veterano de batalhas famosas, um amigo fiel e um trabalhador incansável que não era ladrão mas apenas um fraco. A justiça soviética, representada por um juiz narcoléptico e dois assessores ignorantes, é dura, sim, dura como um senhor feudal, e também humanamente sensível. Experimente se armar em esperto e fica sem a

cabeça. Mas se atira no peito deles, diz que foi a vodca, que foi aquela mulher, um momento de loucura, e quem sabe o que pode acontecer? Naturalmente, toda a gente o tenta, por isso precisa ser um artista para se elevar acima do pathos geral. Eu fiz, Arkady. Até chorei Misha fez uma pausa. — Porque pedi tanto dinheiro? Arkady procurou alguma coisa para dizer.

— Encontrei os pais de Viskov há dois dias, disse. — O pai dirige um café perto da Estação Paveletsky. Que história, a vida deles!

— É de desesperar! Explodiu Misha. — Nunca sabemos quem havemos de cultivar. Há dois dias, estive almoçando no Sindicato dos Escritores com o eminente historiador Tomashevski a pequena embarcação que era Misha tomara novo rumo com um vento fresco. — É um gênero de homem que deviam conhecer. Respeitado, encantador, não produz uma obra há dez anos. Tem um sistema que me explicou. Primeiro, apresenta o esboço de uma biografia à Academia para se certificar de que está dentro da orientação política do Partido. Um primeiro passo de importância crucial, como verá a seguir. Agora, a pessoa que ele estuda é sempre uma figura importante, isto é, alguém de Moscou, portanto Tomashevski precisa fazer as suas pesquisas russas perto de casa durante dois anos. Mas a sua personagem histórica também viajou, sim, viveu durante alguns anos em Paris ou Londres; portanto, Tomashevski precisa fazer o mesmo, pedir e receber autorização para residir no estrangeiro. Passaram-se quatro anos. A Academia e o Partido esfregam as mãos na expectativa deste estudo original da importante figura pelo eminente Tomashevski. E então Tomashevski precisa se retirar para a solidão de uma dacha fora de Moscou para se ocupar do seu jardim e refletir criativamente sobre os frutos da sua pesquisa. Mais dois anos se passam em congeminações produtivas. E exatamente quando Tomashevski vai se comprometer no papel, volta a contatar a Academia para descobrir que a política do Partido sofreu uma reviravolta completa; o seu herói é um traidor e, rodeado de mágoa, Tomashevski precisa sacrificar os seus anos de labor em prol dum bem maior. Como é natural, eles estão ansiosíssimos por o fazerem iniciar um novo projeto, por afogar o seu desgosto com trabalho fresco. Tomashevski está agora estudando uma figura histórica muito importante que viveu durante algum tempo no Sul da França. Ele diz que há sempre um futuro brilhante para os historiadores soviéticos e eu

acredito nele. De repente Misha voltou a mudar de assunto e baixou a voz: — Ouvi falar naqueles cadáveres do Parque Gorki e que você teve outra briga com o major Pribluda. Está ficando maluco?

Quando regressaram tinham todos partido, com exceção de Natasha.

— Zoya saiu com umas pessoas da dacha que fica no fim da estrada, disse ela a Arkady. — Alguém com um nome alemão. Ela queria dizer Schmidt. Misha se sentou junto da lareira para tirar o gelo das botas.

— Deve conhecer o Schmidt, Arkady. De Moscou. Ele ficou com a casa ao fim da estrada. Talvez seja o novo amante de Zoya.

Ao olhar para o rosto de Arkady, Misha leu a verdade. De boca aberta e muito encarnado, deixou cair a bota molhada.

— Vai fazer isso na cozinha, Misha, disse Natasha. Puxou Arkady para o sofá e colocou vodca em copos para si e para ele, enquanto o marido se afastava. — Ele é um idiota. Natasha fez um aceno em direção à cozinha. — Não sabia o que estava dizendo. Arkady ingeriu a vodca em dois goles. — É um método dele, nunca sabe o que está dizendo, Fala de tudo, por isso alguma vez acaba por acertar.

— E você sabe o que diz? Perguntou Arkady.

Natasha tinha um sentido de humor malicioso. As sombras escuras à volta dos olhos faziam-nos parecer mais brilhantes. O pescoço era tão fino que parecia o de uma criança esfomeada, uma coisa estranha numa mulher na casa dos trinta.

— Eu sou amiga de Zoya. Sou também sua amiga. Mas mais amiga de Zoya. A verdade é que há anos que lhe digo para ela lhe deixar.

— Porquê?

— Você não a ama. Se a amasse havia de fazê-la feliz. Se a amasse faria o que faz o Schmidt. Foram feitos um para o outro. Serviu mais vodca aos dois; — Se gostasse um pouco dela, deixava-a ser feliz. Deixa-a ser finalmente feliz. Natasha deu uma risadinha. Procurava manter o rosto sério, mas os seus bonitos lábios traíam-na. Tinha sido

uma verdadeira palhaça, tal como Misha, quando andavam todos na escola. — Porque a verdade é que você a acha muito aborrecida. Ela teve dois ou três anos bons quando você próprio os tornou interessantes. Agora, até eu mesma o admito, ela é enfadonha. E você não é, ela passou as costas de um dedo pelo pulso dele. — É o único homem que eu conheço agora que não é.

Natasha voltou a se servir antes de ir até à cozinha com muito cuidado, completamente embriagada, deixando Arkady sozinho na sala. Esta estava quente, assim como a vodca. Misha e Natasha tinham decorado a casa com ícones e estatuetas de madeira, e o fogo se refletia na folha dourada das imagens. Fazer por Zoya aquilo que Schmidt fazia por ela? Arkady abriu a carteira e tirou de lá um livrinho com o perfil de Lenin na capa. À esquerda estava o seu nome, fotografia e distrito do Partido. À direita, os carimbos das suas quotas. Reparou que estava dois meses atrasado. Na última página havia uma seleção de máximas inspiradoras. O célebre cartão do Partido. “Só há uma maneira de vencer, só há uma coisa, mais nada”, recitara Zoya. Estava nua quando o dissera; o contraste entre o cartão dela e a sua pele era uma coisa de que ele se lembrava. Olhou para um ícone. Era da Madona, uma Virgem. O rosto bizantino, especialmente o olhar, lhe lembravam não Zoya, nem Natasha, mas sim a jovem que conhecera na Mosfilm.

— A Irina. E ergueu o copo.

Por volta da meia-noite, todas as pessoas já tinham retornado e ele estava embriagado. Havia um bufê de carne de porco fria e salsichas, peixe, blinis, queijos e pão, cogumelos em picles, até mesmo caviar. Alguém declamava poesia. No outro extremo da sala alguns pares saltavam ao som duma versão húngara dos Bee Gees. Misha estava sucumbido pelo complexo de culpa e não conseguia tirar os olhos de Zoya, que estava sentada junto de Schmidt.

— Julguei que íamos passar o fim-de-semana juntos, disse Arkady numa altura em que apanhou Zoya só na cozinha. — Como foi que Schmidt apareceu? Fui eu que o convidei. Ela pegou numa garrafa de vinho e foi para a sala.

— A saúde de Zoya Renko; Schmidt levantou o copo saudando o

regresso dela; — Escolhida ontem pela sua Comissão Distrital para falar dos novos desafios da educação perante toda a Comissão da Cidade, tomando-nos todos muito orgulhosos, especialmente, tenho a certeza, o marido.

Arkady saiu da cozinha e encontrou toda a gente olhando para ele, com exceção de Schmidt, que piscava o olho para Zoya. Natasha evitou a maior atrapalhação a Arkady lhe estendendo uma bebida. Uma cantora sentimental cantarolava no toca-discos e Schmidt e Zoya se levantaram para dançar. Arkady percebeu que eles já tinham dançado antes. Começando a perder o cabelo mas em boa forma física, Schmidt era muito ágil, e tinha um maxilar anguloso e musculoso de pessoa habituada a mandar. Tinha um pescoço grosso de ginasta e óculos de aros pretos de um pensador do Partido. A mão dele quase cobria as costas de Zoya enquanto ela se encostava ao par.

— Ao camarada Schmidt! E Misha levantou uma garrafa quando a canção terminava. — Propomos um brinde ao camarada Schmidt, não por ele ter conseguido uma benesse na Comissão Distrital, fazendo palavras cruzadas e vendendo material do escritório por fora, porque me lembro que uma vez também levei para casa um clip. Misha entornou um pouco de vodca e acenou muito contente a toda a gente, para logo recomeçar: — Bebemos à saúde dele não porque frequenta as conferências do Partido em estâncias balneares do mar Negro, porque no ano passado também eu tive licença para ir a Murmansk. Brindamos não por a Comissão Distrital lhe oferecer caixas de vinho fino, enquanto todos nós fazemos fila para conseguirmos uma cerveja quente de vez em quando. Brindamos não por ele desejar as nossas mulheres, porque todos nós também nos podemos masturbar se isso for necessário. Não por ele poder passar por cima dos peões na sua limusine Chaika, pois nós temos a vantagem de usufruir da maior rede de metrôs do mundo. Nem sequer pelos seus hábitos sexuais incluírem a necrofilia, sadismo e homossexualidade, porque, por favor, camaradas, já não vivemos na Idade Média. Não, concluiu Misha, — Não brindamos ao camarada doutor Schmidt por nenhuma destas razões. A razão por que brindamos por ele é por ser um comunista tão bom. Schmidt deu um sorriso contrafeito.

Enquanto dançavam, falavam, e se sentavam iam ficando cada vez mais bêbados. Arkady estava há cinco minutos na cozinha fazendo café quando reparou que o realizador cinematográfico estava deitado com uma mulher num canto. Retirou-se, deixando a sua xícara. Na sala Misha dançava sonolento com a cabeça no ombro de Natasha. Arkady subiu a escada que levava ao seu quarto e ia abrir a porta quando Schmidt saiu de lá de dentro e a fechou.

— Bebo à sua saúde, sussurrou Schmidt, — Porque a sua mulher é muito boa de cama.

Arkady socou-o no estômago. Enquanto Schmidt, surpreso, se afastava da porta, ele atingiu-o na boca. Schmidt caiu de joelhos e rolou pela escada abaixo. No fim dos degraus os óculos lhe caíram e ele vomitou.

— O que aconteceu? Zoya se encontrava à porta do quarto.

— Você bem sabe, respondeu Arkady. Ele viu aversão e medo no rosto dela; o que não esperava ver brilhar com tanta intensidade era alívio.

— Filho da mãe, disse ela e correu pelas escadas abaixo para junto de Schmidt.

— Eu só lhe disse olá. Schmidt tateava o chão à procura dos óculos. Zoya encontrou-os, limpou-os na sua camisa e ajudou o dirigente distrital do Partido a se pôr de pé. — Ele é inspetor? Perguntou Schmidt através do lábio rachado. — É mas é louco.

— Mentiroso! Gritou Arkady.

Ninguém ouviu. Arkady percebeu, com o coração batendo com toda a força, que Schmidt lhe mentira junto da porta do quarto. Desta vez, não, eles não tinham chegado a ir para a cama, não o fariam debaixo do teto da amiga dela, não com o marido na casa. Arkady acreditara na mentira porque ela era mais verdadeira do que o seu casamento, e não havia maneira de explicá-lo. Estava tudo ao contrário. Zoya militantemente chocada; Arkady, o marido enganado, sentia vergonha. Da porta da dacha viu Schmidt e Zoya se afastarem. O carro do amante dela era um velho Zaporozhets de dois lugares, não uma

limusine. A lua cheia brilhava por cima das bétulas.

— Lamento muito, disse Misha, enquanto Natasha, com ar pensativo, limpava o tapete da sala.

* * *

# Quatro

Iamskoy dizia:

— O seu trabalho é, como sempre, modelar. A descoberta do tratamento dentário desta vítima, feita com tanta rapidez, foi uma granada explosiva. Ordenei imediatamente uma investigação completa pelos órgãos de Segurança do Estado. Esta investigação foi levada a cabo durante o fim-de-semana, enquanto você esteve fora da cidade, e envolveu uma pesquisa computadorizada entre milhares de residentes estrangeiros e conhecidos agentes estrangeiros desde há cinco anos para cá. Não foi encontrado um único indivíduo com as características da vítima. Na opinião dos analistas, deve se tratar dum cidadão soviético que se submeteu a esse trabalho no decorrer de visita aos Estados Unidos, ou a local onde houvesse algum dentista europeu ali habilitado. Como não falta nenhum estrangeiro, sou forçado a concluir que assim é.

O promotor falou com grande firmeza e sinceridade. Brejnev tinha o mesmo dom, que marcava um estilo: um nacionalismo direto, calmo, demonstrando que a sua autoridade era evidente e não valia a pena discutir; qualquer objeção corresponderia, de fato, a negar o nacionalismo exposto com tanta generosidade.

— Estou na altura, Arkady Vasilievitch, de resolver, como promotor, se devo insistir para que a KGB assuma a responsabilidade desta investigação ou deixar que você prossiga o seu excelente trabalho. A hipótese remota da existência de um envolvimento estrangeiro é inquietante e haverá sempre a possibilidade de a sua investigação ser interrompida. Sendo assim, porque eles não podem iniciar o inquérito agora? lamskoy fez uma pausa como se estivesse estudando a questão. — No entanto, há mais coisas em jogo. Noutros tempos não restaria qualquer dúvida; o MVI teria investigado de igual modo os russos ou os estrangeiros, tudo no mesmo cesto, sem discriminação, sem julgamento

público, e tê-los-ia preso e condenado sem o menor respeito pela legalidade socialista. Sabe bem a que me refiro: Beria e a sua turma. Foram excessos cometidos por um punhado de homens e que não podemos esquecer. O Vigésimo Congresso do Partido trouxe estes excessos para a luz do dia e insistiu nas reformas sob as quais nós trabalhamos presentemente. A Milícia MVD está agora estritamente limitada às questões de segurança nacional. O papel dos promotores de vigiar e proteger os direitos dos cidadãos foi reforçado e a independência dos inspetores estabelecido. A legalidade socialista é construída com base nesta divisão de poderes de modo a que nenhum cidadão soviético possa jamais vir a ser privado dos seus inteiros direitos em tribunal aberto. Portanto, o que acontece se eu retirar o caso de um inspetor e entregar à KGB? É um passo para trás. Esta vítima de que estamos tratando deve ser russa. Quanto às outras vítimas, não há qualquer dúvida que eram russas. Os autores deste crime, assim como uma grande variedade de indivíduos abrangidos pelo inquérito, são russos. Assim, sem provas reais, eu me arriscaria a turvar as águas da reforma e a levar à confusão os poderes distintos dos nossos dois braços da lei. Que significa o meu dever de proteger os direitos civis se o não fizer? Que significado tem a sua independência se, ao primeiro momento de indecisão, abdicar dela? Seria fácil renunciar às nossas responsabilidades, mas estou convencido que seria errado.

— Precisamente o que o convenceria a agir de outra maneira? Perguntou Arkady.

— Se você provasse que a vítima ou o assassino não eram russos.

— Não posso provar. Mas pressinto que uma das vítimas não era russa.

— Isso não chega. O promotor suspirou, como um adulto suspira perante uma criança.

— Neste fim-de-semana, disse Arkady rapidamente antes que fosse mandado embora, — pus-me a pensar no que as vítimas faziam.

— Sim?

— Encontrou-se gesso, serragem e pó de ouro nas suas roupas. Esses produtos são todos usados no restauro de ícones. Os ícones são um artigo muito popular no mercado negro, até mais para os turistas estrangeiros do que para os Russos.

— Continue.

— Há a hipótese de a vítima de que falamos ser estrangeira, e, pelos indícios encontrados nas suas roupas, de participarem das atividades do mercado negro, em que os estrangeiros estão muito envolvidos. Para ter certeza absoluta de que não estamos nos ocupando de um estrangeiro, de que estamos operando dentro do nosso campo, desejo que o major Pribluda entregue as fitas magnéticas e mais a documentação referente aos estrangeiros que se encontravam em Moscou em janeiro e fevereiro. A KGB nunca fará tal coisa, mas quero que o meu pedido e a resposta dele fiquem registrados.

lamskoy sorriu. Os dois homens compreendiam que a premência de tal pedido e da respectiva resposta forçaria Pribluda a assumir de imediato a jurisdição do caso em vez de fazê-lo mais tarde.

— Está falando sério? É um ato provocatório, e diriam mesmo alguns, exorbitante.

— Sim, é, concordou Arkady. lamskoy estava levando mais tempo para recusar do que Arkady contara. Havia qualquer coisa na proposta que parecia intrigar o promotor.

— Devo dizer que sempre apreciei o seu espírito intuitivo. Nunca se enganou, não é? E você é o inspetor mais antigo de Moscou. Se estiver mesmo empenhado nisto, lhe interessariam todos os estrangeiros não diplomatas? Durante um momento Arkady ficou perplexo.

— Sim.

— Isso se consegue. lamskoy tomou uma nota num pedaço de papel. — Mais alguma coisa?

— E as fitas atuais, acrescentou Arkady sem parar. Quem podia saber quando o promotor voltaria a estar tão acessível? — A investigação também se estenderá a outras áreas.

— Eu sei que você é um investigador de enormes recursos e zelo. O dia ainda está começando.

* * *

Beleza jazia sobre a mesa da autópsia.

— Andreiev também vai querer o pescoço, disse Levin.

O patologista colocou um bloco de madeira debaixo do pescoço, fazendo-o arquear, e puxou o cabelo para trás. Com uma serra rotativa cortou os ossos. O cheiro de cálcio queimado se espalhou no ar. Arkady não tinha cigarros; reteve a respiração. Levin cortou por baixo da sétima vértebra cervical no sentido das apófises. Quando o osso se separou, a cabeça, e o pescoço rolaram para fora da mesa. Instintivamente, Arkady apanhou a cabeça e repô-la sem demora sobre a mesa. Levin desligou a serra.

— Não, inspetor, ela agora é toda sua. Arkady limpou as mãos. A cabeça estava descongelando.

— Preciso de uma caixa.

Afinal de contas o que eram os mortos senão testemunhas da evolução do homem a partir da indolência do primata até à indústria civilizada? E cada testemunho, cada feixe de ossos arrancado à turfeira ou à tundra, constituía por si só uma nova pista a acrescentar ao mosaico chamado Pré-História. Um fêmur aqui, um crânio ali, talvez um colar de dentes de alce, era tudo arrancado dos seus velhos túmulos, embrulhado em jornais e enviado para o Instituto de Etnologia da Academia Soviética, que dava para o Parque Gorki, para aí serem limpos, ligados e cientificamente ressuscitados.

Nem todos os seus mistérios eram pré-históricos. Por exemplo, no fim da guerra um oficial, ao regressar à sua pensão em Leningrado, reparou numa mancha no teto. Procurando no sótão a origem da mancha, encontrou um corpo desmembrado e semimumificado, que a Milícia identificou como sendo o cadáver de um homem. Após uma longa e infrutífera investigação, a Milícia enviou um molde do crânio para o Instituto de Etnologia para ser reconstituído. O problema surgiu quando os antropologistas reconstruíram o rosto de uma mulher, e não de um homem. Aborrecida, a Milícia destruiu o rosto e encerrou o caso, até que a pensão forneceu a fotografia de uma jovem que estivera hospedada nela. A fotografia condizia com o rosto que os antropologistas tinham feito. A vítima foi identificada e o criminoso condenado.

Desde então o Instituto tinha reconstituído, a partir de crânios ou parte de crânios, mais de uma centena de rostos para identificação legal.

Em parte alguma a polícia usava um método semelhante. Algumas das reconstituições não passavam de toscas esculturas de gesso; outras, as criações de Andreiev, eram notáveis não só nos pormenores como nas expressões realistas de ansiedade ou medo que traduziam. O efeito no Tribunal, quando uma das cabeças de Andreiev era revelada, redundava sempre em triunfo para um promotor.

— Entre, entre.

Arkady seguiu a voz que o conduzia a uma galeria de cabeças. A vitrina mais próxima apresentava tipos nacionais: turcomano, usbequiano, calmuco, etc., com as expressões vazias que caracterizam os retratos de grupo. Seguia-se um armário de monges, depois um de africanos e assim por diante. Mais além, sob a luz de uma claraboia, ficava uma mesa de bustos de cosmonautas bem conhecidos, com a tinta ainda fresca. Até passar a claraboia, nenhuma das cabeças vistas por Arkady tinha o toque de Andreiev. A meia luz, num extremo da sala, como que assustados pela aproximação do inspetor e assustando-o com a sua desconfiança silenciosa, se encontravam alguns semi-humanos em fila: o homem de Pequim, com os lábios arreganhados sobre presas amarelas; o homem da Rodésia, com ar concentrado e sem testa; qualquer coisa lembrando uma fêmea, com bochechas tristes de orangotango; um neandertaloide, de beiços grossos.

Um jovem anão de cabelo fortemente encaracolado, cabeça alongada e cruzada por uma única sobrancelha, as mãos e bata de laboratório brancas de gesso, desceu de cima dum banco.

— É você o inspetor que telefonou?

— Sou. Arkady procurou um lugar onde pousar a caixa.

— Não se incomode, disse Andreiev. — Eu não vou fazer a cabeça para si. Já não executo trabalhos de medicina legal para a Milícia, a não ser que o caso tenha estado por resolver pelo menos um ano. É uma regra egoísta, mas você ficaria admirado se soubesse quantas vezes a Milícia consegue resolver sozinha um crime no espaço de um ano. Alguém devia ter lhe falado disso.

— Eu já sabia.

Após um longo silêncio, Andreiev fez um aceno de cabeça e se aproximou de pernas arqueadas, um braço curto apontando para os bustos à sua volta.

— Já que aqui está, deixe-me guiá-lo numa pequena volta antes de ir embora. Parece que a nossa coleção de humanoides atraiu bastante a sua atenção. São notáveis. Geralmente mais fortes do que nós, às vezes mesmo com uma capacidade cerebral superior à de contemporâneos nossos, mas condenados devido à sua inaptidão para escrever textos sobre o fenômeno evolutivo. Passemos, por isso, adiante.

Os seus passos oscilantes aproximaram-no de Arkady e do estojo dourado que continha o busto de um tártaro nômade. Arkady ficou admirado por não tê-lo visto. O rosto era achatado e magro, não vivo mas de quem viveu, como se as linhas profundas dos molares tivessem sido talhadas pelo vento em lugar da faca do escultor. Apresentava uma coroa em forma de mesquita, bigode ruivo e barba em forma de pá, ligeiramente gasta e rala como a de um velho.

— Homo sapiens. Tarnerlão, o maior assassino da História. O crânio apresentava sinais de uma paralisia do lado esquerdo. Encontramos também cabelo dele e um pouco de bolor no lábio onde crescia o bigode, o que ajudou o nosso trabalho.

Arkady contemplou o tártaro até Andreiev acender a luz no interior de um segundo estojo dourado que continha uma enorme cabeça de homem coberta por um áspero capuz de monge. Embora a testa fosse alta, o resto do rosto, o comprido nariz, lábios roxos e barba, estavam descaídos em sinal de gravidade ou de desprezo. Os olhos de vidro pareciam mais apagados do que mortos.

— Ivã, o Terrível, continuou Andreiev. — Enterrado como um monge por baixo do Kremlin. Outro criminoso. Envenenou-se com o mercúrio com que se esfregava para aliviar as dores da artrite. Tinha também uma obturação dentária que devia transformar o seu sorriso em esgar. Acha-o feio?

— E não é?

— Não de um modo vulgar. Nos últimos anos evitava os pintores

da corte, como se desejasse enterrar aquele rosto consigo.

— Era apenas um assassino, observou Arkady. — Não era estúpido. Os dois homens estavam agora perto da porta por onde Arkady entrara; percebeu que a sua volta terminara. Não fez qualquer menção de partir, e Andreiev começou a examiná-lo.

— Você é o filho de Renko, não é? Vi muitas vezes a fotografia dele. Não são muitos parecidos.

— Também tive mãe.

— Às vezes isso é uma honra. Quase que se via simpatia no rosto de Andreiev; os seus dentes de cavalo quase sorriam para Arkady. — A um homem que admite uma coisa dessas, o mínimo que podemos fazer é ouvi-lo. Muito bem, vamos lá ver o que você trouxe. Talvez mais alguém esteja disposto a perder o seu tempo. Andreiev se dirigiu a um canto onde se encontrava um torno de oleiro sob uma lâmpada fluorescente. Enquanto ele subia a um banco para puxar o cordão do interruptor, Arkady abriu a caixa e tirou a cabeça para fora pelos cabelos. Andreiev pegou na cabeça e colocou-a no tomo, alisando delicadamente o longo cabelo castanho. — Nova, cerca de vinte anos, branca, bastante simétrica, observou Andreiev. Interrompeu Arkady quando este começou a explicar os três assassínios. — Não tente me interessar pelo seu caso; pouco me interessam aqui mais três cabeças. A mutilação é, sem dúvida, invulgar.

— O criminoso pensa que apagou o rosto dela. Você pode fazê-lo reaparecer, disse Arkady.

Andreiev fez girar o tomo e as sombras se moveram no interior das cavidades orbitais da cabeça.

— Talvez ela tenha passado por aqui naquele dia, observou Arkady. — Foi no princípio de fevereiro. Talvez você a tenha visto.

— Eu não passo o meu tempo olhando para as mulheres.

— Você é um homem com poderes especiais, professor. Pode olhar para ela agora.

— Há outros aqui que fazem ótimas reconstituições. Eu tenho trabalhos mais importantes.

— Mais importantes do que o fato de dois homens e esta jovem terem sido assassinados quase à vista das suas janelas?

— Eu só reconstituo, inspetor. Não consigo ressuscitar. Arkady pôs a caixa no chão.

— O rosto é o quanto basta.

* * *

As pessoas murmuravam acerca de Lubyanka, a prisão da KGB na Praça Dzerzhinsky, mas a maior parte dos moscovitas que infringiram a lei, e eram apanhados, iam parar na prisão de Lefortovo, na parte oriental da cidade. Um guarda levou o inspetor para baixo num elevador que era uma espécie de gaiola anterior à Revolução. Onde estaria Zoya agora? Ela telefonara para lhe dizer que não a esperasse de volta no apartamento. Ao pensar nela não conseguia se lembrar de nada, exceto do seu rosto à porta do quarto na dacha de Misha. Do ar de triunfo do seu rosto, como se o adversário tivesse jogado o trunfo antes de tempo. Além disso, pouco mais havia. Entretanto, outro fenômeno estava acontecendo. lamskoy ordenara a Pribluda que entregasse as fitas magnéticas. Uma cabeça fora entregue para ser reconstruída. Independentemente da sua vontade, a pretendida investigação começava a tomar uma forma verdadeira.

Estavam na subcave. Arkady seguiu por um corredor de pequenas portas de ferro, semelhantes a bocas de fomos, passou por um guarda sentado a uma mesa, por um compartimento aberto cheio de colchões e tresandando a mofo, até uma porta fechada que abriu para falar com o Investigador-Chefe dos Casos Especiais, Chuchin, que lhe surgiu como a mais meiga imagem de um homem, de olhar fixo, pupilas brilhantes, uma mão na fivela do cinto, junto a uma mulher, sentada, que se voltou para cuspir no lenço.

— Você? Chuchin procurava ocultar a mulher de Arkady, mas este olhava uma segunda vez para o quadro que se lhe deparara: a porta se abrindo, a confusão inicial de Chuchin, a mão fechando a fivela, a jovem de rosto corado, jovem mas feia, se voltando na cadeira para cuspir. Chuchin, o homem das maneiras suaves, um bigode de transpiração no lábio superior, abotoou o casaco e empurrou Arkady para o corredor.

— Um interrogatório? Perguntou Arkady.

— Não é político, é uma prostituta. Até a voz de Chuchin era

branda.

— Aricad. Veio fazer um pedido. Já não precisa de fazê-lo.

— Dê-me a chave dos seus arquivos.

— Vai se foder!

— O promotor irá gostar de saber a maneira como conduz um interrogatório. Arkady estendeu a mão à espera da chave.

— Não tinhas essa coragem.

A mão de Arkady agarrou o cós das calças de Chuchin, onde o pênis amolecia, o pênis dos Casos Especiais, e puxou Chuchin até ele se pôr na ponta dos pés de modo a que os dois homens se olhassem olhos nos olhos.

— Vou matá-lo por causa disto, Renko, espere e verá, disse Chuchin com voz rouca, mas entregou a chave.

Arkady espalhou os dossiês sobre a mesa de Chuchin. Nenhum inspetor mostrava os seus arquivos a outro. Cada um tinha a sua especialidade e, quando as suas atividades se sobrepunham, os arquivos de cada um continham as identidades de informantes por si treinados. Em especial nos Casos Especiais. O que eram os Casos Especiais? Se a KGB fosse prender todos os delinquentes políticos, o seu número ultrapassaria a sua importância. O melhor seria que alguns fossem presos pela sala do promotor por crimes vulgares que o cidadão comum podia compreender. Por exemplo: o historiador B, correspondente de escritores exilados, foi preso por ganhar dinheiro com entradas de teatro. O poeta F, um correio samizdat (Sistema pelo qual publicações oficialmente proibidas são clandestinamente distribuídas), foi acusado de roubar livros da Biblioteca Lênin. O técnico M, um socialdemocrata, foi preso quando vendia ícones religiosos ao informante G. Este saco de surpresas era um insulto para os verdadeiros investigadores. A atitude de Arkady fora sempre de não fazer caso de Chuchin, como se ignorasse a sua existência. Poucas vezes falara com ele, muito menos lhe tocara.

A atenção de Arkady foi atraída pelas referências de Chuchin ao informante G, “o atento cidadão G”, “a segura fonte G”. Pelo menos metade das prisões que envolviam ícones estavam acompanhadas daquela letra. Foi ver as contas do orçamento de Chuchin. Na lista de

informantes, G se encontrava em primeiro lugar com mil e quinhentos rublos. Seguia-se um número de telefone.

De sua própria sala, Arkady ligou para Informações. O número pertencia a Feodor Golodkin. O gravador de Pasha se encontrava sobre a mesa. Arkady pôs uma fita nova e discou o número de telefone. Depois de ter tocado cinco vezes alguém levantou o auscultador sem responder.

— Alô! Posso falar com Feodor? Perguntou Arkady.
— Quem fala?
— Um amigo.
— Dê-me um número para onde possa ligar.
— Falemos agora. Clique.

* * *

Quando chegaram as primeiras caixas de Pribluda, Arkady sentiu a excitação que até mesmo um progresso ilusório pode trazer. Havia treze hotéis Inturist em Moscou, com um total de vinte mil quartos de hóspedes, semiequipados com dispositivos de escuta e, embora só cinco por cento pudessem ser controlados ao mesmo tempo, muito menos gravados e transcritos, era impressionante a acumulação de material que o sistema fazia.

— Podem dar com algum inocente que fale abertamente em comprar ícones ou em se encontrar com alguém no parque, mas não contem muito com isso, disse Arkady a Pasha e Fet. — Não se preocupem em ler as transcrições de alguém acompanhado por um guia da Inturist. Não se preocupem com jornalistas estrangeiros, padres ou políticos; esses são vigiados muito de perto. Concentrem-se nos turistas ou homens de negócios estrangeiros que conheçam a cidade, falem russo, tenham contatos aqui. Que tenham conversas curtas e misteriosas e que logo a seguir saiam do quarto. Tem no gravador uma fita do traficante do mercado negro Golodkin para que possam comparar a sua voz com a de outra fita, mas não percam de vista o fato de ele não estar talvez envolvido.
— Ícones? Perguntou Fet. Como nos decidimos por isso?
— Dialética marxista, respondeu Arkady.

— Dialética?

— Encontramo-nos agora numa fase intermediária do comunismo, em que existem ainda no espírito de alguns indivíduos tendências criminosas que são relíquias do capitalismo. Qual a relíquia mais óbvia do que um ícone? Arkady abriu um maço de cigarros e passou um a Pasha. — Além disso, foram encontrados gesso e pó de ouro nas roupas das vítimas. O gesso é uma cobertura de preparo da madeira e praticamente o único uso legal de ouro é no restauro de ícones.

— Quer dizer que isto pode estar ligado a um roubo de arte? Perguntou Fet. — Como no caso do Hermitage há dois anos. Lembra-se? Um grupo de eletricistas levava cristais dos candelabros do museu. Foram precisos anos para apanhá-los.

— Falsificadores de ícones, não ladrões. Pasha roubou um fósforo. — É daí que provém a serragem das suas roupas, de trabalharem a madeira. Parou e piscou os olhos. — Acabei de fazer alguma dialética?

Depois de um dia passado ouvindo fitas magnéticas, sem ânimo para enfrentar o seu apartamento, Arkady vagueou até se encontrar sob a entrada principal do Parque Gorki, de estilo romano imperial, onde comprou um jantar de empadas e limonada. No rinque de patinação, jovens musculosas, de curtas saias rodadas, patinavam na companhia de um rapaz com um acordeão que tocava aos soluços. Os autofalantes estavam silenciosos; a surda arrumara os discos.

O Sol se punha por entre nuvens. Arkady seguiu até à seção de diversões. Num bom fim-de-semana podia haver ali milhares de garotos brincando no foguete e nos carros de choque, atirando nos patos de madeira com espingardas de ar comprimido ou assistindo um espetáculo de magia no anfiteatro. Ele mesmo, quando criança, fora muitas vezes lá com o então sargento Belov, se dando ares de espertalhão, com o espertalhão Misha e os outros do seu grupo. Lembrava-se de quando os tchecos, no pavilhão de cerveja Pilsen, inauguraram a primeira exposição estrangeira no parque, em 56. De repente a cerveja se popularizou. Toda a gente só bebia vodca. Toda a gente ficava feliz e ébria. Lembrou-se de **OS SETE MAGNÍFICOS** irem a Moscou e de todos os jovens entre os doze e os vinte começarem a andar como o Yul Brynner; o Parque Gorki parecia cheio de cowboys de pernas hirtas à procura das

suas montarias. Foi uma altura em que todos eram cowboys. Espantoso! O que eram eles agora? Urbanistas, diretores de fábricas, membros do Partido, donos de automóveis, compradores de ícones, leitores do Krokodil, críticos de televisão, frequentadores de ópera, pais e mães.

Hoje não havia muitos garotos. Dois velhos jogavam dominó no lusco-fusco. Vendedores ambulantes se mantinham em grupo com os seus bonés e aventais brancos. Uma criança que aprendia a andar forçava os limites de um elástico que uma avó segurava. Na roda-gigante, no extremo do parque de diversões, um casal na casa dos oitenta estava suspenso à meia altura enquanto o operador, um rapaz com um problema de pele, folheava uma revista de motos, pensando "acham que vou fazer a roda girar só com duas pessoas?". À medida que o vento aumentava, os carros oscilavam e a velha se aproximou mais do marido.

— Ponha a roda para girar. Arkady entregou um bilhete ao operador e se sentou num carro. — Agora.

A roda girou e Arkady subiu três níveis. Embora ainda houvesse um resto de luz do sol a oeste, para lá da colina Lênin, a iluminação pública começava a se acender por toda a cidade e ele distinguia as avenidas periféricas formando halos concêntricos: os bulevares ladeados de árvores à volta do centro da cidade, o Anel Sadovoya, que chegava até ao parque, o Anel Exterior, tão tênue como a Via Láctea.

Essa era uma das vantagens do Parque Gorki; era o único lugar da cidade onde se podia fantasiar. Era preciso um passe especial para participar nas fantasias da Mosfilra, mas toda a gente tinha acesso ao parque. Em certa altura Arkady pensara em ser astrônomo. Tudo o que lhe restava desse período era uma prega de informações inúteis no córtex. Vira o Sputnik passar por cima do Parque Gorki há vinte anos atrás. Bom, não havia nada a lamentar. Todos deixavam fantasmas semelhantes no parque; era um túmulo grande e agradável. Ele, Misha, Pasha, Pribluda e Fet, Zoya e Natasha. Sentia-se ofendido por alguém ter deixado cadáveres lá. Outra volta. O casal idoso, alguns carros adiante dele, não dizia palavra, à maneira dos pré-revolucionários quando vinham à cidade. Era a multidão da Grande Guerra Patriótica

cheia de suficiente autoconfiança para empurrar e gritar, enquanto os seus netos se sentavam do lado de fora das catedrais do Kremlin e esgaravatavam o nariz, a saudação dos herdeiros.

Ele se moveu para ficar mais confortável contra o assento de metal. Por baixo, o parque se elevava em colinas, vigiado pela delegacia da Milícia e dividido em caminhos românticos, perto de um dos quais três pessoas tinham sido assassinadas. Apesar da escuridão crescente, descobriu a clareira porque no centro dela se encontrava um vulto com uma lanterna. Na passagem seguinte pelo chão, Arkady saltou fora. Estava a meio quilômetro da clareira, e começou a correr em passadas largas, ora escorregando de vez em quando, ora recuperando o equilíbrio. O caminho serpenteava pela colina acima. Zoya tinha razão; ele devia fazer exercício. Estúpidos cigarros.

Chegou à delegacia da Milícia, tão aconchegante como Pasha a descrevera, mas vazia, nem sequer havia um carro à vista. Por isso continuou em frente até o caminho se tomar mais íngreme. Conscienciosamente puxou os joelhos para cima e os cotovelos para trás numa espécie de ritmo marcado pelo bater dos seus sapatos e o ofegar da respiração. Depois de trezentos metros de corrida, a passada se tomara tão curta como a de um bebê. Tinha a sensação de estar correndo há horas. O caminho se tornou plano quando os flancos começavam a doer. “Poderia ser que se tratasse apenas do detetive Fet fazendo o seu trabalho de casa”, pensou para consigo. No local em que o carro da Milícia se desviara do caminho há quatro dias atrás, ele diminuiu, seguindo as marcas até à clareira. O gelo estalava debaixo dos pés. A luz desaparecera; o pesquisador partira ou era demasiado esperto para apagar a luz. Nenhuma referência podia ajudar, pois a clareira, sem luz, estava numa escuridão absoluta. Nenhum ruído. Moveu-se de árvore em árvore à volta da clareira, se pondo por vezes acocorado observando. Ia avançar de novo quando um feixe de luz brilhou na vala de onde os corpos tinham sido retirados. Arkady penetrara dez metros na clareira quando a luz voltou a se apagar.

— Quem está aí? Perguntou ele. Alguém correu na outra direção.

Arkady foi atrás. Ele sabia que a clareira descia até um bosque.

Depois havia uma barreira íngreme, alguns abrigos para mesas de xadrez, outro caminho, depois um declive para a estrada do Cais Pushkinskaya e para o rio.

— Pare! Milícia! Gritou ele.

Não podia gritar mais e correr ao mesmo tempo. Estava ganhando terreno. Os passos à frente eram pesados, de homem. Embora Arkady tivesse direito a uma arma, nunca a usava. O bosque se aproximava, se erguendo como a crista de uma onda. O fugitivo foi o primeiro a chegar junto do arvoredo, abrindo caminho por entre os ramos. “Devia haver luzes no caminho de baixo”, pensou Arkady, e muitas luzes na estrada do cais. Estendeu os braços ao chegar às primeiras árvores. Encolheu-se quando sentiu um movimento, mas não se tratava de um soco, mas sim de um pontapé no seu ventre. Enquanto recuperava o fôlego tentou agarrar aquele pé mas recebeu um soco no pescoço. Socou por sua vez e errou. Outro pontapé atingiu-o por trás. Um ombro pregou-o contra uma árvore enquanto uns dedos se enterravam nos rins. A boca de Arkady encontrou uma orelha e mordeu.

— Filho da puta! Ouviu-se em inglês. O ombro recuou.
— Milícia... Arkady tentou gritar, mas só saiu um murmúrio.

Mais um pontapé fê-lo cair de borco na neve. “Idiota”, disse Arkady para consigo. A primeira vez que, em anos, um inspetor bate em alguém perde a mulher. Da segunda vez berra por socorro. Pôs-se de pé, ouviu ruído de ramos sendo afastados e seguiu nessa direção. O declive descia para o rio. Ia caindo. O caminho de baixo estava deserto, mas viu uns pés desaparecendo nas árvores mais à frente. Arkady atravessou o caminho com uma passada e deu um salto, indo cair sobre umas costas largas. Os dois homens rolaram na escuridão até baterem num banco. Arkady tentou prender o pulso do antagonista por detrás, mas os seus casacos estavam demasiado enrolados para permitir que qualquer deles fizesse alguma coisa, até que o desconhecido se libertou. Arkady lhe deu uma rasteira e fê-lo novamente perder o equilíbrio. Mas mal se separaram, Arkady perdeu qualquer possibilidade de se defender. Uma mão esbofeteou-o e, antes que tivesse tido tempo de reagir, a mesma mão, com um punho fechado, atingiu-o nas costelas abaixo do coração.

Ficou um instante imóvel, o tempo suficiente para o punho voltar a atingi-lo sobre o coração. Ao cair, lhe parecia que o coração ia parar.

"Isto representa um grande progresso em relação aos métodos primitivos", explicou o diretor da coletividade a Arkady e ao pai, e puxou a cabeça de uma vaca para debaixo de uma espécie de pelourinho no topo do qual se encontrava um grande cilindro de metal que, ao ser acionado um manípulo, disparava um êmbolo contra o crânio do animal, cujas pernas se punham a tremer de uma maneira cômica. Couro para capacetes dos motoristas de carros blindados, se lembrou ele. "Deixe-me experimentar", disse o general Renko, e puxou outra vaca para o pelourinho. Pumba! Quem dera a uma pessoa poder se servir assim das mãos!

Arkady saiu do desvario e se levantou cambaleante do monte de neve apertando o peito. Transpostas as árvores e a neve, se deparou mais abaixo com um muro de pedra. Encostou-se a ele e tombou no passeio do Cais Pushkinskaya. Luzes de caminhões varriam a estrada do cais. Não via passar ninguém. Ninguém da Milícia. Os postes de iluminação pública pareciam bolas felpudas, como as bolhas de ar que ele engolia. Os caminhões seguiam o seu caminho e ele estava sozinho ali, atravessando a estrada a cambalear. O rio era uma faixa de gelo de trezentos metros de largura, escurecido para oeste pelas árvores negras que o marginavam até ao Estádio Lênin, e para leste pelos edifícios sem luz dos ministérios. A ponte suspensa de Krimsky ficava pelo menos a um quilômetro de distância. Mais perto, à esquerda de Arkady, havia a ponte do metrô, que não tinha qualquer calçada. Por ela passava o trem, as rodas lançando faíscas. Um vulto corria pelo rio debaixo da ponte. Não havia escadas. Arkady se deixou escorregar três metros pelo paredão de pedra abaixo, o seu traseiro suportando o duro castigo da violenta aterragem no gelo que se seguiu. Levantou-se e começou a correr. Moscou era uma cidade baixa. Do rio ela quase desaparecia na sua própria atmosfera sonolenta.

Os passos estavam mais próximos. O homem era forte mas não rápido; mesmo coxeando, Arkady ia ganhando terreno. Também não havia escadas ao longo do paredão norte, mas ele vislumbrou, para os

lados do estádio, os cais dos barcos de excursões de verão. O homem parou para recuperar o fôlego, olhou para trás e para Arkady e continuou em frente. Já estavam além do meio do rio gelado, a cerca de quarenta metros um do outro. Quando Arkady se aproximou mais, o homem parou uma segunda vez e levantou a mão com tanta autoridade que Arkady se deteve. O gelo produzia uma espécie de luminescência. Conseguiu assim distinguir uma figura forte, de sobretudo e boné. O rosto estava oculto.

— Afaste-se, disse ele em russo.

Quando Arkady avançou, a mão desceu. Viu um cano. O homem apontou com as duas mãos, da maneira como os detetives estão treinados, e Arkady se atirou para o chão. Não ouviu nenhum tiro nem viu nenhum clarão, mas qualquer coisa bateu no gelo atrás de si e, um instante mais tarde, saltaram pedras. O vulto prosseguiu de novo em direção à margem mais distante do rio. Arkady parou junto ao molhe. A água que escorrera pelo paredão gelara de forma irregular e escorregadia sobre a superfície do rio, e foi aí, debaixo da ponte, que os dois homens voltaram a lutar, em permanente desequilíbrio, primeiro de pé, depois de joelhos. O nariz de Arkady sangrava e o outro homem perdera o boné. Um golpe no peito, um pouco mais forte que uma pancadinha pôs Arkady de gatinhas. O seu adversário se levantou. Arkady levou ainda dois pontapés no flanco e, tão eficientes quanto o golpe final de um martelo, com um sapato na parte posterior da cabeça.

Quando voltou a si o homem desaparecera. Ao sentar, descobriu que segurava na mão o boné do adversário. Por cima, rodas espirrando estrelas cruzavam o céu. Pequenos fogos-de-artifício para uma pequena vitória.

* * *

# Cinco

O ESTILO gótico staliniano era menos um estilo arquitetônico do que uma forma de culto. Elementos de obras-primas gregas, francesas, chinesas e italianas tinham sido lançados para o carro bárbaro e enviados para Moscou e para o Próprio Mestre Construtor, que os empilhara, uns sobre os outros, nas torres de cimento e fachos ardentes de Seu governo, arranha-céus monstruosos de janelas agourentas, ameias misteriosas e torres entontecedoras que se erguiam para as nuvens, e a que se juntavam ainda mais espirais coroadas por estrelas cor de rubi que à noite brilhavam como os Seus olhos. Depois da Sua morte, todas estas criações passaram a ser mais um embaraço do que urna ameaça, grandes demais para serem enterradas com Ele, e por isso lá permanecem, uma de cada lado da cidade, enormes templos semiorientais, não esconjurados mas usados. O do distrito de Kievskaia, a oeste do rio, era o Hotel Ukraina.

— Não é fantástico? Pasha estendeu os braços.

Arkady olhou do décimo quarto andar do Ukraina para baixo, para o largo Boulevard de Kutuzovsky Prospekt, e, para além do formigueiro do Kutuzovsky, para os veneráveis edifícios do complexo diplomático e dos correspondentes estrangeiros com o seu pátio central e posto da Milícia.

— Como n'O Caçador de Espiões. Pasha olhou para uma série de gravadores, caixas, mesas e catres. — Você tem muita influência, Arkady.

Aliás, fora lamskoy quem mudara a base das investigações, invocando a falta de espaço da sala de Arkady. Não fora feita qualquer referência ao anterior ocupante da suíte, embora houvesse numa parede um cartaz de loiras hospedeiras da Companhia Aérea da Alemanha

Democrática. Até o detetive Fet estava impressionado.

— O detetive PavIovich está encarregado dos turistas alemães ocidentais e de Golodkin, o homem que você desconfia estar ligado ao comércio de ícones. Eu conheço as línguas escandinavas. Quando estive para seguir a carreira naval, pensei que talvez viessem a ser úteis, confidenciou Fet.

— Ah, sim?

Arkady esfregou o pescoço. Tinha o corpo todo dolorido da sova que apanhara na noite anterior; honestamente, não podia lhe chamar de luta. Sofria só de puxar por um cigarro, e sentia dores de cabeça com a ideia de que ia ter de ficar agarrado a auscultadores. A sua carreira no Exército se reduzira a escutar transmissões aliadas, sentado num abrigo de rádio, no fraterno setor socialista de Berlim. Era impossível imaginar um trabalho mais enfadonho, no entanto os seus dois detetives manifestavam um encantamento incomum. No fim de contas, se viam num hotel de luxo, com os pés repousando sobre um tapete em vez de palmilharem as calçadas das ruas.

— Eu fico com o inglês e o francês, disse Arkady. O telefone tocou. Era Lyudin para dar informações acerca do boné perdido pelo homem que espancara o Investigador-Chefe.

— O boné é novo, de fabricação russo, de seda barata, e contém dois cabelos grisalhos. A análise dos cabelos indica que o dono do boné é branco com sangue do tipo 0. A pomada usada no cabelo tinha por base lanolina e era de origem estrangeira. As marcas dos saltos do mesmo homem deixadas no parque mostravam vestígios de nítidos sapatos novos, também russos. Também temos as marcas dos seus.

— Gastos?

— Muito. Arkady desligou e olhou para os seus sapatos. Não só os saltos estavam gastos, como também a primitiva cor verde do couro transparecia através da graxa preta. “Filho da puta!”, dissera o homem, quando Arkady o mordera. Os Americanos usam essa expressão. Um filho da mãe americano.

— Jovens alemãs, disse Pasha, enquanto escutava uma secretária do Banco Alemão de Exportação. Vivem no Hotel Rossiya e caçam os

homens na sala de baile do mesmo. Uma prostituta russa, uma das nossas, era logo posta fora do Rossiya com um pontapé no cu.

As fitas de Arkady revelavam vários pecadilhos. Ouviu as tiradas em francês de um combatente da libertação do Chade, que se alojara no Hotel Pequim. O futuro dirigente nacional tinha um apetite sexual tão grande como grande era a sua dificuldade em arranjar companheiras. As jovens receavam que, depois de treparem uma vez com um negro, anos mais tarde pudessem dar à luz um macaco! Viva a educação soviética! A requisição de tantas fitas e transcrições assustara Pribluda. Não importava que o material mais sensível não tivesse sido entregue; para alvoroçar bastava que alguém dentro da cadeia de comando da KGB soubesse que se encontrava nas mãos de uma organização rival, o que para eles era o santo dos santos: fitas e transcrições, segredos de outras pessoas que só os iniciados tinham a faculdade de remexer. Qualquer transgressão à regra era uma transgressão mais que suficiente. As caixas regressariam à origem e com elas, Arkady tinha certeza, a própria investigação. Ele ainda não mencionara que o homem que lhe batera era provavelmente americano, nem que levara a cabeça de Beleza a Andreiev. Não podia provar a primeira parte e nada acontecera ainda com a segunda.

Ouviu a fita de um turista enquanto lia a transcrição de outro. Os microfones nas salas e nos quartos do hotel, nos próprios telefones. Por isso captavam ligações e conversas. Os franceses se queixavam da comida, e os americanos e ingleses dos criados. Era tão irritante viajar! Durante o almoço no café perto do vestíbulo do hotel, Arkadytelefonou para a escola de Zoya. Desta vez ela veio ao telefone.

— Quero ir aí falar consigo, disse ele.

— Estamos no mês anterior ao Dia do Trabalhador, sabe como é, respondeu Zoya.

— Posso ir buscá-la depois da escola.

— Não!

— Quando?

— Não sei. Mais tarde, quando eu souber o que irei fazer. Tenho de ir embora. Antes de ela desligar ouviu a voz de Schmidt ao fundo.

A tarde foi interminável, embora tivesse chegado a hora de Pasha e Fet porem os chapéus e sobretudos e irem para casa. Arkady parou de trabalhar para tomar café. Na escuridão distinguiu mais dois dos “seus” arranha-céus bem perto, a Universidade de Moscou a leste, e o Ministério dos Negócios Estrangeiros mesmo junto ao rio. As suas estrelas de rubi brilhavam uma para outra. Sozinho, escutando de novo as fitas, ouviu a primeira voz sua conhecida. A fita era de uma festa americana dada a 12 de Janeiro no Hotel Rossiya. A voz era de um convidado russo, uma mulher irritada dizia:

— Tchekov, naturalmente. Sempre relevante, dizem eles, devido à sua atitude crítica em relação à pequena-burguesia, aos seus profundos sentimentos democráticos e à sua fé absoluta na força do povo. A verdade é que, num filme de Tchekov, se podem pôr chapéus decentes nas atrizes em vez de lenços. Uma vez por ano eles querem um filme com chapéus bonitos. Arkady reconheceu a voz de Irina Asanova, a jovem da Mosfilm. Houve um protesto da parte das atrizes presentes. Chegou mais gente.

— Yèvgeny, o que me traz? Fechou-se uma porta.

— Um Feliz Ano Novo um tanto retardado, John.

— Luvas! Que boa ideia. Estas vou usá-las.

— Use-as e mostre-as. Se aparecer amanhã lhe dou cem mil para vender.

O nome do americano era John Osborne. O seu quarto no Rossiya ficava perto da Praça Vermelha e mais parecia uma suíte real, com flores sempre frescas. O Ukraina era uma estação de trem em comparação com o Rossiya. O russo de Osborne era bom e estranhamente suave. Mas Arkady queria ouvir a jovem outra vez. Ouviam-se mais vozes na fita.

— ... Representação maravilhosa.

— Sim, ofereci uma recepção em honra dela quando toda a companhia de balé foi a Nova Iorque. Dedicada à sua arte.

— Como o Moiseyev?

— Maravilhosa energia!

Arkady ouviu mais boas-vindas, brindes à arte russa, perguntas

acerca dos Kennedy; não houve mais nada com Irina Asanova. Sentiu as pálpebras lhe pesando, como se fosse um convidado invisível enterrado debaixo de casacos quentes e de palavras meio ouvidas, ecos já com quatro meses de uma sala e rostos que ele nunca vira. O bater do extremo da fita lhe chamou a atenção. Para o caso de Irina Asanova tomar a falar, Arkady voltou a fita. O mesmo grupo mais tarde. Osborne falava:

— A Fábrica de Curtumes Gorki já me fornece luvas feitas. Há dez anos tentei importar couro de vitela mais barata que a dos espanhóis e italianos. Felizmente, verifiquei a mercadoria em Leningrado. Tinham-me dado peles da barriga. Tripas. Segui a pista por onde a carga viera e descobri que fora de uma coletividade de criadores de gado em Alma Alta, que enviara no mesmo dias as minhas peles de vitela para Leningrado e tripas para a sopa para Vogvozdino.

Vogvozdino? Mas o americano não podia saber da existência do estabelecimento prisional que ali existia, pensou Arkady.

— Eles contataram as autoridades de Vogvozdino, que disseram ter o carregamento chegado, sido transformado em sopa e devorado com entusiasmo. Assim, a coletividade ficou justificada. Eu não posso ficar com as tripas porque, com certeza, os russos não iriam comer luvas. Perdi vinte mil dólares, e a partir de agora nunca mais encomendo sopa à leste de Moscou. A um silêncio nervoso se seguiram gargalhadas nervosas.

Arkady fumava e reparou que colocava três fósforos à sua frente sobre a mesa.

— Não posso compreender porque vocês fogem para os Estados Unidos. Por dinheiro? Aprenderiam que os americanos, por muito dinheiro que tenham, acabam sempre por encontrar uma coisa que não podem comprar. Quando isso acontece, dizem “Não podemos comprá-lo, somos muito pobres para comprá-lo.”. E nunca “Não somos suficientemente ricos.”. Vocês não querem ser americanos pobres, não é? Aqui serão sempre ricos.

As páginas do dossiê sobre Osborne eram cópias feitas a papel carbono, com o carimbo da KGB gravado em vermelho: John Dusen Osborne, cidadão dos EUA, nascido a 16-5-1920, em Tarrytown, Nova lorque. Sem filiação partidária. Solteiro. Residência atual: Nova lorque. Primeira entrada na URSS em 1942, por Murmansk, com o grupo consultor de Lend Lease. Como conselheiro de transportes, por nomeação do Serviço dos Assuntos Estrangeiros dos EUA, residiu em Murmansk e Arcângel entre 1942 e 1944, período durante o qual desempenhou papel significativo no esforço de guerra antifascista. Demitiu-se do Serviço dos Assuntos Estrangeiros em 1948, durante um período de histeria de direitas, e passou a se dedicar, como particular, ao comércio e importação de peles russas. O indivíduo em questão tem apoiado muitas missões de boa vontade e de intercâmbio cultural e é um visitante anual da URSS.

A segunda página do dossiê mencionava os escritórios da Osborne Fur Imports, Inc. e da Osborne Fur Creations, Inc., em Nova Iorque, Palm Springs e Paris, assim como as visitas de Osborne à Rússia durante os últimos cinco anos. A sua última viagem ocorrera entre 2 de Janeiro e 2 de fevereiro. Havia uma nota a lápis que fora riscada, mas Arkady conseguiu ler: “Referência pessoal: V. Mendel, Ministro do Comércio.”. Na terceira página estava escrito: “Ver Anais da Cooperação Soviético-Americana na Grande Guerra Patriótica, Pravda, 1967.”. Também: “Ver Departamento Um.”.

Arkady se lembrava de Mendel. O homem era uma daquelas lagostas que mudam de pele e engordam mais em cada estação. Primeiro foi inspetor da “reintegração” dos kulaks deslocados, depois emissário em tempo de guerra para a Região de Murmansk, a seguir diretor de Desinformação da KGB e, por fim, já com as garras bem afiadas, ministro-adjunto do Comércio. Mendel morrera no ano anterior, mas Osborne podia estar certo de ter mais amigos da mesma espécie.

— É a sua humildade que dá encanto. Um russo se sente inferior a toda a gente exceto perante um árabe ou outro russo.

As risadas russas confirmavam a maneira de ver de Osborne. Era o tom mundano que os seduzia. De qualquer modo era um estrangeiro

seguro.

— Na Rússia, quando se encontra um homem sensato, se afasta das mulheres bonitas, dos intelectuais e dos judeus. Ou, em termos mais simples, dos judeus.

Uma pérola sádica com um único elemento necessário, concordou Arkady, um grão de verdade. Contudo o seu tão divertido público estava enganado. A nota do dossiê "Departamento Um" referia-se à seção norte-americana da KGB. Osborne não era agente; se o fosse nenhuma dessas fitas teria sido enviada. Osborne, segundo a nota, era simplesmente um cooperante, um patrono da arte russa e um informante sobre os artistas russos. Sem dúvida que mais do que um bailarino que tivesse gozado da sua hospitalidade e feito declarações em Nova lorque, teria encontrado um segundo público em Moscou... Arkady ficou aliviado por não voltar a ouvir a voz de Irina Asanova na fita.

Misha convidara Arkady para jantar. Antes de sair, verificou o trabalho dos detetives. As fitas escandinavas de Fet estavam muito bem empilhadas com notas e dois lápis afiadíssimos. A mesa de Pasha era um caos. Arkady deu uma vista de olhos às transcrições do detetive referentes aos telefonemas de Golodkin. Uma das transcrições feitas no dia anterior era curiosa. Durante esse telefonema, Golodkin falou unicamente em inglês, e a pessoa que se achava do outro lado da linha só falou em russo.

G: Bom dia. Aqui Feodor. Lembra-se? Na sua última viagem estivemos para ir juntos ao museu.
X: Sim.
G: Como está? Gostaria de lhe mostrar o museu hoje. Convém-lhe?
X: Lamento, mas estou muito ocupado. Talvez no próximo ano.
G: Tem certeza?

O russo transcrito da pessoa não identificada se mostrava perfeitamente corrente. Era uma questão de fé, no entanto, que ninguém sabia falar russo senão os russos e, ao que parecia, o traficante de mercado negro pensara, contrariamente à evidência, que tinha de se servir do inglês. Golodkin estava pois falando com um estrangeiro.

Arkady encontrou a fita que correspondia à transcrição e colocou-a no gravador. Desta vez ouviu o que acabara de ler. Arkady reconheceu a outra voz imediatamente, pois estivera ouvindo-a há poucas horas. Era Osborne. O americano regressara a Moscou.

* * *

Os Mikoyan tinham um grande apartamento, cinco divisões, uma das quais com dois pianos de cauda, que, juntamente com aquele, Misha herdara dos pais, que se exibiam num duo na Orquestra Sinfônica da Rádio. Uma coleção de cartazes revolucionários do cinema, também pertencente aos pais, decorava as paredes, juntamente com as esculturas rústicas de madeira de Misha e Natasha. Misha mostrou o banheiro a Arkady, um canto do qual era ocupado por uma máquina de lavar roupa nova, de um imaculado esmalte branco.

— A Sibéria. O máximo dos máximos. Cento e cinquenta rublos. Esperámos dez meses por isto.

Uma extensão levava a uma tomada, e um tubo pendia por cima da borda da banheira. Exatamente o que Zoya desejava.

— Podíamos ter arranjado a ZIV ou a Riga em quatro meses, mas queríamos o melhor. Misha pegou num número do Boletim Comercial que estava em cima do lavatório. — Da mais alta categoria. E nada burguês. Schmidt devia ter uma na sua casa.

Misha deu um olhar carregado a Arkady e lhe estendeu um copo. Estava bebendo vodca apimentada e já pareciam um pouco altos. Misha retirou do tambor uma pilha de roupa ainda húmida e enfiou-a no secador.

— Vou mostrar!

Apertou um botão no secador. Com um rugido, a máquina começou a vibrar. O rugido cresceu, como se um avião fosse levantar voo no banheiro. A água foi cuspida pelo tubo para a banheira. Misha se encostou com ar sonhador.

— Fantástico! Gritou ele.

— Poesia, disse Arkady. — Poesia de Mayakovsky. (1893-1930. Poeta revolucionário que declamava os seus poemas perante assembleias de operários), — Mas mesmo assim poesia. A máquina parou. Misha verificou a ficha e depois o botão que emperrara. — Alguma coisa mal? Misha envolveu Arkady e a máquina no mesmo olhar. Bateu num dos lados e a máquina recomeçou a vibrar.

— Decididamente uma máquina russa.

Arkady se recordou de um velho provérbio que falava de "chicotear o próprio servo" e ficou pensando, enquanto beberricava, se não haveria um novo rifão que dissesse "chicotear a própria máquina". Misha ficou de mãos na cintura.

— Todas as coisas têm um período de rodagem, explicou ele.

— É de esperar.

— Agora está trabalhando para valer.

Sacudindo, para sermos precisos. Misha enfiara apenas quatro cuecas no secador. "Naquele ritmo", calculou Arkady, passar a roupa do agitador para o secador, e deste para a corda de secagem comum, garantiria que a lavagem da roupa de uma semana pudesse ser feita numa... Semana. No entanto, no seu zelo, a máquina quase se erguia do chão do banheiro. Misha deu um inquieto passo à retaguarda. O barulho era ensurdecedor. A mangueira de drenagem saltou e a água espirrou para a parede.

— O que é isto? Misha enfiou rapidamente urna toalha no buraco do tubo com uma mão e com a outra fez girar o botão. Quando este lhe ficou nos dedos, começou a dar pontapés na máquina até Arkady pará-la.

— Vá foder a sua mãe! Misha deu outro pontapé no seu alvo parado. — Foder a sua mãe! Dez meses! Voltou-se para Arkady. — Dez meses! Pegou no Boletim Comercial e tentou rasgá-lo em dois. — Eu direi a esses filhos da puta! Só gostaria de saber quanto dinheiro receberam!

— O que vai fazer?

— Vou lhes escrever! Misha jogou o boletim na banheira. Mas se pôs imediatamente de joelhos tentando recuperar a folha que continha a página editorial. — Etiqueta de qualidade do Estado? Eu lhe mostro a etiqueta de qualidade. Amarrotou a folha numa bola, atirou-a para o sanitário, puxou a cordinha e soltou um grito de triunfo.

— E agora, como sabe para onde vai escrever?

— Sshh! Misha pôs um dedo nos lábios pedindo silêncio. Voltou a pegar na bebida. — Não conte nada para Natasha. Ela acabou de receber a máquina. Faz de conta que não aconteceu nada.

Natasha serviu um jantar de empadas de carne, picles, salsichas e pão branco, mal tocando no seu vinho, e toda ela parecia envolta numa auréola de contentamento.

— Ao seu caixão, Arkady. Misha ergueu o copo. — Que terá forro de seda bordada, uma almofada de cetim, o seu nome e títulos numa placa de ouro, e puxadores de prata cravadas na melhor madeira de cedro de cem anos que eu plantarei amanhã de manhã. Bebeu, satisfeito consigo próprio. — Ou, acrescentou ele, — Posso encomendá-lo também no Ministério da Indústria Ligeira. O que deve levar mais ou menos o mesmo tempo.

— Desculpa o jantar, disse Natasha a Arkady. — Se tivéssemos alguém que fizesse as compras... Sabe?

— Ela pensa que você vai falar de Zoya. Recusamos a nos meter entre vocês os dois, disse Misha e se voltou para Natasha: — Viu Zoya? Que disse ela sobre Arkady?

— Se tivéssemos uma geladeira maior, explicou Natasha, — Ou um freezer...

— Claro que falaram de geladeiras. Mish voltou os olhos para Arkady. — A propósito, não conhece, nenhum operador-assassino que lhe deva algum favor? Natasha cortou a sua empada em pedacinhos.

— Conheço alguns médicos. Ela sorriu. A faca se deteve quando o seu olhar pousou finalmente no botão da máquina que estava junto do prato de Misha.

— Um pequeno problema, meu amor, disse Misha. — A máquina não está funcionando muito bem.

— Não faz mal. Pelo menos podemos mostrá-la às pessoas.

E sorriu, genuinamente feliz.

* * *

# Seis

O HOMEM não nasce criminoso mas erra devido a circunstâncias infelizes ou à influência de elementos negativos. Todos os crimes, grandes ou pequenos, podem ser atribuídos à avareza pós-capitalista, ao egoísmo, à preguiça, ao parasitismo, à bebedeira, aos preconceitos religiosos ou à depravação hereditária. O assassino Tsypin, por exemplo, nasceu filho de uma assassina e de um especulador de ouro, e entre os seus antepassados se contavam assassinos, ladrões e monges. Tsypin foi criado como um urka, um criminoso profissional. Ostentava as tatuagens azuis do urka, cobras, dragões, os nomes de várias amantes, numa tal profusão que apareciam por baixo dos punhos da camisa e do colarinho. Uma vez mostrara a Arkady o galo vermelho que tinha tatuado no pênis. Tsypin assassinara um cúmplice numa altura em que, felizmente para ele, só os crimes contra o Estado eram passíveis de pena de morte. Tsypin apanhou dez anos de prisão. Ali acrescentou outra tatuagem na testa: “Fodido pelo Partido.” Uma vez mais, teve sorte. Esse gênero de contestação “corporal” antissoviética fora considerado crime contra o Estado até à semana anterior ao seu ato, por isso só lhe enxertaram na testa um pedaço de pele retirado das nádegas e o agravamento de mais cinco anos na sua pena, que acabou por ser suspensa por ocasião do centésimo aniversário do nascimento de Lênin.

— Agora tenho vistas mais largas, contou ele a Arkady. — O índice de criminalidade desce. Os juízes abrandam, depois nos rebentam com os tomates. É como a lua e as marés. Seja como for, agora tenho uma boa situação.

Tsypin era mecânico. Mas onde fazia dinheiro era com os motoristas de caminhões. Estes enchiam os depósitos para levarem mercadoria a alguma aldeia distante. Contudo, à saída de Moscou, tiravam gasolina com um sifão, vendiam-na a um preço especial a

Tsypin, alteravam os seus odômetros e, no fim do dia, regressavam aos terminais com a história sempre plausível de estradas más e de desvios. Tsypin, por sua vez, vendia a gasolina aos proprietários de carros particulares. As autoridades tinham conhecimento das suas atividades, mas como havia muito poucas bombas de gasolina em Moscou e uma grande necessidade de mais, os especuladores como Tsypin gozavam virtualmente da permissão de executar esse prestimoso serviço social.

— A última coisa que se pode desejar são medidas repressivas, e se eu soubesse quem matou estas três pessoas no Parque Gorki seria o primeiro a lhe dizer. A verdade é que o tipo que fez uma coisa dessas merecia que lhe cortassem os tomates. Também temos as nossas regras, sabe?

Mais urkas se sentaram na sala de Arkady em Novokuznetskaya, repetindo todos que nenhum deles era suficientemente louco para ir matar alguém no Parque Gorki e, por outro lado, não se dera pela falta de qualquer pessoa. O último a ser ouvido foi Zharkov, um antigo soldado que fazia comércio de armas.

— No fim de contas, que material disponível nós temos? Sobras do Exército Vermelho, alguns revólveres britânicos enferrujados, talvez uma pistola checa ou duas. Se for para leste, para a Sibéria, talvez encontre um bando com uma metralhadora. Aqui não, nada do gênero que você descreve. Além disso, quem a iria disparar? Além de mim próprio, não conheço dez pessoas em Moscou com menos de quarenta e cinco anos que acertasse na avó a dez passos de distância. Quem tivesse estado na tropa, diz você? Não estamos na América. Se estivemos em guerras a sério durante os últimos trinta anos, me diga em quais. Não há oportunidade de disparar sobre alguém e, além disso, o treino, os que tiveram, foi para o diabo. Falemos sério. Você se refere a uma execução organizada, e tanto você como eu só conhecemos uma organização apetrechada para tal.

À tarde, Arkady não parou de telefonar para a escola de Zoya até lhe dizerem que ela saíra para o clube atlético do Sindicato dos Professores. O clube era uma antiga mansão no extremo de Novokuznetskaya, mesmo em frente do Kremlin. Enquanto procurava o

ginásio do clube, Arkady andou perdido até entrar numa porta e dar consigo numa pequena tribuna que em tempos se destinava aos músicos. Olhou para baixo, para o que fora urna sala de baile. Cupidos sem rosto decoravam o teto alto. A pista de dança fora coberta de colchões de vinil, brilhantes e tresandando a suor. Zoya se balançava nas barras paralelas. O seu cabelo dourado estava puxado e enrolado atrás da cabeça, tinha ligaduras contra a transpiração nos pulsos e meias de lã de aquecimento. Quando rolou por baixo da barra inferior, as suas pernas se afastaram como asas de um avião, os músculos das costas e nádegas bem marcados sob a roupa. Com roupa de treino, braços cruzados, Schmidt observava a pouca distância. Ela estendeu as mãos para a barra superior, deu meia volta para descer para a inferior, batendo contra a madeira, se elevou num pino de pés estendidos para o teto, e deu outra volta, rolando, de pernas afastadas, regressando à barra superior. Não era suficientemente boa para ser graciosa; o que tinha era uma espécie de ritmo obsessivo, como o do pêndulo de um relógio. Saltou das barras e, quando Schimdt a agarrou com as duas mãos pela cintura, Zoya abraçou-o. “Era romântico”, pensou Arkady. Em vez dum marido devia haver na tribuna um quarteto de cordas e luar. Natasha tinha razão, eles tinham sido feitos um para o outro. Deixando a tribuna, Arkady bateu a porta com tanta força que pareceu a detonação de uma arma.

Foi buscar roupa lavada no apartamento e, a caminho do Ukraina, foi à Biblioteca Histórica buscar os Anais da Cooperação Soviético-Americana na Grande Guerra Patriótica. “Quando chegasse ao hotel talvez a KGB já tivesse ido buscar as caixas”, pensou Arkady, ou talvez Pribluda estivesse à sua espera. A conversa começaria talvez com alguma gracinha, tentando estabelecer relações novas e mais amistosas, descrevendo porventura os seus desentendimentos como puramente institucionais. No fim de contas, a KGB vivia sem receios. Sem inimigos, dentro ou fora, reais ou imaginarias, todo o aparelho da KGB era inútil. O papel da Milícia e da sala do promotor, por outro lado, servia para demonstrar que estava tudo bem. “Daqui a anos”, imaginou Arkady, os três crimes talvez sejam discutidos nas revistas de Direito como Conflitos de Carácter Institucional no Parque Gorki. No Ukraína havia novas caixas. Pasha e Fet tinham saído. Pasha deixara uma nota dizendo que a hipótese dos ícones fora um fracasso, mas que apanhara

um alemão metido noutra coisa. Arkady amarrotou a nota, atirou-a para o cesto dos papéis e deixou cair a sua roupa lavada sobre o divã.

Estava chovendo, as gotas de água metralhavam o rio gelado e envolviam o trânsito numa espécie de neblina. Através da chuva, do outro lado do bulevar, no edifício reservado aos estrangeiros, uma mulher de camisola estava junto de uma janela iluminada. Americana? O peito de Arkady lhe doía, estava inchado e vermelho no local onde o fugitivo do parque o atingira há duas noites. Apagou um cigarro e acendeu outro. Sentiu-se estranhamente leve, livre de Zoya, livre de casa, deslizando para fora de uma órbita que fora a sua vida, se afastando da gravidade. Do outro lado do bulevar a janela da mulher ficou às escuras. Ele perguntou a si mesmo porque queria dormir com uma mulher que nunca vira e cujo rosto era um borrão por trás dum vidro molhado. Nunca fora infiel, nem nunca sequer pensara em tal. Agora queria qualquer mulher. Ou então bater em alguém. Estabelecer contato, isso era o principal.

Forçou-se a si próprio para ouvir as fitas de janeiro do homem de negócios, o provocador Osborne. Se conseguisse estabelecer um elo entre o Parque Gorki e qualquer favorito da KGB, tinha certeza de que o major Pribluda entraria em ação. Não tinha nenhuma razão para desconfiar de Osborne, apesar dos contatos do americano com Irina Asanova e o vendedor de ícones Golodkin. O que acontecia era como se Arkady fosse passando por um campo e ouvisse um silvo debaixo de uma rocha. Tem uma cobra aqui, diria o silvo. O peleiro passara janeiro e os dois primeiros dias de fevereiro entre Moscou e o leilão anual de peles de Leningrado. Em ambas as cidades, confraternizara com uma elite de funcionários comerciais e culturais, coreógrafos e realizadores, bailarinos e atores, não com o gênero de cidadãos miseráveis cujos cadáveres tinham sido encontrados no Parque Gorki.

Osborne: Você é célebre como realizador de filmes de guerra. Os Americanos adoram a guerra. Foi um grande general americano que disse: “A guerra é o céu. “

Nos Anais da Cooperação Soviético-Americana na Grande Guerra Patriótica, Arkady viu Osborne ser mencionado duas vezes:

***Durante o cerco, a maior parte dos cidadãos estrangeiros abandonaram o porto. Um que não o fez foi o funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros americano, J. D. Osborne, que trabalhou lado a lado com os colegas soviéticos para minimizar a destruição das mercadorias nas docas. Durante os bombardeamentos mais intensos, o general Mendel e Osborne estavam sempre nos subúrbios da cidade trabalhando debaixo de fogo para garantir a recuperação quase imediata das vias destruídas. A chamada política de empréstimo e arrendamento de Roosevelt tinha quatro objetivos: prolongar a luta entre os agressores fascistas e os defensores da pátria soviética até que ambos os combatentes esgotassem o seu sangue; retardar a abertura de uma segunda frente enquanto ele negociava a paz com o bando de Hitler; colocar o combatente povo soviético numa situação de dívida financeira infindável; e restabelecer a hegemonia anglo-americana em todo o mundo. Foram os americanos isolados que tiveram a visão de lutar por um novo tipo de relações globais...***

Páginas adiante:

***... Salteadores fascistas infiltrados fizeram uma emboscada ao grupo de transporte dirigido pelo general Mendel e pelo americano Osborne, que conseguiram fugir para a liberdade se servindo das suas próprias armas de defesa.***

Arkady se lembrava das piadas do seu pai a respeito da covardia física de Mendel (“calças borradas, botas brilhantes”). No entanto, como Osborne, Mendel era considerado um herói: Mendel fora para o Ministério do Comércio em 1947 e, pouco depois, Osborne obtivera a licença para a exportação de peles. O detetive Fet surgiu inesperadamente no escritório.

— Já que o senhor está aqui, inspetor, pensei que talvez eu pudesse escutar mais algumas das minhas fitas, disse ele.

— É tarde. Está chovendo, Sergei?

— Está, sim. Fet colocou o seu sobretudo seco sobre uma cadeira e se sentou à máquina.

“Não estamos sequer sendo muito sutis”, pensou Arkady. O rapaz começou os seus preparativos por equilibrar os óculos no nariz e dispor a jeito os lápis afiados. Se calhar, havia algum microfone no escritório, e eles se fartaram de ouvir as suas próprias gravações e deram ordem ao pobre Fet que fosse para a brecha. Isso revelava verdadeiro interesse. Ótimo. Fet hesitou.

— O que há Sergei? A familiaridade pôs Fet pouco à vontade. O detetive se agitava como uma pequena locomotiva que ganha pressão.

— Este caminho, inspetor...

— Já que estamos fora das horas de serviço, me trate por camarada.

— Obrigado. Este caminho que tomamos... Não posso deixar de pensar se será o correto.

— Eu também. Partimos com três cadáveres e caminhamos segundo uma tangente, com fitas gravadas e transcrições de pessoas que, no fim de contas, são visitantes bem-vindos. Podemos estar completamente errados e isso representar uma perda de tempo. É assim que você pensa, Sergei? Fet parecia ter perdido o fôlego.

— Sim, Investigador-Chefe.

— Faça o favor de me chamar camarada. No fim das contas, como podemos nos associar a este crime estrangeiros cooperantes, quando não sabemos quem foram as vítimas ou a razão por que foram assassinadas?

— Era o que eu estava pensando.

— Porque não, em vez de se pensar em estrangeiros, se fazer uma seleção de empregados da patinagem, ou preparar listas de todas as pessoas que visitaram o Parque Gorki neste inverno? Pensa que seria melhor?

— Não... Talvez...

— Você parece ter dois tipos de entendimentos, Sergei. Por favor me diga o que pensa, porque a crítica é construtiva. Ela define o nosso objetivo e conduz à unanimidade de esforços.

O conceito de ambiguidade deixou Fet ainda menos à vontade, por isso Arkady deu uma ajuda. — Não digamos dois tipos de entendimentos. Duas maneiras diferentes de abordar o assunto. Assim é melhor, Sergei?

— Sim. Fet prosseguiu. — E eu estava pensando se você saberia de algum aspecto da investigação que eu desconhecesse e que tivesse conduzido a uma tal concentração de atenções sobre registos da Segurança do Estado.

— Sergei, tenho inteira confiança em si. Tenho também inteira confiança no criminoso russo. Ele mata por paixão e, se possível, discretamente. É verdade que há agora falta de casas, mas quando essa situação melhorar haverá ainda mais homicídios desse gênero. De qualquer modo, consegue imaginar um russo, um filho da Revolução,

atraindo a sangue-frio três pessoas para uma execução no principal parque cultural de Moscou? Consegue, Sergei?

— Não estou entendendo.

— Não vê, Sergei, que há certos laivos de ironia neste crime? Fet se endireitou, revoltado.

— Ironia?

— Pense nisso, Sergei. Aplique o seu raciocínio.

Desculpando-se, Fet partiu minutos mais tarde. Arkady voltou às fitas de Osborne, se servindo dos auscultadores, decidido a acabar com as gravações de janeiro antes de adormecer no catre. Sob luz da luminária de mesa colocou três fósforos sobre um pedaço de papel. A volta dos fósforos desenhou um esboço da clareira do parque.

Osborne:

— Mas você não pode fazer O Estrangeiro de Camus para um público soviético. Um homem tira a vida a alguém completamente estranho sem nenhuma razão a não ser o aborrecimento? É puramente um excesso ocidental. O conforto da classe média conduz inevitavelmente ao aborrecimento e ao crime sem motivo. A polícia está habituada a isso, mas aqui, numa sociedade socialista em marcha, ninguém é manchado pelo aborrecimento.

— E o Crime e Castigo? E Raskolnikov?

— Exatamente o que eu penso. Com todas estas divagações existencialistas, até mesmo Raskolnikov só queria colocar a mão nalguns rublos. É tão provável encontrar aqui um ato não motivado como encontrar uma ave tropical do lado de fora da sua janela. Haveria uma confusão em massa. O assassino de Camus nunca seria apanhado aqui.

Por volta da meia-noite se lembrou da nota de Pasha. Sobre a mesa do detetive tinha um relatório anexado ao dossiê de um cidadão alemão chamado Unmann. Arkady folheou-o com olhos cansados.

Hans Frederick Unmann nascera em 1932, em Dresden, casara aos dezoito anos, se divorciara aos dezenove, fora expulso da Juventude Comunista por ser desordeiro, as acusações de assalto tinham sido arquivadas. Entrou para o Exército em 1952 e, durante os tumultos

reacionários do ano seguinte, foi acusado de desancar amotinados, acusações de assassínio arquivadas, terminando depois o seu serviço como guarda na Fortaleza de Marienbad. Trabalhou durante quatro anos como motorista do secretário da Comissão Central dos Sindicatos Operários. Regressou ao Partido em 63, voltou a casar nesse mesmo ano e foi contratado como capataz numa fábrica de artigos de ótica. Cinco anos mais tarde, foi expulso do Partido por bater na mulher. Em resumo, um bruto. Unmann regressara ao Partido e fora destacado pelo Komsomol para manter a disciplina entre os estudantes alemães em Moscou. A fotografia mostrava um homem alto, ossudo, de cabelo louro ralo. O relatório de Pasha acrescentava que Golodkin fornecera prostitutas a Unmann até o alemão acabar com a ligação entre ambos em janeiro. Não havia nenhuma menção a ícones.

Tinha uma fita no gravador de Pasha. Arkady pegou nos fones e ligou o aparelho. Ficou pensando no motivo que teria levado Unrnann a cortar com Golodkin, e porque em janeiro? O alemão de Arkady já não era tão bom como quando estivera no Exército, mas chegou para decifrar as claras ameaças físicas de que Unmann se servia para manter os seus estudantes na linha. Pelo tom das suas vozes, os estudantes alemães estavam convenientemente aterrorizados. Bom, Unmann tinha um bom emprego. Um ou dois garotos metidos na ordem por dia, e o resto do tempo por sua conta. Contrabandeava máquinas fotográficas e binóculos da Alemanha e talvez também forçasse os estudantes a fazerem o mesmo para ele. Claro que nada de ícones; só os visitantes do Ocidente queriam ícones russos.

Depois, Arkady ouviu uma gravação em que alguém dizia a Unrnann para se encontrar com ele “no local habitual”. Um dia mais tarde, o mesmo indivíduo disse a Unmann para estar junto do Bolshoi. No outro dia “no local habitual” e dois dias mais tarde outra vez noutro local. Não foram mencionados nomes, nem foi travada qualquer conversa, e as palavras que se trocaram foram sempre em alemão. Arkady levou muito tempo para se convencer de que o amigo anônimo era Osborne, porque Unmann nunca aparecera nas gravações de Osborne. Osborne telefonava para Unmann e nunca o contrário, e aparentemente Osborne falava só de telefones públicos. Havia também

uma entoação errada na voz do interlocutor anônimo, e Arkady entendia que a sua identificação era impensável.

Ligou dois gravadores e escutou alternadamente as fitas de Osborne e de Unmann. Encheu o cinzeiro com uma pirâmide de guimbas. Agora era uma questão de paciência. De madrugada, depois de sete horas de escuta, Arkady saiu do hotel para despertar. Enquanto contornava a praça de táxis, a sebe desta estalava com o vento. Ao inspirar o ar ouviu outro som, o de umas pancadas ritmadas que vinham do alto. Operários martelavam o parapeito do telhado do Ukraina para detectarem sons indicadores de tijolos soltos pelo inverno. De regresso a sala, começou com as fitas de Unmann do mês de fevereiro. Em 2 de fevereiro, dia da partida de Osborne de Moscou para Leningrado, o homem anônimo falou:

— O avião está atrasado.
— Está atrasado?
— Está tudo correndo bem. Você se preocupa demais.
— E você nunca se preocupa?
— Acalme-se, Hans.
— Não gosto disto.
— E um pouco tarde para gostar ou não gostar.
— Toda a gente sabe dos novos Tupolev.
— Um acidente? Você pensa que só os Alemães sabem construir alguma coisa.
— Mais um atraso! Quando chegar a Leningrado...
— Não é a primeira vez que vou a Leningrado. Já estive lá anteriormente, com alemães. Vai correr tudo bem.

Arkady dormiu durante uma hora.

* * *

# Sete

O BONECO era uma cabeça sem feições, de gesso rosado, com uma cabeleira suja, mas com dobradiças junto das orelhas para que o rosto se abrisse pelo meio e revelasse uma estrutura interna de músculos azuis e ossos brancos tão intrincada como um ovo de Fabergé.

— A carne não se apoia no vazio, explicou Andreiev. — As suas feições, caro inspetor, não são determinadas pela inteligência, carácter ou encanto. O antropologista pôs o boneco de lado e segurou na mão de Arkady. — Sente os ossos aqui? Vinte e sete ossos tem a sua mão, inspetor, cada um deles se articulando de uma maneira diferente para um objetivo diferente. O aperto de Andreiev, forte para um homem tão pequeno, se tomou mais insistente e Arkady sentiu as veias engrossarem nas costas da mão. — E os músculos flexores e extensores têm tamanhos e ligações diferentes. Se eu lhe dissesse que ia reproduzir a sua mão, você não duvidaria de mim. A mão parece um instrumento, uma máquina. Andreiev soltou a mão de Arkady. — A cabeça é urna máquina nervosa, de comer, ver, ouvir e cheirar, por esta ordem. Uma máquina com ossos proporcionalmente maiores e de menos carne do que uma mão. O rosto é só uma fina máscara do crânio. Pode-se fazer um rosto a partir do crânio, mas não se pode fazer um crânio a partir dum rosto.

— Quando? Perguntou Arkady.

— Dentro de um mês...

— De alguns dias. Preciso um rosto identificável dentro de poucos dias.

— Renko, você é o inspetor típico. Não ouviu uma palavra do que eu disse. Mal me decidi a fazer o rosto. É uma operação muito complicada e irei fazê-lo no meu tempo livre.

— Há um suspeito que vai deixar Moscou dentro de uma semana.

— Ele não pode sair do país, portanto...

— Vai sair.

— Não é russo?

— Não.

— Ah! O anão deu uma gargalhada. — Então vamos ver. Não me conte mais nada a este respeito, por favor. Andreiev subiu para um banco e coçou o queixo, olhando para a claraboia. Arkady receava que ele recusasse se ocupar mais da cabeça. — Bom, ela veio para nós intacta, com exceção do rosto, e tirei algumas fotografias, por isso não preciso de perder tempo reconstruindo o pescoço e maxilar. Os ligamentos musculares ainda se mantinham no rosto, e nós fotografamo-los e desenhamo-los. Conhecemos a sua cor de cabelo e corte. Assim que conseguir o molde de um crânio limpo penso que posso começar.

— Quando terá esse molde?

— Inspetor, quantas perguntas! Porque não pergunta à Comissão de Limpeza? Andreiev estendeu o braço e abriu uma gaveta funda. Lá dentro se encontrava a caixa onde Arkady trouxera a cabeça. Andreiev abriu a tampa. Via-se uma massa brilhante, e Arkady levou um pouco para perceber que a massa que se movia era composta de baratas, um mosaico de insetos semelhantes a joias se alimentando sobre e no interior dos ossos brancos. — Em breve, prometeu Andreiev.

* * *

Da sala de teleimpressores da Milícia, na Rua Petrovka, Arkady enviou um novo boletim de homicídio, desta vez não só para oeste dos Urais mas para toda a república, incluindo a Sibéria. Continuava a se sentir perturbado pelo fato de os três corpos ainda estarem por identificar. Toda a gente tinha papéis; todos se vigiavam uns aos outros. Como três pessoas podiam desaparecer durante tanto tempo? E a única ligação com alguém eram os patins de gelo de Irina Asanova, oriunda da Sibéria.

— Num lugar como Komsomolsk há dez horas de avanço sobre Moscou, disse o operador do teleimpressor. — Lá já é noite. Não receberemos nenhuma resposta antes de amanhã. Arkady acendeu um cigarro e, ao aspirá-lo pela primeira vez, teve um ataque de tosse. Era da chuva e das suas costelas espancadas. — Devia ir ao médico.

— Conheço um médico. Pôs a mão em frente da boca e saiu.

Quando Arkady chegou, Levin estava na sala das autópsias trabalhando num corpo com lábios castanhos. Ao ver que ele hesitava à porta, o patologista limpou as mãos e saiu.

— Suicídio. Gás, além de cortar ambos os pulsos e o pescoço disse Levin. Sabe a última piada? O secretário-geral Brejnev vai visitar o primeiro-ministro Kossyguin no seu gabinete e diz: “Aleksei, meu queridíssimo camarada e velho amigo, acabo de ouvir o boato inquietante de que você é judeu!” “Mas eu não sou”, responde Kossyguin, muito chocado. O secretário-geral Brejnev tira um cigarro da sua cigarreira de ouro, acende-o, faz um aceno de cabeça. Levin ia reproduzindo todas as expressões, e diz: “Bem, Aleksei pense nisso.”.

— Piada velha.

— Nova versão.

— Você não larga os Judeus, disse Arkady.

— Eu não largo os Russos. O frio do aposento provocou outro ataque de tosse em Arkady, e Levin disse. — Venha comigo. Subiram até a sala de Levin, onde, para surpresa de Arkady, o patologista apresentou uma garrafa de conhaque autêntico e dois copos. — Até mesmo para um Investigador-Chefe, você tem um aspecto horrível.

— Preciso de uma pílula.

— Renko, o Herói Trabalhador. A sua saúde. O conhaque açucarado foi absorvido pela massa junto do coração de Arkady. Nada parecia lhe chegar ao estômago.

— Quanto peso perdeu ultimamente? Perguntou Levin. — Quanto tempo tem dormido?

— Você tem remédios?

— Para a febre, resfriado, nariz entupido? Para o seu trabalho?

— Para matar as dores.

— Mate-as você. Não conhece o medo quando o tem? Deixe de ser Herói Trabalhador. Levin se inclinou para frente. — Abandone o caso.

— Estou tentando passá-lo.

— Não o passe. Abandone-o.

— Cale-se.

Tossindo de novo, Arkady pousou o copo e se curvou, apertando as costelas. Sentiu a mão gelada de Levin deslizar para o interior da camisa e apalpar o edema no meio do peito. Levin assobiou. Quando a tosse de Arkady terminou, Levin já se instalara na cadeira por trás da mesa e escrevia numa folha de papel.

— Isto informará a sala do promotor que você tem uma massa coagulada resultante de contusões e de hemorragia na cavidade torácica e que precisa de observação médica no caso de pirenemia e peritonite, para não falar na possibilidade de uma costela quebrada. lamskoy lhe dará duas semanas num sanatório. Arkady pegou no papel e amarrotou-o. — Isto, Levin escreveu outro papel, — Dar-lhe-á um antibiótico. E isto, abriu uma gaveta e jogou para Arkady um frasco de pequenos comprimidos, — Deverá melhorar a tosse. Tome um. Era codeína. Arkady tomou dois comprimidos e enfiou o frasco no casaco. — Como conseguiu esse encantador edema? Perguntou Levin.

— Alguém me agrediu.

— Com um cacete?

— Só com o punho, penso eu.

— É melhor se afastar desse indivíduo. Agora, se me der licença, tenho de voltar para um suicídio, que é limpo e rápido.

Depois de Levin ter partido, Arkady continuou no mesmo lugar, enquanto a codeína se espalhava como um bálsamo pelas suas veias. Com um pé puxou o cesto dos papéis para mais perto, para o caso de vomitar, depois ficou sentado muito quieto e se lembrou do cadáver lá de baixo. Ambos os pulsos e a garganta? E o gás? Seria raiva animal ou eficácia filosófica? No chão ou numa banheira? Banheira particular ou comunitária? Quando esperava ir vomitar, a náusea diminuiu e a cabeça se estabilizou. Um russo se suicida; faz sentido. Mas, honestamente, o que um cadáver russo tem a ver com um turista? Três cadáveres, isso soava a negócio grosso, mais capitalista, mas mesmo assim... Quando um turista consegue tempo para matar pessoas? Em troca de que tesouro merecedor de ser roubado? De outro ponto de vista, que perigos podiam representar três pobres operários para um homem a quem bastava simplesmente ter se enfiado num avião e voar para longe, para a América, Suíça ou lua? Então porque ele teimava naquela teoria, porque

chegara a imaginá-la? Para passar o caso para a KGB? Para esborrachar o nariz na KGB? Ou, num sentido mais subjetivo, para provar a alguém que ser um simples inspetor era afinal qualquer coisa, talvez mesmo um herói, como sugerira Levin? Talvez que alguém deixasse Schimdt e voltasse para casa. Sim, era a resposta a todas estas interrogações.

Restava mais uma intrigante possibilidade: que o próprio inspetor tivesse descoberto por acaso, como quando um homem passa por um espelho e descobre de repente que não está barbeado, ou que o sobretudo está coçado na gola, quanto o seu trabalho era ordinário. Ou, ainda pior, inútil. Afinal ele era um Investigador-Chefe ou um cangalheiro, um adjunto da morgue e a sua papelada, um substituto burocrático para os últimos ritos? Um pequeno pormenor, inteiramente sintomático da realidade socialista: Para além de tudo só Lênin vive! O mais importante, no aspecto profissional, é que toda a gente tinha razão. A não ser que ele se tomasse um apparatchik do Partido (Oficial do Partido. Também burocrata em geral), tinha ido o mais longe que poderia ir. Até aí e não mais. Seria possível, teria ele suficiente imaginação para tal, arquitetar um caso complicado cheio de estrangeiros misteriosos, traficantes de mercado negro e informantes, toda uma nuvem de vapores fictícios se erguendo dos cadáveres? Um jogo de investigador contra si mesmo? Havia uma certa plausibilidade nessa teoria.

Fugiu da morgue para a chuva, caminhando com a cabeça enterrada nos ombros. Na Praça Dzerzhinsky as pessoas corriam para a estação do metrô. Havia um café junto da loja para crianças, do outro lado da praça, e sentia necessidade de colocar qualquer coisa no estômago. Estava à espera de poder atravessar quando ouviu chamar pelo seu nome.

— Aqui!

Um vulto saiu debaixo de uma arcada e puxou por ele para se abrigar da chuva. Era Iamskoy, de impermeável azul por cima do seu uniforme de promotor, um boné com dourados na cabeça raspada.

— Camarada juiz, conhece o nosso talentoso Investigador-Chefe Renko? lamskoy conduziu Renko até junto de um homem idoso.

— Filho do general? O juiz tinha olhinhos muito juntos de um nariz aquilino.

— O próprio.

— Muito prazer em conhecê-lo! O juiz estendeu a Arkady uma mão pequena e ossuda. Dada a importância de um juiz, Arkady se sentiu impressionado. Havia só doze Juízes no Supremo Tribunal.

— O prazer é meu. Estou a caminho do escritório. Arkady recuou um passo, mas lamskoy lhe segurou o braço.

— Você vem trabalhando desde o nascer do sol. Ele julga que eu desconheço as suas horas de trabalho, explicou lamskoy ao juiz. — É o trabalhador mais criativo e o mais árduo. Um acompanha sempre o outro, não é assim? Mas basta! O poeta pousa a sua pena, o criminoso o machado e até você, inspetor, precisa descansar de vez em quando. Venha conosco.

— Tenho muito que fazer, protestou Arkady.

— Quer nos envergonhar? Não admito. E Iamskoy arrastou consigo também o juiz.

A arcada conduzia a uma passagem em que Arkady nunca reparara. Dois agentes da Milícia ostentando a insígnia da Divisão de Segurança Interna se afastaram para deixá-los passar. A passagem levava a um pátio onde se encontravam reluzentes limusinas Chaika. Cada vez mais expansivo, lamskoy abriu o caminho através duma porta de ferro para um vestíbulo iluminado por luminárias de cristal com a forma de estrelas brancas, a que se seguiu uma escadaria atapetada até uma sala apainelada de madeira com estreitas prateleiras em mogno. As luminárias, também em forma de estrela, ali eram vermelhas, e em todo o comprimento da sala havia uma fotografia do Kremlin à noite, uma bandeira vermelha adejando por cima da cúpula verde do velho Senado. lamskoy se despiu. O seu corpo era rosado, muito musculoso. Uma camada de pelo branco cobria o peito côncavo do juiz. Arkady imitou-os. lamskoy olhou de relance para o inchaço escuro no peito de Arkady.

— Um mau bocado, hem? Tirou urna toalha de sua prateleira e passou-a como se fosse um lenço à volta do pescoço de Arkady para esconder a contusão. — Pronto, agora está um verdadeiro metropolitano. Isto é uma espécie de clube particular, por isso me siga. Pronto,

camarada juiz?

O juiz pusera uma toalha à volta da cintura; lamskoy jogou a sua por cima do ombro e puxou Arkady para si, passando o braço à volta das costas dele, e murmurando com uma confidencialidade jovial que apagava a diferença de idades:

— Há casas de banhos e casas de banhos. Às vezes um funcionário superior precisa se refrescar, não é verdade? Não se pode esperar que vá para a fila com as pessoas comuns, e muito menos com uma pança como a do juiz...

Passaram por um corredor revestido de azulejos, onde havia ventiladores de ar quente, e que se prolongava até uma cave suficientemente grande para conter uma grande piscina de água sulforosa aquecida. A volta da piscina, sob lustrosos arcos bizantinos, tabiques móveis de madeira trabalhada escondiam parcialmente alcovas com mesas mongóis de pernas curtas e sofás. Na extremidade mais afastada da piscina havia banhistas sentados na água e envoltos no vapor.

— Construída durante as distorções do culto da personalidade explicou lamskoy ao ouvido de Arkady. — Os inquisidores da Lubyanka trabalhavam sem interrupção e se entendeu que deviam ter um lugar de repouso no intervalo dos interrogatórios. A água era trazida das correntes subterrâneas do Neglinaya, aquecida e misturada com sais. Contudo, quando as instalações se concluíram, Ele morreu e estas foram abandonadas. Mais tarde se reconheceu a total estupidez das mesmas não terem utilização. Foram, e apertou o braço de Arkady, — Reabilitadas...

Conduziu Arkady para uma alcova onde se encontravam dois homens nus já transpirando, sentados a uma mesa com taças de prata com caviar e salmão em gelo moído, pratos de pão branco cortados em fatias muito finas, manteiga e limões, água mineral e garrafas de vodca simples e aromatizada.

— Camaradas primeiro-secretário do promotor-geral e acadêmico,

gostaria de lhes apresentar Arkady Vasilievitch Renko, Investigador-Chefe dos Homicídios.

— O filho do general.

O juiz já estava sentado ali mas ignorado pelos outros. Arkady apertou mãos por cima da mesa. O primeiro-secretário era grande e peludo como um macaco e o acadêmico tinha uma certa semelhança com Khruchtchev, mas a atmosfera era descontraída e amistosa, igual à que Arkady notara uma vez num filme do czar Nicolau confraternizando com o seu estado-maior. Iamskoy serviu vodca Pertsovka condimentada, "pimenta para a chuva", e encheu de caviar a fatia de pão de Arkady. Não era caviar prensado mas sim ovas tão grandes como esferas de rolamentos, do gênero que Arkady não via há anos nas lojas. Engoliu a fatia em duas dentadas.

— O inspetor Nikitin, se lembram, tinha uma folha de serviços quase perfeita. Arkady Vasilievitch tem uma perfeita. Por isso previno-os, disse lamskoy com uma entoação trocista, — Que se estão pensando em se desembaraçarem das suas mulheres, será melhor mudar de cidade.

Nuvens de vapor se elevavam da piscina e passavam por debaixo do biombo, pondo na boca um travo a enxofre que não era desagradável mais um gosto adicional ao da vodca. "Uma pessoa não precisava viajar para fazer uma cura", pensou Arkady: bastava tomar banho debaixo da Praça Dzerzhinsky, onde os heróis tinham um peso a mais.

— Dinamite branca da Sibéria. O primeiro-secretário voltou a encher o copo de Arkady. — Álcool puro. O acadêmico, concluiu Arkady, era membro deste círculo íntimo, não para fins de pesquisa médica mas como ideólogo.

— A História nos mostra a necessidade de nos voltarmos para o Ocidente, disse o acadêmico. — Marx demonstra a necessidade do internacionalismo. É por isso que precisamos vigiar os filhos da mãe dos Alemães. Ao tirarmos os olhos de cima deles, se juntarão de novo, acreditem no que lhes digo.

— São eles que trazem drogas para a Rússia, concordou acaloradamente o primeiro-secretário. Os Alemães e os Tchecos.

— É preferível ter dez assassinos à solta do que um traficante de

droga, declarou o juiz. Tinha o peito salpicado de caviar.

lamskoy piscou o olho para Arkady. O gabinete do promotor sabia bem que eram os georgianos que levavam canabis para Moscou e que os estudantes de química da universidade preparavam LSD. Arkady mal os escutava enquanto comia salmão perfumado com endro, e ia fechando os olhos de sono quando se recostou no sofá. lamskoy, de braços cruzados, parecia também deliciado a escutá-los; a conversa ia deslizando à sua volta como água em tomo duma rocha.

— Não concorda, inspetor?
— Desculpe... Arkady perdera o fio à conversa.
— Acerca do vronskismo? Perguntou o primeiro-secretário.
— Isso foi antes de Arkady Vasilievitch ter vindo para os nossos serviços, observou lamskoy.

Vronsky. Arkady se lembrava do nome, um inspetor do Gabinete Regional de Moscou que tinha não só defendido os livros de Solzhenitsyn como também denunciado a vigilância dos ativistas políticos. Evidentemente que Vronsky não era inspetor, e a menção do seu nome provocava mal-estar entre a comunidade judicial. “Vronskismo” era uma palavra diferente, embora mais vaga e mais arrepiante, uma brisa soprando de uma nova direção.

— O que deve ser atacado, desenraizado e destruído, explicou o acadêmico, — É a tendência geral de colocar os legalismos acima dos interesses da sociedade, e, individualmente, a tendência dos inspetores para colocarem a sua interpretação da lei acima dos reconhecidos objetivos da justiça.
— Individualismo não é mais do que outra palavra para vronskismo, disse o primeiro-secretário.
— E autointeletualismo, acrescentou o acadêmico, — Do gênero que se alimenta do oportunismo e se deleita com sucessos superficiais até serem minados os próprios interesses básicos e tácitos da grande estrutura.
— Porque, disse o primeiro-secretário, — A solução para um determinado crime, aliás, como as próprias leis, não é mais do que uma fachada de papel no bloco de cimento da ordem política. Quando se

possui uma geração de advogados e inspetores que confundem a fantasia com a realidade, disse o acadêmico, — E quando as leis do papel abafam o trabalho dos órgãos da justiça, nessa altura chegou o momento de acabar com essa fachada.

— E se também caírem alguns vronskistas, tanto melhor disse o primeiro-secretário a Arkady. — Não concorda? O primeiro-secretário se inclinou para frente, de punhos sobre a mesa, e o acadêmico voltou a sua barriga redonda de palhaço para Arkady, que reparou no olhar de soslaio de lamskoy. O promotor, quando chamou Arkady na rua, devia saber para onde iria se orientar a conversa nos banhos. Os olhos pálidos de lamskoy diziam “se concentre... tenha cuidado”.

— Vronsky, respondeu Arkady, — Não era escritor também?

— É verdade, concordou o primeiro-secretário. — Boa lembrança.

— E também judeu, disse o acadêmico.

— Então, Arkady enrolou salmão num pedação de pão vocês podem dizer que devemos vigiar todos os inspetores que sejam judeus e escritores. O primeiro-secretário abriu muito os olhos. Olhou para o acadêmico e lamskoy, depois de novo para Arkady. Surgiu-lhe um sorriso nos lábios, que foi seguido pelo tiro duma gargalhada.

— Sim! Para começar!

Despoletada, a conversa enveredou pela comida, esporte e sexo, e alguns minutos mais tarde lamskoy levou Arkady para um giro à volta da piscina. Mais funcionários tinham chegado, flutuando como focas na água quente ou se movendo como sombras brancas e rosadas por trás do entrelaçado dos biombos.

— Você hoje está especialmente sutil, com suficiente confiança para evitar os golpes. Muito bem, folgo muito. lamskoy deu uma pancadinha nas costas de Arkady. — De qualquer modo, a campanha contra o vronskismo começa daqui a um mês. Fica prevenido com antecedência.

Arkady julgou que lamskoy o estava conduzindo para fora dos banhos quando o promotor o fez entrar numa alcova onde um homem novo punha manteiga em fatias de pão.

— Olhem, vocês dois devem se conhecer. Yevgeny Mendel, o seu

pai e o pai de Renko foram amigos célebres. Yevgeny trabalha no Ministério do Comércio, explicou lamskoy a Arkady. Yevgeny tentou fazer uma vênia da posição sentada. Tinha uma barriga flácida e um bigode fino. Era mais novo do que Arkady e este se lembrava vagamente de um rapaz atarracado que parecia estar sempre chorando. — Um perito em comércio internacional. lamskoy fez Yevgeny corar. — Um da nova geração.

— O meu pai... Começou a dizer Yevgeny quando lamskoy se desculpou subitamente e os deixou sozinhos.

— Sim? Encorajou Arkady por delicadeza.

— Um momento, pediu Yevgeny.

Concentrou-se na tarefa de estender manteiga no pão e de colocar em cima montes de caviar de tal modo que cada fatia se parecia com um girassol com pétalas amarelas e o centro preto. Arkady se sentou e se serviu de urna taça de espumoso.

— Em especial companhias americanas. Yevgeny levantou os olhos da sua obra-prima.

— Oh! Isso deve ser um novo campo de ação. Arkady ficou pensando quando lamskoy iria voltar.

— Não, de modo nenhum, não. Existem vários amigos de longa data. Armand Hammer, por exemplo, foi sócio de Lênin. A Chemico construiu fábricas de amônia para nós nos anos trinta. Ford fabricou caminhões para nós também nos anos trinta e pensávamos que íamos voltar a trabalhar com eles, mas eles arranjaram uma trapalhada. O Chase Manhattan é correspondente do Vneshtorgbank desde 1923. Arkady desconhecia a maior parte desses nomes, mas a voz de Yevgeny ia se tornando cada vez mais familiar para os seus ouvidos, embora não se lembrasse de tê-lo visto senão há anos.

— Bom espumoso, disse ele, pousando o copo.

— Espumoso soviético. Vamos exportá-lo. Yevgeny fitou-o com o rosto cheio de orgulho infantil.

Arkady sentiu a porta se abrir. Na alcova entrou um homem de meia-idade, alto, magro, e tão escuro que ao princípio Arkady julgou se tratar dum árabe. Cabelo branco liso e, olhos pretos, nariz comprido e

uma boca quase feminina formavam uma estranha combinação de classe e encanto. Na mão que segurava a toalha tinha um anel de ouro com um sinete. Arkady verificou que a sua pele era semelhante a couro, mais bronzeada do que escura, bronzeada em toda a parte.

— Verdadeiramente suntuosos. O homem ficou junto da mesa e a água pingava do seu corpo para o pão preparado, — Como presentes artisticamente embrulhados. Nem me atrevo a comê-los.

Olhou para Arkady sem curiosidade. Até as suas sobrancelhas pareciam arranjadas. O seu russo era excelente, como Arkady já constatara antes, mas as gravações não tinham reproduzido o carácter da sua segurança física.

— Alguém do seu escritório? Perguntou o homem a Yevgeny.

— É Arkady Renko. Ele é... Bem, não sei o que...

— Sou inspetor, disse Arkady. Yevgeny serviu espumoso e empurrou o prato de canapés à volta da mesa, palrando enquanto o fazia. O seu convidado se sentou e sorriu; Arkady nunca vira dentes tão brilhantes.

— O que investiga?

— Homicídios.

O cabelo de Osborne era mais prateado do que branco e, molhado, se colava às orelhas mesmo depois de tê-lo esfregado com a toalha. Arkady não conseguiu verificar se uma das orelhas apresentava alguma marca. Osborne pegou num pesado relógio de ouro e enfiou-o no pulso.

— Yevgeny, disse ele, — Estava à espera dum telefonema. Importava-se de ser um ange sur la cerre e atendê-lo por mim? De uma bolsa de camurça tirou um cigarro e boquilha, colocou um no outro e acendeu o cigarro com um isqueiro de lápis-lazúli e ouro. A porta bateu nas costas de Yevgeny. — Fala francês?

— Não, mentiu Arkady.

— Não. Arkady mentiu de novo. Arkady só vira pessoas deste gênero em revistas do Ocidente, e pensara sempre que o seu brilho era devido à qualidade do papel, não a eles próprios. Aquela pura suavidade física era estranha, intimidante.

— É interessante que em todas as visitas que aqui tenho feito seja a primeira vez que encontro um inspetor.

— Nunca deve ter feito nada de errado, senhor... Desculpe-me, não sei o seu nome.

— Osborne.

— Americano?

— Sim. O seu último nome?

— Renko.

— É muito novo para ser inspetor, não é?

— Não. O seu amigo Yevgeny falou de vinho espumoso. É isso que importa?

— Peles, disse Osborne.

Teria sido fácil dizer que Osborne, mais do que uma pessoa, era uma coleção ambulante de artigos caros: anel, relógio, perfil, dentes; tinha a correta atitude socialista e em parte ela era verdadeira, mas não incluía o que Arkady não esperara, um ar de força bem dominada. Ele próprio era demasiado formal e inquisitivo. Precisava mudar isso.

— Sempre desejei ter um gorro de pele, disse Arkady. E de conhecer americanos. Dizem-me que são exatamente como nós, francos e expansivos. E visitar Nova lorque, o Empire State Building e o Harlem. Que vida que o leva a viajar pelo mundo inteiro!

— Não parta o Harlem.

— Desculpe-me. Arkady se pôs de pé. — Deve conhecer aqui várias pessoas importantes com quem deve querer conversar, e está sendo muito delicado em me aturar. Fumando o seu cigarro, Orbome lhe deu um olhar prolongado e indiferente até Arkady começar a se dirigir para a piscina.

— Insisto que fique, disse Osborne rapidamente. — Não costumo me encontrar com inspetores. Vou aproveitar a oportunidade para interrogá-lo acerca do seu trabalho.

— Tudo o que lhe puder dizer... Arkady se sentou. — Ainda que, pelos relatos que leio sobre Nova lorque, aquilo que faço lhe vá parecer aborrecido. Conflitos domésticos, desordens. Temos crimes, mas são quase sempre cometidos sob o calor da ira ou sob a influência do álcool. Encolheu os ombros como que se desculpando e bebeu um gole do

espumoso. — Muito doce. Devia importá-lo. Osborne serviu mais a Arkady.

— Fale-me de si.

— Isso levaria horas, disse Arkady com ardor e engoliu o vinho duma só vez. — Uns pais formidáveis, assim como uns avós também formidáveis. Na escola tive os melhores professores e os colegas mais cooperantes. Agora a equipe com que trabalho merecia um livro.

— Você... Osborne retirou a boquilha do seu sorriso, — Falou alguma vez dos seus fracassos?

— Eu pessoalmente, disse Arkady, — Nunca tive fracassos. Tirou a toalha que tinha ao pescoço e deixou-a cair sobre a que Osborne pusera de parte. O americano olhou para o inchaço. — Um acidente, explicou Arkady. — Já experimentei botijas e lâmpadas de infravermelhos, mas não há nada como um banho sulfuroso para descongestionar. Os médicos dizem muitas coisas, mas os velhos remédios são sempre os melhores. Na realidade, a criminologia socialista é o campo em que os maiores progressos são...

— Voltando atrás, interrompeu Osborne. — Qual foi o seu caso mais interessante?

— Refere-se aos cadáveres do Parque Gorki? Permite-me? Arkady se serviu de um dos cigarros de Osborne e usou o isqueiro dele, admirando a pedra azul. O melhor lápis-lazúli vinha da Sibéria; nunca o vira antes. — Não que a imprensa tenha publicado alguma história. Arkady soprou o fumo. — Mas aceito que um assunto tão bizarro seja motivo de rumores. Em especial, acenou o indicador como o faria um professor a um aluno travesso, — Entre a comunidade estrangeira, não? Não podia dizer se causara algum efeito. Osborne estava recostado sem qualquer expressão.

— Não tinha ouvido falar nisso, disse Osborne, quando o silêncio se prolongou demasiado.

Yevgeny irrompeu com a notícia de que não havia ligações. Arkady se levantou em seguida e apresentou imensas desculpas por se ter demorado demasiadamente e lhes agradeceu a hospitalidade e o espumoso. Agarrou na toalha de Osborne e atou-a à volta do pescoço. Osborne observava-o como um homem que estivesse a grande distância e longe do alcance das vozes até Arkady chegar ao biombo.

— Quem é o seu superior? Quem é o Investigador-Chefe?

— Sou eu. Arkady fez um último sorriso encorajador. Após ter dado alguns passos ao longo da piscina se sentiu exausto. De repente surgiu lamskoy ao seu lado.

— Espero não me ter enganado quando afirmei que o seu pai e o pai de Mendel eram amigos, disse ele. — E não se preocupe demasiado com o vronskismo. Você tem o meu apoio ilimitado para levar a cabo as suas investigações como só você sabe.

Arkady se vestiu e regressou à rua. A chuva se transformara em neblina. Subiu a Rua Petrovka até ao bem aquecido Laboratório de Medicina Legal do Coronel Lyudin, onde entregou a toalha húmida de Osborne.

— Os seus rapazes têm passado a tarde toda tentando encontrá-lo, disse Lyudin antes de pegar na toalha.

Arkady ligou para o Ukraina. Atendeu Pasha, que lhe contou muito orgulhoso que ele e Fet estavam vigiando o telefone do traficante de mercado negro, Golodkin, e que tinham ouvido um homem dizer a Golodkin para se encontrar com ele no Parque Gorki. Pasha pensava que o outro devia ser americano ou estônio.

— Americano ou estônio?

— Quero dizer que fala um russo muito bom, mas ligeiramente diferente.

— De qualquer modo, é uma violação da intimidade, Pasha, artigos 12.1 e 134.0.

— Depois de todas as fitas que nós...

— Eram fitas da KGB! Seguiu-se um silêncio magoado do outro lado da linha até Arkady dizer: — Está bem.

— Eu não sou um técnico como você, respondeu Pasha. É preciso ser um gênio para saber o que é contra a lei.

— Está bem. Portanto você ficou do lado de cá e Fet foi ao encontro. Levou uma máquina fotográfica? Perguntou Arkady.

— Foi isso que lhe fez gastar muito tempo, descobrir uma máquina fotográfica. E não os apanhou. Andou pelo parque todo e nunca os

encontrou.

— Está bem, pelo menos podemos nos servir da fita para comparar...

— Uma fita?

— Pasha, vocês infringiram a lei para escutar o telefone de Golodkin e não se deram ao trabalho de gravar a conversa?

— A verdade é que... Não. Arkady desligou.

* * *

O coronel Lyudin deu um estalido com a língua do outro lado do laboratório.

— Olhe aqui, inspetor. Encontrei dez cabelos na toalha. Peguei num, cortei-o e coloquei-o no microscópio para compará-lo com o do boné que você encontrou e que está neste outro microscópio. O do boné é grisalho e tem uma seção ovoide, o que significa cabelo encaracolado. O novo, que estava na toalha, tem uma cor mais próxima do cromo, muito bonito, e tem uma seção perfeitamente circular, o que indica cabelo liso. Vou fazer a análise da proteína, mas posso lhe dizer já que estes cabelos não são do mesmo homem. Olhe.

Arkady olhou. Osborne não era o homem que dissera “Filho da mãe”.

— Boa mercadoria. Lyudin apalpou a toalha. — Vai ficar com ela?

A vodca e a codeína começavam a fazer efeito e Arkady foi até à cantina da Milícia, na Petrovka, tomar uma xícara de café. Sozinho a uma mesa, teve de lutar contra a vontade de dar uma gargalhada. Que detetives aqueles, à procura duma máquina fotográfica enquanto uma personagem misteriosa (estônia ou americana) passeia pelo Parque Gorki sem ser vista! Que inspetor aquele, roubando uma toalha que isenta o seu único suspeito! Iria para casa se tivesse uma casa.

— Investigador-Chefe Renko? Perguntou um oficial. — Tem uma ligação da Sibéria para si na sala do teleimpressor.

— Já?

A chamada era de um detetive miliciano chamado Yakutsky em Ust-Kut, quatro mil quilômetros a leste de Moscou. Em resposta ao boletim enviado para todas as repúblicas, Yakutsky comunicava que uma Valéria Semionovna Davidova, de dezenove anos, residente em Ust-Kut, era procurada por roubo de materiais do Estado. A camarada Davidova se achava na companhia de Konstantin llyitch Borodin, de vinte e quatro anos, também procurado pelo mesmo crime. Arkady olhou à sua volta à procura dum mapa; onde diabo ficava Ust-Kut?

— Borodin, disse o detetive Yakutsky, era um desordeiro da pior espécie. Um caçador de peles. Um traficante de mercado negro de peças de rádio, de que havia grande procura. Suspeito de traficar com depósitos ilegais de ouro. Aproveitando-se da construção da ferrovia Baical-Amur, teve a sorte de colocar a mão em uma porção de sobressalentes para caminhões. Quando a Milícia o procurou, assim como à jovem Davidova, ambos já tinham desaparecido, Yakutsky pensava que eles tinham se escondido nalguma cabana da taiga ou estavam mortos. Ust-Kut.

Arkady abanou a cabeça. Nunca ninguém de Ust-Kut chegara até Moscou. Queria cortar cortesmente a conversa com o detetive siberiano. “Somos todos uma só república”, pensou. “Yakutsky” era um dos nomes de quase todos os naturais de Yakut. Arkady imaginou um astuto rosto oriental num telefone distante.

— Onde e quando eles foram vistos pela última vez? Perguntou ainda.

— Em lrkutsk, em outubro.

— A jovem ou o homem tinham por acaso alguma prática no restauro de ícones?

— Quando se nasce aqui sempre se aprende a esculpir. A ligação começou a enfraquecer.

— Bom, disse Arkady rapidamente, — Mande-me as fotografias e informações que puder.

— Espero que sejam eles.

— Claro.

— Konstantin Borodin é Kostia, o bandido.

— Nunca ouvi falar nele.
— É muito célebre na Sibéria...

* * *

Tsypin, o assassino, cumprimentou Arkady numa cela de Lefortovo. Não vestia camisa, mas as suas tatuagens urka lhe cobriam o corpo até ao pescoço e aos pulsos. Segurava as suas calças sem cinto.

— Também me levaram os cordões. Quem já ouviu falar numa pessoa que se enforcasse com os cordões? Bom, me ferraram outra vez. Ontem falei consigo e estava tudo bem. Hoje aparecem dois tipos na autoestrada tentando me roubar.
— Andava negociando gasolina?
— Claro. O que eu havia de fazer? Bati num com uma chave-inglesa e ele cai morto. O outro se manda exatamente quando aparece a viatura da Milícia e ali fico eu com a chave-inglesa na mão e um tipo morto aos pés. Meu Deus! Isto é o fim do Tsypin.
— Quinze anos.
— Se tiver sorte. Tsypin voltou a se sentar no seu banco. A cela tinha também um catre preso à parede e um jarro para as lavagens. Na porta havia duas aberturas, uma pequena para o guarda espreitar e uma maior para a passagem da comida.
— Não posso ajudá-lo, disse Arkady.
— Eu sei, desta vez tive pouca sorte. São coisas que acontecem a uma pessoa mais cedo ou mais tarde, não é? Tsypin fez melhor cara. — Mas olhe, inspetor, eu o tenho ajudado muito. Sempre que precisou de informações ajudei-o sempre. Nunca falhei porque havia entre nós um respeito mútuo.
— E eu lhe paguei. Arkady tomou menos duro o que dissera dando um cigarro a Tsypin e acendendo-o.
— Você sabe a que me refiro...
— Não posso ajudar, você sabe isso. É um homicídio com agravantes.
— Não me referia a mim. Lembra-se do Swan?

Muito pouco. Arkady se recordava de uma estranha figura que se mantivera à parte durante alguns dos encontros que tivera com Tsypin.

— Com certeza.

— Estivemos sempre juntos, até mesmo nos campos de trabalho. Eu fui sempre o que arranjava o dinheiro. Swan vai ter dificuldades. Quero dizer, vou ter muito em que pensar, não me quero preocupar também com ele. Você precisa de um informante. Swan tem telefone, até mesmo um carro, seria o ideal. O que diz? Experimente-o.

Quando Arkady saiu da prisão, Swan estava à espera junto dum poste. O casaco de couro acentuava os seus ombros estreitos, pescoço comprido e cabelo muito curto. Nas cadeias os ladrões profissionais costumavam escolher um condenado ainda amador, torná-lo pederasta e depois levá-lo para a cama. Tornava mais másculo o ladrão que estivesse por cima. O "cabra", o de baixo, era detestado como maricas. No entanto, Swan e Tsypin formavam um verdadeiro par, uma raridade, e ninguém se atrevia a chamar "cabra" a Swan na frente de Tsypin.

— O seu amigo sugeriu que você talvez pudesse fazer alguns trabalhos para mim, disse Arkady sem entusiasmo.

— Então farei.

Swan tinha a delicadeza peculiar de uma estatueta lascada e gasta, o que era estranho por ele não ser atraente, nem sequer bonito. Era difícil adivinhar a sua idade, e a sua voz era demasiado suave para poder dar alguma indicação.

— Não há muito dinheiro, talvez cinquenta rublos, se conseguir boas informações.

— Talvez possa fazer alguma coisa por ele em vez de me pagar. Swan olhou para a porta da prisão.

— Para onde ele vai só poderá receber uma encomenda por ano.

— Quinze encomendas, murmurou Swan, como se já estivesse pensando o que havia de pôr nelas. "A não ser que Tsypin fosse logo fuzilado", pensou Arkady.

Bom, o amor não é uma violeta murcha; o amor era urna erva que florescia no escuro. Alguém já explicara isso?

* * *

# Oito

EMBORA abrindo o caminho para o século XXI, Moscou mantinha a hábito vitoriano de viajar sobre trens. A Estação de Kievsky, situada perto do bairro dos estrangeiros e da residência de Brejnev, apontava para a Ucrânia. Fora na Estação Belorússia, a curta distância do Kremlin, que Stálin embarcara no trem do czar para Potsdarn e, depois, onde Khruchtchev e, mais tarde, Brejnev tinham tomado os seus trens especiais para a Europa Oriental a fim de irem inspecionar os fiéis satélites ou para lançar a détente. A Estação Rizhky nos leva até aos estados bálticos. A Estação de Kursky sugere férias com o sol no mar Negro. Das pequenas estações de Savelovsky e Paveletsky não partia ninguém de importância, só habitantes modestos dos arredores e multidões de camponeses tão empoeirados como batatas. As mais vistosas de todas eram as de Leningrado, de YaroslavI e de Kazan, os três gigantes da Praça Komsomol, e destas a mais estranha era a última, cuja torre tártara encimava um portão que nos poderia conduzir, ao longo de milhares de quilômetros, até aos desertos do Afeganistão, até ao desvio para um estabelecimento penal dos Urales, ou então, através de dois continentes, até à costa do Pacífico.

As seis da manhã, na Estação de Kazan, famílias inteiras de turcomanos se encontravam deitadas sobre bancos, cabeças contra pés. Bebês com toucas de feltro repousavam em trouxas macias. Soldados se encostavam com ar indolente às paredes num sono tão profundo que os heroicos mosaicos do teto, por cima deles, podiam representar o seu sonho comum. Luminárias de bronze brilhavam com intensidade. No único quiosque aberto, uma jovem de casaco de pele de coelho fazia confidências a Pasha PavIovitch.

— A jovem diz que Golodkin costumava lhe extorquir dinheiro, mas que deixou de fazê-lo, contou Pasha quando regressou para junto de

Arkady. — Diz que alguém o viu no mercado de carros.

Um jovem soldado tomou o lugar de Pasha junto da jovem. Ela sorriu por entre o vermelho brilhante do batom, enquanto o rapaz lia o preço escrito a giz na biqueira do sapato; depois, de mãos dadas, saíram pela porta principal da estação enquanto o inspetor e o detetive os seguiam. A Praça Komsomol tinha uni tom azulado antes do amanhecer, sendo o único movimento o dos carros elétricos. Arkady viu o par entrar num táxi.

— Cinco rublos. Pasha observou o táxi que arrancava.

O motorista pararia na travessa mais próxima, descendo então e ficando atento à aproximação dos milicianos, enquanto a jovem e o rapaz se entregavam às suas expansões no banco traseiro do carro. Dos cindo rublos, o motorista ficava com a metade e a oportunidade de vender depois ao soldado uma garrafa de vodca para festejar; a vodca era muito mais cara do que a jovem. Esta também tomaria uns goles. A seguir, de regresso à estação, uma gorjeta à empregada dos lavabos em troca de um banho rápido e, afogueada e provocante, ela recomeçaria de novo. Por princípio, não existiam prostitutas, porque a prostituição fora eliminada pela Revolução. Essas mulheres podiam ser acusadas de espalhar doenças venéreas, executar atos depravados ou levar uma vida não produtiva, mas pela lei não existiam prostitutas.

— Por ali também nada. Pasha regressara depois de ter falado com as jovens da Estação Yaroslav.

— Vamos.

Arkady atirou o sobretudo no banco de trás do carro antes de se sentar ao volante. Não havia geada e o sol ainda não se levantara. O céu começava a se colorir por cima dos letreiros a néon das estações. Um pouco mais de trânsito. Em Leningrado ainda devia ser noite. Algumas pessoas preferiam Leningrado, os seus canais e monumentos. Para Arkady ela estava envolvida num mau humor permanente. Preferia Moscou, uma grande máquina aberta. Dirigiu-se para o sul, para o rio.

— Não se lembra de mais nada a respeito da misteriosa

personagem que pediu a Golodkin para se encontrarem no parque?

— Se ao menos eu lá tivesse ido, murmurou Pasha. — Fet não é capaz de descobrir nem sequer os tomates num touro.

Procuravam o carro de Golodkin, um Toyota. Do outro lado do rio, nos banhos Rzhesky, quando pararam para tomar café, um jornal acabado de sair estava sendo colocado num quadro público. **ATLETAS INSPIRADOS PELOS PRÓXIMOS FESTEJOS DO DIA DO TRABALHADOR**, leu Pasha em voz alta.

— Prometeram marcar mais gols? Inquiriu Arkady. Pasha acenou afirmativamente, depois olhou para o companheiro.

— Você jogou futebol? Não sabia.

— Goleiro.

— Ah! Estou vendo, isso explica tudo.

Começava a se formar uma multidão a um quarteirão de distância dos banhos. Pelo menos metade das pessoas tinha anúncios presos ao casaco. “Apartamento de três quartos, cama, banho”, oferecia uma mulher com olhos pisados de viúva. “Troco um apartamento de quatro divisões por dois de duas divisões”, dizia um casal de noivos decidido a se livrar dos pais. “Cama”, exibia um astuto negociante de ferro-velho. Arkady e Pasha começaram cada um por um extremo do quarteirão e se encontraram no meio.

— Sessenta rublos por dois quartos com canalização interna disse Pasha, — Não é mau.

— Alguma notícia do nosso rapaz?

— Claro que não tem aquecimento... Não, Golodkin fica uns dias aqui, outros não. É uma espécie de intermediário, sabe, e cobra trinta por cento.

O mercado de carros em segunda mão ficava nos limites da cidade, longa viagem que se tornou ainda mais longa porque Pasha viu um caminhão vendendo abacaxis e quis parar. Por quatro rublos comprou um do tamanho de um ovo grande.

— Afrodisíaco cubano, confidenciou ele. — Uns amigos meus,

levantadores de pesos, foram lá. Maravilha! Jovens de cor, praias e comida natural. O paraíso do operário!

O mercado de carros era uma área cheia de Pobeda, Zhiguli, Moskvich e Zaparozhets, alguns incrivelmente antigos, mas havia outros ainda com cheiro do stand de vendas. Quando, após anos de espera, recebia finalmente o seu Zaparozhets miniatura, pelo qual pagara 3000 rublos, o astuto possuidor do mesmo levava-o imediatamente ao mercado de carros em segunda mão, vendia o seu brinquedo por 10 000, declarava uma transação de 5000 rublos no guichê do Governo, pagava um imposto de sete por cento, depois dava meia volta e gastava os sobrantes 6650 rublos num sedan Zhiguli, usado mas mais espaçoso. O mercado era uma colmeia, em que cada abelha tinha, de trazer algum dinheiro seu. Talvez mil abelhas se encontrassem por ali. Um grupo de quatro majores do Exército estava reunido à volta dum Mercedes. Arkady passou a mão por um Moskvich branco.

— Como uma bunda, hem? — Um georgiano de casaco de couro parou junto dele.

— Bonito.

— Já está apaixonado. Não se apresse, veja-o bem.

— Muito bonito. Arkady foi até à parte traseira.

— Você é entendido em carros. O georgiano levou um dedo ao olho. — Trinta mil quilômetros. Há pessoas que fazem retroceder a quilometragem, mas eu não sou desses. Lavado e polido todas as semanas. Já lhe mostrei os limpadores de para-brisas? Tirou-os dum saco de papel.

— Bonitos.

— Praticamente novos. Bem, se vê. Voltou as costas a toda a gente com exceção de Arkady e escreveu no saco “ 15 000”.

— Arkady entrou no carro, se enterrando quase até ao chão no assento esburacado. O volante de plástico estava estalado como marfim arrancado dum cemitério de elefantes. Ligou o motor, e pelo retrovisor viu se erguer uma nuvem de fumaça branca.

— Bonito. Desceu. No final das contas, um banco pode ser estofado de novo e um motor consertado, mas a carroceria de um automóvel era tão preciosa como diamantes.

— Sabia que ia dizer isso. Vendido?
— Onde está Golodkin?
— Golodkin, Golodkin... O georgiano puxou pela cabeça.

Seria uma pessoa, um carro? Nunca ouvira aquele nome, até o inspetor mostrar o cartão de identidade numa mão e as chaves da ignição na outra. Aquele Golodkin! Aquele filho da mãe! Acabara de sair. Arkady perguntou para onde.

— Para o Melodya.
— Quando o vir, lhe diga que um homem honesto como eu paga contribuições ao Estado, e não a vagabundos como ele. É claro que para os funcionários do Estado, caro camarada, há um desconto.

Na Kalinin Prospekt, os edifícios menores eram retângulos de cinco andares de cimento e vidro. Os edifícios maiores, uns blocos em V de vinte e cinco andares, eram também de cimento e vidro. Podiam se encontrar cópias da Kalinin Prospekt erigidas em todas as novas cidades, mas nenhuma tão voltada para o futuro como o protótipo de Moscou. Oito faixas de trânsito corriam em dois sentidos por cima de uma passagem para peões. Arkady e Pasha esperavam num café ao ar livre, em frente do edifício estreito onde ficava o estabelecimento de discos Melodya.

— É um pouco mais divertido no Verão. Pasha teve um arrepio enquanto comia um sorvete de café com xarope de morango.

Surgiu um Toyota vermelho-vivo do outro lado da Kalinin e virou para uma pequena rua. Um minuto mais tarde, Feodor Golodkin, com um casaco de bom corte, um boné de boa lã, botas e jeans, entrou na loja quando o inspetor e o detetive saíam da passagem inferior. Através do vidro da vitrine do Melodya viram que Golodkin não subia as escadas que levavam ao andar da música clássica. Pasha ficou junto da porta enquanto Arkady atravessava a seção de rock. Ao fundo, entre as prateleiras divisórias, Arkady descobriu uma mão enluvada consultando os álbuns políticos. Aproximando-se, avistou um cabelo loiro, de tom de nicotina, despenteado como era moda e um rosto inchado com uma cicatriz na boca. Um vendedor surgiu do fundo remexendo dinheiro no

bolso. “O Discurso de Leonid Ilitch Brejnev no Vigésimo Quarto Congresso do Partido” título do álbum, que Arkady leu em voz alta ao se aproximar de Golodkin.

— Vá-se ferrar. Golodkin deu uma cotovelada em Arkady, que lhe segurou o braço e o torceu para trás, de modo que Golodkin foi forçado a se curvar para as biqueiras das botas. Três discos deslizaram para fora da capa do álbum e rolaram aos pés de Arkady: Kiss, Rolling Stones, e as Pointer Sisters.

— Um dos congressos mais interessantes, observou Arkady.

Os olhos de Golodkin se implantavam no interior de pálpebras inchadas e vermelhas. Apesar do seu cabelo comprido e casaco elegante, Arkady tinha a sensação de segurar uma enguia num anzol, se torcendo de um lado para outro. Levá-lo para a sala de Novokuznetskaya fora uma questão de anzóis. Primeiro, esta operação colocava oficialmente Golodkin entre as mãos de Arkady. Nenhum advogado podia ser chamado até a investigação terminar, e nem sequer o promotor precisaria ser informado duma prisão no período de quarenta e oito horas. Em segundo lugar, ao pôr Golodkin na proximidade de Chuchin, levaria a induzir que o Investigador-Chefe dos Casos Especiais lavara as mãos em relação ao seu principal informante, ou que Chuchin se encontrava perante um perigo qualquer.

— Fiquei tão admirado como você ao ver aqueles discos, protestou Golodkin quando Arkady o conduziu à sala de interrogatórios, no primeiro andar. — Tudo isto é um equívoco.

— Acalme-se, Feodor. Arkady se instalou confortavelmente do outro lado da mesa e colocou um cinzeiro de lata estampada diante do detido. — Pode fumar. Golodkin puxou de um maço de Winston e ofereceu aos presentes.

— Prefiro cigarros russos, disse Arkady com ar amistoso.

— Vocês todos vão rir quando descobrirem que isto tudo foi obra de um engano, adiantou Golodkin. Pasha entrou na sala com um maço de papéis.

— O meu dossiê? Perguntou Golodkin. — Vão descobrir que eu também estou do seu lado. Tenho uma longa folha de serviços.

— E os discos? Perguntou Arkady.

— Muito bem. Agora vou ser inteiramente franco. Isso faz parte da minha infiltração numa rede conspiratória de intelectuais. Arkady tamborilou com os dedos. Pasha puxou de uma folha de incriminação. — Falem de mim a qualquer pessoa e verão, continuou Golodkin.

— Cidadão Feodor Golodkin, de Serfímov Dois, Cidade e Região de Moscou, leu Pasha, — É acusado de impedir mulheres de tomarem parte em atividades do Estado e sociais, e de incitar menores ao crime.

Uma maneira bonita de designar a prática do proxenetismo; a pena era de quatro anos. Golodkin puxou o cabelo para trás com a mão para poder fitar melhor o inspetor.

— Ridículo!

— É acusado... Continuou Pasha, — De receber comissões ilegais pela revenda de automóveis particulares, de especular com revenda de unidades habitacionais, de vender para lucro próprio ícones...

— Tudo isto se explica perfeitamente, disse Golodkin a Arkady.

— É acusado de levar uma vida parasitária, leu Pasha, e desta vez a enguia se torceu.

O decreto contra o parasitismo visava na origem aos ciganos, depois foi tomado extensivo aos dissidentes e a toda a espécie de exploradores, e a pena correspondente era nada menos do que o desterro para uma cabana mais perto da Mongólia do que de Moscou. O sorriso de Golodkin era breve e sardônico.

— Nego tudo.

— Cidadão Golodkin lhe recordou Arkady, — Existem penalidades pela falta de colaboração num inquérito oficial. Como foi o próprio a dizer, conhece bem este departamento.

— Eu disse... Parou para acender um dos seus Winston e, através da fumaça, olhou para a pilha de papéis. Só Chuchin lhes podia ter dado tantos documentos. Chuchin! — Eu trabalhava para... Parou de novo apesar da expressão convidativa de Arkady. Acusar outro Investigador-Chefe era um suicídio. — Seja o que for...

— Então?

— Seja o que for que eu tenha feito, e não estou admitindo que fiz,

foi em nome deste departamento.

— Mentiroso! Excitou-se Pasha. — Devia lhe esmurrar essa cara mentirosa.

— Só para estar nas boas graças dos verdadeiros exploradores e elementos antissoviéticos. Golodkin mantinha a sua posição.

— Através do assassinato? Pasha dobrou o braço.

— Assassinato? Golodkin esbugalhou os olhos.

Pasha mergulhou por cima da mesa, falhando a garganta de Golodkin por pouco. Arkady puxou o detetive para trás. O rosto deste estava escuro de fúria; havia ocasiões em que Arkady gostava mesmo de trabalhar com ele.

— Não sei nada sobre qualquer assassinato, explodiu Golodkin.

— Por que nos continuamos com o interrogatório? Perguntou Pasha a Arkady. — Ele não faz outra coisa senão mentir.

— Tenho o direito de falar, disse Golodkin a Arkady.

— Ele tem razão, comentou Arkady para Pasha. — Enquanto ele falar e disser a verdade, não podemos dizer que não está cooperando. Agora, cidadão Golodkin, e ligou o gravador, — Comecemos por um relato franco e pormenorizado da sua violação dos direitos das mulheres.

— Estritamente de forma oficiosa, começou Golodkin, — Forneci mulheres que pensava estarem dentro da idade legal a pessoas recomendáveis.

— Nomes, exigiu Pasha. — Quem foi para a cama com quem e onde, e por quanto?

Arkady escutava enquanto lia os relatórios de Ust-Kut que Golodkin pensava ser o seu dossiê. Em comparação com os pequenos crimes de que Golodkin se gabava, a informação fornecida pelo detetive Yakutsky era uma aventura de Dumas. Como órfão, em lrkutsk, Konstantin Borodin, alcunhado “Kostia, o Bandido”, fez cursos de aprendizagem de carpintaria e enveredou por trabalhos de restauro no Mosteiro de Znainiensky. Pouco depois, fugiu da escola estatal e viajou com nômades yakut até ao círculo ártico para caçar raposas polares. A primeira vez que Kostia atraiu a atenção da Milícia foi quando um bando seu foi apanhado em transgressão dentro dos terrenos auríferos de

Aldan, ao longo da margem do rio Leria. Antes dos vinte anos já era procurado pelo roubo de passagens da Aeroflot, vandalismo, vendas de peças de rádio a jovens cujas estações “piratas” interferiam com as transmissões oficiais, e por ortodoxos assaltos de estrada. Fugia sempre para a taíga siberiana, onde nem sequer as patrulhas de helicóptero do detetive Yakutsky o conseguiam encontrar. A única fotografia recente de Kostia era um instantâneo tirado há dezoito meses pelo jornal siberiano Krasnoye Znamya.

— Se quer saber a verdade, dizia Golodkin a Pasha, — As jovens gostavam de ir para a cama com estrangeiros. Bons hotéis, boa comida, lençóis limpos, era um pouco como se elas próprias viajassem.

A fotografia do jornal era pouco nítida e mostrava cerca de trinta homens não identificados caminhando em frente dum edifício não identificável. Ao fundo, dentro dum círculo, surpreendido pela máquina fotográfica, um rosto com uma expressão de espanto. Era um rosto ossudo e atraente dum tipo dissoluto. Ainda havia verdadeiros bandidos no mundo. A maior parte da Rússia era constituída pela Sibéria. A língua russa só admitia duas palavras mongóis, taiga e tundra, e essas duas palavras exprimiam um mundo de florestas sem fim ou de horizontes sem árvores. Nem sequer os helicópteros conseguiam encontrar Kostia? Poderia então um homem desses morrer no Parque Gorki?

— Ouviu falar de alguém que venda ouro na cidade? Perguntou Arkady a Golodkin. — Talvez ouro da Sibéria?

— Eu não negoceio em ouro; é perigoso demais. Há um prêmio, você e eu sabemos; dois por cento de todo o ouro que vocês apanhem com algum traficante podem guardá-lo para si. Não, seria uma loucura. De qualquer modo, o ouro não vem da Sibéria. São os marinheiros que o trazem da Índia ou Hong-Kong. Moscou não é um grande mercado de ouro. Quando se fala de ouro ou diamantes, é o mesmo que falar em negócios com os judeus de Odessa, georgianos ou armênios. Pessoas sem classe. Espero que não pense que alguma vez me comprometeria com eles.

A pele, cabelo e casaco de Golodkin tresandavam a cigarro

americano, água-de-colônia ocidental e transpirarão russa.

— Basicamente, eu só presto serviços às pessoas. A minha especialidade são os ícones. Faço cem, duzentos quilômetros para fora de Moscou, até alguma aldeiazinha, descubro onde se reúnem os velhos e levo uma garrafa até lá. Olhem, esses homens tentam sobreviver com as suas pensões. Desculpem-me, mas as pensões são uma ninharia. Prestamos um favor ao lhes dar vinte rublos por um ícone qualquer que há cinquenta anos anda acumulando poeira. Talvez as velhas preferissem morrer de fome e guardar os seus ícones, mas com os homens se pode negociar. Depois, retorno a Moscou e vendo.

— Como? Perguntou Arkady.

— Alguns motoristas de táxis e guias da Inturist me recomendam. Mas sou capaz de ir diretamente para a rua e descobrir os verdadeiros compradores. Em especial suecos, ou americanos da Califórnia. Falo inglês, esse é o meu ponto forte. Os americanos pagam seja o que for. Cinquenta por um ícone que você não tirava sequer da saleta, um ícone que você nem percebe se está olhando para a parte de trás ou da frente. Mil por uma coisa grande e bonita. Falo em dólares, não em rublos. Dólares ou vouchers dos turistas, que também são bons. Quanto custa uma garrafa de boa vodca autêntica? Treze rublos. Com vouchers de turistas posso comprar essa garrafa por três. Compro quatro garrafas pelo preço de uma. Preciso que um tipo me conserte a televisão ou o carro ou me faça um favor, vou- por acaso lhe oferecer rublos? Os rublos são para os trouxas. Se oferecer ao tipo umas garrafas, arranjo um amigo para a vida. Os rublos são papel, entende, e a vodca é dinheiro.

— Está tentando nos subornar? Perguntou Pasha, indignado.

— Não, não, só queria dizer que os estrangeiros a quem vendo ícones são contrabandistas, e eu colaboro dessa forma nas investigações oficiais.

— Também vende a cidadãos russos, observou Arkady.

— Só a dissidentes, protestou Golodkin.

O relatório do detetive Yakutsky prosseguia, contando que, durante a campanha de 1949 contra os “cosmopolitas” judeus, um rabino de Minsk chamado Solomon Davidov, viúvo, se instalou em Irkutsk. A única filha de Davidov, Valéria Davidova, abandonou os seus estudos de

arte depois da morte do pai, há um ano atrás, para ir trabalhar como separadora no Centro de Peles de lrkutsk. Estavam incluídas duas fotografias. Uma era duma moça durante um passeio, de olhos brilhantes, com um gorro de pele, grosso casaco de lã e o gênero de botas de feltro conhecidas como valenkí. Muito jovem, muito alegre. A outra fotografia era do Krasnoye Znamya e tinha a legenda: “A bonita apresentadora V. Davidova segura uma peliça de zíbelina Barguzin no valor de mil rublos durante a feira internacional e perante a admiração dos homens de negócios visitantes”. Ela era extraordinariamente bonita, mesmo no seu deselegante uniforme, e em primeiro plano, entre os homens de negócios assando os dedos pela zibelina, se encontrava o Sr. John Osborne.

Arkady voltou à fotografia de Kostia Borodin. Com mais atenção, viu que um grupo afastado do bandido, compreendendo cerca de vinte russos e yakuts, rodeava alguns ocidentais e japoneses, e de novo reconheceu Osborne. Por essa altura, Golodkin se achava explicando insistente mente a maneira como certos georgianos tinham monopolizado o mercado dos automóveis em segunda mão.

— Está com sede? Perguntou Arkady a Pasha.
— De ouvir dizer tanta mentira, respondeu Pasha.

As janelas estavam embaciadas com a transpiração. Golodkin examinou um homem e depois o outro.

— Vamos, de qualquer modo são horas de almoçar. Arkady pôs os documentos debaixo do braço e levou Pasha até a porta.
— E eu? Perguntou Golodkin.
— Não vai cair na asneira de ir embora, não é? Disse Arkady. — Além disso, para onde iria?

Deixaram-no. Um momento mais tarde, Arkady abriu a porta para jogar lá para dentro uma garrafa de vodca. Golodkin segurou-a contra o peito.

— Concentre-se no assassinato, Feodor, insistiu Arkady, fechando a porta sobre a expressão espantada de Golodkin.

A chuva lavara toda a neve. Do outro lado da rua, na estação do metrô, se formara uma fila de homens junto de um quiosque que vendia cerveja. “Um verdadeiro sinal da primavera”, segundo Pasha. Compraram sanduíches de carne de porco de um carrinho sem saírem da fila. Dali podiam ver Golodkin observando-os através dum círculo feito na janela embaciada.

— Ele dirá para consigo que é esperto de mais para beber, mas depois pensará melhor, isto é, que está indo muito bem e que merece uma recompensa. Além disso, se você tem a garganta seca, imagine a dele.

— Você é um safado muito sutil. Pasha lambeu os beiços.

— Tão sutil como atirar uma pessoa para um precipício, retorquiu Arkady.

Mesmo assim, estava excitado. Imaginem, o americano Osborne ter estado com o bandido siberiano e a sua amante! O bandido podia ter vindo para Moscou com passagens de avião roubadas. Notável!

Pasha comprou as cervejas, duas canecas de vidro cheias por quarenta e quatro copeques, líquido dourado quente e aromático. A esquina se enchera, mais homens de sobretudo se serviam do quiosque da cerveja como pretexto para se distraírem. Sem grandes praças ou um edifício suficientemente alto para se içar uma bandeira lá, Novokuznetskaya tinha o ar de uma pequena cidade. O presidente da câmara e os seus projetistas tinham aberto a Kalinin Prospekt através do velho bairro Arbat, a oeste. A seção Kirov, a leste do Kremlin, desaparecia a seguir, condenada a repousar sob um novo bulevar três vezes mais comprido do que a Kalinin. Mas Novokuznetskaya, com as suas ruas estreitas e pequenas lojas, era onde a primavera chegava primeiro. Homens com canecas de cerveja se cumprimentavam uns aos outros como se durante o inverno estivessem invisíveis. Em alturas como esta, Arkady sentia que uma figura como Golodkin era uma verdadeira aberração.

Terminado o intervalo, Pasha foi ao Ministério dos Negócios Estrangeiros para se informar sobre a história das viagens de Osborne e

do alemão Unmann, e ao Ministério do Comércio conseguir fotografias do exterior do Centro de Peles de Irkutsk. Arkady retornou para terminar com Golodkin.

— Tenho certeza de que não é nenhum segredo para si o fato de eu ter participado em interrogatórios do outro lado da mesa, por assim dizer. Penso que podemos falar francamente, você e eu. Posso prometer ser para si uma testemunha tão cooperante como fui para outros. Agora, as coisas que discutimos esta manhã...

— Coisas pequenas, Feodor, disse Arkady. O rosto de Golodkin corou de esperança. A garrafa de vodca estava meio vazia no chão. — Às vezes as penas parecem desproporcionadas para o crime a que se aplicam, acrescentou Arkady, — Em especial para cidadãos como você, com, digamos, um estatuto especial.

— Parece-me que vamos resolver isto, agora que o detetive foi embora, concordou Golodkin com um aceno. Arkady pôs uma fita nova no gravador, ofereceu um cigarro a Golodkin, que o aceitou, e acendeu o seu. A fita começou a girar.

— Feodor, vou lhe contar umas coisas e lhe mostrar umas fotografias; depois quero que me responda a algumas perguntas. Pode lhe parecer tudo muito ridículo, mas quero que seja paciente e pense cuidadosamente. Está bem?

— Certo!

— Obrigado, disse Arkady; interiormente se sentia como se estivesse prestes a dar um grande mergulho, como acontecia sempre que tinha de se deitar a adivinhar. — Feodor, se descobriu que você vende ícones aos turistas, muitas vezes americanos. Temos provas de que tentou vender alguns a um hóspede estrangeiro atualmente em Moscou, chamado John Osborne. Você contatou-o no ano passado e novamente há uns dias pelo telefone. O seu “negócio” falhou quando Osborne decidiu comprar a outra fonte. Você de certo modo é um homem de negócios, e já deve ter tido outras negativas. Por isso quero que me diga porque desta vez ficou tão furioso. Golodkin tinha uma expressão vazia. — Os cadáveres do Parque Gorki, Feodor. Não me diga que nunca ouviu falar deles.

— Cadáveres? Golodkin não podia parecer mais assustado.

— Para ser mais exato, um homem chamado Kostia Borodin e uma

jovem chamada Valéria Davidova, ambos siberianos.

— Nunca ouvi falar neles, respondeu Golodkin de modo cooperante.

— É claro que não foi com esses nomes. O que interessa é que eles lhe roubaram o negócio, que você foi visto discutindo com eles, e que uns dias mais tarde os mesmos foram assassinados.

— Que posso eu dizer? Golodkin encolheu os ombros. — Tudo isso é tão ridículo quanto você o admitiu. Disse que tinha fotografias?

— Obrigado por me ter recordado. Tenho, sim, das vítimas.

Servindo-se de ambas as mãos, Arkady mostrou as fotografias de Borodin e de Valéria Davidova apresentando as peles. Os olhos de Golodkin eram uma maravilha, saltando da jovem para Osborne, para o bandido marcado pelo círculo, para Osborne no meio da multidão, para Arkady e de novo para as fotografias.

— Está começando a entender o que aconteceu, Feodor. Duas pessoas vêm duma distância de milhares de quilômetros e vivem aqui escondidas durante um mês ou dois, pouco tempo para fazer inimigos, exceto entre rivais de negócios. Depois são assassinadas por um sádico, uma parasita social. Repare que estou descrevendo um pássaro muito raro, um capitalista, dirá você. Você, com efeito, e você é o pássaro que tenho na mão. As pressões exercidas sobre um inspetor para encerrar este gênero de caso são enormes. Outro inspetor não precisaria de mais nada. Você foi visto discutindo com as vítimas. Foi visto assassinando-as? A diferença é pequena.

Golodkin fitou Arkady. Enguia e caça-enguias. Arkady sentia que esta era a sua única oportunidade antes de o anzol ser engolido.

— Se você os matou, Feodor, será condenado a pena de morte por homicídio com agravante de lucro. Se cometer perjúrio, será condenado a dez anos. Se eu chegar à conclusão de que está a mentindo, será culpado por todos os pequenos delitos de que já falamos. A verdade é que, Feodor, não desfrutará de estatuto especial entre os presidiários. Estes têm opiniões muito firmes acerca dos informantes, especialmente dos informantes caídos em desgraça. A verdade é que, Feodor, você não se pode permitir o risco de ir para um estabelecimento penal. Cortariam-

lhe o pescoço antes do fim do primeiro mês e você sabe bem disso.

Golodkin fechou a boca, agora com o anzol bem preso nas goelas. Pousara na terra, estava exausto e perdendo a cor, toda a coragem dada pela vodca se dissipara.

— Eu sou a sua única esperança, Feodor, a sua única oportunidade. Deve me contar tudo sobre Osborne e os siberianos. Golodkin se deixou-cair para frente até bater com a testa na mesa, como se mergulhasse a cara na lama. — Conte-me, Feodor. Golodkin perdeu algum tempo protestando a sua inocência, depois começou a sua história, a cabeça entre as mãos.

— Há um alemão, um tipo chamado Unmann que eu conheço. Costumava lhe arranjar umas jovens. Ele disse que tinha um amigo que pagaria muito pelos ícones, e me apresentou então a Osborne. Osborne afinal não queria ícones. O que ele queria era um banco de igreja ou uma arca com painéis religiosos. Por uma boa arca, de boa qualidade, me prometeu dois mil dólares. Passei todo um estuporado verão à procura da arca e por fim consegui uma. Osborne apareceu em dezembro, tal como dissera. Telefono-lhe para lhe dar a boa notícia e, de repente, o safado corre comigo e desliga o telefone. Vou direito ao Rossiya, a tempo de ver Osborne e Unmann saindo de lá, e sigo-os até à Praça Sverdlov, onde eles se encontram com dois vadios provincianos, os da sua fotografia. Unmann e Osborne se raspam e eu sigo os outros dois e interpelo-os. Ali estavam eles no centro de Moscou a tresandarem a terebintina das matas. Sei o que acontece e lhes digo. Eles estão preparando a sua arca para venderem a Osborne, enquanto eu fico encravado com a minha. Em primeiro lugar o negócio era meu e já tinha feito despesas. O que é justo é justo, quero metade do que eles vão receber... Mais ou menos uma comissão. O tipo, o macaco siberiano, passa o braço à volta dos meus ombros com um ar amigável e de repente sinto uma faca no pescoço. Ele enterrou a faca através da gola do meu casaco até à carne, na Praça Sverdlov, e diz que não sabe a que me refiro, mas que será melhor que eu não volte a ver e Osborne também. Acredita nisto? Na Praça Sverdlov! Foi em meados de janeiro, me lembro porque foi na altura do antigo Ano Novo. Toda a gente estava bêbada e eu poderia me esvair em sangue que ninguém daria por isso.

Depois o siberiano começou a rir e os dois se afastaram.

— Não sabia que eles tinham morrido? Perguntou Arkady.

— Não! Golodkin levantou a cabeça. — Nunca mais voltei a vê-los. Pensa que sou doido?

— Mas arranjou coragem para telefonar a Osborne mal soube que ele regressara à cidade.

— Só para apalpar o terreno. Ainda tenho a arca, não consigo vendê-la a ninguém. Não posso contrabandear uma arca. O único cliente era Osborne. Não sei qual era a ideia dele.

— Mas se encontrou com Osborne ontem no Parque Gorki, experimentou Arkady.

— Não era Osborne. Não sei quem ele era, nunca me disse o nome. Era um americano que telefonou dizendo que estava interessado em ícones, e eu pensei que talvez ainda conseguisse me livrar da arca. Ou desmanchá-la e vendê-la em PARTES. Tudo o que ele queria era dar uma volta pelo parque.

— Está mentindo, insistiu Arkady.

— Juro que não. Era um tipo velho e gordo que só fazia perguntas estúpidas. Fala muito bem o russo, isso é verdade, mas eu sou perito em descobrir estrangeiros. E assim percorremos quase todo o parque e paramos num campo enlameado.

— No lado norte do parque, desviado do caminho?

— Sim. Seja como for, pensei que ele talvez quisesse se isolar para me interrogar acerca de alguma jovem ou da organização de uma festa, compreende, mas ele começou a me falar dum estudante, um americano chamado Kirwill, sobre o qual nunca tinha ouvido nada. Só me lembrei agora porque ele não parou de me falar dele. Disse-lhe que conhecia muita gente. E é tudo. O tipo foi embora. Golodkin deu um estalo com os dedos, — Assim. De resto, mal o vi, entendi logo que não queria comprar ícones.

— Porquê?

— Tinha um ar tão pobre... Tudo o que vestia era russo.

— Ele descreveu a aparência de Kirwill?

— Muito magro, disse ele. Ruivo. Estava vindo tudo ao encontro de Arkady. Outro nome americano. Osborne e um traficante de mercado negro. Abre-te, Sésamo! Telefonou ao major Pribluda.

— Preciso de informações sobre um americano cujo último nome é

KirwiII. K-i-r-w-i-l-l. Pribluda levou um tempo para responder.

— Isso me soa mais a meus assuntos, disse por fim.

— Concordo inteiramente, disse Arkady. Um determinado estrangeiro estava sendo investigado. Como podia haver alguma dúvida quanto à pessoa que o devia investigar?

— Não, disse Pribluda. — Vou lhe dar mais corda. Mande-me aqui o seu detetive Fet e eu lhe darei o que tiver.

Como era natural, Pribluda só entregaria informações se estas fossem acompanhadas pelo seu próprio informante; Arkady sabia. Ligou para Fet, no Ukraina, e depois durante uma hora brincou com fósforos sobre uma folha de papel enquanto Golodkin ia bebendo da sua garrafa. Chuchin entrou na sala de interrogatórios e se embasbacou ao ver o seu informante com outro inspetor. Arkady explicou bruscamente ao inspetor dos Casos Especiais que se tivesse alguma reclamação a fazer a entregasse ao promotor e Chuchin saiu da sala imediatamente. Golodkin ficou impressionado. Por fim, Fet chegou com uma pasta e ar de convidado relutante.

— Talvez que o Investigador-Chefe me queira pôr ao corrente. Ele ajeitou os óculos de aros de aço.

— Mais tarde. Sente-se.

Se Pribluda esperava um relatório de Fet, então Arkady ia lhe proporcionar um bem bom. Golodkin gostou de ver o detetive ser posto no seu lugar, reparou Arkady. Estava se recompondo, se ajustando a uma nova lealdade. Arkady despejou a pasta de fotocópias. Havia mais do que ele esperava. Pribluda fora generoso com aquilo a que chamara “corda”. Aliás, eram dois dossiês. O primeiro dizia:

Passaporte EUA. Nome: James Mayo Kirwill. Data do nascimento: 4/8/52. Altura: 5' 1 1, cerca de 1, 70 cm. Mulher: XXX. Filhos: XXX. Local de nascimento: Nova lorque, EUA. Olhos: castanhos. Cabelo: ruivo. Data de emissão: 7/5/74.

A fotografia em preto e branco do passaporte mostrava um rapaz novo, extremamente magro, com olhos muito enterrados nas órbitas, cabelo ondulado, nariz comprido e um sorriso ligeiro mas nítido. A

assinatura era fechada e precisa.

Visto de residência.

James Mayo Kirwill. Cidadania: EUA. Nascimento na mesma data, mesmo local. Profissão: estudante de Linguística. Objetivos da estada: estudos na Universidade de Moscou. Dependentes: nenhum. Visitas anteriores à URSS: nenhuma. Parentes na URSS: nenhum. Residência: 109 West St., Nova lorque, EUA.

Uma fotografia igual à do passaporte estava colada no canto superior do documento. Uma assinatura quase idêntica; era de notar a sua regularidade.

Departamento de Registos, Universidade de Moscou.

Matriculado em Set. 1974 para estudar línguas estavas. Notas uniformemente altas. Uma informação elogiosa de aproveitamento.

Relatório do Komsomol.

J. M. Kirwill convive muito com estudantes russos, manifesta demasiado interesse pela política interna soviética, exprime atitudes antissoviéticas. Repreendido pela célula de Komsomol do seu alojamento, Kirwill pretendeu assumir igualmente atitudes antiamericanas. Buscas clandestinas no seu quarto descobriram material dum autor religioso chamado Aquino e uma edição cirílica da Bíblia.

Comissão da Defesa do Estado.

O indivíduo foi sondado durante o primeiro ano pelos seus colegas para efeito de se ajuizar se deveria ser mantido sob vigilância, mas foi comunicado que não era necessário. No seu segundo ano um membro feminino do corpo docente tentou, por diretiva nossa, estabelecer relações de intimidade com o indivíduo e foi rejeitada. Um estudante foi encarregado de fazer o mesmo e também não foi bem sucedido. Concluiu-se que o indivíduo não se prestava a nenhum empenhamento positivo e que só restava ter em conta a lista dos pontos negativos compilada pelos órgãos de Segurança e do Komsomol. Foram citados por confraternização não justificada com o referido indivíduo os estudantes de Linguística T. Bondarev e S. Kogan e a estudante de Direito. Asanova.

Ministério da Saúde, Policlínica da Universidade de Moscou.

O estudante J. Kirwill recebeu os seguintes tratamentos: antibióticos gerais contra gastrenterite durante os seus primeiros quatro meses; injeções de vitaminas C e E e terapia de infravermelhos por gripe; mais tarde, durante o primeiro ano do indivíduo em causa, foi lhe extraído um dente e substituído por uma prótese de aço. Num esquema dentário estava marcado a tinta o molar superior esquerdo. Não era mencionado nenhum trabalho no canal da raiz.

Ministério do Interior.

J. M. Kirwill saiu da URSS em 12/3/76. Tendo revelado um temperamento impróprio para um hóspede da URSS, a sua reentrada não deverá merecer autorização.

Portanto, este estudante, estranhamento ascético, pensou Arkady, não acusava qualquer afecção na perna esquerda que Levin encontrara no cadáver chamado “Ruivo”, aparentemente não apresentava nenhum tratamento dentário americano e nunca voltara à Rússia. Por outro lado, era da mesma idade, mesmo físico, tinha o mesmo molar de aço e cabelo ruivo, e conhecia Irina Asanova. Arkady mostrou a fotografia do passaporte a Golodkin.

— Reconhece este homem?

— Não.

— Ele pode ter tido cabelo castanho ou ruivo. Não se veem muitos magrizelas americanos de cabelo ruivo em Moscou, Feodor.

— Não o conheço.

— E estes estudantes universitários? Bondarev? Kogan? Não mencionou Irina Asanova. Fet demonstrava bastante interesse. Arkady olhou para o segundo dossiê.

Passaporte EUA. Nome: William Patrick KirwiII. Data de nascimento: 23/5/30. Altura: 5'11. Mulher: XXX. Menores: XXX. Local de nascimento: Nova lorque, EUA. Cabelo: grisalho. Olhos: azuis. Data de emissão: 23/2/77.

A fotografia era de um homem de meia-idade com cabelo grisalho

ondulado e olhos que deviam ser de um azul-escuro. O nariz era curto e os maxilares largos. Nenhum sorriso. A camisa e o casaco cobriam o que parecia ser um peito e uns ombros musculosos. A assinatura era fechada e grande.

Visto de turista. Williarn Patrick KirwiII. Cidadania: EUA. Nascimento na mesma data, mesmo local. Profissão: publicitário. Objetivo da estada: turismo. Dependentes acompanhantes: nenhum. Visitas anteriores à URSS: nenhuma. Parentes na URSS: nenhum. Residência: 220 Barrow St, Nova lorque, EUA. Mesma assinatura e mesma fotografia.

Entrada na URSS: 18/4/77. Partida: 30/4/77. Viagem confirmada através da Pan American Airways. Reserva confirmada no Hotel Metrópole.

Arkady pegou na fotografia de William Patrick Kirwill.

— Reconhece este?

— É ele! Aquele com quem me encontrei ontem no parque. Você disse, Arkady deu uma nova olhadela, — Que era um tipo velho e gordo.

— Grande, você compreende.

— E o vestuário dele?

— Russo, muito vulgar. Tudo novo. Da maneira como ele fala o russo, podia ter comprado ele próprio o vestuário, mas, e Golodkin fez um trejeito, — Porque alguém o faria?

— Como percebeu exatamente que ele não era russo? Golodkin se inclinou para frente, de camarada para camarada.

— Fiz uma espécie de estudo a esse respeito, descobrir turistas na rua. Possíveis compradores, compreende? O russo médio, digamos assim, quando caminha o seu tronco mexe. O americano caminha só com as pernas.

— Ali, sim? Arkady olhou de novo para a fotografia. Sabia pouco sobre a publicidade americana; viu um rosto que só exprimia força bruta, um homem que levara Golodkin direito à clareira onde tinham sido encontrados os corpos e onde Arkady perdera um combate. Arkady se lembrava de ter mordido a orelha do assaltante. — Viu as orelhas

dele?

— Não me parece, cismou Golodkin, — Que haja uma grande diferença entre as orelhas russas e as orelhas ocidentais.

Arkady ligou para a Inturist, onde lhe disseram que três noites antes, quando Arkady fora espancado, o turista W. Kirwill tinha entradas para o Bolshoi. Arkady perguntou como poderia encontrar o guia da Inturist de Kirwill. Kirwill era um turista isolado, informaram-no, e a Inturist não fornecia guias para grupos inferiores a dez pessoas. Quando Arkady desligou, se expondo à atenção de Fet, Pasha regressava da sua visita ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.

— Temos agora uma testemunha que liga duas vítimas prováveis diretamente a um suspeito estrangeiro. Arkady fraseou as observações dirigidos aos seus detetives de modo pomposo, para que Fet a passasse melhor a Pribluda. — No fim das contas, sempre se tratava de ícones. Não é costume retermos um suspeito estrangeiro. Terei de discutir isto com o promotor. A nossa testemunha talvez nos forneça mesmo um segundo elo para a terceira vítima do parque. Vejam, rapazes, como tudo está se ajustando. O Feodor aqui é a chave de tudo.

— Eu declarei que estava do seu lado, disse Golodkina Pasha.

— Qual suspeito? Fet não conseguiu se conter.

— O alemão, respondeu Golodkin com calor. — Unmann. Arkady empurrou Fet com a pasta para fora da porta. Não foi difícil porque finalmente o canário de Pribluda tinha alguma coisa para cantar.

— É verdade o que diz desse Unmann? Perguntou Pasha.

— Mais ou menos, disse Arkady. — Vamos ver o que você trouxe.

O detetive trouxera todos os itinerários soviéticos de Osborne e Unmann durante os últimos seis meses, feitos em estenografia do Ministério, que davam a impressão de terem sido colhidos em portas giratórias:

J. D. Osborne, Presidente Osborne Furs Inc.

Entrada: Nova lorque-Leningrado, 2/1/76 (Hotel Astória); Moscou, 10/1/76 (Hotel Rossiya); lrkutsk, 15/1/76 (convidado do Centro de Peles de Irkutsk); Moscou, 20/1/76 (Rossiya).

Saída: Moscou-Nova lorque, 28/1/76.

Entrada: Nova lorque-Moscou, 11/7/76 (Astória).
Saída: Moscou-Nova lorque, 22/7/76.
Entrada: Paris-Grodno-Leningrado, 2/1/77 (Astória); Moscou, 11/1/77 (Rossiya).

"Interessante", pensou Arkady. Grodno era uma cidade ferroviária na fronteira polaca. Em vez de voar, Osborne viajara de trem até Leningrado.

Saída: Moscou-Leningrado-Helsinque, 2/2/77.
Entrada: Nova lorque-Moscou, 3/4/77 (Rossiya).
Saída prevista: Moscou-Leningrado, 30/4/77.

H. Unmann, República Democrática Alemã, C.P.G.D.R.
Entrada: Berlim-Moscou, 5/1/76.
Saída: Moscou-Berlim, 27/6/76.
Entrada: Berlim-Moscou, 4/7/76.
Saída: Moscou-Berlim, 3/8/76.
Entrada: Berlim-Leningrado, 20/12/76.
Saída: Leningrado-Berlim, 3/2/77.
Entrada: Berlim-Moscou, 5/3/77.

Não havia indicações sobre as viagens efetuadas por Unmann dentro da Rússia, mas Arkady calculou que Osborne e o alemão podiam ter estado juntos durante treze dias em Janeiro de 76, em Moscou, durante onze dias em Julho de 76, em Moscou, depois neste último inverno, com uma persistente coincidência, entre 2 e 10 de Janeiro, em Leningrado, e de 10 de Janeiro a 1 de fevereiro, de novo em Moscou, quando os crimes foram cometidos. Em 2 de fevereiro, Osborne voara para Helsinque, enquanto Unmann parecia ter ido para Leningrado. Estavam agora juntos em Moscou desde 3 de Abril. No entanto, durante os últimos doze meses, Osborne contatara Unmann só através de telefones públicos. Pasha apresentou também uma fotografia do Centro de Peles de Irkutsk. Era o mesmo edifício banal e moderno da fotografia de Kostia Borodin. Arkady teria ficado admirado se não fosse.

— Leve o nosso amigo Feodor a sua casa, disse Arkady a Pasha. — Ele tem uma arca especial lá que eu gostaria que você levasse para o

Ukraina. Olhe, leve também as fitas. Tirou do gravador as fitas com a confissão de Golodkin. Para arranjar lugar nos bolsos, Pasha teve de mudar de lugar o seu pequeno e precioso abacaxi.

— Também devia ter comprado um, disse ele a Arkady.

— Seria dinheiro mal empregado.

— Fico à sua disposição, camarada Investigador-Chefe. Golodkin pôs o chapéu e o casaco, — Só à sua...

Depois deles terem saído e ficado só, é que Arkady sentiu a excitação correr dentro de si como um motor. Conseguira! Desta vez, com o testemunho de Golodkin e a ameaça de detenção de um dos americanos favoritos da KGB, ele podia enfiar o caso pela goela de Pribluda abaixo. Vestiu o casaco, atravessou a rua e tomou uma vodca, já arrependido de não ter ido com Pasha para partilharem uma bebida de comemoração. “Aqui vai à nossa!” Não eram tão maus investigadores como isso, no fim de contas. Lembrou-se do abacaxi. Pasha devia ter outros planos de natureza essencialmente erótica. Arkady deu consigo junto dum telefone público. Por coincidência, tinha uma moeda de dois copeques na mão. Veio-lhe à ideia saber onde andaria Zoya.

A investigação do Parque Gorki tinha sido muito estranha. Ele se livrara dela e regressava agora à rotina. O telefone exercia sobre ele uma atração, a de ouvir Zoya. E se ela tivesse deixado Schmidt e regressado ao apartamento? Há dias que ele não ia lá, e tinha andado tanto dum lado para o outro que teria sido impossível a ela apanhá-lo. Não devia se esconder de Zoya; pelo menos deviam conversar. Amaldiçoou-se por ser fraco e discou o número. O número de telefone do apartamento estava ocupado; ela estava lá.

No metrô, toda a gente regressava a casa depois do trabalho. Arkady era um deles e se sentia quase normal, praticamente sem dores no peito. Tinha a cabeça cheia de melodramas. Zoya se arrependera e ele se mostraria magnânimo. Ela estava ainda zangada mas ele seria tolerante. Ela estava no apartamento por mero acaso e ele a convencia a ficar. Com todas as variações intermediárias, e acabando tudo na cama. No entanto, ele não se sentia excitado. Os melodramas eram estúpidos, reles e sem interesse, mas ele não conseguia fugir deles.

Deixou a Tangaskaya pelo pátio, subiu as escadas de dois em dois e bateu à porta. O som era de vazio. Abriu a porta e entrou. Zoya voltara, disso não restavam dúvidas. Não havia cadeiras nem mesas, tapetes ou cortinas, livros ou prateleiras, discos ou toca-discos, louça, vidros ou talheres. Ela fizera uma limpeza conscienciosa, um misto de anexação e expurgo. Na primeira das duas divisões, só deixara a geladeira e, mesmo essa, nem sequer tinha as formas de gelo. Na segunda divisão ficara a cama, por isso continuava a ser um quarto. Lembrava-se de quanto tinha sido difícil fazer entrar a cama no quarto. Ela deixara só os lençóis e o cobertor que estavam no leito.

Sentia-se estranhamente magoado e vazio, como se um ladrão tivesse entrado, não no apartamento mas dentro de si, e, com mãos sujas, tivesse despedaçado dez anos de casamento. Veria ela tudo aquilo doutra maneira, como se tivesse feito urna cesariana para se libertar dele? Teria sido assim tão mau todo o tempo em que estiveram juntos? Zoya era um bom ladrão porque agora ele não queria se recordar.

O auscultador do telefone se encontrava fora do descanso, razão pela qual ele pensara que ela estivesse em casa. Colocou-o no lugar e se sentou ao lado do telefone. O que estava lhe acontecendo? Era odiado por uma pessoa que em tempos o amara. Se ela mudara, ele devia tê-la mudado. Ele e a sua folha de serviços perfeita. Porque não se tornara inspetor da Comissão Central, que mal havia nisso? Tomar-se um merda e salvar o seu casamento. Quem era ele para ser tão puro? Olhem em que dera a sua fantasia sobre o mercado negro, os siberianos e americanos, uma ligação falsa a seguir à outra, não para resolver qualquer crime, nem para bem da justiça, só para se livrar daqueles cadáveres do Parque Gorki, jogando, fintando, sofismando para conservar as mãos limpas. O telefone tocou. “Zoya”, ele pensou.

— Alô?
— Investigador-Chefe Renko?
— Sim.
— Houve tiroteio num apartamento de Serafinov Dois. Morreu um homem chamado Golodkin, e também um seu detetive PavIovitch.

* * *

Um cordão de homens da Milícia se desenvolvia desde a entrada, pelas escadas acima até o segundo andar, e daí, ao longo dum corredor onde rostos assomavam pelas portas entreabertas, se estendia até ao interior do apartamento de Golodkin, composto de dois quartos cheios de caixas de uísque, cigarros, discos e alimentos enlatados empilhados no chão, onde havia ainda espessos tapetes orientais pousados uns sobre os outros. Levin já estava lá, se entretendo com uns aparelhos aplicados na cabeça de Golodkin. Pasha PavIovitch jazia sobre os tapetes, a parte de trás do seu sobretudo escuro molhada, mas não demais; tinha morrido instantaneamente. Junto da sua mão e da de Golodkin se encontravam as armas. Um inspetor de área que Arkady não conhecia fez a sua apresentação e a das suas anotações.

— Segundo os meus cálculos, disse ele, — É óbvio que este Golodkin disparou primeiro contra as costas do detetive, depois este se voltou e, ao cair, matou Golodkin por sua vez. As pessoas dos outros apartamentos não ouviram os tiros, mas as balas parecem vir das armas em questão, a PM do detetive e a TK de Golodkin, embora, é claro, ainda tenhamos de confirmar com a análise balística.

— As pessoas dos outros apartamentos viram alguém sair daqui? Perguntou Arkady.

— Ninguém saiu. Eles se mataram um ao outro. Arkady olhou para Levin, que desviou o olhar.

— O detetive PavIovitch tinha vindo acompanhar o outro homem aqui depois do mesmo ser interrogado, disse Arkady. — Revistou o detetive? Encontrou fitas de gravador?

— Revistamos. Não encontramos fitas, respondeu o inspetor.

— Retiraram alguma coisa do apartamento?

— Nada.

Arkady percorreu o apartamento de Golodkin à procura da arca de igreja decorada de painéis com ícones, retirando braçadas de blusões e de esquis dos armários, abrindo caixas de sabonetes franceses, enquanto o outro inspetor observava, pregado no mesmo lugar, não só devido à ansiedade causada pelos estragos pelos quais era responsável mas

também pelo horror do assalto a tais valores. Quando Arkady regressou finalmente para junto do detetive morto que estava no chão, o outro inspetor ordenou aos homens da Milícia para começassem a levar as mercadorias. O tiro que matara Golodkin deixara a sua testa côncava. Pasha apresentava um aspecto sereno, de olhos fechados, o seu belo rosto tártaro enterrado em fios coloridos, como um cavaleiro adormecido sobre um tapete voador. A arca de Golodkin desaparecera, as fitas desapareceram, Golodkin morrera.

Quando Arkady começou a descer para a rua, os homens da Mílicia, nas escadas, passavam de mão em mão caixas de álcool, relógios, roupas, um abacaxi, esquis, lhe fazendo recordar, contra vontade, uma carreira de formigas labutando no meio de migalhas.

* * *

# Nove

QUASE toda a Rússia é velha, nivelada por glaciares que a transformaram numa paisagem de colinas baixas, lagos e rios que serpenteiam como trilhos de caruncho em madeira mole. O lago da Prata, a norte da cidade, estava ainda gelado, e todas as dachas de verão junto do mesmo se encontravam desertas, com exceção da de lamskoy. Arkady estacionou o carro atrás de uma limusine Chaika, foi até os fundos da casa e bateu à porta. O promotor apareceu a uma janela, fez sinal a Arkady para esperar e, cinco minutos mais tarde, emergiu como o verdadeiro retrato de um cossaco, de casaco e botas debruados em pele de lobo. A sua cabeça calva e rosada brilhava de boa saúde, e ele se pôs logo a caminhar ao longo da praia.

— Estamos no fim-de-semana, disse ele com irritabilidade. — Que veio fazer aqui?

— Como aqui não tem telefone... Arkady foi atrás dele.

— Você é que não tem o número. Espere aí.

O gelo era espesso e opaco no centro do lago, fino e vidrado junto da margem. Durante o verão cada dacha tinha o seu terreno de badminton, guarda-sóis coloridos e jarros de limonada. lamskoy se dirigira a um pequeno abrigo a cerca de cinquenta metros da casa. Regressou transportando uma corneta de lata e um balde de comida para aves, bolinhas de peixe.

— Tinha me esquecido. Deve ter tido uma casa aqui quando era rapaz, disse lamskoy.

— Um verão, sim.

— Tenho certeza; uma família como a sua não deixaria de tê-la. Assopre aqui, estendeu a corneta para Arkady.

— Para quê?

— Assopre, ordenou lamskoy.

Arkady levou a corneta aos lábios e assoprou. Um forte bramido ecoou através do gelo, O seu segundo sopro foi ainda mais forte, se repercutindo para o lado dos salgueiros no extremo mais afastado do lago. lamskoy voltou a pegar na corneta.

— Uma pena o que aconteceu ao seu detetive. Como ele se chamava?

— Pavlovitch.

— E também foi ruim para si. Se esse especulador Golodkin era assim tão perigoso, você devia tê-los acompanhado, e agora PavIovitch estaria vivo. Toda a manhã recebi ligações do promotor-geral e do comissário da Milícia; eles têm o meu número de telefone daqui. Não se preocupe, eu protejo-o, se foi isso que veio me pedir.

— Não foi.

— É, não, suspirou lamskoy, — Você não o faria. PavIovitch era seu amigo, não era? Já tinham trabalhado juntos anteriormente. Desviou o olhar de Arkady para o céu, onde pairava uma neblina branca que se confundia com as bétulas prateadas. — Que local maravilhoso, inspetor! Devia vir aqui depois de mais algum tempo. Há excelentes lojas que abriram para os moradores depois de você ter estado aqui quando rapaz. Iremos visitá-las juntos e poderá escolher uma coisa de que goste. Traga a sua mulher.

— Pribluda matou-o.

— Espere aí.

lamskoy ficou à escuta dum restolhar do lado das árvores, à direita e esquerda. Por cima das copas se ergueu um bando de êideres, tomando uma formatura em V à medida que ganhavam altura, os machos brancos com barriga e cabeça pretas, as fêmeas cinzentas. Os gansos descreveram um círculo à volta do lago, batendo as asas rapidamente.

— Pribluda mandou seguir PavIovitch e Golodkin e depois matá-los.

— Porque o major Pribluda havia de ter qualquer interesse neste caso?

— O suspeito é um homem de negócios americano. Já travei conhecimento com ele.

— Como você travou conhecimento com um americano? lamskoy começou a despejar as bolas de peixe no chão. Um profundo grasnido e bater de asas agitou o ar.

— O senhor é que me levou para junto dele. Arkady elevou a voz. — Nos banhos. Está seguindo este caso de muito perto, tal como já me disse.

— Levei-o para junto dele? Essa é uma conclusão um pouco forte. lamskoy despejou a comida segundo uma linha ondulada e decorativa. — Tenho um respeito enorme pelas suas capacidades, e não duvide que o ajudarei de todas as maneiras que puder, mas não conclua que eu o "levei" até alguém. Nem quero saber o nome dele. Sssh! Susteve a resposta de Arkady e pousou o balde vazio no chão.

Os êideres desceram em linha reta, deslizando em fila sobre o lado gelado até pousarem a trinta metros da praia. Daí as aves deram um olhar desconfiado a lamskoy e a Arkady até os dois homens recuarem para junto do abrigo. Satisfeitos, os gansos mais corajosos avançaram, bamboleando.

— Bonitas aves, não são? Observou Iamskoy. — Raros nesta região. Costumam passar o inverno perto de Murmansk, sabe? Tive lá uma verdadeira colônia deles durante a guerra. Mais gansos aterraram, rodando as cabeças para verificar se o lugar era seguro. — A procura de raposas, sempre à procura de raposas, disse lamskoy. — Você deve ter provas muito fortes para desconfiar de um oficial da KGB.

— Temos uma identificação aproximada de dois dos cadáveres do Parque Gorki. Tínhamos uma fita na qual Golodkin identificava declaradamente aquelas duas pessoas como tendo negociado com o americano.

— E tem agora o Golodkin? Tem a fita?

— Foi roubada do corpo de Pasha no apartamento de Golodkin. Havia também uma arca em casa de Golodkin.

— Uma arca! Isso ainda existe? Quando li a lista dos bens arrolados feita pelo inspetor da área, não vi qualquer referência a uma arca. Bom, é tudo? Você quer acusar um major da KGB com base no desaparecimento de uma fita e de uma arca e no testemunho de um morto? Golodkin alguma vez se referiu ao maior Pribluda?

— Não.

— Então não compreendo do que está falando. Ou melhor, compreendo-o muito bem. Está perturbado com a morte de um camarada. Tem uma antipatia pessoal pelo major Pribluda. Mas esta é a mais louca e menos concreta das acusações que eu já ouvi.

— O americano tem ligações com a KGB.

— Ah, sim? E eu também, e você também. Todos nós respiramos o mesmo ar e mijamos água. O que está me dizendo é que um homem de negócios americano não é nenhum idiota. Francamente, e até que ponto você é idiota? Para seu próprio bem, espero que não tenha partilhado essas desconfianças ilógicas com ninguém. Espero que não figurem em nenhum relatório enviado para o meu gabinete...

— Quero dirigir eu mesmo a investigação do assassinato de Pasha, como parte da investigação do Parque Gorki.

— Deixe-me acabar. O gênero de americano a que se refere tem riqueza, não apenas dinheiro tal como você o compreende, e amigos influentes aqui... Ainda mais. lamskoy disse com brandura, — Do que você. Como essas três pessoas do Parque Gorki poderiam valer um minuto de tempo dele, muito menos serem dignas de serem mortas? Mil rublos, cem mil rublos pode parecer muito para si, mas não para um homem desses. Sexo? Com a sua influência ele conseguiria satisfazer os mais bizarros desejos. O que resta? O fato é que não resta mais nada. Diz que fez uma identificação aproximada de dois dos cadáveres do parque. Eram russos ou estrangeiros?

— Russos.

— Vê, está chegando a qualquer coisa. Russos e não estrangeiros, nada que diga respeito a Pribluda ou à KGB. Quanto à morte do detetive PavIovitch, ele e Golodkin se mataram um ao outro, é o que está no relatório. Parece-me que o inspetor da área está realizando um bom trabalho sem a sua ajuda. Claro que o relatório final irá para si. Mas não consinto que você interfira. Eu conheço-o. Primeiro, você quis passar esta investigação para o major Pribluda. Agora que pensa, por razões ilógicas e pessoais, que ele talvez esteja envolvido na morte do seu colega, já não quer desistir do caso, não é? Depois de ter enterrado os dentes num caso nunca desistirá dele, não é assim? Deixe-me ser franco, qualquer outro promotor lhe daria baixa por motivo de saúde. Eu prefiro um compromisso, deixo-o continuar com as vítimas do Parque Gorki,

mas passarei a me interessar e a vigiar de mais perto a investigação a partir de agora. E talvez você devesse descansar pelo menos um dia ou dois.

— E se eu abandonasse tudo?

— O que é tudo?

— É isso mesmo que estou fazendo. Demito-me. Arranje outro Investigador-Chefe.

A ideia e as palavras tinham vindo ao mesmo tempo a Arkady, tal como um homem que compreende simultaneamente que se encontra numa ratoeira e que só há uma saída para ele, uma porta iluminada do outro lado. Era bastante claro.

— Estou sempre me esquecendo, lamskoy observava-o, — De que você tem essa tendência para o ilógico. Tenho pensado muitas vezes no motivo pelo qual você desdenha tão abertamente a sua filiação no Partido. Tenho pensado ainda no motivo por que você quis ser inspetor.

Arkady foi forçado a sorrir da fragilidade da situação e do efeito que pretendia tirar dela. Sair simplesmente? E se, no meio de Hamlet, o príncipe concluísse que havia demasiadas complicações no enredo, negasse as instruções do fantasma e abandonasse o palco? Arkady viu nos olhos de lamskoy o espanto e a fúria causados pela “interrupção da peça”. Nunca tivera até ali a atenção total de lamskoy e, apesar disso, Arkady continuou a sorrir até o promotor afastar os seus lábios lívidos num grande trejeito de mofa.

— Bom, admitamos que você abandona tudo; o que acontece? Perguntou lamskoy. — Eu podia destruí-lo, mas isso nem sequer seria necessário; perderia o seu cartão do Partido e se destruiria a si mesmo. E à sua família. Que emprego você pensa que um Investigador-Chefe dos Homicídios pode arranjar se abandona a sua posição? Guarda-noturno, se tiver sorte. E não me deixaria também muito bem colocado, mas eu posso sobreviver a isso.

— Eu também.

— Falemos então do que acontecerá à sua investigação depois de você largá-la, disse lamskoy. — Precisará se ocupar dela outro inspetor. Bom, digamos que seja Chuchin. Isso não o incomoda? Arkady

encolheu os ombros:

— Chuchin não tem prática de trabalho de homicídios, mas isso é consigo.

— Bom, isso está resolvido, Chuchin será o seu sucessor. Um mentecapto venal toma conta da sua investigação e você aprova. Não quero saber da minha investigação, saio porque... Porque o seu amigo morreu. Por ele. Seria hipocrisia não o fazer. Ele era um bom detetive, um homem capaz de se atravessar entre você e uma bala, não é verdade?

— Sim, disse Arkady.

— Então, parta, tome a sua atitude, disse lamskoy, — Embora eu tenha que concordar consigo que Chuchin não é tão bom investigador como você. Aliás, considerando, por um lado, a sua falta de experiência em homicídios e, por outro lado, o empenho que terá em se sair bem no seu primeiro processo, calculo que ele só pode fazer uma coisa: acusar Golodkin dos crimes do Parque Gorki. Com Golodkin morto, a investigação se resolveria num dia ou dois... Está vendo como tudo se ajusta? Mas sabendo como funciona o espírito de Chuchin, desconfio que isso não seria suficiente. Ele gosta de pôr a sua marca nas coisas, dar mais uma volta ao parafuso. Sabe, desconfio que ele é capaz de citar o nome do seu defunto amigo Pasha como associado de Golodkin. Morreram juntos numa troca de tiros entre ladrões. Só para irritá-lo; no fim de contas, senão fosse você, Chuchin ainda teria o seu melhor informante. Realmente, quanto mais penso no caso, mais certo estou de que será isso que ele fará. Falando como promotor, sempre achei um lado fascinante da natureza humana o fato de, perante o mesmo caso, diferentes investigadores poderem chegar a soluções diferentes. Todas perfeitamente aceitáveis. Desculpe-me.

Não havia nenhuma saída. Arkady ficou sozinho enquanto lamskoy foi buscar o balde vazio. Em vez de partirem, os gansos corriam ao longo da praia ou sobre o lago gelado, se mantendo a uma distância prudente, onde arrulhavam em tom desconsolado, olhando de Arkady para lamskoy, detestando-os da mesma maneira. lamskoy levou o balde para o abrigo.

— Porque lhe interessa tanto que eu continue com este caso? Arkady foi ter com ele.

— Pondo de parte hipocrisias, você é o melhor investigador de homicídios que eu tenho. É meu dever conservá-lo no caso. lamskoy se mostrava de novo amistoso.

— Se o assassino do Parque Gorki for este americano...

— Traga-me as provas e passaremos juntos a ordem de prisão, disse lamskoy.

— Se foi este americano, só tenho nove dias. Ele parte na véspera do Dia do Trabalhador.

— Talvez tenha feito mais progressos do que pensa.

— Nove dias. Nunca o apanharei.

— Faça o que lhe parecer melhor, inspetor. Você é muito hábil e eu continuo a ter fé no desfecho deste assunto. Mais do que você, tenho fé no sistema, lamskoy abriu a porta do abrigo para lá repor o balde, — Confio no sistema.

Antes da porta se fechar, Arkady viu na escuridão do abrigo dois gansos pendurados pelas patas amarradas, de pescoços torcidos. O ar estava fétido da sua decomposição. Os êideres eram protegidos por lei; Arkady não compreendia como um homem como lamskoy se arriscava a matá-los. Olhou para a praia, que estava de novo cheia de gansos lutando pelo seu quinhão da comida deixada pelo promotor.

Arkady regressou ao Ukraina e começou a beber antes de reparar num envelope que tinha sido enfiado por baixo da porta. Rasgou o envelope para abrir e leu a nota que se encontrava dentro, na qual se dizia que tanto Pasha como Golodkin tinham morrido instantaneamente de tiros disparados a uma distância não superior a meio metro. Um estranho tiroteio: um homem morto pelas costas e o outro pela frente, os dois corpos separados por uma distância de três metros! Levin não assinara a nota, o que não surpreendeu Arkady.

Arkady não era uma grande bebedor de vodca. A maior parte dos homens acreditava na vodca. Havia um ditado: “Existem duas qualidades de vodca, boa e muito boa”. Quem seguira Pasha e Golodkin até Serafinov 2? Quem batera à porta do apartamento e apresentara uma identificação que satisfizesse Pasha e espantasse Golodkin? “Precisaria serem dois homens”, pensou Arkady. Um visitante não conseguiria fazer

tudo com suficiente rapidez, e três homens poriam até mesmo o confiante Pasha na defensiva. Quem disparou então contra Pasha, pelas costas, agarrara na sua arma e matara o ainda mais espantado Golodkin? A resposta a todas as perguntas era Pribluda. Osborne era um informante da KGB. O major Pribluda queria proteger Osborne e esconder a ligação deste com a KGB, e a única maneira que tinha de fazer ambas as coisas era à distância. Assim que Pribluda aceitasse o caso, a KGB estaria reconhecendo que havia estrangeiros envolvidos. A embaixada estrangeira, a Embaixada Americana, só de espiões, ficaria envolvida e iniciaria o seu próprio inquérito. Não, a investigação precisaria ficar nas mãos do Investigador-Chefe de homicídios da sala do promotor, e tinha de ser mal sucedida.

Havia diversas maneiras de uma pessoa se não embriagar. Alguns recorriam a uma dentada numa trufa a seguir a cada gole; outros recorriam aos cogumelos. Pasha dissera sempre que o truque era levar o álcool direto ao estômago sem inspirar. Arkady calculou que era isso que ele estava fazendo, e se dobrou tossindo. De certo modo, na mente de Arkady havia uma ligação entre Pasha e Zoya. Eram como que emblemas gêmeos do Investigador-Chefe, o seu colega e admirador e a sua fiel esposa. Se existira um motivo temporário para a deserção dela, a morte de Pasha tomara-a definitiva. A história marxista era uma série cientificamente preparada de percussões surdas e sucessivas, cada uma delas se misturando com a seguinte, agora fora do alcance de Arkady e para além do ponto de recuo, mas tudo posto em movimento devido a uma instabilidade fatal, a um defeito. A culpa não era do sistema. O sistema desculpava, até aceitava, a estupidez e a embriaguez, a preguiça e o embuste. Qualquer sistema que o não fizesse não seria mais humano do que qualquer outro. A instabilidade estava num homem que se colocava acima do sistema; o defeito estava no Investigador-Chefe.

As notas de Pasha eram escritas em maiúsculas. Arkady notou, contudo, um esforço para tomá-las mais rabiscadas, como as suas. Sabia que precisaria conseguir outro detetive para acabar com as fitas e transcrições alemãs e polacas. Claro que tinha o detetive Fet para continuar as fitas escandinavas, no intervalo dos relatórios para Pribluda. Havia ainda muito trabalho a fazer, se o investigador não fizesse nada.

Quem fora afinal que pedira as fitas e transcrições? Quem ameaçara corajosamente prender um informante estrangeiro da Comissão para a Segurança do Estado? Quem realmente matara Pasha? Arkady atirou uma caixa de fitas contra a parede. Atirou uma segunda, rasgando-a. Fez o mesmo a uma terceira, e depois agarrou nas bobinas às mãos cheias, espalhando as suas compridas caudas pretas pelo ar. “Abaixo o vronskismo!”, gritou ele. A única caixa intacta era a que ele tinha entregue naquele dia. Lá dentro só haviam fitas recentes. Arkady encontrou uma da suíte de Osborne, no Rossiya, que tinha só dois dias. Ele faria o trabalho. Iria em frente. A primeira conversa da bobina era muito curta. Arkady ouviu uma pancada, o som de uma porta se abrindo e a saudação de Osborne.

— Olá.
— Onde está Valéria?
— Espere. Eu ia dar um passeio. A porta se fechou.

Arkady escutou a fita vez após vez porque nela reconhecera de novo a voz da jovem da Mosfilm.

* * *

# Dez

A FAIXA tinha o comprimento dum quarteirão, e as suas grandes letras a altura de um homem:

**A UNIÃO SOVIÉTICA É A ESPERANÇA DE TODA A HUMANIDADE! GLÓRIA AO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA!**

Para lá da tabuleta ficavam as oficinas Líkhachev, aonde os trabalhadores “acorriam” para desempenharem o número especial do Dia do Trabalhador, contribuindo para a fabricação de carros, tratores e geladeiras, batendo em parafusos com martelos, fabricando à mão veículos inteiros com martelos, enquanto o soldador seguia um passo atrás com a sua tocha ardente, embora do lado de fora da tabuleta só se visse a fumaça impressionantemente escura das chaminés, cada lufada grande como um vagão, regularmente lançado para o céu matinal.

Arkady levou Swan para um café e lhe deu fotografias de James Kirwill, de Kostia, o Bandido, e de Valéria Davidova. Os bêbedos da manhã levantavam a cabeça das mesas. A camisa preta de Swan fazia parecer o seu pescoço e pulsos ainda mais magros, e Arkadypensou como conseguiria sobreviver como informante. Nos locais onde os trabalhadores bebiam, os homens da Milícia andavam aos pares.

— Deve ser difícil para si, disse Swan.

— Para mim? Arkady ficou admirado.

— Quero dizer, sendo você um homem de sentimentos. Arkady perguntou a si mesmo se aquilo seria qualquer aproximação homossexual.

— Faça apenas perguntas acerca desses rostos. Atirou algumas notas de um rublo para cima da mesa e partiu.

* * *

Irina Asanova morava no porão de um edifício de apartamentos não terminado, perto do hipódromo. Enquanto ela subia as escadas, Arkady pôde notar bem o seu olhar e a descoloração azul-clara que havia na sua bochecha direita. A marca era suficientemente pequena para ser coberta com pó se ela o desejasse; a descoberto dava uma tonalidade azulada aos seus olhos escuros. O seu casaco se agitava ao vento.

— Onde está Valéria? Perguntou Arkady.

— Valéria... Quem? Ela hesitou.

— Você não é o gênero de cidadã capaz de comunicar à Milícia o roubo dos seus patins, disse ele. — Você é o gênero que evita os milicianos. Só comunicaria o roubo dos patins se receasse que eles pudessem servir de pista para chegar até você.

— Do que sou acusada?

— De mentir. A quem deu os seus patins?

— Vou perder o ônibus e tentou passar à frente dele. Arkady agarrou na mão dela, que era quente e macia.

— Então quem é Valéria?

— Onde? Quem? Não sei de nada e você também não, libertou a mão.

No regresso, Arkady passou por uma fila de jovens à espera dum ônibus. Comparadas com Irina Asanova eram insípidas como couves. Arkady contou uma história a Yevgeny Mendel no Ministério do Comércio Externo:

— Há alguns anos atrás, um turista americano visitava uma aldeia, a cerca de duzentos quilômetros de Moscou, e, de repente, caiu morto. Era verão e a gente do local não queria mostrar falta de respeito, por isso enfiou-o numa geladeira. Você conhece essas aldeias onde só há uma geladeira. Telefonaram para cá e o pessoal do Ministério dos Negócios Estrangeiros lhes disse para não fazerem mais nada até receberem os impressos especiais para o registro de óbito de turistas. Passaram-se dois dias e nada de impressos. Uma semana, nada de impressos. Estes impressos levam tempo para organizar. Passaram duas semanas e os aldeãos ficaram fartos de ter o turista na geladeira. No fim das contas se estava no verão. O leite estragava, pois só podiam pôr um pouco no colo

do americano. Bom, você conhece os aldeãos. Numa noite se embebedaram, atiraram com o corpo num caminhão, guiaram o caminho todo até Moscou, colocaram o cadáver aqui no vestíbulo do Ministério, voltaram a entrar no caminhão e foram embora. É uma história verdadeira. A confusão aqui foi incrível. Formou-se um círculo da KGB à volta do corpo. Às três da manhã chamaram um adido da Embaixada dos Estados Unidos. O pobre diabo julgou que ia ter um encontro secreto com Gromyko e, em vez disso, se depara com um cadáver. Não quis lhe tocar, pelo menos até ter os impressos adequados. Alguém lembrou então que esses impressos não existiam e isso gerou pânico. Ninguém queria aquele americano. Talvez não fosse má ideia que se extraviasse, sugeriu alguém. Levá-lo de novo para a aldeia, enterrarem-no no Parque Gorki, lhe darem um lugar no Ministério. Por fim, me chamaram e ao patologista chefe. Acontece que nós tínhamos os impressos necessários e atiramos o turista americano no porta-malas do carro do adido. Foi a última vez que vim a este edifício.

Yevgeny Mendel, que tinha estado com Osborne nos banhos e que aparecia com tanta frequência nas fitas de Osborne, não sabia nada sobre James Kirwill ou dos cadáveres do Parque Gorki, disso estava Arkady certo. Nenhuma angústia especial ou sinal de percepção alterara o rosto suave de Mendel durante o relato da história.

— Qual era o impresso adequado para um turista americano? Perguntou a Mendel.

— Por fim se decidiram por uma vulgar certidão de óbito.

No entanto, Yevgeny Mendel estava perturbado. Sabia agora que Arkady era inspetor e, embora não se incomodasse com um inspetor saído da massa geral da população, sabia que Arkady provinha do círculo mágico de filhos moscovitas das “Classes Altas”, produtos das mesmas escolas especiais e da mesma cadeia de relações, e que, portanto, uma pessoa vinda dessa camada devia ser mais do que um Investigador-Chefe. Mendel, o bobo desse círculo, tinha um terno inglês, uma caneta de prata na lapela, junto do emblema do Partido, um grande gabinete voltado para a Praça Smolenskaya, com três telefones, e, na parede, um emblema de latão com uma zibelina da Soyuzpushnina, a

agência de exportações de peles. Fosse como fosse, este Investigador-Chefe lhe surgira na frente e as implicações sociais daí resultantes fizeram transpirar o queixo de Mendel. Arkady se serviu dessa reação; Mencionou a grande amizade entre os pais deles, louvou o esforço meritório do pai de Yevgeny Mendel por detrás das linhas, durante a guerra, mas insinuou que o velho bruto era um covarde.

— Mas ele foi condecorado por atos corajosos, protestou Yevgeny. — Eu posso lhe mostrar os documentos. Posso lhe enviar-. Ele foi atacado em Leningrado! Estava com o americano que você conheceu no outro dia, veja lá que coincidência! Os dois foram atacados por um pelotão inteiro de alemães. O meu pai e Osborne mataram três fascistas e fizeram fugir os outros.

— Osborne? Um comerciante de peles no cerco de Leningrado?

— Ele é comerciante de peles agora. Compra peles russas e importa-as na América. Compra uma aqui por quatrocentos dólares e vende-a lá por seiscentos. É o capitalismo, precisa admitir. Ele é um amigo da União Soviética, está bem provado. Posso lhe falar confidencialmente?

— Com certeza, encorajou Arkady. Yevgeny não era mal-intencionado, apenas nervoso. Queria que o inspetor fosse embora, mas só depois de ter uma boa opinião a seu respeito.

— O mercado americano de peles está na posse de interesses sionistas internacionais.

— Judeus, quer você dizer.

— Judeus internacionais. Lamento dizer que durante muito tempo houve um elemento na Soyuzpushnina chegado a esses interesses. O meu pai esperava quebrar essa ligação reservando para certos não sionistas preços especialmente competitivos. Não se sabe como os sionistas souberam disso, inundaram o Palácio das Peles com o seu dinheiro e ficaram com todo o abate de zibelinas.

— Osborne era um dos não sionistas?

— Claro. Isto foi há dez anos. Da janela de Mendel se viam fraturas negras no gelo do rio. Arkady acendeu um cigarro e deixou cair o fósforo no cesto dos papéis.

— Como Osborne provou ser um amigo da União Soviética, além de ter lutado heroicamente com o seu pai em Leningrado?

— Eu não lhe devia contar isso.

— Porque não?

— Bom. Mendel seguiu Arkady com um cinzeiro, — Aqui há dois anos se estabeleceram relações comerciais entre a Soyuzpushnina e os fazendeiros americanos de peles. É assim que eles lhes chamam: fazendeiros ou cowboys. Dois visons americanos em troca de duas zibelinas russas. Lindos visons que ainda se produzem numa das nossas fazendas coletivas. As zibelinas eram mais bonitas; nada se compara à zibelina russa. No entanto, tinham um pequeno defeito.

— Diga.

— Eram castradas. Bom, é ilegal exportar zibelinas férteis da União Soviética. Eles não podiam esperar que nós fôssemos infringir a nossa própria lei. Os fazendeiros americanos ficaram aborrecidos. A verdade é que chegaram mesmo a estabelecer um plano para infiltrar um homem na Rússia com o fim de roubar algumas zibelinas, de uma fazenda coletiva e de contrabandeá-las para fora. Valeu-nos um verdadeiro amigo que nos informou dos desígnios dos seus próprios compatriotas.

— Osborne?

— Osborne. Mostramos-lhe a nossa gratidão informando os sionistas de que a partir de então uma boa parte das zibelinas russas iria para Osborne. Pelos serviços prestados.

* * *

— O avião está atrasado.

— Está atrasado?

— Está tudo correndo bem. Você se preocupa demais.

— E você nunca se preocupa?

— Acalme-se, Hans.

— Não gosto disto.

— E um muito tarde para gostar ou não gostar de qualquer coisa.

— Toda a gente sabe dos novos Tupolev.

— Um acidente? Você pensa que só os Alemães sabem construir alguma coisa.

— Mais um atraso! Quando chegar a Leningrado...

— Não é a primeira vez que vou a Leningrado. Já estive lá

anteriormente com alemães. Vai tudo correr bem.

Arkady olhou de novo para a data da fita: 2 de fevereiro. Osborne falara com Unmann no dia da sua partida para Helsinque. Arkady se lembrava do itinerário de Unmann; o alemão partira para Leningrado no mesmo dia, aparentemente noutro avião.

— Não é a primeira vez que vou a Leningrado. Já estive lá anteriormente com alemães. Vai tudo correr bem.

"Como", pensou Arkady, "Osborne matara três alemães em Leningrado?". Ao ouvir as novas fitas de Osborne, Arkady reconheceu a voz de Yevgeny Mendel.

— John, você será convidado do Ministério para **O LAGO DOS CISNES** no Primeiro de Maio, está de acordo? E uma coisa muito tradicional, muito especial. É importante comparecer. Depois nós faremos com que você seja imediatamente transportado para o aeroporto.

— E uma grande honra para mim. Conte-me o que vai acontecer.

Dera-se uma mudança do inverno para a primavera. No inverno, Osborne dava faustosas festas; na primavera, voltava a ser um chato agradável, um enfadonho homem de negócios. Arkady ouviu brindes monótonos repetidos infindavelmente, uma conversa sem fim que se ia tornando cada vez mais comprida e aborrecida. No entanto, após horas de escuta, notou uma nota de cautela implícita no palavreado das fitas. Osborne estava se escondendo por detrás de palavras sem fim como um homem se esconde entre as árvores. Arkady se lembrou de Pasha.

— Um camponês vai a Paris. Pasha contara esta história enquanto andavam as voltas à procura de Golodkin, — E, quando regressa, todos os seus amigos se reúnem para lhe dar as boas-vindas. "Boris", dizem eles, "nos conte a sua viagem.". Boris abana a cabeça e diz: "Oh, o Louvre, os quadros. Lindos!". "E a Torre Eiffel?", perguntou alguém. Boris estende o braço para cima o mais que pode e diz: "Linda!". "E a Notre Dame?", perguntou outro. Boris desata a chorar ao se lembrar de tanta beleza e diz: "Linda!". "Ah, Boris", suspiram todos, "que lindas

recordações você tem!”.

Arkady pensou como é que Pasha descreveria o céu.

* * *

A Praça da Revolução costumava se chamar a Praça da Ressurreição. O Hotel Metrópole era designado por “o Grande”. Arkady acendeu as luzes. A colcha e os reposteiros eram do mesmo tecido vermelho, puído. Um tapete persa apresentava um desenho indecifrável devido ao uso. Mesa, escrivaninha e guarda-roupa estavam cheios de mossas e de queimaduras de cigarros. “Isto é permitido?”. A criada estava preocupada. “É permitido”, disse Arkady e fechou a porta no nariz dela para ficar sozinho no quarto do turista William Kirwill. Olhou para baixo, para a praça, para os ônibus da Inturist parados diante do Museu Lênin, para a entrada do hotel e para os turistas embarcando em rebanhos linguisticamente agrupados para os espetáculos de ópera e bailado. Segundo a Inturist, Kirwill tinha uma reserva para uma noite de cozinha regional e teatro. Arkady foi ao banheiro. Novo, limpo; a higiene era uma das exigências do viajante ocidental. Arkady levou as toalhas para o quarto e enrolou-as à volta do telefone, cobrindo tudo com almofadas.

A cômoda de William Kirwill continha roupa interior americana, meias, cuecas e camisas, mas nada das roupas russas descritas por Golodkin. Não havia roupa escondida debaixo da cama. No armário se achava uma mala de alumínio e vinil fechada à chave. Arkady levou--a para a cama e tentou abrir a fechadura com o seu canivete. A lingueta não se moveu. Colocou a mala no chão e deu um pontapé na fechadura enquanto trabalhava com o canivete. Metade do trinco saltou. Ele bateu com o canivete no outro lado da fechadura, abriu-a e voltou a pôr a mala sobre a cama, começando a revistar o conteúdo.

Havia quatro livrinhos: **HISTÓRIA CONCISA DA ARTE RUSSA, GUIA TURÍSTICO DA RÚSSIA, GUIA DA GALERIA TRETYAKOV** e **MOSCOU E OS SEUS ARREDORES**, de Nagel, todos unidos por um forte elástico. Separada, havia uma enorme edição da União Soviética, de Schulthess. Dois pacotes de cigarros Camel. Uma máquina de filmar Minolta, de 35 mm,

provida de suporte manual; e também uma teleobjetiva de dez polegadas, filtros e dez caixas de filme virgem. Traveler's checks no valor de mil e oitocentos dólares. Três rolos de papel higiênico. Um tubo de metal com uma tampa de rosca numa extremidade e uma haste com ranhuras na outra que empurrava uma faca de entalhador muito afiada. Cuecas usadas enroladas numa bola. Uma pequena caixa fechada por elásticos; dentro da caixa um conjunto de caneta e lapiseira de ouro. Um bloco de papel para gráficos. Um saco de plástico com um abridor-de-lata, um saca-rolha e uma peça de metal fina e plana dobrada num extremo e em forma de perna de cão no outro, com um parafuso que a atravessava, colocado acima da curva em perna de cão. Um livrete de senhas de jantar da Inturist. Nada de vestuário russo.

Arkady passou em revista os ternos pendurados no armário; artigos americanos. Procurou por trás e por baixo de todos os móveis. Por fim regressou à mala arrombada. Se o americano gostava assim tanto de produtos russos, podia comprar uma mala nova, uma coisa bonita de papelão. Arkady tirou o elástico que unia os quatro pequenos livros e folheou-os. Pegou no tomo Schulthess, de fotografias coloridas, bastante volumoso para um viajante com pouca bagagem. No meio, entre uma fotografia dobrada de um festival de cavalos em Alma Ata, tinha uma folha solta de papel para gráficos com escala de uma polegada para cinco pés. Desenhadas com precisão, se viam árvores, caminhos, a margem dum rio, uma clareira e, no meio da clareira, três sepulturas. Embora em escala diferente, era quase uma cópia exata do esboço feito pela Milícia da clareira do Parque Gorki. Entre duas folhas seguintes do livro encontrou um desenho de todo o parque na escala de uma polegada para vinte pés. Encontrou também uma fotocópia da radiografia de uma perna direita; uma sombra assinalava a fratura da canela, a mesma fratura do terceiro corpo do parque. Uma ficha dentária e uma fotocópia de radiografias de dentes mostravam um trabalho no canal da raiz do incisivo superior direito, mas nenhum molar de aço.

Arkady olhou para o restante conteúdo da mala com olhos mais atentos. O tubo de metal onde se alojava a faca de entalhador era curioso; o que pensava um homem de negócios esculpir em Moscou? Desenroscou a tampa do tubo, e com a haste alojada no outro extremo

do mesmo empurrou para fora a faca, que parecia não ter tido uso. Do tubo se desprendia um vago odor. O odor era de pólvora. Olhando para dentro do tubo, notou que a haste que nele estava metida apresentava uma ponta aguçada. O tubo era o cano de urna arma e a haste um percussor. Em Moscou, era difícil se arranjar armas e se improvisavam os espécimes mais incríveis. Uma quadrilha fabricara espingardas a partir de tubos de escapamento. Agora que sabia o que andava procurando, o inspetor estava no seu elemento; apenas irritado por não ter entendido tudo há mais tempo.

Para um fotógrafo aparentemente tão entusiasta, este turista não tirava fotografia nenhuma. Arkady retirou o aparelho do seu suporte de madeira. Havia um entalhe ao longo do topo do suporte, onde o tubo se encaixava perfeitamente. Só uma polegada do cano ficava saliente do lado anterior, e o mesmo acontecia, pelo lado de trás, à haste que correspondia a um percussor. Do lado direito do suporte ou coronha havia um furo para um parafuso. Durante um instante Arkady ficou perplexo. Depois abriu o saco de plástico, despejou o abridor-de-lata e saca-rolha e pegou na peça de metal de feitio estranho em que já reparara. O lado maior desta teria uns dez centímetros de comprimento, estava dobrada em ângulo reto numa extremidade com cerca de três centímetros, e apresentava na outra a curva em perna de cão, que media cerca de quatro centímetros. Com a unha do polegar enroscou o parafuso no furo do suporte, deixando folga suficiente para a peça girar. Agora a perna de cão era um gatilho e o ângulo na outra extremidade se apoiava firmemente sobre o percussor, evitando que este deslizasse para frente. Puxou o gatilho; a parte em ângulo reto se elevou e o percussor ficou livre. Voltou a montá-lo, e passou um dos fortes elásticos duas vezes entre a parte da frente do suporte e a parte posterior do percussor.

Munições? Os aeroportos americanos radiografavam a bagagem; como se poderiam esconder balas? Arkady abriu o estojo da caneta e lapiseira. Formavam um conjunto, ouro de catorze quilates, impenetrável aos raios X. Tirou-lhes as tampas; havia duas balas 22 na lapiseira e uma na caneta. Servindo-se do longo cabo da faca de entalhador, enfiou uma bala no cano até ela ficar firme na posição que a ponta do percussor devia atingir quando avançasse. E o ruído da

detonação? Ele mal o ouvira quando o desconhecido disparara contra ele debaixo da ponte ferroviária. Devia haver em algum lugar um silenciador. Escondido numa caixa de filmes? A caixa era muito curta. Abriu o papel higiênico americano. Dentro do terceiro rolo, em vez dum cilindro de papelão, se achava um de plástico preto com frestas para o escapamento de gás e uma parte mais larga, com rosca no interior, num extremo.

Em resumo, uma desajeitada arma de um só tiro, ineficaz além de cinco metros. A uma distância mais curta, serviria. Arkady estava enroscando o silenciador no cano quando a porta se abriu. Apontou a arma para William Kirwill.

Kirwill fechou lentamente a porta às suas costas. Olhou para a mala arrebentada, o telefone abafado, a arma. Os seus vivos olhos azuis é que o traíam, sem isso parecia um bruto qualquer: um rosto corado de feições miúdas, um corpo desenvolvido e ainda vigoroso perto dos cinquenta, braços e pernas pesados. A primeira vista, um soldado; à segunda, um oficial. Arkady sabia que este era o homem dos punhos duros do Parque Gorki. Kirwill olhou para trás, cansado mas atento, de impermeável aberto sobre uma camisa esportiva cor-de-rosa.

— Retirei-me mais cedo, Kirwill falou em inglês. — Está outra vez chovendo, não sei se reparou... Tirou o chapéu de aba estreita para sacudir a chuva.

— Não. Arkady respondeu em russo. — Jogue o chapéu para cá. Kirwill encolheu os ombros. O chapéu aterrissou aos pés de Arkady. Com uma mão Arkady revistou a tira interior. — Tire o seu impermeável e deixe-o cair no chão, disse Arkady. — Puxe os bolsos completamente para fora.

Kirwill obedeceu, deixando cair o impermeável no chão, esvaziando os bolsos de dentro e de fora e fazendo tombar sobre o impermeável a chave do quarto, trocos e a carteira.

— Empurre-o para mim com o pé, disse Arkady, — Não com um pontapé.

— Está sozinho, não está? Disse Kirwill.

Falou em russo, com toda a facilidade, enquanto ia empurrando o impermeável. Cinco metros era o alcance eficaz da arma; um metro, percebeu Arkady, era o alcance eficaz de Kirwill. Fez um gesto a Kirwill para ele regressar a um ponto intermédio e acabou de puxar o impermeável para junto de si. Os punhos da camisa de Kirwill estavam enrolados, descobrindo os pulsos largos com sardas, pelos ruivos e alguns brancos à mistura.

— Não se mexa, ordenou Arkady.
— É o meu quarto, porque havia de me mexer?

O passaporte e o visto de Kirwill estavam no impermeável. Na carteira, Arkady encontrou três cartões de crédito plastificados, uma carteira de motorista tirada em Nova lorque, assim como o livrete de um automóvel, um papel com os números de telefone da Embaixada Americana e de dois serviços de notícias americanos. E também oitocentos rublos, muito dinheiro.

— Onde está o seu cartão profissional? Perguntou Arkady.
— Estou em viagem de recreio. E me divertindo muito...
— Vire-se para a parede. Levante os braços e afaste as pernas, ordenou Arkady.

Kirwill obedeceu muito lentamente, e Arkady empurrou-o pelas costas de modo a ficar inclinado contra a parede, depois lhe apalpou a camisa e as calças. O homem tinha uma constituição de urso. Arkady recuou.

— Vire-se e tire os sapatos. Kirwill tirou os sapatos, observando Arkady e a arma.
— Quer que os entregue ou que mande pelo correio? Perguntou Kirwill. “Incrível”, pensou Arkady. O homem estava mesmo preparado para atacar de novo um inspetor soviético, agora num quarto do Metrópole.
— Sente-se. Arkady apontou para uma cadeira junto do guarda-roupa.

Percebia que Kirwill estava avaliando as possibilidades de uma investida. Os inspetores possuíam armas e deviam treinar para atirar; Arkady nunca usava a sua e não disparava urna arma desde que saíra do Exército. Atirar à cabeça ou ao coração? Uma 22 em qualquer outro ponto não deteria um homem como Kirwill. Kirwill se sentou por fim na cadeira. Arkady se ajoelhou e examinou os sapatos e não encontrou nada. Kirwill manteve os seus ombros de peso-pesado inclinados para frente.

— Sinto-me intrigado, disse ele quando o cano da arma lhe foi apontado. — Sou um turista e os turistas são sempre curiosos. Arkady atirou os sapatos a Kirwill.

— Volte a calçá-los e amarre os cordões uns aos outros.

Quando Kirwill terminou, Arkady se aproximou e deu um pontapé na cadeira, inclinando-a, assim como ao homem, contra a parede. Pela primeira vez desde que Kirwill entrara no quarto, Arkady se sentiu razoavelmente seguro.

— E agora? Perguntou Kirwill. — Empilhará os móveis em cima de mim para me manter quieto?

— Se for preciso.

— Bom, talvez seja. Kirwill assumiu um ar de troça, um à-vontade que Arkady já vira noutros homens fortes, uma vaidade como se a sua força não tivesse limites. No entanto, Arkady não compreendia o ódio do olhar azul.

— Senhor Kirwill, o senhor é culpado de ter violado o artigo 15.0, introduzindo clandestinamente uma arma na União Soviética, e o artigo 218.0, fabricando uma arma perigosa.

— Você é que a fabricou, não eu.

— Tem andado por Moscou vestido como um russo. Falou com um homem chamado Golodkin. Porquê?

— Diga-me você.

— Porque James Kirwill morreu, disse Arkady para chocar Kirwill.

— Você é que deve saber, Renko, respondeu Kirwill. — Você é que o matou.

— Eu?

— Não é você o tipo que eu espanquei no parque na outra noite? Você pertence à sala do promotor, não é verdade? Não mandou um homem seguir a mim e ao Golodkin quando voltei ao parque? Um tipo pequeno de óculos? Eu segui-o do parque até às instalações da KGB. Tanto faz um departamento com outro, há? Kirwill pôs a cabeça de lado.

— Como sabe o meu nome? Perguntou Arkady.

— Falei com a Embaixada. Falei com correspondentes. Leio todos os números anteriores do Pravda. Falei com pessoas na rua. Observei-o na morgue. Vigiei a sala do promotor. Quando descobri o seu nome vigiei o seu apartamento. Não o vi, mas vi a sua mulher e o namorado dela fazendo uma limpeza na casa. Eu estava do lado de fora da sua sala quando deixou Golodkin partir. Arkady nem acreditava no que estava ouvindo. Aquele louco podia tê-lo vigiado, seguido Fet até ao escritório de Pribluda, visto Zoya? Quando ele e Pasha tinham estavam na fila para comprar cerveja, Kirwill estaria atrás deles?

— Porque escolheu esta altura para vir a Moscou?

— Tinha de vir nalguma altura. A primavera me pareceu uma boa época, a época dos cadáveres saírem do fundo do rio. Boa para os cadáveres.

— E pensa que eu matei James Kirwill?

— Talvez não você mesmo, mas você e os seus amigos. Interessa quem foi que puxou o gatilho?

— Como sabe que foi morto a tiro?

— Vi a clareira do parque, a profundidade da escavação. Por causa das balas, não é verdade? De qualquer modo, não se apunhalam três pessoas até morrerem. Quem me dera ter sabido lá no parque que fora você, Renko. Tê-lo-ia morto. Kirwill falava com um misto de mágoa e divertimento da sua oportunidade perdida. O seu russo não tinha sotaque, mas, no entanto, mantinha um tom de voz claramente americano. Cruzou os braços. Um homem muito grande e inteligente exerce um certo domínio, uma certa absorção física, em especial num quarto pequeno. Arkady se sentou numa mesa-de-cabeceira, encostada à parede oposta. Como ele podia não ter reparado numa pessoa como Kirwill?

— Veio a Moscou interrogar a comunidade estrangeira acerca dum crime, disse Arkady. — Tem fotocópias de radiografias e fichas dentárias. Devia ter pensado em ajudar na investigação. — Se você fosse

um verdadeiro investigador.

— Há um registro da partida de James Kirwill da União Soviética no ano passado; nenhum registro do seu regresso. Porque pensou que ele se encontrava aqui, e porque pensou que ele estava morto?

— Mas você não é um verdadeiro investigador. Os seus detetives passam tanto tempo com a KGB como consigo. Não havia maneira de explicar Fet a um americano, e Arkady não tentou.

— Qual é o parentesco entre você e James Kirwill?

— Diga-me você.

— Senhor Kirwill, eu só dependo do promotor da cidade de Moscou, de mais ninguém. Estou investigando o assassinato de três pessoas no Parque Gorki. O senhor veio de Nova lorque com informações que talvez possam ajudar. Dê-me.

— Não.

— Não está em posição de dizer não. Foi visto vestido como um russo. Introduziu clandestinamente neste país uma arma que já disparou contra mim. Está ocultando informações e isso também é um crime.

— Renko, você descobriu aqui alguma peça de vestuário russo? Seja como for, é um crime uma pessoa se vestir como vocês? Quanto à arma ou essa coisa que está me apontando, é a primeira vez que a vejo. Arrombou a minha mala; não sei o que terá posto lá. E a que informações se refere? Arkady ficou um instante paralisado com tanto desprezo pelas leis.

— As suas declarações sobre James Kirwill... Recomeçou ele.

— Quais declarações? O microfone está no telefone e você já se encarregou disso. Devia ter trazido alguns amigos consigo, Renko. Como inspetor é muito pouco competente.

— Existem os seus desenhos da cena do crime no Parque Gorki, as radiografias e a ficha dentária que você trouxe, que o podem ligar a James Kirwill. Se ele for uma das vítimas.

— Os desenhos foram feitos com lápis russo em papel russo respondeu Kirwill. — Não há radiografias, só fotocópias. Aquilo em que você devia pensar agora, Renko, é no que a Embaixada americana irá dizer dum policial russo que assalta inocentes turistas americanos quando é apanhado. Kirwill deu um olhar na mala aberta, — Aparentemente em pleno ato de arrombamento. Não tinha pensado em levar nada, não é?

— Senhor Kirwill, se comunicar alguma coisa à sua Embaixada eles põem-no no primeiro avião. Não veio aqui para ir direito para casa, não é? E também não deseja passar quinze anos num centro de reabilitação soviético.

— Me arranjarei.

— Senhor Kirwill, como fala tão bem o russo? Onde já ouvi o seu nome, antes de você e de James Kirwill? Parece-me um nome conhecido.

— Adeus, Renko. Agora volte para os seus amigos da polícia secreta.

— Fale-me de James Kirwill.

— Saia. Arkady desistiu. Ao se levantar colocou o passaporte, carteira e cartões de crédito de Kirwill sobre a mesa-de-cabeceira.

— Não se incomode, disse Kirwill. — Eu arrumo tudo depois de você sair.

A carteira era pesada e muito rígida mesmo sem os cartões de crédito. Havia uns pespontos feitos à mão num dos lados da mesma. Kirwill se inclinou para frente. Arkady acenou com a arma. “Um espião?”, pensou Arkady. Uma coisa tão ridícula como uma mensagem secreta costurada na carteira e uma rusga de traidores e agentes estrangeiros com o Investigador-Chefe desorientado no meio? Arrebentou os pontos, sem tirar os olhos de Kirwill. Da carteira retirou uma placa de metal dourado com relevos em azul, as figuras de um índio e de um peregrino, “Cidade de Nova lorque” escrito na parte de cima e “Tenente” por baixo.

— Polícia?

— Detetive, corrigiu Kirwill.

— Então precisa ajudar, disse Arkady como se fosse óbvio, porque o era para ele. — Você viu Golodkin sair do meu gabinete com um detetive, um amigo meu, Pasha PavIovitch. “Um nome como aquele diria pouco a um americanos”, pensou Arkady. — Seja como for, um detetive com quem trabalhei muitas vezes, um homem muito bom. Uma hora mais tarde, no apartamento de Golodkin, tanto este como o detetive foram mortos por outra pessoa. Não me importo com Golodkin. O que eu quero é descobrir o homem que matou o detetive. As coisas não

podem ser assim tão diferentes na América. Sendo detetive, compreende como é quando um amigo...

— Renko, vá se ferrar.

Arkady não teve consciência de levantar a arma fabricada. Deu consigo apontando o cano para um ponto entre os olhos de Kirwill e puxando o gatilho de modo que o elástico duplo e o percussor começaram a se mover lentamente. No último momento desviou a arma. O armário deu um salto e um buraco de dois centímetros apareceu na porta junto da orelha de Kirwill. Arkady ficou espantado. Nunca estivera tão perto de assassinar alguém na sua vida, e levando em conta a precisão da arma ele podia tanto ter acertado como falhado. Uma máscara branca de surpresa apareceu no lugar onde o sangue fugira à volta dos olhos de Kirwill.

— Saia enquanto pode, disse Kirwill. Arkady deixou cair a arma. Sem se apressar tirou a fotocópia da radiografia e ficha dentária da mala aberta. Guardou o distintivo e atirou a carteira para o lado.

— Preciso do meu emblema. Kirwill se levantou da cadeira.

— Não nesta cidade. Arkady transpôs a porta. — Esta é a minha cidade, murmurou para consigo.

* * *

Não havia ninguém de serviço noturno no laboratório. Arkady comparou as fotocópias e ficha dentária com os registros de Levin, consciente ao mesmo tempo de que William Kirwill estava provavelmente se desfazendo da arma, o punho aqui, o cano ali, pela cidade. Quando chegou a sua sala na Novokuznetskaya e escreveu um relatório para lamskoy, calculou que Kirwill estaria pedindo asilo à Embaixada Americana. Ótimo; mais provas para o promotor, pois agora havia a certeza de que James Kirwill era o terceiro cadáver do Parque Gorki. Arkady deixou o relatório em cima da mesa do adjunto de lamskoy, para que o encontrassem na manhã seguinte.

Um projetor brilhante estava no meio do Moscova. Havia um ruído de pedras rolando. Arkady parou o carro e ficou olhando da margem um quebra-gelo que empurrava à sua frente uma crista de gelo quebrado,

deixando um rastro de outros pedaços que subiam na sua esteira.

Arkady seguiu ao longo do rio até acabar o maço de cigarros. Ficara abalado com o encontro do Metrópole. Não matara William Kirwill, mas desejara e quase o fizera. Estava abalado porque nem uma coisa nem outra lhe importavam particularmente. Nem tampouco, suspeitava dele, de Kirwill. Ao passar pelo Parque Gorki, viu a luz no estúdio de Andreiev no último andar do Instituto Etnológico. Embora fosse meia-noite, Arkady foi recebido pelo antropologista.

— Estou fazendo este seu trabalho fora de hora, por isso é justo que me faça companhia. Entre, há ceia suficiente para dois. Andreiev levou Arkady até uma mesa onde cabeças de Cro-magnon abriam caminho para pratos. — Beterrabas, cebolas, salsichas, pão. Lamento muito, mas não tenho vodca. Sei por experiência que os anões se embebedam muito depressa, e pessoalmente não conheço nada mais grotesco do que um anão bêbado. Andreiev estava tão bem-disposto que Arkady hesitou em lhe dizer que, no que lhe tocava, a investigação estava particularmente terminada. — Ah, mas vai querer vê-la. Andreiev interpretou mal a indecisão de Arkady. — Foi por isso que veio aqui.

— Acabou?

— Não. Mas pode vê-la. Ergueu um pano de uma roda de oleiro para mostrar o seu progresso.

A reconstituição do rosto da jovem do Parque Gorki se encontrava num ponto intermediário, que tanto podia corresponder a uma fase de criação das suas feições por um escultor como à da dissecação por um anatomista. Todos os músculos do pescoço estavam no seu lugar, formando uma graciosa coluna rosada a que só faltava a pele. Um emaranhado de músculos rosados iam da cavidade nasal à linha das gengivas dos dentes expostos. Achatados músculos temporais se espalhavam em leque para os malares e têmporas. Os músculos suavizavam os ângulos do maxilar. Por toda a parte, o entrelaçado de tiras e manchas rosadas do gesso tomava mais suave a severidade do crânio e tornava-o, ao mesmo tempo, tão grotesco como uma máscara mortuária. Ela fitava-os com dois olhos castanhos de vidro.

— Como vê, já estão quase terminados os grandes músculos

masseteres do maxilar e os músculos do pescoço. A posição das vértebras do pescoço dela me diz a maneira como mantinha a cabeça, um pormenor de ordem psicológica. Tinha a cabeça muito direita. Concluí facilmente que não era canhota devido às fortes ligações musculares do lado direito das vértebras. Algumas coisas são muito fáceis de verificar. Os músculos de uma mulher são menores do que os de um homem. O crânio é mais leve, tem maiores cavidades orbitais e menos relevo de ossos. Mas todos os músculos têm de ser reconstituídos um por um. Olhe para a boca dela. Veja como os dentes são regulares, com uma projeção média típica de Homo sapiens, com exceção de alguns primitivos, aborígenes ou peles-vermelhas. O principal é que neste tipo de dentadura o lábio superior é quase sempre dominante. Na realidade, a boca é uma das áreas mais fáceis de reconstruir. Espere e verá, ela tem uma boca encantadora. O nariz é mais difícil, uma triangulação sobre o rosto e a partir dos contornos da abertura nasal e cavidades orbitais. Os olhos de vidro, seguros pela pasta de gesso, apresentavam uma proeminência histérica.

— Como sabe qual o tamanho dos olhos que deve colocar? Perguntou Arkady.

— Os olhos de toda a gente são mais ou menos do mesmo tamanho. Está desapontado? As “janelas da alma” e tudo o mais... O que seria do romance sem os olhos? A verdade é que, quando falamos na forma dos olhos de uma mulher, estamos nos referindo à forma das suas pálpebras. “Ela escondeu deliberadamente a luz dos seus olhos, mas mesmo assim brilhava no sorriso apenas perceptível.”.

— Anna Karenina.

— Um homem letrado! Desconfiei sempre. E os olhos nada mais são do que pálpebras e ligamentos musculares. Andreiev subiu para um banco e cortou um pedaço de pão para si. — Gosta de circo, inspetor?

— Não especialmente.

— Toda a gente gosta do circo. Porque você não gosta?

— Há coisas de que gosto. Dos cossacos e dos palhaços.

— É dos ursos que está farto?

— Um pouco. Mas da última vez que estive lá havia um número com babuínos amestrados apresentados por uma jovem com uma roupa de lantejoulas, aliás muito apertada para ela. A jovem chamava os babuínos um por um e eles vinham rebolando ou saltando. Durante o

tempo todos os babuínos olhavam por cima do ombro para um grande homem, um tipo com roupa de marinheiro, que fazia estalar o chicote lá do fundo. Uma idiotice. Aquele bruto, por barbear, enfiado numa espécie de roupa infantil, batia nos babuínos a cada vez que eles falhavam. Depois a jovem gorda avançava, fazia uma vênia e toda a gente aplaudia.

— Está exagerando.

— Não estou, disse Arkady — Era um número infame.

— Mas você devia reparar no homem com o chicote, era por isso que ele estava com roupa de marinheiro. Andreiev sorriu: — De qualquer modo, caro Renko, o que é o seu mal-estar num circo comparado comigo? Mal apareço, as crianças logo começam a engatinhar por cima dos pais para chegarem junto de mim. Para elas um anão deve ser o espetáculo. Devo lhe dizer que não aprecio crianças nem mesmo nas circunstâncias mais favoráveis.

— Então deve detestar o circo.

— Adoro-o. Anões, gigantes, homens gordos, gente de cabelo azul e narizes encarnados, ou cabelo verde e narizes roxos. Não imagina o alívio que é fugir à normalidade. Quem me dera ter agora aqui um pouco de vodca. De qualquer modo, é assim que você pode lucrar comigo, inspetor. O diretor anterior deste instituto era um bom homem, gorducho, bem-disposto e muito normal. Como todos os artistas normais, as suas reconstituições tendiam para se parecer com ele. Não no princípio, mas a coisa foi se acentuando. Cada rosto que fazia ia se tornando mais redondo, até mesmo mais bem-humorado. Tinha aqui um armário com homens das cavernas e vítimas de crimes, e nunca se viu um conjunto de rostos mais felizes e bem alimentados. Uma pessoa normal se vê sempre nos outros, sabe? Sempre. Eu vejo com mais nitidez. Andreiev piscou um olho: — Confie nos olhos dos monstros.

* * *

O telefone tocou quando estava dormindo. Era o detetive Yakutsky, que perguntou em primeiro lugar que horas eram em Moscou.

— Tarde, murmurou Arkady. Estava lhe parecendo que as ligações entre Moscou e a Sibéria começavam sempre pelo ritual esclarecimento

da diferença de horas.

— Aqui estou no turno da manhã, disse Yakutsky. — Tenho mais informações sobre Valéria Davidova.

— Talvez seja melhor guardá-las aí. Penso que outra pessoa irá se ocupar deste caso dentro de dias.

— Tenho uma pista para si. Após um silêncio, Yakutsky acrescentou: — Estamos muito interessados neste caso em Ust-Kut.

— Está bem, respondeu Arkady, para não deixar ficar mal os rapazes em Ust-Kut — O que é?

— A jovem Davidova tinha uma grande amiga que se mudou de lrkust para Moscou. Ela anda aí na universidade. Chama-se Irina Asanova. Se a Valéria Davidova foi para Moscou, deve ter ido ter com Asanova.

— Obrigado.

— Telefono-lhe assim que aparecer mais alguma coisa, prometeu o detetive Yakutsky.

— Sempre que quiser, disse Arkady e desligou.

Só havia que ter pena de Irina Asanova. Lembrava-se de Pribluda quebrando o vestido gelado no cadáver do Parque Gorki. E a jovem Asanova era linda. De qualquer modo, não tinha nada com isso. Fechou os olhos. Quando o telefone voltou a tocar, tateou no escuro à procura dele, esperando que se tratasse de Yakutsky com mais informações inúteis. Encontrou o auscultador, se recostou e resmungou.

— Apanhei o hábito russo de ligar tarde, disse John Osborne.

Arkady despertou de repente. Os seus olhos se abriram e, com a clareza que só uma pessoa involuntariamente acordada vê, distinguiu todos os pormenores do que estava à sua volta: as caixas de fitas, as cruzes agourentas das pernas das cadeiras, a sombra formada num canto do quarto, o cartaz da companhia aérea totalmente legível.

— Não o incomodei, não é? Perguntou Osborne.

— Não.

— Tínhamos começado uma conversa interessante nos banhos e eu receava que não nos voltássemos a encontrar antes de eu partir de Moscou. Amanhã, às dez lhe convém, inspetor? No cais, junto da

Câmara de Comércio?

— Sim.

— Esplêndido. Até amanhã e Osborne desligou.

Arkady não via nenhuma razão que levasse Osborne a aparecer no cais no dia seguinte. Nem via nenhuma razão para ele próprio estar lá.

* * *

# Onze

A PRIMEIRA autêntica orvalhada do ano se transformara num sudário húmido ao longo do Cais Shevchenko. Enquanto aguardava do outro lado da rua, em frente da Câmara de Comércio e Economia URSS-EUA, Arkady podia ver as secretárias russas nos escritórios, os homens de negócios americanos e ainda uma máquina de Pepsi-Cola na sala dos membros da corporação. Tossiu fumaça. O caso continuava a pertencer a Arkady. lamskoy telefonara de manhã cedo para dizer que era curioso que um americano que em tempos estudara em Moscou tivesse algumas características físicas semelhantes às de um corpo encontrado no Parque Gorki, e que o inspetor não devia hesitar em investigar todas as provas que pudessem estabelecer tal ligação, embora o inspetor não devesse abordar cidadãos estrangeiros e, a partir de agora, não recebesse mais fitas e transcrições da KGB.

"Bom", pensou Arkady, "Osborne é que o abordara e não o contrário". O "Amigo da União Soviética" não devia ter gostado de saber que era o objeto da visita de um inspetor ao Ministério do Comércio Exterior. Arkady não sabia bem como conduzir a conversa com Osborne para o campo do seu comércio particular e viagens; aliás, duvidava que Osborne aparecesse. Trinta minutos depois da hora combinada, uma limusine Chaika parou em frente da Câmara do Comércio. John Osborne emergiu do veículo, disse algumas palavras ao motorista e depois atravessou a rua em direção ao inspetor. Vestia um sobretudo de camurça. Sobre o seu cabelo prateado tinha um gorro de zibelina preta, que devia ter custado mais do que aquilo que Arkady ganhava num ano. Tinha botões de punho de ouro. Em Osborne todos aqueles artigos extraordinários tinham um ar normal, tão necessários a uma grande e característica autoconfiança estrangeira como a pele ao corpo. Osborne tinha não só o dom de não ficar ele mesmo deslocado, mas também o de fazer parecer tudo à sua volta desajeitado e

maltrapilho. Ele e Arkady ficaram parados um momento, depois o homem de negócios agarrou no braço do inspetor e começou a caminhar num passo apressado ao longo do cais em direção ao Kremlin. A limusine seguia-os. Osborne começou a falar antes que Arkady pudesse dizer qualquer coisa.

— Espero que não se importe com a pressa, mas tenho um encontro no Ministério do Comércio, e você não vai querer que eu faça as pessoas esperarem. Conhece o Ministério do Comércio Exterior? Você parece conhecer toda a gente e aparece nos locais mais inesperados. Sabe alguma coisa acerca de dinheiro?

— Nada.

— Deixe-me lhe falar de dinheiro. As peles e o ouro são os mais velhos artigos de valor russos. São os mais velhos artigos russos de troca com o estrangeiro, antigos tributos de cãs e césares. É claro que a Rússia já não paga tributo a ninguém. Agora, há dois leilões de peles por ano, em janeiro e julho, no Palácio das Peles, em Leningrado. Assiste a eles cerca de uma centena de compradores, mais ou menos dez dos Estados Unidos. Alguns dos compradores trabalham por conta própria, outros são intermediários; os que trabalham por conta própria compram peles. Eu sou um intermediário e também trabalho para mim, porque compro para os outros, mas tenho os meus salões nos Estados Unidos e na Europa. As principais peles que figuram nos leilões são o vison, a marta, a raposa, a doninha, a astracã e a zibelina. De uma maneira geral, os intermediários americanos não licitam os visons porque os visons russos são proibidos nos Estados Unidos, um infeliz resquício da guerra fria. Por causa do meu mercado europeu, eu licito todas as peles, mas a única pele em que a maioria dos compradores americanos está verdadeiramente interessada é a zibelina. Chegamos dez dias antes do leilão para inspecionar a mercadoria. Quando eu compro visons, por exemplo, examino cuidadosamente cinquenta peles de vison de um determinado criador. Essas cinquenta peles me permitem calcular o valor de um lote de um milhar de peles da mesma origem. Como todos os anos são recolhidas na União Soviética oito milhões de peles de vison, o sistema de lotes é uma necessidade. Com as zibelinas o caso é diferente. Todos os anos são destinadas à exportação menos de cem mil zibelinas. Não há lotes. As zibelinas precisam ser examinadas uma por

uma quanto à sua cor e riqueza. Se a pele é colhida uma semana antes da data ótima, lhe falta espessura; uma semana mais tarde bastará para que perca o brilho. A licitação é feita em dólares simplesmente como padrão de troca. Eu compro meio milhão de dólares de zibelinas em cada leilão.

Arkady não sabia o que deveria dizer. Aquilo não era uma conversa; era um monólogo. Descobriu que estava sendo ensinado e ignorado ao mesmo tempo.

— Como associado em negócios e velho amigo, tenho sido honrado com convites para visitar diversas instalações soviéticas, além do Palácio das Peles. No ano passado, voei até lrkutsk para visitar o Centro de Peles local. Esta minha visita a Moscou é de carácter profissional. Todas as primaveras o Ministério do Comércio daqui contata diversos compradores e negocia os saldos de peles que lhe restam. Gosto sempre das minhas visitas a Moscou, devido à diversidade de pessoas russas que tenho ensejo de conhecer. Privo não só com os meus amigos íntimos nos ministérios, mas também com artistas da dança e gente do cinema. Agora, um Investigador-Chefe de Homicídios. Lamento não poder ficar até ao Primeiro de Maio, pois partirei na véspera à noite para Nova lorque. Osborne abriu uma cigarreira de ouro, tirou e acendeu um cigarro sem nunca afrouxar o passo.

Arkady notou que o monólogo não fora fortuito. Fora direito ao assunto. Todos os aspectos das atividades de Osborne tinham sido abordados e apresentados propositadamente duma maneira que colocava Arkady no papel do mais ínfimo lacaio governamental. O efeito não era só de mera aparência. Em poucos minutos, com toda a naturalidade, Osborne demonstrara inteiramente a sua superioridade. Na cabeça do inspetor não ficara matéria alguma para perguntas, exceto as que, por serem tão melindrosas, não podiam ser feitas.

— Como os matam? Perguntou Arkady.

— Quem? Osborne parou sem mostrar mais interesse do que se Arkady tivesse falado do tempo.

— Os animais...

— Injeções. Sem dor. Osborne recomeçou a andar, um pouco menos depressa. A neblina agarrava-se ao seu gorro de pele. — Tem um

interesse profissional por tudo, inspetor?

— As zibelinas são tão fascinantes! Como as apanham?

— Pode-se lançar fumaça nas suas tocas. Ou serem apanhadas por cães esquimós treinados na caça à zibelina; todas as árvores à volta são abatidas e espalhadas redes.

— As zibelinas caçam como os visons?

— As zibelinas caçam os visons. Não existe nada mais rápido sobre a neve. A Sibéria é um paraíso para elas. Arkady parou e partiu três fósforos até conseguir acender um dos seus Prima. Um sorriso anunciava a Osborne que tudo a que o inspetor aspirava era uma conversa agradável.

— Leningrado, suspirou Arkady, — Uma cidade tão bonita. A Veneza do Norte, segundo ouvi lhe chamar.

— Algumas pessoas chamam-lhe assim.

— O que eu gostaria de saber era a razão por que todos os grandes poetas vão a Leningrado. Não me refiro a Yevtushenko ou Vozhesensky, me refiro a grandes poetas como Akhmatova e MandeIstam. Conhece a poesia de MandeIstam?

— Consta-me que não está nas graças do Partido.

— Ah, mas morreu, e isso melhora extraordinariamente a sua posição política, observou Arkady. — Seja como for, olhe para o nosso Rio Moscova. Todo estalado como uma rua de asfalto ruim. Depois pense no Rio Neva de MandeIstam, “pesado como uma medusa”. Isso diz tanto numa frase... Osborne olhou para o relógio. — Talvez não saiba, que quase ninguém no Ocidente lê MandeIstam. É muito russo. Não se pode traduzir.

— Exatamente o que eu penso! Muito russo. Pode ser uma falha. É essa a sua opinião? Tal como aqueles cadáveres do Parque Gorki de que você me falou. Três pessoas abatidas com uma brilhante eficiência e com uma automática ocidental. Não se pode traduzir para o russo, não é?

— Às vezes uma rajada de vento apanha uma bandeira de parada e o rosto nela pintado estremece sem mudar de expressão. Nos olhos de Osborne, Arkady viu um estremecimento semelhante, uma excitação. — Deve ter reparado que existe uma diferença entre um homem como você, senhor Osborne, e um como eu. As minhas maneiras de ver são tão vulgares, tão proletárias que é um privilégio encontrar alguém mais

sofisticado. Pode avaliar a minha dificuldade em imaginar o motivo por que um ocidental se daria ao incômodo de matar três russos. Não se trata de guerra nem de espionagem. Deixe-me confessar que não estou bem preparado para esse gênero de caso. Geralmente, encontro apenas um corpo. A cena do crime é horrível, sangue por toda a parte, impressões digitais, provavelmente também a arma do crime. Uma criança com estômago forte podia fazer o mesmo trabalho que eu. Os motivos? Adultério, fúria na bebedeira, o empréstimo de alguns rublos, talvez uma mulher matando outra por causa de um frango roubado. A cozinha comunal é, preciso dizer, um canteiro de paixões. Francamente, se eu tivesse qualquer tendência para ideólogo, para dirigir um ministério ou conhecer a diferença entre duas peles, era isso que eu estaria fazendo, não é verdade? Por isso devia ser dispensada toda a simpatia a um laborioso inspetor às voltas com um crime que revela um planejamento de mestre, uma ousada execução e, a não ser que me engane muito, uma grande inteligência.

— Inteligência? Osborne estava interessado.

— Sim. Lembre-se do que disse Lênin: “A classe operária não está separada da velha sociedade burguesa por uma muralha da China. E quando se der a revolução, um indivíduo que morra não se enterrará a si próprio. Quando a velha sociedade morrer, será impossível fechar o seu cadáver numa mortalha e colocá-la num túmulo. Ela apodrecerá entre nós, nos oprimirá e nos contaminará.”. Imagine então um homem de negócios burguês capaz de executar dois operários soviéticos e deixá-los no coração de Moscou, e me diga se não se trata de uma personagem de grande inteligência.

— Dois, diz você? Julguei que tinha encontrado três no parque.

— Três. Conhece bem Moscou, senhor Osborne? Aprecia as suas visitas aqui? Estavam outra vez andando, deixando pegadas escuras sobre as pedras. Apesar da hora, os motoristas tinham acendido os faróis. A frente deles, uma neblina amarela envolvia uma ponte. — E se diverte em Moscou? Insistiu Arkady.

— Inspetor, durante a minha visita à Sibéria fui recebido por um presidente de câmara que me mostrou a estrutura mais moderna da sua cidade. Tinha dezesseis sanitários, dois urinóis e um único lavatório. Era uma latrina pública. As personalidades mais importantes do local se reuniam ali com as calças arriadas e cagavam enquanto tomavam as suas

importantes decisões. Osborne fez uma pausa. — Claro que Moscou é muito maior.

— Senhor Osborne, interrompeu Arkady, — Desculpe-me. Disse alguma coisa que o aborrecesse?

— Não conseguia me aborrecer. Talvez eu o tenha desviado da sua investigação.

— De modo algum. Arkady tocou na camurça do braço de Osborne e retomou a marcha. — Até me ajuda. Se, durante um minuto, eu conseguisse pensar não como um russo mas como um gênio de negócios, os meus problemas estariam resolvidos.

— O que quer dizer?

— Não acha que só um gênio seria capaz de descobrir alguma coisa pela qual valesse a pena matar russos? Isto não é lisonja, é admiração. Peles? Não, ele podia comprá-las a si. Ouro? Como o levaria para fora? Já teve bastante dificuldade em se livrar do saco..

— Qual saco? Arkady bateu as mãos ruidosamente.

— A coisa está feita. Os dois homens e a jovem mortos. O assassino enfia comida, garrafas e arma num saco de couro furado pelos tiros. Patina através do parque. Está nevando e escurecendo. Fora do parque, precisa colocar os patins no saco, de preferência sem ser visto, e se livrar dele. Não no parque nem num cesto do lixo, porque então o saco viria a ser encontrado e, pelo menos em Moscou, o seu aparecimento comunicado. O rio?

— O rio tem estado gelado durante todo o inverno.

— Inteiramente verdadeiro. No entanto, mesmo depois do saco desaparecer magicamente, ele precisa regressar a este lado do rio.

— A Ponte Krimsky. Osborne apontou na direção em que seguiam.

— Sem atrair a atenção de qualquer babushka (Avó ou velhote) desconfiada ou homem da Milícia? As pessoas são tão curiosas...

— Táxi.

— Não, demasiado arriscado para estrangeiros. Um amigo à espera na estrada do cais dentro dum carro; isso é óbvio mesmo para mim.

— Então porque o cúmplice não participou no crime?

— Ele? Arkady riu. — Nunca! Estamos falando de sedução e encanto. O cúmplice não conseguiria nem atrair moscas a um pudim. Arkady voltou a ficar grave. — Falando a sério, o primeiro homem, o assassino, calculou tudo isto com muito cuidado.

— Alguém o viu com o saco? Osborne estava preocupado com uma testemunha.

— Insignificante. O que eu queria saber, disse Arkady, — Era a razão. Porquê? Não me refiro a um objeto, digamos, um ícone. Quero dizer, porque é que um homem inteligente, com mais êxito e fortuna do que provavelmente qualquer pessoa da União Soviética, iria assassinar por mais? Se eu pudesse compreender o homem, podia compreender o crime. Diga-me, eu seria capaz de compreendê-lo?

Osborne não apresentava rugosidades. Arkady tinha a sensação de estar raspando uma superfície lisa e escorregadia. Camurça, zibelina, pele, olhos, era tudo o mesmo, tudo... Dinheiro. Era uma palavra que o inspetor nunca utilizara anteriormente no seu vocabulário. Era abstrato, na fantasia de ladrões, sim. Mas nunca estivera em contato físico com dinheiro. Porque isso é que era Osborne, um homem que exalava magicamente dinheiro por todos os poros.

— Compreender um homem destes? Suponho que não, respondeu Osborne.

— Sexo? Perguntou Arkady. — Um estrangeiro solitário conhece uma jovem bonita e leva-a para o seu quarto de hotel. As empregadas do apartamento olham para o outro lado quando se trata de um estrangeiro especial. O homem e a jovem começam a se encontrar regularmente. De repente, ela pede dinheiro e apresenta um marido de aspecto duro. É uma extorsionária habitual.

— Não.

— Alguma falha?

— Uma questão de perspectiva. Para os Ocidentais, os Russos são uma raça feia. É verdade. De uma maneira geral, as mulheres daqui não são mais atraentes do que vacas. É por isso que os seus escritores russos falam tanto nos olhos das suas heroínas, nos seus olhares velados e fascinantes, porque nenhum outro aspecto convida à descrição. Osborne desenvolveu o assunto. — São os seus longos invernos. O que pode haver de mais quente do que uma mulher forte com pernas cabeludas? Os homens são mais magros, mas ainda mais feios. Como a beleza foi eliminada, os únicos atrativos físicos são pescoços espessos e cenhos carregados como touros. Arkady pensou que podia muito bem estar

ouvindo uma descrição de trogloditas. — De acordo com o seu nome, você tem uma ascendência ucraniana, não tem? Acrescentou Osborne.

— Sim. Bom, ponhamos então o sexo de parte...

— Parece-me acertado.

— ... O que nos deixa com um crime sem motivo. Arkady franziu a testa. Voltando-se tão lentamente como uma porta, Osborne olhou para ele.

— Espantoso. Você é uma fonte de surpresas. Fala a sério?

— Oh, sim.

— Um crime triplo por capricho?

— Sim.

— Incrível. Isto é... Osborne ficou muito animado. — Literalmente inacreditável, sobretudo da parte de um inspetor com a sua experiência. De outro gênero de homem, mas não de você. Osborne respirou fundo. — Digamos que, se tal acontecimento se verificasse, um crime inteiramente de acaso sem testemunhas, quais seriam as suas hipóteses de descobrir o criminoso?

— Nenhuma.

— Mas você pensa que foi isso que aconteceu.

— Não. Só quero dizer que não encontrei o motivo. Os motivos podem ser vários. Uma questão de perspectiva, como disse. Imagine um homem que visita de vez em quando uma ilha de gente primitiva. Gente da Idade da Pedra. Fala a língua deles, é perito na lisonja, se toma amigo dos chefes locais. Ao mesmo tempo, tem consciência da sua superioridade. Com efeito, considera os indígenas ridiculamente desprezíveis. Arkady falava devagar, apalpando terreno, se lembrando do relato pouco preciso da morte do soldado alemão executada por Osborne e Mendel. — A certa altura, se vê envolvido no assassinato de um indígena durante uma guerra tribal, pelo que não é castigado mas sim recompensado. E, com o correr do tempo, começou a apreciar o ato da mesma maneira como um homem gosta de recordar os pormenores da sua primeira mulher. As sociedades primitivas são fascinantes, não acha?

— Fascinantes?

— Uma revelação para esse homem. Ele descobre quais são os seus impulsos, e descobre também um lugar onde pode dar largas aos mesmos. Um local fora da civilização.

— E se ele não tiver razão?

— Na sua perspectiva, talvez tenha. Os nativos são primitivos, não há dúvida a esse respeito. Mas, apesar da sua aparência civilizada, desconfio que ele sente o mesmo desprezo por toda a gente. Mas é só nesta ilha primitiva que se manifesta.

— No entanto, se ele mata a esmo, não o pode apanhar.

— Mas ele não o faz. Primeiro, espera muitos anos antes de se entregar de novo aos seus impulsos violentos. E é um amador, apesar de ser um amador inspirado; é um fato curioso que um amador, uma vez bem sucedido num crime, procura quase sempre se copiar a si mesmo, como se só ele detivesse o segredo do crime perfeito. Portanto, existe um padrão. E também é uma coisa cuidadosamente planejada. Um homem superior por definição precisa sentir que controla a situação. Até mesmo ao som dos canhões de Tchaikovsky ressoando pelo parque, não é? Ergue a arma dentro do saco, abate o bruto, depois o segundo homem e a jovem, lhes retira a pele do rosto e a cabeça dos dedos. Os seus planos, no entanto, não podem ir mais longe. É injusto, mas há sempre um elemento de azar. Um vendedor que leve o seu carro para o bosque para descansar, rapazes escondidos nas árvores, amantes que irão seja para onde for para estarem a sós. No fim de contas, para onde podem ir os amantes durante o inverno?

— Então sempre houve uma testemunha?

— De que serve uma testemunha? As suas recordações se tornam indistintas depois de um dia. Depois de três meses, com franqueza, podia lhe fazer reconhecer quem eu quisesse. Agora só o criminoso pode me ajudar. E ele irá? É possível que se eu me escondesse como uma rã no fundo do rio e ele fosse lá me procurar.

— Porquê?

— Porque o crime não basta. Até o homem mais estúpido pensa assim, uma vez passada a primeira emoção. O crime é só metade do ato. Não acha que um homem superior sentirá a necessidade, para sua satisfação pessoal, de ver um inspetor como eu reduzido à impotência e incapacidade, até talvez mesmo à admiração?

— Acha que isso seria um grande desafio, inspetor?

— Pensando bem... Arkady pisou um tronco de árvore, — Talvez não. Tinham chegado à ponte Novo-Arbatsky. De cada lado as estrelas cor-de-rosa do Ukraina e do Ministério dos Negócios Estrangeiros

brilhavam umas para as outras como farolins. A limusine de Osborne se aproximava deles.

— Você é um homem honesto, inspetor Renko, disse Osborne num tom de voz mais quente, como se, terminara a árdua jornada, ele e Arkady tivessem ganho um à-vontade fatigado mas íntimo. Mostrou um sorriso como o de um ator ao terminar a última cena do seu desempenho. — Desejo-lhe agora boa sorte porque só me resta uma semana em Moscou e não me parece voltemos nos a encontrar. No entanto, não queria deixá-lo de mãos vazias. Osborne tirou o gorro de zibelina da cabeça e colocou-o na de Arkady. — Uma lembrança, disse ele. — Quando me disse nos banhos que sempre desejara um gorro, já sabia que tinha de lhe oferecer um. Tive de calcular o tamanho mas tenho um bom golpe de vista para cabeças. Mirou Arkady de diversos ângulos. — Perfeito. Arkady tirou o gorro. Era preto como tinta e tinha uma textura de cetim.

— É lindo, mas... Devolveu-o com ar desgostoso, — Mas não posso aceitá-lo. Existem disposições regulamentares acerca dos presentes.

— Ficarei ofendido se recusar.

— Muito bem, me dê alguns dias para pensar nisso. Assim, teremos um pretexto para voltarmos a conversar.

— Todos os pretextos são bons. Osborne apertou com firmeza a mão de Arkady, depois entrou no automóvel e seguiu ponte afora.

Arkady foi buscar o seu carro no Ukraina e se dirigiu para a delegacia de Oktyabrsky, onde se informou acerca de quaisquer estrangeiros que tivessem sido vistos em automóveis estacionados próximo do parque, à volta da hora dos crimes. Quando saiu de lá, tinha nascido um grande sol alaranjado. Insinuava-se entre os cabos da ponte Krimsky. Pedaços dele brilhavam como moedas nas janelas do ministério. Charcos de luz cintilavam na rua do cais por onde Arkady e Osborne tinham passeado pouco antes.

* * *

O Investigador-Chefe Ilya Nikitin, o cabelo ralo e húmido penteado para trás na sua cabeça redonda, semicerrou os olhos por trás da fumaça

do cigarro apertado entre os dentes. Vivia sozinho na área Arbat, numa casa estreita onde a pintura caía das paredes e o estuque tombava do teto para se perder entre as pilhas de livros empoeirados e marcados com tiras de papel amarelado, que atingiam dois e três metros de altura e cinco volumes de espessura. Arkady se lembrava de janelas de onde se viam o rio e as colinas Lênin, mas essa imagem existia só na sua memória. Tinham crescido estantes diante das janelas, na cozinha e pelas escadas acima até aos quartos do segundo andar.

— Kirwill, Kirwill. Nikitin empurrou cuidadosamente para o lado dossiês de Alterações Parciais à Carta de Associação da União Geral de Publicações e da Poligráfica para pôr à vista uma garrafa quase vazia de porto romeno. Ele bebeu piscando o olho e começou a trepar pelas escadas acima. — Com que então, ainda recorre a Ilya quando precisa de ajuda?

Quando Arkady entrara para a sala do promotor-geral, lhe pareceu que Nikitin era um gênio e um progressista, ou um gênio e um duro. Um autor de reformas legais ou um estalinista. Um companheiro de bebedeiras do cantor negro Robeson ou o confidente do romancista reacionário Sholokov. No mínimo, um gênio com laivos gnósticos. Uma figura em branco ou preto definida pelas suas próprias piscadelas de olho e apoiada pelos nomes que ele lançava. Não havia dúvida de que Nikitin fora um brilhante Inspetor-Chefe de Homicídios. Embora Arkady deslindasse os processos, era sempre Nikitin quem entrava na sala de interrogatórios com duas garrafas e um olhar de soslaio, para sair horas mais tarde com um criminoso dócil e envergonhado. “A confissão é tudo”, explicava Nikitin. “Se não transmitimos as pessoas, religião ou psicologia, pelo menos deixemo-las confessar ao nos sentarmos junto delas e ouvir as suas queixas até às quatro da manhã.”. No fundo do coração todos os assassinos são uns queixosos. “Por causa dos subornos, boychik”, explicara Nikitin quando Arkady lhe perguntara o motivo por que se mudara de Homicídios para a Ligação com o Governo.

— Kirwill. Vermelhos. Diego Rivera. A batalha da Union Square. Torcendo-se para olhar para trás, Nikitin perguntou: — Sabe onde fica a cidade de Nova lorque? Escorregou num degrau, deslocando um livro,

que por sua vez fez cair mais dois pela escada abaixo, e depois mais outro. Após uns momentos precários a avalancha parou.

— Fale-me de Kirwill, pediu Arkady. Nikitin abanou a cabeça como se fosse um dedo.

— Correção: Kirwills. Estrela Vermelha. Reuniu as suas forças para rastejar até um compartimento do segundo andar tornado estreito pelas paredes de livros que nele se erguiam.

— Quem eram os Kirwills? Perguntou Arkady. Nikitin deixou cair a garrafa vazia, passou o joelho por cima dela e rebolou sobre as costas, ficando com a barriga entalada entre as prateleiras, sem poder se mexer.

— Roubou uma garrafa do meu escritório, Arkasha. É um ladrão. Vai para o diabo. Ao nível dos olhos de Arkady se via uma crosta dura de queijo e meia garrafa de vinho de ameixa encima de um livro intitulado **OPRESSÃO POLÍTICA NOS ESTADOS UNIDOS, 1929-1941**. Segurando a garrafa debaixo de um braço, folheou o índice do livro.

— Empresta-me isto?

— Faça-me um favor, disse Nikitin. Arkady pôs a garrafa nas mãos de Nikitin. — Não. Nikitin deixou escapar a garrafa. — Fique com o livro. Não volte aqui.

* * *

O gabinete de Belov era um monumento à guerra. Pequenos soldados marchavam em fotografias de jornais. Cabeçalhos emoldurados apregoavam: “Valorosa Defesa no Volga”, “Extinta Áspera Resistência”, “Heróis Louvam a Pátria”. Belov dormitava de boca escancarada, com migalhas de pão no lábio inferior e na parte da frente da camisa. Segurava uma cerveja na mão. Arkady se sentou na outra cadeira e abriu o livro que tirara de Nikitin. O comício da Union Square em 1930 foi a maior concentração pública jamais organizada pelo PCEUA. Operários desempregados desejosos de ouvirem e serem ouvidos pela vanguarda da justiça social invadiu a praça em número ainda maior do que os dirigentes tinham calculado. Apesar do Comissário de Polícia de Nova lorque, Grover A. Whalen, ter dado ordem para que nenhum metrô parasse nas proximidades da praça, a multidão se elevou, segundo os cálculos, a 50 000 pessoas. A Polícia e os seus agentes tomaram outras medidas para quebrar, dividir ou abafar

a vontade dos presentes. Enquanto era cantada a Internacional, agentes disfarçados de membros do chamado Grupo Radical se infiltraram na praça. Os provocadores tentaram, sem êxito, desencadear ataques contra a Polícia uniformizada. Por ordem do comissário Whalen, as máquinas de filmar não foram autorizadas a registrar aquela gloriosa reunião. O comissário afirmou, mais tarde: “Não vi razão para perpetuar declarações de traição, mas não quer dizer que tencione enveredar pelo caminho da censura.”. A sua declaração caracterizava os papéis contraditórios da Polícia numa sociedade capitalista: um papel de defensora da paz em choque com o de cão de guarda da classe exploradora.

Arkady passou por cima de uma mensagem de solidariedade de Stálin, que fora lida à multidão excitada. Uma marcha pacífica até à Câmara Municipal foi então proposta pelo orador William Z. Foster. Contudo, assim que a multidão começou a se mover, o caminho foi barrado por um caminhão blindado da Polícia. Era esse o sinal dado por Whalen às tropas da Polícia concentradas nas ruas laterais. A pé e a cavalo, à cossaca, a Polícia caiu sobre homens desarmados, mulheres e crianças. Os negros foram os alvos especiais dos ataques. Uma jovem negra foi mantida de pé por um oficial enquanto os seus homens a agrediram nos seios e estômago. James e Edna Kirwill, editores do Estrela Vermelha, jornal da esquerda católica, foram espancados até caírem em cima do seu próprio sangue. A Polícia Montada atropelou tanto os membros do Partido que transportavam cartazes como cidadãos que eram meros transeuntes. Os dirigentes do Partido foram atacados e presos. Encerrados em celas, não foram autorizados a se beneficiar de advogado ou fiança, de acordo com a declaração do comissário Whalen, segundo a qual “estes inimigos da sociedade deviam ser expulsos de Nova lorque, independentemente dos seus direitos constitucionais”. O Investigador-Chefe para a Indústria abriu dois olhos remelosos, passou a língua pelos beiços e se endireitou.

— Estava mesmo, começou a dizer, agarrando a cerveja prestes a entornar, — Estudando umas diretivas para as fábricas. Amassou os restos dum sanduíche e atirou-o para o cesto dos papéis com um esforço que lhe provocou um arroto. Fitou Arkady de mau humor. — Há quanto tempo está aqui?

— Estava só olhando um livro, tio Seva, respondeu Arkady. — O livro diz: “Os inimigos da sociedade devem ser expulsos, independentemente dos seus direitos constitucionais”.

— Isso é fácil, respondeu o velho depois de ter pensado um pouco. — Por definição, os inimigos da sociedade não têm direitos constitucionais. Arkady deu um estalo com os dedos.

— Aí está, disse ele.

— Isso se aprende na primeira aula, e Belov afastou a lisonja com um gesto. — Portanto, o que você quer? Nos tempos que correm só me escuta quando precisa de alguma coisa.

— Estou tentando encontrar uma arma que foi atirada no rio em janeiro. Em cima do rio, quer dizer. Estava todo congelado. É verdade, mas talvez não em toda a parte. Algumas fábricas continuam a descarregar água quente em certos pontos do rio, onde o gelo nunca chega a se formar. Você conhece essas fábricas melhor que ninguém.

— A poluição é uma área da maior importância. Arkasha. Existem leis rigorosas a respeito do ambiente. Quando ainda era um garoto, andava sempre se queixando a mim a respeito dessas fábricas, Era um grande chato.

— A água quente e limpa pode ser descarregada em condições especiais.

— Toda a gente se considera um caso especial. Graças a pessoas como você, dentro dos limites da cidade é estritamente proibido despejar no Moscova água já utilizada.

— Mas a indústria precisa progredir. O país é como um corpo. Primeiro os músculos, depois a loção para o cabelo.

— É verdade, e julgo que está brincando comigo, Arkasha, quando diz uma coisa que é verdade. Preferia talvez estar numa cidade sofisticada como Paris. Sabe porque eles têm lá avenidas tão grandes? Para melhor abaterem os comunistas. Portanto, não me venha com histórias de poluição. Arre! Quando Belov esfregava a cara ela tremia como um pudim. — O que lhe interessa é a Fábrica de Curtumes Gorki. Com uma licença muito especial, eles despejam água tratada. Isto é, água em que toda a tinta se foi. Tenho aqui um mapa... Belov remexeu nas gavetas da mesa e encontrou um mapa de instalações industriais, uma coisa preta e laranja que desdobrou até ficar do tamanho de uma toalha. — Luvas, agendas, coldres, coisas assim. Aqui. O dedo desceu

até ao cais junto do Parque Gorki. — Um cano efluente. O rio neste ponto também está gelado, mas apresenta apenas uma crosta delgada. Um objeto pesado podia atravessá-la e dentro de cerca de uma hora a crosta voltaria a se formar. Por isso, Arkasha, que possibilidade tem um homem que atira uma arma para o rio no único local em que o gelo não tem um metro de espessura?

— Como soube que eu estava à procura duma arma?

— Arkasha, só estou velho. Não estou inteiramente senil, nem surdo. Ouço coisas.

— Que coisas?

— Coisas... Belov olhou para Arkady e depois para as cenas heroicas da parede. — Já não entendo mais nada. Uma pessoa costumava poder acreditar no futuro. Havia cliques, erros de julgamento, expurgos que talvez fossem longe demais, mas no fundo fazíamos força juntos. Hoje... Belov piscou os olhos. O velho nunca desabafara com Arkady desta maneira, — A ministra da Cultura é demitida por corrupção, se tomou milionária, construiu palácios. Um ministro! Nós não tentamos mudar tudo isto?

* * *

O dia de filmagens exteriores da Mosfilrn acabara. Arkady seguiu Irina Asanova à volta de um cenário composto por uma cabana de madeira, e bétulas, tudo mantido no seu lugar por esticadores de arame. Sentiu os cabos elétricos debaixo dos quadros de grama. Apesar da tabuleta que dizia **NÃO FUMAR**, a jovem fumava, por uma velha boquilha lacada, cigarros de enrolar, os mais baratos que havia. O seu coçado casaco aberto deixava ver um transparente vestido de algodão e um lápis pendurado dum barbante à volta do pescoço, cuja graciosidade era assim de certo modo realçada. Tinha o seu longo cabelo solto e os olhos fitavam Arkady com impertinência. O sinal na bochecha se desvanecia no brilho avermelhado da face que não tinha nada a ver com o sol-poente. Era o brilho que ToIstoi descrevia nos rostos dos artilheiros em Borodino, um rubor exultante devido à proximidade da batalha.

— Valéria Davidova e o seu amante Kostia Borodin, eram da área de Irkutsk, disse Arkady. — Você veio de lrkutsk, era a melhor amiga

de Valéria, lhe escreveu daqui, e quando ela morreu calçava os seus patins “perdidos”.

— Vai me prender? Desafiou-o Irina. — Andei na Faculdade de Direito e conheço as leis tão bem como você. Precisa ter consigo alguém da Milícia para me prender.

— Já me disse isso da outra vez. O homem encontrado com Valéria e Kostia era um americano chamado James Kirwill. Você conheceu James Kirwill na universidade. Porque continua mentindo? Ela evitou as perguntas dele, conduzindo-o num círculo à volta da falsa cabana. Apesar de toda a sua bravata, ele tinha a sensação de perseguir uma cerva.

— Não se trata de nada pessoal. Ela olhou para trás. — Geralmente minto às pessoas do seu gênero.

— Porquê?

— Trato consigo como se estivesse tratando com um leproso. Você está doente. Pertence a uma organização leprosa. Não quero me infectar.

— Andou estudando Direito para se tomar uma leprosa?

— Advogada. Médica, num certo sentido; defender os sãos dos doentes.

— Mas estamos falando de crime e não de doenças. Arkady acendeu um dos seus cigarros. — É muito corajosa. Está preparada para que um Beria qualquer apareça aqui e coma um bebê diante dos seus olhos. Preciso desiludi-la; só estou aqui para descobrir a pessoa que matou os seus amigos.

— Agora é você que está mentindo. Você só se interessa por cadáveres, não pelos amigos dos outros. Pelos seus amigos você se interessa, mas pelos meus não. Era uma acusação lançada ao acaso, mas que acertara em cheio. A única razão que o levara até ao estúdio fora Pasha. Ele mudou de assunto:

— Estive vendo o seu dossiê da Milícia. Qual foi essa sua calúnia antissoviética que a fez ser expulsa da universidade?

— Como se não soubesse...

— Faça de conta que não sei, disse Arkady. Irina Asanova ficou calada uns momentos, tal como ele a vira quando fora pela primeira vez ao estúdio, perdida numa autoconfiança ou autoabsorção que era um mundo em si.

— Acho, disse ela, — Que prefiro os seus colegas da Segurança.

Pelo menos há honestidade em esbofetear uma mulher. A sua aproximação, a sua falsa preocupação mostram debilidade de carácter.

— Não foi isso que você disse na universidade.

— Vou lhe contar o que eu disse na universidade. Estava na cantina conversando com amigos e afirmei que faria de tudo para sair da União Soviética. Uns nojentos da Komsomol estavam à escuta na mesa ao lado. Participaram de mim e fui retirada da lista dos estudantes.

— É claro que estava brincando. Devia ter explicado. Ela se aproximou tanto que quase se tocavam.

— Mas eu não estava brincando, falava sério, inspetor; se alguém me desse agora mesmo uma arma e me dissesse que podia sair da União Soviética se o matasse, disparava neste mesmo instante.

— Sério?

— Faria com prazer. Ela encostou o cigarro à bétula que estava junto de Arkady. A casca branca da árvore, escureceu e fumegou à volta da brasa, e pedaços de casca arderam e se enrolaram. Arkady acusou uma estranha sensação de dor, como se um punhal quente tivesse sido encostado ao seu coração. Acreditava nela. A verdade passara dela para a árvore e para ele. — Camarada Asanova, não sei porque ainda tenho este caso, tentou ele de novo. — Eu não o quero nem devia tê-lo. Mas três pobres pessoas foram assassinadas, e tudo que lhe peço é que venha comigo ver os cadáveres. Talvez através das roupas ou...

— Não.

— Só para provar a si própria que não são os seus amigos. Não quer pelo menos ter essa certeza?

— Sei que não são eles.

— Então onde eles estão? Irina Asanova não disse nada. Uma queimadura preta marcava a árvore. Ela não dizia nada, mas o caminho para a verdade continuava aberto. Arkady riu involuntariamente, espantado com a sua própria estupidez. Passara o tempo todo perguntando a si mesmo o que Osborne poderia querer dos dois russos e nunca perguntara a si mesmo o que eles queriam dele.

— Onde acha que eles estão? Insistiu Arkady. Ele sentiu-a reter a respiração. — Kostia e Valéria tinham fugido da Sibéria, respondeu Arkady a si próprio. — Isso não era um problema para um bandido como Kostia, com as suas passagens roubados da Aeroflot. É possível comprar contratos de trabalho e licença de residência no mercado negro

quando se tem dinheiro, e Kostia tinha. Mas Moscou não era suficientemente longe. Kostia queria sair do país. E isso é impossível. Mas ele morreu com um americano que não tem registro de entrada na União Soviética. Irina Asanova recuou para os últimos raios de sol. — Na verdade, disse Arkady, — Essa é a única razão que a faz admitir que conheceu a todos. Eu sei que eles morreram no Parque Gorki, mas você pensa que eles estão vivos do outro lado da fronteira. Você pensa que eles conseguiram sair.

Ela tinha uma expressão radiante de triunfo.

* * *

# Doze

Os mergulhadores faziam vir para cima o lodo do inverno. Projetores estanques mergulharam na água. Distinguia-se de vez em quando uma mão, depois urna barbatana dos homens que sondavam o local em que os efluentes submarinos da Fábrica de Curtumes Máximo Gorky se juntavam ao Moscova: Acima, na estrada do dique, homens da Milícia com lanternas acenavam para algum caminhão matinal que se aproximasse. Arkady se dirigiu a uma área não iluminada, onde William Kirwill estava sentado no banco traseiro do seu carro.

— Não prometo nada, disse Arkady; — Se quiser, pode voltar para o seu hotel ou ir para a sua embaixada.

— Eu fico. Os olhos de Kirwill brilhavam no escuro. Houve um chapinhar do outro lado do dique quando outro mergulhador entrou na água. Novo projetor desceu pendurado numa corrente e os milicianos, com varas, afastaram do paredão os pedaços soltos de gelo. Arkady exibiu um envelope espesso.

— Tenho aqui os relatórios do médico-legista dos três cadáveres encontrados no Parque Gorky, disse ele. Arkady confiava no efeito dessa familiaridade especial, da irreverência pesada da gente da Milícia, do brilho suspeito das suas lanternas, do ambiente profissional criado pelos inspetores em qualquer local. Depois de um tranquilo dia de raciocínio, Kirwill devia ter chegado à conclusão de que Arkady não era da KGB; ninguém da KGB podia ser tão genuinamente crédulo.

— Deixe-me ver. Kirwill estendeu a mão.

— Quem era James Kirwill.

— Meu irmão. Arkady passou o envelope através da janela do carro; a primeira transação estava terminada.

Não havia qualquer menção a Osborne no envelope. Se William. Kirwill só quisesse ajudar uma investigação, teria entregue a ficha

dentária e a radiografia logo no seu primeiro dia em Moscou. Mas ele trouxera também uma arma, por isso estava disposto a negociar só enquanto não soubesse quem havia de atacar. O fato de já não possuir a arma não tinha importância. Tinha as suas mãos. Um oficial da Patrulha Fluvial veio dizer a Arkady que os mergulhadores estavam gelando e que não tinham encontrado saco nenhum no fundo do rio. Ao atravessar a rua em direção ao dique, Arkady foi puxado de parte por um sargento para ir conversar com um jovem agente da Milícia da delegacia de Oktyabrsky que fazia a ronda no cais. O rapaz se lembrava de ter visto um sedan Zhiguli estacionado na estrada do dique numa noite de janeiro. Talvez fevereiro. Além disso se recordava apenas do motorista ser alemão e usar um emblema na lapela de um clube "Bola de Couro" de Berlim. "Bola de Couro" era a designação Komsomol para o futebol de juniores. O rapaz sabia que o motorista era alemão porque, sendo um ávido colecionador de emblemas, se oferecera para comprar o do homem e recebera uma recusa num sotaque carregado. "Continuem a procurar durante mais meia hora", disse Arkady aos mergulhadores, mas decorridos apenas dez minutos, eles gritaram e subiram por uma escada de corda para o dique, trazendo um saco coberto de lodo e escorrendo água e enguias. O saco era de couro com uma laçada de corda. Enfiando luvas de borracha, Arkady abriu-o debaixo de um projetor e remexeu numa mistura de lodo, garrafas e copos até encontrar o cano de uma arma. Puxou para fora uma grande e esguia pistola semiautomática.

— Camarada inspetor? Fet chegara. Arkady não o via desde o interrogatório de Golodkin. O detetive ficou na periferia dos projetores, ajeitando os óculos, os olhos fixos na arma com a sua expressão de míope. — Posso fazer alguma coisa? Arkady ignorava o papel que Fet desempenhara na morte de Pasha. Do que estava certo é que desejava ver o detetive fora do caminho.

— Sim, respondeu Arkady: — Consiga uma lista de ícones roubados nos últimos dezesseis meses. Ícones roubados em Moscou, acrescentou Arkady, — E em qualquer ponto do país do lado de cá dos Urais. E também, detetive...

— O quê? Fet avançou. — E também, detetive, ícones roubados na Sibéria. Sabe onde fica a Sibéria? Acrescentou Arkady. Arkady viu o detetive desaparecer na escuridão; ia ficar ocupado durante uma semana

e havia uma possibilidade, ainda que remota, de que as listas viessem a ser úteis.

O inspetor pousou cuidadosamente a arma num lenço. Nenhum dos homens da Milícia, nem sequer os veteranos, conheciam a sua marca de origem. Arkady deu dinheiro ao oficial da Patrulha Fluvial para comprar brandy para os mergulhadores e levou o saco e a arma para o seu carro. Levou Kirwill até uma garagem de táxis debaixo da ponte Krimsky. A madrugada rompia. Do lado de fora da garagem, motoristas em mangas de camisa estavam desmontando e reconstruindo táxis à beira do colapso. Vagueando entre os carros, oportunistas vendiam peças roubadas que retiravam de sobretudos excecionalmente vastos. Kirwill examinou a pistola. Boa arma. Versão argentina da Mannicher de 7.65 milímetros. Grande velocidade inicial, muito precisa, carregador de oito balas. Espirrou lama em sua camisa quando retirou o carregador do alvéolo. Arkady não reparara, quando o acordara no quarto do hotel, que Kirwill voltara a se vestir como um russo.

— Restam três balas. Colocou de novo o carregador na arma e devolveu-a. — Era a arma oficial na Argentina antes de eles mudarem para uma pistola diferente, a Browning. As Mannicher foram vendidas a negociantes de armas nos Estados Unidos, é por isso que eu sei. E as almofadas! Arkady examinava o terno de Kirwill. Não revistei as suas almofadas!

— É verdade. Kirwill quase sorriu. Devolveu o envelope, limpou os dedos e tirou um cartão do bolso da camisa. O cartão tinha dez borrões de tinta. Um cartão de impressões digitais. — Também lhe escapou isto, abanou a cabeça e afastou o cartão quando Arkady estendia a mão para o pegar. — Está vendo, eu não devia lhe mostrar isto. Kirwill estendeu os braços por cima do parapeito da janela traseira. — Mas venho pensando. Talvez você seja só aquilo que pretende ser, Renko. Talvez consigamos qualquer coisa juntos. Diz que um dos seus detetives foi morto e perdeu Golodkin também. Vai precisar de toda a ajuda possível.

— E então?

— Quanto ao dossiê do Jimmy... Kirwill apontou com a cabeça para a pasta.

— Era Jimmy que lhe chamava?

— Sim. Kirwill encolheu os ombros — O trabalho da medicina legal não está ruim, mas falta continuação.

— O que quer me dizer?

— Trabalho de detetive. É chamado “levantar a bunda”. Cinquenta homens interrogando todas as pessoas que estiveram no parque neste inverno. Interrogando-a uma, duas, três vezes. Artigos no jornal, e uma linha telefónica especial da polícia anunciada na televisão.

— Que ideias formidáveis, disse Arkady. — Se alguma vez me encontrar em Nova lorque vou me servir delas. O olhar azul se tomou mais frio.

— Se eu identificasse o corpo do meu irmão, o que aconteceria?

— Tomar-se-ia um caso da Segurança do Estado.

— A KGB?

— Isso mesmo.

— O que aconteceria a mim?

— Seria detido para prestar declarações. Eu podia reservar as informações acerca do nosso encontro no parque, da sua arma. A sua detenção não seria muito desagradável.

— Você podia tomá-la divertida?

— Não muito. A pergunta inesperada fez Arkady rir.

— Então, Kirwill acendeu um cigarro e atirou o fósforo pela janela, — Parece-me que prefiro este entendimento. Só você e eu. Um dos motoristas dos táxis atravessou a rua para perguntar se eles tinham peças de automóveis para comprar ou vender. Arkady se livrou dele.

— Um “entendimento”? Perguntou Arkady a Kirwill. Era o que ele pensara mas ouvi-lo da boca de Kirwill fê-lo se sentir desconfortável.

— Compreensão... Auxílio mútuo, disse Kirwill. — Agora me parece que o tipo grande, Kostia, foi o primeiro a partir, não é verdade? Jimmy seria o segundo. Com a sua perna aleijada, me admira que tenha conseguido patinar. Por fim a jovem, Davidova. O que eu não entendo são os tiros na cabeça, a não ser que o criminoso soubesse do canal da raiz do dente de Jimmy e soubesse que era diferente dum trabalho russo. Agora, você não suspeita de nenhum dentista, não é Renko? Ou... De quaisquer estrangeiros?

— Mais alguma coisa? Perguntou Arkady numa voz inexpressiva, embora tivesse levado dias para chegar à resposta relativa ao canal da

raiz.

— Está bem. O gesso nas roupas. Ícones, não é? Foi por isso que mandou embora aquele tipo à procura duma lista. A propósito, foi aquele tipo que eu segui até à KGB. Talvez você não seja um deles, mas ele é.

— Estamos seguindo a mesma linha de raciocínio.

— Ótimo. Agora me devolva o distintivo.

— Ainda não.

— Renko, você está me escondendo coisas.

— Senhor Kirwill, nós dois estamos fazendo o mesmo. Estamos a só um passo da mentira, se lembre. Como nenhum de nós sabe quando o outro vai se virar, temos de fazer isto passo a passo. Não se preocupe, receberá o seu distintivo de polícia antes de regressar ao seu país.

— Distintivo de detetive, corrigiu de novo Kirwill, — E não se iluda, eu não preciso dele. Se isso o faz se sentir melhor, pode guardá-lo durante um dia ou dois. Entretanto, compreende a expressão “uma merda”. Pois é isso que o seu trabalho de investigação é neste caso, não falando no aspeto dos ícones, em que foi igual a zero. Penso que seria melhor se trabalhássemos separadamente e nos encontrássemos só para trocar impressões. Repare que isso só lhe será útil. Dê-me alguns dos números de telefone onde o poderei encontrar. Arkady escreveu os números do seu escritório e do quarto do Ukraina. Kirwill enfiou-os no bolso da camisa. — A jovem era bonita, não é? A que foi assassinada com Jimmy?

— Penso que sim, mas porque você diz isso? O seu irmão era conquistador?

— Não. Jimmy era um asceta convicto. Não tocava numa mulher, mas gostava de estar perto delas e era muito difícil.

— Explique.

— Santas, Renko. Sabe o que são?

— Não acho que esteja entendendo.

— Bom, não insista de mais. Kirwill abriu a porta. Estou só começando a acreditar que você é sincero no meio disto tudo.

Arkady viu Kirwill atravessar a rua e passar entre os motoristas de táxi com uma naturalidade cheia de segurança. Junto de uma capota aberta, se inclinou e deu a sua opinião. “Daqui a um segundo estará

oferecendo cigarros", pensou Arkady. Kirwill fê-lo e foi rodeado pelos motoristas. A intenção de Arkady era se servir de Kirwill. Mas, obviamente, o americano tinha outras intenções.

* * *

Depois de entregar o saco e a arma a Lyudin, Arkady foi à Estação Central de Telégrafos e Telefones para ordenar que os telefones públicos à volta do endereço de Irina Asanova fossem colocados sob escuta. Era muito natural que uma pessoa como ela não tivesse telefone próprio; as pessoas esperavam anos por esse privilégio. O que interessava Arkady eram os outros aspectos da sua penúria: o seu vestuário e botas em segunda mão, cigarros enrolados. A Mosfilm estava cheia de mulheres que recebiam o mesmo ordenado, mas que se vestiam com elegância nas festas que o Sindicato dos Cineastas oferecia em honra de convidados estrangeiros e em que o elogio a um perfume francês ou a uma blusa de lavar e vestir fazia parte da rotina. Irina Asanova devia ser convidada nessas ocasiões; em vez de ir, porém, economizava copeques. Arkady admirava-a. O coronel Lyudin estava mostrando a Arkady os restos secos e já examinados do saco encontrado no rio quando tocou o telefone do laboratório. Respondeu um assistente, que estendeu o aparelho a Arkady, dizendo: "Camarada Renko...".

— Posso falar mais tarde, disse Arkady a Zoya.

— Precisamos falar agora. A voz dela era estridente. Arkady fez sinal a Lyudin, para continuar.

— O saco de couro é de manufatura polonesa, começou o perito.

— Arkady? Perguntou Zoya.

— Um cordão de couro passa por ilhós de metal à volta da parte superior do saco. Lyudin demonstrou, — Para que possa ser transportado à mão ou ao ombro. Muito esportivo, e só à venda para o público geral em Moscou e Leningrado. Aqui... Apontou com um lápis afiado, — Um único orifício no canto inferior do saco, um orifício alargado devido a mais de um tiro. Existem vestígios de pólvora à volta do orifício, e o couro do saco condiz com os fragmentos encontrados na PGI. A bala que matara Kostia Borodin. Arkady fez um aceno para prosseguir.

— Vou entregar um pedido de divórcio no Tribunal Central, disse Zoya. — As custas são de cem rublos. Espero que pague metade. No fim das contas, lhe deixei o apartamento. Parou à espera duma resposta. — Alô?

— Sim, respondeu Arkady. Lyudin enumerou os artigos que estavam sobre a mesa.

— Três argolas de chaves, com uma chave semelhante em cada argola. Um isqueiro. Uma garrafa vazia de vodca Extra. Uma garrafa meio vazia de conhaque Martell. Dois pares de patins de gelo Spartak, medida extragrande. Um vidro quebrado de compota de morango francesa. Não importada, devo acrescentar; deve ter sido comprada no estrangeiro.

— Não havia pão, queijo, salsichas?

— Os peixes andaram dentro e fora do saco durante meses. Há vestígios de gordura animal indicando outros alimentos. E também vestígios de tecido humano.

— Arkady, precisa vir agora mesmo, disse Zoya. Parecerá melhor se tivermos uma audiência particular com o juiz. Já falei com ele.

— Estou ocupado, disse Arkady para o telefone, e perguntou: — Impressões digitais?

— Não estava à espera delas, com franqueza, inspetor.

— Agora, insistiu Zoya, — Ou se vai arrepender. Arkady colocou a mão sobre o bocal.

— Desculpe-me, coronel. Dê-me um minuto. Com o relógio na mão para um controle cuidadoso, Lyudin se afastou da mesa com uma corte de assistentes de laboratório à sua volta. Arkady lhe voltou as costa e murmurou: — Em que baseará o seu pedido? Que eu bato? Bebo?

— Para começar... Ouviu a garganta dela se apertar, — Incompatibilidade. Tenho testemunhas. Natasha e o Doutor Schmidt.

— E... Não conseguia coordenar as ideias, — E a sua situação no Partido?

— O Ivan...

— Ivan?

— O Doutor Schmidt diz que ela não será prejudicada.

— Graças aos Céus. Até que ponto é que somos incompatíveis?

— Depende, respondeu Zoya. — Vai lamentar se tivermos de ir para um tribunal público.

— Já lamento. Que mais devo lamentar?

— As suas observações, disse ela suavemente.

— Quais observações?

— As suas observações, toda a sua atitude. Tudo o que diz sobre o Partido. Arkady fitou o telefone. Ao visualizar uma imagem mental de Zoya, lhe ocorreu a do cartaz do pioneiro com o cabelo dourado como milho. Depois uma parede branca. O apartamento saqueado. Cenas mortas, como se o casamento deles tivesse sido devorado durante anos por animais invisíveis e vorazes. Mas isso era pensar como Lyudin, e não havia absolutamente nada que agarrar; as imagens já estavam se misturando, e ele falava para o vazio. Análises de natureza política e irônica morriam todas naquele vazio onde uma pessoa falava com a sua futura ex-mulher.

— Tenho certeza de que o seu futuro não será prejudicado, disse ele, — Só preciso até maio. Mais alguns dias. E desligou. Lyudin bateu palmas.

— Voltemos ao trabalho. A arma deve sair dum banho de ácido antes da Seção de Balística poder disparar uma bala de teste. No entanto, eu posso lhe dizer o seguinte, inspetor: os nossos peritos de munições estão fortemente convencidos de que a arma é uma Mannicher e do mesmo calibre da que disparou as balas fatais no Parque Gorky. Amanhã já poderei lhe dizer o modelo exato. Entretanto, faremos mais do que for humanamente possível. Inspetor Renko, está ouvindo?

* * *

Ao passar por Novokuznetskaya para verificar se havia alguma ligação de Kirwill, Arkady foi apanhado por uma reunião ideológica. Estas eram pouco frequentes e formadas geralmente de um homem que lia em voz alta a primeira página do Pravda, enquanto todos os outros folheavam revistas esportivas. Mas desta vez se tratava dum verdadeiro acontecimento; a sala de interrogatórios do primeiro andar estava cheia de inspetores distritais que escutavam um médico do Instituto Serbsky, que tinha a seu lado Chuchin.

— A psiquiatria soviética está à beira de uma séria ruptura, importante afirmação esta que abrange toda a base das doenças mentais,

dizia o médico. — De há muito que os órgãos da saúde e justiça trabalham separadamente, de uma maneira descoordenada. Hoje, tenho a alegria de dizer, a situação está prestes a se modificar. Parou para colocar uma pastilha na boca e separar os papéis que tinha sobre a mesa: — O instituto descobriu que os criminosos sofrem de uma perturbação psicológica que designamos como pato-heterodoxia. Esta descoberta tem apoio teórico e clínico. Numa sociedade injusta, um homem pode violar as leis por motivos válidos, sociais e econômicos. Numa sociedade justa não existem motivos válidos para além da doença mental. O reconhecimento deste fato protege tanto o criminoso quanto a sociedade cuja lei ele ataca. Oferece ao criminoso o benefício de ser posto em quarentena enquanto a sua doença é tratada por peritos. Assim, podem constatar a importância vital de os inspetores terem uma consciência psicológica elevada para poderem descobrir os sinais sutis da pato-heterodoxia antes que ele, o transviado, tenha oportunidade de violar a lei. É nosso dever proteger a sociedade do mal e salvar um homem doente das consequências dos seus atos. O médico se serviu de ambas as mãos para virar urna nova pagina. — Vocês ficariam admirados com as experiências que estão agora sendo realizadas no Instituto Serbsky. Agora temos provas de que o sistema nervoso de um criminoso difere do de uma pessoa normal. Quando foram levados para a clínica pela primeira vez, diversos indivíduos revelaram comportamentos muito diferentes, fazendo em muitos casos declarações ilógicas mas noutros parecendo tão normais como vocês ou eu. No entanto, todos eles, após um dia numa cela de isolamento, caíam em catatonia. Eu próprio inseri uma agulha a dois centímetros de profundidade na pele dessas personalidades pato-heterodoxas e constatei uma total ausência de dor.

— Onde espetou a agulha? Perguntou Arkady. Tocou um telefone no seu gabinete e Arkady se esgueirou para as escadas. Chuchin falou ao ouvido do médico, que tomou uma nota.

* * *

— Em tempos, quando era nova, tive um gato. Natasha Mikoyan alisou o cobertor de mohair que lhe cobria as pernas. Tão macio, leve como lã, mal se sentiam as suas pequenas costelas. — Eu devia ter sido

gato. Enroscou-se contra as costa do sofá, com o cobertor puxado até ao topo da gola da camisola, os pequenos pés nus sobre as almofadas. Os reposteiros do apartamento estavam corridos e nenhuma luz acesa. Ela tinha o cabelo solto, as madeixas formando vírgulas escuras ao longo do pescoço. Bebia brandy numa xícara esmaltada.

— Disse que queria falar dum crime, disse Arkady. — Que crime?

— O meu, replicou ela de modo possessivo.

— Quem você desconfia que lhe quer matar?

— Misha, é claro! Ela dominou uma risadinha como se ele tivesse feito uma pergunta estúpida. Apesar da fraca iluminação da sala, ele notou algumas mudanças em relação à semana anterior, quando fora jantar lá. Pequenas coisas, um quadro torto, cinzeiros cheios de pontas de cigarros, poeira no ar e um odor a flores que apodrecem. Sobre a mesa, que ficava entre o sofá e a cadeira dele, estava uma carteira; ao seu lado, batom e um espelho, e quando ela se mexeu e o seu joelho tocou a mesa, o batom rolou de um lado para o outro.

— Quando desconfiou pela primeira vez que o Misha queria lhe matar?

— Oh, há anos, acrescentou como se tratasse de uma reflexão antiga. — Pode fumar. Eu sei que gosta de fumar quando está nervoso. Já nos conhecemos há muito tempo, ele concordou e disse.

— Como você pensa que ele vai lhe matar? Procurou um cigarro.

— Mato-me eu. E...

— Isso não é crime, Natasha, é suicídio.

— Sabia que ia dizer isso, mas não é o caso. Eu só sou o instrumento, ele é o criminoso. Ele é advogado, não se arrisca.

— Quer dizer que ele está tentando enlouquecê-la, é isso?

— Se eu estivesse louca, não conseguiria contar o que ele está fazendo. Além disso, ele já tirou a minha vida. Agora só estamos falando de mim.

Ela não parecia doida. Na realidade, o seu tom de voz revelava um ar sonhador e de aparente aquiescência. Agora que pensava no assunto, ele e Natasha tinham sido grandes amigos, mas nunca íntimos.

— Bem, perguntou ele que quer que eu faça por você? Posso falar com o Misha...

— Falar com ele? Quero que o prenda.

— Por que crime? Não mate e não haverá crime nenhum, ele tentou sorrir. Natasha abanou a cabeça:

— Não, não me posso arriscar. Quero que ele seja preso agora, enquanto posso. Seja razoável. Arkady perdeu a paciência.

— Não posso prender ninguém por um crime que não cometeu, especialmente com base na palavra de uma vítima que vai se suicidar.

— Então não é um inspetor muito bom, não é?

— Para que me telefonou? Fale mas é com o seu marido. Ela pôs a cabeça de lado.

— O seu marido! Tem um sabor jurídico muito interessante. Enroscou-se mais na manta. — Acho que você e o Misha formam um só. Ele também pensa o mesmo. Chama-o sempre de o seu "lado bom". Faz todas as coisas que ele desejou fazer; é por isso que lhe admira tanto. Se eu não posso contar ao seu "lado bom" que ele está tentando me matar, então não posso contar a ninguém. Sabe, tenho pensado muitas vezes no motivo por que nunca se interessou por mim quando andávamos na universidade. Eu era muito atraente.

— Ainda é.

— Está interessado agora? Podíamos fazê-lo aqui; não precisávamos de ir para o quarto e prometo que seria inteiramente seguro, sem qualquer perigo. Não? Não se desculpe, por favor; devo dizer que também não estou interessada. O que nos aconteceu? Ela riu. — Para que já nem sequer nos interessemos? Impulsivamente, Arkadyestendeu a mão e pegou na carteira dela, despejando o seu conteúdo, constituído em grande parte por embalagens de Pentalginum, um analgésico composto de codeína e fenobarbital, vendido no balcão, o vício das donas de casa.

— Quanto você toma por dia?

— O modus operandi é que lhe chama a atenção. É muito profissional. Os homens são tão profissionais, tão rápidos nas lavagens de estômago. Mas estou lhe atrapalhando, disse ela com animação, — E você tem os seus mortos em que pensar. Estava só querendo alargar os horizontes. É o único homem que eu conheço que talvez possa me interessar. Agora já pode voltar para o seu trabalho.

— O que vai fazer?

— Oh, ficar aqui deitada como um gato. Arkady se levantou e deu

alguns passos em direção à porta.

— Ouvi dizer que vai depor contra mim no tribunal de divórcios, disse ele.

— Não contra você. A favor de Zoya. Para ser franca, disse Natasha com suavidade, — Nunca os considerei como um casal, nunca!

— Vai ficar bem? Eu preciso ir.

— Ficarei ótima. Ela levou a xícara aos lábios com ar afetado.

Junto do elevador, Arkady se encontrou com Misha, que vinha chegando, corado de confusão.

— Obrigado por ter vindo. Não pude me livrar mais cedo. Misha tentou escapar.

— Espere, talvez seja melhor levá-la a um médico, observou Arkady. — E lhe tire aqueles comprimidos.

— Ela vai ficar boa. Misha recuou para o seu apartamento. — Ela já fez isto outras vezes, vai ficar boa. Porque não se preocupa com os seus assuntos?

* * *

Arkady passou a tarde às voltas com a papelada, verificando o registro de um Zhiguli feito por Hans Unmann e voltando a verificar os vistos de Osborne. O americano viajara de Paris para Leningrado de trem, tendo chegado em 2 de janeiro. Uma viagem daquelas, mesmo na primeira classe, através da França, Alemanha e Polônia, devia ter sido enfadonha, especialmente para um importante homem de negócios como Osborne. Leningrado ficava fechada por mar durante os meses de inverno, e uma busca no aeroporto poderia ter descoberto a Mannicher. Ao fim da tarde, Arkady assistiu à cremação de Pasha PavIovitch, cujo corpo fora finalmente entregue para ser colocado num caixão de pinho e enviado para os bicos de gás. Desordeiros tinham jogado abaixo todas as letras da faixa vermelha com exceção das que formavam a palavra **ESPERANÇA.**

As chaminés da Fábrica Likhachev desapareciam à noite. Na rua as lojas estavam fechadas, a que vendia vodca protegida por um portão. Bêbados lançavam sobre um agente da Milícia insultos obscenos,

obrigando-o a sair do passeio para o meio da rua em busca de um carro-patrulha. Arkady entrou na lanchonete onde se encontrara anteriormente com Swan. Os clientes se amontoavam à volta de mesas redondas, mãos honestas agarradas às suas garrafas, casacos embebidos de transpirarão nas costa das cadeiras, cebolas cruas e facas nos pratos. A distração ilegal dum aparelho de televisão estava patente no balcão do bar: O Dínamo contra o Odessa. Arkady foi direito aos sanitários, onde Kirwill urinava no buraco destinado a tal. Vestia um casaco de couro e um boné de fazenda. Apesar da fraca iluminação, Arkady distinguiu no rosto de Kirwill, além da habitual expressão tensa e perigosa, uma barba crescida.

— Está bem-disposto? Perguntou Arkady.

— Pisando o mijo dos outros? Com certeza. Puxou o fecho das calças. — Você se atrasou.

— Desculpe. Arkady tornou o lugar no buraco, se mantendo a um metro de distância e fora da poça. Pensou quanto Kirwill teria já bebido.

— Confirmou a Mannicher?

— Parece que sim. Que diabo você andou fazendo hoje? Aperfeiçoando a sua pontaria? Podia fazer melhor. Olhou para os sapatos de Kirwill.

Foram para uma mesa que Kirwill tinha reservado num canto. No meio da mesa havia uma garrafa de vodca meio vazia.

— Renko, você costuma beber? Arkady pensou em se retirar. Kirwill já era suficientemente imprevisível quando estava sóbrio, e Arkady ouvira sempre dizer que os americanos não aguentavam a bebida. Mas Swan ia chegar e ele não queria perdê-lo. — Que diz, Renko? Mais tarde podemos fazer um concurso de quem mija melhor: distância, tempo, pontaria e estilo. Dou-lhe vantagem. A primeira partida. Não chega? Sem mãos?

— Você é mesmo oficial da polícia?

— O único que vejo aqui. Então, eu é que pago.

— Você gosta de insultar, não gosta?

— Quando me sinto inspirado. Ou prefere que eu o esmurre como fiz da outra vez? Kirwill se recostou na cadeira, cruzou os braços e

olhou à sua volta com ar de quem admira. — Bonito lugar. O seu olhar voltou a pousar em Arkady e afetou um ar contrito infantil. — Eu disse que era um bonito lugar. Arkady foi até ao balcão e regressou com uma garrafa e um copo para si. Colocou dois fósforos na mesa entre a sua garrafa e a de Kirwill, partiu um deles ao meio, encobriu com a mão os dois de modo a que só as extremidades dos mesmos ficassem à vista e disse:

— O que tiver o fósforo mais curto oferece da sua garrafa. Franzindo a testa, Kirwill tirou um. O fósforo mais curto.

— Merda!

— Bom russo, mas expressão errada. Arkady observou Kirwill enquanto ele servia a bebida. — Devia cortar o cabelo mais rente aos lados. Não ponha os pés na cadeira. Só os americanos o fazem.

— Oh, estou vendo que vamos trabalhar bem juntos. Kirwill esvaziou o copo duma vez só, com a cabeça jogada para trás, tal como Arkady. Voltaram a tirar fósforos e uma vez mais Kirwill perdeu.

— Maldita etiqueta do Lumpenproletariat. (A parte mais desprezível do proletariado). Muito bom, Renko. Porque não me conta o que tem andado fazendo além de deixar o sangue descer da cabeça para o cu? Arkady não tencionava lhe falar de Osborne e também não queria que ele fosse atrás de Irina Asanova, por isso lhe falou na reconstituição do crânio da jovem morta. — Maravilhoso, disse Kirwill quando Arkady terminou. — Estou lidando com um louco! Um rosto a partir dum crânio? Cristo! Bom, é fascinante, como se estivéssemos assistindo as técnicas policiais da Roma antiga. O que se segue: ler nas entranhas das aves, ou tirar a sorte nos ossos? Restaurar ícones, era isso que Jimmy fazia. Até nas suas notas há uma referência a uma arca de ícones. Para ser comprada ou roubada, não restaurada. Kirwill coçou o queixo e o peito; depois a sua mão foi até ao bolso do casaco, donde tirou um postal que mostrou a Arkady. No lado em branco havia uma curta discrição de uma “Arca religiosa, Catedral de Arcângel, Kremlin”. O outro lado mostrava uma fotografia a cores de uma arca dourada com cálices sacramentais de cristal e ouro. Nos lados da arca se viam painéis com ícones representando uma batalha entre anjos brancos e pretos. — Que idade é que lhe dá, inspetor?

— Entre quatrocentos e quinhentos anos, calculou Arkady.

— Experimente 1920. Foi quando a catedral e tudo que lá estava

dentro foi renovado, camarada. Quem disse que Lênin não tinha gosto? Mas estou me referindo só à armação da arca. Os painéis são originais. Seriam vendidos em conjunto por cem mil dólares ou mais em Nova lorque. É o que acontece em geral; estão sempre saindo painéis daqui, mas às vezes não saem como ícones. Um negociante exportará talvez uma arca medíocre, na qual incorpora ícones mas de forma a oferecer um mau aspecto. Por isso passei o dia seguindo esta minha brilhante ideia por todos os raios de embaixadas da cidade, tentando descobrir quem exportara ícones, ou uma arca, ou um banco com ícones nos últimos seis meses. Nada. Voltei à Embaixada americana, ao adido político, que é o chefe local da CIA, mas incapaz de encontrar o seu olho do cu com um espelho, para lhe ouvir dizer em segredo que introduzir clandestinamente um ícone era só um subterfúgio contra a inflação. Uma pessoa pode até conseguir uma hérnia se tentar erguer um saco de correio diplomático... Simplesmente, não são permitidos comerciantes particulares. Depois compreendi, é claro, que não se podem fazer restaurações sem ouro, e não se pode comprar nem roubar ouro neste país, por isso a ideia saiu pela janela e, cheio de sede, cambaleei até esta latrina que você tão astuciosamente escolheu para nosso ponto de encontro.

— Kostia Borodin conseguia, observou Arkady.

— Comprar ouro aqui?

— Roubar ouro na Sibéria. Mas não seria muito óbvio incorporar ícones velhos numa arca nova?

— Dão-lhe uma pátina. Raspam um pouco de ouro para ficar à vista em alguns pontos a camada vermelha da pintura primitiva. Esfregam-na com terra. Mande um detetive a todas as lojas de artigos de arte da cidade verificar se alguém comprou madeira da Annénia, gesso, gelatina, crê, grude, gaze, lixa extrafina, camurça...

— Você parece ter experiência. Arkady fez uma lista.

— Qualquer policial de Nova lorque sabe isso. E também algodão, álcool, furadores e um brunidor. Kirwill voltou a encher o seu copo enquanto Arkady escrevia. — É de admirar que não tenha encontrado pelos de zibelina nas roupas de Jimmy.

— Zibelina? Porquê?

— É a única espécie de pincel para dourar, um pincel de zibelina vermelha. Que diabo vem a ser isto?

Swan chegara acompanhado por um cigano, um homem de idade com cara de macaco velho, mirrado e vivo, um chapéu disforme sobre caracóis grisalhos, um lenço sujo amarrado no pescoço. Em todas as sondagens estatísticas feitas na União Soviética nunca havia desempregados a não serem os ciganos. Apesar dos esforços feitos para lhes melhorar a situação ou correr com eles, todos os domingos podiam ser vistos vendendo amuletos no mercado dos camponeses, e todas as primaveras nos parques da cidade, como se surgissem do solo, com bebês morenos pendurados nos seios das mães, pedindo esmola.

— As pessoas não compram artigos de pintura nas lojas de arte, explicou Arkady a Kirwill. — Compram-nos em mercados de segunda mão, nas esquinas das ruas, no apartamento de alguém.

— Ele diz que ouviu falar de um siberiano que tinha ouro em pó para vender, Swan apontou para o cigano.

— E peles de zibelina, ouvi eu. O cigano tinha uma voz rouca. — Quinhentos rublos por uma única pele.

— Pode se comprar seja o que for à esquina da rua certa, explicou Arkady a Kirwill, mas olhou para o cigano.

— Seja o que for, concordou o cigano.

— Até pessoas, disse Arkady.

— Como o juiz que vai morrer de câncer mandou o meu filho para uma penitenciária? O juiz pensou por acaso nas crianças que o meu filho deixou?

— Quantas crianças deixou o seu filho? Perguntou Arkady.

— Bebês. A garganta do cigano se estrangulou, visivelmente inchada pela comoção. Torceu-se na cadeira para cuspir no chão e limpou a boca à manga. — Dez bebês. Os bêbados na mesa mais próxima entoavam uma canção acerca do amor, braços por cima dos ombros uns dos outros, as cabeças balançando. O cigano meneou os quadris e lambeu os lábios de modo sugestivo.

— A mãe deles é muito bonita, sussurrou ele a Arkady.

— Quatro bebês.

— Oito é a última palavra...

— Seis. Arkady pôs seis rublos na mesa. — Dez vezes isto se você descobrir onde moravam os siberianos. Dirigiu-se a Swan. — Estava

com eles um tipo magricela e de cabelo ruivo. Desapareceram todos em princípios de fevereiro. Copiou a lista dos artigos de arte e deu uma cópia ao cigano. — Eles precisavam comprar os seus materiais de alguém. Viviam provavelmente nos arredores da cidade, não no centro. Não deviam querer muitos vizinhos à volta do seu esconderijo.

— Você vai ser um homem de sorte. O cigano enfiou o dinheiro no bolso, — Como o seu pai. O general era muito generoso. Sabe que nós seguimos as suas tropas até à Alemanha? Ele deixava sempre boas sobras. Não era como alguns. Swan e o cigano partiram no momento em que o Odessa acabava de marcar um gol, na televisão do bar. O goleiro do Dínamo, Pilgui, estava de mãos nos quadris como se estivesse vigiando um campo vazio.

— Os ciganos sabem descobrir coisas, observou Arkady.

— Tenho de fazer o mesmo com os meus informantes, não se preocupe, retorquiu Kirwill. — Escolha um fósforo. Arkady perdeu e serviu.

— Sabe, Kirwill pegou no seu copo, — Houve aqui há anos um caso no Parque Tuxedo em que reconstituíram pedaços do rosto duma jovem para identificação. E há um tipo na sala do médico legista de Nova lorque que trabalha na reconstituição de rostos, em especial relacionados com desastres de aviação. Ele retira os ossos e remodela a pele. Calculo que se possa fazer o inverso. Ao seu detetive morto?

— Certo. A Pasha. Beberam, tiraram à sorte nos fósforos e beberam mais. Arkady sentiu a vodca correndo do estômago para os membros. Kirwill, constatava-o com prazer, não apresentava nenhum dos temidos sinais de paralisia do álcool; com efeito confortavelmente instalados na cadeira, o copo numa mão, apresentava todos os sinais de um bebedor consumado. Fazia lembrar a Arkady um corredor de fundo que acabava de encontrar o seu ritmo, ou uma barcaça galgando pachorrentamente o bojo de uma onda. O fedor daquele lugar teria afugentado qualquer moscovita culto. Era preferível estar morto nos degraus do Bolshoi do que vivo num bar de trabalhadores. Mas Kirwill parecia inteiramente à vontade.

— É verdade, essa do general Renko? Perguntou ele. O carniceiro da Ucrânia era seu pai? Essa é uma importante nota de rodapé, como nós lhe chamamos. Como é que isso me escapou? Arkady ficou à espera dum insulto no rosto largo e rosado. Kirwill mostrava apenas

curiosidade, até mesmo um interesse amistoso.

— Fácil para si, respondeu Arkady, — Muito difícil para mim.

— Sim. Porque não fez carreira no Exército? Como filho do carniceiro da Ucrânia, já devia ter agora uma estrela. O que é você, um fracassado?

— Além de incompetente, você quer dizer?

— Sim. Kirwill riu; — Além disso. Arkady meditou no assunto. Aquele era um tipo de humor a que não estava habituado e queria escolher a resposta certa.

— A minha "incompetência" é puramente uma questão de treino; ser um "fracassado", como você lhe chamou, é o meu próprio talento. E, repito, é muito difícil. O general comandava tanques na Ucrânia. Metade do atual estado-maior comandou tanques na Ucrânia. O comissário político para essa campanha era Khruchtchev. Formavam um grupo de elite: futuros secretários do Partido e marechais. Por isso fui mandado para as boas escolas, tive os melhores professores, os melhores protetores do Partido. Se tivessem promovido o general a marechal não teria escapado. Neste momento teria a minha própria base de mísseis na Moldávia.

— E a Marinha?

— Ser um desses janotas com cordões e adaga de cerimônia? Não, obrigado. De qualquer modo, ele não foi promovido a marechal. Ele era o "Braço de Stálin"! Quando Stálin morreu mais ninguém podia confiar nele. Marechal do Exército? Nunca.

— Mataram-no?

— Reformaram-no. E permitiram-me que degenerasse no inspetor que sou hoje. Escolha um fósforo.

— A coisa engraçada, Kirwill escolheu o fósforo curto e serviu vodca; — Qual será a razão que leva as pessoas nos perguntarem porque nos tomámos policiais? Há três profissões a quem se fez sempre essa pergunta: padres, prostitutas e policiais. As profissões mais necessárias do mundo, mas as pessoas sempre perguntam. A não ser que se trate de irlandeses.

— Porquê?

— Quando se é irlandês, se nasce dentro da Sociedade do Santo Nome, e só se pode escolher dois ramos: a Polícia ou a Igreja.

— O "Santo Nome"? O que é isso?

— É a vida simples.

— Simples até que ponto?

— As mulheres ou são santas ou são putas. Os comunistas são judeus. Os padres irlandeses bebem; o resto são pederastas. Os pretos são tarados sexuais. O melhor livro que jamais se escreveu foi O Décimo Terceiro, o Maior de Todos os Séculos, da autoria de John J. Walsh, lhe dirão as freiras. Hoover era pederasta, Hitler sofria de priapismo. Um promotor lhe mija no bolso e dirá que está chovendo. Estes são os fatos da vida e as regras de ouro; o resto é merda de cavalo, Julga que eu sou um filho da mãe ignorante, não é? O desprezo que se refletia no rosto de Kirwill não enganava. O ar amistoso que estivera lá desaparecera. Arkady não fizera nada para provocar o aparecimento duma expressão ou desaparecimento de outra. Não tinha mais influência sobre Kirwill do que teria sobre a súbita alteração do movimento dum navio ou sobre a mudança de aspecto de um planeta. Kirwill se inclinou sobre a mesa, envolvendo-a com os braços, de olhos brilhantes.

— Não sou assim tão ignorante. Conheço os Russos. Fui educado por russos. Todos os malditos russos que Stálin afugentou deste país de merda viveram na minha casa.

— Ouvi dizer que os seus pais eram radicais, disse Arkady cuidadosamente.

— Radicais? Vermelhos fodidos. Católicos irlandeses vermelhos. O Grande Jim e Edna Kirwill, é claro que deve ter ouvido falar deles. Arkady olhou à sua volta. Todos os outros ocupantes do bar estavam embriagadamente atentos à televisão. O Odessa marcara de novo e os que podiam assobiaram. Um aperto doloroso no pulso de Arkady obrigou-o a voltar a cabeça.

— O Grande Jim e a Edna, corações sangrando pelo mundo russo. Anarquistas, bolcheviques, fosse o que fosse, desde que fosse russo e louco, tinham um lar na cidade de Nova lorque, a nossa casa. Quando mais ninguém quisesse ficar com eles. Um benefício permanente para vermelhos destituídos. Digo-lhe uma coisa, os anarquistas davam os melhores mecânicos de automóveis. Tinham um sentido mecânico muito apurado, os anarquistas, talvez devido à prática de fabricarem bombas.

— A esquerda americana parece ter uma história muito interessante... Começou Arkady.

— Não me venha com essa da esquerda americana, que eu lhe digo

o que foi o raio da esquerda americana. Um débil movimento católico-marxista, com todas as suas revistas com nomes bonitos como Trabalho, Veneração, Pensamento, como se algum deles trabalhasse mais do que erguer um cálice de Xerez ou dar um peido, ou então com nomes piegas como Orate Frates ou A Revista Gregoriana. A Revista Gregoriana, gosto disso! Um vagabundozinho monástico brigando aos socos com o irmão Marx. Simplesmente nunca se viam quando havia pancadaria e os policiais que as aplicavam apareciam pela igreja para fazerem benzer os seus cassetetes. Os padres eram piores que os policiais. Que raio, o papa era fascista. Na América, para se ser príncipe da Igreja tem de se ser mau, ignorante e irlandês, pronto. Bata na cabeça de Edna Kirwill, e ela tinha só um metro e meio, e o seu filho é logo crismado na Igreja de Saint Patrick. Porquê? Porque durante vinte anos a Estrela Vermelha era o único jornal católico com tomates para se intitular a si próprio comunista. Abertamente. Era assim que o Grande Jim fazia as coisas. Ele vinha duma velha família do IRA, com um físico semelhante ao de um carro de cerveja, duas mãos que cobriam esta mesa, Kirwill estendeu as suas mãos enormes, e muito educado para seu próprio bem. Edna era renda irlandesa. A família dela tinha uma destilaria e ela estava destinada a ser a freira da família. Foi por isso que o Grande Jim e a Edna nunca foram excomungados, porque o pai dela estava sempre comprando propriedades para a Igreja, três no alto Hudson e uma na Irlanda. Claro que nós também tínhamos as nossas propriedades, Joe Hill House, Maryfarm, e profundas conversas intelectuais à volta da lareira. De Chardin era um capitalista de armário, sim ou não? Deveríamos boicotar o filme O Bom Pastor? Oh, nós éramos monges de fim-de-semana. Fazíamos a Glória com tantãs, vitrais e ícones dourados. Todos nós tresandávamos a irmandade até a guerra terminar e ter começado o julgamento de Rosenberg. Nessa altura todos os monges puxaram os capuzes e os hábitos para cima da cabeça e do cu e correram para se esconder, com exceção do Grande Jim e de Edna e dos mesmos miseráveis russos com que tínhamos começado, o que não foi nada bom para nós com o McCarthy e o FBI postados à nossa porta. Eu andava matando chineses na Coréia quando Jimmy nasceu. Foi uma brincadeira da família. Hoover tinha obrigado de tal maneira o Grande Jim e Edna a ficarem em casa que eles tinham recomeçado a fornicar. O Dínamo marcou finalmente, provocando roucos aplausos em todo o bar. —

Depois tive uma licença especial para voltar para casa devido à morte deles. Um suicídio duplo, morfina, a única maneira decente de se partir. Em dez de março de 1953, cinco dias depois de Stálin, quando a União Soviética ia se erguer da confusão e iluminar o caminho para uma Jerusalém socialista. Apenas isso não ia acontecer; era a mesma velha malta de carniceiros governando a mesma velha banheira de sangue, e Grande Jim e Edna morreram de simples desapontamento. No entanto, o funeral foi uma merda. Os socialistas não apareceram porque Grande Jim e Edna eram comunistas; os católicos não apareceram porque o suicídio é um pecado; os comunistas não apareceram porque Grande Jim e Edna aplaudiam o Tio Joe. Portanto, era só o FBI, o Jimmy e eu. Cerca de cinco anos mais tarde, alguém da Embaixada soviética apareceu a perguntar se queríamos que Grande Jim e Edna fossem trasladados para a Rússia. Não arranjavam lugar no Mausoléu do Kremlin, nada tão fantástico como isso, mas um lugar agradável em Moscou. Onde eu quero chegar com toda esta conversa enquanto você me olha como se tivesse um ovo entre as bochechas, onde eu quero chegar é que eu conheço-o a si e ao seu povo. Alguém nesta cidade matou o meu irmão. Você alinha comigo agora, mas algures ao longo do caminho, porque quer matar o tipo que matou o seu detetive, ou por ordem do seu chefe, ou porque é o tipo que anda fodendo tudo, vai me trair e deixar com uma corda no pescoço. E só quero que saiba que quando se decidir a fazê-lo eu caçá-lo-ei antes. Só quero que fique sabendo.

* * *

Arkady dirigiu sem rumo. Não estava bêbado. Ter estado na companhia de Kirwill fora como estar sentado diante da boca duma fornalha que queimava vodca e produzia uma energia fútil. Quarteirão sim, quarteirão não, estavam sendo colocadas bandeiras vermelhas debaixo de projetores. Caminhões de lixo semelhantes a caracóis seguiam junto das sarjetas. Moscou caminhava entorpecidamente para o Primeiro de Maio. Finalmente com fome, parou para comer qualquer coisa na Petrovka. A lanchonete da Milícia estava vazia, com exceção de uma mesa com jovens da sala dos alarmes particulares. Certas pessoas pagavam uns tantos rublos por mês para terem alarmes especiais contra ladrões. As jovens estavam mortas de sono, com a cabeça apoiada nos

antebraços. Arkady colocou moedas numa máquina para pãezinhos e chá, comeu um pãozinho e deixou o resto. Tinha a sensação de que estava para acontecer qualquer coisa, mas não sabia nem o quê nem onde. Nos corredores os seus passos ecoavam à sua frente como se fossem de um outro homem.

A maior parte dos funcionários do turno da noite andava fora fazendo o trabalho anual de limpar a cidade de bêbados antes do Primeiro de Maio; por outro lado, em Primeiro de Maio ere patriótico se ficar bêbado. O momento certo é que era tudo. Os radicais de Kirwill, fantasmas de uma obscura cronologia de paixões funestas que Arkady duvidava que os próprios americanos conhecessem ou por ela se interessassem..., o que tinham a ver com o crime em Moscou? Na sala de comunicações, dois sargentos de colarinhos abertos datilografavam mensagens de rádio truncadas, lixo invisível do mundo exterior. Embora o mapa da cidade não estivesse iluminado, Arkady ficou olhando para ele por instantes. Dirigiu-se à sala dos detetives. Um homem, sozinho, estava passando à máquina transcrições do tribunal. As atas dos julgamentos eram escritas à mão e depois copiadas à máquina para os arquivos. Boletins nas paredes exortavam “Vigilância para uma semana gloriosa” e convidavam “Grupos de esqui para o Cáucaso”. Sentou-se a uma mesa e ligou para a Central dos Telégrafos e Telefones. Ao obter uma resposta, depois de o telefone ter tocado vinte vezes, se informou acerca das ligações feitas de telefones públicos à volta do apartamento de Irina Asanova. Uma voz espessa de sono respondeu:

— Inspetor, eu lhe mando uma lista de manhã. Não lhe vou ler agora uma centena de números de telefone.

— Alguma ligação de telefones públicos para o Hotel Rossiya? Perguntou Arkady.

— Não.

— Espere. A sala tinha uma única lista telefónica. Arkady folheou as páginas “R” até chegar ao Rossiya. — Alguma ligação para 45-77-02? Houve um ronco de enfado na outra extremidade da linha, seguido dum longo silêncio até a voz voltar de novo.

— As dez e vinte foi feita uma ligação do telefone público 90-28-25 para 45-77-02.

— Duração?

— Um minuto. Arkady desligou, discou o número do Rossiya e pediu para falar com Osborne. O Sr. Osborne não se encontrava no seu quarto, disse o empregado. Osborne ia se encontrar com Irina Asanova.

Na garagem, Arkady correu para o seu automóvel e se dirigiu à Rua Petrovka. Havia pouco trânsito. “Partindo do princípio de que ela falara com Osborne”, pensou Arkady, então fora de iniciativa dela, talvez mesmo com insistência. Um minuto era o tempo mais do que necessário para mencionar simplesmente um local de encontro; ela sugerira um. Onde? Não no quarto de Osborne, e também não num local que ele ficasse deslocado ou desse nas vistas. Num automóvel, não poderia atrair as atenções da Milícia, e se não fosse num carro, então Osborne não a levaria para casa. Os transportes públicos paravam à meia-noite e trinta. O relógio de Arkady marcava meia-noite e dez. A verdade é que ele não sabia se eles iam se encontrar, onde ou quando. Podia tentar o mais lógico. Voltou para a Praça da Revolução, desligou o motor e deslizou até parar num local escuro no intervalo de dois postes de luz. Aquela era a estação de metrô mais próxima do Rossiya e também uma linha direta para os locais dela. Um carro de emergência da Milícia passou rapidamente, com a luz do teto piscando, sem sirene. Pela primeira vez Arkady lamentou a ausência de rádio no seu carro. Sentiu o coração bater mais forte. A sua excitação lhe dizia que estava certo.

A Praça da Revolução dava a norte para a Praça SverdIov e a sul para a Praça Vermelha. Ele se pôs a vigiar os vultos que vinham do clarão desta última, uma neblina brilhante como cristais de neve que passava diante da gigantesca frontaria do GUM, o Armazém Universal do Governo. Mas se ouviam passos de todos os lados, atraindo o seu olhar para várias direções. Entre todos esses passos, uns lentos, outros rápidos para irem apanhar o metrô, ele distinguiu o som das passadas dela. Irina Asanova apareceu na esquina do armazém, de mãos nos bolsos do casaco, o comprido cabelo esvoaçando como uma bandeira. Passou as portas de vidro da estação do metrô mesmo em frente do carro de Arkady. Ele viu dois homens, um de cada lado da entrada, começarem a segui-la. No interior da estação, Irina tinha os seus cinco copeques preparados. Quando entrou, Arkady teve de conseguir troco

numa máquina. Ao chegar à escada rolante descendente ela já ia longe, com os dois homens, em quem ainda não tinha reparado. Eles iam de sobretudo e chapéu, a sua aparência era vulgar, igual à das pessoas que se encontravam de três em três ou de quatro em quatro degraus de uma escada rolante que desce duzentos metros abaixo do nível da cidade, a profundidade de um abrigo antibombas. Nessa altura era um local propício aos romances; havia vários casais, os homens num degrau abaixo das mulheres em cujos peitos descansavam a cabeça. Impassíveis como se fossem almofadas, as mulheres olhavam em frente para o teto, lançando um olhar ciumento quando Irina passou por elas. Os dois homens de sobretudo passaram também, empurrando, sempre atrás dela, e Arkady fez o mesmo quando chegou a sua vez.

Quando a escada chegou ao fim, Irina desapareceu, assim como os dois homens. Os corredores para a estação inferior tinham pavimentos de mármore, candelabros de cristal, paredes encurvadas de mosaicos, painéis revolucionários de pedras das cores da carne, das armas e do fogo, que abafam os apitos e a trepidação de trens invisíveis. Arkady passou, correndo, por dois pequenos soldados mongóis arrastando uma pesada mala e por um mosaico de Lênin falando aos bolcheviques. Um músico, de sapatos brilhantes, seguia junto de Lênin, que incitava operários de fábricas. Pares cansados se arrastavam junto do painel de Lênin debruçado sobre um manifesto. Arkady não via Irina Asanova e não conseguia ouvir o eco dos seus passos devido à corrida. Ela desaparecera completamente. Ao fim do corredor, arcos baixos levavam a uma plataforma destinada aos passageiros. Uma composição ia partir, estranhos seguiam por detrás do aço e vidro, velhos e veteranos se instalavam nos lugares que lhes eram destinados, os amantes ousavam se balançar juntos, depois tudo se reduziu a uma mancha e a duas luzes vermelhas no túnel. Arkady não pensava que ela estivesse no metrô, mas não tinha certeza. Por cima da linha os algarismos iluminados de um grande relógio digital mudaram de 2.59 para 0.00 e recomeçaram a contagem. Durante as horas de rush, o intervalo entre os trens não ultrapassava um minuto, por isso havia sempre um estremecer surdo e insistente nos túneis. A noite, mesmo perto do fim do serviço, nenhuma composição partia mais de três minutos após o anterior. As encarregadas de plataforma, robustas avós de uniformes azuis, bandeiras de metal na

mão, faziam a ronda dos bancos e murmuravam aos namorados relutantes: “Está chegando o último metrô... O último metrô.”. Arkady perguntou por uma jovem alta, nova e bonita, com cabelo castanho comprido, e a empregada, sem compreender, abanou a cabeça com ar compungido.

Ele se precipitou para o corredor de acesso à plataforma oposta, que iam na outra direção. Os passageiros que lá se encontravam eram um espelho daqueles que acabara de deixar, com exceção dos soldados mongóis, que estavam sentados em cima da mala como um par de bonecos à espera de serem comprados. Arkady deixou as plataformas e regressou ao corredor, voltando a entrar no brilho dos mosaicos revolucionários, acompanhando os últimos noctívagos que corriam. Tinha certeza de que não passara por ela. Uma mulher da limpeza estava ajoelhada junto de um balde com amônia esfregando o pavimento de mármore. Lênin dissera que usaria ouro nas canalizações; mármore no metrô era bastante aproximado. A cabeça da mulher acompanhava a rotação da mão. Ao longo de todo o corredor Lênin inspirava, repreendia, meditava em bandas desenhadas de pedra. Entre os painéis de mosaicos de um dos lados havia três portas. Os candelabros piscavam, prevenindo que a próxima composição seria a última da noite. Nos instantes alternados de claridade e escuridão Lênins surgiam e desapareciam. Arkady abriu uma porta marcada com uma cruz vermelha e encontrou um armário com garrafas de oxigênio, extintores, ataduras e macas. Uma porta marcada com **ENTRADA PROIBIDA** estava fechada à chave. A segunda porta marcada da mesma forma se abriu com facilidade e ele entrou. Deu consigo num compartimento do tamanho da cabine de uma locomotiva. Uma lâmpada vermelha se refletia nos mostradores de uma série de instrumentos de um quadro elétrico. Noutro lado havia uma quantidade de corta-circuitos e marcas a giz. Do chão apanhou o que lhe pareceu ser um trapo. Era um lenço, preto à luz da lâmpada. Numa porta de ferro estava escrito **PERIGO**. Arkady abriu-a e entrou no túnel. Encontrava-se num passadiço de ferro, um metro e meio acima da linha. Havia uma claridade acinzentada proveniente da luz que se escoava da plataforma de embarque distante. Irina Asanova estava deitada na linha imediatamente abaixo, de olhos e boca aberta, enquanto um homem de sobretudo lhe arrumava as pernas. O outro homem que

estava no passadiço brandiu uma matraca contra Arkady. Arkady apanhou duas pancadas seguidas no braço e sentiu um adormecimento quente do cotovelo para baixo. No entanto, aprendera alguma coisa com Kirwill no Parque Gorky. Quando o outro homem recuou para lhe desfechar um novo golpe direto ao crânio, Arkady lançou o pé contra a área maior e mais vulnerável entre as pernas do adversário. O homem se dobrou como uma cadeira e deixou cair a arma. Arkady apanhou-a e, se voltando de seguida, socou violentamente a cabeça do homem, atirando-a para trás. O homem se sentou no passadiço com uma mão no ventre e com a outra aguentando o jorro de sangue escuro do nariz.

Arkady olhou para o fundo do túnel para o distante relógio da plataforma admirado por ver tão nitidamente 2.27. O homem que estava na linha observava a luta travada por cima dele com o desânimo de um patrão cujo empregado é desfeiteado por um cliente arrogante. O seu rosto era uma teia de cicatrizes; um rosto de profissional. Os seus olhinhos miravam por cima de uma TK de cano curto, a pistola de bolso da KGB, apontada ao peito de Arkady. Irina não se movia. Arkady não sabia dizer se estava viva.

— Isso não, disse Arkady, e olhou de novo para a plataforma dos passageiros. — Eles ouvirão. O homem que estava na linha fez um aceno e enfiou a arma no bolso do casaco, depois olhou para o relógio da plataforma e se voltou de novo para Arkady com uma sugestão razoável.

— Tarde demais. Vá embora.

— Não.

Pelo menos, Arkady pensara que poderia-evitar que o homem saísse da linha e subisse para o passadiço, mas, com um salto, aquele colocou as mãos na balaustrada e se ergueu atleticamente até ao nível de Arkady. Arkady fez rodopiar a matraca, a sua arma recém-adquirida, não atingindo nada além do sobretudo do desconhecido até este lhe atirar um pontapé, passar por cima do seu colega caído e avançar em passos firmes e mecânicos enquanto Arkady recuava. Arkady apanhou outro pontapé no estômago quando, em pânico, protegia o seu peito ainda sensível; depois, mais outro se seguiu, que lhe provocou um

gemido profundo. O rosto profissional do agressor buscou um ponto fraco, tal como um médico procura uma veia. Aqui? Ali? As suas mãos e pés não eram tão duros como os de Kirwill e não se retirava com a mesma presteza. Arkady largou a matraca, aguentou o pontapé seguinte e lhe puxou a perna. O homem se agarrou à balaustrada do passadiço para se equilibrar, permitindo que Arkady lhe desfechasse um murro. Um segundo soco, mais bem dirigido ao coração, atirou o homem no chão. Sem uma queixa, se levantou, agarrou Arkady, tentando primeiro lhe dar uma cabeçada e depois enfiar um dedo num olho. Enquanto Arkady se libertava, galgaram a balaustrada e caíram na linha. Arkady ficou por cima do outro mas sentiu qualquer coisa tocar no seu cinto. Erguendo-se, deu por uma faca saindo do bolso do sobretudo do homem. Este se libertou e empurrou o que era uma navalha de ponta e mola, que segurava com o polegar em cima e a lâmina horizontal. Agora de cabeça descoberta, expondo uma linha de cabelo acentuadamente em V, revelou pela primeira vez um empenho pessoal no seu trabalho. A navalha descreveu um círculo e avançou, primeiro numa finta aos olhos, depois diretamente ao corpo. A lâmina brilhou, depois bateu num trilho para produzir mais efeito. Arkady recuou, tombando por cima de Irina.

Extraordinariamente, à medida que o homem se ia aproximando com a navalha, os seus olhos tomavam reflexos alaranjados, olhos brilhantes de borboleta como se fossem iluminados de dentro. Os trilhos vibraram debaixo das costas de Arkady. Fazendo alarde de grande destreza, o homem fechou a navalha, apanhou o chapéu e rastejou para o passadiço. Arkady viu os números na plataforma distante mudarem de 2.49 para 2.50 e se voltou para o brilho de dois faróis verticais. Formaram-se círculos luminosos nas paredes do túnel. Sentiu vento, ar projetado à frente do trem, e o chiar dos trilhos. As mãos de Irina estavam flácidas e quentes. Pegou no seu corpo e voltou as costas ao trem para não ficar cego. Nunca fora apanhado por um jorro de luz tão intensa. A menor partícula de poeira se tornava visível. Os braços dela tombavam adormecidos e ele cambaleou. Um guincho de freios se fez ouvir num máximo de histeria metálica, depois se extinguiu rapidamente enquanto ele passou. Arkady empurrou Irina para cima do passadiço e se encostou à parede.

* * *

Mal Levin abriu a porta do seu apartamento, Arkady transportou Irina para um sofá forrado de plástico.

— Levou uma pancada na cabeça e lhe deram uma injeção de qualquer coisa, não tive tempo de ver, disse ele.

— Parece muito quente. Levin estava de roupão, chinelos e calças de pijama, que deixavam ver canelas tão afiladas quanto o seu nariz. Era notório que hesitava entre mandar Arkady embora ou não.

— Não fui seguido, afirmou Arkady.

— Não julgue mal de mim. Levin tomou a sua decisão, tirou o roupão, se sentou e viu a temperatura de Irina. O rosto dela estava corado e frouxo, o seu casaco Afghan finalmente reduzido a pelos e remendos, de que aliás era feito. Arkady se sentiu envergonhado por ela; não pensara ainda na sua aparência. Levin levantou o antebraço direito de Irina para mostrar a coloração provocado pela picada da agulha. — Injeções. Sulfazina, provavelmente, devido à temperatura. Um trabalho grosseiro.

— Provavelmente ela se debatia.

— Claro. O tom de Levin sublinhava a idiotice da observação.

Acendeu um fósforo e passou-o lentamente diante dos olhos dela, tapando primeiro um e depois o outro. Arkady estava ainda sob o abalo causado pelo susto da morte iminente. A composição parara a curta distância da plataforma, e quando os maquinistas a alcançaram e o pessoal da mesma chamou a Milícia, Arkady já tinha transportado Irina da estação para o seu carro. Escapara era a palavra certa; a palavra se agitava dentro de si como um pêndulo sem controle. Porque um inspetor-chef precisaria fugir da Milícia? E porque uma jovem inconsciente havia de parecer tão perigosa a Levin? Era um país maravilhoso este onde toda a gente compreendia tão bem o que estava oculto. Levou algum tempo observando o apartamento de Levin. Era a primeira vez que ia lá. Em vez de bugigangas, as prateleiras e as mesas estavam cheias de figuras em tabuleiros de xadrez de marfim, teca e vidro colorido; cada tabuleiro apresentava um jogo em decurso. Em lugar das habituais babuchkas pregadas à parede, se viam fotografias de

Lasker, Tal, Botvinnik, Spassky e Fischer, todos mestres do xadrez, todos judeus.

— Se você tivesse algum juízo levava-a de novo para o local onde a encontrou, disse Levin. Arkady abanou a cabeça. — Então precisa me ajudar, retorquiu Levin.

Levaram-na para a cama de Levin, um simples catre de ferro. Arkady lhe tirou as botas e ajudou Levin a despir o vestido e roupas interiores. Cada peça estava alagada de transpirarão. Arkady pensou quantas vezes ele e Levin tinham estado junto de corpos brancos, frios e rígidos. Junto de Irina, Levin estava hesitante, pouco à vontade. Arkady nunca o vira tão humano; ficava nervoso junto dos vivos. Porque Irina Asanova estava bem viva, isso era impossível negar. Em coma, mas nada fria. Apresentava um tom rosado e febril. Mais magra do que Arkady esperava, se faziam notar nela as costelas por baixo dos seios pesados, de auréolas oblongas, o abdome côncavo até ao tufo de pelo castanho. As suas pernas graciosas estavam imóveis. Ela olhava fixamente para Arkady e através dele. Enquanto a envolviam em toalhas húmidas para fazer baixar a temperatura, Levin apontou para a esbatida marca azul na face direita dela.

— Está vendo isto?

— Um antigo acidente, suponho.

— Acidente? Zombou Levin. — Limpe-se. Encontre o banheiro sozinho, não estamos no Palácio de Inverno.

No espelho do banheiro Arkady verificou que estava coberto de sujeira e que tinha uma sobrancelha cortada como se o tivesse sido por uma lâmina. Depois de se lavar, regressou à sala, onde Levin aquecia chá numa placa. Um pequeno armário exibia latas de legumes e de peixe.

— Ofereceram-me um apartamento com cozinha ou um apartamento com banheiro. Para mim o banheiro é mais importante. Quer comer alguma coisa? Perdera o hábito. Acrescentou: — Um pouco de açúcar no chá, é tudo.

— Como ela vai ficar?

— Não se preocupe com ela. É nova e forte. Sentir-se-á enjoada durante um dia ou dois, e pronto. Tome. Estendeu a Arkady um xícara tépida.

— Pensa então que foi sulfazina?

— Pode levá-la a um hospital se quiser se certificar, disse Levin.

— Não. Sulfazina era um dos narcóticos favoritos da KGB; mal chegasse a um hospital apareceria logo um médico deles. Levin sabia disso.

— Obrigado.

— Não agradeça. Levin interrompeu-o. — Quanto menos disser, melhor para mim. Basta-me a minha imaginação; só não sei se acontecerá o mesmo consigo.

— O que quer dizer?

— Arkady, esta sua jovem não é nenhuma inocente.

— Não sei o que quer dizer.

— Refiro-me à marca no rosto dela. Eles já a tinham caçado antes, Arkady. Injetaram-lhe aminazina aqui há anos.

— Julguei que tinham deixado de usar aminazina por ser perigoso.

— É isso mesmo. Eles injetaram-na deliberadamente num músculo para que não seja absorvida. Não sendo absorvida forma um tumor maligno, tal como aconteceu com ela. Acorde. Ela é cega dum olho. A pessoa que cortou depois o tumor cortou o nervo ótico e deixou aquela marca. É a marca deles.

— Está exagerando um pouco, não acha?

— Pergunte a ela. Mas há mais quem seja cego!

— Você está aumentando as coisas. Uma testemunha foi atacada e eu defendi-a.

— Então porque não está agora numa delegacia da Milícia?

Arkady foi até o quarto. As toalhas de Irina estavam quentes; substituiu-as por outras frescas. Os braços e pernas dela estremeciam espasmodicamente no sono, por reação à mudança de temperatura. Afagou-lhe a testa, afastando as madeixas de cabelo emaranhado. A marca na face estava dum tom violáceo devido à agitação do sangue debaixo da pele. “O que eles queriam?”, pensou. Desde o princípio que eles estavam presentes. O major Pribluda para remexer nos corpos do Parque Gorky. O detetive Fet quando Golodkin foi interrogado. Os

assassinos no apartamento de Golodkin, os assassinos frustrados no túnel do metrô. Bolas de borracha, injeções, navalhas, tudo assinaturas de Pribluda e eles eram um bando de Pribludas. De qualquer modo, eles deviam estar à volta da casa de Irina e já de posse de uma lista dos seus amigos. Eles não cessariam de vigiar os hospitais, e o nome de Levin, o médico legista, não levaria muito tempo a ocorrer a Pribluda. Levin era corajoso, mas quando ela acordasse teria de ir embora. Quando regressou à sala, Levin se acalmava olhando os seus tabuleiros de xadrez.

— Ela parece melhor, observou Arkady. — Pelo menos dorme.

— Invejo-a. Levin levantou os olhos.

— Quer jogar?

— Qual é a sua categoria? Levin fitou-o.

— Não sei.

— Se tivesse alguma, saberia. Não, obrigado. A resposta deixava Levin entregue uma vez mais às exigências da hospitalidade e a reflexões acerca da mulher que tinha na sua cama e que devia estar sendo procurada. Forçou um sorriso: — A verdade é que temos aqui uma situação muito interessante. Uma partida disputada por Bogolyubov e Pirc em 1931. Jogam as pretas, simplesmente elas não têm para onde ir.

Só no exército é que Arkady se sentira suficientemente aborrecido para jogar xadrez seriamente, e o único talento residia na defesa. No jogo ambos os lados tinham rocado e as brancas controlavam o centro, tal como dissera Levin. Por outro lado, Arkady deu pela ausência de relógios no apartamento, sinal da pessoa que prefere uma análise calma a muita confusão no tabuleiro. O pobre Levin devia estar também se torcendo com a ideia de uma longa e enervante noite.

— Dá licença? Arkady fez uma jogada pelas pretas. — O bispo come um peão. Levin encolheu os ombros. — ... DxP xeque! RxD, C-C5 xeque! R-C I, CxD! O cavalo preto imobiliza o bispo branco e a torre.

— Você alguma vez pensa antes de executar um lance? Murmurou Levin — É nisso que reside o prazer de jogar. B-C3.

Levin refletia se devia comer o cavalo com a torre ou o seu rei. De qualquer modo, o cavalo estava condenado; depois as pretas teriam desistido da dama, bispo e cavalo em troca de dama, torre e dois peões. O resultado dependeria da habilidade das brancas em repor o bispo em jogo antes que as pretas pudessem alinhar o máximo dos seus peões e dobrar as suas torres.

— Você só introduziu complicações, observou Levin.

Enquanto Levin pensava no seu lance seguinte, Arkady foi examinar uma estante, trazendo consigo uma coleção de Poe. Daí a pouco verificou que Levin adormecera na cadeira.

Às quatro horas desceu até ao carro, deu uma volta ao quarteirão para ver se estava sendo vigiado e regressou ao apartamento de Levin. Não podia esperar mais. Vestiu Irina com as suas roupas ainda húmidas, embrulhou-a num cobertor e levou-a para baixo. Durante o caminho só viu pessoas que “corriam” para o Primeiro de Maio. Um só homem numa área dirigia quatro mulheres que espalhavam asfalto quente no pavimento. Depois de ter atravessado o rio e se encontrar a dois quarteirões de Taganskaya, desceu, percorreu a pé o resto do caminho até ao seu apartamento, e passou cuidadosamente em revista todos os quartos para se certificar que não havia ninguém. Regressando ao carro, conduziu-o até à casa, desligando o motor e os faróis quando entrou no pátio. Transportou Irina para cima, deitou-a na cama, despindo-a de novo e cobrindo-a com o cobertor de Levin e o seu sobretudo. Preparava-se para regressar ao carro quando viu que ela abrira os olhos. Tinha as pupilas dilatadas e a esclerótica injetada. Não tinha força para mover a cabeça.

— Idiota, disse ela.

* * *

# Treze

ESTAVA CHOVENDO. A madeira do chão rangia. Nos apartamentos de cima e de baixo Arkady ouvia os ruídos peculiares de limpezas. Nas escadas os passos lentos de uma mulher idosa que subia. Ninguém batera à porta nem telefonara. Irina Asanova estava deitada de frente para ele, a pele lívida como marfim, agora que a febre diminuíra. Ele continuava vestido. No princípio tentara encontrar um lugar para dormir, mas como não havia nem cadeiras nem sofá, nem sequer um tapete, tinha acabado por se deitar também na cama. Sem que ela tivesse dado por isso ou se importasse. Olhou o relógio. Nove horas. Lentamente, para não a acordar, se levantou e, de meias, caminhou até à janela e olhou para baixo, para o pátio. Não viu ninguém olhando para cima. Precisava tirá-la dali, mas não sabia para onde. Não para casa dela. Para hotéis nem pensar; era ilegal na cidade de residência. Que boa razão é que um cidadão poderia ter para não estar em casa? Havia de aparecer qualquer solução. Quatro horas de sono eram suficientes. A investigação obrigava-o a ir para frente. Sentiu-a como uma vaga, transportando-o, ossos e corpo, dentro do terno amarrotado. A jovem aconchegou o cobertor contra a face, preparada para outras quatro horas de sono profundo, calculou ele. Nessa altura ele estaria de volta. Chegara a altura de falar com o general.

A Via dos Entusiastas, pela qual os presos iniciavam a sua jornada a pé para a Sibéria, passava pela fábrica de tratores da Foice e Martelo até à estrada 89, um caminho de carros pavimentado e estreito que seguia por uma região plana e enlameado de aldeias tão rentes ao chão como batatas, a leste dos Urais. Arkady percorreu quarenta quilômetros antes de virar para o norte, para uma estrada de macadame em direção a uma aldeia chamada Balobanovo, passando por vultos semeando abóboras e feijões, e por campos com vacas uniformemente castanhas; depois entrou numa estrada de terra batida através de bosques tão densos

que farrapos de neve onde o sol não tocava ainda cobriam o solo como uma manta. Entre os ramos se avistava o Rio Kliazma. Junto de um portão de ferro desceu e percorreu a pé o resto do caminho. Não tinham passado carros por ali recentemente. Na 218 parte central do trilho ainda havia capim do ano anterior, alto e seco. Uma raposa surgiu quase debaixo dos pés e ele parou instintivamente à espera dos cães do general, mas os bosques estavam silenciosos, se ouvindo apenas o cair de uma chuva ligeira.

Depois de dez minutos de caminhada, chegou a uma casa de dois andares com um íngreme telhado de chapas de metal. Do outro lado de um pátio circular, ele sabia, havia uma grande escadaria que conduzia à margem do rio, onde havia, ou houvera pelo menos, um embarcadouro com um barco a remos e, bem fundeada na direção da corrente, uma jangada sobre barris de óleo. Costumava haver também peônias dentro de cercados de madeira ao longo do embarcadouro e uma tina de gelo servida por dois ajudantes-de-campo de luvas brancas. Nas festas se penduravam lanternas chinesas por cima do embarcadouro e aos lados da escada, como uma fila de luas voltadas para o céu. Os seus reflexos na água se agitavam como se fossem seres aquáticos luminescentes atraídos pela música. Olhou para a casa. Manchas de ferrugem escorriam das goteiras até ao chão. Um corrimão se inclinava sobre os degraus duma escada. Ervas daninhas cresciam no pátio à volta de uma mesa de jardim enferrujada e de uma coelheira vazia. Em redor da casa e do gramado, oscilando segundo todos os ângulos, havia pinheiros descamados e olmos que davam a esta atmosfera as derradeiras notas de desolação total. O único sinal de presença humana era uma enfiada de lebres esfoladas, em tons azuis e escuros vermelhos.

Na sua batida na porta atendeu uma velha cuja estupefacção se transformou num olhar venenoso e num torcer da mancha vermelha de batom que tinha na boca. Limpou as mãos num avental gorduroso. “Que surpresa”, disse ela numa voz arrastada devido à vodca. Arkady entrou. A mobília estava coberta com lençóis. Os reposteiros eram cinzentos como mortalhas. Um retrato a óleo de Stálin estava pendurado por cima da lareira, que cheirava a cinzas húmidas. Havia ramos secos, garrafas com desbotadas flores de papel, um armeiro com uma espingarda

Mosin-Nagant (Espingarda de 7,62 mm utilizada pela infantaria soviética durante a Segunda Guerra Mundial), de carregar pela culatra e duas carabinas.

— Onde está ele? Perguntou Arkady. A velha apontou para a biblioteca.

— Diga-lhe que preciso de dinheiro, disse ela em voz alta, — E de uma mulher para me ajudar, mas primeiro de dinheiro.

Arkady se libertou dos dedos dela e se dirigiu a uma porta que ficava por baixo da escada que levava ao segundo andar. O general estava numa cadeira de verga junto de uma janela. Tal como Arkady, tinha um rosto estreito e bonito, mas a pele estava esticada e translúcida, as sobrancelhas brancas e hirsutas, o cabelo abundante e alvo à volta de uma testa com veias salientes nas têmporas. O seu corpo desaparecia dentro de uma larga camisa de camponês, calças e botas demasiado grandes. As mãos muito pálidas esfregavam uma longa boquilha de madeira sem cigarro. Arkady se sentou. Havia dois bustos na biblioteca, um de Stálin e outro do general, ambos fundidos em metal de invólucros de granadas. Um painel emoldurado em veludo vermelho expunha fileiras de medalhas, incluindo duas Ordens de Lênin. O veludo estava poeirento, as fotografias nas paredes obscurecidas por uma camada de sujeira e o pó se acumulava nas pregas de uma bandeira divisionária pregada à parede.

— Com que então é você, disse o general. Cuspiu no chão por não acertar numa tigela cheia quase até à borda de uma espuma acastanhada. Fez um gesto com a boquilha. — Diz à cabra que se quer mais dinheiro vá à cidade e arranje-o à sua custa.

— Vim lhe falar a respeito de Mendel. Preciso ter certeza duma coisa.

— Ele morreu, isso é bem certo.

— Ele ganhou a sua Ordem de Lênin por ter morto uns assaltantes alemães perto de Leningrado. Era um grande amigo seu.

— Era um pedaço de merda. Foi por isso que foi para o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Lá só colocam ladrões e merda, foi o que sempre colocaram lá. Outro covarde como você. Não, melhor do que

você. Ele não foi um fracasso total. Hoje estamos num mundo novo e os molengas se afundam. Vá embora. Vai fungar no pé da puta com que se casou. Ainda está casado? Arkady pegou na boquilha do general e colocou um cigarro. Pôs outro na sua boca, acendeu ambos e devolveu a boquilha. O general tossiu. — Eu estive em Moscou para a reunião de outubro. Podia ter ido me visitar nessa altura. Belov foi. Arkady examinou uma das fotografias penduradas nas paredes. Seriam homens dançando ou enforcados? Outra era de um jardim acabado de cavar ou de uma vala comum. Já se passara tempo que ele se esquecera.

Pela primeira vez o general voltou o rosto para Arkady. Pouco restava dele. Os músculos se moviam corno arames soltos entre a pele e o osso. Os olhos negros estavam cegos, esbranquiçados devido às cataratas.

— É um fraco, disse ele. — Deixa-me doente. Arkady olhou para o relógio de pulso. A jovem acordaria dentro de poucas horas e ele queria ainda comprar comida antes de regressar a Moscou. — Ouviu falar nos novos tanques? Tentam nos ferrar com eles. Uma merda dumas limusines. É assim o cara de cu do Kossyguin. Desenhados por diretores de fábricas. Diretores de fábricas! Um tipo dirige um reator nuclear; ponhamos lá ogivas atômicas. Um faz aparelhos de ar condicionado; condicionemos o ar com a maldita coisa. Você faz sanitários, nós instalamos os tampos. Merda mais inútil do que um cruzeiro de luxo, como se nos deixássemos impressionar! Em vez disso você constrói um tanque com possibilidades mínimas de sair mal, e se sair mal você conserta isso depressa. Tal corno Mikoyan construiu os seus aviões, um bom grupo com um cérebro no topo. Mas eles continuaram nos jogando merda em cima como flores numa sepultura. Agora são todos moles. Você ainda tem aquele olhar estúpido de idiota?

— Sim. O velho se mexeu, mal fazendo estremecer as roupas que vestia.

— Podia ser agora um general. O filho do Goronov comanda todo o Distrito Militar de Moscou. Com o meu nome podia ter subido depressa. Bom, eu sabia que não tinha tomates para um comando de blindados, mas pelo menos podia ter sido um desses idiotas da Informação. E o Mendel? Mas você não é nada. Um esperma de merda ou coisa assim,

não sei.

— Mendel matou os alemães?

— Há dez anos que você não vem aqui, e depois me fala dum covarde que já está no túmulo. A cinza do cigarro caiu sobre a camisa do general. Arkady se inclinou para frente e sacudiu-a. Os meus cães morreram, disse o general com irritarão. — Andavam à solta pelos campos e encontraram uns idiotas com bulldozers. Os canalhas abateram-nos a tiro! Canalhas de camponeses! O que é que os bulldozers andam fazendo aqui? Bom, o mundo inteiro... Fechou o punho. — Tudo se desfazendo. Uma esterqueira, tudo apodrecendo. Escute, as moscas! Ficaram em silêncio, o general escutando. Uma abelha fora apanhada entre o segundo e terceiro painel da janela, e jazia hirta de pernas para o ar. — Mendel morreu. Na cama; ele sempre disse que havia de morrer na cama. Tinha razão. Agora os meus cães... Arreganhou os lábios num sorriso. — Eles querem me levar para uma clínica, rapaz. Há uma clínica em Riga. Muito elegante, não se poupam despesas com os heróis. Julguei que era por isso que tinha vindo. Tenho câncer em todo o corpo, estou podre. É tudo o que ainda me mantém inteiro, sabe. E eles têm uma clínica de radiações e tratamentos de calor e me convidaram. Mas não me pegam lá porque sei que de lá nunca mais voltaria. Conheci muitos médicos. Não vou. Eu disse àquela cabra. Ela quer que eu vá porque pensa que fica com a minha pensão. Tal como você, não é?

— É-me indiferente o lugar onde morrer, disse Arkady.

— É verdade. O principal é que vou lhe ferrar. Sabe, sempre soube o motivo por que entrou para a sala do promotor. O que sempre desejou foi me destruir. A mulher do general morreu num acidente de barco ou foi assassinada? Isso explica toda a sua vida: Pegou-me. E vou morrer antes de você e nunca saberá a verdade.

— Mas eu sei. Sei há anos.

— Não tente me enganar. Sempre mentiu muito mal.

— E continuo. Mas sei. Não foi o pai quem a matou nem foi um acidente. Ela se matou. A mulher do herói se suicidou.

— Belov...

— Não foi ele que me disse. Descobri eu mesmo.

— Então se sabia que não tinha sido eu, porque nunca me visitou durante todos estes anos?

— Se pudesse compreender o motivo por que ela se matou

compreenderia a razão da minha ausência. Não é um mistério; pertence apenas ao passado.

O general se recostou na cadeira, com ar de quem ia fazer um protesto desdenhoso, mas depois pareceu continuar a se afundar para além de si mesmo, da cadeira e de Arkady. O rosto ficou frouxo. Ele encolheu. O fantasma não desaparecera; o fantasma se retirara para dentro dele. A camisa e as calças podiam ter sido deixadas na cadeira, de tal modo estavam imóveis, a despeito dos movimentos e respiração, imóveis como a sua cabeça ou mãos. No meio daquele silêncio Arkady pensou, não sabia por quê, na lenda asiática da vida. A lenda dizia que toda a vida era uma preparação para a morte, que a morte era uma passagem tão natural como o nascimento, e que a coisa pior que um homem podia fazer na vida era lutar para evitar a morte. Havia uma tribo mítica onde todos os nascimentos se davam sem gritos e todas as mortes sem agonia. Para onde diabo é que esse povo mítico pensava que ia depois da morte, disso ele tinha se esquecido. Contudo, levava vantagem sobre o russo comum, que passa a vida lutando como um homem caído num rio que corre para uma catarata. Segundo a segundo ele via o pai se tornar mais inerte, as suas forças como que em retirada para o último baluarte central. Depois, igualmente visível, foi um último e doloroso apelo a essas forças. A respiração se tomou mais profunda, e o sangue, chamado como se se tratasse de reforços, enviou um tremor até aos membros. Era a imagem de um homem se reconstituindo por efeito de pura força de vontade, se aguentando interiormente. Por fim a palidez do rosto desapareceu e os olhos enevoados olhavam em frente, corruptos mas desafiadores.

— Mendel pertencia à minha classe na Academia Militar Frunze, e recebemos ambos comandos de blindados na linha da frente quando Stálin disse: “Nem um só passo para trás!”. Eu? Eu percebi que os alemães haviam de se estender, maduros para serem infiltrados. O efeito dos meus relatórios radiofónicos enviados por detrás das linhas deles foi imediato. Stálin escutava-os todas as noites no seu abrigo. As notícias dos jornais diziam: “0 general Renko, algures por detrás das linhas inimigas.”. Os alemães perguntavam: “Renko, quem é esse Renko?” Porque eu era apenas coronel. Stálin tinha me promovido e eu nem

sequer sabia. Os alemães tinham a lista de todos os nossos oficiais e este novo nome confundia-os, abalava a sua confiança. Estava nos lábios de toda a gente, era o primeiro nome a seguir ao de Stálin. E que efeito quando abri caminho até Moscou e fui recebido pelo próprio Stálin e, ainda em roupa de combate, o segui até à Estação Mayakovsky e fiquei a seu lado ouvindo o seu discurso, palavras que invertiam a onda fascista enquanto eles bombardeavam a cidade lá por cima!... E quatro dias mais tarde recebi a minha própria Divisão da Guarda Vermelha, que foi a primeira a entrar em Berlim. Em nome de Stálin... A sua mão foi lançada para frente para impedir que Arkady se levantasse e partisse. — Dei-lhe um nome desses e você vem aqui, miserável detetive, para me interrogar acerca dum covarde que passou a guerra escondido em caixotes? Um vulgar bisbilhoteiro, é tudo o que você é. Isso é vida? Andar fazendo perguntas sobre Mendel?

— Eu sei tudo a seu respeito.

— E eu ao seu. Não se esqueça. Não passa de um reformista incipiente... A mão do general caiu e ele inclinou a cabeça. — Onde eu estava?

— Mendel. Arkady esperava ainda mais divagações, mas o general foi direto ao assunto.

— Uma história divertida. Eles capturaram alguns oficiais alemães em Leningrado e entregaram-nos a Mendel para serem interrogados. O alemão de Mendel era... Cuspiu certeiramente na tigela. — Um americano se ofereceu... Não me lembro do seu nome. Era bom, para um americano. Simpático, encantador. Os alemães lhe contaram tudo. No fim o americano levou os alemães para um piquenique nos bosques, com champanhe e chocolates, e abateu-os a tiro. Para se divertir. O que foi mais divertido é que eles não deviam ser mortos, por isso Mendel precisou fazer um relatório falso acerca de salteadores. O americano comprou os investigadores militares e, por causa disso, Mendel recebeu uma Ordem de Lênin. Ele me fez jurar segredo, mas como é meu filho...

— Obrigado. Arkady se levantou, mais exausto do que podia ter imaginado, e cambaleou até à porta da biblioteca.

— Voltará? Perguntou o general. — É bom falar.

* * *

A caixa de papelão continha leite, ovos, pão, açúcar, chá, pratos e xícaras, uma frigideira, sabonete, shampoo, pasta e escova de dentes, tudo comprado na viagem de regresso, nos arredores de Moscou. Arkady correu para a geladeira antes que o fundo da caixa arrebentasse. Estava arrumando a comida quando sentiu Irina atrás de si.

— Não olhe, disse ela. Pegou no sabonete e no shampoo e desapareceu.

Ele ouviu correr água na banheira. Arkady ficou na sala, sentado no parapeito da janela, sentindo-se tolo por hesitar em entrar no quarto quando não havia onde descansar ali na sala. A chuva parara, no entanto não se via ninguém de sobretudo na rua. Ficou admirado porque Pribluda não era para delongas. Isso fez recordar a Arkady a conversa com o pai. Osborne matara os três alemães "Não é a primeira vez que vou a Leningrado", dissera Osborne nas fitas; "Já estive lá anteriormente com alemães". Quase da mesma maneira como matara as três vítimas do Parque Gorki. Arkady estava interessado nos investigadores militares comprados por Mendel e Osborne; quem eram eles e que brilhantes carreiras pós-guerra teriam feito? Adivinhou a presença de Irina à porta do quarto antes de vê-la.

Estava envolvida num lençol com buracos cortados para os braços, um cinto à volta da cintura, o cabelo molhado enfiado numa toalha, os pés descalços. Não podia estar ali há mais de um segundo, mas ele tinha a sensação de que o olhar dela estava pousado nele há muito tempo, tal como da primeira vez que a vira, como se estivesse examinando qualquer coisa estranha dentro do seu campo de visão. Uma vez mais ela tornava elegante o traje mais simples, como se os lençóis fossem uma coisa natural para se usar nesse ano. Agora, reparou também como o rosto dela estava ligeiramente voltado para um lado: se lembrou do que Levin dissera acerca do olho cego e deu uma olhada à marca reveladora na face.

— Como se sente?

— Mais limpa. Tinha a voz rouca de ter vomitado; a sulfazina provoca esse efeito. No entanto, já havia um pouco de cor no seu rosto, mais do que a maioria dos moscovitas se podia gabar. Ela olhou para a

sala.

— Peço desculpas pelo estado do meu apartamento. Arkady seguira o olhar dela. — A minha mulher fez a limpeza da primavera. Levou algumas coisas para fora.

— Parece que também ela se foi.

— Foi. De braços cruzados, Irina caminhou até ao fogão com a sua única frigideira, copos e pratos.

— Porque que me salvou a vida ontem à noite? Perguntou ela.

— Você é importante para a minha investigação.

— É tudo?

— Que mais podia haver? Irina fitou um armário vazio.

— Não quero preocupá-lo, disse ela, — Mas parece que a sua mulher não voltará.

— Uma opinião objetiva é sempre apreciada. Ela se encostou ao fogão, em frente dele.

— E agora?

— Quando as suas roupas estiverem secas, vai embora - disse Arkady.

— Para onde?

— Isso é consigo. Para casa...

— Eles vão estar à minha espera. Graças a si nem sequer posso ir até aos estúdios.

— Então, amigos. A maior parte deles estarão sendo vigiados, mas deve haver alguém com quem possa ficar, disse Arkady.

— Com a possibilidade de lhes arranjar também complicações? Não costumo fazer isso aos amigos.

— Bem, aqui não pode ficar.

— Porque não? Ela encolheu os ombros. — Não tem mais ninguém aqui. O apartamento de um Investigador-Chefe me parece o local perfeito. Seria um crime desperdiçá-lo.

— Camarada Asanova...

— Irina. Já me despiu o suficiente; acho que pode me chamar pelo meu primeiro nome.

— Irina, talvez lhe custe acreditar, mas este é o pior local para você estar. Eles me viram ontem à noite, e este será um dos primeiros lugares onde eles acorrerão. Não poderia sair, comprar comida ou roupa. Ficaria presa aqui.

— Quer dizer que ficaríamos presos aqui. Quanto mais falava mais o lençol se colava ao seu corpo ainda húmido, se vendo as regiões molhadas à transparência.

— Não vou passar tanto tempo aqui. Arkady desviou o olhar.

— Estou vendo dois pratos e dois copos, disse Irina. — É muito simples. Ou você está do lado “deles”, e então é indiferente que eu fuja ou não, pois você me mandará seguir, ou então posso arrastar um amigo comigo ou posso arrastá-lo a você. Pense bem. Prefiro arrastá-lo a você. O telefone tocou. Ficava num canto do quarto, negro e insistente. No décimo toque, Arkady pegou no fone. Era Swan para dizer que o cigano encontrara o local onde Kostia Borodin fazia os ícones.

* * *

O local que o cigano encontrara era uma garagem perto da pista de kart no lado sul do rio. Um mecânico alcunhado o Siberiano desaparecera alguns meses atrás. Dois karts estavam suspensos de ganchos, como apóstrofos, por cima de um Pobeda enferrujado assente em dois blocos. O chão estava coberto de serragem e óleo. Havia uma tábua serrada presa num torno colocado numa mesa. Peças metálicas diversas e de automóveis se empilhavam num canto e restos de madeira noutro. Via-se um caixilho para esticar tela pendurado numa parede, e latas de crê, óleo de linhaça e terebintina. Um armário com a porta quebrada continha macacões demasiado sujos para serem roubados. Não havia à vista caixas de ferramentas, nada de valor que pudesse ser levado. Rugidos de acelerações e desacelerações vinham da pista lá fora.

— Sabe como se trabalha com isto? Perguntou Arkady.

— Passei dois anos nas impressões digitais. Tentarei ajudar, disse Kirwill. Swan e o cigano estavam de lado, o cigano se servindo do seu bolso como cinzeiro. Arkady pousou um projetor no chão, abriu o seu estojo profissional, tirou de lá uma lanterna, finas luvas de borracha, cartões pretos e brancos, pinças, pôs: Preto, branco e sangue-de-dragão, pincéis de pelo de camelo e pulverizadores. Kirwill enfiou um par de luvas, desenroscou a lâmpada de sessenta watts que estava pendurada na garagem e substituiu-a por uma de cento e cinquenta watts. Arkady começou pelas janelas, apontando a sua lanterna aos batentes sujos

enquanto espalhava pó branco; depois se dirigiu aos copos e garrafas que estavam nas prateleiras, aplicando pó branco e pondo cartões pretos dentro dos copos para ver as impressões digitais. Kirwill começou pelas superfícies porosas com um pulverizador de ninhidrina, trabalhando no sentido dos ponteiros do relógio a partir da porta da garagem. Espalhar pó era o gênero de trabalho que podia resultar num só dia ou levar uma semana.

Depois de todos os locais mais prováveis, pontos de passagem, puxadores, copos, terem sido examinados, um investigador precisava considerar todos os pontos improváveis que os dedos humanos poderiam alcançar: pneus, parte de trás de fotografias, o fundo de latas de tinta. De uma maneira geral Arkady evitava espalhar pó sempre que podia. Desta vez apreciou muito a oportunidade; era normal e lhe ocupava o espírito. O detetive americano atuava com uma energia metódica e uma certa beleza, comandando todos os seus músculos e atenções num trabalho minucioso. Nenhuma palavra foi dita para não quebrar a concentração. Arkady espalhava pó nas maçanetas das portas, para-lamas e placas do carro, enquanto Kirwill empoava o torno, por cima e por baixo. Quando o cigano apontou para uma pilha de farrapos, Arkady e Kirwill não fizeram caso, trocando entre si um olhar de entendimento: não se encontravam impressões decentes nos tecidos. Arkady espalhou pó preto na margem de uma fotografia da parede. A atriz da fotografia tinha um sorriso que prometia loucuras a beira de penhascos batidos pelo mar, honestidade e roupas interiores estrangeiras. Usou o mínimo de pó possível, escovando no sentido das bordas, a partir do topo da curva de uma impressão digital.

Precisava considerar a natureza da garagem. A área à volta do carro e dos karts estava cheia de manchas gordurosas; um homem não se mete debaixo dum cárter sem estar à espera de um bocado de óleo. Os carpinteiros, por outro lado, formavam um grupo esquisito e quase cirúrgico. Havia ainda outros fatores a levar em conta. O suspeito perfeito seria um homem nervoso, de pele gordurosa e loção no cabelo. Mas um homem calmo e frio podia ter apertado a mão do gorduroso ou partilhado a mesma garrafa. O inverno e as suas consequências; o frio apertava os poros humanos. A serragem absorvia as impressões digitais

como uma esponja. Enquanto Arkady voltava a colocar os seus instrumentos no estojo, retirando de lá uma lupa e um cartão de impressões digitais de Kostia Borodin, Kirwill ligou a comprida extensão do projetor e começou a recuar, dirigindo o intenso calor da lâmpada para os locais onde colocara pó anteriormente. Arkady reparou que o cartão de Borodin apresentava invulgares voltas em cada primeiro dedo e uma espiral com cicatriz no polegar direito. Se estivesse recolhendo provas para um tribunal teria se servido dum processo mais lento, fotografando as marcas e registrando-as em fita, procurando conseguir o maior número de pontos de referência entre o cartão e as marcas. Mas, em vez disso, procurava ganhar tempo e Kirwill também trabalhava tão depressa como ele.

A ligeira pulverização de ninhidrina, combinada com os resíduos arninoácidos de marcas esquecidas, tomavam um tom de púrpura sob o brilho da lâmpada. Depois Kirwill percorreu uma segunda vez o seu caminho, sem lâmpada e sem lupa, comparando as marcas de ninhidrina com o seu cartão de impressões digitais de James Kirwill. Não trocaram os cartões. Quando Arkady terminou o exame das marcas onde aplicara pó passou para as pulverizadas, enquanto Kirwill passava ao trabalho de Arkady. Três horas depois de terem chegado, Arkady guardou todos os materiais no estojo. Kirwill se encostou ao para-lama do carro, acendeu um cigarro, sendo cravado noutro pelo cigano, que durante a última hora dera sinais de estar morrendo por uma tragada. Arkady acendeu um para si. A garagem dava a impressão de que malucos tinham colado asas de borboletas, milhares delas, pretas, brancas e purpúreas por toda a parte onde tinham podido. Arkadye Kirwill estavam calados, partilhando do sentimento perverso de contentamento que provém de um trabalho bem feito mas inútil.

— Pelo visto, encontraram as marcas dele, concluiu o cigano.

— Não, eles nunca estiveram aqui, respondeu Arkady.

— Então porque estão os dois com um ar tão feliz? Perguntou Swan.

— Porque fizemos qualquer coisa respondeu Kirwill. “O que mais podiam lhe dizer?” Perguntou Arkady a si próprio. James Kirwill pintava o cabelo, mas Arkady calculou que devia ter sido a jovem que

comprara a tinta.

— Diga-me outra vez o que tinha no relatório médico-legal, perguntou Kirwill.

— Gesso, serragem, aquilo que temos andado procurando, disse Arkady.

— Absolutamente mais nada?

— Sangue. Trata-se de criaturas que foram assassinadas.

— Lembro-me de mais outra coisa a respeito das roupas deles.

— Manchas de sangue animal, respondeu Arkady. — Sangue de peixe e frango. Peixe e frango, repetiu ele e olhou para Swan.

— Eu tenho ido aos seus armazéns de alimentos e nunca vi nada suficientemente fresco para derramar uma única gota de sangue disse Kirwill. — Onde se consegue carne fresca por estas bandas?

Geralmente, o que se conseguia eram frangos de fraca qualidade, sem sangue e cheios de água, ou peixe congelado. Mas frangos ou peixe fresco eram dum preço exorbitante e fora das “lojas fechadas”, destinadas à elite e aos estrangeiros, só se compravam de negociantes particulares, pescadores ou alguma mulher com um estabelecimento clandestino. Arkady estava desapontado consigo mesmo por não ter pensado nisso antes.

— Ele é esperto, disse Swan, apontando para Kirwill.

— Descubram onde eles conseguiam carne e peixe frescos, ordenou Arkady.

Swan e o cigano saíram. Os outros dois ficaram, Kirwill encostado no para-lama, Arkady sentado na mesa. Arkady tirou do bolso a insígnia de detetive de Nova lorque e atirou-a ao outro.

— Talvez eu devesse vir para cá. Podia me tomar um raio dum super-homem, disse Kirwill. — Foi uma boa ideia, essa das outras marcas de sangue, tentou Arkady reconhecer lealmente.

— Como arranjou esse corte por cima do olho? Para onde foi ontem depois do bar?

— Retirei-me para ir mijar e caí pelo buraco abaixo.

— Se eu quiser lhe arranco a resposta a pontapés.

— E se quebrar um dedo do pé? Precisaria ficar num hospital

soviético até ele se curar, pelo menos seis semanas. De graça, é claro.

— E depois? O criminoso está aqui, isso me daria mais tempo.

— Vamos. Arkady desceu da mesa, — Você merece qualquer coisa.

* * *

No Armazém Universal Central a música era um assunto sério. Havia uma atmosfera contemplativa, onde uma alma jovem podia se deixar influenciar pelos preços oficiais, uns acessíveis vinte rublos por um violino com arco ou uns proibitivos quatrocentos e oitenta rublos por um reluzente saxofone. Um homem com o rosto marcado pela varíola, de chapéu e sobretudo, pegou no saxofone, admirou-o, passou os dedos pelas chaves, e fez a Arkady um aceno de cabeça como se faz a um colega. Arkady reconheceu o rosto do túnel. Olhando à sua volta, descobriu outro da KGB à paisana se informando do preço dos acordeões. Enquanto levava Kirwill para a seção de estereofonia, os dois apreciadores de música pousaram os instrumentos e seguiram-nos a uma distância discreta, sem serem importunos. Kirwill fez girar o toca-discos de um estéreo.

— De onde é este tipo, Renko? Trabalha aqui?

— Não pensou que eu o ia apresentar a você, não é? Arkady tirou uma bobina do bolso do casaco e pô-la num gravador, um Rekord, igual ao que ele tinha no Ukraina. Havia dois pares de fones no aparelho para divertir os interessados sem perturbar as restantes pessoas que enchiam o recinto. Kirwill colocou um par nos ouvidos, seguindo o exemplo de Arkady. O homem de cara marcada de varíola observava-os do extremo de um balcão de aparelhos de televisão. O outro desaparecera para ir telefonar uma descrição de Kirwill, calculou Arkady. Arkady pôs o aparelho em marcha. Era o telefonema de 2 de fevereiro entre Osborne e Unrnann. Depois de se ouvir o clique indicando o desligar do telefone, e do silêncio que se seguiu, Kirwill apertou o **STOP**, **REWIND** e **PLAY**. Passou duas vezes a fita antes de Arkady retirá-la.

— Um alemão e um americano. Kirwill retirou os fones. — O alemão se chama Hans. Quem é o americano?

— Penso que foi ele quem matou o seu irmão. Um televisor Padoga

a cores, ao preço de seiscentos e cinquenta rublos, mostrava uma mulher falando diante dum mapa mundial. O som estava desligado. Arkady verificou o nome da fábrica; havia grandes diferenças entre fábricas.

— Isso não me adianta nada, disse Kirwill. — Você está só me enrolando.

— Talvez me agradeça mais tarde. Arkady mudou para um canal que apresentava danças folclóricas em trajes pastel com figurantes pulando silenciosamente de um lado para outro, batendo as mãos nos joelhos e calcanhares. Desligou o aparelho e, à medida que a tela ia escurecendo, captou um reflexo mais nítido dos dois homens de sobretudo ao fundo da coxia. O outro homem voltara. — Olhe aqueles dois, Arkady fez um aceno com a cabeça. — Duvido que tentem qualquer coisa contra um turista americano, mas podem não saber que você o é.

— Seguiram-nos desde a garagem. Kirwill olhou para a tela. — Julguei que eram dos seus.

— Não.

— Não tem muita gente do seu lado, não é, Renko?

* * *

Arkady e Kirwill se separaram ao chegar à Rua Petrovka. Arkady se dirigiu à delegacia da Milícia e Kirwill ao Hotel Metrópole. Meio quarteirão adiante, Arkady parou para acender um cigarro. A rua estava cheia de trabalhadores que faziam as suas compras depois do trabalho estoico, exércitos desfilando em passo lento diante das vitrinas das lojas. Ao longe avistou a figura avantajada de Kirwill rompendo através da multidão tão imperiosamente como um czar, com dois seguidores de sobretudo. Arkady foi à procura do cigano.

A camionete estava pintada de cor de laranja e verde, com estrelas e sinais cabalísticos a azul. Um bebê nu desceu aos tropeções a escada de trás, seguiu até junto da fogueira, buscando o colo da mãe, vestida com saiotes coloridos, e o seu seio moreno. Meia dúzia de velhas e jovens se encontravam à volta da fogueira juntamente com um ancião. Os outros homens da família, de bigodes, até o mais novo já com uma sombra sedosa no lábio superior, estavam sentados num carro, todos eles

de chapéu e ternos sujos. O sol se punha por detrás do hipódromo. Havia acampamentos ciganos por toda a parte à volta da pista de corridas, surgidos como que por geração espontânea, semelhantes a enxames de moscas. No entanto, o cigano dele não estava lá, desaparecera. Sem saber porquê, tinha certeza de que não fora Swan quem o traíra.

Quando entrou, o seu apartamento estava tão silencioso que supôs que ela tivesse partido, mas, ao chegar ao quarto, viu-a sentada, de pernas cruzadas, em cima da cama. Pusera o vestido, que ficara curto e apertado devido à desajeitada lavagem.

— Está com melhor aspecto.

— Claro que estou, retorquiu ela.

— Com fome?

— Se você vai comer, também como qualquer coisa. Estava esfomeada. Devorou uma sopa de couves e comeu uma barra de chocolate como sobremesa.

— Porque se encontrou à noite com Osborne?

— Não me encontrei. Irina tirou os cigarros da mão dele sem pedir.

— Porque acha que Osborne mandou aqueles homens matá-la?

— Não sei a que se refere.

— A estação do metrô. Eu estava lá.

— Então interrogue a si próprio.

— Pensa que isto é um interrogatório?

— É que há homens no apartamento de baixo gravando a conversa, disse ela calmamente, soprando a fumaça e olhando através dele. — Esta é uma casa de informantes da KGB, e há celas de tortura no porão.

— Se é isso mesmo que pensa, devia ter partido.

— Posso sair do país?

— Duvido.

— Então que diferença faz que eu esteja neste apartamento ou noutro local qualquer? Ela descansou o queixo na mão e estudou Arkady com os seus olhos escuros, um deles cego.

— Pensa mesmo que importa o lugar onde eu estiver ou aquilo que eu disser?...

O apartamento estava escuro; ele se esquecera de comprar

lâmpadas. Quando Irina se encostou à parede parecia estar encostada a uma sombra. Ela fumava tanto quanto ele. O cabelo secara em anéis à volta do rosto e em canudos pesados pelas costas abaixo. Continuava descalça, e o vestido encolhido lhe apertava os seios e os quadris. Enquanto ela andava dum lado para o outro, fumando e inventando mentiras, os olhos de Arkady acompanhavam-na. A luz frouxa que vinha dos postes do pátio, ele distinguia ora a curva de uma bochecha, ora os lábios acentuados como os de uma escultura. Ela tinha feições bastante distintas, dedos compridos, pescoço comprido, pernas compridas. Houve um brilho, como o da luz refletida na água, quando o olhar dela se cruzou com o dele. Arkady sabia que ela tinha consciência do efeito que exercia sobre ele, tal como ele sabia que qualquer investida sua levaria à rendição dela. Nessa altura, Irina nem se daria ao trabalho de mentir.

— Você sabe que Osborne matou a sua amiga Valéria, Kostia Borodin e o jovem americano Kirwill, e apesar disso lhe dá a oportunidade de fazer o mesmo consigo. Quase que o força a isso.

— Desconheço esses nomes.

— Você também tem as suas desconfianças; por isso foi ao hotel de Osborne mal soube que ele regressara a Moscou. Desconfiou assim que eu apareci na Mosfilm.

— O senhor Osborne se interessa pelo cinema soviético.

— Ele lhe disse que os seus amigos estavam em segurança fora do país. Não sei o que lhe disse a respeito da maneira como os fizera sair, mas o que é certo é que fez entrar James Kirwill. Já lhe ocorreu alguma vez que fazer sair da União Soviética, especialmente três pessoas, é mais difícil?

— Oh, isso me ocorreu muitas vezes.

— E que é mais simples matá-las? Onde lhe disse que os outros estavam? Jerusalém? Nova lorque? Hollywood?

— Isso tem alguma importância? Você diz que eles morreram. Em qualquer dos casos, agora não pode pegá-los... No escuro, iluminada pelo cigarro, ela irradiava superioridade moral. — Solzhenitsyn e AmaIrik se exilaram. Palach foi levado ao suicídio. Os dentes de Fainbert saltaram na Praça Vermelha. Grigorenko e Gershuni foram encerrados em asilos psiquiátricos para endoidecerem. Por vezes vocês

atiram alguns para a cadeia separadamente: Sharansky, Orlov, Moroz, Bayev. A outros os atiram às mãos-cheias, como os oficiais da Delegacia do Báltico. Outros ainda vão para lá aos milhares, como os tártaros da Crimeia... Ela continuou sem parar. Era a sua oportunidade, Arkady sentia. Estava ali um inspetor e ela cuspia as palavras como se fossem balas dirigidos a um exército de inspetores. — Vocês têm medo de nós, disse ela. — Vocês sabem que não poderão nos fazer parar sempre. O movimento continua a crescer.

— Não há movimento. Certo ou errado, não importa. Ele não existe simplesmente.

— Você tem demasiado medo para falar do assunto.

— É como discutirmos acerca duma cor que nenhum de nós viu. "Estava sendo muito educado", pensou ele. Irina construía um distanciamento de tal modo frio que dentro em pouco ficaria completamente fora do seu alcance.

— Com que então escrevia à Valéria antes de ter sido corrida da universidade, recomeçou ele.

— Não chumbei em nenhuma cadeira, disse ela. — Como sabe, fui expulsa. Chumbada ou expulsa, o que importa?

— Foi posta para fora por dizer que odiava o seu país? O país que lhe deu uma educação? É tão estúpido como chumbar.

— Pense o que quiser.

— Depois vai deitar com um estrangeiro que matou a sua melhor amiga. Ah, mas isso para si é política. Prefere acreditar na mentira mais incrível de um americano com as mãos cheias de sangue do que na verdade dita por um dos seus.

— Você não é um dos meus.

— Você é falsa. Pelo menos Kostia Borodin era um verdadeiro russo, bandido ou não. Ele sabia a fraude que você era? Ela inalou com tanta força que a ponta do cigarro produziu um súbito calor no seu rosto. — Se Kostia queria sair do país era porque tinha um verdadeiro motivo, era um foragido, continuou Arkady. — É um motivo que qualquer pessoa respeita. De outro modo teria ficado. Diga-me, o que pensava Kostia das suas tendências antissoviéticas? Quantas vezes disse a Valéria que a sua amiga Irina Asanova era falsa? E ainda diria agora se estivesse vivo.

— Você me enoja, disse ela.

— Vamos, o que disse Kostia, o Bandido, quando você o informou de que era uma dissidente política?

— A ideia de ter um dissidente debaixo do seu próprio teto assusta-o?

— Já alguma vez assustou alguém? Seja honesta! Quem se importa com os chamados intelectuais que são corridos da escola por mijar na bandeira? Acham que é bem feito!

— Nunca ouviu falar de Solzhenitsyn?

— Ouvi falar da sua conta na Suíça, desafiou-a Arkady. Ela queria tratar com um monstro? Ia apanhar um maior do que esperava. — E dos judeus soviéticos?

— Sionistas, quer você dizer. Esses têm a sua própria república soviética; que mais querem? E da Checoslováquia?

— Quer dizer quando Dubcek introduziu soldados alemães fascistas como turistas e os Checos nos pediram ajuda? Cresça. Nunca ouviu falar no Vietnam, no Chile ou na África do Sul? Irina, talvez que a sua perspectiva do mundo não seja suficientemente vasta. Você parece pensar que a União Soviética é uma enorme conspiração destinada a fazer de si uma adolescente infeliz.

— Não acredita no que está dizendo.

— E agora vou lhe revelar o que pensava Kostia Borodin. Arkady não queria parar. — Ele pensava que você desejava ter o prazer de ser perseguida sem ter a coragem de infringir a lei.

— Isso é sempre melhor do que ser um sádico e não ter coragem de usar os próprios punhos, disse ela.

Os olhos dela se mostravam húmidos de raiva. Ele estava espantado. Quase sentia o cheiro do sal neles. Ela se encontrava em plena batalha, quer o desejasse ou não. Por assim dizer, o sangue no chão era pouco. Como acontece também com as batalhas, esta se deslocou para um novo campo, para o quarto e para o único móvel ali existente. Sentaram-se em lados opostos da cama e esmigalharam os cigarros em pratos. Ela estava preparada para o assalto seguinte, a cabeça corajosamente levantada, os braços cruzados com força como um portão trancado.

— Você quer a KGB, Arkady suspirou. — Quer torturadores,

assassinos, gorilas.

— Você ia me entregar a eles, não ia ?

— Ia, admitiu ele. — Pelo menos pensava que sim. Ela observara a silhueta dele passar de lá para cá diante das janelas. — Já lhe contei como Osborne procedeu? Perguntou ele. — Iam fazer uma brincadeira de patinação, ele, Valéria, Kostia e o estudante americano Kirwill. Mas você conhece essa parte, emprestou os seus patins a Valéria, e sabe que o negócio de Osborne consiste em comprar peles russas, embora talvez ignore que ele é também informante da KGB quando calha. Isso incomoda-a. Seja como for, depois de um pouco de patinação no Parque Gorki, se retiraram para uma clareira para tomarem qualquer coisa. Osborne, um homem rico, levava tudo.

— Você está inventando.

— Nós temos o saco onde ele transportou a comida; retiramos do rio. Assim, enquanto todos estão comendo, Osborne levanta o saco na direção de Kostia. Tem uma arma no saco. Mata primeiro Kostia com um tiro no coração, depois Kirwill, também no coração. Um, dois, assim mesmo. Eficiente, não?

— Parece que você estava lá.

— A única coisa que ainda não consegui compreender, e onde você pode me ajudar, é porque que Valéria não pediu socorro quando viu os outros dois mortos. Certo que havia muita música nos altifalantes do parque, mas ela nem sequer tentou chamar. Ficou imóvel diante de Osborne, suficientemente perto para lhe tocar quando lhe apontou a arma ao coração. Porque é que a Valéria fez isso, Irina? Você era a sua melhor amiga, me diga.

— Você está sempre se esquecendo que eu conheço as leis, disse ela. — Há um artigo no Código Penal que diz que todos os delinquentes são criminosos de lesa-estado. Você é capaz de dizer seja o que for para apanhá-los ou a alguém que os ajude. Como vou saber que o ataque do metrô não foi encenado? Que não foi você mesmo que o planejou? Ou você e a KGB? Como os cadáveres que você diz que tem, donde vieram eles? Diz que Osborne matou alguém? Você é capaz de agarrar num turista inocente e atirá-lo na Lubyanka.

— Osborne não está numa cela da Lubyanka; ele tem amigos na Lubyanka que o estão protegendo. Eles é que são capazes de matá-la para proteger a ele.

— Proteger um americano?

— Há trinta e cinco anos que ele entra e sai da Rússia. Traz para cá milhões de dólares, dá informações sobre atores e bailarinos, fornece aos seus amigos gentinha como você e a Valéria. Ela tapou os ouvidos com as mãos.

— Os seus amigos, os seus amigos, disse ela, — É de si que nós estamos falando. Você quer mas é saber para onde vai mandar os seus assassinos.

— Atrás da Valéria? Posso encontrá-la sempre que quiser num frigorífico dum porão da Rua Petrovka. Tenho a arma com que Osborne a matou. Sei quem é que estava depois à espera de Osborne e em que espécie de carro. Tenho fotografias de Osborne com Valéria e Kostia em Irkutsk. Conheço a existência da arca que eles fizeram para ele.

— Um americano como Osborne podia comprar vinte arcas diferentes de vinte fontes diferentes. Irina não recuou nem um passo. — Você mesmo mencionou Golodkin. Golodkin lhe arranjaria uma, e Golodkin não precisava sair do país. Era uma questão de dinheiro, e, como você diz, Osborne tem milhões de dólares. Por isso, porque havia de trazer Valéria e Kostia Borodin de Irkutsk? Eles, porquê? Conseguia distinguir agora os olhos dela enterrados no oval do seu rosto, assim como a mão pousada sobre o quadril. Sentiu a sua fadiga no escuro.

— Durante a guerra, Osborne matou três prisioneiros alemães da mesma maneira. Levou-os para os bosques em Leningrado, lhes deu chocolates e champanhe, e depois abateu-os a tiro. Recebeu uma medalha por isso. Não estou mentindo; está nos livros. Irina não deu resposta. —Se conseguir se livrar desta, o que quer fazer? Perguntou ele. — Tomar-se uma dissidente importante e denunciar inspetores? Fá-lo-á muito bem. Tentar se matricular de novo na universidade? Eu posso recomendá-la.

— Ser advogada, quer você dizer?

— Sim.

— Julga que eu seria feliz como tal?

— Não. Arkady se lembrou de Misha.

— Aquele realizador, murmurou ela, — O que me ofereceu as botas italianas, sabe? Pediu-me para casar com ele. Você me despiu; eu não sou muito feia, não é?

— Não.

— Então, talvez faça isso. Caso com alguém, me enfio em casa e desapareço. Depois de várias horas de discussão a voz dela era tão baixa que parecia vir de outro quarto.

— Em resumo, disse Arkady, — Tudo o que lhe disse pode ser uma mentira extraordinariamente perfeita ou a simples verdade.

Ele sentiu a respiração ritmada dela, percebeu que adormecera e cobriu-a com um cobertor. Foi uns momentos até à janela verificar se havia algum movimento fora do comum nos, apartamentos do outro lado do pátio ou no Bulevar Taganskaya. Por fim voltou para a cama e se deitou do outro lado.

* * *

# Quatorze

TINHAM sido pintadas linhas vermelhas nas ruas que levavam à Praça Vermelha. Oficiais do exército revistaram as sarjetas. Erguiam-se torres de televisão. Durante os dez anos de casamento com Zoya, Arkady conseguira amealhar, a juros de 2 por cento, os 1200 rublos que figuravam na sua conta de caixa econômica, da qual ela retirara tudo exceto 100 rublos. Um homem pode adivinhar os passos dos criminosos, mas não os da sua mulher ex-mulher, corrigiu Arkady. A saída do banco viu uma fila na calçada e esbanjou vinte rublos num lenço vermelho, branco e verde decorado com ovos da Páscoa.

* * *

Andreiev terminara. Valéria Davidova, assassinada no Parque Gorki, se encontrava viva de novo. Os seus olhos brilhavam, o sangue percorria as suas faces, os lábios estavam vermelhos e entreabertos de ansiedade, parecia que ia falar. Conservava-se muda, mas era necessário um esforço de raciocínio para se acreditar que o gesso não era carne tenra, que o rosado da pintura não era o da sua compleição, que o vidro não podia ver. O que parecia incrível era que aquela cabeça aparentemente com vida não tivesse corpo; o seu pescoço se equilibrava sobre uma roda de oleiro. Arkady não se considerava supersticioso, mas sentiu um arrepio na pele.

— Mudei a cor dos olhos para um castanho mais escuro disse Andreiev, — O que fez realçar o tom das faces dela. A cabeleira é italiana, cabelo autêntico. Arkady andava à volta da cabeça.

— É a sua obra-prima!

— Sim, reconheceu orgulhosamente Andreiev.

— Podia jurar que ela ia dizer qualquer coisa.

— Ela está dizendo qualquer coisa, inspetor. Está dizendo, “Aqui estou eu!”. Leve-a. Valéria olhava de cima da roda. Não era uma beleza

tão fulgurante como Irina, mas muito bonita, com um nariz menor, um rosto mais largo e mais simples. O gênero de rosto que se espera ver sorrir debaixo de um gorro de raposa num dia de inverno, enquanto esvoaçam os flocos de neve.

— Ainda não, disse ele.

* * *

Passara o dia com Swan. Falando com empregados de açougues, camponeses e todas as outras fontes possíveis de carne fresca. Já passava das quatro quando chegou à Novokuznetskaya e foi chamado a sala do promotor. lamskoy estava à espera por trás da sua mesa, os dedos rosados de bebê entrelaçados sobre o tampo da mesa, a cabeça raspada brilhante de pensamentos.

— Estou preocupado com a aparente ausência de um progresso coerente na sua investigação sobre o assunto do Parque Gorki. Não é minha intenção me imiscuir no trabalho de um inspetor, mas é meu dever vigiar alguém que perde o controle de si próprio ou da sua investigação. O que pensa que está acontecendo no caso? Seja franco, por favor.

— Acabo de ver uma reconstituição feita por Andreiev de uma das vítimas, respondeu Arkady.

— Está vendo, é a primeira vez que ouço falar nessa reconstituição. Isto é um exemplo de falta de organização.

— Não estou perdendo o controle.

— A sua recusa em admitir pode ser um sintoma. Vejamos, existem mais de sete milhões de pessoas nesta cidade, e entre elas um louco que fez três vítimas. Não espero que você tire o criminoso de dentro do chapéu, mas espero que um inspetor desenvolva um esforço de bom raciocínio e coordenação. Você não gosta de coordenação, eu sei. Considera-se um especialista, um individualista. Contudo, um indivíduo, mesmo o mais brilhante, é vulnerável à subjetividade, doença ou problemas pessoais. E você tem andado trabalhando muito. Iamskoy afastou as mãos e voltou a reuni-Ias. — Sei que tem tido problemas com a sua mulher, disse ele. Arkady não replicou; não fora uma pergunta. — Os meus inspetores são um reflexo de mim próprio, todos vocês, cada

um à sua maneira. Você, sendo o mais brilhante, deve saber isso, disse lamskoy. Mudou o tom para um mais decidido. — Você tem andado trabalhando sob tensão. Vem aí o feriado; agora não se pode adiantar nada. O que eu quero que faça, mal deixe esta sala, é preparar um sumário pormenorizado de todos os aspectos da investigação até este momento.

— Um sumário desses levaria dias, mesmo que eu não fizesse mais nada.

— Então não faça mais nada. Faça o trabalho com calma e muito completo. Como é natural, não quero quaisquer referências a cidadãos estrangeiros ou funcionários da Segurança do Estado. As suas especulações nessas áreas não o levaram a parte nenhuma. Referências a elas causariam embaraço não só a si como a este gabinete. Obrigado. Arkady ignorou a despedida. — Promotor, gostaria de saber se este sumário se destina a outro inspetor que irá ocupar o meu lugar.

— O que eu lhe peço, disse lamskoy com firmeza, — É cooperação. Quando existe uma cooperação sincera importa por acaso qual a pessoa que fez o quê?

* * *

Arkady se sentou diante duma máquina de escrever sem papel Na parede, numa fotografia, Lênin repousava numa cadeira de jardim, de chapéu branco e com uma xícara no colo. Os seus olhos espreitavam furtivamente por debaixo da aba do chapéu. O sumário... Pouco lhe restaria a dizer depois de apagar Osborne e a identificação do jovem Kirwill. O inspetor que retomasse o caso teria a impressão de que não houvera qualquer investigação. Podia começar de novo com novos detetives. O único embaraço seria o inspetor anterior. Nikitin, com uma garrafa e dois copos, abriu a porta. O Inspetor-Chefe para as Diretivas Governamentais ostentava uma apropriada careta de comiseração.

— Acabo de ter conhecimento. Pouca sorte. Devia ter vindo encontrar comigo. Colocou vodca nos copos. — Mas você guarda as coisas para você. Sempre lhe disse isso. Não se preocupe, havemos de arranjar alguma coisa. Conheço gente; havemos de lhe arranjar alguma coisa. Beba. Não do mesmo nível, é claro, mas você voltará a subir. Vou

pensar nalguma coisa para você. Nunca o considerei um investigador nato.

Era claro para Arkady que lhe tinham escapado indícios importantes: mensagens que teriam dito a um investigador mais astuto quais os caminhos a seguir, e de quais se desviar. Levin, lamskoy, até mesmo Irina, tinham tentado preveni-lo. Era como se, por muito olhar para o sol, uma pessoa visse os benefícios de seguir os canais devidos, essas avenidas tão brilhantemente iluminadas em que todas as aparentes contradições se encaixavam e explicavam.

— ... Não me recordo de um Investigador-Chefe ter sido alguma vez demitido, dizia Nikitin. — Toda a glória deste sistema consiste em ninguém perder o seu emprego. Tinha de ser você a ferrar isso. Quando Nikitin piscou o olho, Arkady cerrou as pálpebras e o Investigador-Chefe se inclinou para frente. — Como você acha que Zoya vai receber a notícia? Perguntou ele.

Arkady abriu os olhos para ver Nikitin se balançando com ar de expectativa na borda de uma cadeira. Não sabia porque Nikitin estava ali e não tinha escutado o que ele dissera, mas lhe chamou a atenção o fato de o seu antigo mentor, aquele oportunista de cara redonda, de expressão de peixe, estar sempre presente. Alguns homens morriam, outros eram demitidos. Nikitin estava sempre ao lado deles como um violador de túmulos.

O telefone tocou e Arkady atendeu. Era a resposta do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dizendo que nenhum indivíduo exportara ícones ou artigos de natureza religiosa ou supersticiosa durante os últimos meses de janeiro e fevereiro; apenas fora concedida uma licença especial para uma “Arca religiosa ser enviada ao Conselho das Artes do Partido, em Helsinque, como oferta do Clube Bola de Couro da Liga dos Jovens Comunistas Alemães.”. A arca seguira por via aérea de Moscou para Leningrado, onde foi transferido para o trem que ia de Leningrado para a Finlândia, via Vyborg. Toda a viagem de Moscou para a Finlândia decorrera em 3 de fevereiro e o nome que figurava no recibo era “H. Unmann “. Havia uma arca e Uninann enviara-a! Arkady pediu uma ligação telefônica para a sede do Partido Comunista Finlandês, em

Helsinque, sem qualquer dificuldade, pois os telefonemas internacionais eram muito mais seguros do que os locais. De Helsinque informaram-no que o Conselho das Artes fora dissolvido há mais de um ano, e que nada semelhante a uma arca religiosa fora alguma vez recebido ou esperado.

— Posso fazer alguma coisa? Ofereceu-se Nikitin. Arkady abriu a gaveta inferior da sua mesa e tirou de lá a Makarov semiautomática que tinha lhe sido atribuída ao ser promovido a inspetor, que aliás nunca usara, e uma caixa de balas de nove milímetros. Retirou o carregador da coronha, tirou oito balas da caixa e carregou a arma. O que está fazendo? Nikitin observava-o. Arkady ergueu a arma e apontou-a ao rosto de Nikitin, que escancarou a boca.

— Estou com medo, disse Arkady. — Pensei que gostaria de partilhá-lo comigo. Nikitin desapareceu pela porta. Arkady vestiu o sobretudo, colocou a arma no bolso e saiu. Como se ele trouxesse outros homens consigo.

* * *

— Julguei que ia me prender agora, disse ela.

— Porque pensa que eu quero prendê-la? Quando ele entrara no apartamento, Irina olhara para trás dele, para a porta.

— Vai fazê-lo mais cedo ou mais tarde.

— Eu impedi que eles a matassem.

— Isso foi fácil. Você acha que matar e prender são duas coisas diferentes. Contínua sendo um Investigador-Chefe. O vestido se moldara ao corpo com o uso. Caminhava silenciosamente com os seus pés descalços. Ele ficou pensando se Pribluda não teria efetivamente ocupado o apartamento de baixo, e se ele e Irina não estariam sobre urna rede de microfones. Ela varrera impecavelmente o chão; limpo e vazio, o apartamento tinha uma aparência descolorida e irreal. Ali ela era como fogo num vácuo.

— Pode me esconder hoje. É só um dia da sua vida disse ela. — Quando baterem à porta, você me entrega. Arkady não lhe perguntou por que ela não partira, pois receava que ela o fizesse. As entoações da sua voz estavam carregadas de desdém. — Inspetor, inspetor, como você pode investigar as nossas mortes quando não sabe nada sobre as nossas

vidas? Oh, lê artigos de revistas acerca da Sibéria, e a Milícia de lrkutsk lhe falou de Kostia Borodin. Como é que, você me perguntará, uma garota judia como Valéria poderia se ligar a um criminoso como Kostia? Como um tipo tão esperto como Kostia poderia alguma vez acreditar nas promessas de Osborne? Julga que eu também não cairia se elas fossem feitas a mim? Enquanto falava esfregava as mãos nos braços e andava de um lado para o outro. — O meu avô foi o primeiro siberiano da minha família. Para começar, ele era engenheiro-chefe dos serviços hidráulicos de Leningrado. Não cometeu crime nenhum, mas você se lembra que a ordem do dia era "Todos os engenheiros são destruidores", e assim ele foi metido num trem em direção ao leste, para cumprir quinze anos de trabalhos forçados em cinco campos diferentes da Sibéria, até o libertarem em exílio perpétuo... O que significa que ele precisaria ficar na Sibéria. O filho dele, o meu pai, um professor, nem sequer foi autorizado a ser voluntário contra os alemães por ser filho de um exilado. Tiraram-lhe o passaporte interno para que nunca pudesse sair da Sibéria. A minha mãe era música e lhe ofereceram uma posição no Teatro Kirov, mas não pôde aceitar por ser casada com o filho de um exilado.

— E Valéria?

— Os Davidov eram de Minsk. As comissões locais tinham uma quota de "judeus sofisticados" para prender. Por isso lá foi o rabino e a família para a Sibéria.

— E Kostia?

— Esse era mais siberiano que qualquer um de nós. O bisavô dele fora exilado por ordem do czar por assassinato. A partir daí, os Borodin trabalharam para os presídios, capturando fugitivos. Viviam com os Yukagir, os pastores de renas, porque os pastores eram os primeiros a saber quando um preso tentava atravessar a tundra. Quando os Borodin apanhavam um homem se mostravam amistosos, como se tencionassem deixá-lo escapar. Depois deixavam-no falar toda a noite sobre o que pensava fazer quando fosse livre, e matavam-no enquanto dormia, para que ao menos tivesse saboreado a ilusão da liberdade durante uma hora ou duas. Você nem sequer faz isso.

— Parece-me muito cruel, observou Arkady.

— Você não é siberiano. Osborne nos conhece melhor do que você. Mesmo do fundo do seu desprezo, ela observava-o cuidadosamente,

como se procurasse nele alguma coisa de diferente.

— Os Borodin não podiam viver só de apanhar presos, disse Arkady.

— Negociavam com os pastores, se ocupavam das suas explorações ilegais de ouro, guiavam os geólogos. Kostia fazia armadilhas.

— O que apanhava?

— Zibelinas, raposas.

— Ele era um bandido, portanto como podia vender zibelinas?

— Ia até Irkutsk e entregava as peles para outra pessoa vender. Cada pele valia uma centena de rublos, e ele ficava com noventa. Ninguém fazia perguntas.

— Agora existem fazendas para criação de zibelinas; porque eles ainda precisam dos caçadores?

— As fazendas são coletivas típicas, um completo desastre. As zibelinas precisam de carne fresca. O custo da distribuição de carne às fazendas da Sibéria é elevado, e quando a distribuição falha, o que acontece sempre, as fazendas precisam comprá-la nos armazéns de víveres. Por isso, ao Estado, alimentar uma zibelina custa o dobro da compra de uma selvagem. Mas o número aumenta sempre porque as zibelinas trazem divisas estrangeiras.

— Então deve haver muitos caçadores.

— Sabe onde precisa atingir uma zibelina com uma bala de espingarda a cinquenta metros? Nos olhos, senão a pele fica estragada. Poucos caçadores conseguiram isso, e nenhum como Kostia.

Comeram salsichas fritas, pão e café. Arkady tinha a sensação de que estava na caça, precisando se conservar muito quieto e ao mesmo tempo atirar perguntas como se fosse isca para fazer aproximar um animal selvagem.

— Para onde nós podemos fugir a não ser para Moscou? Perguntou-lhe Irina. — O Pólo Norte? China? Abandonar a Sibéria é o único crime verdadeiro que um siberiano pode cometer. É à volta disso que gira a sua investigação. Como estes selvagens siberianos chegaram aqui? Como eles saíram do país? Não me diga que teve todo este trabalho só porque uns siberianos morreram. Nós nascemos mortos.

— Onde ouviu essas bobagens?

— Conhece o “dilema siberiano”?

— Não.

— É a escolha entre duas maneiras de congelar. Andávamos num lago pescando através de aberturas no gelo quando um dos nossos professores caiu numa delas. Não foi muito fundo, só até ao pescoço, mas nós sabíamos o que estava acontecendo. Se ele ficasse na agua morreria gelado dentro de trinta ou quarenta segundos. Se saísse morreria gelado instantaneamente, se transformaria em gelo. Ele era professor de ginástica, me lembro eu. Um evenki (Tribo manchu natural da Sibéria Central, possivelmente relacionada com os índios da América do Norte), o único nativo do nosso corpo docente, jovem, toda a gente gostava dele. Estávamos todos em círculo à volta do buraco com as canas e peixes. A temperatura era de quarenta graus abaixo de zero e o dia era claro e bonito. Ele tinha mulher, uma dentista; ela não estava lá. Olhou para nós; nunca me esquecerei daquele olhar. Não estivera na água mais de cinco segundos quando se içou para fora.

— E... ?

— Morreu antes de ter se posto de pé! Mas saiu, isso é que era importante. Não ficou esperando morrer. O sol brilhou nos olhos dela. A noite tornava-a mais pálida e os seus olhos mais escuros.

— Eu vou lhe contar também um “dilema siberiano”, disse Arkady. — Osborne podia ter comprado bancos de igreja, arcas e ícones de vinte diferentes fontes em Moscou. Tal como você disse, Golodkin já tinha uma para ele. Por isso, porque precisaria correr o risco de negociar com duas pessoas desesperadas que fugiam da justiça? Porque precisaria de se dar ao trabalho de criar essa fantástica mentira de fuga para eles? O que podiam Kostia e Valéria oferecer que mais ninguém pudesse?

— Porque pergunta a mim? Ela encolheu os ombros: — Diz que havia um estudante americano chamado Kirwill ilegalmente trazido para a Rússia.

— Porque Osborne precisaria correr esse risco? É uma loucura.

— Era necessário. Kostia exigira provas concretas de que Osborne podia fazer entrar ou sair pessoas. James Kirwill era isso mesmo. Kirwill era também um exemplo perfeito porque era americano. Kostia e Valéria não pensaram que Osborne pudesse trair outro americano. Porque Kirwill havia de vir se não pensasse que poderia voltar a sair?

— Os americanos pensam que podem fazer tudo, disse Arkady. — Osborne pensa que pode fazer tudo. Ele foi para a cama com Valéria?

— Ela não era...

— Ela era bonita. Osborne diz que as mulheres russas são feias, mas ele não podia ter deixado de reparar em Valéria. Até mesmo no Centro de Peles de lrkutsk ele reparou nela. O que Kostia pensava disso? Que ele e Valéria iam se aproveitar daquele americano rico?

— Você faz soar isso como...

— Era isso o que eles tinham para oferecer a Osborne? Sexo. Kostia empurrou-a dizendo: “Vá em frente, um pouco de fornicação não lhe fará mal nenhum e nem a mim, vamos nos aproveitar o mais que pudermos do turista.”. Foi isso? Três pessoas mortas porque Osborne descobriu que estava sendo levado?

— Você não sabe de nada.

— Eu sei que, quando Kostia e James Kirwill estavam morrendo na neve, a sua amiga Valéria estava viva e suficientemente perto de Osborne para tocá-lo, e ela não fugiu nem gritou por socorro. Este é um verdadeiro “dilema siberiano” e só sugere uma coisa: que ela sabia que Kostia e Kirwill iam ser mortos, que ela estava do lado de Osborne. Que importava o seu bandido Siberiano? Como ele podia se comparar ao homem de negócios nova-iorquino? Que importava o romance! Talvez Osborne tenha lhe dito que só podia fazer sair uma pessoa. Ela precisava fazer a escolha, e era uma jovem esperta. Pedir socorro quando estava conspirando com Osborne para matá-los? Ela pensava passar por cima dos seus cadáveres de braço dado com o seu americano.

— Pare!

— Imagine a surpresa dela quando ele se virou para matá-la. Tarde demais para pedir socorro. Em retrospectiva parece incrível. É tão óbvio que o americano não passava de um assassino a sangue-frio e que as suas promessas eram muito vagas. Que crueldade trazer da Sibéria aquela jovem bonita e de cabeça oca para que pudesse matá-la aqui. No entanto, precisa admitir que, se ela não tentou fugir depois do seu namorado e de um estrangeiro inocente serem assassinados à sua frente, então era mesmo estúpida. Merecia mesmo ser morta da maneira que foi. Irina esbofeteou-o. Ele sentiu o gosto de sangue na boca. — Agora sabe que ela morreu, disse ele. — Bateu-me por- que acredita em mim, não é verdade? Bateram à porta.

— Inspetor-chefe Renko, disse uma voz de homem no corredor. Irina abanou a cabeça. Arkady também não reconheceu a voz. — Inspetor, nós sabemos que está aí, e sabemos da garota, disse a voz.

Arkady fez sinal a Irina para ir para o quarto, se aproximou do sobretudo que estava dobrado em cima do secador de roupa e tirou a arma de lá. Viu que os olhos dela estavam fixos na arma. Não gostava de pegar na Makarov; não queria matar ninguém nem queria ser morto no seu próprio apartamento, especialmente quando não havia sequer uma cadeira onde se sentar. Agiu calmamente enquanto no cérebro os seus pensamentos tropeçavam uns nos outros. Deveria disparar através da porta, era isso que faziam os espiões? Deveria se precipitar para o corredor com a arma a disparar? Em vez disso se aproximou da parede junto da porta e, com a mão livre, abriu-a vagarosamente segurando na maçaneta.

— Entre, disse ele.

Mal sentiu uma mão na maçaneta oposta, Arkady escancarou a porta. Uma figura cambaleou para dentro em desequilíbrio. Ele agarrou o homem, lhe passando um braço em volta do pescoço, e lhe encostou a arma à cabeça, jogando no chão um boné de lã. Arkady fechou a porta com um pontapé e fez o homem se virar. Tinha cerca de vinte e dois anos, era grande, sardento e sorria com ar embriagado como se tivesse feito uma brincadeira colossal. Era Yuri Viskov, o Viskov do processo Viskov que o promotor lamskoy defendera diante do Supremo Tribunal, o filho dos Viskov da lanchonete.

— Parto amanhã para a Sibéria. Tirou uma garrafa de vodca do bolso, — E queria que bebesse um gole comigo. Arkady conseguiu guardar a arma enquanto Viskov o abraçava. Irina saiu do quarto pouco à vontade. Viskov estava extraordinariamente contente consigo mesmo. Com uma firmeza deliberada levou a sua garrafa até aos copos que estavam na pia.

— Nunca mais o vi desde que o libertaram, disse Arkady.

— Já devia ter vindo aqui lhe agradecer. Viskov voltou com os copos transbordando. — Sabe como é, há tanta coisa para fazer quando se sai da cadeia. Só trouxera dois copos. Embora houvesse mais dois na

cozinha, Arkady percebera que a exclusão de Irina fora intencional e viu que ela continuava junto da porta do quarto.

— Conhecem-se? Perguntou ele a Viskov, enquanto erguiam os copos numa saúde.

— Não muito bem, disse Viskov. — Ela telefonou a alguém se informando a seu respeito, e essa pessoa me fez falar com ela ao telefone. Muito simples. A primeira coisa que eu lhe disse foi a maneira como me salvou a cabeça. Dei-lhe as melhores notas... Chamei-lhe o herói da Justiça soviética, nada menos. E ainda por cima é verdade.

— Não lhe pedi que viesse aqui, disse Irina.

— Não vim vê-la. Sou um operário das ferrovias, não um dissidente. Viskov lhe voltou as costas, a sua disposição brincalhona desaparecera, apagada por uma sinceridade desajeitada, ao pousar a mão no cotovelo de Arkady. — Livre-se dela. As pessoas como ela são veneno. Quem é ela para perguntar a seu respeito? Você é a única pessoa que alguma vez me ajudou. Digo-lhe uma coisa: se não houvesse dissidentes como ela, muito boa gente nunca sofreria como sofreram os meus pais. Um pequeno número de pessoas arruma confusões, e todas as outras pessoas é que são presas. E não acontece só a pessoas como eu. Andam todas vendo se apanham pessoas como você. Ao olhar de novo para Irina, Arkady percebeu perfeitamente o que estava dentro do ângulo de visão de Viskov: Irina, a porta e a cama. — O melhor veneno é o mais doce, não é verdade, inspetor? Somos todos humanos, mas, quando tiver se fartado, corra com ela. Cada um deles erguia ainda um copo esquecido. Arkady tocou o seu no do outro.

— A Sibéria, propôs ele. Viskov continuava a fitar Irina. — Beba, disse Arkady mais alto, se libertando do aperto do visitante. Viskov encolheu os ombros e ingeriram a vodca num só gole. O álcool queimou o corte na boca de Arkady.

— Por que diabos você vai para lá? Perguntou.

— Eles precisam de técnicos ferroviários na nova linha de Baical. Vískov mudou com relutância de assunto: — No vencimento estão incluídos bônus duplos, três vezes mais tempo de férias, um apartamento, geladeira com comida, tudo. Haverá vermes do Partido lá, mas não tantos quanto aqui. Começarei uma vida nova, construirei uma cabana na floresta, caçarei, pescarei. Está vendo, um ex-condenado por assassinato munido da sua própria espingarda? É ali que está o futuro.

Compreende, quando eu tiver filhos, eles crescerão de uma maneira diferente. Talvez daqui a cem anos possamos dizer a Moscou para ir se ferrar e tenhamos o nosso próprio país. O que pensa disto?

— Boa sorte. Não havia mais nada a dizer. Daí a um minuto Arkady olhava para o pátio, enquanto Viskov avançava curvado devido ao vento em direção às luzes de Taganskaya. Nuvens de chuva se colavam aos telhados. O vidro da janela vibrava.

— Eu lhe disse para não usar o telefone. Ficou vendo Viskov desaparecer. — Não devia ter lhe telefonado. Embora silenciasse o vidro com a palma da mão, sentia vibrações na pele. Irina era um reflexo branco na janela. Se fosse outra pessoa que não Viskov, ela podia estar morta. Arkady percebeu que era o seu braço que tremia, não a janela. Olhou para si próprio no vidro. Quem era aquele homem? "Que se dane Viskov", cuja vida salvara ainda há poucos meses. Só queria uma coisa: Irina Asanova. A obsessão era tão evidente que até mesmo Viskov, bêbado, dela se apercebera. Arkady nunca desejara nada antes; nunca houvera nada que lhe merecesse ser desejado. A luxúria era uma palavra demasiado fraca. Era injusta. A vida era tão insípida e indiferente, uma sucessão de sombras. Ela brilhava tanto contra aquela escuridão que até iluminava a ele.

— Ele entendeu, disse Arkady. — Tinha razão.

— O que quer dizer?

— A meu respeito. Eu não estou interessado na sua amiga Valéria. É-me indiferente que Osborne esteja mergulhado em sangue até à cintura. Não há investigação nenhuma. Tudo o que eu estou fazendo é tentando conservá-la junto de mim. Cada palavra era uma surpresa para ele; nem parecia ele. — Não duvido de que tudo o que fiz desde a primeira vez que a vi foi com o objetivo de trazê-la para aqui. Não sou o inspetor que você julgava que eu era, e não sou o inspetor que eu próprio julgava ser. Não posso protegê-la. Se eles não sabiam que você se encontrava aqui, devem ter estado escutando o meu telefone e agora sabem. Para onde quer ir? Voltou-se para Irina. Levou um momento a ver o reflexo baço da arma nas mãos dela. Sem qualquer explicação, ela voltou a colocá-la no secador.

— E se eu não quiser ir? Perguntou ela. Avançou até meio do quarto e despiu o vestido. Estava nua por baixo. — Eu quero ficar, disse ela. O seu corpo tinha um brilho de porcelana. Estava de braços caídos,

sem procurar se cobrir.

Entreabriu os lábios quando Arkady se aproximou, e os seus olhos se descerraram, não apenas as pálpebras mas as próprias pupilas, quando ele lhe tocou. Ele penetrou nela de pé, erguendo-a e fazendo-a escorregar ao longo dele antes de se beijarem. Ficou húmida ao primeiro toque, como um segredo desvendado, e, quando se beijaram finalmente, os seus dedos se agarravam à cabeça e às costa dele. Arkady se sentiu embriagado com o sabor dela, que sobressaía para além da vodca e do sangue que tinha na boca. Balançaram e se deitaram no chão, onde ela o envolveu com as pernas.

— Então também me ama, murmurou ela.

Mais tarde, na cama, ele lhe observava o seio, que tremia com as pulsações.

— É qualquer coisa de físico. Ela estendeu a mão sobre o peito dele. — Senti na primeira vez que o vi no estúdio, mas continuo odiando-o. A chuva batia nas janelas. Ele passou a mão sobre o flanco dela. — Continuo a odiar o que faz, não retiro nada do que disse, afirmou ela. — No entanto, quando está dentro de mim, nada mais importa. De certo modo, penso que está dentro de mim há muito tempo.

Podia haver gente à espera por cima e por baixo; o medo apenas tomava a sensação mais intensa. Os bicos dos seios dela continuavam rijos.

— Está enganado a respeito de Valéria, disse ela. — Valéria não tinha nenhum lugar para onde fugir. Osborne sabia disso. Ela alisou o cabelo dele. — Acredita em mim?

— No que respeita a Valéria, mas não no resto.

— O que não acredita?

— Você sabe o que Valéria e Kostia andavam aprontando para Osborne.

— Sim. Continuamos a ser inimigos disse ela, Percorreu-o com o olhar, deixando-o como a superfície da água agitada por uma pedra.

— Trouxe isto para você. Arkady deixou o lenço cair sobre ela.

— Porquê?

— Para substituir aquele que perdeu no metrô.

— Eu preciso é dum vestido novo, casaco e botas, não dum lenço, ela riu.

— Só tinha dinheiro para um lenço. Ela olhou para o lenço, tentando distinguir as cores no escuro.

— Deve ser um lenço maravilhoso, disse. — Não importa quanto uma mentira é ridícula se essa mentira for a nossa única possibilidade de fuga, disse ela. — Não importa até que ponto a verdade é óbvia se a verdade é que nunca poderemos fugir.

* * *

# Quinze

No telefone Misha parecia estar desesperado. Arkady apanhou sua roupa. Irina ainda dormia com os braços estirados na cama onde ele estivera deitado.

— Vou me encontrar com um amigo. Antes paro noutro lugar no caminho, disse Arkady quando William Kirwill entrou no automóvel.

— Me restam quatro dias nesta cidade. Ontem perdi um esperando que você aparecesse, disse Kirwill. — Hoje, ou me diz quem matou Jimmy ou eu mato você. Quando Arkady se afastou do hotel Metrópole e deu a volta na Praça Sverdlov, sorria:

— Na Rússia você deverá entrar na fila.

* * *

No número 2 da Rua Serafimov subiram ao segundo andar. A porta não tinha nenhuma fechadura ou fita das que Arkady havia esperado ver. Uma idosa que segurava um bebê pelado lhes abriu a porta. A mulher olhou a identificação de Arkady.

— Este apartamento deveria estar fechado, disse o investigador. — Duas pessoas morreram aqui há uma semana, o inquilino e um detetive da milícia.

— Eu sou só uma avó. Não sei nada disso. A idosa olhava para Arkady e para Kirwill. — De qualquer maneira, por que haveria de permanecer vazio um bom apartamento? A gente precisa de um lugar para morar.

— Tem toda a razão, disse Arkady. Porque havia de se perder um bom apartamento?

* * *

Arkady se encontrou com Misha numa igrejinha quase no fim da Serafimov. Era de Santo-Qualquer-Coisa, uma da grande maioria das igrejas há muito denominadas “museus”, desconsagrada e beneficiada por uma restauração cultural. Uma paliçada de andaimes apodrecia à volta de paredes. Arkady empurrou a porta e penetrou na escuridão, entrevendo poças e esterco de pássaros no pavimento de pedra antes da porta se fechar. Acendeu-se um fósforo e a seguir uma vela, iluminando Misha. Arkady distinguiu os quatro pilares centrais da igreja, as travessas quebradas de uma iconostase e a claridade fraca vinda da cúpula do teto. A água da chuva escorria pelos pilares abaixo. O interior fora em tempos revestido de ícones de cristos, anjos e arcanjos, mas o estuque estalara e as pinturas tinham desbotado e só restavam formas vagas pairando à luz da vela. Pombos arrulhavam nas janelas quebradas da cúpula.

— Veio cedo, disse Misha.

— Aconteceu alguma coisa com Natasha? Porque não podíamos conversar em sua casa?

— Veio meia hora mais cedo.

— Então viemos os dois. Fala. Misha estava estranho, o cabelo despenteado e o terno amarrotado. Arkady se sentia satisfeito por ter convencido Kirwill a ficar lá fora no carro. — Trata-se de Natasha? Perguntou ele.

— Trata-se de Zoya. O advogado dela é meu amigo e me contou as declarações que ela tem feito no tribunal. Sabe que o julgamento do seu divórcio está marcado para amanhã, não sabe?

— Não. Arkady não se admirou; as notícias deixavam-no indiferente.

— Toda a gente fala do Partido como você, mas isso não é para ser repetido no tribunal. Você, um Investigador-Chefe! E eu? Perguntou Misha. — Você dizia essas coisas a respeito de mim, um advogado! Também isso está nas declarações. Vou perder o meu cartão do Partido. Estou arruinado no tribunal, nunca mais poderei voltar lá.

— Lamento muito.

— Bom, você nunca foi um bom membro do Partido. Tentei de todas as maneiras possíveis ajudar a sua carreira, e você me atira isso na cara. É a sua vez de me ajudar. O advogado de Zoya vem encontrar

conosco aqui. Vai negar ter alguma vez feito declarações contra o Partido na minha presença. Na presença de Zoya, talvez, mas não na minha. É ela ou eu. Precisa ajudar alguém.

— Você ou a Zoya?

— Por favor, em nome da nossa amizade.

— Eu diria a nossa grande amizade. Seja como for, se diz toda a espécie de coisas nos julgamentos de divórcios e ninguém as leva a sério. É tarde demais.

— Fará isso por mim ?

— Está bem, me dê o nome dele e eu telefono.

— Não, ele está a caminho, vem encontrar conosco aqui.

— Ele não tem um escritório ou um telefone?

— Agora não o pegamos mais lá, já está a caminho

— Vamos falar aqui, numa igreja?

— Num museu. Bem, ele queria discrição, pois se trata de falar com o marido da cliente e tudo o mais. Está me fazendo um favor.

— Não vou esperar meia hora. Arkady pensou em Kirwill no carro.

— Ele vai chegar em breve, juro. Não lhe pedia isto se não fosse mesmo preciso. Misha segurou na manga de Arkady. — Ficará?

— Está bem, espero mais um pouco.

— Ele não demora.

Arkady se encostou num pilar até começar a sentir o pescoço molhado devido à água que escorria. Acendeu um cigarro na vela de Misha e deu uma volta pelo local. Quanto mais tempo se achava na igreja melhor via. “Talvez as pinturas antigas ganhassem em ser vistas com pouca iluminação”, pensou ele. Muitas das figuras nas paredes tinham asas, embora ele não distinguisse os anjos dos arcanjos. As suas asas eram esguias e leves. Os próprios anjos se assemelhavam a aves; brilhavam neles os olhos e as espadas. O altar desaparecera. Os túmulos tinham sido abertos, ficando à vista as cavidades. Tanto os olhos como os ouvidos iam se habituando ao ambiente. Viu a corrida assustada de um rato. Pareceu-lhe possível ouvir a gota de água que se desprendia da cúpula até chegar ao chão. À luz da vela notou que Misha transpirava, embora a igreja estivesse fria. Misha tinha os olhos pregados no tênue contorno azul da porta fechada.

— Lembra-se, disse Arkady bruscamente, causando um sobressalto a Misha, — Quando éramos garotos, não podíamos ter mais de dez anos, e fomos a uma igreja?

— Não, não me lembro.

— Fomos porque você ia me provar que Deus não existia. Na igreja estavam no meio dum serviço religioso. Havia muitos velhos ali reunidos e os sacerdotes tinham grandes barbas. Você apareceu por trás deles e gritou: “Deus não existe.”. Todas as pessoas ficaram irritadas e penso que um pouco inquietas. Eu estava. Depois, gritou: “Se Deus existe que ele me mate já e mate também o Arkasha.”. Eu fiquei apavorado. Mas não morremos, e pensei que você era a pessoa mais corajosa do mundo. E saímos de lá correndo, não foi?

— Ainda não me lembro. Misha abanou a cabeça, mas Arkady sabia que ele se lembrava. — Pode ter sido nesta mesma igreja.

Numa parede Arkady distinguiu uma figura sentada com a mão erguida. Pareciam brotar anjos dela. Por baixo havia duas figuras nuas, talvez um homem e uma mulher, sobre o que parecia ser um cão de duas cabeças. Ou um porco. Ou uma mancha. Aqui havia um grupo de mártires, ali um homem com um burro pela mão. Havia uma azáfama secreta por toda a parte.

— O advogado não aparece, disse Arkady.

— Ele vem a...

— Não há advogado nenhum. Acendeu outro cigarro no primeiro. Misha apagou a sua vela, mas Arkady continuava a vê-lo. Observavam ambos a porta. Nunca pensei que você fizesse isso, disse Arkady. — Qualquer pessoa menos você. Passou um minuto. Misha não disse nada. — Misha, suspirou Arkady. — Misha. Sentiu as gotas caindo, as poças se alargando e a se sobreporem. “Deve estar chovendo muito lá fora”, pensou ele. Raios de luz muito fracos atravessavam a cúpula, se desvanecendo antes de chegarem às paredes. Misha olhou com ar suplicante para Arkady. Os seus caracóis pretos estavam molhados e ridículos. Dos seus olhos corriam lágrimas que formavam uma lira no seu rosto.

— Foge, murmurou ele.

— Quem vem aí? Perguntou Arkady.

— Depressa, eles foram buscar a cabeça.

— Como souberam da cabeça? Arkady pensou ouvir passos. Apagou o cigarro, recuou até junto de uma parede e puxou a arma.

Misha ficou no mesmo local, sorrindo frouxamente. Um pombo se banhava numa pia batismal quebrada. Sacudiu as pernas e se elevou por entre os pilares em direção à cúpula. Arkady deslizou ao longo da parede e abriu a porta. Estava caindo outra chuvada, martelando os andaimes e fazendo correr as pessoas abrigados por jornais e guarda-chuvas. Kirwill devia estar impaciente no carro.

— Arkasha, pensei muitas vezes na tal igreja, disse Misha. Arkady começou a correr. A estrada do molhe estava inundada e ele teve de fazer um desvio à volta do Parque Gorki. Ao chegar ao Instituto Etnológico, se via um Volga preto acendendo os faróis e arrancando. Reconheceu o motorista. “Obrigado, Misha”, disse Arkady para consigo. Passou diante do Instituto, descreveu um círculo completo na Andreyesk Prospekt e voltou para junto do parque, um quarteirão atrás do Volga.

— O faremos agora? Perguntou Kirwill.

— Estou seguindo um carro e você vai descer no próximo semáforo.

— Eu não.

— Tem um oficial da KGB naquele carro preto. Ele roubou uma cabeça que fora reconstituída para mim.

— Então faça-o parar e recupere-a.

— Quero ver para onde ele a leva.

— E depois o que fará?

— Depois volto com a Milícia e prendo-os por roubo de propriedade do Estado e obstrução da sala do promotor.

— Você disse que era a KGB. Não pode prendê-lo.

— Não me parece que se trate de uma operação da KGB. A KGB costuma anunciar quando se apodera dum caso; não rouba provas. O apartamento que nós visitamos devia ficar selado durante um ano; é assim que a KGB opera. Os cadáveres do Parque Gorki devem ter sido “descobertos” menos de um dia antes da KGB surgir. É assim que ela funciona, não deixam as coisas esfriarem. Penso que se trata dum major da KGB e de alguns dos seus elementos executando uma operação deles,

protegendo alguém por dinheiro. A KGB não gosta de ter empreiteiros nas suas fileiras. Seja como for, o promotor da cidade de Moscou representa a lei acima da KGB e eu continuo a ser o seu Inspetor-Chefe. Pode descer aqui. Tinham parado num semáforo do Largo Sadovaya, três automóveis atrás do Volga. O motorista, o homem com marcas de varíola que seguira Irina até ao metrô, olhava para qualquer coisa que tinha ao seu lado no banco da frente. Não verificou no retrovisor se era seguido. Um homem daqueles nunca pensaria que pudesse ser seguido, pensou Arkady.

— Eu acompanho-o no passeio. Kirwill se espreguiçou.

— Está bem. O sinal mudou. Arkady esperava a cada momento que o Volga virasse para a esquerda, em direção ao centro da cidade e do gabinete de Pribluda. Em vez disso virou à direita, para leste, para a Estrada dos Entusiastas. Já estavam suspensas algumas faixas por cima da rua. **NINGUÉM FICARA PARA TRÁS**, dizia uma. Arkady manteve a distância de três automóveis.

— Como tem certeza que ele está com a cabeça? Perguntou Kirwill.

— É a única coisa de que tenho certeza. Gostaria de saber como ele soube da sua existência.

Quanto mais se afastavam do centro da cidade menos trânsito havia e mais Arkady se distanciava do carro preto. Ficou para trás a Fábrica Hammer and Sickle; e também o Parque lzrnailovo. Estavam saindo de Moscou. O Volga virou para norte no Anel Exterior, a divisória entre a cidade e o campo. A escuridão rebentou em trovões e relâmpagos. De repente, no alto da autoestrada, viram transportes de pessoal, pesados caminhões com janelas estreitas, blindados tão grandes como caminhões, caixas de munições, atrelados de formas angulosas cobertos de lona. Soldados olhavam para os faróis.

— Para a parada do Primeiro de Maio, explicou Arkady. Diminuiu quando se aproximaram da Estrada Dmitrov. Dos carros que os precediam só o Volta entrou na rampa de saída. Arkady desligou os faróis antes de chegar à rampa. A milícia motorizada ali em serviço verificou a matrícula oficial do Moskvich e mandou-o seguir. O Volga ia mais ou menos duzentos metros à frente. A autoestrada e a cidade ficaram para trás. Havia bosques de cada lado da estrada. O terreno se

tomara mais acidentado e as luzes traseiras do carro da frente desapareciam, voltando a aparecer quando a estrada se tomava plana.

— Como se chama este lugar? Perguntou Kirwill.

— Lago de Prata.

— E aquele tipo é só major?

— Sim.

— Então penso que não ele que vamos encontrar.

Via-se água através duma cortina de freixos e sorveiras bravas. Estradas laterais, tributárias lamacentas, conduziam para as dachas de verão. Ao atravessarem uma ponte de madeira, o Lago de Prata ficou à esquerda deles. Descongelara exceto na parte central, que formava uma ilha habitada por êideres (Eider, espécie de pato bravo que habita as regiões do Norte). A estrada voltou a mergulhar no meio das árvores. As luzes traseiras do Volga eram fugazes pontos de referência no fim de cada curva. O carro passava diante de jardins com mesas e guarda-sóis, latas amassadas e um local para tiro com arco. Arkady desligou o motor e entrou por um caminho lateral que terminava em sulcos junto de uma cabana com as portas e janelas pregadas. O relvado circunstante acabava num pomar de maçãs abandonado, depois se seguia uma fileira de salgueiros até uma praia.

— Porque paramos aqui? Perguntou Kirwill. Arkady levou um dedo aos lábios e abriu lentamente a sua porta. Kirwill fez o mesmo, e a distância se ouviu fechar a porta de outro carro. — Sabe onde eles estão? Perguntou Kirwill.

— Agora sei.

O terreno estava ensopado em água e pesado sob os pés de Arkady. Enquanto atravessavam o relvado ouviu vozes por detrás do arvoredo, embora não distinguisse as palavras. Avançou pelo pomar de maçãs, agarrando nos ramos e procurando caminhar sobre as folhas molhadas e detritos do inverno. As vozes eram mais fortes, parecendo estar combinando qualquer coisa enquanto ele se movia de árvore para árvore. Quando as vozes pararam, ele estacou. Depois recomeçaram mais próximas e ele se deitou de barriga no chão e rastejou até uma sebe baixa. A cerca de trinta metros de distância, avistou a esquina da dacha

vizinha, o Volga preto, uma limusine Chaika, o homem das marcas de varíola e Andrei lamskoy, o promotor da cidade de Moscou. O homem de cara bexigosa segurava uma caixa de papelão. lamskoy vestia o mesmo casaco debruado a pele de lobo e calçava as mesmas botas que Arkady vira quando visitara a dacha da última vez; tinha um boné de lã no seu crânio calvo e luvas de couro, que enfiava enquanto ia falando.

Arkady não conseguiu entender nenhuma das palavras ditas por que o promotor falava muito baixo, mas captou as inflexões poderosas do seu tom de voz. lamskoy passou o braço à volta do outro homem e levou-o para o caminho da praia onde Arkady naquela visita soprara uma cometa para atrair os gansos. Arkady foi os acompanhando através da vegetação. Na sua primeira visita à dacha de lamskoy não prestara atenção às pilhas de lenha espalhadas entre as árvores da propriedade. O bexigoso esperou junto duma das pilhas, enquanto lamskoy entrou no abrigo. Arkady se lembrava da corneta, do balde de bolinhas de peixe e dos gansos pendurados no interior. lamskoy surgiu com um machado na mão. O outro homem abriu a caixa e tirou para fora a cabeça de Valéria Davidova, ou antes, a reconstituição quase viva que Andreiev fizera da sua cabeça. Pousaram-na de lado, uma cabeça já executada à espera de nova execução num cepo de rachar lenha. lamskoy fez descer o machado e abriu a cabeça ao meio. Com a precisão de um bom observador das práticas rurais, pôs de pé as metades da cabeça e rachou-as, e em seguida em partes menores. Com a meticulosidade de quem gosta de exercícios físicos, partiu as partes pequenas noutras ainda menores, depois pôs o machado de lado e reduziu estas últimas a pó, que jogou dentro da caixa. O bexigoso levou a caixa até à praia, e despejou o pó na água. lamskoy pegou nos dois berlindes, os olhos de vidro de Valéria, que estavam no chão, e colocou-os no bolso. Segurou na cabeleira quando o outro homem voltou, encheu a caixa vazia com lenha, e juntos subiram o caminho que levava à dacha. Kirwill seguira Arkady silenciosamente.

— Vamos, disse ele. Kirwill sabia. O seu sorriso era de um divertimento profundo.

— Eu vigiei o seu gabinete, se lembra? Disse Kirwill. — Conheço o promotor. É melhor você fugir.

— Fugir para onde? Quando chegaram ao pomar, saía fumo da chaminé da dacha de lamskoy. Através da janela, Arkady viu o brilho do fogo. “Se conseguisse se elevar mais talvez pudesse sentir o cheiro do cabelo queimado”, pensou.

— Diga-me quem foi que matou Jimmy, disse Kirwill. — Você nunca o apanhará. Não tem provas nem identificação e agora é como se estivesse morto. Deixe-me apanhá-lo. Arkady se sentou encostado a um tronco e estudou a sugestão. Acendeu um cigarro e protegeu-o da chuva com as mãos. — Se a pessoa que matou o seu irmão vivesse em Nova lorque e você a matasse, acha que se safava?

— Sou um policial, me safo de tudo. Olhe que eu tentei ajudá-lo.

— Não, retorquiu Arkady. — Não, não tentou.

— O que quer dizer? Contei-lhe sobre a perna dele. Ele tinha uma perna aleijada e morreu; de resto não sei mais nada.

— Bem, então me diga, era esperto ou tolo, corajoso ou covarde, alegre ou sério? Como pode dizer tão pouco acerca do seu irmão? De pé junto de Arkady, Kirwill parecia maior do que as árvores uma questão de proporções: árvores pequenas à volta de um homem grande. A chuva escorria dos seus ombros.

— Desista, Renko, você não manda mais nada. Agora quem toma conta disto é o promotor e eu também. Qual é o nome?

— Você não gostava do seu irmão?

— Não diria isso.

— O que diria? Kirwill olhou para a chuva e depois para baixo, para Arkady. Tirou as mãos dos bolsos, fechou-as com força e depois as abriu lentamente, como para se dominar. Deu um olhar na casa. “Que faria ele se a dacha não estivesse tão perto?”, pensou Arkady,

— Eu odiava o Jimmy, disse Kirwill. — Está admirado?

— Se eu odiasse um irmão não percorreria metade do mundo, mais ainda com a possibilidade de encontrá-lo morto. Mas me sinto curioso. Quando andamos à procura de impressões digitais na garagem você tinha um cartão com as impressões digitais dele, um cartão da polícia. Alguma vez prendeu o seu irmão? Kirwill sorriu. Fazendo um esforço, voltou a colocar as mãos nos bolsos.

— Espero por si no carro, Renko. Desapareceu, mergulhando entre as árvores, não fazendo qualquer ruído apesar da sua estatura. Arkady se felicitou por ter eliminado o seu último aliado temporário.

“lamskoy! Agora tudo faz sentido, disse um homem ao subir os degraus do cadafalso”, pensou Arkady. lamskoy, que se opunha a que qualquer outra pessoa, além de Arkady Renko, investigasse o caso dos cadáveres do Parque Gorki! lamskoy, que conduziu Arkady a Osborne. Não fora Pribluda quem mandara seguir Pasha e Golodkin até ao apartamento deste último; nunca teria havido tempo para matá-los, roubar a arca e levá-la para fora. Chuchin dissera a lamskoy que Golodkin estava sendo interrogado, e lamskoy é que tivera tempo para mandar retirar a arca e pôr os assassinos à espera. E quem falara a Iamskoy na cabeça de Valéria? Ninguém além de Arkady Renko. Era afinal uma descoberta não acerca de lamskoy, mas referente a si próprio, de corno era um inspetor hesitante e estúpido, tão cego e surdo como estúpido. Um idiota, tal como o dissera Irina.

A porta da dacha se abriu e lamskoy surgiu acompanhado pelo bexigoso. O promotor voltara a vestir o seu habitual uniforme castanho e sobretudo. O outro homem sacudiu as cinzas de si próprio enquanto lamskoy fechava a porta à chave. Tinham deixado o fogo ardendo.

— Então, lamskoy respirou fundo, — Dê-me notícias esta noite. O homem fez continência, entrou no Volga e voltou para a estrada. lamskoy seguiu no Chaika.

Rolando sobre as folhas, a limusine virou para entrar na estrada, parecendo dar um suspiro de satisfação devido ao trabalho bem feito. Mal os carros partiram, Arkady contornou a dacha. Era uma cabana de quatro divisões de estilo rústico finlandês. As portas de trás e da frente tinham fechaduras duplas, e as janelas fios, porque, para os moradores de elite do Lago de Prata, havia um sistema de alarme ligado diretamente a uma estação local da KGB e patrulhas regulares motorizadas. Caminhou até à praia. Havia uma luva no cepo de rachar lenha, pó cor-de-rosa de pasta de gesso e um cabelo ou dois pegados à madeira. Havia mais pó cor-de-rosa no chão entre os dejetos de gansos, e mais pó estava sendo levado pelo vento. Raspou o cepo. Havia também minúsculas partículas de ouro. Fora para ali levada a arca de Golodkin. Estava provavelmente na cabana quando da primeira viagem de Arkady, concluiu ele; essa a razão por que tinha sido conduzido

apressadamente para os êideres. Depois a arca fora destruída no cepo. “Uma arca grande teria ardido duma vez só?”, pensou ele. Examinando a pilha de lenha, não conseguiu encontrar vestígios da arca. Derrubou a pilha; no fundo havia lascas que tinham escapado a lamskoy, pequenos restos de madeira e ouro.

— Olhe, Kirwill, disse Arkady na direção do som dos passos nas suas costas: — A arca de Golodkin, ou aquilo que dela resta.

— Pois é, disse uma voz diferente. Arkady levantou os olhos para o homem bexigoso que partira no Volga. Ele lhe apontava a mesma TK de cano curto que tinha no metrô.

— Esqueci, da minha luva, explicou ele. Surgiu uma mão por detrás do homem, que o fez soltar a arma. Outra mão agarrou-o pelo pescoço. Kirwill levou o bexigoso pelo braço e pelo pescoço até à árvore mais próxima, o único carvalho da praia, manteve-o contra o tronco pelo pescoço e começou a socá-lo. O homem tentou dar pontapés. O punho de Kirwill tinha um som de cutelo.

— Nós precisamos falar com ele, disse Arkady. Sangue vivo começou a sair da boca do homem. Os olhos se esbugalhavam. O punho de Kirwill acelerou. — Largue-o! Arkady tentou afastar Kirwill. Kirwill atirou Arkady ao chão com as costas da mão. — Não! Agarrou na perna de Kirwill. Kirwill lhe deu um pontapé na contusão ainda por sarar por cima do coração, e Arkady se dobrou em dois, vomitando.

Kirwill continuou batendo no bexigoso encostado à árvore. O sangue da boca do homem se tomou mais abundante e com espuma, e os seus pés saltavam do chão. A coisa mais parecida com aquilo que Arkady já vira fora um cão de caça brutalizando um pássaro. O rosto do homem ia de um lado para outro, salpicando sangue como se fosse cuspe. Os seus calcanhares batiam na árvore. Cada golpe era mais violento que o anterior, e o punho de Kirwill começou a bater numa coisa cada vez mais mole e inerte. “Kirwill devia ter quebrado as costelas do homem logo do começo”, pensou Arkady. Continuou a bater até o rosto marcado pelas bexigas ir ficando cada vez mais cinzento.

— Ele morreu. Arkady se pôs de pé e puxou Kirwill para trás. — Ele já morreu. Kirwill se afastou cambaleando. O homem caiu de

joelhos e depois rolou para o lado. Kirwill perdeu o equilíbrio e rastejou, as mãos manchadas de vermelho. — Nós precisávamos dele, disse Arkady. — Tínhamos de lhe fazer perguntas.

Kirwill começou a tentar limpar as mãos com terra. Arkady agarrou-o pela parte de trás da gola e levou-o como um animal pela praia abaixo até à água, depois voltou para junto do carvalho e revistou os bolsos do morto. Descobriu uma carteira barata com pouco dinheiro, um porta-moedas, uma navalha de ponta e mola e o livrete vermelho de identificação de oficial da KGB. O nome era lvanov. Ficou com o livrete e a arma. Arkady arrastou o morto até ao abrigo. Quando abriu a porta velo lá de dentro uma onda de calor e zumbidos. Os êideres estavam pendurados em filas até ao teto, de pés atados, as cabeças pousadas nas penas sujas. Havia um fervilhar de moscas por entre as penas e um cheiro a podridão húmida. Atirou o morto lá para dentro e fechou a porta. O vento empurrava-os para Moscou.

— Primeiro, ele quis ser padre, disse Kirwill. — Era um desses rapazes pálidos que sofrem ao ver cortar flores, que vai para Roma e odeia os italianos mas adora os jesuítas franceses. Tudo isso seria desgostante mas certo. Ele podia ter sido um padre dos operários, um chato vulgar. Mas depois começou a ter aspirações mais altas; queria ser um messias. Não era esperto nem era forte mas queria ser um messias.

— Como iria conseguir?

— Um católico não pode. Se você disser que é um iogue ou um guru oriental e falar baboseiras, comer cabeças de frango e nunca mudar de cuecas, atrai todos os discípulos que quiser. Mas um católico, não.

— Não?

— Se você for católico, o melhor que pode esperar e a excomunhão. Além disso há messias demais na América. É um supermercado de messias. Você não tem ideia de que droga estou falando?

— Não. Na autoestrada exterior chegaram ao Parque de Exposições. O crepúsculo envolvia um obelisco.

— A Rússia é uma terra virgem para os messias, continuou Kirwill. —Jimmy poderia ter se distinguido aqui; tinha possibilidades. Já tinha ferrado tudo na nossa terra. Precisaria fazer qualquer coisa de grande

aqui. Escreveu-me de Paris dizendo que vinha para cá. Anunciou-me que a próxima vez que eu veria seria no Aeroporto Kennedy. Afirmou que ia executar um ato do espírito de São Cristóvão. Sabe o que isso significa? Arkady abanou a cabeça. — Significa que ia arrancar alguém da Rússia e dar uma conferência de imprensa no Kennedy. Ia ser um salvador, Renko, ou, pelo menos, uma celebridade religiosa. Sei como voltou para aqui. Contou-me, quando regressou daqui a primeira vez, que seria fácil encontrar um estudante polonês ou tcheco que se parecesse com ele. Trocariam os passaportes e Jimmy voltaria aqui de novo sob o nome do outro tipo. É assim que a Igreja faz entrar muitas Bíblias pela Polônia. Jimmy falava polonês, tcheco e alemão, além do russo; não teria sido difícil. Difícil seria não ser apanhado aqui. E sair.

— Você disse que ele se tinha ferrado nos Estados Unidos. Como?

— Envolveu-se com aqueles garotos judeus que chateiam os russos de Nova lorque. No princípio era só tinta nos carros e protestos. Depois cartas-bombas improvisadas em tubos contra a Aeroflot e disparos de espingarda para as janelas da Missão Soviética. Há uma seção no Departamento da Polícia intitulada “Pelotão Vermelho” que vigia os radicais; este se dedicou a intervir e vigiar os judeus. Na verdade, nós lhes vendemos o último lote de espoletas. Entretanto, Jimmy fora até à Geórgia e comprara mais espingardas e munições para eles. Fez duas viagens, uma das remessas foi transportada num altar.

— Qual era o problema das espoletas? Perguntou Arkady.

— Tinham defeito. Eu lhe salvei a vida. Ele devia ajudar a fabricar as bombas. Nessa manhã fui até sua casa e lhe disse para não ir. Não quis me ouvir. Joguei-o para cima da cama e lhe quebrei a perna na tábua dos pés da mesma. Por isso ele não foi. Os judeus montaram as espoletas defeituosas e as bombas rebentaram. Morreu toda a gente. O fato é que salvei a vida de Jimmy.

— E depois?

— O que quer dizer com “e depois”?

— Os judeus que sobreviveram não pensaram que o seu irmão era um informante?

— Claro. Eu mandei-o para fora da cidade.

— Ele nunca teve oportunidade de dar uma explicação aos amigos?

— Eu preveni-o que se regressasse daria cabo dele. Caía um aguaceiro na Avenida da Paz. Havia jornais espalhados pela calçada. —

Houve um caso em Nova lorque, Kirwill aceitou um cigarro. — Tratava-se dum maluco que apontava a navalha ao rosto das pessoas e depois de obter o que pretendia retalhava-as só para se divertir. Nós sabíamos quem ele era, um negro interessado sobretudo em joias. Eu queria caçá-lo, por isso lhe preparei uma cilada. Sabe, eu tinha o anel de uma das vítimas, deixei-o cair atrás do tipo e agarrei-o. O estúpido filho duma cabra puxou duma arma, disparou e falhou. Eu não falhei. Isto se passou no Harlem. Juntou-se uma grande multidão e alguém agarrou na arma do tipo e fugiu. Isso transformou-o num mártir, um cidadão abatido a caminho da igreja. Fizeram-se marchas para cima e para baixo da Rua Cento e Vinte e Cinco, e todos os sacerdotes negros que podiam arrastar os pés, mais toda a multidão dos antiguerra e Jimmy com as suas Testemunhas Cristãs. Todas as Testemunhas Cristãs transportavam cartazes dizendo: “Sargento Killwell (Mata-bem, trocadilho de Kirwill), Procurado por Crime”. Eu descobri quem inventara aquilo do “Killwell”. Jimmy nunca me disse mas eu descobri. Sabe que mais ele gostava de me chamar? Perguntou Kirwill. — Gostava de me chamar Esaú. O seu irmão Esaú.

* * *

O rio estava cheio. A água escura levava os últimos pedaços de gelo flutuantes. No Instituto Etnológico, Arkady subiu sozinho para contar a Andreiev o que acontecera à cabeça. Da sala de Andreiev telefonou para o apartamento e para o escritório de Misha, mas ninguém respondeu. Depois ligou para Swan, que disse ter encontrado a casa utilizada por Kostia Borodin, Valéria Davidova e James Kirwill. A mulher que levou Swan até à casa informara que lhes vendia frangos e peixe fresco todos os dias. Arkady levou Kirwill consigo para ver a casa, que provou ser uma cabana entre as fábricas do distrito de Lyublinsky e o arco sul da estrada do Anel Exterior. Quase tudo naquele lugar parecia conhecido a Arkady, corno se entrasse num ambiente criado pela sua própria imaginação. Kirwill se movia silenciosamente, em transe. Os dois homens foram até um café de operários. Kirwill comprou uma garrafa de vodca e retomou a narrativa acerca do irmão, mas duma maneira diferente, quase como se tratasse de uma pessoa diferente. Contou a Arkady como ensinara Jimmy a patinar no gelo, a dirigir, a

dourar uma moldura, a lidar com freiras; recordou as suas idas todos os verões para o Rio Allagash, como Killwell: tinham visto Roger Maris (Jogador de beisebol da equipe de St. Louis. Este run deu a vitória à sua equipe na Taça Nacional de 1967) marcar o seu célebre run, como tinham sepultado a velha babushka russa que criara os dois. As histórias abundavam; Arkady compreendia algumas, outras não.

— Vou lhe dizer quando foi que descobri que você era sincero, disse Kirwill. — Quando disparou contra mim no quarto do meu hotel. Apontou para o lado, mas não muito. Podia ter me matado. Você não se importava e eu também não. Somos iguais.

— Importa-me agora, disse Arkady.

A meia-noite deixou Kirwill perto do Metrópole. O homenzarrão se afastou cambaleando sobre as pernas entorpecidos. Irina esperara por ele. Fizeram amor com ternura, como a dizer, sim, pode confiar em mim, pode entrar, pode me confiar a sua vida. O seu último pensamento antes de adormecer foi para o que lhe dissera Kirwill no café quando Arkady perguntara se ele e o irmão alguma vez tinham caçado zibelinas.

— Não. Existem certas espécies de martas no Maine e no Canadá, a cuja pele se dá o nome de zibelina, mas são muito raras. Eram apanhadas em armadilhas abertas a trado nos troncos das árvores. O trado é uma broca para madeira. O autêntico canalha que caça dessa maneira se serve do trado para fazer, num tronco de árvore, um buraco de cerca de vinte centímetros de profundidade. Nada menos. Põe carne fresca no fundo do buraco. Depois, na orla da entrada deste, prega dois cravos de ferradura de cavalo obliquamente, de modo a que as pontas fiquem salientes e próximas a cerca de doze centímetros do interior do furo. A marta é boa trepadeira, esguia, esperta. Sente o cheiro da carne, sobe pelo tronco e vai até à armadilha. Mal consegue meter a cabeça entre os pregos que apontam para a comida. Apanha a comida, apanha sempre a comida, mas nessa altura as pontas dos cravos não a deixam sair. Tenta se esquivar da prisão, e quanto mais se debate para tirar a cabeça mais os cravos se enterram. Por fim sangra até morrer ou rebenta com a cabeça. Restam hoje poucas martas. Os buracos de trado têm acabado com elas.

* * *

# Dezesseis

ÀS QUATRO da manhã Arkady telefonou para Ust-Kut.

— Aqui detetive Yakutsky.

— Daqui Investigador-Chefe Renko, de Moscou.

— Ah! Até que enfim falou a uma boa hora, disse Yakutsky. Arkady fechou os olhos.

— O que as zibelinas comem? Perguntou.

— Telefonou-me para me perguntar isso? Não conseguiu nenhuma enciclopédia?

— As roupas de Borodin tinham vestígios de frango e sangue de peixe. Ele comprava frangos e peixe todos os dias.

— As zibelinas e os visons comem frango e peixe. E, se não me engano, as pessoas também.

— Não todos os dias, disse Arkady. — Houve algum roubo de zibelinas na sua área?

— Não, nenhum.

— Nem nenhum incidente invulgar nalguma das fazendas coletivas que se ocupam de peles? — Nada de especial. Em novembro houve apenas um incêndio numa delas, em Barguzin, e morreram cinco ou seis zibelinas. Não desapareceu nenhuma das restantes.

— Ficaram muito queimadas?

— Mortas, como disse. Foi um prejuízo considerável, pois as Barguzin são as zibelinas mais valiosas de todas. Houve um inquérito, mas não se provou nenhuma negligência.

— Fizeram-se autópsias aos animais para provar que se tratava mesmo de zibelinas Barguzin e que tinham morrido devido ao incêndio, ou como tinham morrido exatamente?

— Inspetor, lhe garanto que só mesmo uma pessoa de Moscou é que se lembraria duma coisa dessas.

Depois de desligar, Arkady se vestiu sem fazer ruído e saiu para a rua, se encaminhando para a Praça Taganskaya para se servir dum telefone público. Continuava a não haver resposta da casa de Misha. Telefonou e acordou Swan e Andreiev; depois regressou ao seu apartamento e ficou encostado à parede olhando para Irina. Podia ir ter com o promotor-geral e lhe dizer que o promotor da cidade de Moscou era um assassino? Dois dias antes do Primeiro de Maio? Sem provas? Diriam que ele estava bêbado ou louco e ficaria detido até à chegada de lamskoy. Podia ir à KGB? Osbome era um informante da KGB. Arkady tinha também nas mãos o sangue da morte de um agente da KGB graças a Kirwill. A madrugada se estendia sobre Irina. Ela era uma figura azul-pálido sobre um lençol azul-pálido, mas ele sentia o calor lânguido do seu sono. Olhava-a como se uma demorada contemplação pudesse imprimir a sua imagem nos olhos dele. A sua testa era sombreada pelo cabelo, que parecia de ouro fino à luz do sol que despontava. O mundo era como que uma partícula errante agitada pela sua respiração. O mundo era um covarde conspirando para matá-la. Ele podia lhe salvar a vida. Podia perdê-la, mas lhe salvaria a vida. Quando ela acordou, Arkady tinha café preparado e o vestido dela aos pés da cama.

— O que aconteceu? Perguntou ela. Julguei que gostava de me ter aqui.

— Fale-me de Osborne.

— Já discutimos tudo isso, Arkasha. Irina se sentou, nua. — Mesmo que eu acreditasse no que me contou sobre Osborne, que importância tem eu ter me enganado? Se Valéria está em segurança, eu estaria entregando o homem que a ajudou. Se ela morreu, morreu. Nada pode mudar isso.

— Vamos, Arkady lhe atirou o vestido. — Fala com demasiada despreocupação acerca da morte. Vou apresentá-la aos mortos.

A caminho do laboratório, Irina não tirava os olhos dele. Arkady sentia que ela procurava uma explicação para aquele seu súbito regresso à pele do inspetor. Arkady levou-a até ao Laboratório de Medicina Legal, onde foi buscar um saco selado e outro vazio do coronel Lyudin. Lyudin deu um olhar apreciativo a Irina; um pouco de habilidade manual e o lenço novo tinham tornado o casaco dela outra vez elegante.

Enquanto se afastavam, ela mostrava a sua irritarão perante a brusquidão de Arkady olhando pela janela do seu lado. Aquilo era um simples arrufo de namorados, dizia a atitude dela. Um odor se insinuava no carro. Ela olhou para o saco volumoso e selado que se encontrava junto de si. O cheiro era tão vago que mal se notava, mas tinha um travo que ficava agarrado à garganta e à língua. Quando chegaram ao rio, ela já tinha aberto a janela apesar do frio. No Instituto Etnológico, Arkady levou Irina até aa sala de Andreiev. Aliviada por sair do carro, demonstrou curiosidade pelos armários contendo as cabeças de Tamerlão e de Ivã, o Terrível, enquanto Arkady foi procurar o antropologista. Mas Andreiev não estava. Arkady observou Irina enquanto percorriam a sala das cabeças.

— Foi para ver isto que me trouxeste? Disse ela, batendo na vitrina de Ivã.

— Não. Esperava encontrar o professor Andreiev. Infelizmente, parece não se encontrar aqui. É um homem fascinante, já deve ter ouvido falar dele.

— Não.

— Fazem palestras sobre o seu trabalho na Faculdade de Direito, disse Arkady. — Devia se lembrar disso. Irina encolheu os ombros e trocou as vitrinas pelas mesas de outros exemplares antropológicos, examinando rostos com sobrancelhas espessas e olhos de vidro. Arkady viu o encantamento de Irina perante um rosto simiesco, comicamente enrugado e ao mesmo tempo fazendo uma careta raivosa. Na extremidade da mesa havia uma roda de oleiro e um banco alto. Equilibrado por um suporte de arames, se encontrava um crânio Neandertal semicoberto de tiras de gesso cor-de-rosa.

— Estou vendo. Ela tocou uma área ainda nua no crânio. — Andreiev reconstitui-as... Retirou a mão, as palavras ainda nos lábios.

— Não faz mal. Arkady se aproximou dela, — Ele deixou-a para nós. Pendurada na mão de Arkady por um cordel estava uma caixa de chapéus redonda, de papelão cor-de-rosa brilhante, do gênero que se usara sessenta anos atrás. — Já ouvi falar de Andreiev. Irina limpou os dedos. Enquanto Arkady se aproximava dela, a caixa dos chapéus balançava rapidamente. — Todos os alunos da Faculdade de Direito conheciam as reconstituições que Andreiev fazia das cabeças das

vítimas de assassínios.

Enquanto rodava ao longo do Parque Gorki, a ex-boa aluna Irina Asanova mal respirava o ar viciado do carro. A morte se escoava do saco selado e ressoava na caixa de chapéus que estava no banco de trás.

— Aonde é que vamos, Arkasha?
— Vai ver.

Arkady escolheu as palavras mais secas como se respondesse a um preso. Não deu nenhuma explicação, nem mostrou desejo de a distrair, de lhe agarrar na mão, de ser simpático. “Um homem não se toma Inspetor-Chefe se não tiver alguma capacidade para ser cruel”, disse para consigo. Quando um destacamento de soldados passou pela esquerda deles, a vista de Irina não se desviou da frente, e ele sabia que era com receio que a menor distração a fizesse pousar os olhos na caixa desagradavelmente colorida. Ao passarem por um piso irregular, a chapeleira escorregou.

— Espera, lhe disse ele, descrevendo uma curva. A caixa se moveu e as mãos de Irina saltaram como que puxadas por cordéis.

Faixas alusivas ao Primeiro de Maio Vermelho se estendiam ao longo duma fábrica de rolamentos, duma fábrica de tratores, duma de artigos elétricos e de outra de têxteis. Nas faixas se viam perfis dourados, louros-dourados, slogans dourados. Das chaminés saía fumaça cor de aço. “Ela agora já deve saber para onde a levo”, pensou Arkady. Durante o percurso para sudeste, através do distrito de Lyublinsky, não foram ditas quaisquer palavras. Uma hora de viagem decorreu ao longo de fábricas, das maiores às menores, do cinzento pré-fabricado das casas dos operários, de velhas habitações arrasadas para novos empreendimentos, de um campo transformado num labirinto dos fios de agrimensores, de montes de lama, para além do termo da linha de ônibus, ainda dentro dos limites alargados da cidade mas ao mesmo tempo num outro mundo de casas baixas, pouco mais do que cabanas, de oscilantes vedações de estacas e de cabras presas por cordas, de roupa suja nos braços de mulheres vestindo camisas e botas, de uma igreja caiada, de um homem com uma perna só tirando o chapéu, de vacas

castanhas atravessando a estrada, de um cepo e um machado num quintal e, por fim, lentamente sobre sulcos, até uma casa isolada no meio dum jardim de caules partidos de giras- sóis, com duas janelas sujas na frente mostrando cortinas sujíssimas, nos fundos da qual havia um anexo e um alpendre de metal. Arkady deixou-a descer do carro e retirou os sacos e a caixa do banco de trás. Na porta da casa tirou três argolas de chaves de um dos sacos, as argolas que tinham sido encontradas no saco de couro no rio. Em cada argola havia uma chave semelhante.

— Parece lógico, não é? Perguntou ele a Irina.

A chave servia. A porta estava emperrada e Arkady empurrou-a com o quadril; mal se abriu libertou um forte cheiro de mofo. Antes de entrarem ele calçou um par de luvas de borracha e apertou um interruptor. A eletricidade estava ainda ligada a uma única lâmpada por cima de uma mesa redonda. A casa exalava um fedor de covil e estava fria como se tivesse guardado o inverno lá dentro. Irina ficou no meio do recinto, tremendo. A casa tinha uma só divisão, com quatro janelas de batentes triplos, todos fechados e trancados; colchões de crina em dois caixotões de dormir; um fogão de carvão no meio de cinzas; três cadeiras de estilos diferentes à volta da mesma; um armário com queijo bolorento e uma garrafa de leite há muito aberta devido ao congelamento. Nas paredes, uma fotografia de Brando e muitas gravuras de ícones arrancadas de livros. Debaixo de um trapo, num canto, latas de tinta, frascos com madeira de folhear e verniz, esfregões, um bloco almofadado, trinchas, furadores e pincéis. Arkady puxou o lençol que tapava um cubículo, expondo à luz dois ternos de homem, um médio e um grande, três vestidos baratos do mesmo tamanho e, no chão, uma misturada de sapatos.

— Sim. Arkady leu o pensamento no rosto de Irina, — É como entrar no túmulo de alguém. É assim sempre.

Três antiquados baús estavam encostados à parede. Arkady abriu-os, se servindo de uma chave diferente de cada argola. O primeiro tinha roupa interior, meias, Bíblias e mais contrabando religioso; o segundo, roupa interior, um frasquinho de ouro em pó, preservativos, um velho revólver Nagant e balas; o terceiro, roupa interior de mulher, bugigangas

de vidro, um perfume estrangeiro, tesoura, escovas, batom, grampos de cabelo, um frasco, uma boneca de porcelana quase sem feições, e fotografias de Valéria Davidova, a maior parte com Kostia Borodin e uma delas com um velho de barbas.

— O pai, não é verdade? Mostrou a fotografia a Irina. Ela não disse nada. Ele fechou os baús. — Kostia deve ter assustado a valer os vizinhos quando esteve aqui. Para ainda não terem entrado aqui em tanto tempo! Os caixotões de dormir atraíram a sua atenção. — Kostia devia ser um homem difícil, e ter de viver ainda com outro homem! No entanto, foi assim que viveram, por isso... Porque não me interrompe, Irina? Diga o que eles faziam aqui para Osborne.

— Acho que já sabe, disse ela num murmúrio.

— Só presunções. Precisa haver uma testemunha. Alguém precisa me contar.

— Não posso.

— Mas vai contar. Arkady pousou a chapeleira e os sacos das provas sobre a mesa. — Ajudemo-nos um ao outro e resolveremos alguns mistérios. Eu quero saber o que Valéria e Borodin estavam fazendo aqui para Osborne, e você quer saber onde está Valéria neste momento. Dentro em pouco ficará tudo esclarecido.

Afastou uma cadeira, deixando duas junto da mesa. Olhou à sua volta. O quarto era chocantemente reles, pouco mais que um caixote, com três vidas lá dentro, um lençol pendurado para preservar a intimidade, os indivíduos soprando nas mãos para se aquecerem. A lâmpada fraca tornava Irina pálida e lhe cavava as faces. Ele se viu através dos olhos dela, magro, de cabelo preto revolto e feições febrilmente acentuadas, olhando para cima de uma caixa cor-de-rosa. Ele fitou melhor o reflexo daquele homem ridículo, aquele títere de lamskoy, tal como Irina o percebera tão bem desde o princípio. No entanto, podia salvá-la de lamskoy e Osbome, até mesmo de si mesmo, se a sua coragem não o abandonasse.

— Portanto, Arkady bateu as mãos, — Estamos no Parque Gorki ao entardecer. Está nevando. A bela apresentadora de peles Valéria, Kostia, o bandido siberiano, e o jovem americano, Kirwill, patinam com o

peleiro Osborne até deixarem a pista e percorrerem cinquenta metros até uma clareira para comer e beber alguma coisa. Param então. Kostia aqui... Arkady apontou para uma cadeira junto da mesa, — O jovem Kirwill aqui. Apontou para a outra cadeira, — E Valéria no meio. Pousou a mão sobre a caixa. — Você, Irina, fica aqui. Aproximou-se mais da mesa. — Você é Osborne.

— Não, por favor, pediu Irina.

— Só para explicar melhor, disse Arkady. — Procure me acompanhar e imaginar a atmosfera, a alegria. Três destas pessoas acreditavam que iam começar uma vida inteiramente nova, liberdade para dois deles, fama para o terceiro. Não era uma simples brincadeira de patinação, era uma celebração! Chegara a altura em que você, isto é, Osborne, ia lhes dar as suas instruções para a fuga? Muito possível. Só você sabe, porém, que dentro de segundos eles morrerão.

— Eu...

— Você não se importa com arcas religiosas; qualquer pessoa as teria arranjado, Golodkin, por exemplo. Se isso fosse tudo quanto essas pessoas tinham feito para você, falsificar ícones, podia deixá-las viver, deixá-las falar, deixá-las entrar nos escritórios da KGB com acusações e fotografias comprovativas; os amigos que tem lá os teriam posto na rua. Mas quanto à outra coisa, não a arca, mas naquilo que eles tinham feito realmente para você, essas três pessoas nunca mais poderiam falar, nem em Moscou nem fosse onde fosse.

— Não devia me fazer isto, disse Irina.

— Está nevando, continuou Arkady. — Os rostos deles estão um pouco corados de vodca. Eles confiam em você; você já trouxe aquele pateta americano do Kirwill, não foi? Depois de acabarem a primeira garrafa de vodca, adoram-no. Você é o salvador que veio do Ocidente. Todo sorrisos e brindes. Está ouvindo a música das pistas de patinação? Tchaikovsky! Ah, precisamos de outra garrafa. Senhor Osborne, o senhor é um homem generoso, trouxe um saco de couro cheio de vodca e brande e toda a espécie de coisas boas. Você levanta o saco bem alto como se andasse à procura de qualquer coisa lá dentro e tira... Outra garrafa. Bebe primeiro; finge tomar um grande gole. Kostia é o seguinte e, se bem o conheço, fá-lo mesmo. Valéria está agora um pouco tonta, e não é fácil se pegar na garrafa quando se tem pão numa mão e queijo na outra. Além disso, ela só pensa onde estará daí a uma semana, que

roupas estará vestindo, e se fará calor. Acabou-se a Sibéria, agora o Céu! Kirwill já está inseguro sobre os patins, ele tem aquela perna fraca, mas também está pensando no regresso a casa, na justificação de todos os seus santos esforços. Não admira que a vodca desça tão depressa. Outra garrafa? Porque não? A neve cai com mais intensidade, a música é mais forte. Você levanta o seu saco e mexe lá dentro, encontra a garrafa, encontra a coronha da sua arma e destrava a segurança para que fique pronta para disparar. Kostia é quem está com mais sede, se volta para ele e lhe faz o seu sorriso irresistível.

Arkady deu um pontapé na cadeira para fazê-la cair de costas no chão. Irina piscou os olhos e se contraiu ligeiramente de surpresa. Arkady continuou.

— Uma automática não muito boa faz tanto barulho quanto um revólver, e o som é abafado pelo saco de couro, a neve e a música dos alto-falantes. Provavelmente de imediato não há nenhum sinal visível de sangue. Valéria e o jovem Kirwill não percebem bem porque Kostia está caído no chão. São todos amigos. Você veio para salvá-los, não para lhes fazer mal. Volta-se para o rapaz americano. Mantém o saco à altura do peito dele. Uma lágrima deslizou pela marca do rosto de Irina. — Nenhuma expressão agora, disse Arkady. Colocou a outra cadeira ao chão. — É tão simples. Só resta Valéria. Ela olha para o seu Kostia morto, para o americano morto, mas não faz qualquer tentativa para fugir, para chamar, para protestar. Você conhece-a tão bem. Sem Kostia, ela é como se estivesse morta; só você põe termo à sua infelicidade. Uma vida pode mudar com rapidez. Até lhe faz um favor.

Arkady abriu o saco das provas. Uma fragrância oleosa encheu o ar quando ele tirou para fora um vestido barato e escuro, manchado de terra e sangue, e com um buraco por cima do seio esquerdo. Irina olhou para o cubículo aberto; Arkady sabia que ela reconhecia o vestido.

— Pode aproximar a arma tanto quanto quiser; Valéria esperará; ela está ansiosa pela bala. Aproxima mais a arma do seu coração. Que desperdício de beleza, pensa você. Arkady deixou cair o vestido sobre a mesa. — Que desperdício de beleza! Mortos os três. Não aparece ninguém, a música continua a tocar, a neve cobrirá os corpos dentro em

pouco. Irina tremia toda. — Eles podem ter morrido, disse Arkady, — Mas você ainda tem trabalho a fazer. Juntar toda a comida importada, as garrafas, os papéis dos cadáveres. Corre o risco de disparar mais duas vezes porque o americano tem um tratamento dentário estrangeiro que é preciso destruir. Dá em Kostia um tiro no mesmo lugar para que a Milícia, estúpida, pense que foram coups de grâce. Mas eles ainda podem ser identificados. Têm impressões digitais. Simples. Um alicate forte, do gênero que se usa para cortar frangos, e zás, zás em cada articulação das últimas falanges. E os rostos deles? Esperar que se decomponham? Mas eles vão congelar; ficarão mais brancos que a neve, mas exatamente como estão. Espalhar açúcar no rosto deles para que os animaizinhos do parque os devorem? Não, os esquilos estão escondidos durante o inverno, e não há cães suficientes em Moscou. Mas o peleiro tem uma resposta, pois ele dispõe de uma habilidade especial. Esfola-os; como se fosse um adesivo rosado, levanta o rosto todo de cada cabeça, o de Kostia, o do jovem Kirwill e, por fim, o mais delicado, o de Valéria. Que momento especial! Quantos peleiros já fizeram isso! Arranca-lhes depois os olhos e então dá tudo por terminado. Os restos vão para o saco. Três vidas apagadas, duplamente apagadas. Chega! Volta para o hotel, para o seu avião, para aquele mundo à parte donde vem. Parece tudo perfeito.

Arkady armou o vestido sobre a mesa, dobrando uma manga sobre a outra e deixando pender a saia da borda da mesa.

— Só há uma pessoa que acha que pode ligá-lo aos três cadáveres do Parque Gorki. Mas ela não dirá nada porque é a melhor amiga de Valéria e deseja que Valéria esteja em Nova lorque, Roma ou Califórnia. Aquela fantasia é a coisa mais importante da sua vida. Ela consegue suportar todos os seus dias estúpidos, perigosos e opressivamente enfadonhos, se acreditar que Valéria fugiu. A ideia que Valéria está respirando livremente em qualquer outro lugar é tudo o que impede que a amiga morra de claustrofobia. Podia tentar matá-la que ela continuaria sem falar. — Você conhece bem os seus russos. Irina cambaleava. Arkady receou que ela caísse. — Portanto, a questão se resume a: onde está Valéria? Prosseguiu Arkady.

— Como pode fazer isto? Perguntou Irina.

— Nós somos... Arkady olhou para o lado e falou num tom de voz diferente, — Um povo atrasado e ignorante. Parece que sempre fomos. Possuímos, porém, estranhos talentos, Irina. Na Faculdade de Direito devia ter palestras sobre medicina legal e tomou conhecimento do trabalho do professor Andreiev. Talvez lhe tivessem mostrado algumas fotografias. É um método simples mas trabalhoso o de reconstituir um rosto a partir dum crânio. Não para dar uma ideia vaga do que poderia ter sido o rosto ou chegar a uma certa semelhança, mas sim para conseguir o próprio rosto. Mais nenhum outro país o faz. É um trabalho muito delicado o de reconstituir todos os músculos do crânio, depois cobri-los de carne e colocar os olhos e a pele. Como sabe, Andreiev é um mestre, e também deve conhecer a reputação de integridade de que desfruta. Arkady levantou a tampa da caixa. — Queria saber onde estava Valéria?

— Eu conheço-o, Arkasha, protestou Irina. — Não vai fazer isso.

— Valéria está aqui. Começou a retirar a cabeça da caixa. Fê-lo lentamente e de modo que Irina pudesse ver primeiro, acima da borda da caixa, uma massa de caracóis escuros entre os seus dedos, depois o cabelo esticando na sua mão e uma testa de pele fresca começando a surgir.

— Arkasha! Ela fechou os olhos e tapou-os com as mãos.

— Olhe.

— Arkasha! Ela não tirou as mãos dos olhos.

— Sim, sim, era aqui que vivia Valéria. Fecha a caixa. — Valéria o quê?

— Valéria Davidova. — Com...

— Kostia Borodin e o jovem Kirwill.

— Um americano chamado James Kirwill.

— Sim.

— Viu-os aqui?

— Kirwill estava sempre escondido aqui. Valéria estava aqui, só vim aqui por que ela estava aqui. Não se entendia com Kostia? Não. O que eles estavam fazendo aqui em casa? Fazendo uma arca. Você sabe. Para quem? Arkady reteve a respiração quando a viu hesitar.

— Osborne, respondeu ela.

— Osborne o quê?

— John Osborne.

— Um peleiro americano chamado John Osborne?

— Sim.

— Eles disseram que estavam fazendo uma arca para Osborne?

— Sim.

— Era só isso que faziam para Osborne?

— Não.

— Foi alguma vez no anexo dos fundos da casa?

— Sim, uma vez.

— Viu o que eles trouxeram para Osborne da Sibéria?

— Sim.

— Repete a sua resposta, por favor. Viu o que eles trouxeram para Osborne da Sibéria?

— Odeio-o, disse ela. Arkady desligou o gravador portátil que estava no fundo da chapeleira e voltou a colocar a tampa. Irina deixou tombar as mãos. — Agora odeio-o mesmo. Swan entrou pela porta onde tinha estado à espera.

— Este homem vai reconduzi-la à cidade, despediu-a Arkady. — Fique com ele. Não vá ao meu apartamento, pois não será seguro. Muito obrigado pela ajuda que prestou a esta investigação. Agora é melhor partir. Ele esperava que ela compreendesse e que insistisse em ficar. Se o fizesse levá-la-ia consigo. Ela parou junto da porta.

— Conta-se uma história acerca do seu pai, o general, disse ela. — Chamavam-lhe monstro por ter guardado orelhas alemãs como troféus durante a guerra. Nunca ninguém disse que ele ficara com uma cabeça inteira. Ele não era nada comparado contigo. Saiu.

A última vez que Arkady a viu foi no carro de Swan, um velho sedan Zis, se afastando pela estrada de terra. Arkady se dirigiu aos fundos, ao anexo, que abriu com uma das chaves dos mortos. Ao entrar, qualquer coisa lhe roçou pelo rosto, um cordão elétrico ligado a uma prateleira suspensa do meio do teto. Quando puxou o cordão, filas de poderosas lâmpadas tomaram o interior do aposento tão claro como se fosse dia. Descobriu um mecanismo de relojoaria na parede. Ao pô-lo em marcha, ouviu um ligeiro estalido e reparou que se dera uma modificação quase imperceptível na fila de lâmpadas. O mecanismo fazia rodar a prateleira quase 180 graus em doze horas para simular o nascer e o pôr do Sol. Outro cordão estava ligado a duas lâmpadas

ultravioletas. Não havia janelas. Os restos de uma forja circular de tijolos explicava a história do aposento. Pilhas de moldes e fragmentos de ferro enferrujado se amontoavam ali. Todo o espaço livre fora ocupado por duas prateleiras do comprimento da parede. Cada uma delas estava dividida por anteparas de madeira em três compartimentos, e cada um deles tinha uma pequena gaiola. Os lados e o topo das gaiolas eram cobertos de rede. Ao nível do chão a rede era reforçada por pedras e cimento para que mesmo o animal mais esguio e decidido não pudesse escapar. No espaço entre as duas prateleiras havia um banco sujo de sangue e escamas de peixe. Imaginou aquele par tão desigual, formado por James Kirwill e Kostia Borodin, guardando e a alimentando o seu segredo, Kirwill rezando, Kostia afugentando os curiosos.

Recolheu alguns pelos finos que estavam agarrados à rede e dejetos do chão. De regresso a casa, encheu o seu segundo saco com os artigos dos baús. Ao colocar o saco na mesa, deu um encontrão na chapeleira e o seu conteúdo rebolou para fora. Era uma cabeça de gesso sem olhos, sobrancelhas ou boca, não apresentando quaisquer feições particulares, só pintura e um esboço tosco de um rosto com uma cabeleira. Era o manequim de que Andreiev se servia nas suas aulas. Quando Arkady pegou na cabeça as duas metades do rosto se separaram, pondo a descoberto a estreita parede interior do crânio. A reconstituição que Andreiev fizera da cabeça de Valéria já não era mais do que poeira cor de carne e cheiro de cabelo queimado na dacha de Iamskoy. Andreiev confirmara que o próprio Iamskoy lhe telefonara a propósito da cabeça e enviara o homem bexigoso buscá-la. De certo modo, a destruição da obra-prima de Andreiev aliviara Arkady; só nessa altura se lembrara de utilizar um manequim. Nunca teria podido mostrar a Irina a verdadeira cabeça, ainda que soubesse que ela não teria conseguido olhar. No meio do seu desespero tivera aquela ideia brilhante. Enganara-a. Salvara-a e perdera-a.

* * *

Ao entrar no vestíbulo do Ukraina, Arkady viu Hans Unmann saindo do elevador. Arkady se sentou numa cadeira e pegou num jornal. Era a primeira vez que via o coadjuvante de Osborne. O alemão parecia

um espantalho, lábios finos e ossudos, com cabelo louro muito curto debaixo do chapéu. Um homem do gênero dos que instintivamente baixam os olhos quando se cruzam com alguém; era demasiado rufião para ser tão perigoso como Osborne e Iamskoy. Depois de ele passar, Arkady deixou cair o jornal e se esgueirou para o elevador. Esperava encontrar o antigo escritório das linhas aéreas vazio, por isso ficou admirado ao dar com o detetive Fet sentado a uma mesa e lhe apontando uma pistola.

— Fet, Arkady sorriu. — Desculpe. Tinha me esquecido completamente de você.

— Julguei que era ele que voltava, disse Fet. Tremia tanto que precisou das duas mãos para guardar a arma. Os seus óculos de aros de metal assentavam num rosto lívido de medo. — Ele estava à sua espera. Depois recebeu um telefonema e saiu correndo. Devolveu-me a minha arma. Eu tê-la-ia usado. Transcrições e fitas magnéticas estavam espalhadas à volta de cadeiras de pernas para o ar e de gavetas abertas. "Há quanto tempo", perguntou Arkady a si mesmo, ele, Pasha e Fet tinham se infantilmente regalado naquela sala? Devia ter sido lamskoy que lhes preparara aquilo. Haveria algum microfone escondido? Estaria alguém à escuta agora? Não tinha importância; ele não tencionava se demorar. Remexeu nos objetos espalhados para se certificar de que todas as transcrições e fitas de Osborne tinham desaparecido, todas com exceção da bobina que Arkady conservara com a conversa telefónica de 2 de fevereiro entre Osborne e Uninann.

— Ele entrou por aqui adentro e se apoderou de tudo. Fet estava recuperando a cor. — Não me deixou sair. Pensou que eu o prevenisse.

— Você não era capaz de fazer isso.

Entre os destroços, Arkady encontrou um dos livros azuis dos horários de linhas aéreas deixados pelos ocupantes anteriores do escritório. O livro era atual. Todos os voos internacionais partiam de Moscou, do Aeroporto Sheremetyevo, e o único avião que saía na véspera do Primeiro de Maio era um voo noturno da Pan American. Osborne e Kirwill iriam no mesmo avião. Havia ainda um embrulho aberto vindo do Ministério do Comércio, de Yevgeny Mendel. Lá dentro se achava uma fotografia da citação ganha pelo pai dele, o covarde, e,

para esclarecer quaisquer dúvidas, igualmente um relatório enfadonhamente prolixo sobre o heroísmo de Mendel, assinado e datado em 4 de Junho de 1943. Não era de admirar que Uninann só tivesse aberto o embrulho, dado uma vista de olhos e posto o mesmo de parte, tal como Arkady ia fazer quando reconheceu na última página, apesar das manchas do tempo e da pouca nitidez da fotocopiadora do ministério, a assinatura arrogante do oficial da investigação, tenente A. O. lamskoy. Ali estava ela, uma Ordem de Lênin comprada e vendida num cemitério da capital dos cemitérios que era Leningrado durante a guerra! O jovem tenente do exército do norte Andrei lamskoy, não podia ter mais de vinte anos, conhecera o jovem funcionário do Serviço dos Estrangeiros Americano John Osborne; há mais de trinta anos.

— Você não ouviu, disse Fet timidamente.

— Ouvi o quê?

— O gabinete do promotor enviou um alerta geral contra si há uma hora.

— Porquê?

— Por assassinato. Foi encontrado um cadáver num museu da Serafimov. Um advogado chamado Mikoyan. Foram encontradas as suas impressões digitais nos cigarros que estavam lá. Fet começou a discar um número de telefone. — Talvez queira falar com o major Pribluda.

— Por enquanto não. Arkady lhe tirou o telefone das mãos e repô-lo no descanso. — Neste momento você é o homem esquecido. É muitas vezes o homem esquecido que se torna o herói. Pelo menos, é o homem esquecido que vive para contar a história.

— O que quer dizer? Fet estava confuso.

— Preciso de ganhar um avanço.

* * *

A Estação Savelovsky era geralmente para os viajantes com assinatura, os empregados de escritório satisfeitos e bons cidadãos da vida. Aquele trem, porém, era especial, e os demais viajantes evitavam, como se fossem de párias, a multidão de passageiros que nele seguia. Eram operários, todos com contratos de três anos para trabalharem nas

minas do norte, alguns dentro do círculo ártico. Iam trabalhar no meio do vapor e do gelo, transportariam minério às costas quando as vagonetas se avariassem com o frio, seriam mortos por explosões, pelo mal das minas ou hipotermia, ou matariam alguém por um par de botas ou luvas. Quando chegassem à mina, os seus passaportes internos lhes seriam confiscados para que não tivessem segundos pensamentos. Desapareciam durante três anos e para alguns isso era ótimo. Arkady se juntou aos operários. Foi avançando com a multidão, segurando o seu saco de provas numa mão e com a outra a arma que tinha no bolso. No trem entrou com um grupo para um compartimento já cheio de homens e de cheiro de transpirarão e cebolas. Estavam virados para ele uma dúzia de rostos. Eram os mesmos rostos duros e feios do Politburo, mas mais maltratados. Ostentavam contusões e as habituais cicatrizes, as mãos e os colarinhos estavam sujos e transportavam embrulhos. Fundamentalmente eram criminosos, homens procurados por atos de violência ou roubo numa cidade, não em todo o país. Peixe miúdo que pensava estar escapando através das malhas da grande rede socialista, para afinal ser canalizado para minas socialistas do norte. Urcas, casos complicados, homens com tatuagens e facas. Para eles um estrangeiro significava sapatos, casaco e talvez um relógio.

Arkady reclamou um lugar no beliche inferior. Uma sólida fila de homens da Milícia empurrou os últimos operários para dentro do trem. O ar no compartimento era irrespirável, embora Arkady soubesse que tinha de se habituar a ele. Os funcionários começaram a correr para cima e para baixo na plataforma exterior, ansiosos por ver aquele trem em movimento e fora da sua estação. Um alerta geral poderia vedar as estradas, aeroportos e trens normais a um fugitivo, mas este era um trem inteiro de fugitivos. Através da janela, Arkady viu Chuchin, o Inspetor-Chefe dos Casos Especiais, discutindo com o funcionário principal. Chuchin lhe mostrava uma fotografia. Tudo o que lhe bastava fazer era dar uma olhada para dentro do compartimento. O funcionário principal abanava sempre a cabeça. Chuchin ordenou aos milicianos que subissem para os vagões. No compartimento ao lado alguém começou a cantar “Adeus, Moscou, adeus amor...”. Serem empurrados pela Milícia quando se encontravam na plataforma era uma coisa; serem corridos dos seus compartimentos no trem a eles especialmente destinado era outra.

Ameaças e pragas retardaram o progresso da busca: “Não me chateiam mais, eu já estou a caminho do inferno!”. Em vez de deixarem os seus lugares, cuspiam nos milicianos. Era uma coisa a que os agentes respondiam normalmente com o bastão, mas os operários contratados gozavam de considerações especiais; todos estavam cientes que não eram santos os que se ofereciam como voluntários para três anos no inferno. Além disso, a Milícia se encontrava em desvantagem. Nunca chegaram ao compartimento de Arkady: acabaram por ser expulsa no meio de chacota. O funcionário principal afastou Chuchin para o lado, e uma vez mais os outros funcionários fizeram a sua pantomima de correr para um lado e outro da plataforma. O trem ofegou, Chuchin e todos ficaram para trás. As coberturas metálicas das plataformas até ali vistas das janelas foram substituídas por chaminés das fábricas de material de guerra da área norte de Moscou.

O trem ainda estava ganhando velocidade quando alcançou a estação seguinte, a de viajantes com assinaturas; sob os olhares desdenhosos dos passageiros que lá se encontravam. Continuou com determinação, sem diminuir, diante duma plataforma de homens da Milícia, enquanto se fazia ouvir o apito da sua locomotiva. Adeus, Moscou! Arkady respirou fundo; o ar que inalava afinal não era tão ruim quanto isso. O trem também era especial, o mais velho e mais sujo que o Ministério dos Transportes conseguira arranjar. Os compartimentos tinham sido tantas vezes devastados e vandalizados que já não restava mais nada para destruir ou roubar. Além disso, mal havia espaço para uma pessoa se mexer. Quinze homens, sentados em quatro duros bancos de madeira e no chão, com os cotovelos colados aos vizinhos. O condutor e revisor se fecharam no seu próprio compartimento para toda a viagem. Esta não era de modo algum a maneira mais rápida de chegar a Leningrado. O Expresso Seta Vermelha partia da Estação de Leningrado e levava meio dia. Este trem, partindo da Estação de Savelovsky, arrastando os seus velhos vagões com aquilo que nas revistas se designava por operários reabilitados, levaria vinte horas. No seu refúgio, o condutor tinha um samovar privativo, biscoitos e compota. No compartimento de Arkady foram divididos cigarros e vodca. O teto se encheu de fumaça. Alguém lhe disse para beber, e ele bebeu e ofereceu cigarros em troca. O homem da garrafa era um osseta

(Natural de Ossitian, região autônoma integrada na República da Geórgia.), como Stálin, atarracado e escuro, com o mesmo gênero de sobrancelhas, bigode e olhos de barata.

— Às vezes eles põem informantes nestes trens, sabe? Disse ele a Arkady. — Às vezes tentam pegá-lo e trazê-lo de volta. O que nós fazemos é caçar o informante e lhe cortar a goela.

— Não há informantes neste trem, afirmou Arkady. — Eles não vos querem de volta. Vocês vão exatamente para onde eles querem. Os olhos do osseta brilharam.

— Que se danem, tem razão!

As rodas foram avançando através da tarde e da noite. lksa, Dmitrov, Verilki, Savelovo, Kalazin, Kasin, Sonkovo, Krasnij, Cholm, Pestovo. Não havia razão para não beber. Estavam deixando para trás não só um dia mas sim três anos. Era melhor o álcool puro que a vodca. Aqueles eram olhos e mãos com certos talentos, e quantas línguas? Era um compartimento multinacional. Um falsificador armênio, cuja descrição é supérflua para alguns. Dois salteadores do Turquistão. Um carteirista de Mary's Grove (Perto da cidade antiga de Merv, no Turquistão.). Um chulo de lalta bronzeado e com óculos de sol.

— O que tem escondido no casaco? Perguntou o chulo. Arkady tinha o saco de material retirado da cabana, a sua arma, o seu cartão de identidade, assim como o do oficial da KGB que Kirwill matara à socos. Ninguém teria se atrevido a fazer essa pergunta a Kirwill; era o que o caçador fazia à presa.

— Uma coleção de espinhos do mar Negro, respondeu Arkady.

Bebeu chifir. Chifir era chá concentrado não duas ou dez vezes, mas vinte vezes. Nos campos um homem faminto conseguia trabalhar três dias sem parar com algumas xícaras de chifir. Arkady precisava se conservar acordado. Mal adormecesse roubavam-no. A sua pele se tornou pegajosa da adrenalina; o coração parecia se dilatar. Mas tinha de pensar com calma. Alguém assassinara Misha. Unmann, o espantalho? Arkady se desencontrara com ele duas vezes. Mas então o alarme de homicídio, porquê? Porque lamskoy iria se arriscar a envolver a Milícia? A não ser que o promotor já tivesse limpo a cabana onde as vítimas do

Parque Gorki tinham vivido. A não ser que tivesse a certeza de que o seu inspetor morreria ao tentar fugir à prisão. Ou que pudesse ser logo declarado louco. O seu coração estava bombeando mais sangue do que as veias podiam aguentar, por isso bebeu mais vodca para as dilatar. Alguém tinha um rádio transistorizado que falava nos preparativos do Primeiro de Maio em VIadivostok.

— As minas de ferro não são assim tão ruins, disse um veterano, — Quando se trabalha nas minas de ouro, eles nos enfiam um aspirador no cu à saída da mina. Seguiu-se um boletim sobre os preparativos do Primeiro de Maio em Baku.

— É a minha terra, disse o osseta a Arkady. — Assassinei uma pessoa lá. Foi um acidente.

Preparativos do Primeiro de Maio em todo o mundo. A noite lá fora refletia as luzes do compartimento. Arkady abriu um nadinha o vidro; lhe chegou ao nariz o odor dos campos lavrados, escuros e argilosos depois das neves do inverno. Sentia saudades de Misha. O mais curioso é que lhe parecia ouvir a voz do amigo como se ele ainda estivesse vivo e discorrendo sobre os personagens do trem: “Está vendo, o comunismo é isto, reunir pessoas. É um pouco como as Nações Unidas; só não se muda de roupa com tanta frequência. Agora, o armênio é um homem que vai emagrecer. Ou podia se dividir em dois e se transformar num par de armênios. Receberia salário duplo. Era bem capaz disso. Olhe para o chulo. Já discutimos Hamlet, já discutimos César, estamos olhando para um homem que está com o último tom bronzeado da sua vida. Isso é que é uma tragédia. Arkasha, não admite agora que tudo é uma pequena loucura?”.

Acabara-se a vodca. Quando o trem parou para colocar água numa pequena localidade, nada mais que uma estação e uma única rua com luzes, os operários desceram do trem e irromperam pela loja da terra enquanto os dois homens da Milícia ficavam sem saber o que fazer. Depois de todos os saqueadores terem regressado, o trem continuou. Kaboza, Chvojnaja, Budogosc, Posadnikovo, Kolpino. Leningrado, Leningrado, Leningrado! Os trens matinais de viajantes com assinatura corriam em linhas convergentes. A madrugada se refletia no golfo da

Finlândia. O trem entrou numa cidade de gente com malas e de canais, uma cidade cinzenta para olhos vermelhos. Quando o trem entrou na Estação da Finlândia, Arkady saltou com ele ainda em andamento, acenando com o seu cartão da KGB tirado do homem morto por Kirwill. Os alto-falantes derramavam hinos. Era a véspera do Primeiro de Maio.

* * *

# Dezessete

Cem quilômetros a norte de Leningrado, numa planície entre a cidade russa de Luzhaika e a cidade finlandesa de Imatra, os vagões do trem atravessavam a fronteira. Não havia vedação. Havia parques de manobra, barracões de alfândega e discretos postos de rádio de cada lado. Havia neve suja do lado russo, porque os trens russos neste ramal queimavam carvão de má qualidade, e neve mais limpa do lado finlandês, porque os finlandeses usavam locomotivas a diesel. Arkady ficou junto do comandante do posto da Patrulha Soviética da Fronteira, observando um major finlandês regressar ao posto da Guarda da Fronteira finlandesa, a cinquenta metros de distância.

— Como os suíços. O comandante cuspiu para o chão, — Eram capazes de varrer toda a fuligem para o nosso lado se tivessem coragem. — Fez uma tentativa fraca para apertar a gola.

A Patrulha da Fronteira era um braço da KGB, mas composta na maior parte por veteranos do exército regular. O pescoço do comandante era grosso demais, o nariz um pouco torto e as sobrancelhas assimétricas.

— Todos os meses me perguntam o que vou fazer com aquela maldita arca. Como diabos vou saber? Abrigou o fósforo de Arkady com as mãos para que os dois pudessem acender os cigarros. Um guarda soviético vigiava do meio da linha com uma espingarda de assalto pendurada ao ombro, que mais parecia uma ferramenta de soldador. Cada vez que o guarda mudava de posição, a arma abanava com o vento. — Sabe que um Investigador-Chefe de Moscou tem aqui tanta autoridade quanto um chinês? Disse o comandante a Arkady.

— Conhece Moscou nas vésperas do Primeiro de Maio, retorquiu Arkady. — Quando tivesse conseguido que toda a gente me carimbasse os papéis já teria outra vítima entre as mãos.

Do outro lado da fronteira o major levou dois guardas até um barracão da alfândega. Mais longe, colinas conduziam até à região finlandesa dos lagos. Aqui a terra era completamente plana e salpicada de amieiros, freixos e arbustos de mirtilos. Boa região para patrulhar.

— Os contrabandistas daqui trazem café, disse o comandante. — Manteiga, às vezes só dinheiro. Para as casas de câmbio estrangeiras, sabe? Não fazem contrabando de mais nada. Penso que é um insulto. Muito invulgar esse seu caso, que o traz até aqui de tão longe.

— É bonito, isto, disse Arkady.

— Muito calmo. Afastamo-nos de tudo. O comandante tirou um cantil de aço de dentro do casaco. — Gosta disto?

— Provavelmente. Arkady aceitou o gole que lhe era oferecido e um brandy retemperador lhe desceu até ao estômago.

— Há homens que não suportam guardar uma fronteira, guardar uma linha imaginária, sabe? Ficam doidos. Ou então se deixam corromper. Às vezes procuram eles mesmos atravessar a fronteira. Eu devia mandá-los fuzilar, mas mando-os embora para que lhes examinem a cabeça. Sabe, inspetor, se encontrasse um homem que tivesse vindo de Moscou sem qualquer autorização para trocar conversinha mansa com a Patrulha da Fronteira, também lhe mandava examinar a cabeça.

— Francamente. Arkady fitou os olhos do comandante. — Eu também.

— Bem. O comandante ergueu as sobrancelhas e deu uma palmada nas costa de Arkady, — Vamos ver o que conseguimos arrancar deste finlandês. Ele é comunista, mas se pode sempre fritar um finlandês em manteiga, e ele não deixa de ser finlandês. O barracão da alfândega do outro lado da fronteira se abriu. O major finlandês regressou trazendo um envelope. — O nosso inspetor tinha razão? Perguntou o comandante. O major, com ar enfastiado, deixou cair o envelope nas mãos de Arkady.

— Excrementos. Excrementos de animais pequenos em seis compartimentos dentro da arca. Como sabia?

— A arca estava fora do caixote? Perguntou Arkady.

— Nós abrimo-la, respondeu o comandante. — Todas as embalagens são abertas no lado soviético.

— E o interior da arca teria sido inspecionado? Perguntou Arkady.

— Para quê, respondeu o finlandês, — Se as relações entre a Finlândia e a União Soviética são o que são?

— E quais são as normas relativas ao levantamento de artigos da alfândega?

— Muito simples. Poucos artigos ficam depositados na alfândega; seguem geralmente no trem para Helsinque. Ninguém pode levantar artigos sem documentos de identidade, de propriedade e os recibos de direitos de importação. Não colocamos nenhum homem naquela porta, mas teríamos reparado se alguém tentasse levar a arca para fora. Compreenda isto: por acordo com a União Soviética temos aqui um destacamento muito reduzido, de modo a evitar fricções com um vizinho amigo. Agora vão me desculpar; acabei o meu serviço e tenho uma grande distância a percorrer para ir passar o feriado em casa.

— O Primeiro de Maio, disse Arkady.

— A Noite de Walpurgis. O finlandês fez questão de corrigir. — A noite das bruxas.

De Vyborg, perto da fronteira, Arkady tomou um avião para Leningrado e aí o avião da noite para Moscou. A maior parte dos passageiros eram militares com dois dias de licença e que já tinham começado a beber. Arkady escreveu um relatório sobre a investigação. Pô-lo no saco das provas juntamente com a declaração do comandante da fronteira, o envelope com os excrementos da arca, amostras de pelos da gaiola de Kostia, objetos pessoais dos baús das três vítimas, a fita com as declarações de Irina na cabana e a fita de 2 de fevereiro com a conversa Osborne-Unmann. Endereçou o saco ao promotor-geral. Uma aeromoça ofereceu balas. Daí a horas Osborne e Kirwill estariam pegando o avião. Mais do que nunca, Arkady apreciava a perfeição com que Osborne calculava as suas entradas e saídas. “Até mesmo um atraso...”, se inquietara Unrnann na véspera do dia em que a arca fora expedida de Moscou escondendo as seis zibelinas siberianas de Kostia Borodin.

Por quanto tempo animais pequenos podiam ser drogados com segurança? Três horas? Quatro? O suficiente para o voo até Leningrado, com certeza. Depois Unmann podia ter lhes dado outra dose no caminho do aeroporto para a estação ferroviária. A arca não podia ser enviada por

via aérea para fora do país porque as encomendas aéreas internacionais eram radiografadas. Os carros e o seu conteúdo eram praticamente desmantelados nas áreas de controle. O trem era a solução, um trem local com destino a uma estação fronteiriça com pouco pessoal, enquanto Osborne seguia de Helsinque para a estação da fronteira do lado finlandês antes de a arca ter chegado a sair do trem. A Patrulha Soviética da Fronteira teve o trabalho de abrir o caixote. Os finlandeses tinham feito a Osborne o favor de deixar a arca num barracão sem guarda. Alguém porventura o vira entrar? Teria ele mandado fazer um casaco com bolsos especiais? Contaria com algum cúmplice entre os guardas finlandeses? Não importava, Osborne nunca tivera que mostrar papéis e não havia nenhuma ligação entre ele e a arca desde o princípio da viagem até o fim. Kostia Borodin, Valéria Davidova e James Kirwill tinham morrido no Parque Gorki. John Osborne tinha seis zibelinas Barguzin algures fora da União Soviética.

O avião desceu de um pôr de sol para a noite de Moscou. No aeroporto, Arkady pôs o pacote no correio. Descontando o feriado, o relatório devia chegar ao seu destino dentro de quatro dias, fosse o que fosse que acontecesse a ele. O pátio estava vigiado. Arkady entrou no porão pelo beco e subiu as escadas até ao seu apartamento, onde, às escuras, vestiu a sua farda de Investigador-Chefe. A farda era azul-escura com as quatro estrelas de capitão nas platinas e uma estreia vermelha no galão dourado do boné. Enquanto se barbeava ouvia as televisões de cima e de baixo. Os dois aparelhos estavam ligados no tradicional espetáculo da véspera do Primeiro de Maio com **O LAGO DOS CISNES** no Palácio dos Congressos do Kremlin. Durante a apresentação ouviu a voz do locutor anunciar os mais distintos e estimados dos seis mil convidados da noite, mas não conseguiu distinguir os nomes. Enfiou a sua automática dentro do casaco da farda.

No Bulevar Taganskaya levou vinte minutos para conseguir um táxi. O percurso até ao centro da cidade foi acompanhado de projetores e bandeiras. Durante o ano todo, Moscou fora a crisálida tristonha das bandeiras vermelhas que rompiam para a vida, como borboletas, por efeito das luzes daquela noite. Faixas vermelhas envolviam todos os edifícios altos e atravessavam as largas avenidas. As grandes frases se

sucediam:

**LENINE VIVEU, VIVE E VIVERA PARA SEMPRE!**
**TRABALHADORES HEROICOS...**
**NOBRES E SEM PRECEDENTE HISTÓRICO...**
**APLAUDE...**
**GLÓRIA...**

Não era permitido o trânsito nos quarteirões à volta da Praça Vermelha. Arkady entregou os seus últimos rublos ao motorista do táxi e caminhou até à Praça Sverdlov no momento em que William Kirwill ia saindo do Hotel Metrópole, transportando uma mala, para entrar num autocarro da Inturist. Kirwill vestia um impermeável acastanhado e um chapéu de tweed de aba estreita, e se assemelhava aos outros americanos que estavam na fila para entrar no ônibus. Quando Arkady estava ainda atravessando o jardim no centro da praça, Kirwill viu-o e abanou a cabeça. Arkady parou. Olhando à sua volta, viu detetives da Milícia num automóvel atrás do ônibus, no café do hotel, nas esquinas da rua. Kirwill pousou a mala no chão; ainda estava machucado pelos pontapés de Arkady. Outro ônibus partiu; o brilho rápido dos faróis tomou a presença de Kirwill ainda mais fugaz. Kirwill fez questão de olhar na direção de cada detetive para o caso de Arkady não ter visto algum deles. O motorista da Inturist saiu do hotel, jogou o cigarro no chão e fez embarcar os turistas.

— Osborne, pronunciou Arkady com os lábios, do meio da praça.

William Kirwill deu um último olhar ao inspetor. Via-se que não entendera o nome. Queria desesperadamente, mas sabia que para consegui-lo precisaria matar todos os homens à paisana que o observavam na praça, e todos os que se seguissem àqueles, e arrasar todos os edifícios da praça e todos os edifícios da cidade, o que, a despeito de toda a sua grande força, não poderia conseguir. Do rádio do ônibus vinham acordes d'**O LAGO DOS CISNES**. Kirwill foi o último a embarcar. Nessa altura Arkady já tinha partido.

Martelos e naves espaciais feitos com flores esperavam na Praça Dzerzhinsky pela parada da manhã seguinte. Arkady saltou para uma viatura blindada para transporte de soldados, e rodaram diante das

tribunas vazias da Praça Vermelha. Os projetores faziam oscilar as paredes do Kremlin, tremer as ameias. Ao longo da Rua Manezhnaya, do outro lado do Kremlin, se viam filas de limusines pretas e brilhantes. Não eram muitas as Chaika, mas sim as Zir do Presidium, blindadas e cheias de antenas. Homens da Milícia, a pé, ocupavam o meio da rua, e outros em motocicletas andava de cá para lá entre a Praça Manezhnaya e a Torre Kutafia do Kremlin, onde Arkady saltou da viatura militar. Com a sua farda e identificação explicou ao oficial da KGB que se aproximara dele que tinha uma mensagem para o promotor-geral. Controlou as mãos enquanto acendeu um cigarro, e afastou-se da luz dos projetores que emanava dos jardins inferiores até acima da pequena ponte caiada que ligava a Torre Kutafia à Porta da Trindade do Kremlin. Atravessou com naturalidade a rua em direção à grande sombra do Manezh, a escola de equitação do czar. Daí avistava a linha do beirado de mármore branco do Palácio dos Congressos por cima da muralha do Kremlin. Quando passou por ele um carro com agentes da KGB, ouviu no rádio do mesmo o último andamento do bailado, uma valsa.

Ao longo do Manezh, se moviam outras sombras, um olho aqui, um pé ali. Por cima da Porta da Trindade, enxames de borboletas, verdadeiras, brilhantes como o cristal, subiam para a estrela cor de rubi da torre. Dois soldados que saíam da Porta ficaram iluminados por trás até terem atravessado a pequena ponte, onde pareciam se consumir pela luz como se fossem cabeças de fósforos. Passou outro carro da KGB, deixando no seu rasto aplausos do rádio. O bailado terminara. Para chegar ao aeroporto a tempo, Osborne não poderia estar presente à recepção oficial que se seguiria ao espetáculo. Mesmo assim, haveria chamadas ao palco, flores para as bailarinas e para o Presidium, e a inevitável luta no vestiário. Os motoristas se dirigiram aos seus automóveis. Começaram a surgir os convidados. Arkady viu uma grande fila de chineses, depois oficiais da marinha de fardas brancas, alguns ocidentais rindo em voz alta, africanos rindo ainda mais ruidosamente, músicos, mulheres com fardas transportando flores, um conhecido crítico sozinho. Limusines com bandeiras diplomáticas se afastavam com os seus passageiros.

A confusão dos que saem primeiro diminuiu e a ponte até ao

passeio esvaziou. Não havia nenhuma razão para Arkady se dirigir para a rua. Uma figura esguia como uma faca, caminhando com vivacidade, se aproximou da Porta da Trindade. Passou pelas luzes da ponte e se transformou em Osborne calçando luvas, olhando em frente para os rostos atentos dos homens à paisana e para as portas abertas dos automóveis. Vestia um sóbrio sobretudo preto e o mesmo gorro de zibelina que oferecera a Arkady. A pele escura contrastava com o cabelo prateado. A atenção dos homens à paisana se desviou para os convidados que vinham atrás de Osborne. Ele desapareceu na Torre Kutafia, emergiu da sua escada e saíra do passeio para se dirigir a uma limusine que avançara para ele quando viu Arkady se aproximar. Arkady sentiu o choque do reconhecimento no americano, um tremor tão depressa dominado que não passou de um batimento a mais do coração. Encontraram-se junto do carro, se fitando por cima do teto da viatura. Osborne mostrou um sorriso luminoso.

— Nunca veio buscar o seu gorro, inspetor.

— Não.

— A sua investigação...

— Está terminada, afirmou Arkady. Osborne fez um aceno afirmativo. Arkady teve tempo para admirar os toques de ouro e seda em volta do seu corpo, a pele bronzeada, as feições tão pouco russas. Viu os olhos de Osborne percorrerem a rua para se certificarem de que Arkady viera só. Satisfeito, voltou a fitar Arkady.

— Preciso apanhar um avião, inspetor. Unmann lhe entregará dez mil dólares americanos dentro de uma semana. Pode recebê-los em qualquer outra moeda se o desejar; Hans se ocupará dos pormenores. O principal é que toda a gente fique satisfeita. Se lamskoy se afundar e você não me comprometer, considerarei esse serviço merecedor de ainda mais. Felicito-o; não só conseguiu sobreviver como tirou o melhor partido da sua oportunidade.

— Porque tudo isso? Perguntou Arkady.

— Não me veio prender. Não possui provas. Além disso, eu sei como a sua gente opera. Se isto significasse uma prisão, eu estaria agora no banco de trás dum carro da KGB em direção à Lubyanka. É só você, inspetor, você sozinho. Olhe à sua volta, vejo amigos meus, mas nenhum seu.

Até ali nenhum dos homens à paisana prestara qualquer atenção à demora de Osborne. A curta distância eles eram caracteristicamente homens fortes que apenas afastavam com energia os convidados vulgares dos carros da elite.

— Você tentaria prender um ocidental, especialmente aqui, especialmente nesta noite, sem uma ordem assinada pela KGB, sem sequer o conhecimento do seu promotor, sem mais ninguém a não ser você? Você, um homem procurado por assassinato? Metiam-no num asilo. Eu nem sequer perderia o meu avião; eles haviam de fazê-lo esperar por mim. Portanto, só pode ter vindo aqui por dinheiro. Porque não?

— Já fez do promotor um homem rico. Arkady puxou a sua automática e apoiou-a na dobra do seu braço esquerdo, onde Osborne poderia ver o cano. — Não, disse ele. Osborne olhou à sua volta. Havia homens à paisana por toda a parte, mas distraídos pela onda crescente de convidados que surgiam à luz dos projetores.

— lamskoy me preveniu de que você era assim. Não quer dinheiro, não é? Perguntou Osborne.

— Não.

— Vai tentar me prender?

— Pará-lo, disse Arkady. — Impedir que apanhe o avião, para começar. Depois, não prendê-lo aqui nesta noite. Tomaremos o seu carro. Daremos um passeio e amanhã apareceremos nas instalações da KGB nalguma cidade pequena. Eles não saberão o que fazer, por isso ligarão diretamente para a Lubyanka. As pessoas das pequenas cidades receiam os crimes contra o estado, o roubo de valiosas propriedades do Estado, a sabotagem da indústria nacional, o contrabando, o encobrimento de crimes contra o Estado, quero dizer, o assassinato. Eu serei tratado com muito ceticismo e você com muita delicadeza, mas você sabe como nós funcionamos. Terá de haver chamadas telefónicas, inspeção minuciosa de gaiolas, o transporte de uma certa arca. No fim de contas, assim que perder o avião desta noite ficará atrasado. De qualquer modo vale a pena.

— Onde foi ontem? Perguntou Osborne depois de refletir um momento. — Ninguém o conseguiu encontrar. Arkady não respondeu.

— Suponho que viajou ontem até à fronteira, disse Osborne. — Acho que você pensa que sabe tudo, olhou para o relógio. — Vou ter de correr para apanhar aquele avião. Eu não fico aqui.

— Então vou matá-lo, disse Arkady.

— E um segundo mais tarde será morto por todos os homens que aqui estão.

— É verdade. Osborne pôs a mão no manípulo da porta. Arkady começou a apertar o gatilho da Makarov, empurrando a segurança, que deslizou ao longo da coronha, libertando o cão para que pudesse acionar o cartucho de nove milímetros na culatra. Osborne largou o manípulo.

— Porquê? Perguntou ele. — Não pode estar disposto a morrer só para fazer uma prisão e agradar à Justiça soviética. Pode-se comprar toda a gente, do mais alto ao mais baixo. Todo o país está comprado, comprado barato, o mais barato do mundo. Você não se importa com infrações às leis, não é assim tão estúpido. Por isso é que vai morrer? Por outra pessoa? Irina Asanova? Osborne apontou para um bolso do casaco, depois lentamente meteu a mão no bolso e retirou de lá um lenço vermelho, branco e verde decorado com ovos da Páscoa, o lenço que Arkady comprara para Irina. — A vida é sempre mais complicada e mais simples do que nós pensamos, disse ele. — É... Estou vendo no seu rosto.

— Como conseguiu esse lenço?

— Façamos uma simples troca, inspetor. Eu por ela. Eu lhe digo onde é que ela está, e você não vai ter tempo para se preocupar se estou mentindo ou não, porque ela não vai lá ficar muito tempo. Sim ou não? Osborne colocou o lenço no teto do automóvel. Arkady agarrou com a mão esquerda e levou-o ao nariz. Cheirava a Irina. — Vejo, disse Osborne, — Que cada um de nós tem uma exigência básica pela qual estamos dispostos a destruir tudo o resto. Você joga fora a sua vida, carreira e razão por essa mulher. Eu prefiro trair os meus cúmplices a perder aquele avião. E nos está faltando o tempo, a nós dois.

As limusines começavam a se acumular. O homem à paisana que se encontrava mais próximo deles fez com um gesto sinal a Osborne para entrar no seu carro.

— Sim ou não? Perguntou Osborne. Não havia nenhuma outra

decisão a tomar. Arkady enfiou o lenço no interior da farda.

— Diga-me onde ela está, disse Arkady. — Se acreditar em si, estará livre. Se não, mato-o.

— Está certo. Ela está na universidade, no jardim próximo do lago.

— Repita. Arkady se inclinou para frente, aumentando a pressão sobre o gatilho.

— Na universidade, no jardim junto do lago. Desta vez Osborne se firmara instintivamente para receber a bala, a cabeça um pouco atirada para trás, os olhos fitos nos de Arkady. Deixou pela primeira vez que o inspetor o visse bem. Um animal selvagem espreitava através dos olhos de Osborne, qualquer coisa libertada pela sua própria vontade, uma criatura que habitava o seu casaco e a sua própria pele. Não havia qualquer sinal de medo nos olhos de Osborne.

— Eu levo o seu carro. Arkady guardou a arma no casaco. — Você consegue com certeza comprar, se for preciso, o que se segue.

— Adoro a Rússia, murmurou Osborne.

— Vá embora, senhor Osborne. E Arkady entrou no automóvel.

* * *

A universidade reluzia. Por baixo de uma estrela dourada dentro duma grinalda, desciam uma espiral iluminada, estrelas de rubis e trinta e dois andares vazios de estudantes ausentes por motivo do feriado do Primeiro de Maio. Em volta das alas da universidade, enormes jardins de quinhentos metros de largura se estendiam pelas colinas Lênin. Para a véspera do Primeiro de Maio os jardins estavam iluminados apresentando um suave tom verde-escuro. Naquela seminoite, caminhos de terra argilosa irradiavam de fontes colossais para se perderem no meio das sebes, desaparecer entre maciços de abetos e pinheiros, ou para esbarrarem casualmente nas estátuas. O jardim da frente que dava para o rio tinha um grande lago espumejante, com repuxos de água matizada por luzes de várias cores. A noite citadina estava iluminada por feixes de luz de um quilômetro de altura provenientes das baterias antiaéreas que se situavam ao longo das margens do rio.

Osborne escapara com facilidade. Lançara o lenço de Irina ao coração de Arkady. No entanto, este estava certo de que ela se

encontrava ali. Seria uma armadilha, não uma mentira. A exibição de luzes provenientes das margens do rio durou meia hora. Por fim a iluminação colorida do lago se extinguiu também, os repuxos baixaram e na superfície calma da água surgiu apenas o reflexo da espiral da universidade. Arkady esperou no meio dos abetos. Àquela hora o avião de Osborne já devia se encontrar no ar. As árvores se agitaram, libertando um cheiro a resina com a passagem da brisa. Do extremo mais afastado do lago dois vultos se encaminhavam para onde ele estava. No meio do caminho, os vultos tombaram e o seu reflexo na água desapareceu. Arkady correu de arma na mão. Distinguiu Unmann lançando um corpo por cima da borda do lago, depois Irina retirando a cabeça de debaixo da água. Unmann empurrou-a de novo para baixo, e ela se voltou para trás para arranhá-lo. Unmann torceu o seu longo cabelo numa trança para melhor imobilizá-la. Levantou os olhos ao ouvir o grito de Arkady. O alemão tinha olhos encovados e dentes salientes. Soltou Irina. Ela saiu da água e ficou ofegante à beira do lago. O cabelo molhado lhe caía sobre o rosto.

— Levante-se, ordenou Arkady a Unmann. Unmann continuou de joelhos, sorrindo. Arkady sentiu metal quente lhe roçando a nuca.

— Em vez disso, lamskoy se aproximou ainda mais de Arkady. — Porque não atira a sua arma fora? Arkady fez o que lhe mandavam e lamskoy pousou uma mão compadecida no seu ombro. Arkady via as extremidades rosadas daqueles dedos. A arma, igual à de Arkady, continuava apoiada na sua nuca.

— Não faça isso, disse ele ao promotor.

— Arkady Vasilievitch, como posso evitar? Se você tivesse feito o que lhe mandaram, nenhum de nós se encontraria agora aqui. Esta triste situação não se verificaria. Mas você perdeu o controle. Eu sou responsável por si, e preciso pôr este assunto em ordem não só por minha causa mas também por causa do departamento que ambos representamos. O certo ou o errado não têm nada que ver com isto. Não pretendo denegrir os seus talentos. Não há outro inspetor com o seu poder de intuição, recursos ou integridade. Confiei muito neles. Unmann se levantou e avançou lentamente. — Pensei que tinha muito a aprender consigo e que você... Enquanto lamskoy o segurava, Unmann socou Arkady no estômago, retirando o punho com um estranho gesto. Arkady

olhou para baixo e viu o cabo de uma faca lhe saindo do estômago. Sentiu uma sensação de gelo dentro de si e mal conseguiu respirar. — E você me surpreendeu, continuou lamskoy. — Acima de tudo me surpreendeu que tenha vindo até aqui salvar uma vadia. O que é interessante, porque Osborne não ficou nada surpreso. Arkady fitava desamparadamente Irina. — Seja honesto consigo próprio, sugeriu lamskoy, — E admita que estou lhe fazendo um favor. Além do nome do seu pai, você não perde nada, nem mulher, nem filhos, nem consciência política, nem futuro. Lembra-se da próxima campanha contra o vronskismo? Você seria o primeiro a partir. É o que acontece aos individualistas. Há anos que o previno a esse respeito. Está vendo o resultado de ter ignorado o meu aviso? Acredite que assim é melhor. Porque é que não se senta?

lamskoy e Unmann recuaram para ele cair e os joelhos de Arkady tremeram e começaram a ceder. Arrancou a faca. Parecia que nunca mais acabaria de sair, de dois gumes, afiada e vermelha. “Fabricação alemã”, pensou Arkady. Um fluxo quente se espalhou no interior da sua farda.

Inesperadamente, enterrou a faca no estômago de Unmann, no mesmo lugar em que Unmann a enterrara nele. A força do seu impulso arrastou-os aos dois para o lago. Ergueram-se ambos na água. Unmann procurou se afastar, mas Arkady, cheio de determinação, enterrou a faca cada vez mais e puxou-a para cima. Ao longo da beira do lago, lamskoy corria dum lado para outro para poder apontar bem. Uninann começou a lhe bater nas orelhas, e Arkady ainda se agarrou com mais força, erguendo o outro homem num abraço. Incapaz de se libertar, Uninann tentou morder, e Arkady caiu para trás, arrastando o homem consigo para o fundo. Aí o alemão ficou sentado em cima dele, apertando o pescoço de Arkady. Este olhou-o do fundo do lago. A cara de Uninann estava desfigurada, tremia, se dividia, se juntava e se separava de novo com se fosse mercúrio, cada vez com menor coerência. Por fim explodiu em luas e pérolas. Depois uma nuvem vermelha obscureceu Unmann, as mãos dele afrouxaram e desapareceu da vista. Arkady veio à superfície ofegando. O corpo de Unmann boiava ao lado.

— Não saia daí! Arkady ouviu o grito de lamskoy; de qualquer modo estava incapaz de se mover.

Iamskoy ficou à beira do lago, lhe apontando a arma. Ouviu-se o estampido de uma grande automática, ensurdecedor no jardim aberto, embora Arkady não tivesse visto o clarão da arma, como esperara. Reparou que o chapéu de lamskoy desaparecera, substituído por uma coroa recortada que assentava no seu crânio rapado. Maquinalmente o promotor limpou o sangue dos olhos, mas da sua cabeça mais sangue brotava como de uma fonte. Irina se achava por trás de lamskoy, empunhando uma arma. Disparou outra vez, fazendo oscilar a cabeça de lamskoy, e Arkady reparou que uma orelha desaparecera. Disparou uma terceira vez, contra o peito de lamskoy. O promotor tentou se equilibrar. no quarto tiro tombou para a água e afundou. Irina entrou no lago para puxar Arkady para fora. Estava içando-o para cima da borda quando lamskoy saiu da água até à cintura ao lado deles. Caiu para trás sem os ver, os olhos fixos na noite, e berrou: “Osborne!” Voltou a mergulhar como se estivesse descendo uma escada, mas Arkady só ouviu o grito muito depois de ele ter desaparecido.

* * *

# Parte 2

***SHATURA***

* * *

# Dezoito

Ele era um verdadeiro coletor. Entravam nele tubos transportando sangue e dextrose; saíam dele tubos levando sangue e dejetos. De poucas em poucas horas, quando começava a recear pela sua consciência, uma enfermeira lhe injetava morfina, e ele se sentia logo flutuando por cima da cama e olhando para baixo, para aquele corpo cinzento transformado numa rede de esgotos. Não sabia ao certo porque se encontrava ali. Tinha uma vaga ideia de que matara alguém, e admitia que tivesse se tratado de algo parecido com uma carnificina. Mas não sabia bem se fora criminoso ou vítima; se preocupava um pouco com isto, mas não demasiadamente. A maior parte do tempo parecia estar num canto do quarto observando o que ali acontecia. Enfermeiras e médicos andavam sempre segredando e se curvando sobre a cama; depois os médicos iam conferenciar com dois homens de terno e máscaras esterilizadas, sentados junto da porta, e estes por sua vez abriam a mesma e segredavam mais coisas a outros que se encontravam no corredor.

Numa vez chegou um grupo de visitantes; entre eles reconheceu o promotor-geral. A delegação inteira ficou junto dos pés da cama examinando o rosto pousado no travesseiro com um ar melancólico de excursionistas em frente de um monumento estrangeiro tentando decifrar uma inscrição que não podiam compreender. Por fim abanaram a cabeça, ordenaram aos médicos que conservassem o doente vivo e partiram. De outra vez fizeram entrar um capitão da Patrulha da Fronteira para identificá-lo. Ele não fez caso porque nessa altura estava muito ocupado com uma hemorragia, segredo revelado por todos os tubos que saíam do seu corpo e que acusaram um súbito e generoso tom vermelho. Mais tarde foi ligado à cama e rodeado por uma tenda plástica translúcida. Os cintos não o constrangiam, não tinha pensado em se servir dos braços, mas, sem saber a razão, a tenda evitara que ele

flutuasse. Percebeu que os médicos deviam estar reduzindo as doses de morfina. Durante o dia tinha vagamente consciência de cores que se moviam à sua volta, e de noite assaltava-o uma onda de medo de cada vez que a porta do quarto se abria deixando passar as luzes do exterior. O medo era justificado; também o sentia. De todas as sensações provocados pelo seu estado de narcotizado, só o medo era real. O tempo medido pelas agulhas hipodérmicas não passava; era só um intervalo entre o esquecimento e a dor. O que existia era a espera, não a sua mas a dos homens junto da porta e a dos homens fora dela. Ele sabia que estavam todos à sua espera.

— Irina! Disse ele em voz alta. Deu imediatamente pelo arrastar de cadeiras e por vultos que se precipitavam para a sua tenda. Quando esta se abriu, fechou os olhos e levantou o braço retido pelo cinto com toda a força que tinha. Um tubo se soltou e o sangue esguichou do braço. Passos apressados se fizeram ouvir vindo da porta.

— Eu disse-lhe para não lhe tocarem, ralhou uma enfermeira. Ela comprimiu a veia e voltou a repor o tubo no braço.

— Nós não lhe tocamos.

— Ele não fez isto sozinho, a enfermeira estava zangada. — Ele nem sequer está consciente. Olhem para este chiqueiro! De olhos fechados, imaginou o estado dos lençóis e do chão.

A enfermeira estava só furiosa, mas uma porção de sangue derramado num hospital aterroriza e intimida sempre qualquer outra pessoa, até as almas insensíveis da KGB. Notou-os de joelhos limpando o chão. Não disseram nem mais uma palavra a propósito de ele estar acordado. Onde estava Irina? O que lhes contara ela? “De qualquer maneira vão fuzilá-lo”, resmungou um dos homens que limpavam o chão. Na sua tenda translúcida ele escutava. Procurava ouvir tudo o que pudesse. Nos minutos que tinham precedido a chegada da Milícia ao jardim da universidade, Arkady indicara a Irina como deveria ser contada a história. Irina não matara ninguém; Arkady matara lamskoy e Unrnann. Irina soubera que Valéria, James Kirwill e Kostia estavam em Moscou, isso estava em todas as fitas, mas ignorava tudo acerca de quaisquer defecções ou contrabando. Ela fora enganada, era uma vítima e não uma criminosa. Se a história não era plausível ou clara, isso se

devia ao fato dele tê-la arquitetado enquanto Irina lhe amparava o estômago. Além disso, tal versão era a única saída que lhe restava a ela.

Deram início ao primeiro interrogatório com a leitura dos crimes de que era acusado: os crimes eram conhecidos, na essência os mesmos de que ele acusara Osborne e lamskoy. Uma das paredes da tenda fora afastada para que três homens pudessem se sentar junto da cama. Apesar das máscaras esterilizadas, reconheceu entre eles o rosto espesso do major Pribluda e por detrás da sua máscara um sorriso.

— Você está morrendo, disse a Arkady o que se encontrava mais próximo. — O mínimo que pode fazer é limpar o nome dos que estão inocentes. Você tinha uma folha excelente até isto acontecer, e é atendendo a ela que nós queremos que você seja recordado. Reabilite o bom nome do promotor lamskoy, um homem que o tratou bem e que o promoveu. O seu pai é um velho doente; pelo menos deixe-o morrer em paz. Afaste esta vergonha e enfrente a sua própria morte com a consciência limpa. O que tem a dizer?

— Não estou morrendo, disse Arkady.

— Você está progredindo bastante, sabe? O médico abriu as cortinas. A claridade se refletia em sua bata branca. A tenda fora retirada e Arkady tinha agora dois travesseiros debaixo da cabeça.

— Quanto?

— Muito, afirmou o médico com suficiente gravidade para fazer compreender a Arkady que estava há semanas à espera que ele lhe fizesse a pergunta. — A faca penetrou no cólon, estômago e diafragma, e cortou também um bocadinho do seu fígado. Com efeito, a única coisa que o seu amigo não atingiu foi provavelmente aquilo onde ele pretendia chegar, a aorta abdominal. Mesmo assim, quando você chegou aqui estava sem pressão arterial; depois tivemos de lutar contra a infecção, a peritonite, enchendo-o de antibióticos por um lado e drenando-o por outro. Aquele lago em que caiu está muito inquinado. A sorte foi que aparentemente você não tinha comido nada nas vinte e quatro horas que precederam o seu apunhalamento; de outro modo a infecção se teria estabelecido através do seu tubo digestivo e nem nós o poderíamos ter salvo. Espantoso, não é? Como a vida pode depender de um pedaço de comida, uma coisa tão insignificante como isso! Você é um homem

feliz.

— Sei disso agora.

Da vez seguinte vieram cinco, todos de máscaras esterilizadas, e se sentaram à volta da cama, fazendo perguntas cada um por sua vez para confundir Arkady. Este decidiu responder a Pribluda fosse quem fosse que fizesse a pergunta.

— A mulher chamada Asanova nos contou tudo, disse alguém. — Você dirigiu a conspiração juntamente com o americano Osborne, lhe prometendo proteção contra as diligências do promotor lamskoy.

— Você tem o relatório que enviei ao promotor-geral, respondeu Arkady a Pribluda.

— Você foi visto conversando com Osborne em numerosas ocasiões, inclusive na véspera do Primeiro de Maio. Não o prendeu. Em vez disso foi diretamente à universidade, onde atraiu o promotor a uma cilada e o matou com a ajuda da mulher.

— Tem o meu relatório.

— Que desculpa tem para os seus encontros com Osborne? O promotor tomou sempre notas depois dos encontros que tinha com os seus investigadores. Nada consta nelas a respeito das suas alegadas desconfianças a respeito desse americano. Se tivesse feito alguma referência a elas, ele teria imediatamente consultado ò organismo da Segurança.

— Tem o meu relatório.

— Não estamos interessados no seu relatório. O relatório só compromete a você. Nenhum investigador poderia ter descoberto o roubo de zibelinas na Sibéria ou a maneira como essas zibelinas foram levadas para fora do país com as fracas provas de que dispunha.

— Pois eu fiz.

Foi a única vez em que a sua resposta variou. Era acusado de conspirar com Osborne por dinheiro; o seu divórcio foi citado como prova de desequilíbrio mental; se sabia que ele instara com Osborne para que lhe oferecesse um valioso gorro; a mulher chamada Asanova revelara as suas ultrajantes investidos sexuais; ele apoiara os planos de Osborne, esperando pelo golpe de uma prisão sensacional como

resultado de uma campanha contra oportunistas como ele; uma prova da sua natureza violenta era o ataque que dirigira contra o secretário da Comissão Distrital, um amigo da sua ex-mulher; a sua ligação com o agente estrangeiro James Kirwill era manifesta em vista da colaboração mantida com o irmão e agente William Kirwill; matara à socos um oficial da KGB na dacha do promotor; segundo Asanova, tivera relações sexuais com a gangster morta, Valéria Davidova; estava psicologicamente atingido pela fama do seu pai em resumo, já se sabia de tudo. A cada tentativa para irritá-lo, confundir e aterrorizar, Arkady dizia a Pribluda para ler o seu relatório.

Pribluda era o único homem que não falava, o único que se contentava em representar a ameaça silenciosa. Arkady revia-o, envolvido num sobretudo, naquela primeira manhã no Parque Gorki. Não tinha avaliado até agora o espaço que ocupava no espírito de Pribluda. No meio da sua concentração os olhos de Pribluda tinham uma expressão espantosamente ingênua. Quando não se sabia tudo, não se sabia nada. Mal os guardas saíram, foi colocado um telefone no quarto. Como o telefone nunca tocava e ninguém se servia dele para fazer ligações, Arkady concluiu que se tratava de um transmissor para captar o que ele dizia. A primeira vez que foi autorizado a ingerir alimentos leves ouviu o carrinho que os trazia desde o elevador até à sua porta. Todos os outros quartos daquele andar estavam vazios. Os cinco homens vieram interrogá-lo duas vezes por dia durante mais dois dias, e Arkady continuou a repetir a sua única reposta até uma milagrosa semente de compreensão germinar subitamente dentro de si.

— lamskoy era um dos seus, interrompeu ele. — Ele era da KGB. Vocês transformaram um dos seus em promotor de Moscou e agora descobrem que ele era um traidor. Precisam meter uma bala na minha cabeça porque ele fez de vocês uns enormíssimos idiotas. Quatro dos cinco homens se entreolharam com ar severo; só Pribluda manteve a sua atenção em Arkady. — Tal como dizia Iamskoy, Arkady riu amargamente. — Todos respiramos ar e todos mijamos água.

— Cale-se! Os cinco homens se retiraram para o corredor. Arkady ficou deitado na cama pensando nas palestras do promotor acerca das corretas atribuições dos órgãos da justiça, muito divertidas agora em

retrospectiva.

Os cinco homens não voltaram. Ao fim de algum tempo, apareceram uns guardas pela primeira vez numa semana e encostaram as cinco cadeiras à parede. Assim que o deixaram andar sozinho, apoiado em bengalas, foi até à janela. Descobriu que se encontrava no sexto andar, perto de uma autoestrada e de uma fábrica de doces. Chegou à conclusão de que devia ser a Fábrica Bolchevique de Doces, junto da estrada para Leningrado, embora não conhecesse nenhum hospital tão longe. Tentou abrir a janela mas estava trancada. Entrou uma enfermeira.

— Não queremos que se mate, disse ela.

Ele não queria se matar; queria sentir o cheiro do chocolate da fábrica. Quase chorou por não poder cheirar o chocolate. Sentia-se às vezes cheio de uma grande energia e logo a seguir pronto a se dissolver em lágrimas. Isto se devia em parte à tensão provocado pelos interrogatórios. Era habitual entre os interrogadores trabalharem como uma equipe, unindo a sua vontade contra a de um único suspeito, dominando-o e confundindo-o com falsas acusações, quanto mais malucas melhor, assustando-o duma maneira e doutra até ele ficar à mercê deles. Então era um homem sincero, um homem de joelhos. De uma maneira geral, não era ruim, por isso esperava que eles aplicassem a técnica; era normal. Parte das suas dificuldades provinha do isolamento. Não podia receber visitas, nem conversar com guardas ou enfermeiras, nem ler ou ouvir rádio. Deu consigo várias vezes lendo as marcas dos diversos utensílios e a parar junto da janela olhando o trânsito na autoestrada. A sua única ocupação inteligente consistia em estudar as numerosas perguntas contraditórias de que fora alvo para fazer uma ideia do que acontecera a Irina. Ela estava viva. Ela não contara tudo e sabia que ele também não contara; de outro modo o interrogatório seria muito mais preciso e devastador. Porque ele ocultara que Irina tinha conhecimento do contrabando? Quando a levara para o seu apartamento? O que acontecera lá? Depois de um dia sem interrogatórios, apareceu Nikitin. Olhos astutos num rosto redondo, o Inspetor-Chefe de Ligação com o Governo olhou para o seu colega e ex-

pupilo com suspiros de desapontamento.

— Da última vez que nos vimos me apontou uma arma, disse Nikitin. — Já se passou quase um mês. Agora parece mais calmo.

— Não sei o que pareço. Não tenho espelho.

— Como se barbeia?

— Trazem-me uma máquina elétrica com o meu café-da-manhã e levam-na com o tabuleiro. Sentia-se francamente efusivo por ter alguém com quem falar, mesmo se tratando de Nikitin. E houvera uma época, anos atrás, quando Nikitin era o Investigador-Chefe dos Homicídios, em que tinham sido íntimos.

— Bom, não posso me demorar. Nikitin apresentou um envelope. — Há grande excitação lá nos serviços, como imagina. Eles me mandaram com estes papéis para você assinar. No envelope estavam três cópias de uma carta de demissão da sala do promotor por motivos de saúde. Arkady assinou-as, quase triste por Nikitin estar com pressa. — Fiquei com a impressão, murmurou Nikitin, — De que está lhes dando muito trabalho. Não é fácil interrogar um interrogador, não é?

— Suponho que não.

— Olhe, você é um rapaz esperto, não seja modesto. Talvez devesse ter dado mais ouvidos ao seu tio llya. Eu tentei endireitá-lo. A culpa é minha; devia ter sido mais firme. Se puder ajudar em alguma coisa, diz. Arkady se sentou. Sentia-se imensamente deprimido e cansado, e também grato por Nikitin ter se demorado. Nikitin estava agora sentado na cama, embora Arkady não se lembrasse de tê-lo visto se mover.

— Faça as perguntas, sugeriu Nikitin.

— Irina...

— O que quer saber? Arkady tinha dificuldade em se concentrar. Todos os segredos que tinha acumulado procuravam o ouvido atento de Nikitin. O único outro visitante que tivera naquele dia fora a enfermeira que lhe dera uma injeção, mesmo antes da chegada de Nikitin...

— Sou o único que pode lhe ajudar, disse Nikitin.

— Eles não sabem...

— O quê? Arkady se sentia enjoado e tonto. A mão de Nikitin, tão pequena e gorducha como a de um bebê, estava pousada sobre a sua. — Do que você precisa agora é de um amigo, disse Nikitin.

— A enfermeira...

— Não é sua amiga. Deu-lhe uma coisa para lhe fazer falar.

— Eu sei.

— Não lhes contes nada, boychik, insistiu Nikitin. “Aminato de sódio”, calculou Arkady; era o que eles costumavam usar. E uma grande dose. “Ele sabe o que estou pensando”, disse Arkady para consigo.

— É um narcótico muito forte. Não pode ser responsável por não estar de posse das suas plenas faculdades, tranquilizou-o Nikitin.

— Não precisava trazer as cartas. Arkady fez questão em falar distintamente e alto. — Ninguém precisa dessas cartas.

— Então não as viu bem. Nikitin voltou a apresentar o envelope e abriu-o para Arkady. — Está vendo? Piscando os olhos, Arkady voltou a ler as cartas. Eram confissões de todos os crimes de que fora acusado na última semana.

— Não foi isso que eu assinei, disse ele.

— Eles têm a sua assinatura. E eu vi assiná-las. Não tem importância. Nikitin rasgou as cartas ao meio e depois em quartos. — Não acredito numa única palavra do que dizem.

— Obrigado, respondeu Arkady com reconhecimento.

— Eu estou do seu lado; somos nós contra eles. Lembra que eu era o melhor interrogador de todos? Arkady se lembrava. Nikitin se inclinou para frente com ar confidencial e falou em voz baixa ao ouvido de Arkady.

— Vim preveni-lo. Eles vão tentar matá-lo. Arkady olhou para a porta fechada. Até a sua superfície plana era agourenta, uma espécie de fachada em relação às pessoas do outro lado.

— Depois de morrer, quem ajudará Irina? Perguntou Nikitin. — Quem vai saber a verdade?

— O meu relatório...

— É para enganá-los, não aos seus amigos. Não pense em você, pense em Irina. Sem mim ela fica só. Lembre-se de como ela fica só. “Talvez eles nem lhe dissessem que ele morrera”, pensou Arkady.

— A única maneira que ela precisa saber que sou amigo é se você me contar a verdade, explicou Nikitin.

Não havia dúvida de que iriam matá-lo; Arkady não via maneira de escapar a isso. Talvez a queda duma janela, uma dose excessiva de

morfina, uma injeção de ar. Quem olharia então por Irina?

— Nós somos velhos amigos, disse Nikitin. — Eu sou seu amigo. Quero ser seu amigo. Acredite que sou seu amigo. E sorria como um buda.

O que restava da visão de Arkady parecia tingida de cinzento por efeito do aminato de sódio. Sentia a respiração das pessoas nos corredores. O assoalho ficava muito longe dos seus pés. Os cadáveres tinham sapatos de papel; eles lhe dariam sapatos de papel? Os seus pés estavam tão brancos e débeis, como estaria o resto do corpo? A sua boca cheirava a medo. Levou os punhos à testa. Não era medo, loucura. Era impossível pensar; o melhor seria contar tudo agora enquanto podia. Mas cerrou a boca às palavras. Uma transpirarão provocada pelo narcótico brotou da sua pele, e ele receava que as palavras lhe saíssem pelos poros. Encolheu os joelhos com toda a força, até ficarem dormentes, e com a tensão todos os orifícios se fecharem. Ao pensar em Irina as palavras pareciam querer saltar para fora como cobras, por isso pensou em Nikitin, não no Nikitin que estava ao seu lado na cama, porque esse era um amigo insistente que rasgara uma confissão, mas no Nikitin de outro tempo. O velho Nikitin era uma criatura evasiva, escorregadia e que escapava ao entendimento de Arkady. A paranoia do momento lhe dominou a memória. O único homem no mundo em que ele podia confiar era Nikitin, assim insistia o Nikitin que estava ao seu lado. Ele tremia e tentava tapar os olhos e os ouvidos, tomando as palavras de Nikitin no sentido inverso ao das anteriores, e assim por diante, examinando desajeitadamente o novo Nikitin para conseguir chegar ao antigo.

— Eu sou o seu mais velho e mais querido e único amigo, dizia Níkitin. Arkady baixou as mãos. As lágrimas lhe cobriam o rosto, mas sentia um ligeiro alívio na cabeça. Levantou uma mão como se estivesse segurando uma arma e puxou um gatilho invisível. — O que aconteceu? Perguntou Nikitin.

Arkady não falou porque as palavras acerca de Irina ainda estavam à espera para saltar da sua boca. Mas sorriu. Nikitin não devia ter mencionado o episódio da arma quando entrara no quarto de Arkady; era

essa a ligação. Apontou para o rosto de Nikitin e fingiu disparar outra vez.

— Eu sou seu amigo, disse Nikitin com menos convicção. Arkady esvaziou um carregador inteiro de balas imaginárias, voltou a carregar e disparou mais. Algo da sua loucura penetrou em Nikitin. Depois de muitos protestos ficou em silêncio; a seguir, fugindo à mão vazia de Arkady, se ergueu da cama. Tal como o antigo Nikitin, foi se movendo mais depressa à medida que se aproximava da porta.

* * *

# Dezenove

No princípio do verão, Arkady foi transferido para uma propriedade no campo. Era uma casa de ar aristocrático, com uma frente de colunas brancas e janelas à francesa, pórticos e jardins de inverno envidraçados, capela privativa utilizada agora como garagem, e uma quadra de tênis em terra batida onde os guardas estavam sempre jogando voleibol. Arkady podia passear por onde quisesse, contanto que regressasse às horas das refeições. Na primeira semana pousou um avião na pista de aterragem com dois interrogadores, o major Pribluda, um saco de correio e carne fresca e frutas, coisas que só se encontravam em Moscou. Os interrogatórios se realizavam duas vezes por dia no jardim de inverno. Não restavam plantas exceto uma gigantesca árvore de borracha, corcovada e tão deslocado como o estariam criados à maneira antiga. Arkady se sentava numa cadeira de verga entre os interrogadores. Um deles, um psiquiatra, fazia perguntas inteligentes; geralmente, quando os interrogatórios são amistosos paira uma falsa bonomia no ar. Durante a hora do almoço do terceiro dia Arkady encontrou Pribluda sozinho no jardim. O casaco dele estava nas costas duma cadeira de ferro forjado, e o major limpava a sua arma, os dedos grossos manuseando com destreza eixos, molas e trapo. Levantou a cabeça admirado quando Arkady ocupou a cadeira do outro lado da mesa.

— O que aconteceu? Perguntou Arkady. — Porque o deixaram aqui fora?

— Não compete a mim interrogá-lo, disse Pribluda. Os seus olhos feios mas honestos tinham se tomado um hábito para Arkady e um alívio depois de uma manhã com os outros oficiais que a KGB enviava. — De qualquer modo, eles são especialistas; sabem o que estão fazendo.

— Então porque você está aqui?

— Ofereci-me para vir.

— Quanto tempo ficará aqui?

— Enquanto os interrogadores estiverem aqui.

— Você só trouxe uma muda de camisas; não dá para muito, observou Arkady. Pribluda fez um aceno afirmativo e continuou a limpeza, principiando a transpirar devido ao sol. Nem sequer enrolara as mangas, embora trabalhasse com todo o cuidado para não correr o risco de sujá-las com óleo.

— Se a sua função não é me interrogar, qual é ela? Perguntou Arkady. Pribluda empurrou para fora o conjunto do cano e da culatra ao longo das guias do corpo. Deste retirou cuidadosamente as peças do aparelho. Uma arma desmontada parecia sempre a Arkady um aleijado despido. — Quer dizer que a sua função é me matar, major. Fale, já que se ofereceu.

— Você fala com muita ligeireza acerca da sua vida. Pribluda colocou as balas uma por uma no carregador como se fossem pastilhas.

— É porque ela está sendo tratada com ligeireza. Se você vai me matar quando acabarem as camisas limpas, acha que posso ficar muito sério?

Arkady não acreditava que Pribluda o matasse. Príbluda se oferecera com prazer, sem dúvida, e estava a todas as horas pronto para fazê-lo, mas Arkady não pensava que isso acontecesse. Por isso, na manhã seguinte, quando os interrogadores e Pribluda se precipitaram de automóvel para a pista de aterragem, Arkady percorreu essa distância de um quilômetro a pé. Chegou a tempo de ver Pribluda fora do avião discutindo furiosamente com os interrogadores que estavam no interior. O avião partiu sem o major e ele regressou ao automóvel. Quando o motorista lhe perguntou se queria uma carona para regressar, Arkady respondeu que fazia um lindo dia e que preferia andar.

Com exceção de algumas ondulações muito suaves, o terreno era plano. Com o sol baixo da manhã a sombra de Arkady se estendia por trinta metros ao longo da estrada; a sombra de uma rara árvore se alongava por mais de cem metros. Havia pouco arvoredo propriamente dito, alguns arbustos e mato. A erva espontânea continha toda a espécie de flores e gafanhotos brilhantes como jade. Deitado no chão, Arkady sabia que estava sendo observado por binóculos de um terraço no topo

da casa. Nunca pensou em tentar fugir. Arkady e Pribluda comeram à mesma mesa posta na sala de estar, onde havia fantasmagóricos panos cobrindo os móveis. Dentro da sua roupa amassada o major se mostrou irritável, soltou o seu coldre de ombro e afastou a camisa dos sovacos. Arkady observava interessado. Um homem prestes a ser abatido observava sempre o seu carrasco com grande interesse; com o tiro fatal indefinidamente retardado, Arkady tinha tempo para olhar o seu futuro verdugo com toda a atenção.

— Como pensa em me matar? Por trás ou pela frente? Na cabeça ou no coração?

— Na boca, respondeu Pribluda.

— Fora ou dentro de casa?

Um banheiro é fácil de limpar. Com maneiras desabridas o major voltou a encher o seu copo de limonada. Na casa, a vodca não era permitida e Arkady seria o único a quem ela não fazia falta. Depois de passarem o dia jogando o voleibol, os guardas se entretinham com tênis de mesa até altas horas da noite para conseguirem adormecer. “Cidadão Renko, você já não é um Investigador-Chefe, já não tem qualquer espécie de categoria ou posição, não é nada. Posso mandá-lo calar muito simplesmente. Ah, mas o caso também pode ser encarado sob outra perspectiva, major. Agora que não sou nada, não preciso lhe dar ouvidos”. “Era quase o que Irina dissera a ele”, pensou Arkady. Como os pontos de vista podem mudar depressa!

— Diga-me, major, perguntou ele, — Alguém já tentou matá-lo?

— Só você. Pribluda afastou a cadeira e deixou a comida intacta. Devido à sua frustração, Pribluda começou a trabalhar no jardim. De camiseta, as calças arregaçadas até aos joelhos, atacava as ervas daninhas com vigor. — É tarde demais para plantar qualquer coisa além de rabanetes, mas se faz o que se pode.

— Qual é a sua quota? Perguntou Arkady da entrada da casa. Piscou os olhos para o céu, tentando avistar o avião de regresso de Moscou.

— Isto é divertimento, não é trabalho, murmurou o major. — Não vou deixar que você o estrague. Cheire isto. Levou ao nariz um bocado

de terra rica em turfa. — Não há nenhuma terra no mundo que tenha o mesmo cheiro.

O céu estava vazio, e Arkady desviou o olhar para o major e a sua mão cheia de terra. O gesto lhe recordou fortemente Pribluda remexendo nos cadáveres do Parque Gorki. Arkady se lembrou ainda das vítimas do major no Rio Kliazma. No entanto, ali estavam eles num jardim, Arkady com cicatrizes desde as costelas até à virilha e Pribluda de joelhos.

— Descobriram o dinheiro de lamskoy. É isso que está atrasando tudo, disse Pribluda. — Desmancharam a dacha toda, tábua por tábua, e cavaram por toda a parte. Segundo ouvi, encontraram-no finalmente num abrigo onde guardava patos e gansos mortos. Havia lá uma fortuna, embora não faça ideia para o que serviria. Em que a iria gastar?

— Quem sabe?

— Eu disse que você era inocente. Disse desde o princípio que você era inocente. O detetive Fet era um informante, por isso me orgulho de dizer que agi baseado no meu instinto. Toda a gente era da opinião que nenhum Investigador-Chefe levaria a cabo o tipo de investigação que você afirmava ter feito contra as ordens do promotor. Eu sustentei que você o faria por que só eu sabia como você tinha tentado me arruinar. Todos os outros diziam que, se lamskoy era tão corrupto como você pretendia, então você também devia ser, e que se tratava dum caso de ladrões desmascarados. Eu declarei que você era capaz de destruir um homem sem qualquer razão. Eu conheço-o. Você pertence à pior espécie de hipócritas.

— Como?

— Porque eu obedeço a ordens e você me chama de assassino. O que me importavam aqueles presos da prisão de VIadimir? Não era nada pessoal, eu nem sequer os conhecia. Para mim não passavam de inimigos do Estado, e eu tinha como missão me desfazer deles. Neste mundo nem tudo pode ser executado dentro de uma perfeita legalidade, é por isso que temos a inteligência. Você deve ter calculado que eu recebera ordens. Mas, por capricho, por uma mania de superioridade hipócrita, queria virar o caso contra mim; por outras palavras, me matar, por ter cumprido o meu dever. Por isso você é pior que um assassino, é um esnobe. Vá, ria, mas admita que existe uma diferença entre o dever e

o ego puro.

— Tem razão, concordou Arkady.

— Ah! Então sabia que eu obedecia a ordens...

— Sopradas, disse Arkady, — Você obedecia a insinuações ocultas.

— Sopradas? Que seja. E depois? O que me aconteceria se não o fizesse?

— Saía da KGB, a família deixava de lhe falar, se tomaria um embaraço para os amigos, perdia a autorização para ir aos armazéns especiais, se mudaria para um apartamento menor, os seus filhos não passavam nos exames universitários, perdia o direito aos carros, nunca mais confiariam em si em qualquer trabalho que conseguisse, e, por outro lado, se você não os matasse, outra pessoa o faria. Eu tive um casamento desastroso, não tenho filhos e não me interessa especialmente ter um carro. É exatamente o que eu penso! Arkady voltou a olhar para o céu, para o rastro de vapor de um jato que se elevava velozmente. Não era nada que lhe dissesse respeito, a não ser que planejassem lhe atirar uma bomba de cima. Ouvia Pribluda cavar e lançar as sementes. Enquanto ele estivesse vivo, Irina também estaria. — Se estou inocente talvez você não precise me matar.

— Ninguém é completamente inocente. O major continuou a cavar.

O avião trouxe mais interrogadores, alimentos e mudas de roupa interior para Pribluda. Umas vezes os interrogadores eram os mesmos, noutras diferentes; uns usavam drogas, outros a hipnose, cada grupo ficava uma noite e depois partia. Agora que tinha roupa lavada, Pribluda vestia todos os dias, quando os interrogadores estavam fora da vista, uma indumentária própria para a jardinagem, com calças arregaçadas, camiseta, lenços em volta dos joelhos e testa, e sapatos velhos. Conservava a arma à mão, pendurada numa estaca. Iam brotando da terra filas de rabanetes, alfaces e cenouras.

— Vai ser um verão seco, eu sinto, disse a Arkady. — Preciso plantar mais fundo. Arrastava-se, resmungando, atrás de Arkady quando este ia dar um dos seus grandes passeios pela propriedade.

— Ninguém vai fugir, disse Arkady. — Prometo.

— Há por aí lameiros. Podem ser perigosos. O major se mantinha

dez metros atrás. — Você nem sabe onde pôr os pés.

— Não sou nenhum cavalo. Se quebrar uma perna não precisa me sacrificar.

Pela primeira vez, Arkady ouviu Pribluda rir. Mas o major tinha razão. Às vezes Arkady ia para os seus passeios tão drogado com pentotal de sódio que podia esbarrar numa árvore sem dar por isso. Caminhava como um homem que sente ser aquela a única maneira de encontrar a si mesmo. Longe de casa e das toalhas preventivas sobre o sofá para quando as injeções o faziam vomitar. O interrogatório é principalmente um processo de renascimento feito da maneira mais desajeitada, um sistema em que a parteira tenta fazer nascer o mesmo bebê uma dúzia de vezes de doze maneiras diferentes. Arkady caminhava até o veneno diário se diluir com o oxigênio; então sentava à sombra de uma árvore. No começo, Pribluda insistia em se sentar ao sol; levou uma semana a aceitar a sombra.

— Ouvi dizer que este é o seu último dia. Pribluda mostrou um sorriso forçado, — O último interrogador, a última noite. Irei ter consigo quando estiver dormindo. Arkady fechou os olhos e escutou os insetos. De semana para semana aumentava um pouco o calor e os insetos faziam mais barulho. — Quer ser enterrado aqui? Perguntou Pribluda. — Vamos, estou perdendo a paciência, vamos embora.

— Vá cultivar a sua horta. Arkady manteve os olhos fechados, esperando que o major fosse embora.

— Você deve mesmo me odiar, disse Pribluda daí a um tempo.

— Não tenho tempo para isso.

— Não tem tempo? O que não tem é mais nada além de tempo.

— Quando estou acordado e não drogado para poder pensar, não tenho tempo para me preocupar consigo, é tudo.

— Preocupe-se comigo; vou matá-lo.

— Não se enerve, não vai.

— Não estou enervado. A voz de Pribluda se elevou. Mais controlado, acrescentou: — Tenho esperado por isso durante o ano todo. Você é doido, Renko. Esquece-se de quem manda aqui. Arkady não disse nada.

Por cima do campo se ouviam os gritos triunfantes de pequenas aves perseguindo um corvo; pareciam uma pauta de música se movendo no ar. Baseado na pouca altura dos aviões Antonov que passava lá por cima, na regularidade da sua frequência e no rumo sul que seguiam, chegara à conclusão que se achava à uma hora do Aeroporto Dornodovo, situado nos arredores de Moscou. Os psiquiatras que tinham sido enviados para interrogá-lo eram todos da Clínica Serbsky da KGB, de Moscou, por isso calculou que Irina devia se encontrar lá.

— Então no que é que tanto pensa? Perguntou Pribluda, exasperado.

— Penso que nunca soube pensar. Sinto-me como que improvisando à medida que avanço. Não sei. Pelo menos, pela primeira vez não sou levado. Abriu os olhos e sorriu.

— Você é doido, disse Pribluda muito sério. Arkady se pôs de pé e se espreguiçou.

— Quer voltar para as suas sementes, major?

— Vá-se ferrar, sabe muito bem que sim.

— Diga que é humano.

— O quê?

— Vamos regressar, disse Arkady. — A única coisa que tem a fazer é dizer que é humano.

— Não tenho nada a dizer. Que jogo vem a ser esse? Você é tão louco, Renko, que até me põe doente.

— Não é assim tão difícil dizer que se é humano. Pribluda descrevia círculos apertados como se estivesse se aparafusando no chão.

— Você sabe que sou.

— Diga.

— Vou matá-lo por causa disto, só por causa disto, prometeu Pribluda. — Para acabar com tudo. A voz se tornou monótona. — Eu sou humano. Muito bem. Agora podemos ir. Arkady se encaminhou para casa.

O novo interrogador era o médico de mãos nervosas que falara uma vez durante a reunião da sala do promotor.

— Deixe-me expor o resultado da minha análise, disse ele a

Arkady no fim da sessão. — Para cada verdade que nos foi dita por você e pela mulher chamada Asanova há uma mentira. Nenhum de vocês era diretamente membro da facção lamskoy-Osborne, mas estavam os dois diretamente envolvidos, e ainda estiveram envolvidos um com o outro. Com a sua vasta experiência como interrogador e a longa experiência dela como suspeita, vocês esperam nos confundir. Vocês alimentam esperanças pouco realistas. Você e Asanova sofrem os dois da síndrome da pato-heterodoxia. Você sobrestima os seus poderes pessoais. Sente-se isolado da sociedade. Passa da excitação para a tristeza. Desconfia das pessoas que mais o desejam ajudar. Resiste à autoridade mesmo quando é você que a representa. Considera-se uma exceção a todas as regras. Deprecia a inteligência coletiva. O que está certo está errado, o que está errado está certo. Asanova é um caso clássico e óbvio, facilmente compreendido por todos e por isso fácil de resolver. O seu é um caso mais tortuoso e mais perigoso. Você nasceu com um nome célebre e sob os melhores augúrios. Apesar de fortes indícios de egoísmo político, alcançou uma posição importante dentro do sistema judiciário. Depois de combater denodadamente um superior poderoso, entrou numa conspiração criminosa com aquela mulher para ocultar fatos importantes deste inquérito. Quais eram as verdadeiras relações dela com Osborne? Que transações se realizaram entre você e o agente da informação americana William Kirwill? Porque deixou Osborne partir? Ouvi as suas respostas. Acredito que o lado de si próprio que se conserva saudável queira me dar as verdadeiras respostas, e com a terapêutica adequada acabaria por fazê-lo. Mas não teria qualquer significado. Nós conhecemos as verdadeiras respostas. Mais interrogatórios deste gênero, estou convencido, só servirão para alimentar as suas ilusões um tanto mórbidas. Precisamos pensar no bem maior. Por isso recomendo que você sirva de exemplo e sofra o castigo máximo o mais depressa possível. Você e eu teremos mais uma sessão marcada para amanhã de manhã, antes da minha partida para Moscou. Não tenho mais perguntas a lhe fazer. Contudo, se tiver alguma nova informação, será a sua oportunidade final. De outro modo, adeus.

Pribluda despejou cuidadosamente o balde. A água, brilhante como gelo, correu pelo rego afora até um desvio para uma fileira de alfaces; Arkady fechou depois esse desvio, canalizando a água para o desvio

seguinte. Avançava de joelhos, de fileira para fileira, moldando uma série de pequenos diques até toda a horta ficar bem regada.

— Um verdadeiro Nilo, disse ele. — Ali, a terra está muito seca. Uma dúzia de grandes baldes para um canteiro deste tamanho? Pribluda abanou a cabeça. — Que secura!

— O setor agrícola privado da Comissão para a Segurança do Estado nunca secará, tenho certeza.

— Você ri. Eu nasci numa fazenda. A seca é uma coisa séria e eu sinto que ela se aproxima. Confesso que entrei para o exército para me afastar da fazenda. Pribluda ergueu um ombro, um gesto gracioso para um homem com o seu físico, — Mas no coração continuo a pertencer ao campo. Nem precisamos pensar; sentimos a seca chegar.

— Como?

— A garganta arde durante três dias. É porque a poeira não assenta. Mas há outras maneiras de dar por isso.

— Tais como?

— A terra. O solo é como um tambor. É verdade, podemos ouvi-lo. Quando a pele dum tambor se toma mais quente e seca, o que acontece? Toma-se mais ruidoso. Sucede o mesmo com o solo. Ouça. Pribluda bateu com o pé no chão. — Parece oco. A camada de água não está lá. E foi batendo com os pés por entre os baldes, gozando a sua recém-descoberta habilidade para distrair, batendo com tanto mais força quanto mais Arkady se ria. — É ciência camponesa. Ouve a terra? Pode também ouvir a que ponto a sua garganta está seca. Você julgava que só os cosmopolitas é que sabiam tudo. Pribluda executou uma dança desajeitada, derrubando os baldes até tropeçar e cair de bunda com um sorriso de palhaço.

— Major. Arkady ajudou-o a se levantar. — Devia ir falar com o psiquiatra, não comigo. O sorriso de Pribluda desapareceu.

— São horas da sua última sessão, disse ele.

— Não.

— Então preciso ir lá. O major desviou o olhar. Vestiu a camisa, desenrolou as calças, limpou a poeira dos sapatos e vestiu o casaco, tentando ficar apresentável. Depois repararam ao mesmo tempo em que a arma e o coldre dele ainda estavam pendurados numa estaca no meio dos canteiros alagados.

— Vou lá buscá-la, disse Arkady.

— Eu vou.

— Não seja tolo. Você está de sapatos, eu estou descalço. Com o major gritando, Arkady avançou pelo meio da lama e tirou o coldre da estaca. O major ficou em silêncio enquanto ele regressava à terra seca. Quando Arkady lhe estendeu a arma, Pribluda encostou o cano à testa de Arkady.

— Não toque na minha arma, estava furioso. — Não sabe o que acontece aqui, não sabe nada?

Arkady e Pribluda já não trabalhavam juntos na horta improvisada e os legumes murchavam, pois a água escasseara. Sob um céu vazio os campos amareleciam. A casa tinha sempre as janelas e portas abertas na esperança de uma brisa. Zoya chegou. Estava mais magra, com olheiras, embora apresentasse um sorriso.

— O juiz disse que devíamos fazer outra tentativa, explicou ela, — Disse que não havia nada de definitivo se eu mudasse de ideia.

— E mudou de ideia? Ela se sentou junto da janela se abanando com um lenço. Até mesmo a sua trança juvenil de cabelo dourado parecia mais delgada, mais velha, como uma peruca.

— Só tivemos problemas, disse ela.

— Ah!

— Talvez a culpa fosse minha. Arkady sorriu. Zoya dissera que a culpa talvez fosse dela da mesma maneira como um burocrata discutiria uma mudança na orientação do seu departamento. — Está com melhor aspecto do que esperava, disse ela.

— Bem, aqui não há mais nada a fazer do que cuidar da saúde. Há semanas que não tenho nenhum interrogatório. Pergunto a mim mesmo o que irá acontecer a seguir.

— Faz muito calor em Moscou. Tem sorte em estar aqui.

Zoya contou que, embora eles nunca mais pudessem voltar a viver em Moscou, tinham lhe assegurado que se conseguiria um bom emprego para ele nalguma cidade agradável longe das pressões da capital. Talvez como professora. Podiam dar aulas juntos. E era também altura de iniciarem uma família. De resto, talvez fosse mesmo possível que ela

voltasse ali para uma mais longa visita conjugal.

— Não, disse Arkady. — A verdade é que não estamos casados nem gostamos um do outro. Eu tenho certeza de não lhe amar. Nem sequer me sinto responsável por aquilo que se tornou. Zoya parou de se abanar e olhou fixamente para a parede do outro lado da sala, de mãos no regaço. Estranhamente, com a perda de peso, os seus músculos de ginasta pareciam mais volumosos, as barrigas das pernas pareciam bíceps.

— É por causa de outra mulher? ela se lembrou de perguntar, aliás por razões óbvias.

— Zoyushka, teve razão em me deixar, e agora devia se manter o mais longe possível. Não lhe desejo mal.

— Não me deseja mal? Ela pareceu se excitar e repetiu o que dissera ainda com maior calor e sarcasmo. — Não me deseja mal? Olha para o que você me fez. Schmidt me abandonou. Pediu a minha transferência para outra escola, e quem o pode censurar? Eles têm o meu cartão do Partido; não sei o que vão fazer com ele. Arruinou a minha vida, tal como fez logo a partir do dia em que nos conhecemos. Acha que foi minha a ideia de vir aqui? Não.

— À sua maneira foi sempre razoavelmente verdadeira, por isso fiquei admirado por lhe ver.

Zoya enterrou os punhos nos olhos e apertou tanto a boca que o vermelho dos lábios desapareceu. Daí a pouco tirou as mãos, tentando sorrir de novo; os seus olhos azuis estavam molhados e brilhantes quando voltou a falar.

— Só tivemos problemas conjugais. Eu não era suficientemente compreensiva. Comecemos de novo. Não, por favor. Zoya agarrou na mão dele.

— Tinha me esquecido de quanto os seus dedos ficavam calejados devido aos exercícios.

— Há tanto tempo que não dormimos juntos, sussurrou ela. — Eu podia ficar aqui nesta noite.

— Não. Arkady se libertou dos dedos dela.

— Filho da mãe. E lhe arranhou a mão.

Zoya partiu de avião antes do jantar. Ele ficou muito deprimido pela reação que experimentara ao ver a que fora em tempos sua mulher se virar do avesso à sua frente. Nessa noite acordou com um desejo irresistível de Irina. O quarto estava escuro à volta de uma janela de estrelas. Ficou nu, na janela. Um toque, até mesmo a ligeira fricção do lençol, lhe teria provocado uma torrente de prazer e alívio, e ele não teria sentido qualquer vergonha. Mas diminuir o desejo teria feito apagar a sua imagem. Mais forte que uma imagem, era uma aparição de Irina adormecida numa cama azul. Tinha estado nos seus sonhos, depois naquele quarto; passara através da janela e ficara pairando lá fora. Ele sentia o calor através do vidro. Ela era o choque da vida. Não de uma vida vulgar. A vida vulgar era uma série infinita de separações e novos encontros. Na vida vulgar as pessoas iam para os escritórios e faziam coisas terríveis, e voltavam para casa e, ainda no meio da confusão dum apartamento comunitário, bebiam, praguejavam, trepavam, travavam guerras para conseguir um pouco de dignidade e, sem se saber como, sobreviviam. Irina se elevava acima dessa multidão. Ela exibia a sua grande beleza num casaco esfarrapado, tinha na face uma marca de honestidade e não se interessava por uma sobrevivência mesquinha. Em muitos aspectos não era uma pessoa.

Arkady compreendia bem as outras pessoas; como investigador era esse o seu talento. Não compreendia Irina, e desconfiava que nunca penetraria nas vastas áreas do seu mistério. Ela surgira como outro planeta e levara-o no seu rastro. Ele seguiu-a sem a conhecer e fora ele que mudara de comportamento. Nos últimos meses se transformara quase num morto, numa impossibilidade defensiva contra as instâncias dos interrogadores. Era um suicídio necessário, a sua vênia aos assassinos. Mas não deixava de ser uma morte. Agora surgira a imagem dela, e durante uma noite, pelo menos, também ele estava vivo.

Os fogos de turfa começaram no mês seguinte. Durante dias inteiros o horizonte do lado norte mudou sob uma neblina púrpura. Uma tarde o avião com as provisões regressara à origem sem ter aterrissado, e na manhã seguinte o horizonte ao sul estava também coberto de fumaça. Chegou um carro de bombeiros, com um engenheiro e pessoal com

capacetes de borracha e capas que os faziam parecer soldados medievais. O engenheiro deu ordem para abandonarem a casa. Não era possível a evacuação para Moscou; as entradas ou estavam cortadas ou bloqueadas, e todas as pessoas válidas estavam sendo recrutadas para a batalha contra o fogo. Era uma verdadeira batalha. A trinta quilômetros da casa havia um posto de comando com centenas de bombeiros, engenheiros do exército e "voluntários" que estavam sendo organizados como infantaria em redor dos tanques de água móveis, manobrando máquinas e tratores. O grupo da casa, Arkady, Pribluda, uma vintena de guardas, empregados e cozinheiros, constituiu a linha de reserva de sapadores, com Arkady no meio. Mas mal transpuseram a primeira trincheira e entraram em ação, a linha começou a se desarticular. Havia que contornar o mato, o que alongava a linha e a frustrava. Verificavam-se também súbitas mudanças de vento e fumaça que cegavam e engasgavam os homens e os faziam seguir em direções diferentes ou opostas. Existiam grandes valas antigas onde um homem ou um trator inteiro podiam cair subitamente. O resto da linha marchava para uma nova parede de fumaça, coberta por dois tratores, mas não se sabia qual seguir. Surgiam, sem se saber de onde, homens com roupas chamuscadas correndo em busca de segurança ou para enfrentar corajosamente as chamas lançando terra sobre elas com as pás. Das pessoas com que Arkady partira, só reconhecia Pribluda.

O fogo era imprevisível. Um arbusto ardia lentamente como um pacote de ignidores; outro se inflamava todo de repente como um archote. O fato se devia à turfa. Agora Arkady já tinha uma ideia da proximidade a que estavam da cidade de Shatura. Shatura se celebrizara por ter construído a primeira central elétrica após a Revolução, e o combustível nela utilizado era turfa. O próprio solo se incendiava espontaneamente; por baixo da superfície do terreno o fogo se propagava através de fieiras de turfa, de modo que de cada brasa originava uma série de outras brasas. Uma escavadora caíra dentro de uma turfeira já queimada, libertando gás metano, que explodiu como uma bomba no meio dos que combatiam o fogo. O calor intenso fazia cambalear. Todos os homens tossiam cinzas e sangue. Por cima se entrecruzavam helicópteros que despejavam toneladas de água, originando nuvens sufocantes de vapor e fumaça. Homens com olhos

lacrimejantes se agarravam aos cintos uns dos outros numa cadeia cega. O que se pretendia era conter o fogo, mas os campos de turfa eram muito vastos e as trincheiras eram inúteis contra um inimigo que atacava do subsolo.

À medida que cada linha de defesa ia recuando, os homens da frente ficavam mais encurralados. Arkady já não sabia por onde retirar. Soavam gritos de confusão no meio da fumaça e de todas as direções. Uma crista de terra revolvida terminava num trator incendiado; pás jaziam para onde tinham sido atiradas. Pribluda, de cara suja de preto, estava sentado com as pernas gordas estendidas, ofegante e exausto. O major segurava a sua arma com mão flácida, e a voz era tão fraca que Arkady mal o compreendia.

— Fuja daqui. Salve a pele, disse Pribluda com amargura. — Esta é a sua grande oportunidade. Pode ficar com os papéis de algum pobre diabo morto se não se queimar. É esta a oportunidade de que você tem estado à espera. De qualquer modo o apanharemos; se não soubesse disso matava-o.

— O que vai fazer? Perguntou Arkady.

— Não sou tão idiota que fique aqui à espera de me fritar, isso posso lhe dizer. Mas não sou nenhum covarde. Pribluda parecia mais um porco estropiado do que outra coisa.

Altas cortinas de fumaça se fechavam à volta deles devido à mudança do vento. Arkady sentira sempre que Pribluda não o mataria; ignorava agora se iria morrer no fogo. Pelo menos seria uma morte natural e não nove gramas de chumbo na nuca disparados pelo seu semelhante.

— Corra! Pribluda tossia. Arkady pôs o major de pé e ergueu-o até o colocar ao ombro.

Já não via nem tratores, nem árvores, nem o sol. Dirigiu-se para a esquerda, o último caminho de que se recordava ter seguido. Cambaleando sob o peso de Pribluda, tropeçando em destroços, daí a pouco já não sabia se estava andando para a esquerda, a direita ou em círculo, mas sabia que morreriam se parasse. O que não esperara fora a

claustrofobia de não respirar, de manter a boca fechada como se tivesse uma mão a tapá-la. O vácuo nos seus pulmões produzia uma aspiração através da traqueia. Pelas fendas dos olhos só distinguia um tojo em fogo. Quando não pôde avançar mais e ficou tão envolvido em fumaça que teve de fechar completamente os olhos, se forçou a dar mais vinte passos; e quando a fumaça piorou, mais outros vinte passos além dos primeiros; e depois mais dez, e mais cinco. Caiu num fosso de água salobra. O fosso tinha a altura dum homem; a água era pouco profunda, e entre ela e a borda do fosso havia um canal de ar rarefeito e acre. Os lábios de Pribluda estavam cor de violeta. Arkady deitou-o de costas na água e balançou-o para frente e para trás, forçando-o a respirar. Pribluda despertou, mas a temperatura ambiente subiu. Arkady tirou-o do fosso. Caíram fagulhas sobre eles, pousando no cabelo e fazendo buracos nas camisas. O fundo do fosso subiu e este desapareceu e, ao princípio, no meio da bruma, Arkady julgou que regressara ao local onde começara nessa manhã. Depois viu que as escavadoras, tanques de água e carros de bombeiros estavam pretos e devastados, alguns virados devido às explosões quando o seu combustível se inflamara, e aquilo que julgava serem montículos num campo carbonizado eram os corpos de homens que tinham morrido no dia anterior.

Dava a impressão de que alguns deles tinham se refugiado da fumaça num poço de extração de turfa; agora eram esqueletos. A turfa era um adubo anaeróbio, produto de uma decomposição orgânica tão antiga que todo o seu oxigênio tinha sido consumido. Poucos micróbios sobreviviam na turfa, talvez vinte ou trinta por metro cúbico. Expostos ao ar e à água, porém, os micróbios se reproduziam instantaneamente aos milhões, constituindo uma reserva voraz de vida esfomeada que penetrava na pele como lixívia. As paredes do poço estavam escalavradas devido a esforços para fugir daquele santuário. Uma capa de borracha estava caída sobre um braço e mão voltada para cima. De dois cadáveres Arkady retirou cantis de água intatos, fez máscaras com a sua camisa, molhou-as, atou-as a Pribluda e a si próprio, e retomou a marcha quando a fumaça estava se aproximando. Prosseguiram de modo a ficar com a fumaça às costas. A certa altura Arkady tropeçou perto de um poço e Pribluda, que ia à sua frente, se voltou e lhe segurou a mão antes que caísse. Continuaram através de mais queimadas, mais cenas de

calamidade e heroísmo espalhadas ao acaso com mão generosa, mortes numa guerra que nunca mereceria de qualquer jornal mais do que um parágrafo referindo o avanço de cinzas sopradas para a área de Moscou. Chegaram por fim a uma paliçada de árvores queimadas.

— Já não temos mais nenhum lugar para onde ir. Pribluda olhava para a escuridão que os rodeava. — Porque nos trouxe para aqui? Está vendo as árvores ardendo de novo?

— Não é fumaça, é a noite. E aquilo são estrelas, disse Arkady. — Estamos salvos.

A casa não fora atingida pelo fogo. Daí a poucos dias vieram as chuvas, tempestades violentas que afogaram o fogo, e depois os guardas voltaram a jogar voleibol e o avião trouxe alimentos frescos, até mesmo sorvete. O avião trouxe também o promotor-geral, que nunca despiu o seu impermeável, e falou de cabeça baixa e mãos apertadas nas costas.

— Você quer que todo o sistema judicial se curve perante si. Você é só um homem, um inspetor, e nem sequer muito importante. No entanto, nem a razão nem a persuasão têm qualquer efeito sobre você. Nós conhecemos toda a extensão da cumplicidade de Asanova com o agente estrangeiro Osborne e os traidores Borodin e Davidova. Sabemos que você está ocultando informações sobre Asanova e sobre as suas relações com ela. Um investigador que faz uma coisa dessas está deliberadamente cuspindo na face do seu país. Quando a paciência acabar, você aprenderá.

Na semana seguinte voltou o médico da Clínica Serbsky. Não se mostrou disposto a observar Arkady, mas foi com Pribluda para o que antes fora uma horta. Arkady observava-os duma janela. O médico falou com Pribluda, discutiu e por fim insistiu. Abriu uma pasta para mostrar a Pribluda uma seringa do tamanho que era usado para os cavalos, colocou a pasta nas mãos dele e regressou imediatamente à pista de aterragem. O major desapareceu. À tarde Pribluda bateu à porta do quarto de Arkady e convidou-o para irem apanhar cogumelos. Apesar do calor vinha de casaco e trazia dois grandes lenços para os cogumelos. A menos de meia hora de caminho se depararam com um matagal que escapara ao fogo e onde a chuva fizera brotar magicamente do solo

ressequido erva nova, flores e, quase dum dia para outro, cogumelos. Muitas árvores eram grandes carvalhos com mais de cem anos, curvados sobre um solo musgoso. Uma apanha de cogumelos levava sempre o olhar a se deter na curva duma folha, na casca descolorida de uma árvore, na abundância de flores selvagens, nos movimentos das abelhas. Os cogumelos tinham a aparência de animais; camuflados como coelhos, pareciam esperar que o caçador passasse.

Saltavam à vista e depois pareciam desaparecer. Viam-se melhor pelo canto do olho, aqui um acastanhado, ali um rebanho deles imóvel, cor de laranja, entre folhas, outro com as lamelas enrugadas de um pequeno dinossauro, outro ainda tentando esconder a cabeça escarlate. Eram menos conhecidos pelo nome do que pela maneira de serem conservados e comidos, salgados, secos, fritos, com pão, com creme azedo, empurrados com vodca, e com que espécie de vodca, pura, anisada, ou caroços de cereja? Um homem que colhe cogumelos teve o ano todo para pensar nisso. Enquanto Pribluda os ia arrancando alegremente, Arkady examinava a sua testa baixa, o cabelo que começava a ficar grisalho, o seu nariz abatatado de russo, as bochechas com verrugas, o corpo espesso, o casaco de mau corte sob o qual se adivinhava o coldre. O bosque estava já mergulhado na sombra quando Arkady notou que tinham faltado ao jantar.

— Não faz mal, disse Pribluda: — Faremos um festim com cogumelos amanhã. Olhe o que eu apanhei. Abriu o lenço para mostrar a coleção variada que tinha lá dentro e explicou a Arkady pormenorizadamente como é que cada um deles devia ser preparado, e em que festas deviam ser servidos. — Mostre os seus. Arkady abriu o lenço com a sua colheita do dia, deixando-a cair no chão, uns pequenos cogumelos de um branco-esverdeado que brilhavam doentiamente na sombra. Pribluda deu um salto para trás.

— São todos venenosos! Você é doido?

— O doutor lhe disse para me matar, declarou Arkady. — Não o fez no caminho até aqui, por isso será no caminho do regresso? Está à espera da escuridão? Será um tiro na cabeça ou uma agulha no braço? Porque não cogumelos?

— Cale a boca!

— Não haverá nenhum festim amanhã, major. Morrerei antes.

— Ele não tinha ordens, só sugeriu.

— Ele é oficial da KGB?

— Só major, como eu.

— Ele lhe deu uma pasta.

— Enterrei-a. Não é assim que mato um homem.

— Não interessa a maneira; uma sugestão dessas é uma ordem.

— Eu pedi uma ordem escrita.

— Você?

— Sim, eu, retorquiu Pribluda com ar de desafio. — Não acredita em mim?

— E amanhã eles mandam uma ordem escrita e você me mata. Qual é a diferença?

— Senti que havia um certo conflito acerca da decisão. O doutor é muito precipitado. Quero instruções precisas escritas. Não sou um assassino. Sou tão humano como você. Pribluda deu um pontapé nos cogumelos pálidos. — Sou mesmo.

No regresso, Pribluda estava mais abatido do que Arkady. Arkady respirava fundo, como se pudesse beber a noite. Pensou no velho inimigo que caminhava a seu lado. Pribluda matá-lo-ia quando viesse a ordem escrita, mas correra um risco não o fazendo quando lhe fora sugerido. Era pouca coisa para um condenado, mas era alguma coisa para Pribluda, uma marca daquelas que ficam na folha de serviços.

— Vênus. Arkady apontou para um astro brilhante no horizonte. — O senhor é do campo, major, deve conhecer os astros.

— Não é altura para olhar para eles.

— Plêiade ali, apontou Arkady. — Acolá Ceféu, Peixe por cima, Aquário além. Que noite fantástica. Excluindo a do fogo, esta é a primeira noite que saio de casa desde que estou aqui. A cauda do Touro ali...

— Você devia ter sido astrônomo.

— Sem dúvida.

Caminharam por algum tempo em silêncio, só quebrado pelo ruído dos seus passos, dos estalos quando atravessavam campos queimados,

pelo roçar na erva. A casa surgiu, brilhante na neblina amarelada que a envolvia. Arkady viu homens saindo correndo com lanternas e espingardas. Afastou-se da luz para perscrutar melhor a noite.

— Estamos todos saindo da órbita, major. Estamos todos juntos. Alguém puxa por mim, eu puxo por si, e por quem puxará o senhor?

— Preciso saber uma coisa, disse Pribluda. — Se tivéssemos nos conhecido há um ano, também teria me perseguido?

— Por causa dos dois homens que matou no Rio Kliazma?

— Sim. Os olhos de Pribluda fitavam ansiosamente Arkady. Arkady ouviu gritos, embora as vozes estivessem demasiado distantes para se compreenderem. O seu prolongado silêncio estava se tomando embaraçoso para ele e insuportável para Pribluda. — Se fôssemos amigos nessa altura, Pribluda respondeu à sua própria pergunta, — Talvez eu não tivesse feito aquilo. Arkady se voltou para os passos que se aproximavam e a luz das lanternas lhe varreu o rosto.

— Tudo é possível, disse ele. Levado por um hábito antigo, um dos guardas derrubou Arkady com uma coronhada.

— Temos novos visitantes, disse outro a Pribluda. — Houve uma alteração.

* * *

# Vinte

Em outubro Arkady foi transportado de avião para Leningrado e conduzido ao que parecia ser um enorme museu, mas que era afinal o Palácio das Peles. Levaram-no até um anfiteatro com filas de mesas rodeadas por colunas brancas. No palco, cinco oficiais fardados da KGB, um general e quatro coronéis, estavam sentados num estrado. O palácio cheirava a carne morta. O general falou num tom irônico.

— Disseram-me que se tratava de uma história de amor. Deu um suspiro. — Eu preferia uma simples história de interesse nacional. Todos os anos, Arkady Vasilievitch, homens de todos os países do mundo vêm se sentar nestas mesas e gastar setenta milhões de dólares em peles soviéticas. A União Soviética é o principal exportador mundial de peles. Sempre fomos. O atrativo não reside nos nossos visons, que são inferiores aos americanos, nem nos linces, que são poucos, ou nos caraculos, que, no fim de contas, não passam de peles de carneiros; o motivo é a zibelina soviética. Grama por grama, a zibelina vale mais do que o ouro. Como pensa que o Governo soviético reage a perda do seu monopólio de zibelinas?

— Osborne só tem seis zibelinas, disse Arkady.

— Estou espantado, há meses que estou espantado com a sua ignorância. Como é que, graças a si, podem ter morrido tantos homens, o promotor da cidade de Moscou, o alemão Unmann, oficiais da Segurança do Estado e da Milícia, e você saber tão pouco? O general, com ar pensativo, puxou por uma pestana. — Zibelinas? Graças ao assistente do vice-ministro do Comércio, Mendel, descobrimos que, com a ajuda do seu falecido pai, o delegado do ministro do Comércio dos Estados Unidos, o americano Osborne, levou em segredo para fora do país sete outras zibelinas há cinco anos atrás. Eram zibelinas vulgares de fazendas coletivas de produção dos arredores de Moscou. Os Mendel pensaram que Osborne não conseguiria reproduzir animais de primeira

qualidade. O jovem Mendel nunca teria ousado ajudar o americano a adquirir Barguzin. Foi o que ele afirmou e eu acreditei.

— Onde está agora Yevgeny Mendel?

— Suicidou-se. Era um homem fraco. Onde quero chegar é que Osborne tinha sete zibelinas de qualidade vulgar há cinco anos. Admitindo um aumento médio de cinquenta por cento por ano, estará de posse agora de cerca de cinquenta zibelinas. Do seu conluio com o siberiano Kostia Borodin obteve mais seis. Seis Zibelinas Barguzin machos. Segundo a mesma estimativa, Osborne terá mais de duzentas zibelinas de alta qualidade em cinco anos, e mais de duas mil em dez. Nessa altura acho que podemos esquecer o histórico monopólio soviético de zibelinas. Cidadão Renko, porque pensa que ainda se encontra vivo?

— Irina Asanova está viva? Perguntou Arkady.

— Está. Um raio de compreensão iluminou Arkady. Não ia voltar à casa de campo nem seria executado.

— Então pode se servir de nós, disse ele.

— Sim. Nós agora precisamos de vocês.

— Onde ela está?

— Gosta de viajar? Perguntou suavemente o general, como se lhe fosse dar um desgosto. — Já alguma vez desejou ver a América?

* * *

# Parte 3

***NOVA IORQUE***

* * *

# Vinte e Um

AS PRIMEIRAS coisas que viu da América foram as luzes de navegação de um navio-tanque e as de traineiras na sua faina noturna. Wesley era alto, jovem, com um princípio de calvície, de rosto liso como um berlinde, e uma ligeira e pouco significativa expressão de afabilidade. Vestia um terno de três peças de tecido azul. Odores de lima e hortelã emanavam da sua boca, faces e sovacos. Durante todo o voo cruzara as pernas e fumara cachimbo, respondendo às perguntas de Arkady com resmungos. Havia em Wesley qualquer coisa de desajeitado e de imberbe como num vitelo. Os dois homens ocupavam uma seção do avião destinada só a eles. A maior parte dos outros passageiros eram “ artistas de mérito”, músicos em tournée que discutiam relógios e perfumes acabados de comprar na escala de Orly. Arkady não fora autorizado a sair do avião.

— Compreende a palavra “responsabilidade”? Perguntou Wesley em inglês. Os passageiros se amontoavam num dos lados do avião ao sobrevoarem áreas rurais, linhas vagas entre parcelas escuras.

— Isso significa que vai me ajudar? Perguntou Arkady.

— Significa que isto é uma operação do FBI. Significa, disse Wesley com calor, como se estivesse vendendo qualquer coisa a Arkady, — Que nós somos responsáveis por si.

— E perante a quem você é responsável? Uma excitação infantil invadiu o avião quando este voou por cima da primeira cidade americana. Parecia ser uma cidade de carros. Os carros enchiam as ruas e se aninhavam junto de casas que pareciam muito grandes para pessoas.

— Ainda bem que me fez essa pergunta. Wesley bateu com o cachimbo no cinzeiro do braço da cadeira. — A extradição é um assunto complicado, especialmente entre os Estados Unidos e a União Soviética. Não precisamos de mais complicações do que as que já temos. Compreende a palavra “complicação”?

Uma descida mais acentuada deu a ilusão de aumento de velocidade. De quando em quando aparecia uma via rápida, infindável linha de sinais coloridos para depois sumir num labirinto de autoestradas. Parecia impossível que pudesse haver tantas estradas pavimentadas. Para onde todas elas podiam ir? Quantos automóveis haveria? Dava a impressão de que toda a população lá em baixo andava viajando ou e mudando ou se retirando.

— Na União Soviética uma complicação é uma coisa que ninguém deseja, respondeu Arkady.

— Exatamente! Cordões de luzes pareciam emergir nos centros comerciais, ruas principais e estaleiros diversos. Um cartaz anunciava **VENDA DO DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS**. O avião baixou ainda mais sobre uma área residencial. Surgiram campos esportivos de relva brilhante. O azul que se via nos jardins dos fundos das casas eram piscinas vazias. O primeiro americano avistado se encontrava dentro do círculo de luz de uma casa, olhando para cima.

— Deixe-me lhe falar duma complicação que não vamos ter, disse Wesley. — Você não vai desertar. Se isto se tratasse de uma operação da KGB, nessa altura você podia desertar. Podia vir encontrar conosco e teríamos muito gosto em auxiliá-lo. Qualquer outra pessoa neste avião, por exemplo, pode desertar.

— E se eles não quiserem desertar e eu quiser?

— Bem, eles podem e você não. Arkady sentiu o abalo provocado pela abertura do compartimento do trem de aterrissagem. Pareceu-lhe ver um traço de humor no sorriso de Wesley.

— Está me gozando.

— De maneira nenhuma. Faz parte da lei. Antes que qualquer desertor seja autorizado a ficar nos Estados Unidos, o caso é decidido pelo FBI. Já tomamos a nossa decisão a seu respeito e entendemos que você não pode ficar. Arkady pensou que talvez estivesse experimentando alguma dificuldade com a língua.

— Mas eu ainda não tentei desertar.

— Então o FBI terá o maior gosto em se responsabilizar por si. Até que tente desertar. Arkady examinou o agente. Era um homem dum gênero que nunca encontrara. O rosto parecia bastante humano, as sobrancelhas, pálpebras e lábios se moviam quando era necessário, mas

Arkady desconfiava que no interior do crânio, no córtex do cérebro, as circunvoluções eram de um padrão uniforme. — Pode desertar, mas teria de se entregar a nós disse Wesley. — Qualquer pessoa a quem recorresse entregá-lo-ia a nós. Claro que o mandaríamos imediatamente para a União Soviética. Por isso, se já está em nossas mãos, não há razão para se entregar a nós.

O avião passou por cima de uma série de casas banais banhadas por forte iluminação pública. As ruas iam se aproximando e o avião descreveu uma grande curva sobre uma baía e depois uma ilha de luz se ergueu no céu. Mil torres de luzes tão extravagantes como estrelas surgiram da água, e um maravilhoso sussurro de alívio e encanto se alastrou pelos passageiros.

— Então você me ajudará, disse Arkady.
— Ajudo-o de todas as maneiras que puder, retorquiu Wesley.

As luzes de aterrissagem passaram pelas janelas. O avião tocou a pista e inverteu os motores. Quando o avião rolava para o terminal da Pan Am, a coxia já estava cheia de músicos, instrumentos, embrulhos de presentes e sacos de comida. Agora os russos preparavam as suas caras de enfado-perante-a-tecnologia-americana e, embora toda a gente tivesse de passar por Arkady e Wesley, ninguém olhou para eles; ninguém queria ser contaminado quando se encontravam tão perto, apenas a poucos passos, de um túnel de passagem que ligava diretamente o avião ao terminal. Em vez disso olhavam uns para os outros. Depois de todos os outros passageiros saírem, o pessoal de apoio de terra entrou no avião por uma porta traseira e Wesley conduziu Arkady pela escada de serviço para debaixo dos motores traseiros do Ilyushin. Os motores assobiavam e a luz vermelha da cauda piscava. “O avião já iria voltar para Moscou?”, pensou Arkady. Wesley lhe bateu no ombro e apontou para um automóvel que avançava pela pista em direção a eles. Não passaram pela alfândega americana. O automóvel levou-os diretamente a um portão e daí à autoestrada.

— Chegamos a um acordo com a sua gente. Wesley se instalou confortavelmente na sombra do banco de trás com Arkady.
— A minha gente?

— A KGB.

— Eu não pertenço à KGB.

— A KGB também diz o mesmo. Era o que esperávamos que eles dissessem.

Viam-se carros abandonados aos lados da estrada. Não eram carros abandonados recentemente; pareciam ruínas de guerras antigas. “Puerto Rico Livre” estava escrito num desses carros. Os automóveis que se moviam na estrada eram duma centena de marcas e cores. Os motoristas eram também de várias cores. Em frente se estendia o mesmo horizonte extraordinário que vira do avião.

— Que ideia tem da KGB? Perguntou Arkady.

— A ideia que tenho é que esta será uma operação do FBI enquanto você não puder desertar para o FBI, disse Wesley. — E como só pode desertar para nós, não pode desertar.

— Entendi. E pensa que eu pertenço à KGB porque eles disseram que não.

— O que eles haviam de dizer?

— Mas se acreditasse que eu não pertenço à KGB, isso mudaria você?

— Com certeza! Nessa altura tudo o que a KGB diz seria verdade.

— E o que dizem eles?

— Dizem que foi condenado por crime.

— Não houve nenhum julgamento.

— Eles não disseram que tinha havido. Você matou alguém? Perguntou Wesley.

— Sim.

— Ora aí está. É contra as leis da imigração nos Estados Unidos admitir criminosos. As leis são muito severas, a não ser que você seja um estrangeiro ilegal. Mas seria muito difícil admitir alguém que fosse direito ao FBI e anunciasse que era um criminoso.

A cabeça de Wesley se moveu na sombra de modo afável enquanto ele esperava por mais perguntas, mas Arkady ficou em silêncio. O carro mergulhou num túnel para Manhattan. A polícia olhava para trás de cabinas de vidro à luz esverdeada do túnel. Depois o carro emergiu do

outro lado para ruas mais estreitas do que Arkady esperava, e que sob a claridade brilhante do céu apresentavam um estranho tom aquático. As luminárias da rua difundiam um calor de tungstênio.

— Só queria que soubesse exatamente qual é a sua situação, disse Wesley por fim. — Você não está aqui legalmente. Também não está ilegalmente, porque nessa altura teria qualquer coisa a que se agarrar. Para todos os efeitos, não está aqui e não há maneira de provar o contrário. Eu sei que é absurdo, mas não é essa a sua lei. E é também o que a sua gente quis. Se tem alguma reclamação terá de apresentá-la à KGB.

— Verei alguém da KGB?

— Não, se eu puder evitar. O carro parou à esquina da Rua Vinte e Nove com a Avenida Madison, diante das portas de vidro de um hotel. Lampiões de gás fingidos ladeavam um toldo que dizia THE BARCELONA. Wesley estendeu a Arkady uma chave presa a uma placa de plástico com o nome do hotel e reteve-a um instante enquanto Arkady a pegava.

— O número do quarto dela está na chave, e Wesley largou-a. — Você é um homem de sorte.

Arkady sentiu uma ligeira vertigem ao descer do carro. Wesley não o seguiu. Arkady empurrou as portas de vidro. O vestíbulo tinha um tapete marrom, colunas de mármore cor-de-rosa e candelabros de bronze com velas elétricas. Um homem com papos escuros debaixo dos olhos se levantou duma cadeira para acenar com um jornal a Wesley, que estava do lado de fora; depois eu uma olhadela em Arkady e voltou a e sentar. Arkady subiu sozinho num elevador que tinha a mensagem “Vai se ferrar” gravada na porta. O quarto 518 ficava ao fundo do corredor do quinto andar. A porta do 513 se entreabriu ligeiramente quando Arkady passou, mas quando ele se voltou, furioso, se fechou de novo. Chegou a porta do 518, abriu-a e entrou. Ela estava sentada na cama, no escuro. Não conseguiu entender que espécie de vestido ela usava, russo ou americano. Os pés estavam descalços.

— Eu forcei-os a lhe trazerem, disse Irina. — Cooperei no princípio porque eles me disseram que iam lhe matar. Por fim entendi

que estaria morta se ficasse lá. Nem sequer saía do quarto até eles lhe trazerem... Levantou o rosto para ele, mostrando os olhos cheios de lágrimas. “Isto é afinal tudo o que temos para oferecer um ao outro”, pensou Arkady. Passou-lhe a mão pelos lábios e ela disse o nome dele contra a sua mão. Depois viu o telefone na mesa-de-cabeceira. lamskoy estava escutando-os, lhe ocorreu inadvertidamente. “Wesley”, se corrigiu. Arrancou o fio do telefone da parede. — Você nunca lhes disse, murmurou ela. — Nunca lhes disse quem tinha matado lamskoy. O rosto dela estava mudado, mais magro, fazendo os olhos parecerem maiores. Estaria ainda mais bela? — Como puderam pensar que você era um deles? Perguntou ela. Aqui, os pavimentos eram mais macios, as camas mais duras. Tombou para um lado levando-o dentro dela. — E aqui está você, ela beijou-o.

— Aqui estamos nós. Arkady sentia uma força louca a crescer dentro de si.

— Quase livres, segredou ela.

— Vivos riu ele.

* * *

# Vinte e Dois

Wesley e três outros agentes do FBI lhes trouxeram ao quarto, num saco de papel, um café-da-manhã composto por café e donuts. Arkady tomou uma xícara. Irina estava no banheiro.

— Soube que a ligação do Departamento da Polícia de Nova lorque é um tenente Kirwill, disse Ray. Baixo e garboso, de ascendência mexicana, Ray foi o único agente que não pôs os pés em cima da mesa do café.

— Há algum problema?

— Um caso mental, segundo ouvi dizer, disse George. George era o homem com os papos escuros debaixo dos olhos que Arkady vira no átrio na noite anterior. Às vezes os outros o alcunhavam de "o Grego". Palitava os dentes com um fósforo. O inglês que Wesley falava parecia ser uma nova forma de latim, mecânica, com duas faces, límpido ao ponto de transparência e aberto a infinitas interpretações.

— Precisa compreender a história do radicalismo socialista na cidade de Nova lorque, assim como a fascinante tradição dos irlandeses-americanos na força policial. Ou então não chega a compreender nada, disse Wesley, — Porque o importante é que Kirwill quer salvar o Pelotão Vermelho.

— O que é o Pelotão Vermelho? Perguntou Arkady. Seguiu-se um momento de embaraço até Wesley dizer em tom complacente:

— O Departamento da Polícia de Nova lorque tem um Pelotão Vermelho. Mudam-lhe o nome mais ou menos de dez em dez anos, Gabinete Radical, Relações Públicas, Segurança Pública. Neste momento lhe chamam Investigação de Segurança, mas continua a ser o Pelotão Vermelho. O tenente Kirwill tem a seu encargo o setor russo do Pelotão. E você é o Vermelho.

— O que são vocês? Perguntou Arkady aos agentes. — Para que nos trouxeram à América? Quanto tempo vamos ficar aqui? AI quebrou

o silêncio mudando de assunto. O agente mais velho tinha a pele coberta de sardas e um ar protetor.

— Houve uma confusão qualquer com o irmão dele, e Kirwill foi corrido do Pelotão. Agora o irmão morreu em Moscou e Kirwill regressou ao seu posto.

— Kirwill vai tentar desempenhar o seu papel à nossas custas, disse Wesley. — Temos excelentes relações com o Departamento de Polícia, mas eles nos apunhalarão pelas costas se lhes dermos a oportunidade, o mesmo que nós faríamos. Há dez anos o Pelotão Vermelho era a elite dos detetives. AI sacudiu da camisa o açúcar dum donut. — Inquiriram toda a gente. Lembra-se de os judeus terem atacado a Missão Soviética? O Pelotão Vermelho pôs termo a isso. E os hispânicos que queriam fazer explodir a Estátua da Liberdade? O Pelotão infiltrou-os.

— Tiveram muitos êxitos, concordou Wesley. — O Pelotão estava lá quando Malcom X (Líder negro do movimento Black Nationalist, morto a tiros no Harlem, Nova Iorque, em 21 de fevereiro de 1965), foi assassinado. O guarda-costas de Malcolm era um agente do Pelotão.

— O que aconteceu ao Pelotão Vermelho? Perguntou Ray.

— Watergate, respondeu Wesley.

— Merda, eles também, murmurou George. Houve um momento de comiseração silenciosa antes de AI explicar: — Durante os interrogatórios de Watergate se descobriu que o assistente especial da segurança de Nixon era um tipo chamado John Caulfield. Caulfield pertencia ao Pelotão Vermelho; costumava atuar como guarda-costas de Nixon quando ele vivia em Nova lorque, antes de ser presidente. Quando Caulfield foi para a Casa Branca, levou consigo um velho amigo do Pelotão Vermelho, um tipo chamado Tony Ulasewicz.

— Aquele tipo gordo que espionava Muskie? Perguntou George.

— Para a CREEP (Comissão para a Reeleição do Presidente. O senador Muskie era candidato nas eleições de 1972), acrescentou Wesley.

— Não era um tipo boêmio? Perguntou George. Um que trazia no cinto um aparelho de trocar moedas, para as cabinas telefônicas, certo?

— Bom, Watergate foi o fim dos dias gloriosos do Pelotão Vermelho, declarou AI. — O clima político mudou depois disso.

— O clima político nos ferra sempre, afirmou George.

— Somos prisioneiros? Vocês têm medo de nós? Interpôs Arkady..

— O que faz agora o Pelotão Vermelho? Ray preencheu a pausa.

— Caçam estrangeiros ilegais, Wesley olhou para Arkady. — Haitianos, jamaicanos, aquilo em que colocam a mão.

— Haitianos e jamaicanos? Muito patético, disse George.

— Quando pensamos no que o Pelotão era... Wesley suspirou. — Quando nos lembramos de que tinham um fichário com milhões de nomes, a sua própria sede na Park Avenue e que treinaram secretamente com a CIA!

— A CIA? Perguntou George.

— Mas isso agora é ilegal.

Nicky e Rurik, dois funcionários da Missão Soviética, insistiram em ver Arkady. Não se pareciam com nenhum agente da KGB que ele tivesse conhecido. Tinham bons ternos, melhores que os dos homens do FBI, excelentes maneiras, falavam bem, tinham um à-vontade bem americano. Eram mais americanos do que os americanos. Só um pneu à volta da cintura, recordação de uma infância de batatas, os traía.

— Vou falar em inglês. Nicky acendeu um cigarro para Arkady, — Para que seja tudo claro. Porque isto é détente em ação. As nossas duas nações se uniram, através dos canais adequados, para levar perante a justiça um infame criminoso. Esse louco terá de responder pelos seus atos e você pode ajudar.

— Porque a trouxeram para cá? Perguntou Arkady em russo. Irina estava fora do alcance das vozes.

— Em inglês por favor, disse Rurik. Era mais alto do que Nicky e tinha o cabelo cortado muito curto, no estilo americano. Os agentes do FBI lhe chamavam de “Rick”.

— Ela foi trazida a pedido dos nossos amigos aqui do FBI. Eles têm muitas perguntas a fazer. Você precisa compreender, os Americanos não estão habituados a histórias de comunistas corruptos e bandidos siberianos. A extradição é uma questão delicada.

— Especialmente a extradição de um homem rico e bem relacionado. Nicky olhou para Wesley. — Não é verdade, Wes?

— Penso que deve ter quase tantos amigos aqui como tinha lá. Wesley provocou o riso de todos os agentes, soviéticos e americanos.

— Partimos do princípio de que você está contente, disse Rurik a

Arkady. — Os nossos colegas daqui trataram-no bem? Tem um quarto magnífico junto de uma avenida elegante. Estou vendo pela sua janela o topo do Empire State Building. Excelente. Por isso partimos do princípio de que você toma a jovem feliz. Mais calma, mais fácil de lidar. Deve ser um trabalho agradável.

— Você tem muita sorte em ter esta segunda oportunidade, disse Nicky. — Isto influirá muito na recepção que terá ao regressar à pátria. Daqui a poucos dias poderá ter de novo o seu apartamento, um emprego, talvez mesmo qualquer coisa no Comitê Central. É um homem com muita sorte.

— Que devo fazer em troca disso tudo? Perguntou Arkady.

— O que eu disse, respondeu Rurik. — Tomá-la feliz.

— E parar de fazer perguntas, acrescentou Wesley.

— Sim, concordou Rurik, — Pare de fazer perguntas.

— Precisamos lhe recordar, disse Nicky, — Que não é um Investigador-Chefe. É um criminoso soviético que ainda está vivo por favor nosso apenas, e nós somos os seus únicos amigos.

— Onde está Kirwill? Perguntou Arkady.

A conversa parou quando Irina saiu do banheiro vestindo uma saia de gabardina preta e uma blusa de seda aberta, deixando ver um colar de âmbar. O seu cabelo castanho estava preso em cima por um travessão de ouro e no braço tinha uma pulseira também de ouro. Arkady sofreu dois choques: o primeiro por não perceber como Irina podia exibir um vestuário tão rico; o segundo porque lhe assentava tão bem. Depois notou que a marca azulada na sua face esquerda tinha desaparecido, coberta pela maquiagem. Estava linda.

— Bem, vamos embora. Wesley se levantou e todos pegaram os seus sobretudos e chapéus espalhados por cima da cama. AI tirou do guarda-roupa um casaco comprido de pele preta e ajudou Irina a vesti-lo. Arkady percebeu que era de zibelina.

— Não se aflija, murmurou Irina a Arkady, ao ser levada para fora do quarto.

— Vamos mandar alguém para consertar isso. George apontou para o telefone: — Não lhe toque, porque é propriedade do hotel. Propriedade particular... Nicky enfiou o braço no de Wesley.

— É do que eu gosto num país livre.

Quando ficou só, Arkady inspecionou o quarto, que lhe parecia um sonho em que tudo era um equívoco. Os pés se enterravam no tapete. A cama tinha uma cabeceira acolchoada. A mesa de café era de plástico imitando madeira que cedia sob a pressão dos dedos. Ray voltou e consertou o telefone. Quando saiu, Arkady reparou que só podia receber ligações. Descobriu um microfone num ornamento do teto do banheiro. A televisão estava colocada num suporte aparafusado ao chão para que não pudesse ser roubada. A porta da entrada estava trancada por fora. A porta se abriu com violência quando o agente George irrompeu por ela empurrado por uma mão.

— Este homem está sob proteção federal, protestou George.

— Eu sou o elemento de ligação da polícia, preciso verificar se têm em seu poder o russo certo. A figura de Kirwill obstruiu a entrada.

— Olá! Exclamou Arkady do outro lado do quarto.

— Isto é um assunto do FBI, preveniu George.

— Estamos em Nova lorque, idiota. Kirwill empurrou George para o lado.

Estava vestido exatamente de maneira igual à primeira vez que Arkady o vira no Hotel Metrópole, com exceção do impermeável, que agora era preto em vez de bege. Trazia o mesmo chapéu de aba estreita atirado para trás, descobrindo a sua testa larga e enrugada e o cabelo grisalho. A gravata estava folgada. De perto, Arkady viu nódoas no impermeável. O rosto de Kirwill estava corado devido ao álcool e à excitação. Batia as grandes mãos com satisfação, sorrindo enquanto os olhos azuis percorriam o quarto. Em contraste com os homens do FBI, se mostrava desmazelado e sem correção. Dirigiu a Arkady um sorriso malicioso.

— Filho da mãe, é mesmo você?!

— Sim. Kirwill tinha uma cômica expressão que era um misto de divertimento e mágoa.

— Admita, Renko, você ferrou tudo. Bastava ter me dito que era Osborne. Eu lhe tratava da saúde em Moscou. Um acidente, ninguém saberia. Ele estaria morto, eu estaria feliz e você continuaria a ser

Investigador-Chefe.

— Admito. George falou pelo telefone do quarto sem discar nenhum número. — Eles pensam que você é um homem muito perigoso. Kirwill estendeu o polegar na direção de George. — Você matou o seu próprio chefe e apunhalou Unmann. E pensam que matou também o tipo do lago. Consideram-no um louco homicida. Tenha cuidado, eles gostam de puxar o gatilho. Você se alinhou nisto, a troco de vir para cá.

— Alinhar em quê? Esta extradição...

— Extradição? Foi isso que lhe disseram? Gargalhada com uma expressão de espanto.

— Mas estou sendo escoltado pelo FBI.

— É a esses que me refiro. É como uma reunião de Rotários, com a diferença que eles matam.

— Rotários?

— Não interessa. Kirwill andava dum lado para o outro do quarto. — Cristo, onde eles o meteram! Isto é um ninho de prostitutas. Olhe para as queimaduras de cigarros no tapete junto da cama. Veja as flores do papel da parede. Eu acho que eles lhe querem dizer qualquer coisa com isto, Renko.

— Você disse que era uma ligação. Arkady passou para o russo.

— Conseguiu o que queria, é você quem controla. Eu sou a ligação para eles me poderem vigiar. Kirwill continuou a falar em inglês. — Está vendo, você nunca me deu o nome de Osborne, mas deu o nome a todos os outros, acrescentou ele com precisão. — Você me ferrou. Ela ferra a si. Quem pensa você que ferra a ela?

— O que quer dizer?

— Estou um pouco desiludido consigo. Nunca pensei que... Três agentes do FBI que Arkady ainda não tinha visto entraram precipitadamente, George com eles, e tiveram a coragem de empurrar Kirwill para o corredor. O detetive estava ocupado demais em limpar as lágrimas de riso dos olhos para resistir.

Arkady experimentou de novo a porta. Continuava fechada à chave, e desta vez duas vozes no corredor lhe disseram para deixar o puxador em paz. Começou a andar de um lado para o outro. Do canto sudoeste, um passo até o banheiro, um passo do banheiro até à porta e mesa-de-cabeceira, um passo da mesa até ao canto noroeste, dois passos até duas

janelas que davam para a Rua 29, três passos das janelas até à mesa do telefone, meio passo até ao canto nordeste, um passo até à porta do corredor, um passo da porta até ao sofá, dois passos do outro extremo do sofá até ao canto sudoeste, meio passo até à porta do armário, meio passo do armário até à mesa e mais outro da mesa de novo até ao canto sudoeste. No quarto havia duas cadeiras de madeira e a mesa de plástico imitando madeira, o aparelho de televisão, um cesto de papéis e um balde com gelo. O banheiro tinha um sanitário, lavatório e banheira com chuveiro, em que uma pessoa pequena podia se esticar com conforto. Os acessórios eram cor-de-rosa. O tapete verde-azeitona. O papel da parede azul-pastel, salpicado de flores rosadas. A mesa e as cadeiras eram pintadas de e creme e tinham marcas de queimaduras de cigarro. A colcha era lilás.

Arkady não soubera de Kirwill tudo o que esperava. Convencera-se que tinham conseguido em Moscou qualquer coisa próxima de uma compreensão mútua, no entanto agora parecia terem voltado a ser inimigos. Mesmo assim, ao contrário de Wesley, Kirwill era autêntico. Arkady tinha a sensação de que a qualquer momento o quarto do hotel se afundaria e desmantelaria como o cenário dum teatro. Estava furioso com Kirwill e queria que ele regressasse. Percorreu o quarto ainda com mais nervosismo do que antes. O armário só tinha dois vestidos, nem sequer um par de sapatos a mais. Duma blusa emanava o perfume de Irina. Enterrou nela o rosto.

O dia tinha uma luz amarela. Olhando para a direita, o máximo que conseguia ver era um pedaço da Madison Avenue até um cartaz onde se lia **A HORA FELIZ**. Em frente do hotel havia uma loja que vendia sombrinhas chinesas de papel. Por cima da loja, treze andares de escritórios. Olhando para a esquerda, distinguiu tons esmaecidos, verdes e sépia, do jardim duma igreja. Folhas secas esvoaçavam pelas ruas. Secretárias escreviam à máquina e homens em mangas de camisa e gravata falavam ao telefone junto às janelas dos escritórios do outro lado da rua. Os escritórios tinham trepadeiras e quadros. Um carrinho de rodas servia café nos corredores. Dois negros pintavam o escritório que ficava mesmo em frente de Arkady. Aquilo que parecia ser um rádio portátil estava pousado na janela. Um halo de condensação contornava

os seus dedos no vidro. Estou aqui.

— Gosta de programas de jogos? AI ligou o televisor quando trouxe um sanduíche para Arkady.

— Não gosto especialmente de jogos.

— Mas este é muito bom, disse AI.

Arkady, no princípio, não entendeu. Não havia jogo nenhum; tudo o que os participantes faziam era tentar adivinhar o quanto valiam em dinheiro os diferentes prêmios, torradeiras, fogões, férias, casas. Tudo o mais, conhecimentos, habilidade física, sorte, era eliminado com exceção do desejo de acumular riqueza. A simplicidade do conceito era incrível.

— Você é um verdadeiro membro do Partido, não é? Disse AI.

As sombras lá fora se moviam só quando os seus olhos se pousavam noutro local. Depois passavam dum lado da janela para o outro ou saltavam para algum edifício. Quem sabe para onde iriam a seguir. Ao fim da tarde Irina regressou, atirando embrulhos para cima da cama e rindo. A ansiedade de Arkady desapareceu. Ela fez com que o quarto voltasse à vida; até parecia de novo atraente. As palavras mais banais começaram a surgir.

— Tive saudades suas, Arkasha.

Trouxera caixas de espaguete com carne, molho branco e de amêndoas. O Sol se punha enquanto eles comiam a sua exótica refeição com garfos de plástico. Veio-lhe à ideia que pela primeira vez na sua vida estava vivendo num edifício que não cheirava, nem mesmo de leve, a couve. Ela abriu os embrulhos e exibiu orgulhosamente o guarda-roupa que comprara para ele. Tal como os vestidos dela que estavam no armário, era tudo dum corte, cor e qualidade que Arkady não conhecia. Havia calças, camisas, meias, gravatas, um casaco esportivo, pijama, um sobretudo e um chapéu. Examinaram as costuras, os forros, as etiquetas francesas. Irina enrolou o cabelo no alto da cabeça e fez uma passagem de modelos com um ar muito grave.

— Eu sou assim? Perguntou Arkady.

— Não, não. Este é um Arkady americano declarou ela com ar afetado e o chapéu inclinado sobre um olho. Enquanto ela exibia o pijama, Arkady apagou a luz do quarto. — Amo-a, disse ele. — Vamos ser felizes.

Arkady desabotoou o casaco de pijama e lhe beijou os seios, o pescoço, os lábios. O chapéu tombou e rolou para debaixo da mesa. A própria Irina despiu as calças do pijama. Arkady penetrou-a de pé, como da primeira vez no seu apartamento, da mesma maneira, mas mais lenta e profundamente, com mais doçura. A noite apagou todas as luzes brilhantes das paredes. As mulheres que ele vira caminhando lá em baixo na rua eram esguias. Irina era mais alta, mais sensual, mais animal. As suas costelas não estavam tão visíveis como em Moscou; as unhas eram mais compridas e pintadas. No entanto, desde a macieza dos seus lábios até ao pescoço, da dureza escura dos bicos dos seus seios, da curva do seu estômago até ao tufo de caracóis húmidos, era bem a mesma. Os seus dentes mordiam da mesma maneira; as mesmas gotas de transpirarão se formavam nas suas têmporas.

— Na minha cela costumava imaginar as suas mãos. Segurou na mão dele, — Aqui, e ali. Senti-las, não vê-las. Fazia-me sentir viva. Apaixonei-me por você porque me fez sentir viva, e nem sequer estava lá. No princípio eles disseram que tinha confessado tudo. Era um inspetor, por isso tinha que fazê-lo. No entanto, quanto mais pensava em você, mais tinha certeza de que não lhes diria nada. Perguntaram-me se você era maluco. Eu disse que era o homem mais equilibrado que já vira. Perguntaram-me se era um criminoso. Eu disse que era o homem mais honesto que conhecera. Acabaram me detestando mais do que a você. E eu amava-o ainda mais.

— Eu sou um criminoso. Arkady estava sobre ela, — Era um criminoso lá e sou um prisioneiro aqui.

— Devagar. Ela ajudou-o.

Irina trouxera um rádio transistorizado em miniatura que enchia o quarto com uma música insistente e ruidosa. As caixas e as roupas estavam espalhadas pelo chão. Sobre a mesa, os garfos de plástico permaneciam nas suas embalagens.

— Por favor, não me pergunte há quanto tempo estou aqui ou o que está acontecendo exatamente, disse Irina. — Está tudo acontecendo em níveis diferentes, em níveis que nós desconhecíamos. Não faça perguntas. Estamos aqui. O que eu sempre mais desejei foi estar aqui. E você está comigo. Amo-o, Arkasha. Não deve fazer perguntas.

— Eles vão nos mandar para trás. Daqui a dois dias, disseram eles. Ela abraçou-o e beijou-o e murmurou ao seu ouvido: “Tudo acabará dentro de um dia ou dois, mas eles nunca nos mandarão para trás. Nunca.”. As extremidades dos dedos dela percorriam o rosto de Arkady.

— Podia arranjar um tom bronzeado de cowboy, com botas, um lenço e um chapéu de cowboy. Viajaremos. Toda a gente tem carro, verá.

— Para ser cowboy preciso dum cavalo.

— Pode ter um cavalo aqui. Já vi cowboys em Nova lorque. Eu quero ir para o Oeste. Quero andar a cavalo e ser um bandido como o Kostia Borodin. Quero aprender coisas com os índios. Ou podíamos ir para a Califórnia, para Hollywood. Conseguiríamos uma casa junto do mar, com gramado e uma laranjeira. Ficaria encantada se não voltasse a ver neve na minha vida. Era capaz de viver em roupa de banho.

— Ou sem nada. Ele lhe acariciou uma perna, encostou depois a cabeça contra ela enquanto os dedos de Irina lhe afagavam o peito. Precisavam falar só em fantasias por causa do microfone. Ele não podia lhe perguntar porque ela estava tão certa de que não iriam regressar. Pedira-lhe para não fazer perguntas. De qualquer modo, quando se tratava da América tudo o que podiam imaginar era Fantasias. — Guardarei o meu cavalo junto da laranjeira nos fundos da casa, acrescentou ele.

— A verdade é que, disse Irina enquanto acendia o seu cigarro no dele, — Não foi Osborne quem tentou me matar em Moscou.

— O quê?

— Foi o promotor lamskoy e o alemão Uninann. Foi planejado por eles; Osborne não soube nada a esse respeito.

— Osborne tentou me matar duas vezes. Você estava lá, eu estava lá, lembra? De repente Arkady ficou furioso. — Quem lhe disse que Osborne não tinha nada a ver com isso?

— Wesley.

— Wesley é um mentiroso. Repetiu em inglês: — Wesley e um mentiroso.

— Ssh, é tarde. Irina pousou um dedo sobre os lábios dele. Mudou de assunto; ela era paciente, e apesar da explosão dele estava satisfeita consigo própria. Mas Arkady estava perturbado.

— Porque cobriu a marca do seu rosto? Perguntou ele.

— Decidi fazê-lo. Na América há make-up.

— Na União Soviética também há make-up e lá nunca escondeu a marca

— Lá não fazia diferença. Ela encolheu os ombros.

— E porque faz diferença aqui?

— Não é óbvio? Irina se irritou por sua vez. — É uma marca soviética. Não ia encobrir uma marca soviética com make-up soviético, mas faço-o com make-up americano. Vou me libertar de tudo o que for soviético. Se conseguisse que um médico me abrisse agora o cérebro e tirasse de lá todas as recordações soviéticas, fazia-o imediatamente.

— Então porque me trouxe aqui?

— Amo-o e você me ama.

Ela tremia tanto que nem conseguia falar. Ele envolveu-a no lençol e no cobertor e abraçou-a. Não se devia ter brigado com ela, disse para consigo. Tudo o que ela fazia era pelos dois. Salvara-lhe a vida e trouxera-o consigo para os Estados Unidos e ele não fazia ideia do preço que ela pagara por isso, e não tinha o direito de discutir. Ele, como todos lhe recordavam, já não era um Investigador-Chefe, mas sim um criminoso. Não passavam de dois criminosos, e o que os mantinha vivos era se possuírem um ao outro. Descobriu o cigarro dela, que rolara para o tapete e abrira um novo buraco; levou-o até aos lábios dela para que fumasse. Agora podiam os dois apreciar bom tabaco da Virgínia. Que singular era o rigor deste apaixonado que o levava a magoá-la somente com a menção da marca escondida.

— Mas não me diga que Osborne não tentou matá-la, disse Arkady.

— As coisas aqui são tão diferentes, disse ela e começou de novo a tremer. — Não posso responder a perguntas. Por favor não me faça perguntas.

Estavam sentados na cama olhando para o televisor a cores. Na tela, um tipo com ar de professor estava lendo um livro numa mesa de jardim, perto duma piscina. Duma sebe saltou um rapaz com uma pistola de água.

— Meu Deus, me assustou! O leitor quase ia caindo da cadeira e o livro foi parar na piscina. Apontou para ele e disse: — Eu já ando bastante nervoso e você faz uma estúpida brincadeira como esta. Felizmente era um livro barato.

— Isto é Tchekhov? Riu Arkady. — É a mesma cena que vocês estavam filmando na Mosfilm quando nos conhecemos.

— Não. O rapaz da pistola de água era seguido por jovens em roupa de banho, um homem arrastando um paraquedas e uma orquestra de dança.

— Não, isto não é Tchekhov, concordou Arkady.

Ele pensou que ela brincava, mas Irina estava inteiramente concentrada na tela. Sabia que ela não prestava atenção à história; não havia necessidade, a tela fornecia até as próprias gargalhadas de apreço. Ela estava, viu ele, fascinada pelo azul-elétrico da piscina, o verde-azulado de uma árvore de abacates, o púrpura da buganvília junto de um caminho, o pavimento de uma autoestrada. Descobrira, de uma maneira que ele nunca poderia conseguir, aquilo que era importante na tela. O seu brilho transbordava e enchia o quarto. Quando uma mulher soluçou, Irina só via o seu vestido, os seus anéis, o seu cabelo, as almofadas macias sobre a mobília de verga, um terraço vermelho e o pôr-do-sol sobre o Pacífico. Ela se voltou e reparou no espanto de Arkady.

— Eu sei que você pensa que isto não é real, Arkasha. Está errado, aqui é real.

— Não é.

— Não, e eu quero isto tudo. Arkady cedeu.

— Então vai ter. Pousou a cabeça no colo dela e fechou os olhos enquanto a televisão murmurava e ria. Verificou que Irina usava um novo perfume. Havia poucos perfumes na Rússia, e eram cheiros fortes, para os dias de trabalho. O favorito de Zoya era **NOITES DE MOSCOU**. Um verdadeiro trator entre os perfumes. **NOITES DE MOSCOU** se chamara

anteriormente Swelana, nome da filha favorita de Stálin, até ela fugir com um índio. **NOITES DE MOSCOU** era um cheiro reabilitado.

— É capaz de me perdoar por querer tudo isso, Arkasha? Ele sentiu a ansiedade na sua voz. — Eu quero também para você.

Irina desligou o aparelho e Arkady deixou o estore da janela subir como uma explosão. O edifício de escritórios do outro lado da rua era uma grelha de janelas escuras e vazias. Arkady sorriu por causa do susto de Irina e ligou o rádio que ela comprara. Um samba. A coragem dela voltou e dançaram no tapete cinzento, seguidos pelas suas sombras nas paredes cinzentas. Ele segurou-a e a fez girar. O olho cego e o olho são se dilatavam de prazer. Assim num olho a vista se fora, apesar de a marca ter desaparecido, mas a alma ficara. Com ela por cima dele, o seu cabelo cobria os dois rostos, uma coberta que escorregou quando se ergueu. Com ela por baixo, Irina era como um barco que os levava para longe.

— Nós somos uns rejeitados e uns párias, disse Arkady. — Nenhum país nos quer.

— Estamos no nosso próprio país, disse Irina.

— Com as nossas próprias selvas. Arkady apontou para o papel florido da parede. — Música indígena, apontou para o rádio e para os microfones ocultos e espiões.

* * *

# Vinte e Três

UMA ARANHA escura foi apanhada pela luz e se tomou branca. Irina tinha saído cedo com Wesley e Nicky. Um fio branco da aranha estava suspenso no ar.

— Como podem vocês, russos, fumar mesmo antes de terem tomado o café-da-manhã? Perguntou Wesley.

A aranha balançava na teia num canto do teto. Era a primeira vez que Arkady reparava na teia; só a vira brilhar à luz especial daquela manhã de sol. As aranhas deviam ser adoradoras do sol, é claro. “Amo-o”, dissera Irina em russo. A aranha subia e descia rapidamente pelos seus fios, os membros anteriores se agitando aqui e ali. Ninguém lhes dá o devido valor; elas são tão habilidosas. O que fez Arkady dizer por sua vez “Amo-a”, em russo. Que diferença haveria entre uma aranha russa e uma aranha americana?

— Vamos, será um grande dia, dissera Nicky quando abrira a porta.

Teceriam as suas teias na mesma direção? Esfregariam os dentes da mesma maneira? Isso assustou Arkady. Elas se comunicariam? As calçadas estavam cheias de gente bem vestida. O sol lhes batia- nas costas e contava os segundos até irem trabalhar. “Há quanto tempo Irina estaria em Nova lorque?”, perguntou Arkady a si mesmo. “Porque tinha tão poucos vestidos no armário?” Devia nevar em Moscou. Se tivessem lá um sol daqueles, estariam à beira-rio, de tronco nu, se aquecendo como focas. Os pintores recomeçaram a trabalhar no prédio em frente. Os empregados do escritório pegavam no telefone, não diziam mais do que uma palavra ou duas e voltavam a pousá-lo. Em Moscou, os telefones dos escritórios eram instrumentos de bisbilhotice amavelmente fornecidos pelo Estado; raras vezes eram utilizados em serviço, mas estavam sempre ocupados. Ligou o televisor para cobrir o ruído

enquanto experimentava um gancho na fechadura. Era uma boa fechadura. “Porque os pintores trabalhavam com as janelas fechadas?”. No jardim da igreja, homens de idade, de ternos sujos, partilhavam uma garrafa com movimentos lentos. A televisão apresentava sobretudo detergentes, desodorizantes e aspirina. Havia entrevistas curtas e curtas séries filmadas nos intervalos. Quando AI lhe trouxe um sanduíche de presunto, queijo e café, Arkady lhe perguntou quais eram os escritores americanos de que ele gostava mais: Jack London ou Mark Twain? AI encolheu os ombros. John Steinbeck ou John Reed? Nathaniel Hawthorne ou Ray Bradbury?

— Bom, só conheço estes, disse Arkady e AI foi embora.

Os escritórios se esvaziam à hora do almoço. Em todos os locais em que o sol batia na calçada se viam pessoas comendo dum saco de papel. Os papéis de embrulho flutuavam até cinco ou dez andares de altura, entre os prédios. Arkady levantou a janela e se debruçou para fora. O ar estava frio e cheirava a cigarros, fumaça de escapamento e carne frita. Viu a mesma mulher de casaco preto e branco, de imitação de pele, a entrar e sair do hotel com três homens diferentes. Os automóveis eram enormes, tinham vários amassados e um brilho de plástico. O barulho era intenso, de coisas a serem içadas e marteladas, como se, fora da vista, a cidade estivesse sendo jogada abaixo e os carros sendo instantânea e descuidadamente fabricados. As cores dos carros eram ridículas, como se tivessem sido escolhidas por uma criança. Corno classificar os homens que estavam no jardim da igreja? Parasitas sociais? Uma tróica de bebedores? O que beberiam eles aqui?

London escrevia acerca da exploração do Alasca, Twain sobre a escravatura, Steinbeck sobre o desequilíbrio econômico, Hawthorne sobre a história religiosa, Bradbury sobre o colonialismo interplanetário, e Reed sobre a Rússia soviética. “É tudo o que eu sei”, pensou Arkady. As pessoas transportavam tantos sacos de papel! Elas não só tinham dinheiro como também coisas para comprar. Tomou um banho e vestiu o terno novo. Assentava-lhe perfeitamente, tinha um toque muito fino e tornou logo horríveis os sapatos. Lembrou-se que Nicky e Rurik tinham relógios Rolex. Na gaveta da mesa havia uma Bíblia. Ainda mais

surpreendente era a lista telefônica. Arkady rasgou da lista os endereços de organizações judaicas e ucranianas, dobrou as páginas e guardou-as dentro das cuecas. Policiais negros em fardas castanhas dirigiam o trânsito. Policiais brancos em fardas pretas usavam armas. Irina escondera os criminosos Kostia Borodin e Valéria Davidova. Estava implicada em crimes contra o Estado, tais como contrabando e sabotagem da indústria. Sabia que o promotor da cidade de Moscou fora oficial da KGB. O que a aguardava na União Soviética? Os táxis eram amarelos. Os pássaros cinzentos. Rurik apareceu com uma oferta de garrafas de vodca em miniatura; "garrafas dos aviões", lhes chamara ele.

— Nós temos uma nova teoria. No entanto, antes de eu a expor, levantou as mãos, — quero que saiba que não sou insensível. Sou ucraniano como você, e também um romântico. Deixe-me confessar outra coisa. Este meu cabelo ruivo é judeu. A minha avó era uma convertida; tinha a cabeça igual à minha. Por isso consigo me identificar com toda a espécie de pessoas. Mas em certos círculos se pensa que esta questão das zibelinas faz parte duma grande conspiração sionista.

— Osborne não é judeu.

— De que você está falando? Mas Valéria Davidova era filha de um rabino. James Kirwill esteve ligado aqui a terroristas sionistas que dispararam contra funcionários inocentes da Missão Soviética. Nos Estados Unidos as indústrias de peles e de vestuário são monopólios essencialmente sionistas, e são eles que, em última analise, virão a lucrar com a introdução das zibelinas aqui. Vê como tudo se ajusta?

— Eu não sou judeu, Irina não é judia.

— Pense nisso, disse Rurik. AI reuniu todas as garrafas em miniatura.

— Eu não sou da KGB, disse Arkady. AI ficou atrapalhado por ter sido posto em xeque.

— Talvez seja, talvez não seja.

— Não sou.

— Faz alguma diferença?

O crepúsculo chegou, os escritórios se esvaziaram e Irina não regressou. Houve uma cerimônia religiosa na igreja. As prostitutas andavam muito ocupadas trazendo homens para o hotel. Arkady

considerou as mulheres e o seu trabalho como a maré final da vida da rua que subia até ele. Daí a uma hora, as sombras se tomaram espaços impenetráveis entre as luminárias da rua. As figuras que circulavam pareciam animais noturnos. As cabeças se voltaram ao som duma sirene. “Porque Kirwill rira?”. Arkady estava habituado a diferentes tipos de agentes. Não estranhou que o novo usasse um terno escuro, gravata e boné de pala, e ficou aliviado por o deixarem finalmente sair do quarto do hotel. Ninguém os impediu de sair. Desceram no elevador, transpuseram o átrio, se dirigiram para oeste, pela Rua Vinte e Nove, e atravessaram a Fifth Avenue até chegarem a uma limusine preta. Só depois de Arkady ter entrado sozinho na parte de trás do carro é que percebeu que o homem era motorista. O interior tinha um tom cinzento-claro aveludado, e o motorista e o passageiro estavam separados por uma divisória de vidro.

A Avenida das Américas era uma via deserta e escura, exceto junto das vitrines; o aspecto luxuoso dos manequins lhe parecia tão irreal como o resto da cidade na sua primeira saída do hotel. Na Seventh Avenue viraram para o sul e percorreram alguns quarteirões, antes do automóvel seguir para uma rua lateral e parar num espaço reservado a veículos pesados. O motorista fez Arkady descer do carro, levou-o até um elevador que estava aberto e apertou num botão com o polegar. O elevador subiu até ao quarto andar, onde parou num átrio fortemente iluminado e vigiado por minúsculas câmaras de televisão colocadas em cantos opostos. A porta do extremo do átrio se abriu.

— Entrará sozinho, disse o motorista.

Arkady entrou num compartimento comprido e mal iluminado. Havia mesas em toda a extensão da sala e cabides que pareciam ser de roupas ou trapos e que, quando os seus olhos se habituaram, reconheceu estarem pejados de peles. Tanto quanto podia avaliar, devia haver ali uns cem cabides, a maior parte com peles estreitas e escuras penduradas, zibelinas ou visons, e ainda pilhas de peles mais largas e mais rasas, lince ou lobo. Havia um cheiro acre de ácido tânico e por cima de cada mesa branca uma lâmpada fluorescente. No meio da sala se acendeu uma lâmpada e John Osborne colocou uma pele sobre a mesa.

— Sabia que os Norte-Coreanos vendem peles? Perguntou ele a Arkady. — Peles de cão e de gato. Espantoso aquilo que as pessoas compram! Arkady seguiu pela coxia fora em direção à mesa. — Agora, esta pele vale cerca de mil dólares, disse. — Zibelina Barguzin, como decerto já adivinhou; deve ter se tornado um pequeno especialista em zibelinas. Aproxime-se e notará uma sugestão de geada nos pelos. Alisou a pele, e depois pegou numa pequena automática e apontou-a para Arkady. — Chega. Esta aqui irá fazer parte dum lindo casaco comprido, com talvez sessenta outras. Voltou a alisar novamente a pele mas com a arma. — Presumo que alguém pagará cento e cinquenta mil dólares pelo casaco. Que diferença de comprar peles de cães e gatos, não é?

— Deve saber melhor do que eu. Arkady parara a uma mesa de distância de Osborne.

— Então acredite no que lhe digo, o rosto de Osborne estava oculto na sombra da luminária, — Porque este edifício e os dois quarteirões à sua volta constituem o maior mercado de peles do mundo. Por isso posso lhe dizer que existe tão pouca semelhança entre isto, alisou a pele brilhante, — E uma pele de gato, como entre Irina e uma mulher vulgar, ou entre você e um russo vulgar. Inclinou a luminária e Arkady teve de levantar a mão para não ficar encandeado pela luz. — Está com muito bom aspecto, inspetor, muito bom no seu terno decente. Estou sinceramente satisfeito por vê-lo vivo.

— Está sinceramente admirado por me ver vivo.

— Isso também, confesso. Osborne soltou a luminária.

— Você disse uma vez que podia se esconder de mim, que podia se esconder mesmo por baixo do rio Moscou que eu iria lá buscá-lo.

— Não acreditei em si, mas você tinha razão. Osborne pousou a arma sobre a mesa enquanto acendia um cigarro. Arkady se esquecera daquela pele morena, quase árabe, da elegância esguia e do cabelo prateado. E, é claro, das notas douradas da cigarreira, isqueiro, anel e botões de punho, do brilho cor de âmbar dos olhos, do sorriso fascinante.

— Você é um assassino, disse Arkady. — Porque os americanos permitem que se encontre comigo?

— Porque os russos deixaram que eu me encontrasse consigo.

— E porquê?

— Abra os olhos, disse Osborne. — O que é que vê?

— Peles.

— Não só peles. Vison azul, vison branco, vison vulgar, raposa prateada, raposa vermelha, arminho, lince, caraculo. E zibelinas Barguzin. Mais de dois milhões de dólares em peles nesta sala, e existem outras cinquenta como esta na Seventh Avenue. Não é uma questão de assassinato; é uma questão de zibelinas e sempre foi. Eu não queria assassinar o jovem Kirwill, nem Kostia, nem Valéria. Depois da ajuda que eles me tinham prestado, teria ficado muito feliz se eles tivessem ido viver calmamente em qualquer lugar do mundo. Mas o que você teria feito? O jovem Kirwill queria publicidade; tinha a obsessão de contar a sua história ao mundo, após o seu regresso triunfal a Nova lorque. Talvez não viesse a falar nas zibelinas durante a primeira conferência de imprensa, mas acabaria por fazê-lo. Eu estava combatendo o mais antigo monopólio do mundo, contra o qual empenhara anos de esforços e riscos; deveria me tomar vulnerável ao autoengrandecimento de um fanático religioso? Qual o homem em pleno juízo que o faria? Confesso que também não me importei de eliminar Kostia. Não, ele me teria extorquido dinheiro no dia seguinte à sua chegada aqui. No entanto, a respeito de Valéria, lamento.

— Hesitou?

— Sim. Osborne estava satisfeito. — Hesitei antes de matá-la, tem razão. Acho que as confissões abrem o apetite. Vamos comer alguma coisa. Desceram no elevador e encontraram o automóvel à espera. Este levou-os em direção ao norte, pela Avenida das Américas.

Nova lorque estava muito mais desperta àquela hora do que estaria Moscou; Arkady sentia-o nas filas ininterruptas de trânsito. Para além da Forty-eighth Street, a avenida era ladeada por severas torres de vidro com escritórios, não muito diferentes das da Kalinin Prospekt. Na Fifty-sixth Street, o automóvel parou e Osborne levou Arkady até um restaurante, onde foram escoltados até uma mesa de veludo vermelho por um mâitre d'hôtel que saudou Osborne pelo seu nome. Havia lírios frescos em todas as mesas e grandes quantidades de flores nos cantos, assim como quadros a óleo de impressionistas franceses nas paredes, lustres de cristal, toalhas cor-de-rosa e um atencioso chefe de mesa. Os

outros fregueses eram homens mais velhos, de ternos riscados, e mulheres mais novas com rostos de boneca. Arkady esperava que Wesley ou a polícia irrompesse pelo restaurante para prender Osborne. Osborne perguntara a Arkady se queria beber alguma coisa; Arkady declinara a oferta e Osborne encomendara um Corton-Charlemagne 76. Arkady tinha fome? Arkady mentiu e disse que não, e Osborne encomendou para si salmão grelhado com molho de funcho e batatas fritas. Até os talheres que estavam na mesa eram deslumbrantes. “Eu devia lhe enterrar uma destas facas no coração”, pensou Arkady.

— Os emigrantes russos caem todos em Nova lorque, sabe? Disse Osborne. — Declaram por escrito que vão para Israel, mas em Roma viram à direita e vêm para aqui. Eu ajudo muitos, tantos quantos me for possível; até porque alguns deles entendem muito de peles. Outros, porém, não posso fazer nada por eles. Refiro-me aos que eram criados na Rússia.

— Conhece alguém capaz de contratar um criado russo? O vinho tinha uma cor dourada.

— Tem certeza de que não quer um pouco? Aliás, já há mais emigrantes do que é preciso. Muito tristes, a maioria deles. Candidatos à Academia Soviética de Ciências que andam varrendo as escolas ou disputando entre si pequenas traduções. Vivem em Queens e Nova Jérsei e têm pequenas casas e grandes carros que não podem sustentar. Claro que não devemos criticá-los; fazem o que podem. Nem todos podem ser Soljhenitsyns. Gosto de pensar que contribuí para a promoção da cultura russa neste país. Patrocinei numerosos intercâmbios culturais, sabe? Onde estaria o bailado americano se não fossem os bailarinos russos?

— E os bailarinos que você denunciou à KGB? Perguntou Arkady.

— Se eu não os tivesse denunciado, tê-lo-iam feito os amigos dos bailarinos. É esse um dos aspectos fascinantes da União Soviética: são todos informantes desde a mais tenra infância. Todos têm as mãos sujas. Chamam-lhe vigilância. Gosto disso. De qualquer modo, era esse o preço. Para eu poder promover boa vontade e cooperação, trazendo artistas soviéticos para os Estados Unidos, o Ministério da Cultura exigia que eu informasse sobre quem trazia. Tinha de informar sobre, alguns futuros desertores, mas de uma maneira geral procurava apenas eliminar o maior numero possível de maus bailarinos. Sou muito

exigente. Devo ter tido uma boa influência na dança soviética.

— Você não tem mãos sujas, tem mãos ensanguentadas.

— Por favor, estamos à mesa.

— Então me diga porque o FBI americano consente que você, um assassino, um informante da KGB, passeie por esta cidade e venha comer aqui?

— Oh, eu tenho um respeito enorme pela sua inteligência, inspetor. Reflita só um segundo. Sei que compreenderá. As conversas à volta deles flutuavam sobre as toalhas, as flores e o ruído discreto do carrinho da pastelaria. Osborne aguardava com confiança a compreensão de Arkady. Esta chegou, ao princípio hesitante, depois com uma forma mais definida, e Arkady ficou espantado com a sua lógica absoluta e palpável simetria, tal como um olho de veado ficaria se um leão oculto na sombra surgisse inteiramente à luz do sol. Todas as esperanças que pudesse ter alimentado morreram quando falou.

— Você é informante do FBI, disse Arkady enquanto a ideia tomava forma completa. — Informava a KGB e o FBI.

— Eu sabia que você seria o primeiro a compreender. Osborne sorriu rasgadamente. — Não teria sido uma estupidez informar a KGB sem informar o FBI? Não fique desapontado; isso não consegue tornar a América tão má como a Rússia. Trata-se apenas da maneira de funcionar do FBI. Geralmente este confia nos criminosos, mas pouco me envolvia nesse gênero de operações. Limitava-me a comunicar boatos. Sabia que os boatos seriam apreciados pelo FBI porque os mesmos boatos eram muito apreciados em Moscou. O FBI ainda os desejava com mais força. Hoover (John Edgar Hoover, diretor do FBI desde 1924 até à sua morte, em 2 de Maio de 1972.) receava tanto se enganar que quase deixou de vigiar os russos durante o último decênio da sua vida. A KGB tinha um homem nos Arquivos Centrais, o B, e Hoover nem sequer se atrevia a limpar a seção com medo que as notícias se espalhassem. Eu fiz questão em trabalhar só com a delegação de Nova lorque. Tal como acontece com qualquer outra empresa nacional, os melhores homens se encontram em Nova lorque, e eles são tão enternecedoramente da classe média, se sentem tão felizes por se darem comigo! E porque não? Eu não sou nenhum assalariado da Máfia, nunca pedia dinheiro. Ao contrário, eles sabiam que podiam vir sempre ter comigo e solicitar ajuda quando surgisse alguma dificuldade financeira. Eu lhes fazia

preços especiais nos casacos para as mulheres.

Arkady se lembrou do casaco de lince de lamskoy e do gorro de zibelina que Osborne lhe oferecera.

— Sou tão patriota como o meu vizinho, disse Osborne e fez um cumprimento de cabeça às pessoas que estavam na mesa atrás de Arkady, — Ou antes, como acontece que este meu vizinho é, por acaso, presidente duma companhia cerealífera que acabou de instalar uma destilaria fantoche em Osaka, de onde enviará os seus cereais para os portos do Pacífico da União Soviética, eu sou mais patriota do que o meu vizinho. Um prato de salmão grelhado foi colocado em frente de Osborne e ao lado um prato de batatas fritas quase tão finas como as batatas-palha russas. Arkady estava esfomeado. — Tem certeza de que não quer partilhar isto comigo? Perguntou Osborne. — Está uma delícia. Ao menos um pouco de vinho? Não? Uma coisa curiosa, continuou a falar enquanto comia, — É que, noutros tempos, sempre que os emigrantes russos chegavam à América, abriam um restaurante. Serviam pratos maravilhosos, beef stroganov, frango Kiev, pashka, blinis e caviar, esturjão em geleia. Mas isso era há cinquenta anos. Os novos emigrantes não sabem cozinhar; nem sequer sabem o que é boa comida. O comunismo apagou a comida russa. Esse é um dos grandes crimes. Osborne tomou o café e escolheu uma tarte do carrinho das sobremesas. As sobremesas ostentavam coberturas de açúcar semelhantes a mármore e montículos de creme batido. — Não quer um pouco? O seu antigo promotor, Andrei Iamskoy, teria devorado o carrinho todo.

— Ele era um homem voraz, disse Arkady.

— Exatamente. A culpa foi toda do lamskoy, sabe? Há anos, desde a guerra, que eu o remunerava por uma coisa ou outra, apresentações, pequenas indiscrições, etc. Ele sabia que eu não voltaria à União Soviética e decidiu atacar visando a uma grande soma final; foi por isso que o levou até mim nos banhos. De cada vez que eu pensava que tinha me visto livre de si, ele espicaçava-o um pouco mais. Não que você precisasse de muito encorajamento. Ele dizia que -você era um investigador obcecado e tinha razão. Um homem brilhante, lamskoy, mas voraz, como você disse.

Saíram do restaurante e subiram a avenida, com a limusine de Osborne seguindo-os pela rua, tal como outra limusine os seguira, em tempos, ao longo da margem do rio Moscova. Depois de percorrerem alguns quarteirões, chegaram junto de duas estátuas equestres que se erguiam à entrada dum parque. “O Central Park”, disse Arkady para consigo. Entraram, o automóvel sempre atrás deles, alguns flocos de neve esvoaçando diante dos faróis. “Iriam matá-lo no parque?”, pensou Arkady. Não, teria sido mais fácil no atelier de Osborne. Passou por eles uma carruagem de cores vivas, puxada por cavalos trotando à antiga. Arkady fumava para enganar a fome.

— Um repugnante hábito russo Osborne acendeu um dos seus cigarros. — Será a nossa morte. Sabe porque é que ele o odiava?

— Quem?

— lamskoy.

— O promotor? Porque ele havia de me odiar?

— Houve uma história qualquer acerca de um recurso ao Supremo Tribunal em que o retrato dele apareceu no Pravda.

— O caso Viskov.

— Esse mesmo. Acabou com ele. A KGB não colocaria um dos seus próprios generais como promotor da cidade de Moscou para ele começar a fazer publicidade aos direitos dos condenados. No fim de contas, a KGB é como uma outra burocracia qualquer, e um homem importante, especialmente uma estrela em ascensão, tem inimigos poderosos. Você lhes deu exatamente a arma de que precisavam. lamskoy andava caluniando a justiça soviética, diziam eles, ou promovendo o culto da personalidade a seu favor, ou então se achava mentalmente doente. Ia haver uma grande campanha a esse respeito. Aquele recurso destruiu-o e foi você que o levou a isso.

No Central Park um ex-Investigador-Chefe descobria o motivo por que o falecido promotor da cidade de Moscou o odiava! “Na verdade”, pensou Arkady, aquilo que Osborne dizia fazia sentido. Lembrava-se da conversa nos banhos com lamskoy, o secretário do promotor-geral, o acadêmico e o juiz. As insinuações acerca da próxima campanha contra o vronskismo eram dirigidas a lamskoy, não a Arkady! Ouviu música rock e através do arvoredo distinguiu as luzes coloridas de um rinque de

patinagem. Podia ver ao longe o movimento das pessoas sobre o gelo.

— Devia visitar o parque com neve, disse Osborne.

— Está nevando agora.

— Adoro a neve, confessou Osborne. Os flocos se espalhavam à volta dos postes e diante dos feixes de luz dos projetores uma silhueta de bronze saudava Arkady de cima dum pedestal. — Vou lhe dizer porque adoro a neve, disse Osborne. — Nunca contei isto a ninguém. Adoro-a porque esconde os mortos.

— Refere-se ao Parque Gorki?

— Oh, não! Refiro-me a Leningrado. Eu era um rapaz idealista quando parti pela primeira vez para a União Soviética. Ninguém trabalhou com mais entusiasmo para conseguir que o Lend-Lease (Programa de assistência militar dos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Os EUA forneceram auxílio no valor de 900 milhões de dólares à União Soviética) funcionasse. Eu era o americano em cena, tinha de aturar os russos, tinha de me esforçar muito, com quatro horas de sono por noite, quase morrendo de fome durante meses a fio, me barbeando e mudando de roupa só quando tinha de ir a Moscou, ao Kremlin, para poder implorar a algum secretário de Stálin, algum bêbado com gordura no queixo, que me deixasse juntar alguns víveres e medicamentos aos caminhões que tentávamos fazer chegar a Leningrado. Claro que o cerco de Leningrado foi uma das grandes batalhas, um dos pontos decisivos da história da humanidade, o exército de um assassino de massas repelindo o exército de um colega assassino de massas. O meu papel, o papel americano, consistia em assegurar a continuação da carnificina por tanto tempo quanto possível. E conseguimos. Morreram seiscentos mil habitantes de Leningrado, mas a cidade não caiu. Era uma guerra que ia de casa para casa; perdíamos uma rua de manhã e recuperávamos à noite. Ou recuperávamos um ano mais tarde e encontrávamos todos os mortos do ano anterior. Aprendia-se a apreciar a neve profunda. Quando o tiroteio parava eles conversavam uns com os outros através de alto-falantes. O alto-falante russo dizia aos soldados alemães para matarem os seus oficiais; o altifalante alemão dizia aos russos para matarem os seus filhos. “É melhor matá-los do que fazê-los morrer de fome. Desistam, entreguem as suas armas e por cada uma lhes daremos um frango”, diziam os

alemães. Ou “Andrei qualquer-coisa, as suas duas filhas foram encontradas devoradas pelos seus vizinhos soviéticos”. Isto era uma afronta para mim, pois eu era responsável pelo fornecimento de alimentos à cidade. Quando foram capturados alguns oficiais da Wehrmacht, Mendel e eu conseguimos uns chocolates e champanhe e os levamos para um piquenique. Tínhamos pensado em libertá-los mais tarde e eles regressariam às linhas alemãs contando como éramos bem alimentados dentro da cidade. Os alemães riram de nós. Sabiam mil histórias sobre os cadáveres que tinham encontrado enquanto abriam caminho para a cidade. Em especial riram de mim. Sentiam curiosidade acerca do americano que alimentava os russos. Por acaso eu estaria convencido, eles perguntaram, de que as poucas rações lançadas pela aviação, ou que chegavam lá por trenó, iam manter vivas um milhão de pessoas? Riam às gargalhadas. Eu não conseguia inventar uma coisa mais eficaz? Não teria já a resposta? Disseram eles. Descobri que tinha, e depois matei os oficiais alemães. Mas tinha a resposta.

Saíram do parque na Fifth Avenue, linha divisória entre a populaça e os ricos. Nas janelas brilhavam candelabros; os porteiros estavam debaixo de toldos. A limusine encostou a um lado da rua para esperar enquanto Osborne levava Arkady para o edifício mais próximo. Um ascensorista uniformizado levou-os até ao décimo quinto andar, onde só havia uma porta. Osborne abriu-a e fez sinal a Arkady para entrar. Pelas janelas entrava luz suficiente para permitir a Arkady ver que se encontravam no átrio de um grande apartamento. Osborne acionou um interruptor, mas não aconteceu nada.

— Os eletricistas estiveram aqui hoje, disse ele, — Mas suponho que não terminaram.

Arkady entrou numa sala com uma comprida mesa de jantar e só duas cadeiras, passando depois a uma copa com armários abertos e vazios, e a um escritório com uma televisão ainda dentro da caixa. Contou oito divisões, quase todas nuas, com exceção de um tapete ou cadeira como indicação de que tinha mais para chegar. Havia também um perfume familiar. Foi atraído pela sala de estar, onde os caixilhos das janelas emolduravam o parque lá em baixo, muito mais belo olhado

de cima. Avistou o negro profundo dos lagos e o oval branco da pista de patinagem. A volta do parque havia uma sequência de apartamentos e hotéis e por cima uma abóbada de nuvens.

— O que acha? Perguntou Osborne.

— Um pouco vazio.

— Bom, em Nova lorque a vista é a coisa mais importante. Osborne tirou outro cigarro da sua cigarreira. — Vendi os meus salões de Paris. Precisava aplicar o dinheiro nalguma coisa, e um segundo apartamento não me pareceu má ideia. Para ser honesto, a Europa não é muito segura para mim. Essa tem sido a parte mais difícil do negócio, as garantias de segurança física.

— Qual negócio?

— O das zibelinas. Felizmente, roubei uma coisa que merece esse preço.

— Onde estão as zibelinas?

— A cultura americana de peles é quase toda feita em volta dos Grandes Lagos. Mas talvez eu tenha mentido a eles; talvez tenha as zibelinas no Canadá. O Canadá é o segundo maior país da Terra; lhes daria um certo trabalho procurá-las ali. Ou talvez as tenha em Maryland ou na Pensilvânia; também há ranchos nesses dois locais. O problema deles é que na primavera aparecerão as minhas criazinhas, todas procriadas pelos meus Barguzin, e haverá um número maior de zibelinas. É por isso que os russos precisam negociar agora.

— Porque me conta isso? Osborne foi encontrar com ele na janela.

— Eu posso salvá-lo, disse. — Posso salvá-lo e a Irina.

— Você tentou matá-la.

— Isso foi lamskoy e Unmann.

— Tentou matá-la duas vezes. Eu estava lá.

— Você foi um herói, inspetor. Ninguém quer lhe negar os seus méritos. Mandei-o para a universidade para salvar Irina, no fim das contas.

— Mandou-me para ser morto.

— E nós a salvamos, você e eu.

— Você matou três amigos dela no Parque Gorki.

— Você matou três amigos meus.

Arkady sentiu frio, como se as janelas tivessem se aberto. Osborne não estava no seu juízo, ou não era um homem. Se o dinheiro conseguisse criar ossos e carne seria Osborne. Usaria o mesmo terno de caxemira; pentearia o cabelo da mesma maneira; teria o mesmo rosto magro com a sua expressão de superior divertimento. Encontravam-se muito acima da rua. O apartamento estava vazio. Ele podia matar Osborne, não duvidava disso. Não precisaria escutar nem mais uma palavra. Osborne, como se tivesse ouvido os pensamentos de Arkady, voltou a puxar da sua arma.

— Precisamos perdoar um ao outro. A corrupção faz parte de nós, é a própria essência. Estava dentro de lamskoy, com ou sem Revolução Russa. Está tanto dentro de si como de mim. Mas ainda não viu o apartamento todo.

Com Arkady à frente seguiram pelo corredor até um quarto onde ainda não entrara, cujas janelas também davam para o parque. Havia uma cômoda, um espelho, uma cadeira, mesa-de-cabeceira e uma cama grande por fazer. O perfume que ele reconhecera ao entrar no apartamento era mais forte ali.

— Abra a segunda gaveta da cômoda, disse Osborne. Arkady assim fez. Muito bem dobrada no seu interior havia roupa interior de homem e meias. — Alguém vai se mudar para aqui, observou ele. Osborne apontou para as portas de correr de um roupeiro. — Abra a porta da direita. Arkady abriu. Dentro havia uma dúzia de ternos novos pendurados. Apesar da luz fraca, viu réplicas do casaco-e-calça que vestia. — Não há razão para não se terem extras, disse Osborne. Arkady abriu a outra porta. O interior estava cheio de vestidos, vestidos compridos, roupões, dois casacos de peles, e o chão coberto de sapatos e botas de mulher. — Você vai se mudar para aqui, declarou Osborne. — Você e Irina. Será meu empregado e lhe pagarei bem, melhor do que bem. O apartamento está em meu nome, mas a contribuição e conservação do primeiro ano já estão pagas. Qualquer nova-iorquino gostaria de trocar de lugar consigo. Vai ter uma vida nova.

“Aquela conversa não era possível”, pensou Arkady; devia ter tomado uma orientação misteriosamente errada.

— Quer que Irina viva? Perguntou Osborne. — O negócio é esse; as zibelinas em troca de Irina e de você. Irina porque eu a desejo e você porque ela não viria sem você.

— Eu não vou partilhar Irina consigo.

— Já está partilhando Irina comigo, disse Osborne. — Partilhou-a comigo em Moscou e tem-na partilhado comigo desde que chegou aqui. Eu estava com ela na cama naquela manhã em Moscou quando você lhe falou fora do apartamento dela. Ela dormiu consigo ontem à noite, e dormiu comigo esta noite.

— Aqui? Arkady fitou os lençóis amarrotados, luminosos, na sua desordem.

— Não acredita em mim? Vamos lá, você é um investigador muito bom para ficar admirado. Como eu teria conhecido James Kirwíll sem Irina? Ou Valéria ou Kostia? E não achou estranho que lamskoy e eu não os encontrássemos quando você a escondeu no apartamento? Nem precisávamos procurar; ela me telefonou de sua casa. Como pensa que eu a encontrei quando você saiu de viagem até à fronteira finlandesa? Ela veio encontrar comigo. Não fez perguntas a si mesmo? Talvez porque já tivesse as respostas. Eu confessei, agora é a sua vez. Mas você não gosta disto. No fim da investigação você quer é encontrar um monstro e os mortos bem arrumados. Deus o livre de se encontrar a si mesmo. Acabará por aprender a viver consigo mesmo, lhe prometo eu. Os russos o atirarão simplesmente a si e Irina para o número dos judeus; fazem assim com uma porção de problemas de que se querem livrar. Osborne pousou a arma na mesa-de-cabeceira. — Eu não o queria a si, mas Irina não ficava sem você. Era de enfurecer. Tudo o que ela sempre desejou foi vir para aqui, e depois ameaçou regressar. Agora estou satisfeito que esteja aqui; completa tudo. Abriu a gaveta da mesinha e tirou de lá uma garrafa de Stolichnaya e dois copos. — Acho a situação fascinante. Que outros dois homens é que se podem conhecer tão bem como um assassino e um investigador? É seu dever definir o crime; você dá a definição ao criminoso. Eu tomo forma na sua imaginação mesmo antes de nos conhecermos e, ao fugir de si, me sinto obcecado por você. Fomos sempre parceiros no crime.

Colocou vodca até às bordas, de modo que o líquido arqueou

suavemente no topo, e estendeu um copo a Arkady.

— E que criminoso e que investigador podem ser mais íntimos do que dois homens que partilham a mesma mulher? Também somos parceiros na paixão. Osborne ergueu o copo: — A Irina.

— Porque matou aquela gente no Parque Gorki?

— Você sabe porquê; resolveu o caso. O copo de Osborne continuava erguido.

— Eu sei como o fez, mas porquê?

— Pelas zibelinas, como sabe.

— Por que queria ter as suas próprias zibelinas?

— Para ganhar dinheiro. Você sabe tudo isso.

— Você já tem muito dinheiro.

— Para ter mais.

— Só mais? Perguntou Arkady. Despejou o copo no tapete do quarto, formando uma espiral com a vodca. — Então não é um homem capaz de grandes paixões, senhor Osborne; é só um negociante assassino. É um tolo, senhor Osborne. Irina se vende a si e se dá a mim. Um homem de negócios só deve se contentar com a pele, não é? Você conhece isso de tirar a pele. Nós viveremos aqui à sua custa e riremos de si. E quem sabe quando desaparecemos? Nessa altura fica sem zibelinas, sem Irina, sem nada.

— Então aceita a minha oferta de auxílio, disse Osborne. — Hoje é quarta-feira. Na sexta eu e os soviéticos negociaremos... Você e Irina em troca das zibelinas. Permite-me que os salve?

— Sim, disse Arkady. Que outra alternativa ele tinha? Só Osborne podia salvar Irina. Uma vez em segurança, poderiam fugir. Se Osborne tentasse impedi-los, Arkady o mataria.

— Então bebo à sua saúde, disse Osborne. Precisei passar um ano em Leningrado para descobrir o que os humanos são capazes de fazer para sobreviverem. Você está aqui há dois dias e já é um homem diferente. Daqui a mais dois será um americano. Despejou o seu copo duma vez. — Aguardo com satisfação os próximos anos. Será sempre bom ter um amigo.

Sozinho no elevador, Arkady sucumbiu ao peso da verdade. Irina era uma prostituta. Dormira com Osborne e sabe Deus com quem mais

para conseguir uma passagem para sair da Rússia. Abria as pernas como se fossem asas. Mentira a Arkady, mentira com acusações e beijos, lhe chamara de idiota e depois o transformaria num verdadeiro idiota. Pior, ele soubera. Soubera desde o princípio, soubera em todos os momentos, soubera mais à medida que mais a amava. Agora eram dois prostituídos. Ele dentro dos seus ternos novos, tendo deixado de ser Investigador-Chefe e criminoso, para ser o quê? Os três cadáveres no Parque Gorki? "E depois?", perguntara Osborne. E Pasha? Estava espantado com todas as fraudes que cometera. A primeira fraude, a da investigação, para poder forçar Pribluda a se ocupar da mesma. A segunda para que pudesse ficar com Irina. A última para que Osborne pudesse ficar com ela.

A porta do elevador se abriu e ele atravessou o átrio. "Sou o sócio de Osborne", respondeu a si mesmo. Mal chegou a calçada a limusine deslizou à sua frente. Entrou sem olhar, e o carro se dirigiu para o sul, em direção ao hotel. No entanto, continuava a amá-la. Voltaria as costas aos cadáveres do Parque Gorki. Ela se prostituíra para vir para a América e ele se prostituiria para ajudá-la a ficar. O Hotel Barcelona tinha sido bem escolhido para aquele par. Deixou a cabeça tombar contra o assento. Flocos de neve tremiam nas sombras movediças por detrás da janela. Nada de perguntas, pedira ela, por isso ele não fizera quaisquer perguntas e criara o vazio no seu espírito. Quantos armários de vestidos ela possuía? Há quanto tempo se encontrava em Nova lorque? O seu espírito voltou atrás. Ele nunca fraquejara, nunca falara. Mas a KGB e o FBI e todos os outros sabiam de Irina e Osborne. Quem lhes podia ter dito, além de Irina? E mais atrás? Há quantos anos ela dormia com Osborne? E outros? Não, não devia ter havido outros homens. Osborne era demasiado orgulhoso para tal.

Na Broadway passaram por cartazes de cinemas. Os teatros de pornografia apresentavam cartazes com enormes ampliações de corpos. "Representações ao vivo!", dizia um. Numa porta se encontrava uma mulher preta com cabeleira loura, uma mulher branca de cabeleira ruiva e um rapaz de chapéu de cowboy. Na Times Square havia um nervoso par de policiais a cada esquina. Painéis de anúncios de espetáculos explodiam em cores e fumaça. A neve voava como cinza por cima da

multidão. Um apressado se esquivava por entre prostitutas. No entanto, Irina amava-o. Ela regressaria à Rússia ou ficaria na América conforme o que ele fizesse. Lembrava-se dela na Mosfilm, do seu casaco Afghan e da bota rota. É certo que fora para a cama com Osborne em Moscou, mas não aceitara presentes. Nem sequer dinheiro e se fartara de passar fome. O único presente que aceitara fora a América. O que Arkady lhe dera? Um lenço com ovos da Páscoa? Só Osborne lhe podia dar a América, só Osborne podia dar a verdade a ele. Osborne tinha o poder das dádivas. América, Rússia, Rússia, América. A América era a melhor de todas as ilusões. Desafiava toda a expectativa. Mesmo aqui, à sua própria luz, à beira de poder esmagar dólares nas mãos, continuava sendo para ele uma ilusão. Não teria vindo se soubesse de Irina e Osborne, disse para consigo. Mas soubera sempre de Irina e Osborne, respondeu a si próprio. Poderia ele falar de ilusões? Ela regressaria se Arkady o decidisse; até Osborne concordara. Como seriam Irina e Osborne na cama? Irina, Osborne, Osborne, Irina. Estava vendo-os na cama, os dois como numa serpentina. Os três. Os seus pensamentos se interromperam quando o automóvel parou numa esquina. Reparou que estavam muito ao sul da Rua Vinte e Nove. Ambas as portas traseiras se escancararam; de cada lado, um homem negro se inclinava para o interior do carro apontando um revólver à cabeça de Arkady com uma mão e apresentando o distintivo da polícia com a outra. A divisória de vidro entre o banco de trás e o motorista baixou, deixando ver Kirwill junto ao volante.

— O que aconteceu ao motorista? Perguntou Arkady.

— Um homem mau lhe bateu na cabeça e lhe roubou o carro. Kirwill sorriu. — Bem-vindo a Nova lorque.

Kirwill comera sanduíches de carne quente e bebera copos de uísque alternados com cerveja. Os dois detetives negros, Billy e Rodney, tomavam rum com Coca-Cola num cubículo em frente. Arkady estava sentado junto de Kirwill, com o copo vazio. Não se encontrava num bar, não estava livre. Continuava a ter diante dos olhos os lençóis enrodilhados da cama do apartamento. Estava sentado com Kirwill tal como qualquer homem pode estar naturalmente sentado diante da lareira.

— Osborne podia dizer: “Eu os matei”, explicou Kirwill. — “Matei-os no Parque Gorki às três da tarde do primeiro dia de fevereiro. Fiz e estou satisfeito.”. Mas, com qualquer bom advogado americano, não seria extraditado; o caso se arrastaria durante cinco anos. São precisos vinte anos para arrancar daqui um criminoso de guerra nazista. Digamos, cinco anos até ao primeiro julgamento, outros cinco para o recurso. No fim ele poderia ainda recorrer as instâncias federais e peitar os julgadores. Ganhando ou perdendo, serão sempre uns quinze anos. As zibelinas procriam; não procriam como os visons, mas procriam, e em quinze anos o monopólio russo das zibelinas terá passado à história. Isso representa cinquenta milhões de dólares em divisas estrangeiras. Portanto não pensa na extradição. As outras duas hipóteses são matar Osborne e roubar as zibelinas, ou então negociar. O FBI protege Osborne, e os Russos não sabem onde estão as zibelinas, por isso negociarão. Olhe, faça justiça ao homem. Osborne mijou na KGB, mijou neles e depois se safou. Esse homem é um sacana dum herói americano! O que é você, um sacana dum russo subversivo? Mas eu vou ajudá-lo, Renko. Kirwill e os seus dois detetives negros pareciam uns ladrões exóticos, nada semelhantes à Milícia de Moscou. A limusine roubada estava apenas a alguns quarteirões de distância.

— Devia ter me ajudado em Moscou, disse Arkady. Nessa altura eu teria podido colocar a mão em Osborne. Agora não pode me ajudar.

— Posso salvá-lo.

— Salvar-me? Arkady interrogou-o com ironia. Na véspera talvez tivesse acreditado em Kirwill. — Não pode me salvar sem as zibelinas. Você tem as zibelinas?

— Não.

— Você quer me salvar, mas não pode me salvar. Desejar apenas não é muito prometedor.

— Deixe a jovem, a KGB que fique com ela. Arkady esfregou os olhos. Ele na América e Irina na Rússia? Que conclusão mais absurda!

— Não.

— Foi o que eu calculei.

— Bom, obrigado pela sua amável ideia. Arkady começou a se levantar. — Talvez deva me levar agora para o hotel.

— Espere um pouco, Kirwill fê-lo se sentar. — Tome uma bebida

por intenção dos velhos tempos. Encheu o copo que estava em frente de Arkady, remexeu nos bolsos e tirou de lá sacos de celofane com amendoins, que jogou em cima da mesa. Billy e Rodney examinavam Arkady com grande curiosidade, como se ele fosse beber pelo nariz. Eram altos e escuríssimos, e usavam camisas berrantes e colares. — Se o FBI o pode emprestar a um assassino declarado, também o pode emprestar ao Departamento da Polícia de Nova lorque por mais cinco minutos, disse Kirwill. Arkady encolheu os ombros e bebeu o uísque duma só vez.

— Porque o copo é tão pequeno?

— É uma forma de tortura inventada pelos padres, retorquiu Kirwill. Olhou para os outros detetives. — Eh, ao menos consigam uma tigela para os amendoins. Nenhum de vocês é capaz de levantar o cu? Enquanto Billy se dirigia ao balcão, Kirwill se voltou de novo para Arkady e disse: — Fantástico escarumba!

— Escarumba?

— Escarumba, negro, calcinhas, cabeça de coco. Eh lá, Rodney, disse Kirwill quando o outro detetive preto riu e abanou a cabeça. — Se ele alguma vez vier a ser americano precisa saber bem o vocabulário.

— Porque não gosta do FBI? A força desmedida que era Kirwill se alterou um pouco. O sorriso se tomou forçado.

— Bom, por uma porção de razões. Profissionalmente, porque o FBI não faz investigações, paga a informantes. Não interessa o tipo de caso: espionagem, direitos civis, Máfia, tudo o que eles conhecem são informantes. A maior parte dos americanos não é propensa a dar informações, por isso o FBI se especializou. Os seus informantes são casos mentais e homens marcados. Quando o FBI toca no mundo real, aparecem logo todos esses tarados que sabem matar pessoas com cordas de piano. Se um desses anormais é caçado, nessa altura está disposto a fritar os amigos. Conta ao FBI aquilo que este quer ouvir e inventa o que desconhece. Está vendo, essa é a diferença básica que nos separa. Um tira sai à rua e arranja informações por si. Está disposto a se sujar porque a sua ambição na vida é ser detetive. Mas um agente do FBI é na realidade um advogado ou um contabilista; quer trabalhar num bom gabinete e se vestir bem, entrar talvez para a política. Esse filho da mãe compra um tarado por dia.

— Nem todos os que dão informações são tarados, murmurou

Arkady. Viu Misha na igreja, ingeriu outra bebida e afastou a imagem.

— Quando os seus anormais acabam de depor, mudam-nos e lhes dão nomes diferentes. Se o anormal mata outra pessoa, o FBI volta a mudá-lo. Há psicopatas que mudaram quatro e cinco vezes, com inteira imunidade. Eu não posso prendê-los; gozam de mais indulgência do que o Nixon. É o que acontece a quem não faz o seu próprio trabalho, quando usa anormais. O detetive regressou ao balcão com uma taça de plástico. Kirwill despejou lá para dentro os amendoins. Enquanto está de pé, Billy, disse ele, — Porque não telefona para a cadeia e averigua se eles já libertaram o nosso amigo Rats?

— Meer-da! Disse Billy, mas se dirigiu à cabina do telefone.

— O que é meer-da? Perguntou Arkady.

— Duas doses de merda, respondeu Rodney.

— Osborne diz que é informante do FBI, disse Arkady.

— Sim, eu sei. Kirwill olhou para cima como se os seus olhos estivessem na Lua. — Imagine o dia em que John Osborne entrou no bureau. Devem ter machucado os colhões, tal a pressa com que se levantaram. Uma pessoa como ele, que estivera no Kremlin, na Casa Branca, frequentava a alta sociedade, que não aceitava um tostão, que podia comprar e vender qualquer homem do bureau! Íntimo de todos os rosados de cá e dos vermelhos de lá. É o sonho deles se tornando realidade.

— Porque ele não foi à CIA?

— Porque é esperto. A CIA tem milhares de fontes de informações russas, uma centena de homens entrando e saindo da Rússia. O FBI foi obrigado a fechar o seu escritório de Moscou. Tudo o que tinham era Osborne.

— Ele só lhes podia fornecer bisbilhotices.

— Era o que eles queriam. Eles só queriam se sentar no colo de algum congressista e lhe encostar os lábios ao ouvido para murmurar o que tinham sabido através da sua fonte especial; que Brejnev tinha arranjado uma sífilis. O mesmo que eles murmuraram acerca dos rapazes do Kennedy e do King. São coisas dessas que os congressistas estão dispostos a pagar, é para isso que servem os orçamentos federais. Simplesmente, agora o FBI é que precisa pagar; Osborne recorre às suas notas. Quer que o bureau o proteja, e não vai mudar de nome nem se esconder. Ele tem o bureau seguro pelos tomatinhos e apenas começou a

apertar. Arkady terminara os amendoins enquanto Kirwill falava. Serviu-se de outra bebida.

— Mas ele roubou as zibelinas e precisa devolvê-las.

— Ah, sim? A União Soviética as devolveria se a KGB tivesse roubado? Ele é um herói.

— Ele é um assassino.

— É o que você diz.

— Eu não sou da KGB.

— E eu digo; neste mundo especial nós estamos de fora.

— Eles não o deixaram sair. Billy regressava do telefone. Agora querem detê-lo por bebedeira e distúrbios. Vão fazer a instrução do caso daqui a uma hora. A voz de Billy fazia lembrar um saxofone a Arkady.

— Vocês dois, examinou Billy e Rodney — Não andam pintando um escritório em frente do meu hotel?

— Estão ouvindo? Disse Kirwill. — Eu bem que lhes disse que ele tinha olho.

Quando saíram do bar, Billy e Rodney se afastaram num carro vermelho conversível. Kirwill e Arkady percorreram a pé várias ruas que se cruzavam em ângulos esquisitos numa parte da cidade a que Kirwill chamou Village. Havia só a neve suficiente para que os postes públicos sobressaíssem e fizesse o ar noturno cheirar melhor. Na Rua Barrow passaram diante de um prédio de tijolo com três andares, escadas de mármore e trepadeiras que a ligavam a outras casas quase idênticas. Arkady percebeu, sem lhe dizerem, que era a casa de Kirwill.

— No verão aquela glicínia atinge enormes proporções, um autêntico inferno cor de púrpura, disse Kirwill. — Grande Jim e Edna tinham um russo que morava aqui conosco e cujo inglês não era grande coisa. Quando os amigos dele vieram visitá-lo lhes disse para procurarem uma casa “coberta de histeria” Não andava longe. A casa parecia ligeiramente suspensa na escuridão. — Tínhamos aqui vários russos. A babushka que tomava conta de mim brincava de cinco porquinhos com os dedos dos meus pés. Costumava dizer: “Este pequeno Rockfeller foi ao mercado, este pequeno Mellon ficou em casa, este pequeno Stanford comeu o rosbife...”. O bureau costumava ter dois tipos aqui sentados num carro, dia e noite. Vigiavam o telefone, puseram

dispositivos de escuta nas paredes das casas vizinhas, interrogavam todos os que vinham até à nossa porta. Os anarquistas faziam bombas no sótão. Pairava sobre a casa um gênero de suspense que não se encontra em muitas outras. — Mais tarde Jimmy ficou com o andar de cima. Muito mais perto de Ti, meu Deus. Instalou lá um oratório com crucifixos e ícones. Cristo era a bomba de Jimmy. Grande Jim e Edna explodiram, Jimmy explodiu e eu estou reduzido a um só russo.

— E ainda mora aqui?

— Numa estuporada casa assombrada. Todo este país é uma estuporada casa assombrada. Vamos, há alguém que nós temos de caçar.

O carro de Kirwill era azul, impecavelmente limpo. Seguiu para o sul, acenando de vez em quando a algum carro da polícia com que se cruzavam. Ocorreu a Arkady que Wesley já devia ter dado pela sua ausência e que talvez houvesse um certo pânico no Hotel Barcelona. Teria sido enviado algum comunicado aos carros da polícia? Desconfiaram de Kirwill?

— Mesmo que Osborne seja um informante importante, não entendo porque o FBI permite que ele se encontre comigo, disse Arkady. — Seja como for, ele ainda é um criminoso e eles são um órgão de justiça.

— Outras cidades seguem as leis. Mas não Nova lorque. Se um diplomata bater com o seu carro, matar o seu cão, estuprar a sua mulher, vai para casa em paz. Existe aqui um pequeno exército israelita, um pequeno exército palestiniano, os cubanos de Castro, os cubanos do bureau, tudo o que podemos fazer é servir de faxineira e limpar os cacos.

Quando atravessava à noite uma cidade desconhecida, a imaginação de Arkady completava aquilo que não se via. Nas sombras, Arkady situava aqui as chaminés da Fábrica Likhachev, ali as paredes do Manezh, as ruas transversais de Novokunznetskaya.

— O FBI está fazendo um jogo diferente desta vez, disse Kirwill. — Eles têm apartamentos seguros no Waldorf, porque o terão posto no Barcelona? É bom porque a segurança é uma nódoa e eu posso mandá-lo vigiar por Billy e Rodney. Mas é estranho, porque leva a crer que Wesley não quer nenhum registro. O que Osborne lhe disse? Referiu-se

a alguma espécie de negócio?

— Só falamos de generalidades, respondeu Arkady. A mentira saiu sem hesitação, como de outro sistema nervoso e de outra boca.

— Falou de si próprio e da jovem, se bem o conheço. Ele é do gênero que gosta de apertar os parafusos. Deixe-o por minha conta.

Os edifícios públicos da parte baixa de Manhattan eram, às escuras, uma coleção confusa de arquitetura romana, colonial e moderna, com uma única exceção: a de um gigantesco edifício banhado de luz que ocupava um quarteirão inteiro e parecia familiar a Arkady. Era um edifício de gótico estalinista sem os pormenores orientais de Stálin, um monumento funerário brilhante sem a estrela rubi se destacando no meio das suas luzes.

— O que é isto? Perguntou Arkady. — O que pode estar aberto a estas horas?

— É o túmulo, disse Kirwill. — O tribunal noturno está aberto agora.

Atravessaram portas de metal amarelo até um átrio cheio de pedintes com equimoses violáceas, casacos com os bolsos e Iapelas rebentadas, olhares receosos de cães espancados. Havia pedintes em Moscou, mas só se viam nas estações ferroviárias ou quando eram perseguidos por alguma rusga da Milícia. Todo o átrio lhes pertencia. O balcão das informações estava cheio de lixo. Uma das paredes do átrio se encontrava coberta de papeis com as horas dos julgamentos; do outro lado havia uma fila de telefones de alumínio. Enormes luminárias de teto estavam penduradas muito lá no alto. Dois homens de certa idade, de sobretudos coçados e transportando pastas, olharam para Arkady.

— Advogados, explicou Kirwill. — Pensam que você talvez seja um cliente. Deviam conhecer melhor os seus clientes. Só os conhecem depois de eles atravessarem aquelas portas.

— Deviam se encontrar com os clientes nos seus escritórios.

— O escritório deles é aqui.

Kirwill levou-o através da multidão e através duma porta dupla de metal amarelado até uma sala que Arkady entendeu ser a dum tribunal;

como um tribunal ainda podia estar reunido? Era perto de meia-noite. Um único juiz ocupava uma cadeira alta, de costas para um painel de madeira onde estavam gravadas as palavras **IN GOD WE TRUST** (Confiamos em Deus) e uma bandeira americana coberta de plástico. Um estenógrafo e um escrivão estavam sentados mais abaixo e, a uma mesa, um homem remexia em pilhas de processos. Advogados vagueavam entre a mesa dos papéis e o juiz ou o banco lateral onde os réus esperavam. Estes eram de ambos os sexos, de todas as idades e na maioria pretos; todos os advogados eram novos, brancos e de sexo masculino. Um cordão de veludo separava a parte forense de uma primeira fila de homens de casacos de couro e jeans. Ostentavam distintivos da polícia nos cintos e uma expressão de extremo aborrecimento, alguns de olhos revirados, outros de olhos fechados. As famílias dos réus estavam sentadas nas filas de trás, entre os mendigos que tinham vindo para ali dormitar.

Naquele local ficava o sono da cidade; começava e se espalhava a partir daquela sala; uma fadiga que superava todas as afrontas, que vencia mesmo a desfaçatez do cinismo. Juiz, réu, amigos, todos os rostos eram indolentes. Uma jovem mulher cor de café, com um bebê com roupa de neve, estava calmamente sentada ao lado de Arkady. Os olhos do bebê refletiam os quadros brilhantes das luzes do teto. Os estores das janelas estavam corridos. De vez em quando um guarda se mexia para expulsar alguém que ressonava; de resto o tribunal se mantinha quase em silêncio porque, quando um réu e o agente que efetuara a prisão eram chamados a depor perante a mesa, os advogados falavam ao juiz em voz baixa. Depois o juiz estabelecia a pena. Às vezes a pena era de mil dólares, outras de dez mil. O juiz escutava, sempre sem levantar os olhos, a cabeça rodando de um advogado para o outro. Estão regateando, compreendeu Arkady. Cada caso levava de um a cinco minutos para ser decidido. Em Moscou, ele vira casos de embriaguez serem resolvidos com a mesma velocidade, mas aqui se tratava de crimes de roubo e assalto. Quando o réu seguinte era chamado, o anterior sorria maliciosamente por cima da teia de veludo, saindo à frente do homem que o prendera.

— O que é “fiança”? Perguntou Arkady.

— É aquilo que se paga para sair da cadeia, respondeu KirwiII. — Pode considerá-la como um penhor, ou um empréstimo, ou um imposto.

— A justiça é isso?

— Não, mas é a lei. Eles ainda não trouxeram o Rats... Ainda bem.

Alguns detetives foram até ao fundo da sala para cumprimentar respeitosamente Kirwill. Eram homens grandes e por barbear, com os músculos e gordura apertados em camisas quadriculadas e cintos com a insígnia de detetives, nada semelhantes aos esguios agentes do FBI. Um deles apontou para o réu seguinte encolhido diante do juiz e disse:

— O sacana atacou uma senhora no Parque Battery, por isso a Divisão de Roubos prendeu-o. Depois admitiram que ela tivesse sido estuprada, por isso passaram o caso às jovens da Divisão de Estupros; depois pensaram que ela ia morrer, por isso entregaram-no a nós, os de Homicídios. Mas ela não morreu nem foi estuprada e devolveram-no a Roubos. Simplesmente o turno deles acabou e a papelada está espalhada por todo o lado e, se não aparecer aqui dentro de um minuto, o delinquente sai.

— Um psicopata, disse o segundo detetive. — Já era criminoso quando criança, tocou fogo na mãe. Precisamos proteger todos os que lhe façam recordar a mãe.

— Porquê? Perguntou o primeiro detetive.

— E por que raio ou merda de razão? Arkady encolheu os ombros, não sabia.

Kirwill encolheu também os ombros, aceitando a homenagem dos outros detetives; ele era a sua inteligência, os seus ombros largos, o azul-deslavado dos olhos devido ao álcool. Por razão nenhuma concluiu ele não há razão nenhuma. Kirwill levou Arkady para fora do tribunal e de novo até o átrio. Arkady perguntou:

— Onde vamos nós agora?

— Tirar o Rats da cadeia. Tem alguma coisa melhor a fazer?

Kirwill tocou a campainha duma porta de aço. Dois olhos espreitaram por uma abertura e a porta se abriu para as celas de Manhattan. Eram aqui as celas de detenção do tribunal. Vistas dum certo

ângulo, as grades verdes pareciam mais sólidas. De frente davam para celas de azulejos amarelos onde uma dúzia de homens esperavam a sua vez de comparecer perante o tribunal com a docilidade duma máquina, movendo apenas os olhos quando Arkady e Kirwill passaram. Kirwill parou junto duma cela ocupada por um homem branco vestido duma maneira bizarra, com luvas de lã nas mãos, botas enlameados, um sobretudo com muitos bolsos e um boné grosseiro sobre uma cabeleira emaranhada. O seu rosto tinha o colorido do alcoólico e a sujeira própria da vadiagem; tentava dominar a tremura da perna esquerda. Fora da cela se encontrava um detetive de bigode e um rapaz de cara magra, de terno completo e gravata.

— Pronto para ir para casa, Rats? Perguntou Kirwill ao homem da cela.

— Não vai levar o senhor Ratke para nenhuma parte, tenente, disse o homem da gravata.

— Este é o ajudante do delegado público distrital, vai crescer e virá a ser um advogado de defesa muito bem pago, explicou Kirwill a Arkady. — E aquele é um detetive muito tímido. Com efeito, o detetive parecia querer se esconder atrás do seu bigode.

— O senhor Ratke vai ser ouvido daqui a alguns minutos disse o ajudante do delegado.

— Por embriaguez e desordem? Kirwill sorriu. — Ele é um bêbado.

— Gostaríamos que o senhor Ratke nos desse algumas informações. O ajudante do delegado tinha a coragem nervosa de um cão pequeno; — Gostaria de chamar a atenção do tenente para o fato de que há pouco tempo houve um grande roubo na Hudson Bay Company, cujos autores são ainda desconhecidos. Temos motivos para pensar que o senhor Ratke tentou vender mercadorias provenientes desse roubo.

— Onde estão as provas? Perguntou Kirwill.

— É nã roubê! Gritou Rats.

— Seja como for, ele é acusado de embriaguez e desordem disse o ajudante do delegado. Tenente Kirwill, eu tenho ouvido falar de si e não o receio.

— Você acusou-o de embriaguez e desordem? Kirwill leu o nome no distintivo do detetive. — Casey, não é? Não conheci o seu pai? Havia

um detetive com esse nome.

— Rats já estava dentro, e eles precisavam de alguém que justificasse a detenção... Casey não enfrentava o olhar de Kirwill.

— Eu compreendia se fosse um homem uniformizado que o fizesse, mas você? Perguntou Kirwill. — Problemas de dinheiro? Precisava de horas extraordinárias? De que se trata, pensão de alimentos?

— O detetive Casey está me fazendo um favor, disse o ajudante do delegado.

— Em atenção ao seu pai, eu lhe empresto o dinheiro, disse Kirwill. — Tudo para evitar que um bom rapaz irlandês ande lambendo botas. Detestaria que este gênero de história se espalhasse.

— Tenente Kirwill, não vale a pena complicar a questão, disse o ajudante do delegado. — O detetive concordou em ser o agente responsável. Não vejo qual é o seu interesse, mas nós vamos mesmo deter o senhor Ratke. Devíamos, neste momento, estar chegando no tribunal.

— Merda para isto! Casey fez um aceno com a mão e partiu.

— Aonde vai? Perguntou o ajudante do delegado.

— Já fui. O detetive nem olhou para trás.

— Espere! O ajudante do delegado correu no seu encalço e tentou se interpor entre Casey e a porta, mas o detetive não parou para discutir. O ajudante do delegado voltou para trás. — Você continua a perder, tenente. Mesmo que não consigamos acusá-lo, o senhor Ratke não está em estado de ir para casa sozinho, e não veio ninguém reclamá-lo.

— Eu reclamo-o.

— Porquê, tenente? Para que está fazendo tudo isto? Interrompe a ordem dos julgamentos, intimida um colega detetive, contraria o delegado distrital... Tudo por um bêbado. Se um oficial pode fazer isso, para que serve o tribunal?

Kirwill e Arkady tinham levado Rats até ao átrio quando ele começou a gritar com delirium tremens. Os mendigos no átrio se assustaram como sonâmbulos despertados. Kirwill tapou a boca de Rats com a mão e Arkady levou-o para fora. Rats era o primeiro americano que ele conhecia que cheirava francamente mal. Meteram-no no carro e, na Rua Mulberry, Kirwill entrou numa delicatessen e trouxe de lá meio

litro de uísque, meio de Porto e mais sacos de amendoins.

— É contra a lei comprar álcool numa delicatessen, disse Kirwill. — É por isso que cai tão bem! Rats esvaziou o Porto e adormeceu logo no banco de trás.

— Porquê? Perguntou Arkady.

— Porque tivemos todo este trabalho para ficarmos com um bêbado nos braços? Wesley e o FBI devem andar à minha procura, talvez até a KGB. Você vai se meter numa grande confusão. Por que razão?

— Porque não? Os amendoins salgavam a língua e o uísque se espalhava pelos membros de Arkady. Reparou que Kirwill estava extraordinariamente contente consigo próprio. Pela primeira vez, começou a achar alguma graça na situação.

— Quer dizer que não há qualquer razão? Perguntou ele.

— Não neste local, nem a esta hora. Deixe-me mostrar-lhe um pouco a cidade.

— E se eles nos descobrem antes de você me levar de volta?

— Renko, você não tem nada a perder, e sabe Deus que eu também não. Vamos levar Rats para casa. Arkady olhou para a figura sebenta que dormia no banco de trás. Assistira ao jantar de Osborne, fizera uma ideia da justiça americana e ainda não queria encarar Irina. Neve e caracteres chineses dourados oscilavam por cima da Rua do Canal. — O que eu não consegui compreender desde o princípio disse Kirwill, — Foi porque você se tomou policial.

— Quer dizer investigador.

— Policial.

— Seja o que for. Arkady teve a sensação de que a insistência significava um estranho cumprimento ou talvez mesmo uma desculpa. — Quando eu era jovem tive uma vez um caso, um desses casos que tanto podem ser crime ou suicídio. Parou surpreso, pois não tencionara dizer isso. Um investigador é treinado, por rotina, a responder àquela dúvida com base nos ensinamentos dos velhos investigadores que conhecera, no dever de detenção dos criminosos e vândalos e na defesa da Revolução. Naquela noite tinha demônios na cabeça. — Foi logo a seguir à guerra e havia grandes reputações em jogo, continuou Arkady. — Nunca vira tanta gente a contar a verdade. Como a vítima era uma

autêntica verdade, não havia maneira de reconstituí-la, e os investigadores tinham licença especial para lidar com a verdade. Passaram por lojas com nomes misteriosos como Joyeria, Knights of Columbus, Head Shop. — Não estou sendo claro, disse Arkady.

— Tente.

— Suponha que um artista de valor pede uma noite à mulher para sair do carro para afastar a neve do caminho e depois a atropela. Uma jovem, uma jovem comunista, que devia casar em breve, coloca a avó na cama, veda as janelas e abre o gás antes de sair à noite. Um camponês trabalhador, um respeitado agrônomo, mata uma namorada em Moscou. Estes são piores do que crimes; são coisas-que-não-deviam-acontecer. São a verdade. São a verdade acerca de uma nova espécie de russo: um homem que pode ter uma amante e um carro; uma jovem que precisa levar o marido para casa e viverem numa divisão com duas pessoas de idade; um camponês que sabe que nunca sairá duma aldeia a mil milhas do resto do mundo. Não colocamos isto nos relatórios mas devemos sabê-lo. É por isso que precisamos ter permissão especial para lidar com a verdade. Claro que depois jogamos com as estatísticas.

— Quer dizer, arranjam menos crimes? Perguntou Kirwill.

— Claro. Kirwill passou a garrafa e limpou a boca nas costas da mão. — E para quê? Perguntou ele. — Nós aqui até gostamos disso. A causa principal das mortes de jovens na América é o assassinato. Antes que um cadáver caia no chão já está transformado em estrela da televisão. Toda a gente tem a oportunidade de ser uma estrela. Temos guerras e, melhor do que guerras, psicopatas, estupradores, homossexuais, policiais, massacres com serras elétricas. Saia na rua e leve um tiro, fique em casa e veja televisão. Estamos falando duma forma de arte. Arkady, meu rapaz, maior do que Detroit, melhor do que sexo, arte nativa e indústria, tudo misturado, do que aquilo que o Renascimento foi para a Itália, do que os pauzinhos para os Chineses, do que Hamlet sem as tiradas lentas, são as perseguições em automóveis aqui. Tipos que são mesmo mortos e se perdem na confusão, duplos que ficam sem a vida. Como havemos de nos importar se podemos ver um crime lentamente, mais os efeitos especiais, com uma cerveja numa mão e um seio na outra? É melhor que policiais a sério. Todos os policiais a sério estão em Hollywood; nós, os restantes, somos fingidos. O Holland Tunnel levou-os por baixo do Hudson. Arkady devia se preocupar

porque agora Wesley já estaria pensando que ele fugira; no entanto, se sentia estranhamente excitado, como se estivesse falando uma língua que nunca aprendera.

— Os nossos crimes soviéticos são secretos, disse ele: — Somos atrasados em termos de publicidade. Até os nossos acidentes são secretos, oficialmente e não oficialmente. Os nossos criminosos só se gabam geralmente quando são apanhados. As nossas testemunhas mentem. As vezes penso que as nossas testemunhas têm mais medo dos inspetores do que os criminosos.

Do lado de Nova Jérsei do rio olhou para trás, para Manhattan. No fim de um milhão de luzes, duas torres brancas se destacavam na noite. Não se admiraria se visse duas luas por cima deles.

— Durante algum tempo pensei que queria ser astrônomo, mas depois achei que a astronomia era uma chateação. As estrelas só nos interessam porque estão muito longe. Sabe o que é que nos interessaria verdadeiramente? Um crime noutro planeta. Placas apontavam para a autoestrada de Nova Jérsei, Bulevar J. F. Kennedy, Bayonne. A garganta de Arkady estava seca e bebeu um grande gole. — Na Rússia não há assim tantas placas, sabe. Sorriu. — Se não se sabe onde leva a estrada é melhor não entrarmos nela.

— Nós aqui vivemos de placas. Consumimos mapas. Nunca sabemos onde estamos. O uísque acabara. Arkady pousou lentamente a garrafa vazia no pavimento do carro.

— Você teve uma babushka, disse ele de repente, como se Kirwill tivesse acabado de falar no assunto.

— Chamava-se Nina, disse Kirwill — Nunca se tornou americana até morrer. Só havia uma coisa americana de que ela gostava.

— O que era?

— John Garfield.

— Não conheço.

— Nada do seu gênero, muito mais proletário.

— Isso é um cumprimento?

— Foi um grande amoroso. Até morrer.

— Como era o seu irmão? Kirwill demorou um bocado antes de responder. Arkady gostava de ver como pedaços da estrada pareciam

saltar em direção aos faróis.

— Meigo. Uma virgem. Foi difícil para Jimmy ter os país que teve, ainda mais difícil vê-los mortos. Os padres se agarraram a ele, lhe enfiaram o Santo Graal na mão e um passaporte para o céu no cu. Eu costumava lhe destruir o oratório sempre que vinha para casa. Enfiava-lhe Mark Twain e Voltaire pela goela abaixo. Era o mesmo que atirar pedras em São Sebastião. Mas forçá-lo a ir para a Rússia, como se pode perdoar isso?

Bayonne era uma zona de refinarias de petróleo e colunas de cimento prateadas e brilhantemente iluminadas, um acampamento lunar.

— Costumávamos ir pescar no Allagash, lá no Maine, Jimmy e eu. É uma região de madeireiros, há só uma estrada para entrar e sair. Boa pesca, lúcios, percas, trutas. Alguma vez pescou numa canoa? Nós até íamos lá no inverno. Levava o velho Packard do Grande Jim e colocava pneus maiores do que os habituais. Naquele carro flutuávamos sobre a neve. Já ouviu falar de pesca no gelo? Faz-se um buraco no gelo e se colocam umas linhas. Também se faz na Sibéria. É preciso é se beber bastante para nos mantermos quentes. Bloqueados pela neve? Não havia problema. A cabana tinha comida enlatada, lareira, fogão de lenha e toda a lenha que quiséssemos cortar. Havia veados, alces, um guarda-florestal para cada mil milhas quadradas. Só madeireiros e canadenses franceses, e nós falávamos melhor inglês do que eles. Uma ponte levou-os através dum rio chamado Kill Van Kull. Por baixo, um navio-tanque avançava para o mar, a sua passagem traída apenas por um único farol vermelho que não piscava. — A ilha Staten, anunciou Kirwill. — Retornamos a Nova lorque.

— Não é Manhattan?

— Não, não é Manhattan. Tão perto e no entanto tão longe. Seguiram ao longo de fileiras de casas. Uma imagem de um santo parecia abençoar um gramado. — Jimmy conseguiria fazer sair aquelas pessoas, Arkady? Diga-me a verdade. Arkady recordou os cadáveres debaixo da neve no parque, ao lado uns dos outros, nem a um passo da fuga, e a cabana de madeira, os lençóis entre os compartimentos onde Jimmy Kirwill lia a Bíblia e Kostia montava em Valéria.

— Com certeza, mentiu ele. — Ele era suficientemente corajoso.

— Você é legal, disse Kirwill ao fim de um bocado. Outra ponte levou-os de regresso a Nova Jérsei sobre uma estreita faixa de água a que as placas chamavam Arthur Kill. Ao longo dela havia estaleiros, caminhos e as luzes de mais refinarias. Arkady perdera o sentido da orientação, mas como a Lua se mostrava à sua esquerda calculou que se dirigiam para o Sul. Haveria algum comunicado sobre ele em Nova Iorque? Andariam também à procura de Kirwill? Que pensaria Irina?

— Até onde vamos?

— Já estamos quase lá.

— O seu amigo Rats vive neste local? Não vejo casas.

— É uma zona de pântanos, explicou Kirwill, — Costumava haver garças aqui, águias-pescadoras, corujas coloridas. Há muitos anos atrás se apanhavam amêijoas. E rãs. À noite o piar dos pássaros quase que nos ensurdecia.

— Costumava vir para estes lados?

— Trazia um barco para aqui. Vim com um dos nossos anarquistas. Estava apaixonado pelos motores fora-da-borda. E também pelas ervas daninhas. Como é natural, passávamos a maior parte do nosso tempo vadiando. Para mim era um típico passeio russo. Estavam agora numa estrada de acesso a fábricas. A luz dos faróis, o pântano apresentava todas as tonalidades viscosas da paleta: verdes, amarelos, vermelhos.

— Está preocupado, estou vendo, observou Kirwill. — Não fique. Eu me encarrego de Osborne. “E depois, o que me acontecerá a mim e a Irina?”, foi o primeiro pensamento de Arkady. “Como é grotesco ser salvo por Osborne; até desejar que ele viva!”.

— Vire aqui. Rats se endireitou no banco traseiro, repentinamente desperto. Kirwill virou para uma faixa asfaltada que descia para o Kill.

— Há mais coisas em jogo além de você e Osborne, retorquiu Arkady.

— Refere-se ao FBI? Eles podem proteger Osborne em qualquer local, mas não em Nova lorque. Não, não me refiro ao bureau. A KGB? Eles também querem a cabeça dele.

— Pare! Disse Rats. Desceram do carro. Numa direção os pântanos se estendiam até às tênues luzes trêmulas de uma autoestrada; na outra desciam até aos estaleiros. Seguiram Rats por um caminho que cedia esponjosamente debaixo dos pés.

— Eu vou lhes mostrar. Rats olhou para trás. — Eu não sou ladrão.

Nos estaleiros as embarcações estavam assentadas em escoras de madeira. Cães de guarda latiam debaixo de um poste, se juntando a eles os cães de outro estaleiro onde a madeira se elevava em pirâmides embebidas em creosoto. No Kill uma barcaça do lixo fazia o seu percurso noturno. Em frente, na Ilha Staten, havia algumas luzes, uma janela, um tanque azul de armazenagem escondido nas árvores e, junto da água, o que pareciam ser casas, barcos, caminhões e caixotes em cima uns dos outros. Arkady alcançou a relativa segurança de tábuas pousadas na lama diante de Kirwill. Flocos de neve brilhavam nos arbustos. Rats saltou com energia para uma barraca com uma chaminé. Quando Arkady se aproximou, pisou pequenos ossos que surgiam como dentes no meio da lama. Rats abriu a porta da barraca, acendeu um candeeiro de petróleo e convidou-o a entrar. Arkady hesitou. Pela primeira vez desde que se encontrava na América não estava rodeado por luzes. Havia só a luz da autoestrada, um clarão distante por detrás da Ilha Staten, e por cima a escuridão familiar e o brilho pálido da neve. O vazio caiu sobre ele.

— Porque viemos aqui? Perguntou a KirwiII. O que quer de mim?

— Quero salvá-lo, disse Kirwill. — Ouça, o Barcelona está cheio de prostitutas; o FBI não consegue controlar as entradas e saídas. Amanhã à noite Billy e Rodney estarão no quarto e depois colocarão uma escada na sua janela. Você e a garota vistam qualquer coisa escura e batam no teto quando estiverem prontos. Eles os levarão pelo elevador de serviço até o porão. Operação simples, para cima e para fora, o Pelotão Vermelho já fez antes.

— O quê Vermelho?

— Pelotão Vermelho. Eles já lhe falaram de nós.

— Como sabe que eles me falaram no Pelotão Vermelho? Arkady esperou pela resposta, e depois deu-a. — Você tem um microfone no nosso quarto. É isso que fazem os seus detetives Billy e Rodney do outro lado da rua; o rádio que têm na janela é um receptor. Toda a gente tem um transmissor no quarto.

— Desculpe-me se sou estúpido, mas devo perguntar o que fazia no apartamento onde Osborne me levou. Porque a eletricidade de lá estava desligada? Diga-me se me engano, mas você instalou mais microfones

no apartamento, um em cada quarto? Ah, tenente, tem andado muito ocupado. Não se esqueceu do quarto, não é?

— Eles estão ferrando-o, Arkady. O bureau e a KGB em conjunto. Não há qualquer registro da sua entrada neste país, eu verifiquei. Nem neste país, nem no Barcelona, nem em parte nenhuma. O que eu estou fazendo é para protegê-lo.

— Mentiroso! Também quebrou a perna do seu irmão para protegê-lo. Sabe tudo a respeito de Osborne, Irina e de mim.

— Mas eu posso salvá-lo. Posso tirá-lo de lá e Wesley só descobrirá o eu desaparecimento de manhã. Terá um carro à sua espera a alguns quarteirões do hotel com dinheiro, nova identificação, mapas. Em nove horas podem estar no Maine. Ainda tenho a tal cabana. Enchi-a de provisões para si, e substituí o Packard por um jipe. Há lá espingardas e esquis. Se as coisas se complicarem, podem ir para o Canadá, não fica muito longe.

— É uma das suas brincadeiras loucas, porque você não pode nos ajudar.

— Posso. Não vê, desta maneira o Jimmy ganha. Conseguiu trazer dois russos aqui para fora. De outro modo, toda a sua vida e morte terão sido em vão. Assim sempre valeu a pena ter vivido.

— Não há razão para tal. Ele morreu.

— Porque estamos discutindo? Então! Deixe-me fazer isso por si. Somos amigos.

— Não, não somos. Leve-me para o hotel.

— Espere. Kirwill segurava o braço de Arkady.

— Vou embora. Arkady se libertou e se dirigiu ao automóvel.

— Você vai fazer o que lhe digo. Kirwill voltou a segurá-lo. Arkady lhe deu um soco. O canto da boca de Kirwill se rasgou e sangrou, como se fosse mais de surpresa do que devido à força do golpe. Kirwill continuou a segurar o outro braço de Arkady. — Não, você precisa... Arkady voltou a socá-lo e o sangue se espalhou nos lábios de Kirwill. Arkady estava à espera de uma exibição de destreza profissional da parte do tenente: as mãos poderosas que esmagavam costelas e atingia o coração, o pontapé que inutilizava um joelho, a fúria legendária. Mas ele aprendera qualquer coisa desde o Parque Gorki, e pensou que desta vez a disputa seria menos desequilibrada. Uma luta até à morte constituía uma grande atração e era aí que Kirwill, “Killwell”,

como lhe chamava o próprio irmão, podia dar uma grande ajuda; era aí que ele se excedia.

— Lute, pediu Arkady. — Foi assim que começamos, lembra?

— Não, disse Kirwill, continuando a segurá-lo.

— Lute. Derrubou Kirwill pondo-o de joelhos.

— Por favor, pediu Kirwill. Era uma figura nova e grotesca, Kirwill na lama implorando!

— Solte-me, gritou Arkady. Deixou tombar os braços. — Solte-me. Não vai haver nenhuma fuga para uma cabana de conto de fadas. Você sabe isso. Você sabe que podíamos nos encontrar durante dez anos mas que a KGB acabaria por nos encontrar e matar se não acharem as zibelinas. Eles nunca nos deixarão sem as zibelinas. Entregar-nos-ão a Osborne para consegui rem as zibelinas. Por isso não me conte a sua história, você não pode salvar ninguém.

— Olhe, disse Kirwill. Arkady olhou para a barraca. Rats continuava à espera, na porta, muito assustado para fugir. — Olhe lá dentro, disse Kirwill.

Arkady sentiu o peito se cobrir de transpirarão. O rosto estava gelado. A cada passo os pés se enterravam. Rats levantou o candeeiro. Arkady se inclinou para entrar pela porta baixa e afastou para um lado uma fita de apanhar moscas. As paredes e telhado da barraca eram tábuas e folhas de plástico revestidos de jornais e trapos. O chão estava coberto de tábuas soltas. Num lado se encontravam um tapete e cobertores. No meio um fogão barrigudo com uma panela de feijões congelados. Naquele antro sem janelas o cheiro de carne podre era insuportável.

— Eu não roubei. Rats recuou aterrorizado com Arkady. Comp'rende inglês? Eu ponho armadilhas. É isso q'sou, é isso q'faço.

Latas de gordura e sebo enchiam uma prateleira. Havia outra prateleira com medicamentos; digitalina, ampolas de nitrito de amilo, Contact, Scope.

— Ratos-almiscarados são boa comida, comida natural. O nome é que faz fugir as pessoas. Pele é de primeira. As pessoas são muito estúpidas; a maior parte dos casacos que usam são de rato-almiscarado.

Eu levo dez, vinte peles por semana à cidade. 'Tou bem governado, não preciso roubar nada, nem roubei.

Rats tropeçou no fogão e a panela de feijões caiu para cima de uma caixa de utensílios de metal, Ajax e esponjas. Remexeu em várias outras caixas, frascos de vaselina, café instantâneo e uma solução de ácido tânico feita com Red Rose Tea. Havia também botas e uma rede.

— Era meu, 'tava na minha armadilha. Nunca vi nada assim. Nã era vison, era diferente. Foi por isso que o levei p'ra cidade, p'ra descobrir o que era. Velhos sacos de plástico com marshmallows, pão e leite em pó. Roupas manchadas numa corda. Um macacão num gancho, um calendário do Citybank e mais tiras de papel de apanhar moscas. Depois uma corda de roupa com peles de rato-almiscarado, peles brilhantes abertas, com as cabeças e os pés ainda presos. — O homem no mercado disse que nem sequer era americana. Por isso talvez seja sua. Digo é que o apanhei, não roubei. 'Tava mesmo na água. Sou um homem feliz, nã preciso de complicações... Rats retirou o macacão do gancho. — S'é seu, é seu.

No gancho se via uma pele muito mais comprida e estreita do que as dos ratos-almiscarados, pele dum lustroso preto-azulado com o toque característico de “geada” nas extremidades, a causa abundante e arredondada, o couro esticado e meticulosamente curtido, mas urna pata tinha sido quase roída com o desespero do animal ao tentar fugir da armadilha. Uma zibelina.

— Eu levo-o até lá, disse Rats a Kirwill, que ficara à porta. — Vamos até lá assim que haja luz. Madrugada, só você e eu. Riu, os seus olhos iam de Arkady para Kirwill, pronto a metê-los na confidência. — Tenho um segredo. Onde arranjei essa pele? Há muito mais lá.

* * *

Wesley acionou o dispositivo de emergência, e o elevador ficou parado entre o quarto e o quinto andar do Barcelona. No elevador se encontravam Arkady, Wesley, George e Ray. Eram três da manhã.

— Nós lançamos um comunicado durante uma hora, disse Wesley. — O tenente Kirwill é completamente louco, atacar um motorista civil e lhe roubar o carro. Quem sabe o perigo que você correu? Depois me convenci que não tinha motivo para me preocupar; você nunca tentaria nada enquanto Miss Asanova se encontrasse em nossa posse. Enquanto tivermos ela, teremos você. Por isso, esperamos, e ei-lo aqui. Onde esteve? Libertou o dispositivo de emergência. — Prometo-lhe que o caso não terá importância.

George e Ray empurraram Arkady pelo corredor do quinto andar até que ele os sacudiu e depois olhou para trás, para Wesley, que estava à espera junto do elevador.

— Com jeito, disse Wesley. Arkady percorreu o resto do corredor sozinho.

AI estava à espera dentro do quarto. Arkady pô-lo para fora e encostou uma cadeira à porta. Irina olhava da cama, exausta e receosa. Ele nunca a vira tão assustada. Reparou na maneira como os lençóis se achavam colados à sua camisola de seda verde, a maneira como o seu cabelo comprido tombava sobre os ombros. Os braços estavam eroticamente nus, os olhos muito abertos. A ligeira mancha azulada da face não estava escondida. Ela não ousava falar; mal ousava respirar. “Um idiota não devia meter assim tanto medo”, pensou Arkady. Sentou-se na cama ao lado dela e tentou impedir que as mãos tremessem.

— Dormiu com Osborne em Moscou. Dormiu com ele aqui. Ele me mostrou a cama. Quero que me conte tudo. Tencionava me falar nisto alguma vez, ou não?

— Arkasha, disse ela tão baixo que ele mal a ouviu.

— Um homem não chega? Perguntou Arkady. — Ou Osborne faz por você alguma coisa que eu não faço? Alguma coisa especial, uma posição particular? Por trás, pela frente? Diga-me, por favor. Ou possui um magnetismo sexual a que não consegue resistir? Sente-se atraída por um homem que tem as mãos cobertas de sangue? Olha, as minhas mãos têm sangue também agora. Não o sangue dos seus amigos, apenas o sangue do meu amigo. Estendeu as mãos sujas de sangue para que ela as visse. — Não. Ele leu a reação dela. — Não basta, não é suficientemente

estimulante. Mas Osborne tentou matá-la; talvez seja essa a diferença. É isso! Porque uma mulher iria para a cama com um assassino se não quisesse ser machucada? Meteu os dedos nos cabelos dela, torceu-os e lhe levantou a cabeça. — Assim é melhor?

— Está me machucando, murmurou Irina.

— Não parece gostar. Largou-lhe o cabelo. — Então não é isso. Talvez seja o dinheiro que lhe excita; eu sei que excita muita gente. Osborne me mostrou o nosso novo apartamento. Que ricos que vamos ser num apartamento daqueles, tão cheio de presentes e roupas! Mas você merece, Irina. Pagou com a vida dos seus próprios amigos. Não admira que lhe cubram de presentes. Passou o dedo pelo decote da camisola. — Isto é um presente? Puxou pelo decote e rasgou a camisa ao meio, lhe descobrindo os seios. Por cima do seio esquerdo notou as palpitações motivadas pelo medo, o mesmo latejar que ele sentia quando faziam amor. Passou a mão ao leve pelo ventre dela: a almofada dele, a almofada de Osborne. — É uma prostituta, Irina.

— Eu disse que faria tudo para vir para cá.

— Agora eu também estou aqui e também sou um prostituído disse Arkady. Tocar-lhe tornou-o furioso e fraco ao mesmo tempo. Forçou-se a levantar e desviar o olhar; ao fazê-lo, como se o próprio movimento tivesse feito transbordar uma xícara cheia, sentiu as lágrimas lhe saltarem dos olhos e correrem pela face. “Ou a mato ou choro”, disse para consigo. Sal quente lhe entrou na boca.

— Eu disse que faria tudo para vir para cá, gemeu Irina nas suas costas. — Não quis acreditar em mim, mas eu disse. Não sabia da Valéria e dos outros. Tinha medo, mas não sabia. Quando podia lhe ter falado de Osborne? Depois de ter começado a amá-lo, quando estávamos no seu apartamento? Perdoe-me, Arkasha, por, depois de ter começado a amá-lo, não ter confessado que era uma prostituta.

— Dormiu com ele lá.

— Uma vez. Para que ele me fizesse sair. Você tinha aparecido pela primeira vez, e eu receei que fosse me prender. Arkady levantou a mão. Esta, porém, tombou como um peso morto.

— Dormiu com ele aqui.

— Uma vez. Para que o aceitasse comigo.

— Porquê? Ia ser livre, ter o seu apartamento, os seus vestidos... Para que me queria?

— Eles iam matá-lo na Rússia.

— Talvez, mas ainda não me tinham matado.

— Porque o amo.

— Devia ter me deixado ficar lá! Estava melhor lá.

— Não eu. Ele nunca pensara ter tantas lágrimas. Lembrava-se da faca de Unmann lhe saindo estômago, a única outra vez em que algo saíra dele com tanta força. A dor não era muito diferente. — Eu não estava melhor sabendo-o lá. Quando Irina se sentou a camisola rasgada caiu. “Eles estariam à escuta?”, pensou Arkady. Todos aqueles ouvidos em miniatura dentro da cama, do sofá, do armário do banheiro. O estore da janela tombava como uma pálpebra vulgar. Puxou-o para cima e apagou as luzes. — Se voltar para lá, volto consigo, disse Irina no escuro. As lágrimas dele eram fontes de raiva, quentes como o sangue. Cego, viu em espírito os Viskov na sua lanchonete perto da Estação Paveletsky, o velho com um prato de pasta de caviar e sorrindo com os seus dentes de aço.

— Matavam-na com certeza, disse ele.

— Faço o que você fizer. Ele caiu de joelhos junto da cama.

— Não precisava se vender por minha causa!

— Que mais tinha eu para vender? Perguntou Irina. — Não é o mesmo que me vender por um par de botas. Vendi-me para fugir, para viver. Não me envergonho, Arkasha. Envergonhar-me-ia se o não tivesse feito. Nunca direi que me envergonho do que fiz.

— Mas com Osborne...

— Vou falar nisso. Não me senti suja depois, como muitas jovens devem se sentir. Sentia-me, sim, queimada, como se me tivesse sido arrancada uma camada de pele.

Ela puxou a cabeça dele para os seus seios. O braço dele envolveu-a. As restante das roupas dela estavam pesadas e ensopadas e ele arrancou-as como uma má recordação. Pelo menos aquela cama era deles. Talvez não tivessem mais nada no mundo, mas por direito àquela cama lhes pertencia. Por qualquer razão se amavam ainda mais. Estavam exaustos, mortos, e agora de novo vivos naquela cama de prostitutas, naquela noite estranha. Arkady sentiu o sono profundo de Irina ao seu lado.

De manhã Rats levaria Kirwill até às zibelinas. “Estão no Arthur Kill”, dissera Kirwill no regresso.

— E lhe digo que faz muito mais sentido escondê-las aqui do que a mil milhas de distância. Primeiro, porque toda a gente é levada a crer sem hesitações que ele as guarda na região dos visons. Segundo, porque estando aqui fica debaixo de vista, não precisa contar com alguém para atender o telefone. Terceiro, porque, embora haja umas cem mil milhas quadradas à volta dos Grandes Lagos, há lá também muito mais criadores de visons. É uma gigantesca cooperativa de visons, sabia? As zibelinas precisam de carne fresca. As grandes cooperativas sabem que espécie de alimentação é enviada para qualquer parte das suas florestas. Mas Nova Iorque é a capital da carne fresca do universo; é impossível descobrir o que vai para qualquer lugar. E o lado ocidental da Ilha Staten é só florestas e pântanos, umas refinarias, algumas pessoas que se ocupam dos seus interesses e nenhuma polícia. A única coisa que, por acaso, pode se tomar séria é um buraco numa gaiola, uma zibelina que foge, alguém que a apanha e tenta vendê-la, um peleiro de Manhattan que chame a polícia, e eu, entre todos, que ouvi falar no assunto. A única coisa que pode falhar. O destino foi bom para si, Arkady. Veio ao seu encontro.

De tarde Billy e Rodney iriam ocupar o quarto de cima. Quando escurecesse, tudo o que Arkady e Irina tinham a fazer era subir uma escada que seria lançada fora da janela dele. Só precisavam escolher o momento em que não houvesse movimento na rua e bater no teto. Ninguém os veria dos edifícios fronteiros de escritórios vazios. Depois tomariam o elevador do sexto andar para o porão, sairiam pelos fundos e entrariam num carro que estaria à espera. No compartimento das luvas estariam chaves, dinheiro e mapas cuidadosamente marcados. Logo que estivessem a caminho, Kirwill contataria a KGB e proporia a Nicky e Rurik o mesmo negócio de Osborne: as zibelinas em troca de Irina e Arkady. Que fariam Rurik e Nicky? Os prisioneiros já teriam partido. Assim que o FBI descobrisse a fuga, as primeiras negociações ficariam sem efeito e Osborne faria as zibelinas desaparecerem novamente, ninguém sabe para onde. Ia sempre tudo dar nas zibelinas. A KGB negociaria rapidamente com Kirwill e correria para a Ilha Staten.

Arkady acendeu um cigarro, escondendo a chama do fósforo do rosto de Irina. Irina não sabia. Como podia ele descrever planos de fuga quando estavam rodeados de microfones? Além disso, ela vivia na expectativa do negócio de Osborne, que era como a luz do sol vista de um poço escuro. Não havia motivo para assustá-la até o novo plano começar a ser executado; nessa altura bastava fazer sinal para segui-lo. Antes que ela desse por isso estariam no carro. Tudo dependia dum bêbado. Talvez Rats tivesse descoberto a pele de zibelina e inventado a história toda. Ou talvez tivesse tido outro ataque de delirium tremens e não conseguisse levar Kirwill até às peles. Osborne devia saber que uma zibelina tinha fugido; já teria transferido as outras? Então Irina e ele talvez não conseguissem fugir. Talvez que o FBI vigiasse permanentemente as janelas do quarto deles. Arkady nunca dirigira um carro americano; como é que funcionava? Podiam se perder. Os mapas, pelo menos na União Soviética, eram deliberadamente incorretos. Talvez ele e Irina fossem tão russos que toda a gente os reconhecesse logo como fugitivos. Além disso, era um homem ignorante num país estrangeiro. Pelo menos, não tinha de acreditar em Osborne. Tal como dissera Irina, se acredita naquilo em que se precisa acreditar. Ele não era de fingimentos; tudo o que pretendia de Osborne era a América.

Um investigador exigia mais de um assassino, uma ascensão a um ponto de vista mais negro, a um panorama multifacetado, ao contato com a alma do diabo. Aquilo que Arkady pedia, Osborne podia dar. No teto, a fumaça se espalhava como o pensamento numa nuvem. Russo/investigador/assassino/americano. Ninguém conhecia Osborne tão bem como ele, nem sequer Irina ou Kirwill. Arkady sabia que Osborne gastara uma fortuna para trazer as suas zibelinas secretamente da União Soviética. Nunca as devolveria. Seria um herói americano se ficasse com elas. O único crime de Osborne era o Parque Gorki, e a única pessoa que o podia ligar a isso era Irina. Tentara matá-la em Moscou. Nada mudara, exceto que agora tinha também de matar Arkady. Osborne enviaria Nicky e Rurik na direção errada, e mataria Arkady e Irina mal saíssem da proteção do FBI. Era uma coisa de que Arkady tinha certeza. Mas Osborne teria um dia de atraso. No seu sono, Irina encostou o rosto ao peito dele. “Como se me estivesse a insuflar

vida", pensou Arkady. Apagou o cigarro. Ao adormecer, imaginou como seria a cabana de Kirwill. Haveria tundra no Maine? Teriam de arranjar casacos e chá, todo o chá que pudessem comprar. E cigarros. Que queria Kirwill dizer com "corno a Sibéria com latas de cerveja"? Não interessava; Arkady deu consigo a sorrir. Não gostava muito de caçar, mas adorava pescar e nunca andara de canoa. Que mais fariam eles? Havia de pedir a Irina para lhe contar a sua vida desde o princípio, sem se esquecer de nada. Quando ela se cansasse, falaria de si próprio. A vida deles daria dois romances. Não fazia ideia quanto tempo teriam de ficar lá. Osborne haveria de querer encontrá-los, mas havia de andar ocupado se escondendo de Kirwill, eles podiam esperar. Precisariam conseguir livros. Autores americanos. Se tivesse um gerador poderiam ter luzes, rádio, um toca-discos. Sementes para o jardim: beterrabas, batatas, rabanetes. Ele podia ouvir música enquanto jardinava; Prokofiev, blues de Nova Orleans. No tempo quente poderiam nadar e em agosto devia haver cogumelos.

Sonhou que estava na margem do Rio Kliazma ao anoitecer. Ao longe, lanternas chinesas conduziam, ao longo de uma grande escadaria, a um ancoradouro e cercas de madeira colorida com peônias. Uma jangada feita de latas de óleo cor de laranja convidava os nadadores. Toda a gente tinha abandonado o ancoradouro e subido para a margem, convidados, músicos, ajudantes-de-campo. O pai dele e alguns dos seus amigos estavam num barco a remos que andava às voltas no meio do rio. O pai dele pegou numa faca e mergulhou na água. Embora a água fosse dum preto opaco, Arkady via muito bem a sua mãe, porque ela vestia o seu melhor vestido branco. Ela parecia suspensa no seu próprio mergulho, os pés com meias pouco abaixo da superfície da água, o corpo perpendicular, um braço na direção do fundo do rio. Quando a trouxeram para terra, ele viu que o seu pulso apresentava cortes devido aos esforços do pai; ele acabara por desistir e deixara ficar a corda que estava atada ao pulso. Era a primeira vez que Arkady vira uma pessoa morta. A mãe era nova, o pai também, embora já fosse um general famoso.

Dolorosamente, como acontece sempre nestes sonhos, analisou o crime. Ao princípio julgou que o pai a matara. Ela dançara e rira, mais

alegre do que há muitas semanas, um pouco tonta quando se afastara sozinha. Mas era forte e a melhor nadadora de todo o grupo, quase uma sereia. Não havia sinais de ela ter sido forçada a ficar dentro da água; o barco não fora usado, não havia contusões. Pouco a pouco começou a compreender que o metro de corda, com um ominoso nó corredio na outra extremidade, só podiam ter sido colocados no fundo do rio por ela. Cada dia de verão ela acrescentava mais outra pedra, tornando o seu peso mais eficaz. Quando chegara a altura, no meio das diversões noturnas, se afastara de olhos brilhantes, entrara no rio, nadara até à sua corda e mergulhara.

* * *

# Vinte e Quatro

QUANDO Arkady acordou, a neve batia horizontalmente nas janelas e parecia que o quarto girava. Wesley, George e Ray estavam junto da cama. Vestiam grossos sobretudos. A cadeira que ele encostara à porta estava caída no chão. Ray transportava uma mala e George empunhava uma arma. Irina acordou e puxou o lençol para se cobrir.

— O que querem? Perguntou Arkady.

— Vistam-se, disse Wesley. — Vamo-nos embora.

— Para onde?

— Hoje é que é o dia, respondeu Wesley.

— A transação de Osborne devia se realizar amanhã, protestou Arkady.

— Houve uma alteração. É agora.

— Mas só devia ser amanhã, repetiu Arkady.

— Foi mudada.

— Arkasha, que importância é que isso tem? Irina se sentou agarrada ao lençol. — Podemos ficar livres hoje.

— Já estão livres agora. Façam o que lhes digo, disse Wesley.

— Vai nos levar a Osborne? Perguntou Arkady.

— Não é isso que quer?

— Saiam da cama, ordenou George.

— Deixem-nos sozinhos para nos vestirmos, disse Arkady.

— Não, retorquiu Wesley; — Precisamos nos certificar de que não escondem nada.

— Ela não sai da cama com vocês aqui, disse Arkady.

— Mato-o se ela não sair. George apontou a arma para Arkady.

— Não faz mal. Irina segurou na mão de Arkady quando ele começou a se mover.

— É uma medida de precaução, disse Wesley.

— Tenho aqui o seu novo vestuário. Ray abriu a mala aos pés da

cama. Havia um conjunto completo para cada um deles.

— Qual é o tamanho dos tomates dum agente da KGB? Perguntou George a Arkady. Irina saiu da cama nua sem desfitar Arkady. Passou diante da janela e, lentamente, deu uma volta completa, com os braços afastados do corpo.

— Eu não sou da KGB, disse Arkady.

— Acho que as medidas devem ser certas, disse Ray a Irina.

— Camarada Renko. Wesley fez sinal a Arkady para sair da cama. Arkady se pôs de pé, com os olhos postos em Irina. Toda a gordura que ele pudesse ter tido fora lhe arrancada pelos médicos; a vida do campo com Pribluda lhe acrescentara só músculos. George apontou um revólver de cano curto para o meio da cicatriz que começava nas costelas de Arkady e desaparecia nos pelos púbicos.

— Vai me matar agora e acabar com tudo? Perguntou Arkady.

— Isto só serve para nos descansar a respeito do que tiver escondido nas suas roupas ou sapatos, disse Wesley. — Toma as coisas mais fáceis para toda a gente. Irina se vestiu, sem prestar atenção nos americanos, como se ela e Arkady estivessem sós. — Eu também estou nervoso, declarou Wesley a Arkady. Havia na mala roupa interior, uma blusa, calças, meias, sapatos e impermeável para Irina; cuecas, camisa, calças, camiseta, meias, sapatos e impermeável para Arkady.

— A nossa primeira neve na América, observou Irina. Era tudo de tamanho certo, como dissera Ray. Quando Arkady estendeu a mão para o relógio, Wesley lhe deu um novo.

— São exatamente seis e quarenta e cinco. Wesley prendeu-o no pulso de Arkady. — São horas de partirmos.

— Gostaria de me pentear, disse Irina.

— Faça favor. Ray lhe estendeu o seu pente.

— Onde vamos? Perguntou Arkady.

— Daqui a pouco já estaremos lá e verá, respondeu Wesley. “Kirwill já teria descoberto as zibelinas?”, pensou Arkady. Como poderia ele encontrar alguma coisa na neve?

— Gostaria de deixar um recado para o tenente Kirwill, disse ele.

— Ótimo. Dê para mim, se ofereceu Wesley.

— Quero dizer, lhe telefonar e falar com ele.

— Isso complicava um pouco as coisas, especialmente depois da noite passada. Você não quer complicar as coisas, não é?

— O que isso importa, Arkasha? Perguntou Irina. — Estamos livres.

— A senhora tem toda a razão, disse George e guardou a arma para prová-lo. Ray ajudou Arkady a vestir o impermeável.

— Não há luvas, apalpou os bolsos. — Esqueceram-se das luvas. Os agentes ficaram uns instantes embaraçados.

— Podem comprar luvas depois, disse Wesley.

— Depois do quê? Perguntou Arkady.

— São mesmo horas de partirmos, disse Wesley.

Os flocos pequenos e duros da noite anterior estavam agora macios e húmidos. Em Moscou haveria quantidades de velhotas varrendo a neve. Arkady e Irina foram colocados com George no banco traseiro de um carro de duas portas. Wesley ia na frente ao lado de Ray, que conduzia. A tempestade ocasionava uma grande confusão: limpa-neves diante de um desfile de faróis, policiais acenando com bastões cor de laranja, postes transformados em silhuetas difusas. O trânsito diminuiu com um laborioso ranger de pneus; os peões caminhavam curvados. Dentro do carro as janelas ficaram embaciadas: os casacos grossos enchiam-no muito. Arkady teria de passar por cima de Wesley para chegar a uma porta; George, com a sua arma, estava do outro lado de Irina.

— Cigarros? Wesley abriu um maço e ofereceu-os a Arkady. Havia um colorido de excitação no seu rosto.

— Julguei que não fumava, observou Arkady.

— E não fumo. São para si, retorquiu Wesley.

— Não, obrigado.

— É um desperdício se não os quer. Wesley parecia desconsolado. George se apoderou dos cigarros com irritarão. Seguiram pela West Side por baixo de uma autoestrada elevada que os abrigava parcialmente da neve. Surgiram subitamente navios entre as docas.

— Onde foi ontem à noite com Kirwill? Perguntou Wesley.

— É por isso que fazemos isto hoje em vez de amanhã? Perguntou Arkady por sua vez.

— Kirwill é um homem tão perigoso que me admira que você ainda esteja vivo, disse Wesley, que repetiu para Irina: — Estou

admirado por ele ainda estar vivo. Irina segurou a mão de Arkady.

De vez em quando a neve caía da autoestrada que passava por cima, e ela se inclinava contra ele como se estivessem andado de trenó. Dentro do impermeável novo de Arkady, a camisa era rígida como os sapatos que se põem aos defuntos. “Cigarros eram o que os carrascos costumavam oferecer”, pensou ele; tinham se esquecido das luvas. “Deveria prevenir Irina?”, pensou ele. Lembrou-se de ela lhe falar do pai de Kostia, o sacana que caçava fugitivos na Sibéria; de contar como aquele caçador de homens se fazia passar por um caçador vulgar, como estabelecia amizade com um fugitivo, partilhando com ele uma refeição quente e uma garrafa de vodca, e enquanto o fugitivo dormitava com a cabeça cheia de sonhos lhe cortava humanamente o pescoço. Irina, Arkady se recordava, aprovara. Era melhor morrer com a ilusão da liberdade, achava ela, do que sem coisa nenhuma. Que haveria de mais cruel do que ainda lhe tirar isso? E se ele se enganasse? E se Osborne fosse mesmo trocar as suas zibelinas por Irina e Arkady? Durante um momento conseguiu se iludir a si mesmo! “Os tiros seriam com Osborne”, pensou. Isso seria limpo e honesto, e os agentes eram tipos limpos e honestos. Arkady e Irina seriam transgressores? Agentes inimigos? Não importava. Osborne era um perito naquele gênero de trabalho. Em comparação, Wesley era um iniciante.

A autoestrada elevada desapareceu por trás deles, o céu se abriu, derramando uma neve leitosa, e Irina apertou mais a mão de Arkady com a excitação. Ela era tão bela que ele se sentiu tolamente orgulhoso. Talvez acontecesse alguma coisa; talvez a viagem de automóvel durasse sempre. Depois se lembrou do transmissor de Kirwill no quarto do hotel. Talvez Billy e Rodney tivessem ouvido tudo e estivessem num carro atrás deles. Ocorreu-lhe que Kirwill e Rats tinham planejado atravessar o Kill numa pequena embarcação. Não poderiam tê-lo feito com aquele tempo. Se Kirwill tivesse desistido, talvez estivesse com Billy e Rodney.

— Porque está sorrindo? Perguntou Irina.
— Descobri que tenho uma doença incurável, respondeu Arkady.
— Isso é interessante, observou Wesley.
— Qual é?

— Esperança.
— Era o que eu pensava, retorquiu Wesley.

O carro parou, e Ray comprou um bilhete numa bilheteira diante dum edifício verde que dizia **DEPARTAMENTO DA MARINHA E AVIAÇÃO.** Arkady olhou atrás do edifício para a água escura do porto. Tinham chegado ao fim de Manhattan. De um lado ficava uma velha estação fluvial com as suas graciosas colunas de ferro fundido delineados pela neve. Atrás deles parou um carro dirigido por uma mulher, que pôs um jornal diante do rosto; com a outra mão segurava uma xícara de café e um cigarro.

— O que você fará se eles pararem os ferry-boats? Perguntou Arkady.
— Se houver um temporal, terão problemas com as pontes de desembarque.
— A neve nunca faz parar o barco, disse Wesley. Estamos dentro do nosso horário.

Mais cedo e mais depressa do que Arkady esperara, um barco atracou junto do edifício. Abriram-se as portas e apparatchiks e operários surgiram segurando guarda-chuvas e pastas, tentando abrir caminho através da neve enquanto evitavam os automóveis que saíam do barco. Depois entraram os carros que estavam à espera. O de Wesley em foi o primeiro no meio de três filas, seguindo em frente até à proa. Os peões subiram por pranchas suspensas. O barco ainda estava forçando o encosto e o movimento produzido pelas máquinas batia na escadaria da ponte. O barco se encheu rapidamente. A maior parte dos motoristas subiram as escadas que levavam ao andar do salão. Ao soarem duas badaladas, um tripulante de jaquetão puxou uma barra e deixou-a cair para trás para desligar o leme dum extremo e ligar o outro. A máquina que estava trabalhando parou e a do extremo oposto se pôs em marcha. O barco se afastou da ponte e começou a navegar. Arkady calculou que a visibilidade fosse de um quilômetro. O barco avançou para um véu de calmaria que abafava o ruído das próprias máquinas. Estavam rodeados de neve que parecia se misturar com a água. O barco devia ter radar, não havia perigo de colisão. Uma ondulação proveniente

da esteira de outro barco enrugou a água; o ferry apenas arfou ao passar por ela. Onde estaria Kirwill? Arkady se recordava dele correndo sobre o Rio Moscova gelado. Ray abriu a janela e respirou fundo.

— Ostras, disse ele.

— O quê? Perguntou George.

— O cheiro me faz lembrar ostras.

— Está com fome ou excitado? Perguntou George, dando um olhar a Irina.

— Eu sei como estou.

O interior do barco era pintado de uma cor de laranja brilhante. Entre as filas de carros havia uma âncora preta, uma espia, sal grosso para o gelo e tubos; por cima caixas de cintos de salvação e junto das escadas barcos salva-vidas. Em letras vermelhas se lia:

**AVISO AOS AUTOMOBILISTAS:**
**DESLIGUEM OS MOTORES, FREIEM OS CARROS, APAGUEM OS FARÓIS, NÃO BUZINEM, NÃO FUMEM**
**REGULAMENTOS DA GUARDA COSTEIRA**

Tudo o que havia para impedir alguém de cair na água pela frente do barco era um cabo frouxo. Havia na borda uma porta articulada que podia ser aberta por uma criança.

— Importa-se que saiamos? Perguntou Arkady a Wesley.

— Para que querem ir para o frio?

— Por causa da vista. A testa de Wesley, lisa como um seixo, se franziu de um lado.

— É urna vista maravilhosa. Gosto desta vista, especialmente em dias como este, quando mal se vê alguma coisa. Dá personalidade ao panorama. Mas sou fatalista. Certas pessoas não foram destinadas a ver dias com sol. E sou também pessimista. Sabe que o convés deste barco é um dos locais favoritos de suicídios em toda a Nova lorque? Pois é verdade. Ora, vocês podiam escorregar acidentalmente por baixo do resguardo. Está vendo como o convés está molhado? Podiam ser sugados pela hélice ou gelar na água. Bom, enquanto for eu comandando, a segurança em primeiro lugar.

— Então vou fumar, disse Arkady.

Era uma neve russa, espessa como algodão. Em dado momento a tempestade parecia localizada, como um anel à volta do barco; no momento seguinte se dispersava em rajadas que giravam sobre a água escura. O cabo de resguardo da proa estava revestido de salpicos gelados.

Valéria, o bandido Kostia e James Kirwill não sabiam o que os esperava no Parque Gorki. Pelo menos patinaram inocentemente para a morte. Se ele dissesse a Irina, o que podiam os dois fazer? Dominar três agentes armados? Provocar uma desordem? Quem prestaria atenção em dois passageiros entre outros cinco num carro, sob uma tempestade de neve no meio do porto de Nova lorque? Irina acreditaria se ele lhe contasse? Por acaso Valéria, Kostia e James Kirwill teriam acreditado nele enquanto patinavam? A tempestade se deslocou para leste. Perto deles viu um colosso num pedestal de pedra, uma tocha erguida na mão, uma coroa de raios na cabeça. Depois a cerração aumentou e ele desapareceu.

— Viu? Perguntou Irina.

— Durante um instante, respondeu Arkady.

— Não saiam daqui. Wesley desceu do carro e sumiu pelas escadas acima.

A superfície da baía tinha o movimento profundo duma respiração pesada. Vagões ferroviários cruzaram com eles numa barcaça puxada por um rebocador; gaivotas se elevaram do lixo flutuante. Arkady reparou que Ray olhava fixamente para o espelho retrovisor. Estava olhando para alguém. Ao que parecia, alguém os seguira. Arkady beijou a face de Irina e olhou para a fila de carros que estavam atrás deles. Ao fundo se viam duas figuras. Uma rajada ocultou-as, e quando Arkady voltou a olhar tinham desaparecido. Uma delas era Wesley e a outra o agente ruivo da KGB chamado Rurik. A neve caía, a água negra deslizava, e uma boia vermelha parecia dançar, repicando o seu sino. Uma pequena cidade na colina de uma ilha emergiu da tempestade quando Wesley regressou.

— Chegamos, disse a Irina quando entrou no carro.

— Onde estamos? Perguntou ela.

— O nome desta cidade é Saint George.

— É a Staten Island, disse Arkady.

— Bem, sim, é, retorquiu Wesley. — Mas faz parte da cidade de Nova lorque, digam as pessoas o que quiserem.

Arkady percebeu que para Irina as docas miseráveis e os telhados cobertos de neve podiam parecer uma ilha tropical de palmeiras e orquídeas. Ou nuvens pousadas no mar. Para ele estavam perto do fim de uma maravilhosa viagem. A água borbotou à frente deles na rampa e os tripulantes engataram as pranchas na proa. Quando o cabo tombou, os resguardos se abriram e os carros saíram. Saint George era quase uma aldeia russa. As ruas estavam profundamente submersas na neve e o trânsito era quase nulo. Os automóveis eram velhos e enferrujados, as pessoas usavam capuzes e botas. As casas eram pequenas com verdadeiras chaminés e verdadeira fumaça. Havia uma estátua com dragonas de neve. Mas as lojas tinham carne fresca, frangos e peixe. Uma avenida com grandes sulcos levava para fora da cidade, a novos subúrbios, casas pré-fabricadas separadas umas das outras por vedações de rede. Uma igreja parecia uma nave espacial se elevando do solo; um banco se assemelhava a uma bomba de gasolina.

Chegaram à autoestrada onde Arkady estivera na noite anterior. Havia muito pouco trânsito. Três carros atrás deles. Arkady distinguiu Nicky e Rurik. Não viu os detetives de Kirwill. Mal sincronizados, os limpadores de para-brisa batiam nos flocos. Estaria caindo neve ou o carro se levantando? Arkady sentia o forro frio dos bancos, todas as rotações das rodas, o resíduo do uísque no estômago, a transpirarão debaixo dos braços, a transpiração nas palmas das mãos de George, o sangue escuro circulando em todos os homens do carro, e a respiração de todos movendo a espessa fumaça acumulada.

Ray saiu da estrada antes da ponte sobre o Arthur Kill. Seguia-os um único carro. Avançaram sobre uma estrada estreita que seguia ao longo do Kill, entre reservatórios de gás e cabos de alta tensão, e depois através de pântanos de juncos prateados. Arkady sentiu a sua vida simplificando, as suas metades se fechando. Elementos estranhos como

Billy e Rodney tinham deixado de existir. As placas ao longo da estrada estavam escritas numa língua misteriosa, mas o caminho que seguiam era inevitável. Arkady compreendeu. Osborne matá-los-ia, a ele e a Irina, enquanto a KGB era afastada um milhar de milhas das zibelinas. No entanto, Nicky e Rurik estavam sendo levados até elas. Melhor do que compreender, Arkady viu. Os informantes duplos eram, tanto uns como os outros, dispensáveis. O pior era um homem fazer demasiado favores a ambos os lados e pedir demasiado em troca. Que hipóteses restavam a Wesley? Osborne recusaria se esconder; o FBI teria de proteger não só a ele como a uma indústria cada vez maior de zibelinas. Ao entender finalmente a situação, Arkady reparou na simetria das coisas. Como dois olhos e duas mãos, havia sem dúvida um equilíbrio de dois enérgicos exércitos com intenções iguais. Osborne matá-los-ia, a ele e Irina, e depois Wesley-Ray-Nicky-Rurik matariam Osborne.

Passaram por uma propriedade, onde se viam cavalos pretos na neve observando-os passar. Os dedos de Irina estavam entrelaçados nos dele. Embora tivesse passado com força o nó corrediço à volta do pulso, a mão da mãe estava aberta, como se quisesse agarrar a água. Caminhões enferrujavam, deixando cair as suas crostas alaranjadas junto dum celeiro. Sendo o mais horrível dos assassinos, Osborne era apenas um indivíduo imprevisível, mas no fim de contas vulnerável. As regras, tal como a neve, reduziam o mundo ao essencial. Ali, num campo, estava uma peça de maquinaria agrícola, uma série de lâminas curvas transformada num rabisco. Agora surgia a vênia graciosa de árvores carregadas de neve. O segundo carro deixou-se ficar para trás. Arkady, no entanto, sentia-o como uma gota de suor nas suas costas. Existiria alguma consolação, pensou ele, em observar as sinuosidades da vida? A sua transpirarão era fria como a neve. Ray entrou por um portão para um recinto abandonado. Parecia que um mar de neve subira do KiII, levando consigo tudo o que havia de ferro. Navios inteiros, cascos arrombados, locomotivas, teriam sido arrastados por aquela maré branca. Ônibus estavam empilhados sobre caminhões. Havia vagões ferroviários e âncoras em cima de caravanas. Por todo o lado placas: **PROIBIDA A ENTRADA** e **CUIDADO COM OS CÃES**.

Via-se um escritório com as paredes cobertas de placas de

automóvel, mas ninguém saiu de lá para fazê-los parar. Arkady notou que estavam seguindo marcas de pneus que deviam ter três ou quatro horas; Ray dirigia como se, sem essas marcas, se perdesse. O carro ziguezagueava entre recifes de vagões fechados, gruas, em torno de montanhas onde a neve cobria os pormenores irregulares de turbinas e hélices, diante de amontoados de amarras e sucata. As marcas de rodas levavam-nos para fora do recinto, entre plátanos e tílias, até um campo de guindastes mecânicos e trepadeiras. No meio das árvores, como se tivessem caído do céu, se viam mais carros e ônibus abandonados. Como tinha por trás um fundo de neve, a vedação de rede parecia saltar para eles. Era encimada por linhas triplas de arame farpado, e todas as árvores altas no interior tinham sido cortadas. Arkady estava certo de que a vedação tinha uma base de cimento. E havia isoladores nos postes, portanto era eletrificada. O seu olhar foi atraído por um passarinho que saltitava da vedação para o isolador e daí para a vedação. A energia fora cortada. Numa cabina telefônica estava escrito **CANIS DE CÃES DE GUARDA, TELEFONAR PARA LEVANTAR MERCADORIAS, CUIDADO COM OS CÃES**. O portão da vedação estava escancarado, convidando-os a entrar. A estrada parecia serpentear depois deliberadamente por entre as árvores. Numa curva, as marcas de pneus que eles seguiam se dividiram em dois percursos diferentes. Um carro que passara mais cedo continuara pela estrada; outro se desviara, seguindo pelo meio da vegetação.

Kirwill os esperava na curva seguinte. Estava voltado para eles, com um braço levantado, diante de uma grande árvore, um olmo. Ray parou o carro a um metro dele. Kirwill não se moveu, os seus olhos fitavam o carro e para além dele. A neve se acumulara nos seus ombros, chapéu e no punho da mão levantada. Mortos na neve, a seus pés, se encontravam dois grandes cães cinzentos. Arkady reparou no que ressaltava, como uma trouxa, do casaco aberto de Kirwill: eram as suas entranhas, arrancadas para fora e cobertas de neve. A neve também encobria em parte dois buracos rosados sobre o peito. O seu rosto estava inteiramente branco. Arkady distinguia agora as cordas à volta da sua cintura e pulso, que o prendiam à árvore. Quando saíram do carro viram sangue espalhado por toda a parte. Os cães pareciam cães da Sibéria mas mais esguios, de pernas mais compridas, mais parecidos com lobos. A

cabeça de um dos cães estava esmagada. Os olhos de Kirwill eram mais pálidos do que nunca, as íris tinham sumido. Tinha uma expressão de cansaço, como se tivesse sido condenado a carregar a árvore às costas durante a vida toda.

— Jesus! Exclamou Ray. — Isto não tinha sido planejado.

— Não toquem nele, preveniu George. Arkady forçou os olhos de Kirwill a se fecharem, abotoou o sobretudo e lhe beijou a face fria.

— Afaste-se dele, por favor, disse Wesley. Arkady recuou.

Irina estava quase tão branca como Kirwill, a marca no seu rosto mais escura e acentuada. “Ela teria compreendido finalmente?”, perguntou Arkady a si próprio. Ela teria visto Kostia em Kirwill? Saberia quem iria ser Valéria? Teria compreendido por fim como era curta a distância que os separava do Parque Gorki? Osborne surgiu do meio das árvores, por trás deles, com uma espingarda na mão e um terceiro cão cinzento ao seu lado. O cão tinha os olhos contornados de preto e pelos, e marcas de sangue seco no focinho.

— Ele matou os meus cães, explicou ele a Arkady, apontando com a espingarda para Kirwill. — Foi por isso que o estripei, porque ele matou os meus cães. Dirigia-se a Arkady como se não houvesse mais ninguém presente. Vestia roupa de caça, botas altas com atacadores, chapéu verde e luvas de pele de porco. A espingarda era um modelo 402 esportivo, de carregar pela culatra, com óculo de pontaria e uma bonita coronha de madeira trabalhada. Uma grande faca estava embainhada no seu cinto. Arkady reparou que parara de nevar; não tombava um único floco, nem sequer dos ramos carregados. A cena apresentava uma claridade de cerâmica.

— Pois bem, aqui tem os seus amigos, disse Wesley. Contudo, Osborne examinava o morto.

— Vocês disseram que afastariam Kirwill de mim, disse ele a Wesley. — Iam me proteger. Se não fossem os cães, ele tinha me matado.

— Mas não matou, retorquiu Wesley, — E agora foi eliminado.

— Não graças a vocês, ripostou Osborne.

— O principal, disse Wesley, — É que nós trouxemos os seus

amigos. São seus.

— Trouxeram também a KGB, disse Arkady. Wesley, George e Ray, que já tinham começado a se afastar de Arkady e Irina, pararam.

— Boa tentativa, disse Wesley a Arkady. Olhou para Osborne: — Você tinha razão e eu estava errado. O russo é esperto, mas está desesperado mentindo.

— Porque disse isso, Arkasha? Perguntou Irina.

— Vai estragar tudo. "Não", pensou Arkady; "ela ainda não entendeu.".

— Porque disse isso? Perguntou Osborne a Arkady.

— Wesley se encontrou com eles no ferry-boat. Saiu do carro para ir falar com eles, declarou Arkady.

— Havia nevoeiro no barco, disse Wesley num tom conciliador. — Mal se via fora do carro, quanto mais quaisquer encontros secretos...

— Reconheceu alguém? Perguntou Osborne a Arkady.

— Via-se mal, admitiu Arkady.

— Porque lhe pergunta? Disse Wesley.

— Mas reconheço logo um oficial ruivo e antissemita da KGB quando vejo algum, observou Arkady. — Mesmo no meio duma tempestade de neve.

— Lamento muito, disse Wesley a Arkady, — Mas ninguém acreditará em você.

Arkady não prestou atenção a Wesley; Osborne também não. Era como se estivessem sozinhos. Que outros homens mereciam mais estar sozinhos do que um assassino e um investigador? Homens que se aproximavam de lados opostos do morto também de lados opostos de uma cama. Era uma intimidade dupla que nem Irina podia partilhar. Quem mais podia sentir o peso tremendo da neve ainda no céu e quase ouvir Tchaikovsky no ar? Arkady deixou Osborne entrar nos seus olhos. "Estuda as minhas palavras", pensou Arkady; "Fareja-as, mastiga-as. Sinto-o dentro de mim se movendo como um lobo na neve. Experimenta agora o ódio; ele fica por trás do coração. A inevitabilidade está sempre no ventre. Era isso que faltava a Kirwill. Mas não a mim. Percebeu agora?" Wesley olhou para os dois homens e, no último momento, fez um sinal a Ray.

Sem parecer que fazia pontaria, Osborne disparou a sua espingarda. A cabeça de Wesley explodiu, desaparecendo metade da sua testa lisa; tombou de joelhos e depois sobre o peito. Enquanto Ray tentava libertar um revólver de um coldre axilar por baixo do casaco e sobretudo, Osborne ejetou o cartucho, voltou a carregar a arma e disparou de novo. Ray se sentou, fitando a mão ensanguentada. Levantou-a lentamente e olhou para o buraco que lhe atravessava o meio do peito, depois caiu para o lado. O cão de Osborne arrancou para George. O cão estava no ar quando George o atingiu, e morreu antes de cair. Osborne sangrava do ombro. Arkady teve consciência de que fora disparado outro tiro de mais longe. George rebolou por detrás duma árvore. Arkady obrigou Irina a se deitar na neve e Osborne desapareceu no meio do arvoredo.

Ficaram deitados na neve até ouvirem George, e depois outros, passarem por eles correndo. Houve uma troca de gritos em inglês, em parte com um sotaque russo. Reconheceu a voz de Rurik e de Nicky. Arkady rastejou até junto de Ray e lhe arrancou o revólver do interior do casaco. As chaves do carro também caíram.

— Podemos levar o carro, disse Irina. — Podemos fugir. Ele lhe colocou as chaves na mão e guardou a arma.

— Foge você, eu preciso matar um homem, disse.

Correu para o arvoredo na direção em que tinham ido os outros homens. Tateou a segurança à esquerda do cano e destravou a arma. As pegadas na neve eram fáceis de seguir: as de George, as de Osborne e mais duas vindas de direções opostas. Ouviu-os mesmo à frente, berrando e quebrando os ramos. Houve um ruído de tiro de espingarda seguido pelo fogo rápido de pistolas. A luta se afastou. Quando Arkady voltou a avançar, encontrou Nicky deitado de costas na neve, morto, as pernas torcidas como se tivesse girado sobre si mesmo ao cair. Um pouco adiante descobriu um U feito por pegadas de Osborne, no ponto em que ele dera meia volta para a emboscada. O tiroteio parara e reinava o silêncio. Arkady avançava de árvore para árvore. A sua respiração lhe soava terrivelmente alta. De vez em quando o vento sacudia a neve duma árvore e, ao tombar no chão, fazia-o dar um salto. Ouviu outros sons que, no princípio, julgou serem de aves, vozes agudas e agitadas

que iam e vinham com o vento.

O bosque terminava numa segunda vedação interna, com proteções de lona contra o vento. No meio da vedação, envolvido em lona e isoladores, estava o carro de Kirwill. O motorista fora apanhado lá dentro. A janela de trás cristalizara à volta dum buraco, e no banco da frente se via Rats sentado muito direito. Estava morto; o sangue que se derramara no seu despedaçado boné de lã secara em riscas. Arkady chegou na outra entrada. Estava aberta e por ela seguiam marcas de pneus quase cobertas pela neve, assim como as pegadas recentes de homens correndo. Lá dentro se encontravam as zibelinas de Osborne. O recinto era retangular, cerca de cem metros por sessenta, e de um esquema muito simples. No extremo mais próximo havia um depósito de chapa ondulada e um abrigo para os cães; três correntes pendiam duma argola. As marcas de pneus levavam até ao outro extremo, onde estava estacionado o automóvel de Osborne junto de uma construção de cimento com um andar. Esta parecia muito grande para alojar frigoríficos, uma área para preparação de comida e uma área para quarentena. As pegadas iam até aos alpendres das zibelinas. Os generais do Palácio das Peles tinham feito os seus cálculos por baixo; Arkady contou dez alpendres elevados, abertos, cada um com vinte metros de comprimento e cobertura de madeira, abrigando duas filas de gaiolas com uma coxia central. Havia quatro gaiolas em cada fila, o que significava cerca de oitenta zibelinas no total: oitenta zibelinas, em Nova lorque! Não distinguiu os animais com nitidez; eles estavam excitados e se moviam muito dum lado para o outro. Também não viu Osborne, nem George ou Rurik, embora existissem poucos locais onde pudessem se esconder, só recipientes de plástico na extremidade de cada abrigo e tabuleiros de cimento para dejetos debaixo de cada fila de gaiolas. O revólver americano era estranho e de cano curto, não sendo obviamente destinado a tiro ao alvo, e ele era, para mais, um fraco atirador; não conseguiria acertar em ninguém do edifício cinzento ou do abrigo para os cães. Por isso correu para o alpendre mais próximo.

Primeiro ouviu o tiro e depois sentiu a bala. “Devia ser o contrário”, pensou ele. Tropeçou, mas recuperou o equilíbrio. “É difícil enfiar uma bala de pistola no peito dum homem agachado”, pensou; mas

uma bala de espingarda teria feito o serviço. Quando mergulhou debaixo do alpendre a dor se estendeu ao longo de uma linha sobre as suas costelas. Por cima dele as zibelinas guinchavam de fúria. Trepavam pela rede zincada, corriam, saltavam, nunca paravam. Pareciam gatos, ou melhor, doninhas, as orelhas peludas se agitando de susto, as caudas eriçadas de raiva, se movendo com tanta rapidez que eram só formas pretas dentro das gaiolas. O que admirava era a vivacidade delas. Eram selvagens, não domadas, terrivelmente agressivas, assoprando e tentando alcançá-lo através da rede prateada. De costas, Arkady olhou por baixo da fila de alpendres e viu dois pares diferentes de pernas humanas; depois um revólver e um rosto. Era George. Disparou e uma chuva de excrementos animais acumulados debaixo das gaiolas caiu por cima de Arkady. Arkady respondeu. Ainda estava muito longe. Rolou para debaixo do alpendre seguinte, mais perto de George, e estava apontando de novo quando ouviu um tipo de espingarda. Arkady viu as pernas de George andarem para trás, a cabeça ainda caída para frente, o revólver pendurado num dedo. Com a outra mão George parecia querer chegar às costas. As pernas se moviam com uma rigidez cada vez maior e a cabeça estava cada vez mais baixa quando esbarrou numa lata no extremo do alpendre. A lata tombou, entornando sobre a neve uma sopa rosada de cabeças de peixe e carne de cavalo. George tombou mesmo em cima disso.

— Arkady Vasilievitch! Bradou Rurik. Rurik saiu do alpendre de Arkady e ficou a dominá-lo, com uma Makarov automática na mão. “Agora vamos caçar Osborne juntos”, pensou Arkady, mas Rurik era um melhor juiz de inimigos e treinado a não hesitar.

Com a simpatia irônica de um árbitro fina, somos todos humanos, em especial nós, os ucranianos, o oficial da KGB levantou a arma e apontou para Arkady com ambas as mãos. Antes de disparar, o seu escalpe foi arrancado do crânio, manchas cinzentas se colaram ao seu cabelo ruivo, e Rurik caiu de joelhos e de cara para frente, na neve. Desta vez o ruído do tiro da espingarda chegou depois. Olhando para trás ao longo da fila dos alpendres, Arkady viu as pernas de Osborne pelo menos a seis alpendres de distância. Graças ao seu óculo de pontaria, Osborne podia dominar toda uma fileira de alpendres e

localizar os seus alvos. Podia fazê-lo com muito maior facilidade em relação a quem se encontrava debaixo dos mesmos, calculou Arkady. Rolou para debaixo de mais um alpendre, mais perto de Osborne, e se pôs de pé. Contornou outros dois alpendres, passando por George, de borco sobre uma poça de comida das zibelinas. No alpendre seguinte, quando Osborne surgiu empunhando a sua espingarda, Arkady se abaixou e entrou na coxia de madeira entre as gaiolas. Algumas das zibelinas estavam escondidas nos ninhos no interior das gaiolas; outras seguiam Arkady, se atirando dum lado para o outro, saltando contra a rede. Cada gaiola, reparou ele, tinha os seus próprios dísticos, lugar para a comida e cadeado. Enquanto ele e as zibelinas continuassem a se mover tinha uma chance. Se conseguisse se aproximar, tinha cinco ou seis balas no revólver contra uma espingarda de carregar pela culatra. Pressentia o óculo de pontaria da espingarda, frustrado, tentando fixá-lo sem atingir os animais.

Arkady percorreu a distância entre alpendres em duas passadas e saltou para a coxia seguinte, gritando às zibelinas e batendo nas gaiolas. As suas caudas seguiam-no enquanto saltavam da parede para o teto e para o chão, cuspindo, algumas urinando de furor. Tinha a mão sangrando; uma delas lhe mordera através da rede. Depois caiu no chão da coxia com uma bala na perna. Nada mau, boa pontaria; se levantou de novo. Reparou que tinha passado por uma gaiola vazia, onde Osborne se arriscara e disparara; a bala sofrera um desvio, senão estava morto. Havia tábuas novas no telhado do alpendre, e a rede estava pintada de fresco; um pé-de-cabra e uma caixa de ferramentas se achavam na coxia. Devia ser a gaiola de onde escapara a zibelina. Viu Osborne correndo para apanhá-lo quando ele saísse pelo extremo do alpendre. Arkady preferiu mergulhar na sujeira por debaixo das gaiolas e disparar depois. Mas tropeçou, perdendo o controle da perna quando o choque se espalhou por ela. Depois ouviu Irina gritar. Ela estava dentro do portão chamando por ele. Não o conseguia ver. Osborne lhe disse para não se mexer.

— Inspetor, gritou Osborne, — Saia daí! Pode conservar a sua arma e eu deixá-los-ei partir. Saia daí senão mato-a.

— Foge! Gritou Arkady a Irina.

— Eu deixo-os partir, disse Osborne. — Podem entrar no carro e partir. O inspetor está ferido e precisa de cuidados médicos.

— Não vou sem você! Disse Irina a Arkady.

— Podem ir juntos, Arkady, disse Osborne. — Prometo-lhes. Mas saia daí. Senão, mato-a imediatamente...

Arkady já estava outra vez junto da gaiola vazia. Agarrou no pé-de-cabra e introduziu a sua ponta estreita na argola do cadeado da gaiola mais próxima. A zibelina que estava lá dentro ficou calada observando. Arkady se apoiou com todo o seu peso na barra e a argola quebrou. Quando a porta da gaiola se escancarou, a zibelina saltou por cima do peito de Arkady para a coxia e para fora do alpendre. Nunca vira nada se mover tão depressa sobre a neve. A zibelina se lançou como uma flecha sobre suas patas macias e peludas, a cauda batendo na neve atrás de si. Arkady introduziu a barra no cadeado seguinte e voltou a fazer força.

— Não!

Arkady agarrou na zibelina quando ela saiu da gaiola e segurou-a contra si enquanto ela se debatia para fugir. Osborne estava no extremo da coxia de espingarda em riste. Arkady lhe atirou a zibelina. Osborne se desviou, levantou de novo a espingarda e disparou. Arkady caiu no chão da coxia quando a perna cedeu e disparou. Os dois primeiros tiros atingiram Osborne no estômago, mas conseguiu introduzir outra bala na culatra. Os dois tiros seguintes atingiram Osborne no coração. O quinto tiro acertou Osborne na garganta, já quando estava caindo. O sexto falhou por completo. Arkady se arrastou para fora do alpendre. Osborne se encontrava deitado de costas, não parecendo tão maltratado como devia estar um homem que levara tantos tiros. Continuava segurando a espingarda. Estranhamente, Arkady não o via como morto, nem sequer com o vestuário de caça, mas numa roupa muito melhor, com mais pormenores elegantes. Arkady se sentou ao seu lado. Os olhos de Osborne estavam fechados, como se tivesse tido tempo para se recompor. Arkady sentiu o calor lhe abandonar o corpo e iniciar o processo de arrefecimento. Cansado, tirou o cinto do corpo de Osborne e atou-o à volta da sua perna. Pouco a pouco reparou que Irina se encontrava junto deles. Ela olhava. Haveria, afinal de contas, uma

expressão no rosto dele? Como se tivesse ganho?

— Ele me disse uma vez que adorava a neve. Talvez seja verdade.

— Para onde vamos agora?

— Vais você.

— Eu vim buscá-lo, disse Irina. — Podemos fugir, podemos ficar na América.

— Não quero ficar. Arkady olhou para cima. — Nunca quis ficar aqui. Só vim porque sabia que Osborne lhe mataria se eu não viesse.

— Então regressamos os dois para casa.

— Você está em casa. Agora é americana, Irina, é o que sempre desejou. Sorriu. — Já não é mais uma russa. Fomos sempre diferentes, e agora sei qual era a diferença.

— Você também mudará.

— Eu sou russo, bateu no peito. — Quanto mais fico aqui, mais russo me sinto.

— Não, ela abanou a cabeça com desespero.

— Olhe para mim. Arkady se pôs de pé. Tinha uma perna dormente. — Não chore. Veja o que eu sou: Arkady Renko, ex-membro do Partido e Investigador-Chefe. Se me amar, me diga verdadeiramente até que ponto eu podia me tornar americano. Diga! Gritou ele. — Diga, repetiu ele com mais brandura. — Admita, não está vendo um russo?

— Fizemos toda esta viagem! Não vou lhe deixar regressar sozinho, Arkasha...

— Não está entendendo, agarrou o rosto de Irina entre as mãos. — Eu não sou tão corajoso quanto você, não sou suficientemente corajoso para ficar. Por favor, me deixe voltar. Você será o que já é, e eu serei o que sou. Sempre lhe amarei, beijou-a com ardor. — Vá, corra...

— As zibelinas...

— Eu me encarrego delas. Vá. Empurrou-a. — O regresso não deve ser tão difícil. Não vá ao FBI; vá à polícia ou ao Departamento de Estado, tudo menos ao FBI.

— Amo-o. Ela tentou lhe segurar a mão.

— Tenho de lhe jogar pedras? Perguntou ele. Irina soltou-o.

— Então, vou.

— Boa sorte.

— Boa sorte, Arkasha. Ela parou de chorar, afastou o cabelo dos

olhos, olhou à sua volta e respirou fundo.

— Para uma neve como esta devia ter botas de feltro, sabe? Disse ela.

— Sei.

— Eu guio bem e a visibilidade parece que está melhorando.

— Sim. Ela deu uma dezena de passos.

— Terei alguma vez notícias suas? Irina olhou para trás, de olhos trágicos e húmidos.

— Sem dúvida. Há sempre maneira de enviar mensagens. Os tempos mudam. Ao chegar ao portão, parou de novo.

— Como posso deixá-lo?

— Sou eu que deixo você.

Irina atravessou o portão. Arkady encontrou a cigarreira de Osborne, fumou um cigarro e ficou ouvindo os ramos das árvores baterem com o vento até sentir ao longe um carro arrancando. As zibelinas também ouviram; tinham um ouvido muito apurado. “Portanto”, pensou Arkady, houvera três negócios. Primeiro o de Osborne, depois o de Kirwill e agora o dele. Regressaria à União Soviética para que a KGB deixasse Irina na América. Olhou para Osborne. “Desculpe-me”, pensou ele, “Mas o que mais tenho eu para negociar, além de mim próprio? As zibelinas, é claro. Tinha de se desfazer delas. Tirou a espingarda das mãos de Osborne e voltou até junto do alpendre. Quantas balas tinha? Pensou. O dia estava se tomando claro e puro. As zibelinas tinham acalmado; os seus olhos estavam encostados à rede. “Peço desculpas”, disse Arkady em voz alta. “Não sei o que os Americanos farão com vocês. Está provado que não podemos confiar em ninguém”. Elas se agarravam à rede e observavam-no, as suas peles negras como o carvão, os olhos ainda mais atentos.

— Elegeram-me carrasco, disse Arkady, — E eles vão me arrancar a verdade, irmãos; não são homens que aceitem mentiras ou contos de fadas. Lamento muito. Conseguia ouvir os corações delas batendo, tal como o dele. — Por isso...

Arkady deixou cair a espingarda e pegou no pé-de-cabra. Desajeitadamente, quebrou um cadeado. A zibelina saltou livre, e um

segundo mais tarde estava na vedação. Foi melhorando, só um golpe e um puxão em cada argola. Os cigarros eram uma boa aspirina. Entusiasmou-se com a abertura de cada gaiola e ao ver as zibelinas selvagens saltarem e correrem para a neve, preto sobre o branco, preto sobre o branco, até todas desaparecerem.

***Fim***

# Agradecimentos

AGRADEÇO a Anthony Astrachan, ao doutor Michael Baden, a Anthony Bouza, Knox Burger, William Caunitz, Nancy Forbes, ao doutor Paul Kagansky, Anatol Milstein, John Romano, Kitty Sprague e Richard Woodley por sua ajuda generosa e por seu incentivo durante a elaboração deste livro. Estou especialmente reconhecido a Alex Levin, Yuri e Ala Gendler e a Anatoli Avydov. Sem eles o parque Gorki seria um lugar sem gente.

***Martin Cruz Smith***

* * *

# Table of Contents


Capa
Título
Índice
O Autor
Série
Resumo
Mapa de Moscou
Parte 1 - Moscou
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco
- Seis
- Sete
- Oito
- Nove
- Dez
- Onze
- Doze
- Treze
- Quatorze
- Quinze
- Dezesseis
- Dezessete

Parte 2 - Shatura
- Dezoito
- Dezenove
- Vinte

Parte 3 - Nova Iorque
- Vinte e Um
- Vinte e Dois
- Vinte e Três

Vinte e Quatro
Agradecimentos